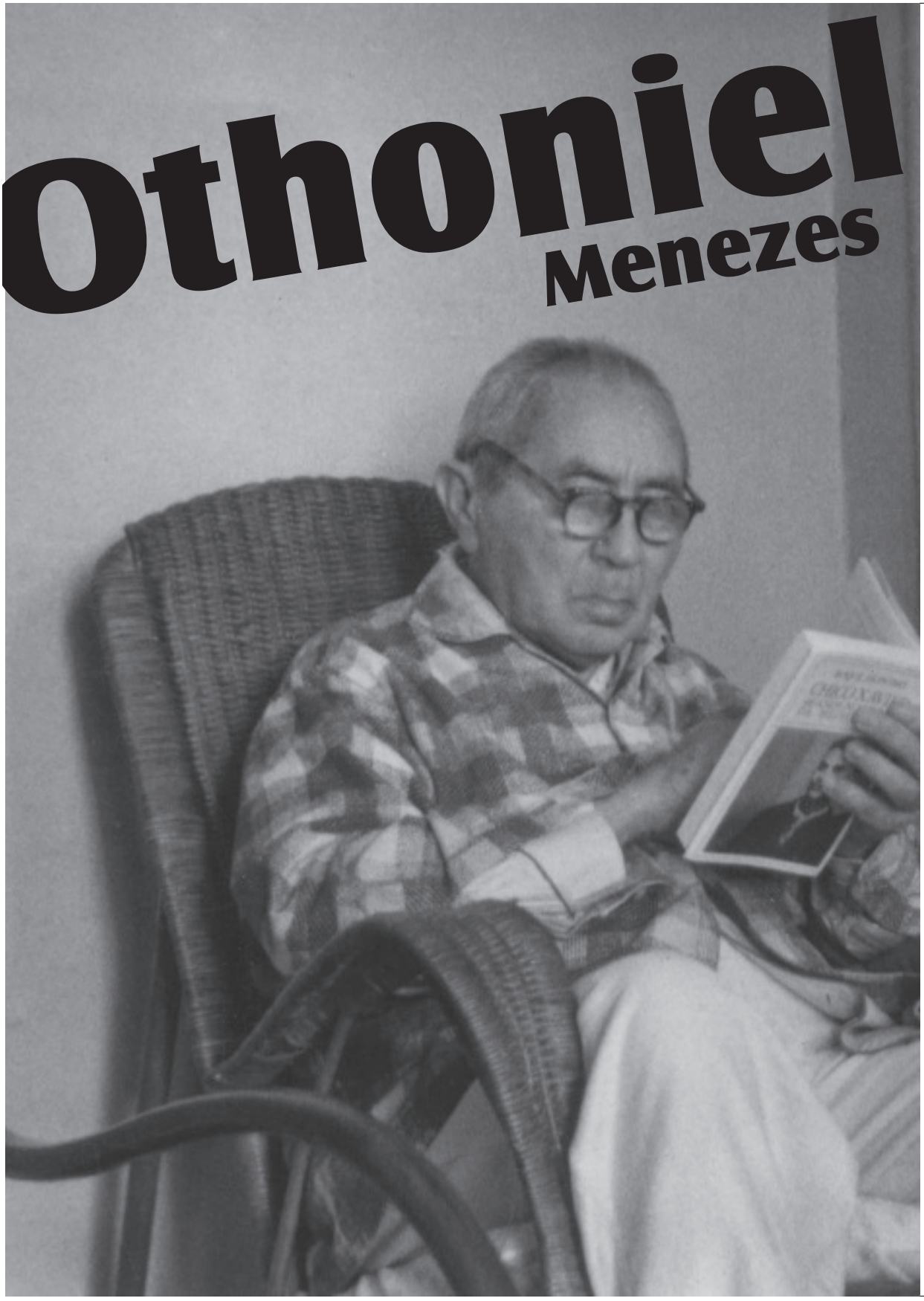
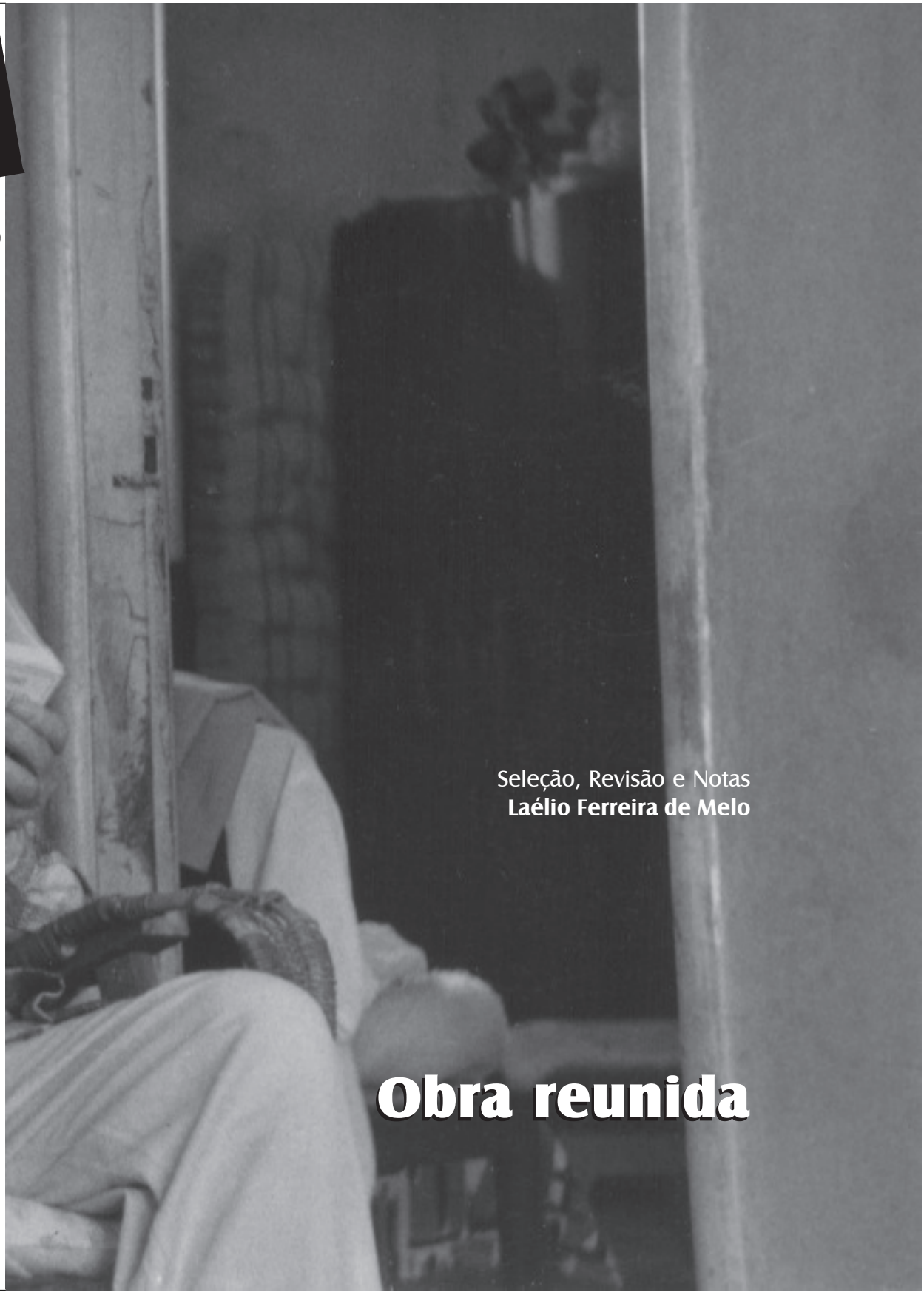
Othoniel Menezes
Obra reunida

Othoniel Menezes



el
zes



Seleção, Revisão e Notas
Laélio Ferreira de Melo

Obra reunida

A glória a que aspiro – a única –
e que há de ser minha túnica,
mais sagrada que a de um rei,
posse intangível, se planta
na alma do povo – que canta
as canções que lhe ensinei!

Louvação

A Murilo Melo Filho – Jornalista, advogado e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras; natalense vitorioso, figura aclamada do Jornalismo nacional, cidadão do mundo e autor do Prefácio desta "Obra Reunida";

a Tarcísio Gurgel – Escritor, professor universitário, contista, dramaturgo, crítico literário, ator, declamador, homem de televisão, (com a vantagem de ser) irmão do poeta e folclorista Deífilo Gurgel – que, à época de jovem estudante em Natal, foi um dos "meninos da academia de Othoniel", ocupante de uma das "hemiplégicas poltronas" da modesta residência do Poeta. Tarcísio Gurgel, com proficiência, zelo e erudição, escreveu o magnífico estudo introdutório desta edição.

a Cláudio Galvão – Professor universitário, escritor, musicólogo; pesquisador da vida e da obra de Othoniel Menezes; organizador de várias publicações póstumas da obra do Poeta (*Ara de Fogo,*

Abysmos, Esparsos, A Cidade Perdida e Desenho Animado) – agora revisadas, anotadas e incluídas nesta edição. Pesquisou, anotou e publicou o *Cancioneiro de Othoniel Menezes* - 1995, UFRN-CCHLA) – na íntegra, neste volume. É de sua autoria, ainda, nesta edição, a cronologia da vida e da obra do Poeta e o segundo prefácio do livro *Sertão de Espinho e de Flor*. Escreveu *"Príncipe Plebeu"- uma biografia do poeta Othoniel Menezes* (Edição FAPERN, Natal/ 2010);

a Isaura Amélia de Sousa Rosado Maia – Professora Doutora, educadora e cientista social formada em Salamanca, membro do Conselho Estadual de Cultura, ex- presidente da Fundações *José Augusto, de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte* e *Capitania das Artes*, ex-Secretária-Adjunta de Estado da Educação e Desportos. Durante anos, pacientemente, diuturnamente, zelosamente, cobrou do organizador o término da tarefa. Sabendo-o encaramujado e arredio – em muita coisa parecidíssimo com o pai – foi dela, a Professora, a iniciativa feliz – e muito honrosa, para o signatário, pela aceitação das tarefas – de pedir a Murilo Melo e a Tarcísio Gurgel, respectivamente, o prefácio e o estudo para o livro, engrandecendo-o. Tentou, por outro lado, sem sucesso – face às variadas razões pessoais do organizador – convencê-lo a publicar a obra às custas de projetos atendidos com recursos governamentais (estaduais/federais);

a Águeda Mousinho Zerôncio – Professora Doutora (UFRN), autora do livro *Othoniel Menezes* (publicado na Coleção Nossos Clássicos pela Editora Universitária em 1985);

a Diógenes da Cunha Lima – Advogado de renome, poeta e Professor universitário, Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – que, quando Reitor da UFRN, de *motu*

próprio, em 1980, publicou e prefaciou, com carinho e admiração pelo Poeta, uma segunda edição do livro *A Canção da Montanha*;

aos filhos: Laura, Laélia, Iluska, Othoniel, Laélio, Laíse, João Gabriel e Lívia;

aos netos: Hermilo, Guilherme, Stela, Sthéphanie, Paolo, Maria Gabriela, Maria Manuela, Mariane e Caíque; e

aos meus, que se foram para o Azul: Othoniel e Maria, Marione, Euryalo (Nodia), Maria do Carmo (Tamina), Washington, Teresinha, Hermilo (Netinho) e Chico Castilho.

NOTAS

1)Todas as despesas decorrentes da organização, revisão, editoração, da impressão e quaisquer outras com a publicação do presente volume, foram atendidas com recursos financeiros pessoais, próprios, do organizador - originários, exclusivamente, de economias da sua conta bancária, correspondente, esta, aos proventos auferidos por sua aposentadoria no serviço público federal.

2) Por outro lado, do número total de exemplares, o organizador se apropriará de apenas vinte por cento (20%), para distribuição restrita a familiares e amigos. O restante dos volumes será doado, para livre comercialização, a três instituições beneficentes - uma delas, já escolhida, o Albergue Noturno de Natal.

3) O signatário - responsável pela seleção, revisão e redação das Notas deste volume - não levou em consideração o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sumário

-

cont. do sumário

cont. do sumário

Ethanael Nanezes

Othoniel: o príncipe dos poetas

Se esta apresentação não tiver outro mérito, terá tido o condão de aproximar-me da memória de Othoniel Menezes de Melo, um grande poeta do Rio Grande do Norte.

Aprofundei-me em sua vida, naveguei na sua obra, conheci os seus sofrimentos e, de todo esse retorno a um passado recente, saí reconfortado pelo encontro de um enorme manancial de cultura, de inspiração e de sabedoria poéticas.

Quem foi Othoniel?

Soube que nasceu em Natal, no dia 10 de março de 1895, estudou no Colégio Santo Antônio e no Atheneu, foi sargento no 29º. Batalhão de Caçadores e integrou as tropas mandadas ao Piauí em perseguição à Coluna Prestes, que naquele tempo devassavam o interior brasileiro.

Quando viajava para Teresina, perdeu a bordo do navio os originais do seu livro *Ara de fogo*, com alguns dos melhores poemas. Anos antes, foi promotor público em Macau, onde se aproximou do poeta e acadêmico Edinor Avelino.

Passou no Acari e voltou a Natal, onde, em 1935, foi o autor da única edição do jornal *A Liberdade*, que circulou no dia 27 de novembro daquele ano, como órgão oficial da revolução comunista de então, impresso por curiosa coincidência nas oficinas do jornal oficial do Estado, *A República*, do qual o poeta e jornalista era o secretário. Na pressa de imprimi-lo, como não havia matéria suficiente para mais uma página, Othoniel nela incluiu um anúncio do "Sal de Fructas Eno".

Othoniel não era nem nunca foi comunista. Era apenas um cafeísta, amigo e eleitor de Café Filho. E essa confusão o perseguiria quase a vida toda.

Foi várias vezes convidado a candidatar-se à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Enquanto pôde, resistiu aos convites. Mas terminou vencido por eles e, atendendo a uma exigência de acadêmicos amigos, terminou aceitando ser candidato à Cadeira nº. 23, na qual teve como patrono Antônio Glicério, sucedeu a Bezerra Júnior e foi sucedido por Jayme dos Guimarães Wanderley e Iaperi Araújo, seu atual ocupante.

Ensaísta, Othoniel escreveu textos importantes, como o ensaio sobre "Ferreira Itajubá – O drama da vida de província", patrono e um dos meus antecessores na Cadeira nº. 19, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras que, no meu discurso de posse, chamei de "boêmio, irrequieto, genioso, combativo, lírico, irônico, messiânico, Manoel Virgílio Ferreira Itajubá, além de poeta e jornalista, foi também orador popular, professor e inspetor do Atheneu, agitador socialista, partidário de José da Penha, líder operário, pregador protestante, aprendiz de pintor e artista de circo, onde fazia de tudo: diretor, empresário, domador de feras e acrobata. Conseguiu ser tudo isto em apenas 35 anos de uma vida atípica. Parecia até que tinha pressa em viver e cuidou de exercer o maior número de profissões, no menor espaço de tempo possível. Existiram e conviveram vários Itajubás dentro de um só".

Othoniel foi consagrado com um título que não o envaidecia muito: o de "Príncipe dos poetas potiguares".

O acadêmico e poeta Esmeraldo Siqueira, da ANRL, prefaciando o livro *A canção da montanha*, de Othoniel, escreveu que "o seu lirismo é de uma larga simpatia que abraça e envolve o mundo".

E o acadêmico Olegário Mariano, da ABL, que o visitou numa passagem por Natal, considerou-o "um dos maiores poetas brasileiros".

Realmente, a poesia de Othoniel é elegante e vigorosa, trabalhada por uma dedicação de admirável artesão, na polidez e brilho dos seus versos. Seu estro vai buscar influxo na poética de Vigny, Antero, Rimbaud, Guerra Junqueiro, Bilac, Alberto de Oliveira, Cecília e muitos outros.

Veríssimo de Melo comentou certa vez que Othoniel era um autodidata, que adquiriu requintada cultura literária, conquistada no contato com escritores e poetas de Portugal, Espanha e França, tendo sido um poeta de influência universal.

Veríssimo reconstituiu a pitoresca história do poema "Praieira", que Othoniel, em 1922, no Centenário da República, escreveu, a pedidos, dedicado à odisséia de seis pescadores potiguares que realizaram um heróico "raid" de Natal ao Rio de Janeiro:

Praieira dos meus amores,

Encanto do meu olhar!
Quero contar-te os rigores
Sofridos a pensar
Em ti sobre o alto-mar...
Ai! Não sabes que saudade
Padece o nauta ao partir,
Sentindo na imensidade,
O seu batel fugir,
Incerto do porvir!

O poema alcançou tanto sucesso em Natal que Othoniel se animou a pedir a Eduardo Medeiros que o musicasse. Passaram-se várias semanas e o músico não dava sinal de vida. Até que um amigo comum deu o conselho: "Molhe a mão dele, que num instante a música sai!".

No dia seguinte, o músico estava na porta de Othoniel, violão em punho, executando os acordes de "Praieira", tendo a honestidade de confessar que, para fazer a composição, "com tanta pressa", tivera de apropriar-se de alguns compassos de um velho tango.

O certo é que nasceu aí uma bela melodia, que se transformou numa espécie de hino da cidade de Natal e que foi agora imortalizada num compact disc com o Trio Irakitã, nascido em Natal sob as bênçãos de Cascudo, nas vozes de Gilvan, Edinho e Joãozinho.

Othoniel era um poeta popularíssimo, talvez um pouco pelo sucesso de "Praieira", mas que não explorava essa popularidade, nem tirava dela o menor proveito ou vantagem.

Tinha um modesto emprego na Base Aérea de Natal, que deixou para embarcar num avião do Correio Aéreo Nacional e vir para o Rio, a chamado do chefe da nação.

Três vezes foi recebido oficialmente no Palácio do Catete pelo presidente Café Filho, seu conterrâneo e correligionário e somente depois de muita insistência dos amigos se viu nomeado escriturário do Instituto Nacional do Sal.

Othoniel era um homem correto e digno, altivo em sua pobreza e humildade, grato e reconhecido aos seus amigos, mas também muito sofrido, e, não raro, revoltado pelas ingratidões recebidas.

Com a primeira esposa, Maria do Carmo, sua prima legítima, teve três filhos: Euryalo, Maria do Carmo e Maria de Lourdes. Com Maria da Conceição Ferreira, sua musa derradeira e companheira de quase cinqüenta anos, foi pai de Washington, Teresinha, Hermilo e Laélio.

Seu estado de saúde agravou-se sempre, com as seqüelas do atropelamento de que fora vítima há vários anos e que se complicaram muito com o mal de Parkinson, vindo a morrer no dia 19 de abril de 1969, num modesto apartamento da rua Queiroz Lima, nº. 18, no bairro do Catumbi.

Tinha 74 anos de idade e foi sepultado no Cemitério do Caju. Causa mortis: edema agudo do pulmão e infarto do miocárdio.

Seu filho Laélio – que ainda em vida o poeta encarregou de guardar e zelar pelos seus escritos – encontrou depois vários volumes datilografados e rubricados por Othoniel e uma caderneta com o manuscrito de seus poemas inéditos, já amarelados, manchados e emendados com fita adesiva.

Eles estavam dispersos e espalhados por aí e são agora reunidos neste livro, graças aos diligentes esforços de Isaura Rosado e do próprio Laélio Ferreira.

São suas obras completas – de sua prosa e de sua poesia: *Gérmen*, o primeiro livro; *Jardim tropical*; *Sertão de espinho e de flor*; *A canção da montanha*; *Ara de fogo*; *Abysmos*; *A cidade perdida*; *Desenho animado*; *Esparsos* e *Ferreira Itajubá*.

Todos eles bem merecem ser lidos.

E meditados.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2007

Murilo Melo Filho*

* Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Othoniel Menezes (sentado, à esquerda), a filha Theresinha e o jornalista e escritor paraibano Ademar Vidal, em Natal. De pé, estudantes paraibanos em visita ao Estado (1931)

Othoniel Menezes: um parnasiano na terra Natal

Do poeta natalense Othoniel Menezes pode-se dizer com segurança que foi, na boa feição parnasiana, um obcecado pela forma. Mas, tal afirmativa não dá conta da complexa posição que o poeta ocupa na literatura local. Porque, à boa maneira de Sísifo, personagem mitológica que teima em levar ao topo de uma montanha – até a eternidade – uma enorme pedra, que rolando de volta obriga-o a um eterno recomeço, assim também ele, adepto do formalismo que consagrou e revelou os excessos estilísticos de um Alberto de Oliveira, tentará, até o final da vida uma paradoxal aproximação com a simplicidade na criação poética. Detentor de forte personalidade, e de um indiscutível talento para a poesia, parecia disso ter, desde cedo, uma clara consciência.[1] Não é, aliás, difícil comprová-lo, a julgar pelo tom atrevido com que se dirige à própria Glória, já no soneto de abertura de *Gérmen*, livro de estréia, em 1918:

Glória: para o teu seio enfim, levanto
o condoreiro vôo do meu sonho.[2]

Henrique Castriciano abençoa essa estréia, com um curioso prefácio em que, sem prejuízo do elogio feito ao jovem poeta, propõe-lhe curiosamente nova régua, novo compasso, insinuando que a visão social e o nacionalismo – que, afinal, povoavam corações e mentes no ano em que se encerra a Primeira Guerra Mundial – deveria tomar o lugar do interesse mitológico que o jovem lírico revelava. Mas é claro que o consagrado autor de *Vibrações* percebeu que, aquele, se tratava de um livro especial e até surpreendente para um rapaz de apenas 23 anos. E, a julgar procedente a informação editorial contida no seguinte, *Jardim tropical* mais surpreendente ainda fora a tiragem, de 3.000 exemplares, esgotados cinco anos depois.[3] Não pode existir dúvida de que aquele rapaz de olhar penetrante, cabelos cuidadosamente penteados, bigodinho ostensivo, trajando no rigor da moda, tinha consciência de que poderia preencher aquela espécie de vácuo surgido com o desaparecimento de Auta de Souza (1901), Assucena (1907), Segundo Wanderley (1909), Gothardo Neto (1911) e Itajubá (1912) todos importantes poetas da Belle Époque natalense. Talento é que não lhe faltava. E o espaço estava disponível, como se vê, porque o próprio Castriciano, que lança *Vibrações*, em 1903[4] não voltaria a publicar livros. É bem verdade que a bela e talentosa Palmyra Wanderley também se lança neste mesmo ano com *Esmeraldas* e, já admirada pela sua intensa atividade jornalística e teatral, obtém um merecido reconhecimento. Porém é o autor de *Gérmen* que, por mérito próprio e pelas circunstâncias apontadas, se tornará o nosso principal poeta, na década. E uma aura bastante intensa envolverá o seu nome até os nossos dias.

Culto, declaradamente filiado a uma escola em que, metalingüisticamente, um dos leitmotiv era o próprio trabalho de

construção do poema, ele se tornará, com sua produção poética um estimulante desafio, tamanho o leque de aspectos que em sua obra merecem atenção. Por isto me proponho a partir deste ponto o excitante desafio de demonstrar como, na opulência da forma de Othoniel Menezes se esconde uma tenaz busca de simplicidade num parnasiano que estaria muito mais próximo de Itajubá – de resto o seu poeta mais querido – que de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, provavelmente os mais admirados.

Vocábulos raros, mitologia, poemas

Comecemos por considerar uma seara riquíssima para quem trabalha, por exemplo, com análise morfológica: a grandiloqüência traduzida em seu discurso lírico por imagens apoiadas em vocábulos de espantosa raridade. Tal procedimento, fruto de uma linhagem retórica que estimulou a nossa irreprimível atração pelo torneio vocabular e imagético – herança do púlpito barroco, a que não ficaram imunes as poéticas vigentes nos séculos XVIII, XIX, começos do XX – ressoa até na, permitam-me o superlativo pouco original, estranhíssima poesia de Augusto dos Anjos.

Um culto no espaço de iletrados, por vezes Othoniel Menezes parece divertir-se com o uso de vocábulos como adyto, báratro, alcaceta, infrene, yatagan, citharedo, ultriz, víride, ortivo, tredo, patacho, louçã, cyprio, brunido, virtualha, colhidos nos primeiros poemas de seu livro de estréia[5] procedimento que se reduziria ao essencial em seu último livro publicado em vida, *A canção da montanha*, de 1955.

Outro caminho certamente fértil pra um estudo dessa exuberante poética e da já mencionada aproximação com Itajubá é bus-

car entender a recorrência de Othoniel ao uso de signos retirados da mitologia grega. É necessário desde logo ressaltar que nenhum outro poeta local utilizou-se tanto e tão eficazmente de um acervo mitológico assim. A professora Águeda Zerôncio[6] já assinalara este aspecto, acrescido da clara opção do poeta por aqueles heróis mitológicos (Ícaro, Tântalo, Sísifo, as Danaides) que têm suas existências martirizadas pela obrigação de realizarem tarefas que jamais se completarão.

Importa finalmente considerar outro aspecto que está a merecer a atenção da crítica: o zelo paternal que o poeta revela por cada novo livro que entrega ao leitor, cercando-o de cuidados, explicações, epígrafes e calorosas dedicatórias, onde repontam semideuses parnasianos federais e, no plano doméstico, tendo como alvo principal a grande figura do poeta Henrique Castriciano, a quem ele classificará em *Jardim tropical* de "O primeiro na minha terra".[7]

Tudo contribui, como se vê, para tornar maior o desafio crítico de explicar-lhe a estranha tensão de sendo em essência um romântico, obrigar-se a, diariamente, burilar a pedra do lirismo a ser conduzida em fatigantes jornadas na direção da glória. Ainda mais que, tendo deixado inéditos e esparsos, a tarefa de reunir-lhe a obra, certamente não está concluída, continuando a revelar-lhe novas facetas.[8]

No parnaso, mas não completamente

Publicado o seu segundo livro, *Jardim tropical*, Othoniel Menezes já não consegue disfarçar o descontrole de uma inspiração que se traduz na mais pura emoção itajubalina. Ainda uma vez a predominância é de sonetos, mas, as seções em que ele divide os

núcleos poemáticos – todos nomeados com a exuberância da flora – e a própria escolha dos temas, são denunciadores de que o jovem, agora travando contato com uma realidade cheia de desafios, voltará os olhos para a realidade social, senão com a intensidade nacionalista sugerida por Castriciano, ao menos com a simplicidade solar do nosso poeta romântico mais amado. Não por uma mera coincidência, o poema "Serenata do pescador", que o povo rebatizaria "Praieira" – no qual a evocação saudosa dá-se como uma anáfora, alternadamente, ao longo de todo o texto lírico – se tornará emblemático da sua poesia. Igualmente não terá sido uma mera coincidência que o seu autor, pressuroso, num procedimento tipicamente seu, registrasse em nota de rodapé os riscos de uma popularidade que o atemorizava. A esse respeito, já havíamos considerado em nota à p. 67 de *Informação da Literatura Potiguar* que, entre algumas anedotas que cercam o poeta com o seu forte temperamento, havia aquela que Jayme Wanderley contava gostosamente, de ele haver despedido uma empregada doméstica por haver cantado a pobre mulher, de forma errada, verso de sua autoria já popularizado pela via da modinha. Também assinalamos que ele próprio, Othoniel, revelara-se assustado com a enorme popularidade que "Serenata do pescador"[9] adquiriu, identicamente, cantado por toda Natal, o que o levou a fazer uma curiosa observação, em nota estampada à p. 51 de *Jardim tropical*:

> Sei quanto é modesto o valor artístico destes versos. Feitos às pressas, para serem recitados a pescadores, achou-os o inspirado musicista Eduardo de Medeiros, capazes de ser amparados pelo seu talento, valorizando-os com lindíssimo fado que a cidade repete nas serenatas ou nos salões da aristocracia, de bairro a bairro. Por isso, e para satisfazer a pedidos muito gentis que me orgulham e me confortam,

> publico no livro a minha "Praieira", que me tem dado muitas vezes, noite alta, enquanto um violão soluça na rua solitária, a ilusão efêmera e perigosa da popularidade.

E arremata com uma advertência que não poderia ser mais característica de suas ansiedades parnasianas:

> Vá ela, a pobre "Praieira", e que agora se ponha a salvo dos *assassínios* com que a têm supliciado.

O grifo é do próprio Othoniel.

O ensaio sobre Itajubá

Ainda não publicado em livro, há um texto do poeta de *Gérmen* no qual sobressai exemplarmente a tensão entre o zelo parnasiano e a sua admiração por Ferreira Itajubá. E é escrevendo em prosa, talvez até mais que em sua poesia, que o poeta de quem estamos tratando ressalta ainda mais o sisífico conflito que o acompanhou por quase toda a vida. Trata-se de uma série de artigos intitulada com o próprio nome do poeta romântico (e acompanhada de uma observação "Trecho de um ensaio", o que insinua ser apenas parte de um texto maior) que fez publicar, em 1947, no jornal da capital *O Democrata*.[10]

Há, certamente, nos comentários produzidos sobre o nosso principal romântico elementos para reforçar-se a metáfora do sabiá no parnaso com que costumamos nos referir ao poeta que vimos estudando. É que partindo de um amargo comentário sobre o drama de ser intelectual no mesquinho espaço da província, o poeta parnasiano vai construindo o cenário em que se move o

ídolo romântico em sua condição de quase marginal, para deter-se, ao final, em dois aspectos mais demoradamente: a linguagem do poeta de *Terra Natal* e as circunstâncias misteriosas em que ocorre a sua morte. Sinteticamente é essa a estrutura do ensaio. E seria simples entendê-lo, não fosse o seu autor Othoniel Menezes; não fosse o objeto do seu estudo, o poeta que mais amou: Ferreira Itajubá.[11]

É de se ressaltar a indignação do poeta de *Jardim tropical* para uma questão sobre a qual apenas uns poucos devem, hoje em dia, estar informados: a querela que durante bom tempo dominou as discussões sobre a publicação póstuma da obra de Itajubá. À boca pequena, os intelectuais da cidade comentavam que alguém poderia ter tentado "melhorar" o rude estilo do autor de "Versos de abril".[12] Corajoso como era, sempre pronto a encarar injustiças – e por isto, tendo que pagar tributo à mesquinhez da vida prática, não poderia alhear-se a essa polêmica. E, na parte do ensaio denominada "Última flor do lácio inculta e bela", após transcrever o soneto "Destino", onde o exilado/eleito potiguar discorre simbolicamente sobre a existência, comenta:

> Não possuímos *Harmonias do Norte*, livro através de cujo texto original, aliás – sabemo-lo todos – andou mão estranha, numa fúria de heresia necrófoba, emendando, substituindo, desnaturando, de acordo com o maldito "espírito gramatical", muitas expressões, muitas imagens, versos inteiros que, na forma daí por diante postos, muito perderam do virginal, saboroso, inimitável pitoresco da primitiva publicação (*Revista da ANRL*, cit.).

Hoje tem-se como certo que algumas modificações chegaram a ser feitas, porém não tantas que não pudessem ser aproximadas

da versão original, já anunciada por Itajubá anteriormente à publicação de*Terra Natal*. Mantendo o título de *Harmonias do Norte*, Henrique Castriciano, fez com que o reunissem ao outro, integrando-o, definitivamente ao volume *Poesias Completas*, em 1927, no mesmo ano em que Jorge Fernandes[13] lançaria o seu *Livro de Poemas*.

Mas é preciso destacar que o zelo e a admiração do ensaísta não escondem um certo maniqueísmo dominante na vida literária natalense que sempre sugeriu estarem: de um lado a elite oligárquica com seus intelectuais cheios de má vontade para com o poeta Ferreira Itajubá e do outro ele próprio, exposto, com toda a sua fragilidade. Pois é ele próprio que, sem qualquer constrangimento, chega a homenagear com um soneto o governador Alberto Maranhão numa comemoração de aniversário do oligarca, no próprio palácio, em 03.10.1911. Aliás, a empolgação revelada é tamanha que o poeta de "Um marujo parte" parecia haver tomando de empréstimo o estro condoreiro de Segundo Wanderley. Considerando-se a tonitruância dos dois últimos versos: "Pirilampo imortal das Ribas potiguares;/ trigo do pão da luz, Glória da minha terra!" podemos imaginar o fascínio que o mesmo há de ter causado no quase menino Othoniel já atento à produção lírica da terra.

Como quer que seja, apenas uma admiração assim, capaz de projetar um desejo inconsciente de tornar-se idêntico à pessoa admirada, justificaria ensaio tão veemente. Aliás, se tratamos de temperamento, é possível dizer-se que, afastado o lado boêmio de Ferreira Itajubá, não poucos aspectos os aproximavam. Porque Othoniel Menezes foi igualmente, à sua maneira, um *displaced*, anjo torto, um inadaptado à hipócrita mesmice provinciana.[14] Este sentir-se obrigado a tomar as dores por um idêntico é que dá o tom do ensaio de que vimos falando.

Embora em três dos oito artigos que compõem "Ferreira Itajubá" ele defenda a idéia de que o sentimento tende, considerado o talento de quem o revela – no caso Itajubá – a sobrepujar o léxico, chegando a se valer de um conceito de Álvaro Lins, "incontinência verbal", com o qual justifica aspectos da poesia de Augusto Frederico Schmidt[15] Othoniel acaba por lamentar que o poeta de "Versos de abril" não conte "[...] com um instrumento de expressão à altura do seu extraordinário talento poético" o que o teria projetado "[...] no cenário nacional, dominado, literariamente, pelos perfeccionistas da geração de Bilac". Na seqüência, comenta, desolado, que o mesmo Castriciano teria levado até Vicente de Carvalho alguns poemas de Itajubá, tendo o poeta santista falado mal dos alexandrinos do romântico natalense...

Mas, é sem dúvida, no artigo, intitulado de forma dessacralizadora "Ele era o senhor do sábado", em que estabelece uma analogia entre a poesia do alegre perdulário da existência – o poeta e cidadão Manoel Virgílio Ferreira, dito Itajubá – e os acontecimentos taumatúrgicos descritos por Mateus, onde fica clara e de modo definitivo, a admiração de Othoniel Menezes pelo poeta romântico. E se lemos numa camada mais profunda, as trajetórias e a poética de um e de outro, iremos detectar aquele desejo de impossível realização, aquela espécie de consciência da danação sisífica que perseguiu o autor de *Jardim tropical*. Considere o leitor os trechos seguintes:

> Cáspite! nenhum de nós outros, desde Lourival Assucena, irrequieto Anacreonte dos suaves convívios pelos numerosos caramanchéis do **Barro Vermelho** e da **Passagem**, nos princípios deste século, velho fauno latinista, canário e garnizé da cabocla Porangaba, até esse superestesiado, paradoxal, poliédrico Esmeraldo Siqueira, dispensando no bate-

> papo dos "cafés" a joalharia de mil e uma noites de um estro celinesco e uma formidável cultura literária – nenhum de nós, reconheçamos sem falsas modéstias, desencantou coisas mais lindas.
>
> [...]
>
> Ainda, como acontecia ao tempo dos prodígios, com o testemunho visual de S. Mateus, Cap. 12, ele era **senhor do sábado,** fazendo milagres – transformando em vinho generoso a água-de-cheiro de velhos temas puídos por algumas gerações de lamartinistas lamurientos, semeando trigo onde havia beldroega e mata-pasto; reproduzindo, sobre o nosso lirismo enfaixado nos linhos pútridos do espólio europeu,a ressurreição de Lázaro – acima da legalidade restritiva e formalística do Sinédrio...

Ei-lo, portanto, que, falando de Itajubá, sugere estar falando de si mesmo, ainda que o fizesse às avessas. Incompreendido, viria também a se exilar, já não mais como um romântico – pois nem a idade-padrão teria mais, para justificar qualquer metáfora – mas, como um magoado com as agruras, absurdos sofrimentos, onde não faltou, a omissão dos amigos poderosos segundo insinua (fazendo suas as palavras de Newton Navarro) o irmão Francisco Menezes.[16] Omissão que, diga-se de passagem, o próprio Othoniel Menezes não deixa de assinalar no episódio da morte de Itajubá, como o faz no dramático artigo com que encerra o ensaio de que falamos aqui.

Sertão medido a emoções

Embora pertencendo a outra geração, Othoniel Menezes pode ser considerado o último dos grandes poetas de um grupo que pontificou entre o final do século XIX e o início do XX, na capital do Rio Grande do Norte. A diferença de idade não o impediria de iniciar-se na poesia um quase menino, de tal maneira que, mesmo quando estréia em livro, apenas o bigode ostensivo e o duro olhar afrontam a indisfarçável juventude, como já ficou assinalado, na foto clássica que ilustra o seu livro de estréia.

Naquele cenário de festejados líricos certamente admira que o rapaz nascido em 1895 tenha a responsabilidade de manter a tradição ao lançar o seu primeiro livro com apenas 23 anos. E ele a mantém. E até a expande, com sua popularidade.

Sem pretender exagerar na ênfase biográfica, considero pertinente lembrar: quando o poeta Ferreira Itajubá morre a sua morte misteriosa de indigente, o poeta de "Serenata do pescador" encontra-se em plena adolescência. E o menino contestador, logo um cultor do lirismo parnasiano, estudioso de mitologia, amigo admirado do líder sindicalista Café Filho, depois redator de *A Liberdade*, órgão oficial da transitória administração comunista em 1935, zelosamente reservara um lugar no seu panteon particular para aquele romântico que rompeu todos os diques do preconceito na sociedade de então para ver triunfar a sua rude poesia. Pois também Itajubá, informa-nos o seu primeiro biógrafo, José Bezerra Gomes, agitou passeatas em manifestações lideradas pela Liga Artístico-Operária Norte-Rio-Grandense. Não seria difícil, assim, perceber na vida e na poesia daquele estreante e em seus livros subseqüentes (nos quais repontam, por vezes, heróis mitológicos malsucedidos), a crescente admiração.

Mas, a fama de Bilac, o desafio de "esculpir" idéias líricas, preferentemente numa forma fixa – o soneto – e uma certa ludicidade na construção poética acabaram fazendo do jovem poeta natalense um admirador incondicional dos modos e moldes parnasianos. E ele quase fica para sempre parnasiano, assumindo de modo definitivo, embora não convincente, a condição daquele que sabia "fazer versos contadinhos nos dedos", como referiu Jorge Fernandes, ao falar genericamente da escola, no poema de abertura da série "Meu Poema Parnasiano". Ninguém notou igualmente que, na perspectiva de que as escolas se sucedem sempre com a presunção de que a mais recente decreta o esgotamento da anterior, ele estaria dando um possível passo atrás ao lançar, em 1923 o seu *Jardim tropical*. Trata-se de um livro dividido em núcleos que semelham canteiros do grande jardim que, aliás, tem como um dos primeiros poemas aquele intitulado "Pindorama", em que o poeta cede abertamente à tentação romântica, ecoando a citada admiração itajubalina. Por uma caprichosa coincidência consolidaria sua aura, agora de modo definitivo, com um poema que o ídolo provavelmente assinaria: "Serenata do Pescador".

Quase trinta anos após haver publicado *Jardim tropical,* (podendo-se atribuir tal demora em voltar ao livro à sua vida atribulada em meio à agitação do período: revolução, interventorias, insurreição comunista, afastamento de Natal, Segunda Guerra Mundial) o poeta lança outro livro surpreendente: *Sertão de espinho e de flor*. O resultado é, como em quase tudo na sua vida, exemplo da mais pura ousadia. Trata-se de um livro híbrido, por conter ao mesmo tempo poesia e exercício de etnografia, não sendo exagero afirmar-se que, o poeta não se limitou a revelar sua emoção, falando de uma terra que viu com olhos de criança. Cuidou igualmente de traduzir para os leitores menos avisados, em notas de grande riqueza, o significado de tal palavra, tal situação, tal costume, tal alimento, etc.

Ousadia maior não poderia haver: tido e havido nos meios literários como um poeta de cultura refinada, Othoniel Menezes produz em *Sertão de espinho e de flor* uma paráfrase da fala sertaneja, que ganha corpo através de sextilhas septissilábicas, conforme registra Luis da Câmara Cascudo no texto "Ecce Homo", com que apresenta o livro. Significa dizer: aquele eu-lírico que primava pelo verso resultante de um trabalho idêntico ao de escultor ou ourives, assume agora corajosamente o tom monótono da cantoria agreste e bela com que os poetas populares fertilizam o sentimento sertanejo. Obviamente, um desafio assim, só poderia ser encarado por um poeta assim, tão corajoso. Sabendo que corria riscos, ele habilmente muniu-se de inúmeras citações, fazendo quase todos os dezesseis poemas serem precedidos de epígrafes de Euclides da Cunha. Esta escolha tem, digamos, um peso certamente simbólico: o autor de *Os Sertões* era igualmente talentoso e contraditório, tanto que para produzir sua obra-prima (também desafio interminável para crítica e leitores) obrigou-se a refazer sua própria visão de intelectual republicano. E o seu trabalho magistral resultou numa obra compósita: relato de guerra, ficção, história, tratado científico, etc.

Portanto, não sendo por definição um poeta popular, Othoniel Menezes enfrentará um problema logo visível ao leitor arguto que é, claramente, a já sabida tentação romântica indisfarçável em certos versos. Mas aqui é possível assinalar um aspecto que o favorece: ao cantador, ao poeta popular, fascina a linguagem empolada, o tom gongórico, a hipertrofia utilizada para descrever certas situações. E isso decorre, não chega a ser nenhum segredo, do diálogo permanente, do intercâmbio que se verifica entre a cultura popular e a outra, de natureza erudita. E mesmo Euclides, também ele, valeu-se da hipérbole, da antítese, do oximoro. Constatações essas que apontam para nossa tendência ibérica a um certo barroquismo lingüístico que, afinal, diz muito bem so-

bre quem somos. De modo que vemos desfilar nos dezesseis poemas de *Sertão de espinho e de flor* um sertão mítico que, feito de antíteses, é céu e inferno, grandeza e miséria, amargo e doce, estiagem e inverno; sertão que se eterniza – a despeito de contágios civilizatórios (hoje se dirá: globalizantes) – em criadores como José de Alencar, Cego Oliveira, Graciliano, Guimarães Rosa, Juarez Barroso, Francisco C. Dantas, Oswaldo Lamartine, Ariano Suassuna, Paulo Balá e Patativa do Assaré.

Quanto à parte do livro que trata do sertão como objeto de interesse propriamente etnográfico, nas incontáveis notas que se seguem aos poemas, Othoniel Menezes revela uma comovente postura intelectual. À sua experiência empírica, recolhida da memória infantil, acrescenta à de autoridade em assuntos sertanejos da estatura de Gustavo Barroso, José Américo de Almeida, Câmara Cascudo, Leonardo Mota, tantos outros. E o que é mais: às fontes vivas, interlocutores da região, verdadeiros narradores das coisas do sertão, como o notável fazendeiro de Acari, Cipriano Bezerra Galvão, zeloso guardador da memória, antepassado de estudiosos competentes como os citados Oswaldo Lamartine e Paulo Balá. O resultado é um conjunto inestimável de informações sobre o Sertão. Sertão de cuja medida se tem idéia pela emoção do seu autor.

A escalada da montanha

O ponto ideal da sua poesia, Othoniel Menezes atinge com *A canção da montanha* o último livro publicado em vida. Ele próprio, como vimos, aparentado daqueles heróis míticos cujo destino é cumprir uma tarefa infindável e frustrante, embora tendo acumulado tantos revezes ao longo da existência, parece compadecido

de si, produzindo agora versos com notável equilíbrio. E tendo estreado quando a Primeira Guerra Mundial ainda acontecia e a ele, menino, parecia interessar apenas a escalada da imortalidade, agora como um humanista que não disfarça as cãs e deplora a estupidez, identifica ecos da Segunda Guerra acabada na década anterior, nos lamentáveis acontecimentos de uma sociedade movida a hipocrisia que assiste agora, passivamente, o surgimento da Guerra Fria. Impressiona, pela assumida mudança de atitude poética e a crítica à omissão da sociedade, o tom do soneto de abertura "Clarim", que assemelhando paradoxalmente pela diferença de propósitos daquele "Ícaro", que abria *Gérmen*, parece conter um propósito – admitir o fechamento de um ciclo:

> Pela janela aberta para o mundo,
> onde a vida dos povos tumultua,
> arremessei o escopro florentino
> com que talhava o molde dos sonetos.
>
> Que valem decassílabos à lua,
> quando tudo, aqui mesmo, anseia e sofre,
> e o destino das coisas mais sagradas
> quem mais armas possui, guarda no cofre?
>
> Bardo! Pendura a cítara dolente
> em que choraste apenas o teu drama!
> vão teus filhos bem cedo à barricada!
>
> Antes porém que os tome a vaga ardente,
> cai, cantando no círculo de chamas,
> entre rimas, blasfêmias e granadas!

Trata-se, portanto, de mais um surpreendente livro do poeta de "Sugestão da luz". Mas não se trata de um livro que tem por

bandeira o pacifismo. E é por certo em poemas em que ele próprio se insinua, amargurado por derrotas sucessivas, porém humanizado pela maturidade que os anos propiciam a certas pessoas, que a voz do poeta tem a força de uma autêntica confissão como no trecho que se segue, do belo poema que dedicou à grande amiga e grande poetisa que foi Myriam Coeli:

> Como no itinerário de outros homens vacilantes e falíveis, / Muitas coisas ficaram sem corpo no meu destino. / Muitas atitudes imaterializadas na minha culposa displicência / muitos gestos felizes / morreram sem expressão na estática dos silêncios infecundos.

Adequadamente intitulado "Confiteor", o poema apregoa a sua clara expectativa de que, ao fim e ao cabo, "[...] a todos os viventes/ os inconscientes e os conscientes – / chegue a verdadeira mensagem que à Harmonia Universal/ deve toda perfeita inteligência."Trata-se de fazer, em vários momentos do livro, uma espécie de balanço existencial, em que evoca amigos, ou os homenageia dedicando-lhes poemas, deixando a inspiração fluir mais livremente, sem preocupação com as cafuas léxicas de outrora. Trata-se, portanto, de um livro deliberadamente novo em seu discurso poético e o que, paradoxalmente o favorece, é ainda a coragem – restos, talvez, da impetuosidade do esgrimista da juventude – que o revela capaz de tratar de temas imprevistos e dolorosos como falar da mãe suicida num poema batizado genialmente de "Berceuse", numa magnífica inversão do olhar infantil agora resgatado. Por isso afirmamos, sem qualquer preocupação de esconder um evidente sentimento de latinidade no já citado *Informação da Literatura Potiguar* (p. 68).

Se se pudesse tentar uma síntese dessa obra complexa, poderíamos dizer que a escalada sugerida naquele seu soneto de estréia, acabou se dando em sentido diverso. Isto é: no atingimento de uma simplicidade que, embora insinuada no regionalista *Sertão de espinho e de flor*, só ocorrerá de fato em seu último livro publicado em vida: *A canção da montanha*. Aqui, um Othoniel despreocupado com as rígidas imposições da forma parnasiana, mostra-se mais autêntico. Vale-se da ironia abrindo mão da causticidade, apregoa lições de profundo humanismo, desenvolve certa ontologia, considerando a sua própria maturidade, mesmo que as cicatrizes estejam visíveis.

Alguns dos melhores momentos da poesia potiguar encontram-se em poemas de *A canção da montanha* justamente porque o poeta, em paz com o seu romantismo, e dominando a forma sem excesso, sem receio de expandir-se, liricamente, em versos por vezes bastante longos, à Whitman – podendo dosar tal expansão quando julgou necessário – não se intimidou sequer quando se sentiu completamente dominado por certo sentimento latino (bolero ou tango, por que envergonhar-se de estar ao sul da América?), na canção de ninar cuja belíssimo título, "Berceuse", por si só já causaria admiração, feito para a mãe suicida.

> Tinha um roupão encarnado
> estampado com ramagens,
> e tocava violão.
> Uma letrinha miúda que há tempo vi já desbotada
> no vetusto livro de orações
> da minha prima Conceição,
> – com flores secas, pétalas fanadas, um pobre aroma
> de ilusões perdidas
> [...]

Considerando-se panoramicamente – tal como agora é possível ver com a sua obra reunida pelo filho Laélio – podemos afirmar que este poeta, que à maneira do ídolo Itajubá também terminou seus dias no Rio de Janeiro, e que, ao longo da vida enfrentou incompreensões que o aproximaram ainda mais do autor de *Terra Natal* (especialmente na sua maturidade, quando teve que tentar retomar sua vida praticamente do zero, numa cidade que não era sua, com amigos que julgava ter), deixou uma obra à altura dos que o precederam. Mas, curiosamente, o seu aspecto mais importante decorre da tensão que leva a essa incompletude, ou seja, do fato de que ele não conseguiu jamais superar a evidência de se saber um romântico no espaço do Parnaso.

Tarcísio Gurgel*

* Escritor, doutor em Literatura Comparada, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Autor, entre outros, do livro *Informação da Literatura Potiguar* (2001).

Notas

[1] Há, na crônica familiar um episódio reproduzido pela pesquisadora Águeda Zerôncio no livro *Othoniel Menezes* (publicado na coleção Nossos Clássicos) pela Editora Universitária em 1955, bem ilustrativo disso: conta-se que quando ele nasceu foi alvo de um vaticínio que a vida acabou confirmando: o de que haveria de ser um poeta.

[2] O soneto "Ícaro" revela alguns indícios curiosos da complexidade inicialmente assinalada. Este vôo de sonho, que tem por característica ser condoreiro, é um bom exemplo. Para não falar que o aspecto morfossintático, tocado pelo motor da juventude ("é por ela que, ao sol da mocidade/ à orquestração fremente dos meus hinos/ – tento a escalada da Imortalidade!") é pouco, muito pouco parnasiano.

[3] A edição de *Gérmen* é da Tip. Atelyer M. Victorino. Seguem-se: *Jardim tropical* – Recife, Imprensa Industrial – I. Nery da Fonseca, 1923; *Sertão de espinho e de flor* – Natal, Departamento de Imprensa, 1952 (a edição foi doada a uma associação espírita, como contribuição do autor à construção de um albergue); *A canção da montanha* – Natal, Departamento de Imprensa, 1955. O poeta deixou inúmeros poemas esparsos e vários originais inéditos, objeto de importante pesquisa de Cláudio Galvão.

[4] *Vibrações* – Natal, Empresa da Gazeta do Comércio, 1903 (edição patrocinada pelo Grêmio Polimáthico)

[5] O aparente pedantismo vocabular é, segundo creio, a principal marca da opção parnasiana de Othoniel Menezes. Num ensaio intitulado "Ferreira Itajubá", o procedimento chega a ser provocativo, se pensamos no tipo de publicação em que foi veiculado: o jornal. Othoniel não faz por menos e vergasta a mediocridade provinciana com termos como: próvidas, hégira, sorna, estercoário, palingenésia, abantesmas, expluir, acatassolam, drósera, corrilhos, diátese, etc., um estranho vocabulário que, paradoxalmente, devia deixar fascinado o leitor, igualmente ao que sempre ocorreu com a recepção da poesia insólita de Augusto dos Anjos.

[6] Op. cit.

[7] O elenco de citações e dedicatórias nesse livro é imenso. Sintomaticamente Othoniel destaca uma em versos, "À altíssima memória de Bilac", mas seguida de uma transcrição de outros tantos do poeta Fagundes Varela.

[8] Merece todo o reconhecimento, quer pela seriedade com que vai às fon-

tes, quer pela justeza das análises empreendidas, a pesquisa já mencionada de Cláudio Galvão. Até agora, por exemplo, além da de natureza biográfica, ele resgatou os originais de dois conjuntos de poemas: *Ara de fogo/Abysmos/Esparsos* (Clima Artes Gráficas, 1989) e *A cidade perdida/Desenho animado/Esparsos* (UFRN-CCHLA – Coleção Humanas Letras, 1995), além de uma recolha de poemas que foram musicados: *O cancioneiro de Othoniel Menezes*, também publicado em 1995 pela UFRN-CCHLA.

[9] A popularidade subitamente adquirida não pararia de crescer. Tanto que nos dias de hoje "Serenata do pescador" virou uma espécie de hino não oficial da cidade.

[10] *Ferreira Itajubá* divide-se em oito partes: I. O drama da vida de província: II. No tempo de mecenas; III. Poesia versus gramática; IV. Última flor do lácio inculta e bela; V. Variações sobre um conceito de Álvaro Lins; VI. Ele era senhor do sábado; VII. A ilha do tesouro e as aranhas de Vautrin e, finalmente, VIII. O amigo da onça e o convite de Walt Whitman (Publicado originalmente no jornal citado, em Natal, 1947, tendo merecido uma reedição no Número 8, de maio de 1970, Ano XIX, da *Revista da ANRL*. As citações que fazemos são desta última publicação).

[11] Convém utilizar com cautela certas idéias e conceitos ligados à existência tumultuária de Itajubá. A respeito da sua decantada marginalidade, por exemplo: vivia ele, de fato, em condições de pobreza e é igualmente certo que participou de arruaças típicas do período em que uma disputa de pastoril poderia acabar em pancadaria. Daí a dizer-se que era um iletrado ou não tivera acesso a publicações importantes da cidade, ou ainda que tinha na cabeça tantos cabelos como inimigos, vai uma distância enorme… No já mencionado *Informação da Literatura Potiguar,* a questão foi considerada. O que nunca ficou esclarecido e dificilmente o será, é o real motivo da sua ida para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer, anonimamente, no ano de 1912 (ver p. 49 da obra citada).

[12] A insinuação parece dirigida a Henrique Castriciano, que se encarregou da publicação. Espécie de oráculo a quem quase todos recorriam – pois além de talentoso era membro da administração oligárquica – Henrique era igualmente um admirador de Itajubá e fez questão de chamar a atenção para a qualidade da sua poesia, como se pode ler no texto publicado no dia 09.09.1917, na coluna "5 Minutos", que com o pseudônimo de J. Cláudio, assinava em *A República* (cf. *Henrique Castriciano* – Seleta – Org. José

Geraldo de Albuquerque, Natal, sem data, sem indicação de editora, mas, como iniciativa assinalada da Escola Doméstica de Natal). Quanto a esta possível "colaboração" tão surpreendente quanto nebulosa, há uma carta de Ivo Filho, transcrita na *Revista da ANRL* já citada, que reproduziu o ensaio sobre Ferreira Itajubá, revelando opinião contrária e contendo, a propósito, elementos bem interessantes.

[13] No livro já citado, de Águeda Zerôncio, há um conjunto de transcrições interessantes a respeito das dificuldades enfrentadas pelo poeta, uma das quais fala de uma redução de vencimentos de funcionário público, que acabou mobilizando imprensa, clube de serviço, Legislativo, e da sua mudança para o Rio de Janeiro. Todo esse roteiro de angústia é descrito minuciosamente por Cláudio Galvão na excelente apresentação de *A cidade perdida*, cit.

[14] O poeta-ensaísta vale-se de um comentário feito por Álvaro Lins à poesia de Schmidt, assinalando que na construção poética a substância tem tal força que acaba determinando o modo de expressão sendo inevitável, em casos como o de Itajubá, o que classifica de "incontinência verbal", que viria a resultar no que ele, Othoniel consideraria a *manière*, a forma peculiar da sua poesia: rude, com imagens insólitas, insubmissa aos padrões parnasianos, vigentes na época.

[15] Ver o texto "Meu irmão Othoniel", discurso com que Francisco Menezes, irmão do poeta, agradeceu a homenagem que, postumamente, a ANRL prestou ao poeta de "Confiteor" – *Revista da ANRL*, ano XXI, n. 10, Natal, 1972.

Othoniel e Maria da Conceição, em 1948, na Praça Pedro Velho
("Pracinha") com os dois filhos temporãos: Laélio (à esquerda) e Hermilo

Carta para Othoniel no Azul

Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades
.....
.....
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
(Meu Caro Amigo, de Chico Buarque de Holanda)

"Seu" Othoniel, me abençoe.

Aqui está a sua "Obra Reunida".

Compromisso cumprido, comigo mesmo.

Fiz o que pude, meu velho. Foram madrugadas sofridas, adiamentos, angústias, muita saudade. Relendo tudo o que escreveu, revisando e redigindo as notas - vão me chamar de prolixo, apos-

to! -, avivavam-se na cachola setentona as lembranças de tudo quanto sofreu: as perseguições que lhe fizeram; a sua pobreza digna, altiva e ao mesmo tempo resignada; a doença, o auto-exílio, a saudade de Natal, a perda de Maria.

Nas notas que redigi, as amargas, sobre indivíduos, pessoas, segui conselho do velho Balzac ("Pode perdoar-se, mas esquecer, isso é impossível"). Aos que lhe fizeram mal, perdoei alguns, poucos. Dos outros, não esqueci nenhum: os nominei e sobre eles fiz registro merecido.

Há poucos dias, completei setenta e uma safras de caju, aqui mesmo, na ocara grande do mestre-de-campo Felipe Camarão. Há quarenta, logo depois de Mamãe, o senhor, saudoso da sua terra, exilado e esquecido no Rio de Janeiro, partiu para o Azul.

Diz o povo - aqui, neste planeta amalucado - que a vida é frágil, que passa. Ficaram, porém, para mim, intangíveis, as suas obras, as lembranças, as saudades - repito. Permanecem, como impressões que o tempo atenua, mas não apaga. A eternidade tem a duração da memória de quem nos ama. Passamos pela vida dos outros deixando nossa imagem numa frase, num verso, no rosto de um descendente.

E quanto lhe tenho vislumbrado por cá, meu velho! Nos meus filhos, nuanças das coisas que eram tão suas: sorrisos desconfiados, recolhimentos, alegrias. Neles, vejo, sempre comovido, tudo isso e até mais nos gestos, modos de andar, alguns tiques, nas vozes, nos olhos deles todos - filhos e netos. Noto-me, ainda, muito parecido com o senhor, "incompreendido e incompreendendo" quanta coisa deste mundão cá de baixo, com a mesmíssima larga aversão à mediocridade provinciana. Já houve quem nos chamasse, aos dois, pai e filho, de "irritadiços". Valeria, pois, para ambos, aquele contundente e velho conselho sertanejo de que "não se pode discutir com um burro sem ter um pedaço de pau na mão?"

Vosmecê, meu pai, bem sabe que deixei os versos comportados muito cedo por muitas razões, limitando-me, nas horas vagas, às glosas sacanas, fesceninas, quase sempre de crítica e desabafo, metendo a catana numa pá de gente - às vezes, até, me arrependendo por algumas grosserias: a velha história de "não perder o mote".

Poesia e cultura - "agricultura insana da cabeça" - nunca rimaram com felicidade material, fortuna. O senhor mesmo dizia a Esmeraldo Siqueira, naquelas cavaqueiras das "hemiplégicas poltronas" lá de casa, que o único poeta que tinha dado certo, naquela sua época, era o Augusto Frederico Schimidt - milionário amigo e ghost-writer de Juscelino, embaixador e dono de supermercados.

Fui à vida, à liça, muito cedo, sem nunca sonhar em vir a ser um daqueles "intelectuais conterrâneos" que por cá saltitam e pululam. Fui, sim, catar o pão de cada dia em atividade profissional sem nenhuma poesia, Brasil afora, vasculhando - a bem da verdade, com pouquíssimo sucesso na hora dos julgamentos pelas cortes - o lixo da corrupção fantástica de muitos comedores de verbas federais, lestos e mitrados rabos-de-couro, políticos viciados ou afilhados desta brava e malina gente.

Até hoje, nessa banda escura, nada mudou no Pindorama. Acho eu que a coisa só fez piorar, desde os tempos da carta de Caminha. Aqui, na nossa não muito gentil Jerimunlândia - canguleiro eu, xaria o senhor -, há poucos dias, um estentóreo historiador nativo, freguês juramentado de caderneta do Instituto Histórico, deu-me, solene, de pé e com vasto calhamaço agasalhado no sovaco, mesta e acachapante notícia sobre uma grossa estripulia do João Rodrigues Colaço, Capitão-Mor da Fortaleza e, dizem alguns, fundador da Cidade. Pois não é que o nosso contraparente, marido empistolado da fidalga e distante "prima", Dona Beatriz de

Menezes, está sendo acusado - veja só, o Senhor, pode rir! -, séculos depois da tal tribuzana, de "doar a si próprio uma sesmaria na Redinha". O que mal começa, segue mal a vida toda. "A gente vai vivendo e esperando que alguma coisa divina aconteça..." (Borges).

Linda e pobre terra, a nossa "iara morena, pulando na água serena do Potengi, a cantar"...

Muita água no velho rio desceu, o tempo rodou e, vamos e venhamos, Othoniel Menezes - o parnasiano, o modernista, o jornalista, o ensaísta, o prosador, o etnógrafo, o folclorista, o crítico -, hoje, salvo para poucas pessoas, é apenas mais um nome de rua na Limpa dos Santos Reis. E apelido de prêmio de poesia da Prefeitura de Natal, só isso. Seus livros publicados foram poucos e, agora, são muito raros. O rio da sua canção, lá bem perto da ruazinha modesta, está poluído pela imundícia dos esgotos; o prêmio, temporariamente cassado pela pequenez cerebral da atual administração, entregue às baratas e borboletas viageiras.

Seu nome, Papai, sob outro ângulo, é sempre lembrado pelo povo, ricos e pobres, quando se canta a "Praieira". Essa minha "irmã mais velha" que, aos oitenta e oito anos, permanece formosa, vetusta senhora, hino da terra, bela canção - "feita às pressas para homenagear humildes pescadores". Continuou, a modinha - sua e de Eduardo Medeiros -, fiel à premonitória nota de pé de página, de 1923, no "Jardim Tropical", vaticinando a tal "ilusão efêmera da popularidade".

Guimarães Rosa dizia: "Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa". Pois é, Papai, quem desconfia agora sou eu, "a coisa aqui tá preta", como diz aí por cima, na epígrafe, o filho de Sérgio Buarque de Holanda, aquele jovem que, na televisão, nos tempos da ditadura - aquela, infelizmente, que o senhor não lhe viu o fim - cantava "Pedro Pedreiro" e o chorão da "Praieira" chorava baixinho, fazendo chorar sua Maria, os dois na salinha modesta do apartamento do Catumbi.

Aqui, há muitas exceções, honrosas, decentes, mas a coisa, no geral, no picollo mondo, "tá preta" mesmo no ensino (de todos os graus), nas academias - inclusive na de Letras, aquela que o senhor nunca foi lá sequer tomar posse -, na política e no bestunto da maioria dos "intelectuais conterrâneos" - estes últimos produzindo mais do que sabiá no fundo da gaiola. O senhor, "Seu" Othoniel, não calcula quantos "poetas", quantos "cordelistas de bancada" (uma invenção recente!), quantos "escritores", quantos "tradutores" (os de Baudelaire, uspeanos cavilosos, são uma graça!), grosas de "jornalistas", dúzias de "críticos literários", centenas de "mestres" e "doutores" e até "filósofos metafísicos" expertos em "ciências mortas e línguas ocultas" (arre égua!) sobrenadam - todos! - engalfinhados, esfalfados, sem fôlego, em petição de miséria, sapecando caldo e danando cangapé uns nos outros, no "Poço do Dentão" da Praia do Meio...

Para lá de atuais, perfeitos para a época - quadra gaiata por que passa o nosso torrão de canguleiros e xarias -, ajustam-se, como se luvas fossem, os sonetos do seu "Desenho Animado". A colorida fauna, ali tão bem posta, permanece a mesma e quiçá muito pior. Os perus dos silogeus, por exemplo, continuam a rondar nos terreiros, sapientíssimos sandeus, os papos inflados a arrebentar de vento, fabricando, todo santo dia, gás do milho do alfabeto. Esmeraldo Siqueira, do seu tempo e que viveu mais tempo, seu amigo, verrumava mais direto:

> Os asnos são divertidos,
> Asnos bípedes, é claro,
> Todos se julgam sabidos,
> Dotados de senso raro.

Darcy Ribeiro dizia: "Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou-me resignar nunca."

O mundo e o País mudaram. Manda no Brasil, hoje, um partido criado por trabalhadores, que degringolou para a corrupção grossa, agradando aos pobres - e muito mais aos ricos -, "distribuindo riqueza" com projetos que dão o peixe, mas não ensinam a pescar.

No Brasil, os bancos nunca lucraram tanto quanto lucram agora. O país do seu querido Roosevelt, hoje - quem diria! -, é governado por um negro bem intencionado e competente. Por cá, a economia melhorou, afinal o país é rico. A droga vem acabando com a mocidade, a liamba e a cocaína correm frouxas, inclusive entre muitos dos tais "intelectuais conterrâneos" papa-jerimuns. A violência campeia, em todos os níveis. Mulher anda casando com mulher, homem casando com homem. Os rios estão morrendo - o Armagedon se anuncia nas guerras e nas catástrofes, na fome, nas epidemias. E o Brasil, meu velho, perdeu a Copa do Mundo!

Novidade grande é uma tal de Internet e um certo "Professor Google". Ferramentas para o bem e para o mal, facas de dois gumes. O "professor" é um gênio ao quadrado. Equivale, o mestre - só para o senhor calcular, por baixo -, a umas cem mil miscelâneas daquelas de João Babão,[1] nos velhos tempos. Os sabichões daqui e de alhures deitam e rolam na maionese: copiam o que lhes interessa e sapecam em baixo e jamegão lustroso, na maior cara de pau, ganhando fama e prestígio entre os bestas.

No planeta poluído, os bons e justos ainda não descobriram aquela - "simples, fecunda, bíblica, feraz" - sementezinha de mostarda da paz de que o senhor fala nos versos da "Canção da Montanha"...

Bem disse - e disse bonito! - o poeta lusitano José Saramago:

"Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia".

Um beijo no senhor, aí, na dimensão Azul. Dê outro, muito saudoso também, em Maria de Othoniel.

Seu fim-de-rama,
Lelinho

Praça Pedro Velho, Natal, julho de 2010

Nota

[1] **"João Babão"** - Funcionário do Estado, boêmio, inteligentíssimo, famoso no meio literário de Natal nas primeiras décadas do século passado. Dizia possuir - sem a menor chance de empréstimo a quem quer que fosse - "a melhor e maior miscelânea de todo o Estado". Nunca ninguém viu o volumoso calhamaço. João, hoje, em Natal, seria, no mínimo, apodado de "peripatético". O Dicionário Aurélio registra: **miscelânea** [Do lat. *miscellanea*.] Substantivo feminino. 1. Mistura de variadas compilações literárias. 2. Volume que se compõe de coleção de estudos afins, escritos por vários autores para homenagear uma pessoa ou instituição em data significativa; polianteia, miscelânea de homenagem, volume de homenagem. 3. Fig. Mistura de coisas diversas. [V. *mixórdia* (1).]4. Fig. Confusão, amontoamento, salgalhada.

REGISTRO N. 90-2ª via

ESTA CARTEIRA DE IDENTIDADE PERTENCE A
Othoniel Menezes de Mélo

Natural de Rio Grande do Norte

Nascido a 10/3/1895

Filiação João Felismino de Mélo e d. Maria Clementino de Menezes Mélo

Côr Branca

Nacionalidade Brasileira

Profissão Func. Público

Natal, 28 de Novembro de 1951

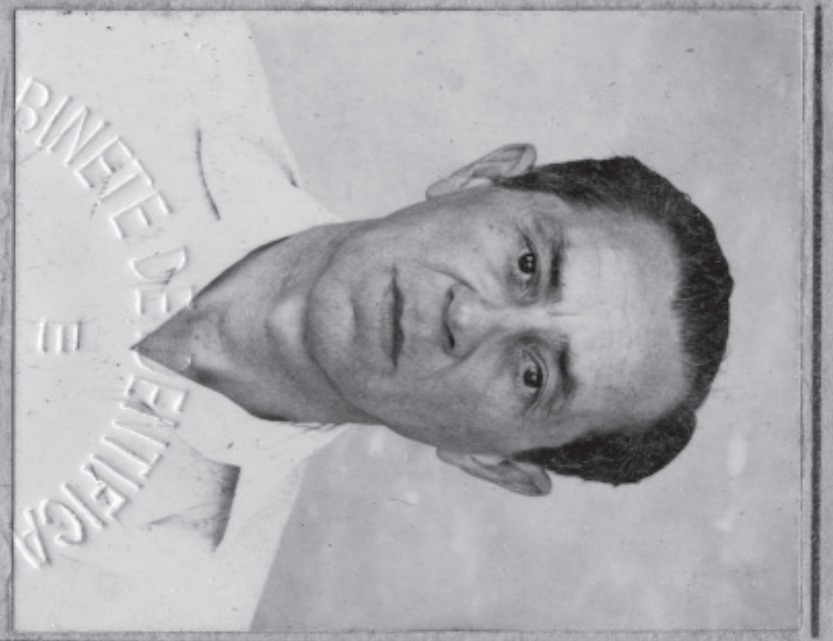
F. D.

Série E.4444

Secção I.2444

Não é valido o retrato que não tiver o carimbo do Gabinete

POLEGAR DIREITO



Assinatura do portador

Da vida e da obra

Cronologia

1895

Nasce, Othoniel Menezes, em 10 de março, na casa na Rua das Laranjeiras n° 16, filho de João Felismino de Melo e Maria Clementina de Menezes Melo. No mesmo local nasceram os irmãos Francisco, em 5 de março de 1892, Stela, em 1896 e falecida criança; Othoniel, em 10 de março de 1895; João, em 13 de junho de 1896 e Gabriel, em 5 de novembro de 1897.

1899

João Felismino é transferido para Jardim do Seridó, como chefe da Mesa de Rendas (Coletoria) local; chega com a família em 24 de março.

23 de outubro: Maria Clementina suicida-se; tinha 28 anos e Othoniel, 4 anos.

1900

Fevereiro: João Felismino casa-se com Celsa Bezerra de Araújo Fernandes [de Melo](falecida em Natal, em 6 de novembro de 1957). Primeiras letras na escola do professor Jesuíno Ildefonso de Azevedo.

1904

O irmão Francisquinho é enveado para estudar no Colégio Diocesano Santo Antônio, inaugurado em 1903.

1906

Othoniel e João ingressam no Colégio Santo Antônio.

1907

Othoniel continua no Colégio Santo Antônio e se matricula no Atheneu Norte-Rio-Grandense, para cursar o 1º ano do curso secundário.

1908

Deixa o Colégio Santo Antônio ficando apenas no Atheneu.

1911

Março: Participa da diretoria do jornal *O Ideal*, do Grêmio Literário Frei Miguelinho, do Atheneu.
Julho: Torna-se orador do Grêmio Literário Frei Miguelinho.
3 de outubro: Aniversário do governador Alberto Maranhão, passeata dos alunos do Atheneu; discurso de Othoniel, como orador do Grêmio Literário Frei Miguelinho. No dia 12 discursou na data do descobrimento da América.
6 de novembro: É publicado em *A República* "O mendigo", primeiro poema publicado, aos 16 anos. Tudo indica ser este o início de sua vida literária.

1912

Matricula-se na Escola Normal. Colega de classe de Alice Pereira de Brito, seu primeiro amor. Desliga-se da escola no final do ano. Conclui o Curso de Madureza no Atheneu. Publicados diversos poemas em *A República* .

1913

18 de fevereiro: Alista-se no Exército; incluído em 10 de março. Promovido a anspeçada a 20, cabo-de-esquadra em 3 de abril, cabo de estacionamento em 8 de maio. Aprovado com distinção em concurso para sargento, em 14 de maio.
São publicados alguns poemas de sua autoria no *Jornal da Manhã*.
5 de dezembro: Parte para o Rio de Janeiro, como 3º sargento.

1914

O irmão Francisquinho bacharela-se em Direito no Recife, com 21 anos de idade.
No início do ano, retorna a Natal; não mais pertence ao Exército. Desempregado, procura o irmão Francisco, promotor público da cidade de Macau.
Inicia sua colaboração no jornal *A Folha Nova*, de Macau.
Julho: assume como redator-chefe do *A Folha Nova*. Muitas matérias publicadas. Longos poemas sem rima nem métrica indicam sua antecipação ao modernismo.
Tenta casar-se com Marieta Teixeira; o pai da namorada nega permissão.
Abril: Promotor público interino atua em sessões do júri popular.
Poemas publicados em *A República*.

1916

Retorno a Natal. A prima Maria do Carmo Menezes Bonfim, estudando na Escola Normal, está hospedada na casa do tio Gabriel Álvares de Menezes.

12 de maio: Foge com Maria do Carmo Menezes Bonfim (Carmita); casam-se, ele com 21, ela com 15 anos incompletos.
Maio: 1º emprego: secretário do jornal *A Imprensa* de propriedade do coronel Francisco Cascudo, pai de Luis da Câmara Cascudo, de quem se torna amigo.

1918
21 de março: Nomeado segundo oficial da Secretaria de Governo pelo Governador Joaquim Ferreira Chaves.
13 de novembro: O escritor iniciante Luis da Câmara Cascudo publica em *A Imprensa* o artigo "Othoniel Menezes poeta".
Nasce o primeiro filho, Francisco Euryalo.

1919
Janeiro: Lançamento do seu primeiro livro de poemas, *Gérmen*.
24 de janeiro: Nasce a filha Maria do Carmo (Tamina).

1920
5 de abril: Promovido a primeiro oficial da Secretaria de Governo.
29 de setembro: O irmão João, piloto militar, falece em desastre de avião.

1921
19 de fevereiro: Nasce a filha Maria de Lourdes (Biúde).

1922
Janeiro: Funda o Ginásio Auta de Souza, na cidade de Nova Cruz. Estava licenciado.
28 de agosto: Partida festiva dos três barcos tripulados por pescadores natalenses em *raid* ao Rio de Janeiro, comemorando o Centenário da Independência do Brasil.
8 de outubro: Othoniel e amigos se reúnem em um bar no Passo da Pátria, para comemorar o retorno dos pescadores. Na ocasião,

escreve o poema Serenata do Pescador (Praieira), depois musicado por Eduardo Medeiros.
29 de novembro: Reencontra Alice Brito, professora do Estado. Compõe o poema Alice, musicado por Carolina Wanderley.
16 de dezembro: Deolindo Lima canta em público, oficialmente pela primeira vez, a Serenata do Pescador, no Festival de Othoniel Menezes, realizado no Teatro Carlos Gomes, com declamação de poemas do seu livro *Jardim tropical*.

1923
Publica seu segundo livro, *Jardim tropical*.
Separa-se de Carmita.

1924
Conhece Maria da Conceição Ferreira da Silva (nascida em Ceará-Mirim, em 20 de novembro de 1899).
Julho: J. F. S. publica na *Revista do Centro Polimático* n. 7, ano V, o ensaio Bibliografia, sobre o livro *Jardim tropical*.

1925
Setembro: A revista *Letras Novas*, em seu número 3, institui o concurso "Qual o príncipe dos poetas potiguares?".
Voltando de uma farra com amigos, derrubou com tiros abajures da iluminação pública. Foi processado por dano ao patrimônio público.
14 de dezembro: Alista-se no Exército e parte para o Maranhão; luta contra a Coluna Prestes.
18 de dezembro: Engajado como soldado do Exército no 29º Batalhão de Caçadores e, dias depois, promovido a 2º sargento.

1926
9 de janeiro: É licenciado de suas funções no Governo do Estado, recebendo a metade de seus vencimentos.

26 de fevereiro: Está em Alagoinhas, Bahia, ainda em missão contra a Coluna Prestes.
1º de maio: Retorna a Natal.
10 de agosto: Nasce Terezinha Ferreira de Melo.

1928

19 de janeiro: Othoniel e mais outros funcionários do Estado são dispensados de suas funções.
16 de fevereiro: Engaja por mais dois anos.

1929

1º de janeiro: É excluído do efetivo do Batalhão de Caçadores.
Março: Desempregado, desloca-se para Pesqueira/PE, em busca de emprego, com o irmão Francisco, delegado regional em Serra Talhada. Deixa esposa e filhos em Natal.
21 de dezembro: Falece em Natal a professora Alice Brito.

1930

Ingressa como soldado na Polícia Militar de Pernambuco; trabalha na Delegacia, com o irmão. Colabora no jornal *Correio de Pesqueira*. Escreve o romance *Janina, a princesinha caeté*. Revolução de 1930 – Francisco Menezes é destituído do posto e retorna a Natal. O "soldado" Othoniel perde a função e regressa com o irmão. Na viagem, perde os originais do romance que escrevera.

1931

Março: Torna-se ajudante do 1º Cartório Judiciário de Natal.
Assume a função de redator do jornal *A República*.

1932

Torna-se subgerente de *A República*.
Fevereiro: É nomeado oficialmente redator de *A República*.

1935

23 de novembro: Eclode o Levante Comunista em Natal.

26 de novembro: Funcionários da Imprensa Estadual são convocados para prepararem a primeira edição do jornal revolucionário *A Liberdade*, lançado na manhã do dia 27. Fracassado o movimento, iniciam-se as perseguições. Othoniel é responsabilizado como redator principal do jornal.

28 de novembro: Othoniel é demitido da função de secretário de *A República*.

Othoniel foge para o Recife, mas suspeitando de que estava sendo seguido, desembarca do trem em Canguaretama, refugiando-se na casa do irmão Francisco.

Segue para o Recife e se esconde na casa de um primo; preso, é transferido para 1ª Delegacia da Ribeira, em Natal.

1936

4 de setembro: Decretada sua prisão preventiva.

1938

30 de março: nasce o segundo filho com Maria, Hermilo Ferreira Neto (Netinho).

9 de agosto: Condenado a três anos de reclusão pelo Tribunal de Segurança Nacional.

29 de setembro: Apelando da decisão, é absolvido.

1939

1º de março: Desempregado, aceita trabalhar no Serviço Nacional de Malária, em Assu, numa fase de epidemia de malária.

Apresenta festival no Cine Teatro Pedro Amorim: declamação e canto.

Apresenta festival em Macau, no Cine Teatro Éden.

30 de junho: Nasce Laélio, último dos três filhos com Maria.

1940

29 de outubro: Dispensado como funcionário do Serviço Nacional de Malária.

1941

18 de dezembro: Realizado no Teatro Carlos Gomes o Festival Othoniel Menezes, com números de música e declamação pelo autor.

Redige o primeiro prefácio em versos da literatura do Norte-rio-grandense para o livro *Meus Versos*, de autoria de Paulo Benevides.

1942

17 de abril: Admitido pelo *Office of Civilian Personnel* para os trabalhos iniciais da Base Aérea de Natal , durante a Segunda Guerra Mundial. Residia em Natal, na rua Felipe Camarão, número 392.

1947

Por orientação de uma numerologista passa a assinar o nome como Otoniel Meneses.

Publica no jornal *O Democarata* o ensaio "Ferreira Itajubá – o drama da vida de província".

Publica "Luis da Câmara Cascudo: estilista", incluído em *Luis da Câmara Cascudo – Depoimentos*, edição do Centro de Imprensa Ltda.

3 de outubro: Voltando de um jogo de futebol, é atropelado na avenida Hermes da Fonseca.

1950

12 de janeiro: Chega ao Rio de Janeiro.

22 de fevereiro: Chegada da família.

22 de setembro: por sugestão do amigo João Café Filho, embarca em avião militar para o Rio de Janeiro.

Começa a organizar os poemas de *A cidade perdida* e *Desenho animado*.

Encontro amistoso com Café Filho para tratar do prometido emprego.
21 de fevereiro: Chega de Natal, via navio, a esposa Maria, os filhos Laélio e Netinho, e o sogro Hermilo Abílio Ferreira.
22 de setembro: Confiante no emprego prometido, pede demissão da função na Base Aérea de Natal.
Desilude-se e rompe com Café Filho; fica desempregado no Rio de Janeiro.

1951

31 de janeiro: Posse de Café Filho na vice-presidência da República.
13 de março: Nomeado escrevente-datilógrafo interino do Instituto Nacional do Sal; emprego conseguido por intervenção de Letícia Cerqueira, sogra de Jessé Café, superintendente do órgão.
19 de novembro: designado para o cargo de inspetor "E" interino.
Aprovado em concurso público para inspetor efetivo.

1952

7 de maio: Passa a exercer em caráter efetivo o cargo de inspetor Classe "E", do quadro do Instituto Nacional do Sal.
O Departamento de Imprensa publica *Sertão de espinho e de flor*.

1954

A *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras* (n. 2, 1954), reproduz em "Parnaso dos vivos", o Canto 15 – Minha viola a chorar, de *Sertão de espinho e de flor*, porém não faz referência à publicação do livro. Não mais serão feitas referências, nos números posteriores da revista da ANRL aos outros livros de Othoniel.

1955

26 de maio: lançamento de *A canção da montanha*, na sede do Departamento de Imprensa. Prefácio de Esmeraldo Siqueira e capa de Newton Navarro. São impressos 500 exemplares, 300 doados à

Liga Norte-Rio-Grandense contra o Câncer. Presente o presidente, Dr. Luís Antônio dos Santos Lima.

1956

Tem reduzidos os seus vencimentos como funcionário do Instituto do Sal: dificuldades financeiras.
Agravam-se os problemas de saúde.
3 de agosto: Veríssimo de Melo denuncia: "Othoniel Menezes está passando fome", no jornal *O poti*.
8 de agosto: O Lions Clube de Natal concede prêmio de dez mil cruzeiros; comissão faz entrega na casa do poeta, à rua Correia Teles. No mesmo dia, o poeta Antônio Pinto de Medeiros encaminhou carta ao governador Dinarte Mariz narrando a situação do poeta.
10 de agosto: Newton Navarro publica a crônica "Othoniel", no jornal *Diário de Natal*, aderindo ao movimento.
11 de agosto: comício no Grande Ponto, promovido por jornalistas e estudantes – reivindicam pensão especial para OM.
17 de agosto: o governador Dinarte Mariz responde a carta de Antônio Pinto de Medeiros, comunicando haver mandado redigir uma mensagem ao Poder Legislativo, pleiteando uma pensão especial para o poeta.
18 de agosto: o poeta Antídio de Azevedo publica crônica de solidariedade no jornal *O poti*.

1958

Eleito, na ANRL, para a vaga de Bezerra Júnior, na cadeira cujo patrono é Antônio Glicério.

1959

12 de novembro: o vereador Deoclécio Sérgio de Bulhões encaminha projeto de lei concedendo pensão especial a Othoniel Menezes.

23 de dezembro: projeto aprovado subiu à sanção do prefeito. Reclassificado no Instituto Nacional do Sal.

1960

Aposenta-se.

Ocorre em Natal o I Encontro Nacional de Escritores. Recebe visita de uma comissão. Impressionada com a situação econômica do poeta, apela para o Governo do Estado, que autoriza uma farmácia a lhe oferecer os remédios de que necessitava.

Ao saber que as contas não estavam sendo pagas conforme combinado, desgosta-se e, considerando como última desconsideração recebida, decide mudar-se para o Rio de Janeiro.

1962

Doente, recorre ao senador Dinarte Mariz.

25 de março: retorno definitivo ao Rio de Janeiro. Diagnosticado com Mal de Parkinson.

1965

20 de abril: posse na Academia Potiguar de Letras, por procuração ao poeta Antídio de Azevedo, saudado pelo poeta Jayme Wanderley.

1967

Novembro: 24, 25, 26, 27,28 e 29. Encenada em Natal, no Teatro Alberto Maranhão, a opereta "Praieira dos meus amores"; texto de Jayme Wanderley e música de Garibaldi Romano.

1968

25 de julho: falece a esposa Maria.

1969

19 de abril: falece em sua residência, no apartamento 201, da rua Queiroz Lima, 18, no bairro de Catumbi. Seu atestado de óbito

indica edema agudo do pulmão e infarto do miocárdio. Sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier.

1970

A *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras,* ano 9, n. 8, republica o ensaio "Ferreira Itajubá – o drama da vida de província". Publica também o seu necrológio, na sessão Nossos Mortos.

1971

Padre Jorge O'Grady de Paiva publica no Rio de Janeiro "A escalada poética de Othoniel Menezes".

1980

Segunda edição de *A canção da montanha*, UFRN, Editora Universitária.

1985

Publicado o volume *A cidade perdida, Desenho animado, Esparsos*, pela UFRN (Coleção Humanas Letras), no centenário do poeta.

1989

Publicado o volume *Ara de fogo, Abysmos, Esparsos*, pela editora Clima, em Natal.

1995

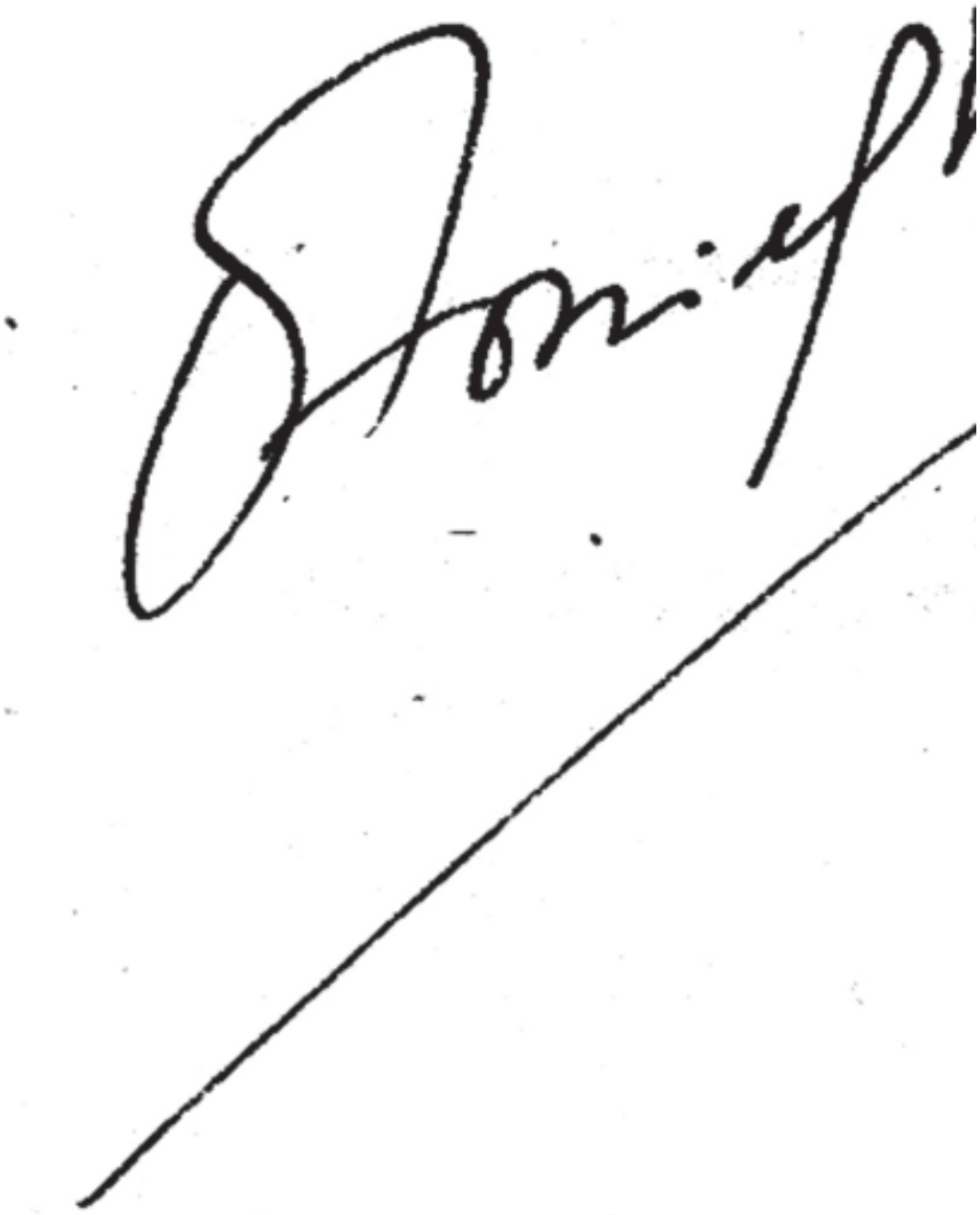
Publicado pela UFRN o livro *O Cancioneiro de Othoniel Menezes*, de Cláudio Galvão.

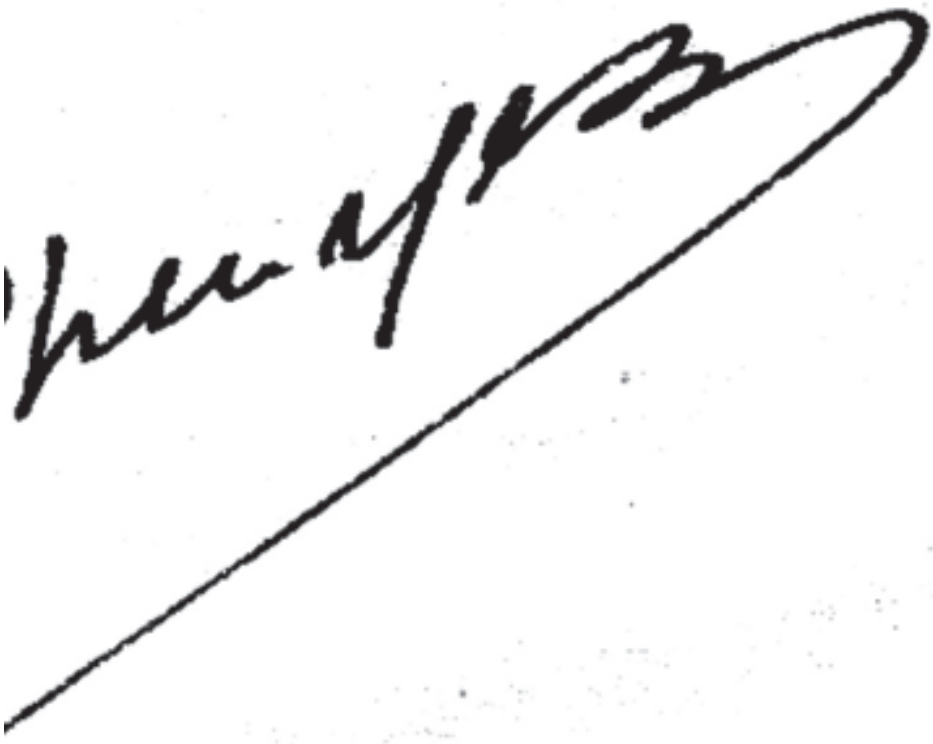
2009

Príncipe Plebeu – uma biografia do poeta Othoniel Menezes, Edição da FAPERN.

Cláudio Galvão*

* Professor universitário, escritor, musicólogo; pesquisador da vida e da obra de Othoniel Menezes, organizador das publicações póstumas, seu biógrafo. Autor, entre outras obras, de *A Modinha Norte-Rio-Grandense*.

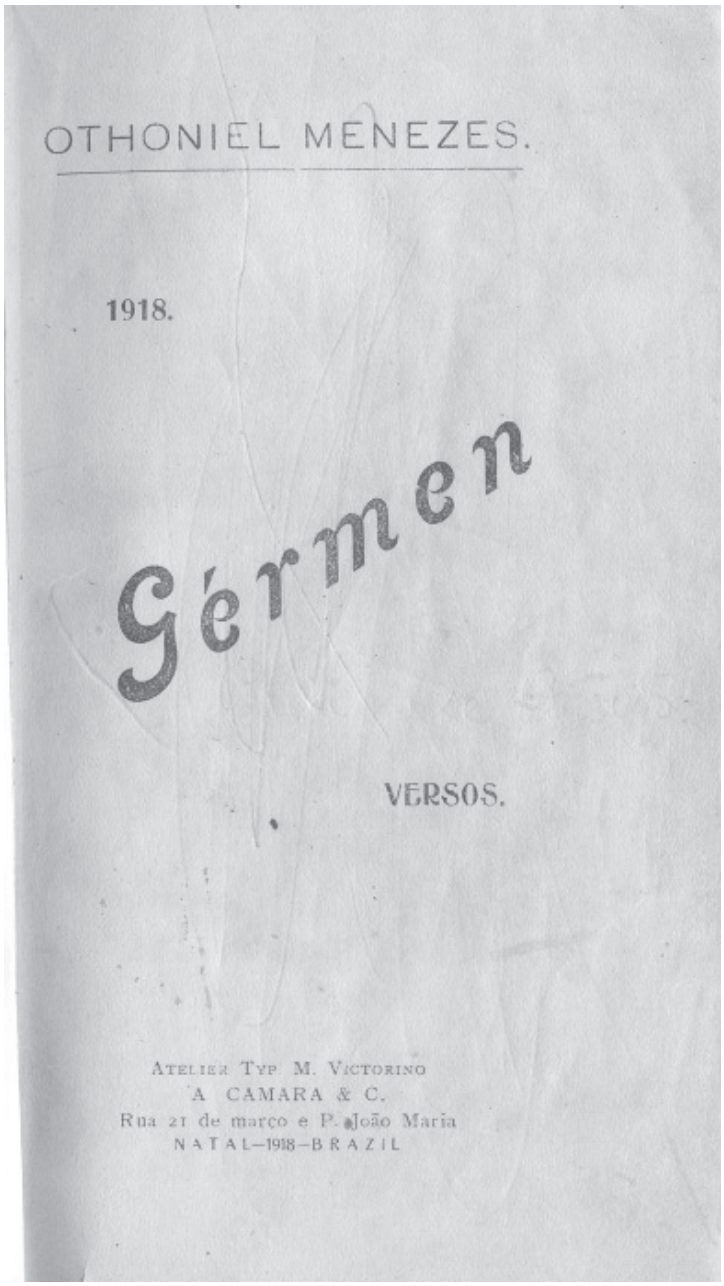




Poesia

Gérmen

[1918]



Capa da edição de 1918

Prefácio da primeira edição

Mais de uma vez interrompi a leitura do *Gérmen,* arrastado por vários pensamentos sobre a missão dos nossos poetas nesta hora de crise universal, em que a alma brasileira, sentindo o esplendor do mundo que se está formando sobre os destroços da Grande Guerra, tateia hesitante, sem norte e sem guias espirituais.

Censuram, geralmente, os políticos pelo que fazem e pelo que não fazem. A inércia ou a desorientação dos homens de letras – jornalistas, sociólogos, romancistas, poetas – representa falta bem maior numa coletividade como a nossa, em que vão desaparecendo todas as conquistas morais dos antepassados e mal se divisam, na sombra crepuscular em que se afogam, vinte e cinco milhões de destinos humanos.

Dentro da natureza tropical, murmuremos com outros, onde tudo é viço e esperança, só o homem não tem saúde e alegria…

Assim pensava eu, de quando em quando, ao ler e reler as páginas deste formoso livro.

O leitor encontrará no *Gérmen* uma esplêndida vocação poética. Tudo nele denota elegância, clareza, distinção. Mas receio que o poeta, à semelhança de tantos, esmoreça em meio do caminho.

Este coração que pulsa forte e diz o que sente em belíssimos cânticos, talvez venha a enfraquecer quando não se chamar adoração o amor que o ilumina agora:

Levo o Amor a fulgir na fronte! Oponho
Às dores, esperanças... tenho o manto
de aedo e a lira em que, sofrendo, canto,
do mundo pelo báratro medonho!

Sinto que é uma ascensão para a Beleza
– A Arte – que minha mãe, a natureza,
me deu, na correnteza dos destinos...

É por ela que ao sol da mocidade,
à orquestração fremente dos meus hinos,
tento a escalada da imortalidade...

No *Comme il vous plaira*,[1] se bem me recordo, Shakespeare comparou o mundo a um teatro imenso. São atores homens e mulheres e a vida uma tragicomédia em sete atos – as sete idades que ele nos concede e cuja síntese expõe com o *humour* dilacerante de um inglês de gênio.

Shakespeare repetiu um pensamento que já era sem dúvida lugar-comum no seu tempo. Não valia a pena afirmar, como então afirmou, que nós temos duas infâncias: a dos primeiros anos e a da velhice. Transformam os lustros e a existência e esta mergulhará afinal no eterno esquecimento, o abismo sem fim que gelava o próprio Renan.[2] Mas há quem possua o segredo de conservar a juventude até o extremo limite dos anos. É aquele em que o amor se transfigura e vai sentindo, pela existência em fora, a alma dilatar-se.

Tente Othoniel a escalada da Imortalidade, mas para tanto se faz preciso que seu amor de poeta, sagrada origem do *Gérmen,* abra as asas de oiro sobre a nossa Gente e sobre a nossa Natureza! Se tal não suceder, a Vida, dentro de alguns anos, terá apagado o artista. Múltipla e variável, mudando o aspecto como as ondas, a Vida é cruel e só um amor infinito, capaz de metamorfose, pode dar à Arte vigor para vencê-la.

Lede, adiante, o "Crepúsculo".

São versos de inexcedível harmonia: lendo-os, o espírito imerge na suavidade do sol-posto e nas recordações do pretérito, saturado da tristeza da tarde evanescente e da noite invasora. Entretanto, ao volver a página, percebi que não era plena a minha emoção. Creio faltar a essa paisagem de sonho uma figura humana, em que os olhos, numa concentração emotiva, demorem a rever lembranças de alguma existência serena e profunda como a hora crepuscular. E me veio à memória o *Angelus,* de F. Millet.[3] Viva eu cem anos e hei de lembrar o *frisson* que me deu essa tela imortal ao contemplá-la pela primeira vez no Louvre. O contraste entre a planície verde e o céu mergulhado na luz violeta do fim do dia nos comove e exalta. Apesar disso, não seria duradoura a impressão do quadro, se não se divisassem nele as duas figuras humildes e grandiosas que lá estão e o campanário cujo sino, na vibração lugente[4] da Ave-maria, recorda o imenso passado espiritual do Cristianismo.

Os poetas do norte do Brasil abandonaram quase por completo a corrente nacionalista iniciada pelos grandes românticos. Estes erraram, divinizando o caboclo, o pior dos elementos étnicos formadores da nossa nacionalidade. Guiou-os, todavia, um ideal e foi bastante para escreverem estrofes de alto-relevo. Os nossos bardos setentrionais de hoje deveriam reatar a corrente de outrora, mas aproveitando sobretudo o tipo resultante das duas raças consideradas inferiores, porque representam mais diretamente o povo, as suas tradições, as suas alegrias e tragédias intimas.

No campo e na cidade, seres e coisas esperam a organização complexa que os arranques do esquecimento e os eleve à luz da experiência emotiva de agora, na revelação da vida interior aberta ao contato do mundo e das existências que povoam o mundo.

Há necessidade de um ideal na poesia, como, de resto, em todas as manifestações intelectuais do Brasil. Nada mais verdadeiro

do que a afirmação de J. Bryce:[5] o brasileiro não tem ideal. Julgamento terrível, porque sintetiza admiravelmente a nossa estagnação!

Que os poetas como Othoniel Menezes aproveitem a bondade e a inteligência, trabalhando com ardor em procura do fim desejado. O *Gérmen* quase todo é um hino à mulher. Não podia ter feição diversa. Na idade do autor, Beleza chama-se Graça Feminil e devemos agradecer-lhe o fulgor de muitos dos versos que vão ser lidos.

Mudam, porém, os anos e, com eles, a fonte da inspiração. O amor feminino apelidar-se-á recordação ou amizade e se nos faltar outro desígnio, faltar-nos-á também o entusiasmo gerador da grande Arte.

É a explicação da mudez de tantas liras promissoras.

Que o estudo e a piedade salvem no futuro este poeta de real merecimento, dobrando-lhe os joelhos diante da Pátria e mostrando-lhe em sangue e em lágrimas o coração do nosso povo.[6]

Natal, 31 de dezembro de 1918.

Henrique Castriciano[7]

Notas

[1] **Comme il vous plaira**. Em português: Como ele (ou isto) vos agradará. Título (em francês) de uma peça de Shakespeare, uma pequena comédia escrita durante o ano de 1599, pouco antes *Hamlet* (1600-1601).

[2] Joseph Ernest **Renan** (Tréguier/França, 28.02.1823-Paris/França, 02.10.1892). Escritor, filósofo, filólogo, poeta e historiador francês. Escreveu *Vida de Jesus* – seu livro mais importante, polêmico e revolucionário: conta a verdadeira história do Homem-Deus.

[3] **Jean-François Millet** (Gruchy/França, 1814-Barbizon/França, 1875). Pintor francês. Suas telas, inspiradas no mundo rural da região de Barbizon – segundo os críticos –, influenciaram Van Gogh.

[4] Plangente; lastimoso; lamentoso.

[5] **Sir James Bryce.** 1º.Visconde Bryce (Belfast/Irlanda do Norte, l0.05.1838-Sidmouth, Devon/Inglaterra, 22.01.1922). Jurista, político, diplomata, alpinista e historiador irlandês. Autor de vasta obra, escreveu *América do Sul: Observações e Impressões* (1912), livro no qual tece comentários sobre o Brasil, certamente lido por Henrique Castriciano.

[6] Anotação de OM, manuscrita, no exemplar datilografado e por ele revisado para as obras completas: "Segui o conselho do Mestre. A partir de *Jardim tropical* (1923), há na minha mensagem poética uma constante preocupação pelo sofrimento humano. Especialmente em *Sertão de espinho e de flor* (1952) e em *A canção da montanha* (1955). Sob outro ângulo, do *Sertão de espinho e de flor,* 600 exemplares – de uma edição de 1.000 – foram doados à Mocidade Espírita, em favor da construção do Albergue Noturno de Natal". Também da primeira edição de *A canção da montanha* (1955), dos 500 exemplares editados pelo Departamento de Imprensa do Estado, 300 foram entregues à Liga Norte-Rio-Grandense contra o Câncer para a construção do Hospital, nas Quintas. Recebeu-os a figura inolvidável do Dr. Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima (Assu/RN, 15.09.1890-Natal/RN, 10.04.1961), médico, professor e político, fundador da entidade e amigo do Poeta.

[7] **Henrique Castriciano de Souza** (Macaíba/RN,15.03.1874-Natal/RN, 26.07.1947). Advogado, jornalista, poeta, ensaísta, crítico literário, secretário de governo, vice-governador, procurador-geral, deputado estadual, educador. Fundador da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Escola Doméstica de Natal.

…imune passe o verso que burilo,
à baba do invejoso e à critica do fútil.

Mário Linhares[1]
Florões

Ícaro

Glória! para o teu seio, enfim, levanto
o condoreiro vôo do meu sonho!
Que importa que o teu ádito[2] risonho
só atinja à custa do meu sangue e pranto?

Levo o amor a fulgir na fronte! oponho
às dores – esperanças! Tenho o manto
de aedo,[3] e a lira em que, sofrendo, canto,
do mundo pelo báratro[4] medonho!

Sinto que é uma ascensão para a beleza,
– a arte – que minha mãe, a natureza,
me deu, no ciclo eterno dos destinos…

É por ela que, ao sol da mocidade,
à orquestração fremente dos meus hinos,
– tento a escalada da imortalidade…

Via-crúcis

A minha mãe faltou-me, eu era pequenino;
mas, da sua piedade, o fulgor diamantino
ficou abençoando a minha vida inteira:
como, junto de um leão – um sorriso divino!
como, sobre uma forca – um ramo de oliveira!

G. Junqueiro[5]
Velhice do Padre Eterno

Há quanto tempo a dor, sem cessar, me devora
a vida, e a essa amargura injusta me acalceta![6]
Dês que morreste, Mãe, que o meu peito de poeta
é um soturno retiro onde a saudade chora!

Desde que ao céu volveste, anjo da guarda! a aurora
de ventura e de amor e esperança dileta,
abismou-se na treva... Hoje, a traidora seta
da dúvida, se trespassa a alma ingênua de outrora!

Não maldigo, entretanto, a dor fecunda e grande!
dentro da sua luz sagrada, o pensamento,
à aspersão batismal das lágrimas, se expande...

Vou, com os pés a sangrar, meu Gólgota subindo...
mas levo, à cruz pesada e ao fel do meu tormento,
– a alma noiva do sonho e o coração, florindo!

Visão medieva[7]

À memória de Pedro Alexandrino[8]

Negro, à luz dos crepúsculos, avulta
o castelo otomano abandonado.
Lembra o guerreiro sonho do passado,
– grita infrene,[9] ranger de catapulta…

Trégua. Num varandim da torre, ao lado,
a sultana, – a infiel! – na sombra oculta,
se debruça, a cismar. Suspira… exulta
pelo amor do cristão do elmo dourado!

O vôo dos falcões o espaço risca.
Sobe a lua… Mudez. Da sentinela
o iatagã[10] gemífero[11] faísca…

O exército cruzado, ao longe, vela…
– E, alto, no luar que nos vitrais corisca,
tremula o pavilhão da cidadela!

Mística

Ao grande e livre espírito de Manoel Arão[12]

Rosa branca, expandindo, etérea e langue, à fria
amplidão do silêncio a palidez magoada,
aberta, enorme – cheia –, a lua desmaiada
unge os ermos, de sonho e de melancolia.

Diz a dor da hora morta a voz triste, erradia,
de um cão, dentro da noite algente,[13] embalsamada.
O velho citaredo[14] – o vento –, pela estrada,
na verde lira em flor das frondes, salmodia…[15]

Desperta, sente uma ânsia… Abre a janela… E
pensa,
banhando-se ao luar, nessa tortura imensa
que o seu corpo de monja, histérico, apunhala…

Lá fora, a luz, pairada, em delíquios,[16] escorre…
– E ela, fria, a julgar que é a sua alma que morre,
reza, à lua, ajoelhada, estática e sem fala…

A árvore

A Ferreira Chaves[17]

I

Grande, no promontório o alto perfil soerguendo,
imperialmente, à luz, afrontando a procela,
coroada a flores de ouro, a árvore antiga e bela
muitos anos de glória e de dor vai vencendo…

Dias, noites sem conta, os músculos torcendo
a seus pés, leão convulso, o mar, a hedionda goela
abre, cheia de espuma… Heróica, a sentinela
da floresta ergue aos céus corpanzil estupendo!

Pode estrondear o oceano! uivar, danado, o vento!
funda, a voz do trovão, no temporal violento,
abale a encosta! o campo, o incêndio atroz devore-o!

– Ela, verde! ela, em flor! E, ante a espantosa
guerra,
– firme a brônzea raiz nas entranhas da terra,
grande, apruma o perfil no alto do promontório!

II

Vezes, o mar serena e, outro Hércules, ensaia,
em torno ao tronco esvelto[18] enfestonado[19] de
ouro,
– cantando madrigais, humilde, em suave choro–,
a alva renda da espuma entretecer, na praia…

Então, na tarde meiga, a víride[20] atalaia,
luminosa, ostentando o fausto imorredouro
da fronde, aspersa[21] ao brilho estival do astro louro,
vibra e murmura… O mar, suspiroso, desmaia…

E é de ver-se este quadro (a alma de encanto
presa!):
– manso, o atlânteo[22] titã, força da natureza,
vem da árvore ao redor, fazer lascivas rondas…

E, enquanto ortivo[23] sol veste em púrpura a falda,[24]
ela – a noiva do mar –, da auriflórea grinalda,
esparze[25] um turbilhão de pétalas, nas ondas!

Israelita

A Clementino Câmara[26]

–"Contar-te-ei"– disse, o apólogo obscuro,
em dolorosos símbolos traçado!
A esfinge… vejo-a, além, no meu futuro,
rindo o riso enigmático e parado…

"Hebreu, no cativeiro (em vão procuro
esquecer!), um faraó e malvado,
– o amor! –, fez-me construir, de sangue puro,
a Babilônia imensa do pecado…

– "Expiei, sofri… provei dores tiranas!
E, ardendo em fé, guiei meus passos calmos
no mar vermelho das paixões humanas…

– "Hoje, é o deserto, é o fim… Moisés tristonho,
– de pé, no monte Nebo[27] do meu sonho,
vejo, ao longe, a Canaã dos Sete Palmos…

Azul

(Sob Tema)

A Carolina Wanderley[28]

Perpetuamente esplendorosa e pura,
o ar, na amplidão dos paramos,[29] invades;
és sempre-viva, nas imensidades
da harmonia cromática da altura!

Vestes Nossa Senhora da Amargura,
nas brancas ermidinhas das cidades.
Alma profunda e casta das saudades
que o mar, em tardes plácidas, murmura!

Tuas miragens místicas, estranhas,
nos confins do horizonte e das montanhas,
– aos olhos tristes, que tristeza, ao vê-las!

És da eterna ilusão pálio bendito...
– cor do céu! céu dos simples, infinito,
resplandecendo acima das estrelas!

Sugestão da luz

Na glória vesperal do sol, que o facho
forja em florões de fogo e prata ardente,
passa, dentro do incêndio, lentamente,
– subindo o rio – o vulto de um patacho.[30]

Pando, à brisa cantante, o amplo velacho[31]
oscila, e molha a ponta na corrente…
A água murmura. A espuma abrolha, rente
à proa, abrindo em férvido penacho!

Toda tarde, é este esplêndido cenário:
– negro, rasgando a tela azul do estuário,
o barco avança, ao lento embalo da onda…

Lá vem! parece, à luz – que é fogo e prata -,
o navio fantasma de um pirata,
trazendo maravilhas de Golconda![32]

Coqueiro

À minha irmã Gizélia[33]

Coqueiro esguio e triste, aqui vives sozinho,
– curvo, ao peso da idade, o teu corpo cinzento!
Que dizes, no ciciar das palmas? que lamento
renovas, poeta antigo e pagão do caminho?

O incompreendido horror de tanto isolamento
punge o teu coração, como um tenaz espinho...
Ó coqueiro de ruína! és o último avozinho
do coqueiral que o outono arrebatou no vento!

Não sei se a tua alma verde e vegetal padece.
– Ouço-lhe a voz magoada e trêmula, que desce,
tonta de sons, cantando à paisagem louçã...[34]

Sei que te amo e que tens, na cúpula pendida,
a cor serena, a cor saudosa, a cor sentida
do pensativo olhar de minha linda irmã!...

Odisséia

Preso o olhar nas visões que só o sonho alcança,
um dia eu fui seguindo, ébrio do cíprio[35] vinho
da conquista… O esplendor do sol, pelo caminho,
faiscava, no cristal brunido[36] da água mansa.

Novo Ulisses, provando as lutas e o daninho
tumultuar das paixões, a minha heróica lança
tive quebrada, e vi naufragar a esperança…
– os pés em sangue, em treva o olhar, e a alma sem ninho!

Volto, exausto; volto exausto, ao teu seio,
na angústia de um viajor que, de entre abismos, veio
selvas, mares vencendo, atormentado e aflito…

Creio, agora, no amor! E amo-te mais, lembrando
todo o tempo em que tu – Penélope –,[37] esperando,
reservaste esse prêmio ao teu herói proscrito!

In pulverem[38]

(Vendo passar o enterro de um potentado)

Foste "grande" e orgulhoso. Um fardo de matéria,
eis, agora, o que és tu. Vitualha[39] envenenada,
sobre a qual há de vir, nessa fúria danada
da fome, a bicha ultriz.[40] A ronda deletéria

dos cães, farejará, de calçada em calçada,
uivando infernalmente, apupando a miséria
do esquife de ouro e seda, em que passou, trancada,
a tua carne, roxa, a apodrecer... A artéria

que foi teu coração – é um negro pão de lodo!
Os olhos, onde, outrora, ardia o anseio todo
da vida – hão de enseivar os jardins do nirvana...[41]

E, antes de seres nada, hás de ser ossos, poeira...
E hás de rir, no teu riso hediondo, de caveira,
– da ambição, da vaidade, e da soberba humana!

Sésamo!

Assim, nas "Mil e uma noites",
falava Ali-Babá à pedra encantada da
floresta, e ela abria-se em tesouros…

A José Augusto Soares[42]

Contam que um persa (ou árabe) possuía,
oculta num desvão de selva umbrosa,[43]
grande, imensa riqueza, fabulosa,
– ouro em barras, montões de pedraria.

Muitas vezes, por simples fantasia,
vinha e, ao rezar palavra misteriosa,
de certa gruta a entranha silenciosa
toda em rubis e pérolas se abria…

Também o coração, como essa gruta,
– se a voz do amor, o grande mago, escuta,
rebenta em fogos de cristais dispersos…

Abre-se em rosas de esmeralda e ouro,
flora, fulge e transluz, feito um tesouro,
todo em milhões de lágrimas e versos!

Tragédia humana

…J'aime la magesté
des soufrances humaines….

A. de Vigny[44]
La maison du Berger

…num deserto só, árido e fundo,
ecoam nossas vozes… Que o destino
paira mudo e impassível sobre o mundo.
……
E dizem os cativos: – Na amplidão
jamais se extingue a eterna claridade…
A alma tem o vôo e a liberdade…
O homem tem os muros da prisão!

Antero de Quental[45]

I

Há quantos longos séculos malditos
o homem padece, escravo, pelo mundo,
– Cristo! Jó! Prometeu! – ao céu profundo
e impassível, a erguer cansados gritos?

Debalde ciências novas, novos mitos
jorram visões de luz, no pego[46] imundo…
– a vida é o mesmo horror dantesco, oriundo
das revoltas, das ânsias dos aflitos!

Morre a fé, mente o amor. Insano e lento,
sobe, então, do calvário, ao firmamento,
o extremo apelo, entrecortado de ais…

Em vão! Sobre este inferno imenso e torvo,[47]
e cruento, a voz fatídica do corvo,
sempre a grasnar o anátema[48] – JAMAIS!

II

O que há de a alma escolher, em tanto engano?
Se uma hora crê, de fé, logo duvida.
Se procura… só acha o destino!
A. de Quental

Pobre! queimam-te o cérebro, estas cismas
em que aprofundas todo o pensamento!
– a lei universal do sofrimento
é um labirinto de milhões de prismas!

Buscas, de queda em queda, e em treva, o alento
a esta revel[49] pergunta em que te abismas:
– "De onde vim? - Aonde irei?"… – Bebe o
tormento,
no Estige[50] inesgotável dos sofismas!

De que te serve o facho da consciência
se a essa, que arrastas, mísera existência,
não dás beleza e nem finalidade?

Tantalizado[51] na razão, somente,
hás de bater, vencido, inutilmente,
às cem portas de bronze da verdade…

III

Tudo o que existe consola e fortalece o sábio, porque a sabedoria
consiste em pesquisar e admitir tudo o que existe.

Tenhamos confiança no amor como temos confiança na vida, pois
que nós somos feitos para ter confiança e que o pensamento mais
funesto em todas as coisas é aquele que tende a desconfiar da
realidade.

Tome a felicidade a forma de um rio, de um ribeiro subterrâneo, de
uma torrente ou de um lago, só há uma nascente única nos lugares
secretos do nosso coração, e o mais desgraçado dos homens pode
fazer uma idéia da maior das felicidades.

Maurice Maeterlinck[52]
A sabedoria e o destino

Bem sabes, sonhador, que, às vezes, basta,
para que o instinto acorde, um sonho vão;

e a alma tranquila, a alma liberta e casta,
vai na onda amarga e escura da paixão…

Ai de ti, homem forte, se te arrasta,
o sangue fraco, às chamas do vulcão!
– hás de sentir que um mal feroz devasta
as coisas virgens do teu coração…

Mas, no amor blinda o espírito e, sereno,
– aceitando por vinho o que é veneno –
a tua sede ansiosa enganarás…

E, embora triste e, ainda, incontentado,
– aprendendo a aceitar – hás alcançado
teus grandes sonhos de justiça e paz!

Crepúsculo

A Luis da Câmara Cascudo

De ouro e cinza a azul-pálido vestida,
flutua a tarde linda,
pensativa e saudosa!
E, ao intenso esplendor do sol que, ainda,
a gigantesca auréola escandescida,[53]
como um escudo em triunfo, ergue, fremente,
– a clâmide[54] sidérea, aberta em rosa,
por todo o céu estende! O poente,
vasto cenário bizantino, e trágico,
arde, na combustão fantástica das cores:
– do almagre[55] dos florões, aos cambiantes rubores
das nuvens colossais, de caprichosa franja,
que o sol, bizarro paisagista e ourives mágico,
tinge, doura, e acairela[56] em púrpura e laranja!
e do rubro de vinho velho, que ensangüenta
toda a perspectiva ocídua[57] da celagem,[58]
ao violeta, ao verde-azul, ao suave creme
das zonas em circuito…

A luz aumenta;
expande-se, em gradações maravilhosas;
prestes, esgarça… opaliza-se… treme,
esmaece! e desfaz-se, em descoradas rosas,
fluindo, pelo hemiciclo da paisagem…

Morno, chameja ainda, sobre o abismo,
– qual, depois de violento, estranho cataclismo,
portentosa cratera – o sol tombado…

E, doce, evocativo, embalsamado
em perfume e silêncio, o crepúsculo pálido
desce… desce, nostálgico, nimbando[59]
as montanhas azuis, na redondeza,
de cinza, de solidão e de tristeza…
O peregrino, harmonioso bando
das aves passa, fugindo, no céu cálido.
E erguem-se da terra, em litanias,[60] quantas
vozes a Natureza acorda, universais:
– almas contemplativas, panteístas,[61]
de pastores, de poetas e de artistas;
almas de aves, de insetos; almas brutas
de feras, nos desertos e nas grutas;
almas rudimentaríssimas de plantas
e almas inertes de cristais…

Entrementes, fenece a tarde amena,
meiga e branca. a flutuar em névoa, pelas
várzeas…
E a sombra vai, na abóbada serena
do Céu, abrindo o olhar magoado das estrelas…

A tristeza de Zaratustra[62]

Deu o vento, levantou- se o pó:
Parou o vento, caiu…

Padre Vieira[63]
Sermão da Quarta-feira de Cinzas

L´Homm - Terre, je suis ton roi.
La Terre - Tu n'es que ma vermine…

V. Hugo[64]
Abime

Por mais que o ansioso olhar abra, na imensa treva
do meu imenso orgulho, os segredos fecundos
das causas e das leis, na harmonia primeva,[65]
– nunca decifrarão, meus olhos moribundos!

Meus impulsos febris, meus sarcasmos profundos,
e o ódio – o jaguar que o meu instinto ceva –,
não valem contra a força onímoda,[66] que eleva,
no espaço, a multidão luminosa dos mundos!

Rebelde e alucinado, ando a acordar, em gritos,
essas dores mortais, meus males infinitos,
– síntese atroz do mal que, em todo crânio, estala…

…Entretanto, ao redor de mim, tudo é grandeza!
Mesquinho semideus, diante da Natureza,
é um mísero trilar de inseto, a minha fala…

Notas

[1] **Mário Rômulo Linhares** (Fortaleza/CE, 19.08.1889-Rio de Janeiro/RJ, 14.12.1965). Poeta parnasiano, jornalista, escritor, genealogista. Membro das Academias Cearense e Carioca de Letras.

[2] **Ádito**. O que se adiciona a (algo) para torná-lo completo.

[3] **Aedo**. Poeta, bardo, vate. Aedo era, na Grécia antiga, um artista que cantava as epopéias acompanhando-se de um instrumento de música, o forminx – uma espécie de cítara ou lira mais leves. O aedo distingue-se do rapsodo, mais tardio, por compor as próprias obras. Os mais célebres foram Homero e Orfeu (na mitologia).

[4] **Báratro**. Abismo, voragem – o inferno.

[5] **Abílio Manuel Guerra Junqueiro** (Freixo de Espada à Cinta/Portugal, 17.09.1850-Lisboa/Portugal, 07.07.1923). Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, alto funcionário administrativo, político, deputado, jornalista, escritor e poeta. Foi o poeta português mais popular da sua época e o mais típico representante da chamada Escola Nova. Panfletário, a sua poesia ajudou criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República.

[6] **Acalceta**. Terceira pessoa do indicativo presente do raro e antigo verbo acalcetar (Espanha e Portugal). Fixar no tornozelo do prisioneiro argola de ferro (braga, grilheta, grilhão, galé), ligada à cintura por meio de correntes e/ou ao pé de outro prisioneiro. Designava, ainda, o criminoso, o forçado; também à pena imposta ao condenado.

[7] **Medieva**. Medieval.

[8] **Pedro Alexandrino dos Anjos** (Natal/RN, 26.11.1872-Natal/RN, 05.10.1917). Professor e jornalista polêmico. Autodidata, segundo Câmara Cascudo, foi analfabeto até os 24 anos.

[9] **Infrene**. Desprovido de freio, desenfreado; imoderado, nada contido, destemperado, desordenado.

[10] **Iatagã**. Facão longo ou sabre curto, desprovido de guarda e cuja lâmina descreve uma curva em dois sentidos diferentes, usado pelos muçulmanos para execuções ou em combate; atagã.

[11] **Gemífero**. Que produz ou apresenta gemas (pedras preciosas).

[12] **Manoel Arão de Oliveira Campos** (Afogados da Ingazeira/PE, 11.01.1875-Recife/PE, 14.01.1930). Poeta, jornalista polêmico, dramaturgo, romancista. Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico do Estado de Pernambuco. Espírita kardecista (como foi OM) e maçom.

[13] **Algente**. Muito frio, gélido; álgido.

[14] **Citaredo**. Na Grécia antiga, cantor que se apresentava acompanhado pela cítara.

[15] **Salmodia**. Maneira própria de cantar ou de recitar os salmos; no cantochão, a entoação do canto dos salmos.

[16] **Delíquios**. Perdas de sentidos; desfalecimentos, desmaios.

[17] **Joaquim Ferreira Chaves Filho** (Recife/PE, 15.10.1852- Rio de Janeiro/RJ, 12.02.1937). Magistrado, político, foi Ministro da Marinha e da Justiça, Senador da República. Governou o Rio Grande do Norte duas vezes. Em 21 de março de 1916, nomeou OM Segundo Oficial da Secretaria do Governo, cargo cobiçado à época. Sem dúvida nenhuma, merecia o soneto.

[18] **Esvelto**. Esbelto, gracioso, elegante.

[19] **Enfestonado**. Que se adornou de festões (grinalda de frutos, flores, folhagens, pedrarias, etc., entrelaçados usados na ornamentação de fachadas e recintos).

[20] **Víride**. Da cor da relva; verde.

[21] **Aspersa**. Respingada, borrifada.

[22] **Atlânteo**. Variação de atlântico, relativo a esse oceano. "Temperamento atlânteo de gladiador feroz" (Veiga Santos).

[23] **Ortivo**. Relativo a ou situado no Oriente; nascente, oriental.

[24] **Falda**. Parte lateral, lado.

[25] **Esparze**. O mesmo que esparge (do verbo espargir: espalhar, derramar, irradiar, difundir).

[26] **Clementino Hermógenes da Silva Câmara** (Tibau do Sul-Goianinha/RN, 17.01.1888-Natal/RN, 18.09.1954). Professor, jornalista e escritor. Escreveu vários livros, entre os quais *Décadas* (1936). Era protestante e maçom.

[27] **Nebo**. Monte, na atual Jordânia, considerado sagrado. Moisés, antes de morrer, aos 120 anos de idade, teria, dessa elevação, avistado a "Terra Prometida" (Deuteronômio – 34.1).

[28] **Maria Carolina Wanderley** (Assu/RN, 04.01.1891-Natal/RN, 25.08.1975). Professora, dramaturga, poeta e musicista publicou dois livros de poemas: *Alma em versos* (1919) e *Rimário infantil* (1926). Musicou versos de OM, dentre esses os da famosa modinha "Alice". Foi a primeira

mulher a ocupar uma cadeira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

[29] **Páramos**. De "páramo", a abóbada celeste; o firmamento, a amplidão.

[30] **Patacho**. Embarcação antiga, de guerra, de dois mastros.

[31] **Velacho**. Vela que enverga na verga do velacho. Mastaréu (mastro suplementar) que se prolonga do mastro real do traquete.

[32] **Golconda**. Mina de riquezas (no sentido próprio e no figurado). Cidade e fortaleza em ruínas da região central da Índia conhecida por seus tesouros, situada a 11 quilômetros de Hiderabad, no estado de Andhra Pradesh. Tanto a cidade quanto a fortaleza foram construídas sobre uma colina de granito de 120 metros de altura. A origem do forte é do ano 1143, aproximadamente, quando a dinastia hindu dos Kakatiya governava a área. O nome deriva do termo telugú (língua dravídica) Golla Konda, que significa "colina do pastor".

[33] **Gizélia Bezerra Fernandes de Melo** (Jardim do Seridó/RN, 1902-João Pessoa/PB, 1980). Meio-irmã de OM, filha do segundo matrimônio de João Felismino Ribeiro Dantas de Melo com Celsa Bezerra de Araujo Fernandes (ver notas adiante, num dos prefácios do livro *Sertão de espinho e de flor*). Gizélia casou cedo, indo residir em Campina Grande, na Paraíba. Era afilhada de Juvenal Lamartine de Faria e de sua mulher Silvina Bezerra – prima legítima de sua mãe, a boa madrasta de OM.

[34] **Louçã.** Cheia de frescor, de brilho; agradável, bela, viçosa.

[35] **Cíprio**. Da ilha de Chipre (Mediterrâneo oriental); cipriota, chiprense, cíprico.

[36] **Brunido**. Lustroso, luzidio, primoroso, polido, brilhante.

[37] **Penélope**. A mulher de Ulisses, rei de Ítaca.

[38] **In pulverem**. *Pulvis es et in pulverem reverteris* (Vulgata, Gênesis 3.19): "Tu és pó, e ao pó tornarás."

[39] **Vitualha**. Vívere, comida, alimento.

[40] **Ultriz**. A que vinga, que pune, feminino de ultor, vingador.

[41] **Nirvana**. No budismo, estado de ausência total de sofrimento; paz e plenitude a que se chega por uma evasão de si que é a realização da sabedoria. Quietude perpétua. Apatia, inércia.

[42] **José Augusto Soares de Araújo** (Natal/RN, 28.02.1893-Rio de Ja-

neiro/RJ, 29.01.1922). Poeta e jornalista. Estudava Medicina no Rio, onde faleceu, tuberculoso.

[43] **Umbrosa**. Que tem ou produz sombra; escuro, sombrio.

[44] **Alfred Victor de Vigny** (Loches/França, 27.03.1797-17.09.1863). Poeta e pensador francês.

[45] **Antero Tarquínio de Quental** (Ponta Delgada/Portugal, 18/04/1842-11.09.1891). Bacharel, escritor, político, tipógrafo e poeta português. Um dos fundadores do grupo Cenáculo, de que fizeram parte, entre outros, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Em 1874, adoeceu de psicose maníaco-depressiva, acabando por suicidar-se. Antero defendia a poesia como Voz da Revolução, como forma de alertar as consciências para as desigualdades sociais e para os problemas da humanidade.

[46] **Pego**. Abismo no mar, pélago; voragem.

[47] **Torvo**. Que causa ou infunde terror; iracundo, terrível.

[48] **Anátema**. Reprovação enérgica; condenação, repreensão, maldição, execração, excomunhão.

[49] **Revel**. Revoltada, insurgente, rebelde, teimosa.

[50] **Estige (Styx)**. Um dos rios do inferno clássico. Os outros são o Aqueronte, o Flegetonte, o Letes e o Cócito. O Estige é um rio pantanoso que cerca a cidade de Dite. É também o quinto círculo onde ficam submersos os iracundos. Os vencidos pela ira são amontoados no rio Estige juntos com seus semelhantes que não conseguiram controlar a raiva. Submetidos, assim, aos efeitos da ira causados por seus semelhantes, e então se mordem, se batem e se torturam. No fundo do Estige estão os rancorosos que, por nunca terem externado sua ira, não podem subir à superfície e ficam a gorgolar a lama no fundo do rio.

[51] **Tantalizado**. Que se tantalizou; atormentado por desejo de realização ou consecução impossível; fortemente atraído, maravilhado, siderado.

[52] **Maurice Polydore-Marie-Bernard Maeterlinck** (Ghent/Bélgica, 29.08.1862-Nice/França, 06.05.1949). Poeta simbolista, dramaturgo e escritor belga. Em tom místico escreve livros que discutem o destino humano, como *O tesouro dos humildes* (1896), *A sabedoria e o destino* (1898), e sobre os mistérios da natureza, como *A vida das abelhas* (1901), *A vida das térmitas*, *A vida das formigas* e *A inteligência das flores* (1907), que mesmo sem rigor científico foram amplamente lidos em todo o mundo.

[53] **Escandescida**. Candente, inflamada, rubra.

[54] **Clâmide**. Na Grécia antiga, manto que se prendia por um broche ao pescoço ou aos ombros.

[55] **Almagre**. Argila avermelhada (ocre vermelho).

[56] **Acairela**. Pôe cairel (fita) em; guarnece ou adorna com cairel; cairela, debrua.

[57] **Ocídua**. Que se encaminha para o ocaso, para o fim

[58] **Celagem**. Matiz do céu, especialmente as cores do horizonte, à hora do crepúsculo e da alvorada.

[59] **Nimbando**. Cercando de nimbo, em círculo luminoso; aureolando.

[60] **Litanias**. Ladainhas.

[61] **Panteístas**. Adeptas, crentes do Panteísmo: doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o universo.

[62] **Zaratustra** (ou Zoroastro). Profeta persa, nascido em meados do século VII, fundador do Masdeísmo ou Zoroastrismo.

[63] **Padre Antônio Vieira** (Lisboa/Portugal, 06.02.1608-Salvador/BA, 18.07.1697). Religioso, escritor e orador português da Companhia de Jesus. Um dos mais influentes personagens do século XVII em termos de política, destacou-se como missionário em terras brasileiras. Defendeu infatigavelmente os direitos humanos dos povos indígenas, combatendo a sua exploração e escravização. Era por eles chamado de PaiAssu (Grande Pai, em tupi). Defendeu também os judeus, a abolição da distinção entre cristãos-novos (judeus convertidos, perseguidos à época pela Inquisição) e cristãos-velhos (os católicos tradicionais), e a abolição da escravatura. Criticou severamente os sacerdotes da sua época e a própria Inquisição.

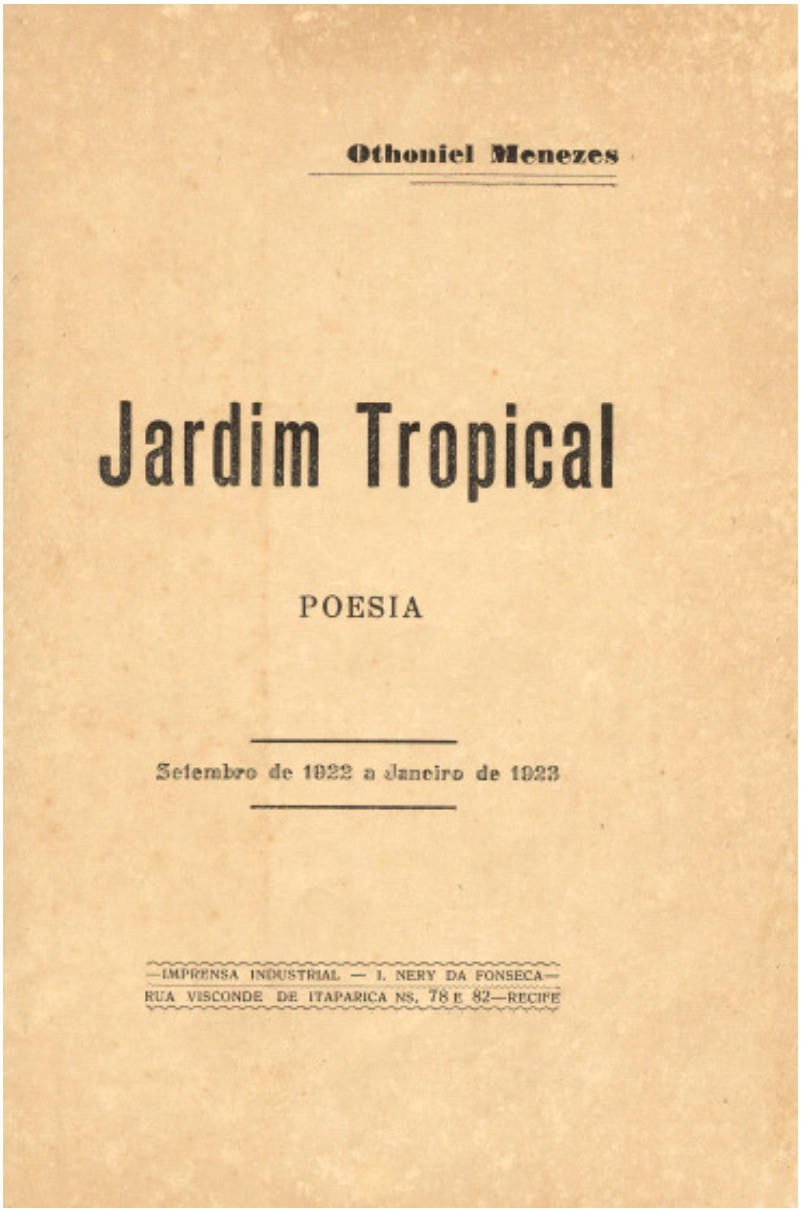
[64] **Victor Hugo**. Nasceu em Besançon, na França,em 26.02.1802 , e faleceu em Paris, em 13.05.1885. Poeta, romancista, dramaturgo e um dos mais importantes escritores românticos franceses do século XIX. Uma das obras mais conhecidas de Hugo é *Notre Dame de Paris* (também conhecida como *O corcunda de Notre-Dame*), escrita em 1831, além de *Les miserables* (*Os miseráveis*), de 1862.

[65] **Primeva**. Que existiu outrora; velha, antiga, primitiva.

[66] **Onímoda**. Que é de todos os modos; que abrange todos os modos de ser; que abrange tudo, que não tem restrições; ilimitada.

Jardim tropical

[1923]



Capa da edição de 1923

Jardim tropical

No Jardim tropical, dentre a cheirosa rama,
Clóris[1] desabotoa os manacás e os nardos.
Vai Locusta,[2] sutil demônio de olhos pardos,
e o veneno e a traição nas corolas derrama…

Vida e morte. Esplendor e sombra. A inquieta
chama
da asa dos colibris arde, ao sol; dormem tardos
ofídios; a água canta, em diamantes se inflama…
Floram, sangrentamente, os mulungus e os cardos…

Na hora miracular da gênese, a mãe-terra,
nutriz, multifecunda, as entranhas descerra
para a glória da luz, num parto augusto e belo…

A pletora da selva abre em festões! Na falda
se ergue, qual o de um rei, sobre um trono
esmeralda.
– o diadema solar do pau-d'arco-amarelo!

Pindorama[3]

Berço do meu amor, onde desperto
à luz de um sol perene, e em cujo seio
rasga o Amazonas portentoso veio
de pompa e seiva tropical referto[4]!

Canaã de ouro e palma! sonho aberto
em fartura e esplendor, sonoro, cheio
da voz das juritis, do gargarejo
das seriemas, no sertão deserto!

Teus lindos mares fúlgidos, bravios,
verdejam, norte a sul, gloriosamente,
embalando as jangadas e os navios…

E o Cruzeiro, a abençoar, do céu profundo,
guia a tua bandeira para frente,
– promissão do porvir do Novo Mundo!

Flamboyant

Todo rubro – um clarim do verão, na folhagem –
a fronde chamejando ao sol do meio-dia,
o altivo *flamboyant* lembra um rei de poesia
soturno, a delirar, vendo em sangue a roupagem…

Mágoa de haver perdido a princesa, que o pajem
lhe roubara, depois do combate, em que a fria
lâmina do florete o abateu! A magia
de uma fada cruel lhe transmudou a imagem…

Chumbado à terra negra, hoje, é árvore. O escuro
corpanzil de guerreiro apruma, além do muro,
e parece bradar o alarma contra o pajem…

Mostra do antigo drama a chaga, ardendo, acesa
no peito ensangüentado – em flor, sobre a paisagem –,
sonhando um novo duelo e esperando a princesa!

Thalassa![5]

(Subindo a encosta do morro para Areia Preta)

Salve, mar condoreiro, aos quatro ventos
a proclamar essa eloqüência eterna!
Só mesmo Deus, criador de mil portentos,
teu portentoso coração governa!

Amo-te a força, a cólera superna,
com que espedaças teus bulcões[6] violentos!
ou guaiando[7] saudades e lamentos,
dentro da tarde suspirosa e terna.

Tens carícias, tens ímpetos românticos:
– cantas, na humilde esteira das jangadas,
– blasfemas aos parcéis[8] e aos transatlânticos…

És santo e réu de morte! esfinge, em cujos
lábios gemem galeras naufragadas,
imprecações e adeuses de marujos…

A serenata do mar

Sobre o tristor[9] do dia findo
por trás dos morros, num céu lindo,
saudosamente, a lua cheia
vem, fantasmática,[10] surgindo…
Beija os coqueiros… vai subindo…
as amplidões banha e clareia!

O mar, que tem à lua branca
amor antigo e singular,
põe-se a cantar, põe-se a chorar.
Do peito azul, magoado, arranca
lamentações… à lua branca
tenta subir – para noivar…

Serenamente, altiva e nua,
deusa intangível, resplandece,
brilha nas ondas; continua
subindo, a lua. Empalidece…
– E a voz do mar lembra uma prece
de dor suprema, erguida à lua,,,

Ai! quem lhe dera esses desejos
à virgem pálida contar!
e, em turbilhões de espuma e beijos,
– das ardentias[11] aos lampejos,
nos braços verdes a embalar!
nos seus palácios a abismar!

O mar, ciumento, odeia o monte,
porque a lua, quando nasce,
beija, primeiro, a sua face,
– alta e formosa, no horizonte…
Ah! se o dilúvio retornasse!
levantaria, então, a fronte…

– "O teu palor[12] de neve e prata,
"oh lua gélida, desata
"por solidões e por vergéis!
"A minha eterna serenata,
"meu desespero, minha oblata,[13]
hei de cantar sempre a teus pés!"

É assim que o mar, à lua branca,
diz os seus tristes madrigais.
Do coração profundo, arranca
hinos, canções sentimentais.
E sempre, sempre, a lua branca
vai se elevando… sobe mais…

Serenamente, meiga e altiva,
a imensidão do céu clareia…
E o mar, ao vê-la fugitiva,
canta, soluça, espuma, anseia,
a dor suprema acorda, aviva,
– desfaz-se em beijos sobre a areia!

Sob as mangueiras

À sombra destas mangueiras,
sussurrantes, altaneiras,
pensativo, horas inteiras,
me enterneço, a recordar.
E não sei porque este sonho,
tão querido, tão risonho,
de te ver e de te amar,
– veio em lágrimas findar!

Foi ao dossel[14] destes ramos
que, tanta vez, nos amamos,
da tarde morna ao cair…
Branca de medo e cansaço,
reclinavas, no meu braço,
a cabecinha – a sorrir…

Não sei se lembras ainda
aquela noite, tão linda,
em que, ao luar, tu me deste
tanto beijo que, entre olores,
voltou crivado de flores
teu vestido azul-celeste…

As mangueiras perfumosas,
altas, serenas, frondosas,
cheias de mangas e ninhos,
eram do nosso noivado

o virginal cortinado,
verde, sonoro, encantado,
repleto de passarinhos!

Perto, os vem-vens e as cigarras
faziam coro às algazarras
dos teus irmãos a brincar.
Vinha dos morros fronteiros
o aroma dos cajueiros,
a voz sentida do mar.

Enchias as saias curtas
de guabirabas e murtas,
que me davas, com langor,
– mais cheirosas que no galho –,
embalsamadas no orvalho
da tua boca de flor...

Íamos ver, pela praia,
à hora em que o sol desmaia,
e a brisa as margens refresca,
retornarem, de uma a uma,
– com as proas brancas de espuma –
as jangadinhas de pesca.

Dizias, olhando as velas:
– "Se eu fosse um dia, com elas,
e não pudesse voltar?"–
Eu tornava: – "Mudo e quedo,

"sozinho, neste rochedo,
"morreria… a te esperar!"–

Quanta poesia vivida,
na quadra, nunca esquecida,
das nossas juras primeiras!
Os idílios, pelo monte,
o verde-mar, no horizonte…
a casinha entre as mangueiras…

Hoje, entretanto, que resta
dessa antiga e doce festa,
da natureza ao fulgor?
– só as mangueiras, ao vento…
e a saudade, que é o tormento
dos que sofrem mal de amor!

Costureirinha

Toda de luto, merencória,[15] passa
para o trabalho, diariamente, a bela
costureirinha, cujo olhar revela
não sei que triste, dolorosa graça!

Em muitos corações gorjeia, esvoaça
a andorinha gentil do amor, quando ela
– toda de preto, cismativa, passa –
tão boa, tão formosa, tão singela!

Na oficina, a lidar, faz maravilhas:
– arabescos de aljôfar,[16] uma rosa
de veludo ou de seda, entre escumilhas.

E apura-se no afã, com tal cuidado
que parece bordar, triste e amorosa,
– o florido enxoval do seu noivado!

Camponesa

Violeta, a mais gentil das camponesas,
de olhos azuis e cabeleira flava,[17]
enquanto o sol tudo redoura e lava,
corre montes, campinas e devesas.[18]

Da luz, somente, companheira e escrava,
– as pupilas na luz radiante acessas –,
repete os estribilhos e as tristezas
do pintassilgo ou da rolinha brava.

De manhã, quando ri pelos caminhos,
fulgem[19] corolas e palpitam ninhos,
as borboletas cruzam-se num bando.

E os montes, as campinas, as devesas,
enchem-se, todos, de rumor, cantando:
– Bom-dia, flor gentil das camponesas!

O vigia

I

Calma. No porto. A noite, aziaga[20] e preta,
abisma-se, a espalhar mistério e susto.
Parece um grito humano, ansioso, angusto,[21]
a vibração pausada da sineta…

Mudamente, o armazém ergue a silhueta,
qual de um colosso egípcio o enorme busto.
O Potengi, na toada da mareta,
chora, como num leito de Procusto…[22]

Longe, o farol a luz saudosa eleva.
Queda o rebocador, monstro marinho,
cérbero[23] negro, a dormitar na treva…

E o vigia, o notâmbulo grilheta[24]
do sono, vibra, da água ao burburinho,
o compassado alarma da sineta!

II

Dentro da noite, a cujo imenso tédio
se acostumou, sentindo o seu fadário,[25]
cisma o vigia, ao múrmuro[26] epicédio[27]
da voz das águas – quieto e solitário.

Da lanterna ao lampejo funerário,
tenta, às vezes, dormir – o medo impede-o!
Que fazer, se essa vida é sem remédio,
e a fome é a cruz e o fel do seu calvário?

Olha o rio. Silêncio... Anda, vagueia;
passa e repassa, maquinal, vigiando;
procura rastros de ladrão na areia...

Volta, mudo, a cismar... Pobre calceta![28]
– Sei que é o teu coração, que está chorando,
na pulsação pausada da sineta!

Onde mora Zaineb[29]

Fica entre ramas, plácidas, escondida
na estrelada verdura de uma sebe,
longe do ruído intenso da avenida,
a risonha casinha de Zaineb.

É uma choupana, meus amigos! Bebe
pela janela humílima e fendida,
a água gelada deste inverno! A vida
chora, nos olhos negros de Zaineb…

Nossa afeição, no entanto, de tão pura,
doura, espiritualiza, transfigura
da realidade os ríspidos açoites.

Sei que, quando vou vê-la – em sonho e prece –,
sua pobre casinha me aparece
como um castelo das *Mil e Uma Noites*…[30]

O ferreiro

A Jorge Fernandes[31]

Mal desponta a manhã dourada e morna,
o ferreiro – alma rija, adamantina[32] –
bate, dentro da luz gloriosa e fina,
o *rem-tém-tém* vibrante da bigorna.

Faísca a limalha. O fole assopra. Torna
o artífice a bater. Rebate. Afina
a barra incandescente. Arfa… A oficina
de um resplandor vulcânico se adorna!

É este afã, dia a dia, imenso, eterno.
Canta, o ferreiro! Forja. É um bom gigante,
mourejando num círculo do inferno…

Gilliat[33], no mar de fogo do trabalho…
– fez-lhe Deus a alma invicta, assim constante,
do mesmo ferro de que é feito o malho!

Estâncias

Quando a noite o veludo embalsamado
da esplendorosa cabeleira ostenta,
é-me grato esta mágoa lutulenta[34]
embebedar do vinho do passado!
É'um milagre, o passado! gota fria
de orvalho sobre a pétala pendida…
Beijo de luar, clarão de ave-maria,
dourando a cruz à velha torre erguida!

Nestas horas, tão plácidas, da noite,
quando as almas se encontram nas estrelas,
para fugir do tédio ao fundo açoite,
basta acordar lembranças – e vivê-las…
Elas vão, peregrinas mariposas,
de coração em coração, pairando…
(Os corações são cristalinas lousas,
ao pé de sempre-vivas branquejando.)

Ao voltarem, nas asas consteladas,
vêm trazendo, num cântico risonho,
respostas, confissões apaixonadas,
– pólen de amores, floração de sonho!
Era assim, quando amávamos, outrora,
e era uma estrada rósea, nossa vida:
– na noite azul, chegava-me, sonora,
de estrela a estrela, a tua voz, querida…
Hoje, que tudo é findo, ninguém sofre

tortura igual à minha! Eternamente,
será meu coração chumbado cofre
das amarguras todas do presente!
Ser moço, não importa; a gente vive
cem anos, num momento... Quantas horas
sonho, a ver desfilar, queimando auroras,
a turba das quimeras que já tive!

Dessa "Via láctea" na aromada trilha,
foste constelação; hoje, és saudade,
– antélio[35] que, entre a névoa, ao longe, brilha,
– fantasma esquivo da felicidade!
Na calma da hora morta, no entretanto,
quando, ao sereno, o bogari trescala,
cuido ouvir, abafado em longo pranto,
o etéreo rouxinol da tua fala...

Amo, por isso, a noite imensa e casta,
a cujos pés lucíferos[36] prostrado,
sob a cruz que minha alma, inerme, arrasta,
rezo o meu evangelho do passado!
Sim! o passado é um bálsamo, no açoite
da chaga ardente que nos punge a vida,
sursum corda[37] de luar, dentro da noite,
beijando a cruz da velha torre erguida!

Natal

(Um aspecto)

No sortilégio das visões do luar,
noite velha, Natal, triste e sem vida,
é uma aldeia lendária, adormecida
aos suspiros do rio e aos trons[38] do mar.

Merencória, na calma tumular
das praças e jardins, a luz trepida.
Lesto,[39] esgueira-se um vulto de perdida…
O eco das serenatas chora no ar.

Sussurram coqueirais, nos sítios. Corta,
surdo, o tropel da ronda, o medieval
recolhimento da cidade morta…

Morta, à margem do rio toda acesa
no plenilúnio, é um burgo de Veneza,
na água fosca e parada do canal…

1917

Pela mão de Dante

Sujeita às mutações tristes da vida,
que há de a gente concluir, senão que o passo
dado, no mesmo círculo de espaço,
pode ser de ascensão ou ser descida?

Em meio a tanta lágrima vertida,
tanto drama em redor, seguindo o traço
de todos os destinos, o compasso
do estuar[40] dos corações – é dor sentida!

As horas morrem, longas, na esperança
da redenção, que o espírito afrontado
nem sabe, ao menos, se merece ou alcança…

A descrença e a ilusão são filhas gêmeas
deste tormento, em que se cumpre o fado[41]
– a alma tonta de anelos[42] e blasfêmias!

Deus

Sinto, no meu silêncio merencório,
pendida na oração a fronte mesta,[43]
a harmonia que és tu, desde o infusório[44]
ao torvo paquiderme da floresta!

Desde os gigantes vegetais à giesta![45]
do verme ao homem ! Do esplendor fosfóreo
do raio, à voz do mar glauco[46] e estentóreo![47]
das avezinhas na canora festa!

Teu poder rege o cosmos, fibra a fibra!
Dentro do espaço as forças equilibra,
– em milhões de milhões de astros converso![48]

Qual a soberba que inda se sustenta,
diante de Quem, apenas, representa
um grão de areia, humílimo, o Universo?

Crença de outrora

Oh Simples! quem me dera, esta certeza
com que volveis os olhos para o céu,
– a alma na fé constantemente acesa,
constantemente límpida, sem véu!

Da existência do escuro macaréu,[49]
vim rolando, perdido, às tontas, presa
do pecado, do tédio e da tristeza,
no fatalismo do meu sonho incréu…[50]

Que saudade do tempo em que, pequeno,
ouvindo o sino a soluçar, e o treno
das oblações, da tarde ao doce fim,

via, no altar, florido, como agora,
pálida, a cintilar, Nossa Senhora,
toda de azul – sorrindo para mim…

O aeroplano

A João Menezes de Melo,[51] meu irmão.

Zunindo, em longas curvas singulares,
no esplendor de um verão americano,
– gigantesca libélula –, o aeroplano
galga o horizonte e apruma-se nos ares.

Em poucas horas, léguas, aos milhares,
vence; atinge o apogeu do vôo, ufano…
Paira, afrontosamente, soberano,
sobre florestas, precipícios, mares.

Sobre as nuvens! – É um pássaro fantasma!
Em baixo, a multidão segue-lhe, pasma,
a vertigem do assomo condoreiro…

Sobe, direto ao sol e à glória! e, avante,
leva-o – mais que a sua hélice possante –
o coração de herói do timoneiro!

Poema da noite

Repassada de augúrios e perfumes
sobre a calma da terra adormecida
e exausta de emoções, de ânsias, de vida,
– côncava, a noite azul reacende os lumes

das estrelas. Milhões de vagalumes
piscam, na treva. E, diáfana, expandida,
a Via Láctea, a esplêndida avenida,
desdobra, a fulgurar! Noite! – resumes

muitas das grandes gestações secretas
da Natureza! A esta hora, nascem rosas
no teu sossego, noite imensa e bela!

E a alma branca dos noivos e dos poetas,
das crianças a dormir, das mães piedosas,
– toda em sonhos e beijos se constela!

Perfeição

> Um immense fleuve d'oubli nous entraîne dans
> un gouffre sans nom.
> Ô abime, tu es le dieu unique!
> Tout n'est ici-bas que symbole et que songe...
> Les dieux passent comme les hommes...
>
> Renan (Prière)

Diana[52] dos olhos verdes, intangível,
que persegui, febril, na ânsia tamanha
da beleza perfeita, cujo nível
somente o que venceu teus passos, ganha!

Ficarei na planície – dor terrível! –,
vendo-te o rastro ardente, na montanha
alta, serena, augusta, intransponível
– que o sol da glória, esplendoroso, banha...

Na tortura sisífica[53] da Forma,
por ti, em vão, tentei dar vida e norma
às atitudes do meu ser profundo.

Não te alcancei! Pesar de poeta, assiste
ao meu destino, a prova humana e triste:
– encher de amor e lágrimas o mundo!

Notas

[1] **Clóris**. Uma das Alceíades, ninfa das flores. Apesar de ser uma ninfa completa, dizem ter descendência mortal por parte de mãe. Foi a última amante de Zéfiro, o vento Oeste. Depois do casamento, Hera e Afrodite a converteram em deusa das flores. Com Zéfiro teve Carpo, o deus dos frutos, mas ainda dizem que teve outros amantes. Em Roma, recebia o nome de Flora.

[2] **Locusta**. Célebre envenenadora. Na velha Roma, era uma mulher cujos venenos estavam destinados a intervir na história romana. Sua atividade nefasta – observada por Tácito – havia sido considerada como importante instrumento na turbulenta política do império. Sua primeira vítima foi o imperador Cláudio, cuja morte foi decidida por Agripina, sua ambiciosa consorte. Locusta, por ordem da imperatriz, preparou o veneno que o eunuco Haloto deu ao imperador. Britânico, filho de Cláudio com Messalina, foi, também, vítima das poções de Locusta, cúmplice de Nero, desta feita, na empreitada.

[3] **Pindorama**. Em tupi-guarani pindó-rama ou pindó-retama – terra, lugar, região das palmeiras. É uma designação pré-cabralina dada a regiões que mais tarde formariam o Brasil. Por extensão de significado, é o nome indígena por excelência do País.

[4] **Referto**. Muito cheio, pleno, volumoso.

[5] **Thalassa**. Palavra grega que significa mar. Os soldados de Xenofonte bradaram-na, ao avistar o Mediterrâneo depois de dura campanha contra os persas.

[6] **Bulcões**. Remoinho de um fluido e/ou de partículas sólidas num turbilhão denso.

[7] **Guaiando**. Soltando guais, suspiros, soluços, lamentos; queixando-se, lastimando-se; cantando em tom de lamento, de pranto; pranteando; dizendo, proferindo (algo) em tom lamentoso; produzindo sons (especialmente o vento) que evocam lamentos.

[8] **Parcéis**. Escolhos, recifes, baixios.

[9] **Tristor**. Tristeza, melancolia.

[10] **Fantasmática**. Fantasmagórica: irreal, fantástica.

[11] **Ardentias**. Brilhos, fosforescências, cintilações de cores.

[12] **Palor**. Palidez.

[13] **Oblata**. Oferenda piedosa; qualquer oferenda.

[14] **Dossel.** Armação ornamental, saliente, forrada e franjada, que encima altar, trono, leito, etc.; sobrecéu; cobertura de flores; copa de verdura.

[15] **Merencória**. Melancólica, triste, sombria.

[16] **Aljôfar**. Pérola menos fina, muito miúda e irregular.

[17] **Flava**. Amarelada ou dourada; fulva, loura.

[18] **Devesas**. Alameda ou arvoredo que circunda um terreno; mata ou arvoredo em terreno cercado ou murado; campo fértil às margens de um rio.

[19] **Fulgem**. Brilham, resplandescem, fulguram.

[20] **Aziaga**. Que traz má sorte, de mau agouro; azarenta, infausta, nefasta; que faz recear infortúnio, agourenta.

[21] **Angusto**. Sem espaço; apertado, constrito.

[22] **Procusto**. Alusão ao personagem mitológico grego que torturava viajantes numa cama de ferro: caso a vítima fosse menor que a cama, esticava-lhe os membros até caber nela; caso fosse maior, cortava-os fora.

[23] **Cérbero**. Na Grécia antiga, cão tricéfalo, guardião dos infernos.

[24] **Grilheta**. Prisioneiro, forçado, galé, condenado, calceta.

[25] **Fadário**. Vida trabalhosa e difícil

[26] **Múrmuro**. Murmurante.

[27] **Epicédio**. Hino fúnebre, freqüentemente improvisado, que se cantava nas cerimônias dos funerais; lamentação na forma de poema lírico ou sinfônico, ou discurso, dedicado à memória de alguém.

[28] **Calceta**. Criminoso condenado à calceta; forçado, grilheta, prisioneiro.

[29] **Zaineb**. Nome, antropônimo, de mulher árabe.

[30] **As mil e uma noites** (Alf Lailah Oua Lailah). Obra clássica da literatura árabe, consistindo numa coleção de contos orientais compilados provavelmente entre os séculos XIII e XVI. São estruturados como histórias em cadeia, em que cada conto termina com uma deixa que o liga ao seguinte. Essa estruturação força o ouvinte curioso a retornar para continuar a história, interrompida com suspense no ar. O uso do número 1001 sugere que podem aparecer mais histórias, ligadas por um fio condutor infinito. Usar 1000 talvez desse a idéia de fechamento, inteiro, que não caracteriza a proposta da obra.

[31] **Jorge Fernandes de Oliveira** (Natal/RN, 22.08.1887-17.07.1953). Poeta. Considerado por pesquisadores o precursor do Modernismo no Rio Grande do Norte. Foi comerciante, funcionário público e dramaturgo.

[32] **Adamantina**. Que tem brilho e rijeza semelhantes ao diamante; firme, íntegra, incorrutível.

[33] **Gilliat**. Personagem do romance *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Na obra formidável, o autor indica a fatalidade das coisas, trazendo o oceano e o homem num jogo aterrorizante de luta e preconceito, mas ao mesmo tempo libertador. Gilliat é um pescador rude, inteiramente nobre, que aprende a viver sozinho desde criança, quando sua suposta mãe falece.

[34] **Lutulenta**. Que ofende, agride.

[35] **Antélio**. Imagem do sol que, semelhante a uma mancha branca, aparece na atmosfera em posição oposta ao astro mas a igual altura do mesmo; na esfera celeste, ponto diametralmente oposto ao sol; anti-hélio.

[36] **Lucíferos**. Luminosos, claros, luzentes.

[37] **Sursum corda**. Expressão litúrgica latina que significa corações ao alto.

[38] **Trons.** Estrondos de canhão, tiros, sons de trovão.

[39] **Lesto**. Que se move com desembaraço, ligeireza; que mostra agilidade, velocidade; lépido, expedito, rápido, apressado, ligeiro, ágil.

[40] **Estuar**. Agitar-se, vibrar, pulsar.

[41] **Fado**. Sorte, destino, estrela, vaticínio – o que, necessariamente, tem de ser.

[42] **Anelos**. Desejo intenso, anelação, anélito, aspiração.

[43] **Mesta**. De aspecto sombrio, lúgubre.

[44] **Infusório**. Ramo taxonômico de classificações pioneiras que designava todos os diminutos seres presentes nas infusões (até o início do século XIX, eram incluídos sob esta categoria os atuais protistas e alguns nematóides, briozoários e rotíferos).

[45] **Giesta**. Planta de propriedades medicinais e para o fabrico de vassouras; gesta, giesteira, giesteiro.

[46] **Glauco**. Esverdeado, verde-claro, verde-azulado.

[47] **Estentóreo**. Possante, retumbante; que tem a voz muito forte.

[48] **Converso**. Convertido.

[49] **Macaréu**. Grande onda de arrebentação, produzida em certos estuários pelo encontro da corrente descendente do rio e as águas da maré montante.

[50] **Incréu**. Incrédulo, sem fé, descrente.

[51] **João Menezes de Melo** (Natal/RN, 1896-Rio de Janeiro/RJ, 1920). Pioneiro e mártir da aviação militar brasileira (foi a sexta vítima). O primeiro aveador do Rio Grande do Norte. Sargento-piloto, da 2ª. Turma da Escola de Aviação do Exército. Voando num Nieuport (de caça), morreu, caiu do céu, aos 24 anos, em Marechal Hermes, subúrbio do então Distrito Federal, no Rio de Janeiro/RJ, nas proximidades do lendário Campo dos Afonsos, no dia 29 de setembro de 1920. No início da carreira militar, em 1913/1914, combateu, de arma na mão, os jagunços do "Padim Ciço" do Juazeiro, no Ceará. Poeta, também. OM anotou, na primeira edição deste livro: "Este soneto foi escrito para a glória de João Menezes, meu querido irmão, morto no grande desastre de 29 de setembro de 1920, no Campo dos Afonsos quando, intrépido sargento-aveador, tentava o Parafuso da Morte, num dos aparelhos escangalhados que a França nos impingiu. Deixa de ser publicado aqui o que se disse, a respeito, na revista *Terra Natal*, porque pretendo, oportunamente, de maneira menos inócua, estigmatizar o canalha do oficial francês responsável pela morte de João Menezes".

[52] **Diana**. A Artemis grega. Era a deusa romana da lua e da caça, filha de Júpiter e de Latona e irmã mais velha de Apolo. Era muito ciosa de sua virgindade. Na mais famosa de suas aventuras, transformou em um cervo o caçador Acteão, que a viu nua durante o banho.

[53] **Sisífica**. Relativo ao mito grego de Sísifo, a quem os deuses condenaram a, incessantemente, rolar uma rocha até o topo de uma montanha, de onde a pedra cairia de volta devido ao seu próprio peso. Pensaram, com alguma razão, que não há punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.

Sertão de espinho e de flor

Aspectos do panorama físico e social dos sertões norte-rio-grandenses

Capa da edição de 1952

Prefácio à primeira edição

Ecce…[1]

Othoniel Menezes, natalense, acompanhou o pai ao sertão e lá se fez rapaz. Ficou emocionalmente sertanejo. Todas as impressões subseqüentes foram impostas na primitiva chapa infantil, já cheia de imagens vivas, nítidas, secas, sugestivas, água-forte que se denuncia, olhada contra o sol, como um desenho de tinta simpática, inconfundível, atravessando a massa das anotações posteriores.

Com seu primeiro livro, *Gérmen*, logo depois dos vinte anos, e *Jardim tropical*, antes dos trinta, Othoniel, tanto mais alto sobe à luminosidade do seu dia vital, mais se aproxima da paisagem inicial de sua infância, figuras e almas, quadros e evocações imperecíveis, como gravadas na pedra branca dos serrotes, onde espreitou a corrida macia dos mocós.

Vivendo na cidade, como um exilado, incompreendido e incompreendendo, sozinho, arredio, orgulhoso na sua pobreza como Barbey d'Aurevilly[2] nas alturas de sua mansarda, Othoniel ouviu o coração cantar a história velha da primeira emoção.

Dizem que as conchas marinhas guardam nas curvas da voluta[3] o rumor amplo de todas as vagas do mar alto. Herédia[4] falara a uma concha:

Longue et desesperée,
en toi gémit toujours la grande voix des mers

Essa voz doce e fiel ressuscitou o mundo de outrora, o horizonte do sertão, para o poeta. Todos os elementos desceram, como rios cantantes, para o estuário de um livro de versos.

Os sertanejos que residem distante da terra ardente que lhes deixou nos olhos a reverberação cegadora dos mormaços, o candelabro dos cardeiros imóveis recortados no azul da imensidão, o pereiro verde, o pau-d'arqueiro estrelado de flores de ouro, o gado lento, a tarde silenciosa interrompida pela ondulação melancólica do aboio, vejam com que adamantina transparência a saudade gravou na memória miraculosa do Poeta todos os aspectos, vocabulários e visões, fazendo-os vivos e presentes numa desfilada impressionante de beleza, de naturalidade e de graça espiritual.

Em Montfort-l'Amaury (Seine-et-Oise), há anualmente a festa dos bretões que moram em Paris. Montfort pertenceu ao apanágio dos duques da Bretanha, até que a província se reuniu à França, com o casamento de Ana da Bretanha com o delfim Carlos, o futuro Carlos VIII. E, enviuvando, casou com Luis XII. Não podendo deixar a cidade tentacular e voltar a ouvir o biniou,[5] atravessando *la lande, la lande* para o perdão de Santana d'Auray, os bretões se reúnem em Montfort-l'Amaury e revivem a terra longínqua.

Charles Le Goffie,[6] saudando os patrícios bretões no *Pardon de la Reine Anne*, vindos de Paris para rever a Bretanha, disse:

Levez-vous! C'est aujourd'hui fête,
ó fronts courbés par la défaite,
ó coeurs abreuvés de degoùts.
Puisque, rivés à votre bagne,
vous n'alliez pas à la Brétagne,
la Bretagne est venue à vous!

Todo o sertão – como o gigante das *Mil e uma noites* coube no bojo de uma garrafa de cristal – está inteiro neste livro, prisioneiro do poder poético que tudo arrebatou, árvores e vaqueiros, serras e gados, várzeas, tabuleiros, silêncios doces, frêmitos do meio-dia, tardes de contemplação, noites de estrelas vivas:

> Sertão selvagem de Euclides!
> prosaicamente progrides,
> mas, nada te corrompeu!
> Paraíso de minha infância,
> ingênuo como uma estância
> de Casimiro de Abreul[7]
>
> Touceira de xiquexique,
> cercadão de pau-a-pique,
> dez léguas de tombador...
> Mar de panasco dourado,
> bogari, cravo encarnado
> – SERTÃO DE ESPINHO E DE FLOR!

Mantendo o ritmo tradicional e secular do setissílabo, gênio do idioma, molde popular, na fórmula AABCCB,[8] de notável formosura em sua simplicidade, o poeta realizou o poema do sertão vivo, em rimas naturais, rápidas, inesgotáveis, espelhando em pormenor e conjunto, psicologia, crítica social, etnografia, folclore, com o conhecimento infinito de fauna e flora, costumes, modismos, o próprio mecanismo do raciocínio; precisando, de maneira impecável e feliz, uma sucessão de frases e de imagens que fotografam, sem retoque e sem pose, o sertão, com seus espinhos e suas flores:

> Ah! Quem me dera, o tesouro
> da lira mágica, de ouro,
> que Apolo[9] deu a Anfion![10]

Desses penhascos da serra,
te ergueria, oh minha terra,
portentoso panteon!

Rente às nuvens, o idealizo:
vaqueiros, de pé, no friso,
e um juazeiro, o coruchéu
– emblema das tuas dores,
verde, entre espinhos e flores,
bebendo a chuva – no Céu!

Um dos primeiros monumentos aí está, feito com sonho, sofrimento e talento vivo, neste poema ímpar pela sua força expressiva, intensidade lírica, grandeza emocional e abaladora dos corações que batam na cadência do solidarismo humano.

O terceiro livro de Othoniel Menezes, um poeta dos maiores do Brasil, fecha um ciclo de inapagável repercussão intelectual. É um poema fiel à terra, e sem as convenções de qualquer coloração suspeita ao ambiente que transportou para o livro. É um Sertão viril, resistindo, atravessando a pedra para encontrar água, cavando o Assude, emigrando ou não emigrando, mas possuindo um bom humor natural, um rico filão inesgotável de filosofia compreensiva, explicando cataclismos e injustiças, com o inesperado de uma comparação espontânea, de inacreditável verismo[11] pictórico, de rara felicidade ao ajustar-se à figura causadora do malefício coletivo.

Othoniel Menezes, testemunha presencial de vaquejadas e feiras, jornadas nos comboios que a madrinha dirige com o sonido de sua campainha cristalina; sabedor de segredos e do ambiente exato e completo, não angulou as fisionomias para os efeitos de uma tragédia perpétua, nem as caricaturou para a representação nos programas "caipiras" de palco e de rádio, longe da justiça e da lógica.

Esses sertanejos são os que conheci, com quem convivi, sem deformação e sem amplitudes sentimentais de mentira livresca.

Um grande livro, espelhante de verdade, de indignação sagrada, de evocação maravilhosa e feliz, cores de todas as nuanças, dos afrescos às aquarelas que adoçam a vista; como certas melodias velhas, que ouvimos crianças, renovam a mocidade interior pela rearticulação sonora.

Um livro inteiro feito com homens, batalhas, trabalhos, esperanças, material humano.

Como para os poemas de Walt Whitman,[12] quem tocar esse livro abraça todo um povo…

Luis da Câmara Cascudo[13]

Notas

[1] **Ecce Homo**. São as palavras que Pôncio Pilatos teria dito, ao apresentar Jesus Cristo aos judeus de acordo com o evangelho. Em português, a frase significa "Eis o homem".

[2] Escritor francês, normando (1808-1889).

[3] Espiral.

[4] **José Maria de Herédia** (1842-1905). Poeta parnasiano francês nascido em Cuba. Publicou um único livro, *Les trophées*.

[5] Designação da cornamusa, na Bretanha; Gaita de foles.

[6] **Charles Le Gaffie.** Poeta e acadêmico francês.

[7] **Casimiro José Marques de Abreu**. Poeta, nasceu em Barra de São João/RJ, em 4 de janeiro de 1839, e faleceu em Nova Friburgo/RJ, em 18 de outubro de 1860.

[8] Sextilha, estrofe de seis versos, com as rimas dispostas na fórmula citada.

[9] Filho de Júpiter e de Latona, deus solar, condutor das musas. Seu oráculo, em Delfos, era o mais famoso da Grécia.

[10] Filho de Júpiter e de Antíope, poeta e músico, construiu os muros de Tebas. Segundo a fábula, as pedras se dispunham por si próprias ao som da sua lira.

[11] Movimento literário, de caráter naturalista, surgido na Itália no fim do século XIX, em oposição ao romantismo.

[12] **Walt Whitman** (1819-1892). Um dos maiores poetas da América, é considerado um bardo a serviço da democracia. Ninguém como ele até então enalteceu, com versos soberbos, o regime dos Estados Unidos da América, além de ter iniciado a emancipação da literatura do seu país do costume de imitar os europeus. OM conhecia, com profundidade, a obra de Whitman, por quem tinha verdadeira afeição.

[13] **Luis da Câmara Cascudo** (Natal-RN, 30.12.1898-Natal/RN, 30.07.1986). Escritor, advogado, professor, jornalista, historiador, etnógrafo, sociólogo, folclorista, orador, boêmio, conversador admirável. Foi, na década de 1930, líder dos integralistas no Rio Grande do Norte, tendo ocupado a chefia provincial do movimento. Poeta bissexto é o maior nome das letras do Rio Grande do Norte, no cenário nacional. Contemporâneo e amigo de OM, chamava-o, carinhosamente, de "Titó".

"Cascudinho", para Othoniel. No "Ronda do tempo" (um diário), escreveu, em 23 de abril de 1969: "Soube, hoje, do falecimento de Othoniel Menezes, a 19, no Rio de Janeiro. Relações de 1917. Um poeta maior da minha terra. Vai para o meu oratório, o 'Gente Viva' que estou pensando escrever. A morte existe, os mortos não!"

Prefácio à segunda edição

Para se compreender a gênese do *Sertão de espinho e de flor* faz-se necessário acompanhar-se o período da vida do poeta Othoniel Menezes quando, ainda muito criança, manteve o primeiro contato com o sertão norte-rio-grandense e ali permaneceu durante sete anos.

Seu pai, João Felismino de Melo,[1] exercia, desde os 22 anos de idade, a função de funcionário do Tesouro do Estado. Em consideração à sua eficiência, o Inspetor do Tesouro do Estado, Comendador Joaquim Guilherme de Souza Caldas,[2] designou-o para chefiar a Mesa de Rendas de Jardim do Seridó que, naquela época, englobava as agências de Acari, Currais Novos, Flores (atual Florânia), Parelhas, Periquito (hoje Equador) e Espírito Santo (agora Ouro Branco).

Corria o ano de 1899 quando para lá se deslocou. Com ele foram a esposa, Maria Clementina Menezes de Melo[3], e os filhos Francisco[4] (nascido em 1892), João[5] (1896), Othoniel[6] (nascido 10 de março de 1895) e Gabriel[7] (1897).

Um confortável trem levou a família até Nova Cruz, onde findava a linha; de lá para Jardim do Seridó a viagem era feita sobre o lombo de burros, o único meio de transporte possível àquela época. O percurso levava normalmente quatro dias, mas naquele mês

de março de 1899, o bom inverno alongou o caminho, exigindo onze dias de lenta marcha.

Os meninos Francisquinho, Joãozinho, Gabi e Tôni, foram em duas "caçambas" nas costas da égua "Mulata". Às margens do rio Jacu,[8] mais um problema: havia chovido muito e o rio tomara água, dificultando e atrasando ainda mais a viagem.

A pequena cidade de Jardim do Seridó e o sertão nativo e autêntico, original e diferenciado em seus usos e costumes, eram um mundo inteiramente novo para Tôni e seus irmãos. A família residiu no primeiro andar de um casarão conhecido como "sobrado grande do padre Justino", hoje restaurado e tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional. No andar térreo ficavam a Mesa de Rendas e a Delegacia de Polícia.

Chegaram a Jardim do Seridó em 15 de março de 1899 e lá iriam, em poucos meses, sofrer o impacto brutal do suicídio de dona Clementina. Tinha 28 anos quando faleceu e Othoniel, quatro anos de idade, apenas.

João Felismino decidiu casar-se outra vez; estava sozinho com os filhos, numa cidade onde não possuía parentes que o ajudassem. Era imprescindível, portanto, que houvesse outra esposa que cuidasse das crianças. Em fevereiro do ano seguinte, casava-se com Celsa Bezerra de Araújo Fernandes,[9] que passaria a se chamar, Celsa Fernandes de Melo.

Chegada a idade escolar, tiveram todos as primeiras letras em casa, com o pai. Othoniel já sabia ler quando entrou para a escola do professor Jesuíno Ildefonso de Azevedo, irmão do coronel Felinto Elísio de Oliveira Azevedo,[10] destacada figura nos meios políticos do Estado.

Foram sete longos anos de convivência com o sertão, uma experiência pessoal e não apenas livresca, o elemento responsável pelas influências, lembranças e imagens que resultaram no *Sertão de espinho e de flor*. Considere-se que essas impressões lhe foram

gravadas no período mais sensível da vida do poeta, a fase mais propícia para ocasionarem uma forte e duradoura saudade.

Sertão de espinho e de flor é, portanto, um desfilar evocações, de revivências, de marcantes cenas vividas na infância. A começar pela seca, por exemplo, impacto maior causado por aquela região, que desde cedo lhe marcou a sensibilidade:

> Dois, três anos de calvário,
> Sertão! Teu rude fadário,
> Nem no evangelho tem rol!

E a expectativa de inverno nas ansiosas previsões do sertanejo, em todos semeava a semente da esperança.

> Mil ingênuos profetas
> Farejam sinais. Hoje norte
> Que luta, de vida e de morte,
> Com o céu, essa esfinge azul.

Por mais seco e desolado que esteja, o sertão tem seus momentos de rude beleza, como na floração persistente de suas árvores típicas:

> o pau-d'arco é um rei que dorme
> Com um manto de estrelas aos pés...

E, à tristeza da árvore caída, tombada pela inclemência do clima ou pelo crime do homem, uma homenagem de sentida emoção:

> Pau-d'arco roxo caído,
> Morrendo, mas tão florido,
> És um quadro de paixão.

Traduzindo a dor do retirante, o poeta cantaria:

> Há poucos meses, ainda,
> Na estrada do exílio, infinda
> Pudera haver dor maior?

É o quadro chocante do homem que foge, na esperança de um dia voltar, com a chuva, para a terra que é parte de seu ser.

> Ó! o drama das retiradas!
> Boiadas e mais boiadas,
> Num chouto exausto a mugir...

O menino sentiu, também, as alegrias da chegada das chuvas, participando do festejar do povo. É quando o leito do rio, seco, torrado, recebe, incontida, a bruta caudal, fruto das primeiras chuvas.

> É a cheia! Lá vem o rio,
> turvo, assanhado, bravio,
> pelos grotões, a estrondar!

O espetáculo da cheia, a torrente impetuosa, devem ter sido cenas marcantes para a sensibilidade da criança. O que antes era seco

> hoje é barreira a barreira,
> traz chuva da cabeceira,
> arrasta pau-d'arco e rês.
> Chegou abril! Quanto ninho,
> pulam corgos no caminho

É o inverno que chegou. A mesa do sertanejo também reflete a reação da terra:

Queijo, paçoca, embotada,
Que fartura perfumada
Sobre a toalha de xadrez.

A feira é toda uma ingênua festa.

Um mar de chapéus de couro...
Serras de queijos cor de ouro,
Trincheiras de garajaus.

E as lembranças das festas de São João, as mais típicas do interior?

Ai São-Joões de minha roça!
Quanto esta alma se remoça,
Quanta saudade me traz...

Quem seria aquela

moça de saia encarnada
que eu vi na volta da estrada,
arisca, a olhar para mim?

Quem sabe, um futuro amor brejeiro, uma esposa sertaneja que fosse, como se dizia por lá:

Muié é cuma a minha,
do currá pra camarinha.

Sertão, Jardim do Seridó... quanta lembrança teria levado o poeta, por toda a sua agitada vida, em todos o lugares por onde andou. E o cantar dos pássaros, que tantas vezes se ouvia em sua poesia estreitavam, mesmo nos dias cinzentos da velhice, os laços com uma infância feliz:

Pintassilgo, és o violino
de um gênio, cujo destino,
é o de morrer... de cantar.

Depois, uma mística saudação aos pássaros, àqueles mesmos aos quais falara há tanto tempo o pobre Francisco, nas verdes planuras da Úmbria distante. Aos pássaros sertanejos, que cantam e se amam festejando o inverno que chega, a saudação do poeta que foi menino no sertão:

Amai, pássaros românticos!
Isto é o Cântico dos Cânticos!
Inverno é ressurreição.

Um dia, a fatal saída do paraíso. A idade exigia escolas melhores, que só havia em Natal. O Colégio Santo Antônio,[11] fundado em 1903 e funcionando no prédio do atual convento de Santo Antônio era a melhor opção. Primeiro, foi Francisquinho. No ano seguinte, 1906 , foi a vez de Othoniel e João.

A vida seguiu o seu caminho. O menino tornou-se rapaz, publicou seus primeiros poemas nos jornais e, aos 24 anos, *Gérmen*, em 1918. Poemas de forma refinada, nada de resquícios do sertão. O poeta era um jovem e bem sucedido funcionário do Estado.[12] Depois, em fins de 1922, o *Jardim tropical*,[13] na mesma linha, levaria o poeta à popularidade, por conter a "Serenata do pescador", que a melodia de Eduardo Medeiros transformaria na "Praieira",[14] uma das mais queridas canções do Estado.

A vida de Othoniel foi mudando conforme o tempo passava. O destino retirou-lhe as facilidades e a felicidade começou a se esvair tão rápido como antes chegara. O jovem e ardente poeta ia-se transformando em uma personalidade ressentida e ensimesmada.

A ligação afetiva com o sertão de sua infância o fariam voltar muitas vezes a Jardim do Seridó, em diversos períodos de sua existência, conforme seu próprio testemunho:

> e, só para matar saudades!
> às serras, às soledades
> do sertão que sempre amei!

Quando teria iniciado a composição dos versos do *Sertão de espinho e de flor*?

As notícias mais antigas datam de 1939-1940, período em que Othoniel viveu na cidade do Assu, como funcionário do Serviço Nacional de Malária, trabalhando contra uma grave epidemia de malária que se alastrava pela região. Correspondência entre ele e sua amiga Clarice de Sá Leitão[15] revelam o planejamento de um recital a ser realizado naquela cidade. Tencionava o poeta por à venda ingressos para entrada. Outros, de valor um pouco maior, teriam um canhoto destacável onde se lia: "O portador deste canhoto receberá de Clarice Leitão um exemplar do livro de Othoniel Menezes, *Sertão de espinho e de flor*".

Outra carta para a mesma amiga, datada de Natal, 20 de abril de 1940, relata a realização de semelhante recital em Macau. Na ocasião, inaugurou-se o palco do Cine-Teatro Éden. Participaram várias pessoas do local com números de canto, dos quais não faltou a famosa "Praieira". O poeta leu uma conferência, "entremeando-a com recitativo de versos meus (parte, também, do poema que vocês ouviram aí)".

Em 1941, o jornal *A República*, edição de 18 de dezembro, anunciava um Recital de Othoniel Menezes, promovido pelo Centro Esportivo Feminino e Centro Estudantil Potiguar, realizado no Teatro Carlos Gomes (depois Alberto Maranhão). O evento teve a participação da orquestra, músicos e cantores da Rádio

Educadora de Natal (depois Rádio Poti). Falou o poeta Esmeraldo Siqueira;[16] Othoniel Menezes declamou poemas *do Sertão de espinho e de flor*, "numa homenagem à mulher seridoense". A renda foi revertida em benefício da Juventude Feminina Católica e do Natal dos pobres.

No ano seguinte, 1942, o poeta participou do programa da Rádio Educadora de Natal – Poetas da Nossa Terra – transmitido em 2 de agosto, quando declamou trechos do *Sertão de espinho e de flor*.

Certamente, naquele momento, o texto do *Sertão de espinho e de flor* já estava completo e o poeta debatia-se contra as barreiras comuns aos autores pobres que, sem contar com recursos próprios para publicação, apelavam para ouvidos – a maioria surda – de abastados e políticos pouco sensíveis.

Esta conclusão está claramente evidenciada no editorial da revista *Bando,*[17] edição de fevereiro de 1950; nela se encontram indicações sobre a vida pessoal do poeta e se informa que o seu novo livro estava pronto, à espera de apoio para publicação.

> OM, o esteta do *Jardim tropical*, *Gérmen*, e de tantas outras obras de valor, nas letras norte-rio-grandenses, está, há mais de um ano, com um livro preparado para publicar. A vida de isolacionismo em que tem vivido, entre, nós, este poeta excepcional, os azares da sorte, somados ao indiferentismo criminoso que se vota, em geral, aos problemas da cultura e da inteligência, têm retardado até agora o aparecimento deste livro padrão que é, sem lisonja e sem exagero, *Sertão de espinho e de flor*.
>
> Nessa altura, valeria a pena perguntar: onde estão os amigos das letras, os devotos da poesia, os amigos do poeta, as forças interessadas na valorização do espíri-

> to e da inteligência? Onde estão os capitalistas, instituições culturais, os amantes da arte, os grandes construtores do progresso de nossa terra?

E lembrava que a Lei n. 145, de 6 de agosto de 1900, promulgada por Alberto Maranhão,[18] ainda estava em pleno vigor, e que a Constituição de 1946 previa a proteção à cultura. E reivindicava:

> OM, pela posição que assume na vida intelectual da província, pelo teor de sensibilidade que inspiram os seus versos, pelo grande poder de observação que encerra o seu livro, por tudo quanto ali está falando de meio e do povo que habita este pedaço do Brasil, merece o apoio e o amparo de todos para realização do seu sonho e da sua obra.

Diplomado pela Faculdade de Direito do Recife, em 1950, retornava a Natal o poeta, escritor e crítico literário Antônio Pinto de Medeiros.[19] Nomeado para o posto de diretor do Departamento de Imprensa, que publicava o jornal *A República*, solidário e admirador de Othoniel, assumiu a empreitada da publicação do *Sertão de espinho e de flor*.

Em crônica publicada no *Diário de Natal*, em 2 de dezembro de 1951, comentava "Danilo" (Aderbal de França)[20] que os originais do *Sertão de espinho e de flor* haviam sido entregues ao editor.

Graças ao empenho pessoal de Alberto Maranhão, o livro saía das impressoras nos começos de 1952, financiado pelo Estado, conforme permitia a antiga Lei n. 145.

A qualidade do papel em que foi impresso o livro tornou-se motivo de comentários e críticas de alguns. Em carta datada de 14 de novembro de 1953, Othoniel dirigia-se a Antônio Pinto:

Apresso-me em responder a tua carta de ontem, alarmado com a generosa injustiça que alguns amigos e inimigos te estão cominando, sem dúvida ainda pouco informados a respeito da primeira edição do maltrapilho *Sertão de espinho e de flor*.

Sou o único culpado, o responsável direto pela qualidade do papel em que foi composto o livro. Preocupado com a péssima situação financeira do Estado, fiz questão de que fosse impressa em papel de jornal essa primeira edição; tendo mesmo, a tal propósito, escrito ao secretário geral (do Estado).

Aliás, ao tempo que em que assumiste a direção do Departamento de Imprensa, já o caso estava resolvido entre o autor e o Governo, que despendeu, com a publicação (Lei n. 145, de 6 de agosto de 1900), o total de treze mil e quinhentos cruzeiros, numa tiragem de mil exemplares.

Sobre a qualidade do papel jamais te formulei a mínima imputação, desde que seria disparate fazê-lo.

Sou eu, repito, o único responsável pela qualidade do papel empregado na publicação do livrinho. Apesar de tão modestamente vestido (para o filho de fiscal do sal tanto basta!), anda ele por aí, pelas livrarias, pelas almas boas e caridosas adquirido heroicamente a trinta cruzeiros o volume em benefício das obras do Albergue Noturno.[21] E, mesmo tão modesto, merecendo o que mereceu, de um Mauro Mota,[22] de um Manuel Bandeira,[23] de um Peregrino Júnior, de um Câmara Cascudo, de um Humberto Peregrino, de um Esmeraldo Siqueira, de um Manoel Rodrigues, de um Veríssimo de Melo, e de outros formidáveis sujeitos que tanto sabem deixar açúcar cândi na boca dos pais pobres...

À época da publicação, o poeta atravessava um momento onde qualquer ajuda financeira seria bem-vinda. Decidiu, entretanto, movido pelos princípios do espiritismo que adotara como diretriz, doar a renda de sua venda a uma instituição de caridade. Aqueles que possuem um exemplar da primeira edição do seu livro, decerto ainda têm, colado à parte interna da capa, um pequeno impresso:

> Esta primeira edição de *Sertão de espinho e de flor* é doada à União da Mocidade Espírita Norte-Rio-Grandense, como concurso do Autor à construção do Albergue Noturno de Natal, parte integrante do plano de assistência social Nosso Lar, a ser executado pela mesma agremiação.

Há, no *Sertão de espinho e de flor*, entretanto, no âmago do Canto XV, algumas estrofes onde, ao invés de abordar o tema principal, o poeta abre o seu coração numa demonstração de mágoa e desencanto com a cidade por ele considerada como "madrasta mendaz". É um momento de desabafo e manifestação do ressentimento que eclodiria, mais tarde, no seu auto-exílio no Rio de Janeiro, aonde viria a falecer, em 19 de abril de 1969.

A sua mais legítima aspiração haveria de ser o reconhecimento de sua arte pelos seus conterrâneos. Nada mais queria, naquele momento.

> A glória a que aspiro – a única –
> e que há de ser minha túnica,
> mais sagrada que a de um rei,
> posse intangível, se planta
> na alma do povo – que canta
> as canções que lhe ensinei!

É isto que o Rio Grande está fazendo agora, com esta oportuna e muito esperada segunda edição de *Sertão de espinho e de flor*.

É o momento afetivo e sentimental de serem, de novo, cantadas, as canções que Othoniel Menezes ensinou.

Cláudio Galvão

Notas

[1] **João Felismino de Melo**. Nasceu em Ceará-Mirim (antiga Vila da Boca da Mata), em 24 de junho de 1870. Foi batizado João Felismino Ribeiro Dantas de Melo. Nunca se soube o porquê de ter deixado muito cedo de usar o sobrenome materno. Fazia versos e, muito jovem, ao lado de Pedro Velho, participou da campanha em favor da proclamação da República. Capitão da Guarda Nacional, coletor estadual, administrador de Mesas de Rendas (1892), delegado de polícia (em 1901, acumulando). Homem de espantosa coragem pessoal, honestíssimo, respeitado. Na função policial, combateu o cangaceirismo na região do Seridó. Mandou resposta viril, malcriada, a um recado de Antônio Silvino, o famigerado "Rifle de Ouro" – que ameaçava invadir Jardim do Seridó. Foi um dos incentivadores da criação dos atuais municípios de Parelhas e Equador, no RN. Era de estatura mediana, de tez alva, olhos azuis. Criava belos canários belgas. Casou duas vezes. Faleceu em Natal, em 10 de outubro de 1954.

[2] **Joaquim Guilherme de Souza Caldas**. Político, administrador. O cargo equivalia ao do secretário da Fazenda, hoje. Assuense (26.03.1836-26.02.1898).

[3] **Maria Clementina Menezes de Melo**. Quando solteira chamava-se Maria Clementina Álvares de Menezes. Nascida em 03 de janeiro de 1871, em Canguaretama/RN (antiga Penha), moradores seus pais em Nova Cruz/RN (antiga Anta Esfolada), onde viveu até casar. Foi, antes, por breve período, funcionária dos Correios. Seus antepassados, fundadores do último município – os Álvares de Menezes – vieram de Goiana/PE. Casou aos 20 anos com João Felismino, vindo para Natal. "Era alta... bonita... e tocava violão" – disse OM num belo poema. Suicidou-se aos 28 anos (em 22 de outubro de 1899), em Jardim do Seridó/RN, para onde se mudara, acompanhando o esposo.

[4] **Francisco Menezes de Melo** (Natal/RN, 05.03.1892-Natal/RN, 17.09.1989). Bacharel em Direito "de Olinda e Recife", professor, magistrado, também poeta.

[5] **João Menezes de Melo** (sargento Menezes). Ver nota neste volume, em *Jardim tropical*.

[6] **Othoniel**. Nasceu em Natal, à Rua das Laranjeiras, número 16 (Cidade Alta). No local, hoje ergue-se a sede da Fundação Cícera Queiroz. O responsável pela instituição, Leôncio Queiroz, acatando sugestão do au-

tor destas notas, preservou a fachada da antiga residência do capitão João Felismino. Placas e fotografias registram o nascimento do poeta e do irmão aveador – João.

[7] **Gabriel Menezes de Melo**. Militar, da arma da Cavalaria. Morreu em Minas Gerais, na cidade de Pouso Alegre.

[8] O rio Jacu nasce na Serra dos Cariris Velhos, na Paraíba e vai até a localidade de Picos, no município de Nova Cruz. Seguindo, separa os municípios de Nova Cruz e Santa Cruz, chegando até a área do Umbuzeiro e segue seu curso pelas terras de Santo Antônio e Goianinha, despejando suas águas no mar na foz da lagoa de Guaraíras, em Tibau do Sul.

[9] **Celsa Fernandes de Melo**. De família tradicional do Seridó. Filha do juiz de Direito Manoel José Fernandes e Maria Rosalina Fernandes de Araújo. Era prima legítima de José Augusto Bezerra de Medeiros, político influente, professor, governador do Estado. Ajudou a criar, com carinho e compreensão, todos os enteados. Foi mãe de mais seis filhos de João Felismino: Waldemar, Gisélia, Miralva, Irama, Alda e Alba. Por um desses caprichos do destino, também pôs fim à vida, em 06 de novembro de 1957, em Natal

[10] **Felinto Elísio de Oliveira Azevedo**. Coronel da Guarda Nacional, governador interino da Província duas vezes, deputado provincial e estadual por nove legislaturas, chefe político em Jardim do Seridó.

[11] **Colégio Diocesano Santo Antônio**. Suas instalações físicas, inclusive o internato, situavam-se no outão da igreja do mesmo nome. Anos depois transformou-se no atual Colégio Marista.

[12] Primeiro-oficial da Secretaria-Geral do Estado. Equivaleria, hoje, à Chefia da Casa Civil.

[13] Imprensa Industrial, Recife, 1923.

[14] **Serenata do pescador**. A famosa "Praieira", verdadeiro hino na voz do povo. Poema publicado no segundo livro do poeta, *Jardim tropical*, em 1923. Em nota de rodapé naquele livro, modestamente ressaltando o "pouco valor dos versos", reconhecia a "ilusão efêmera da popularidade" que as estrofes lhe tinham proporcionado. Por decreto-lei do Município de Natal, de 1971, tornou-se "A Canção Tradicional da Cidade".

[15] **Clarice de Sá Leitão.** À época, deveria ter vinte e poucos anos. Filha de João de Sá Leitão, comerciante e agricultor, e Rosa Wanderley de Sá Leitão. Casou em 1945 com Francisco Esmeraldino Soares Filgueira.

[16] **Esmeraldo Homem de Siqueira**. Amigo fiel – de todas as horas –, íntimo, fraterno, de OM. Médico, professor, poeta, jornalista, escritor, ensaísta, crítico, profundo conhecedor da literatura francesa. Veríssimo de Melo dizia-no a "expressão mais alta da nossa vida literária e científica". Nasceu em Pedro Velho/RN (antiga Vila Nova) em 16.08.1908, faleceu em Natal/RN, em 20.06.1987.

[17] Revista literária que surgiu em Natal no final dos anos 1940. Circulou por dez anos.

[18] **Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão** (Macaíba/RN, 02.10.1872-Angra dos Reis/RJ, 01.02.1944). Foi governador do Rio Grande do Norte de 1900 a 1904. Irmão de Pedro Velho e Augusto Severo, deputado federal, procurador-geral. Aposentou-se no cargo de inspetor do Instituto Nacional do Sal. OM, coincidentemente, anos depois, ocuparia as mesmas funções, nelas também se aposentando, por invalidez.

[19] **Antônio Pinto de Medeiros** (Manaus/AM, 09.11.1919-Rio de Janeiro/RJ, 09.02.1970). Poeta, jornalista, professor, advogado, crítico literário, conferencista. Renunciou à "imortalidade" da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Publicou *Um poeta à-toa* (Imprensa Oficial – RN) e *Rio do vento* (mesma editora).

[20] **Aderbal de França** (Natal/RN, 05.01.1895-Natal/RN, 25.05.1974). Jornalista, fundou a revista *Cigarra* e o vespertino *Diário de Natal*. Estudou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, não concluindo o curso. Foi funcionário do IBGE. "Inventou" a crônica social no RN, sob o pseudônimo de "Danilo". Estilo leve, escorreito, elegante. Amigo pessoal, contemporâneo de OM. Um dos fundadores da ANRL.

[21] **Albergue Noturno**. Instituição espírita natalense de caridade, em pleno funcionamento, até hoje. OM, dos mil exemplares editados em papel jornal, entregou setecentos à entidade. Dos trezentos que lhe restaram, nunca vendeu, negociou, mercantilizou, sequer uma única unidade. Ofereceu todos os exemplares aos amigos e parentes. Othoniel Menezes e também os seus herdeiros nunca lucraram financeiramente com nada, absolutamente nada, da sua obra.

[22] **Mauro Ramos da Mota e Albuquerque** ((Recife/PE, 16.08.1911-Recife/PE 22.11.1984). Jornalista, professor, poeta, cronista, ensaísta e memorialista. Publicou na imprensa pernambucana entrevistas com OM, a quem se afeiçoara. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

[23] **Manuel Bandeira** (Recife/PE, 1886-Rio de Janeiro/RJ, 1968). É considerado um dos maiores poetas brasileiros, autor de ensaios, crônicas e memórias, tradutor e organizador de antologias.

A

Café Filho[1]
protótipo nacional da energia, da perseverança e da sensibilidade da alma nortista;

Sílvio Piza Pedroza[2]
o que, quando Prefeito da Cidade do Natal, reergueu, do pó de cimento e granito de decênios de administrativismo tacanho e utilitarista, a espiritual legenda meceniana de Alberto Maranhão, decidindo, em decretos publicados no órgão oficial do Estado, que um poema não vale menos que um paralelepípedo, no progresso do Município;

Raul de Góes;[3]

Jessé Fernandes Café;[4]

J. A . Seabra de Melo;[5]

José Jannini (Jin Kiang);[6]

Aprígio Câmara[7]
bandeirante nordestino, vitorioso na selva humana de São Paulo;

José Bezerra Gomes[8] e Antídio de Azevedo[9]
seridoenses tipo "fibra longa[10].

… Aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos.

Euclides da Cunha[11]
Os Sertões, p. 113, 11ª. edição

… Neste composto indefinível – o brasileiro – encontrei alguma coisa que é estável, um ponto de resistência recordando a molécula integrante das cristalizações iniciadas. E era natural que, admitida a arrojada e animadora conjetura de que estamos destinados à integridade nacional, eu visse, naqueles rijos caboclos, o núcleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva de nossa raça.

… Entranhando-nos na terra, vemos os primeiros grupos fixos – o caipira, no sul, e o tabaréu, ao norte – onde já se tornam raros o branco, o negro e o índio puros.

A mestiçagem generalizada produz, entretanto, ainda, todas as variedades díspares do cruzamento. Mas, à medida que prosseguimos, essas últimas se atenuam.

Vai-se notando maior uniformidade de caracteres físicos e morais. Por fim, a rocha viva, o sertanejo.

Os Sertões, Notas, p. 617-618, ed. cit.

Poeta do sul, vem ver minha terra do norte,
pobre terra sem nome, obscura e comburida.
Quanto mais minha gente é brava e é forte,
mais dura e áspera é a luta pela vida.

Olha este homem vencido, humilde e pequenino,
maltrapilho, a bater a enxada na labuta.
Vem apertar-lhe a mão: é o caboclo nordestino,
um cordeiro na paz, um centauro na luta!

Olegário Mariano[12]

Notas

[1] **João Café Filho** (Natal/RN, 3.02.1889- Rio de Janeiro/RJ, 20.02.1970). Advogado provisionado, sindicalista, jornalista; deputado federal, tribuno. Chegou à Presidência da República. Esqueceu os amigos. OM, embora decepcionado com o ex-companheiro de imprensa e de lutas políticas, conservou a dedicatória.

[2] **Sílvio Piza Pedroza** (Natal/RN, 12.03.1918- Rio de Janeiro/RJ, 19.08.1980. Prefeito de Natal (1947-1951), governador do Estado (1951-1954). Admirador de OM, fazia – em companhia de Luis da Câmara Cascudo, Jayme Wanderley, Evaristo de Souza e outros – serenatas à porta do poeta, cantando a "Praieira". Foi quem autorizou a publicação, pelo Departamento de Imprensa Estadual, da primeira edição deste livro, em 1952.

[3] **Raul de Góes** (Natal/RN, 23.11.1907-Rio de Janeiro/RJ, 06.09.1944). Intelectual paraibano, historiador, jornalista, secretário de estado na Paraíba, deputado federal. Amigo de Getúlio Vargas, exerceu altos cargos na administração pública do então Distrito Federal e do país. Foi presidente do Instituto Nacional do Sal.

[4] **Jessé Fernandes Café**. Natalense, funcionário público, irmão de João Café Filho. Foi quem amparou OM no Rio de Janeiro, em 1949. O poeta tinha sido convocado pelo futuro presidente, então candidato a vice de Getúlio Vargas, para assumir um cargo federal, tendo, inclusive, pedido demissão das funções que ocupava na Base Aérea de Natal, indo, por sugestão de Café, residir no então Distrito Federal. No entanto, o político falhou redondamente com o amigo. Jessé Café, a pedido de Letícia Cerqueira, sua sogra, amiga e comadre de OM, nomeou-o, interinamente, escriturário do Instituto Nacional do Sal, de onde era superintendente. O poeta, posteriormente, faria concurso público para o cargo de inspetor do citado órgão, efetivando-se no serviço público.

[5] **João Augusto Seabra de Melo** (Martins/RN, 22.06.1916-Brasília/DF, ?). Poeta, advogado, jornalista e funcionário público federal, colega de OM no Instituto Nacional do Sal (no Rio de Janeiro). Quando jovem, trabalhou na redação do jornal *A República*, em Natal. Publicou, no Rio, um livro de versos: *Dentro da noite*. Alto funcionário em Brasília, colaborou efetivamente para a criação da ESAM, atual UFERSA (Universidade

Federal da Região do Semi-Árido), sediada em Mossoró. É considerado um dos patronos do estabelecimento.

[6] **José Jannini** (Natal/RN, 18.05.1902-Rio de Janeiro/RJ, 28.07.1974). Poeta natalense, de família italiana, radicado no Rio de Janeiro no final da década de 1920. Radialista, compositor, jornalista e cantor, amigo de infância de OM. "Jin Kiang" era o pseudônimo com que assinava haicais (poemas japoneses curtos, compostos por três versos, o primeiro e o terceiro com sete sílabas e o segundo com cinco sílabas, sem rimas. Sua popularidade no Japão ocorreu no século XVII). Em 1926, na companhia de Damasceno Bezerra e OM, participou de inconseqüente noitada boêmia que marcaria, por toda a vida, o poeta da "Praieira", fazendo-o perder o importante cargo de primeiro oficial da Secretaria-Geral do Governo Estadual, à época do titular José Augusto Bezerra de Medeiros. Escrevendo especificamente sobre Damasceno Bezerra, o subscritor destas notas publicou, na imprensa e na mídia eletrônica, crônica sobre o assunto: "UM IRMÃO DE QUEVEDO E DE BOCAGE. Conheci Damasceno Bezerra pouco antes da sua morte – eu, menino de calças curtas –, aí pela metade da década de 1940. Morava na Praia do Meio, quando ainda não existia a Avenida Circular, hoje Sílvio Pedroza, que a construiu (ou Café Filho?). Casas de alvenaria, 'de veraneio', somente aquelas, poucas, da Ponta do Morcego! Nada, ainda, de Praia dos Artistas. Fui, de bonde, com papai, descendo ali, no início da ladeira, hoje dita "do Sol". Tuberculoso, as pernas feridentas, alto, magérrimo, cabeleira farta despenteada, enfiado num velho e roto calção de banho, cheio de cana, recebeu-nos com alegria na casinha de taipa modestíssima, de pescador, o chão batido. Vi quando meu pai, com discrição, quase chorando, passou-lhe, ainda na soleira da desconjuntada portinha, alguns trocados – que deviam ser muito poucos, 'para a feira'. Em 1926 (Cláudio Galvão sabe precisar), ele, Othoniel Menezes e José Jannini, numa carraspana terrível, vieram do Alecrim ao Beco da Lama, para a saideira, atirando na iluminação pública – escândalo monumental! Papai perdeu o emprego supimpa de primeiro oficial da Secretaria do Governo (de José Augusto); ele, Damasceno, o de redator do *A República*; Jannini, a família deportou para o Rio, onde se deu bem. Era, o infeliz poeta, conversador admirável, pilhérico, fescenino! Nunca conseguiu dinheiro nem apoio oficial para publicar um livro de belos versos parnasianos, prefaciado por Othoniel e de nome belíssimo: *Dias de sol!* Antônio Damasceno Bezerra foi jornalista e poeta. Nasceu em Natal

em 22 de setembro de 1902, morrendo em 14 de setembro de 1947. Trabalhou nos jornais *A República* e *Diário de Natal*, além da revista *Cigarra*."

[7] **Aprígio Soares da Câmara**. Educador, jornalista, nascido em Santana do Matos/RN. Foi professor em Jardim do Seridó, em Mossoró e Natal. Bacharel formado na Faculdade de Direito do Recife, em 1924, mudou-se, mais tarde, para São Paulo, obtendo largo sucesso como advogado de grandes empresas. Faleceu, na capital paulista, em 06 de fevereiro de 1967.

[8] **José Bezerra Gomes**. Romancista, ensaísta, advogado e poeta (Currais Novos/RN, 09.03.1911-Natal/RN, 26.05.1982). Escreveu sobre Ferreira Itajubá – *Retrato de Ferreira Itajubá, 1944*.

[9] **Antônio Antídio de Azevedo** (Jardim do Seridó/RN, 13.06.1887-Natal/RN 05.11.1975). Poeta de *Zelações*; tabelião em Natal. Prefeito de sua terra. De tão honesto e cioso, renunciou ao mandato às vésperas de receber a "cota federal" dos municípios. Um dos seus filhos é o professor emérito da UFRN, Max Cunha de Azevedo.

[10] Referência à excelência do algodão do Seridó, dito "mocó" (*Gossypium hirsutum L.*), *o* "ouro branco" da região, em tempos idos.

[11] **Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha**. Engenheiro, jornalista, professor, ensaísta, historiador, sociólogo e poeta, nasceu em Cantagalo/RJ, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu, assassinado, no Rio de Janeiro/RJ, em 15 de agosto de 1909.

[12] **Olegário Mariano Carneiro da Cunha**. Poeta, político e diplomata. Nasceu em Recife/PE, em 24 de março de 1889 e faleceu no Rio de Janeiro/ RJ, em 28 de novembro de 1958. Foi da Academia Brasileira de Letras. Terceiro dos "príncipes" dos poetas brasileiros. Classificou Othoniel Menezes como "um dos poetas máximos do Brasil".

Canto 1
Sertão de espinho e de flor

A terra... fere-a o sol e ela absorve-lhe os raios, e multiplica-os, e reflete-os, e retrata-os, num reverberar ofuscante; pelo topo dos cerros, pelos esbarrancados das encostas, incendeiam-se as acendalhas[1] da sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas; a atmosfera junto ao chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalha...

Os Sertões, p. 28, 11ª. edição

O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se, afinal.
Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de "retirantes". Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. É o sertão que se esvazia. Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho em fora, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida.

Os Sertões, p.188, 11ª. edição

Sertão selvagem, de Euclides!
prosaicamente, progrides
– mas, nada te corrompeu!
Paraíso de minha infância,[2]
ingênuo como uma estância
de Casimiro de Abreu!

Touceira de xiquexique,[3]
cercadão de pau-a-pique,
dez léguas de tombador...[4]
Mar de panasco[5] dourado,
bogari, cravo encarnado
– SERTÃO DE ESPINHO E DE FLOR!

Quinzenas de noite escura,
lambendo uma rapadura,[6]
de tocaia a algum Dom-João...
Pudor. Constância. Coragem.
Um vendaval, na ramagem:
– "entregou-se", o barbatão![7]

Malacachetas, chispando.
Da ipueira, de quando a quando,
sobe o alarma dos tetéus.[8]
Mandacarus[9] torturados,
com os braços ensangüentados,
imprecam socorro aos céus...

Manhãs – de Alhambras[10] ferventes.
Tardes câmaras-ardentes
para a eutanásia do sol…
Mar de cinza, monte a monte.
Uma torre,[11] no horizonte,
rutila, como um farol.

A noite – que campo vasto!
milhões de ovelhas no pasto,
essas miunças de lis,
que o matuto pastoreia,
banzando[12] – as costas na areia;
na rede – as pernas em "X"!

Estouros das vaquejadas!
– Tróias de espinho, esmagadas
à flor dos serrotes nus…
Árvores hirtas, enfermas.
Pelas caatingas (tão ermas!),
piam tímidos nambus.

Meio dia. Refugiado
do mar de chamas, o gado,
numa "ilha" verde remói.
Súbito, em notas extremas,
rompe o tam-tam das seriemas…
Como é triste! Como dói!

As favelas,[13] esqueléticas,
negras, sinistras – hamléticas,
erguem os dedos, a fiar

a incandescente cortina
de vidrilho e tremulina,
que o sol desenrola no ar.

Porque o mato aqui não medra,
fez-se esta cerca – de pedra:
sobe, desce, de viés
– jibóia imensa, entre as chamas,
lerda, a vibrar as escamas,
coleando, em longos anéis…

Ermo trágico, infinito.[14]
Fauna convulsa – em granito,
monstros de cisma e de dor;
uns, de rojo; outros, nos ombros,
rolando lavas e escombros
das fornalhas do equador…

Prometeus, rugindo aos ventos;
Atlas exaustos, sedentos;
cavernas de Ali-Babá…
Catas de Ofir,[15] soterradas;
Pompéias desmoronadas,
e Vales de Josafá.[16]

O *CabeçoVerde* estira
as flechas de macambira,
o cocar de catolé.
Coivara, à tarde, no aceiro:
faz rezas, o feiticeiro;
bebe fumaça, o pajé…

Esta serra viu batismo:
abre os braços, sobre o abismo,
serenamente, uma cruz.
Mil voltas, no itinerário,
para atingir-se o calvário.
– Foi mais fácil, a Jesus…

Éden, que o sol incendeia!
Se a nuvem te regateia
água, por que não n'a tens
dos homens que, se te esquecem
dentro do fogo, aparecem
para colher-te os vinténs?

O estrangeiro te cobiça…
Far-lhe-emos ouvir a "missa"
que já ouviu o holandês…
Teus penhascos alvadios
são Guararapes bravios
onde um fuzil vale três!

***

A cauã[17] chora, distante.
Um *Chevrolet*,[18] coruscante,[19]
subiu a serra (que paz!).
O ar vibra limalha de ouro…
No angelim do bebedouro,
gorjeiam urumarás.
Rola[20] de azougue do diabo!
– dois olhos de fogo, ao rabo,

e dois na tromba, a enrolar
centos, milhares de léguas,
que volta, depois, sem tréguas,
roncando, a desenrolar!

***

Um cruzeiro. *Nô Varela*,
correndo, caiu da sela,
junto ao combro[21] do paul.
Dá-lhe pedras, toda gente;[22]
a jitirana, somente,
a esmola – da flor azul…

Outra cruz. *Maria Rosa*
ia fugindo com um prosa
– o pai atirou nos dois![23]
O canto é mal-assombrado:
à meia-noite, o noivado
passa… e um enterro, depois…

Aqui, é o *Corgo da Fome*.
Não achara, o Dante,[24] um nome
mais negro, para lhe impor.
Toda a família (que importa
o nome?) prostrou-se morta
no areal abrasador…

Eram quatorze esqueletos,
zumbis errantes – gravetos –,
loucos, necrófagos, nus,

disputando, pela estrada,
a carniça, arrebatada
à festa dos urubus…

Desde as três horas, *Seu Zimba*
cava e a droga da cacimba
nem ao menos marejou.[25]
Quem bebe, é a pedra, a malvada,
que nem vaca jejuada,
o suor que ele suou…

No barro vermelho, a um lado
da serra, o extinto roçado
lembra hedionda cicatriz…
Dardeja o sol, na tapera.
Quem sabe onde, dantes, era
o sítio *Volta Feliz*?

Fugir da fome e da sede,
no ombro os filhinhos e a rede
e, adiante, o cão e a mulher…
(Ai! que pena da casinha!)
……
– Um punhado de farinha[26]
faz um rei, do que o tiver!

***

Dois, três anos de calvário,
Sertão! Teu rude fadário
nem no Evangelho tem rol!
Cristo teve uma agonia:

– tu, morres é todo dia
cravado na Cruz do sol…

***

Na cinza eólia[27] da tarde,
a serra o perfil encarde.
Erram longínquos solaus.[28]
O mofumbo das barrancas
abriu as grinaldas brancas.
Voejam os bacuraus.[29]

Vésper[30], trêmula, fulgindo,
é um bogari alvo e lindo,
preso ao meio do bandó[31]
da Saudade, moça airosa,
com um vestido cor-de-rosa
de algodão do Seridó…

O aboio ecoa,[32] magoado.
Vagaroso, torna o gado,
na meia-luz vesperal.
Alta, a craibeira florida
esfuma[33] a copa, estendida
do oitão do rancho ao curral.

O pau-d'arqueiro amarelo
é um sol de flores – tão belo,
que, até a maracanã,
que tão alto ia passando,
desceu, a gritar, cuidando
que era ainda de manhã…

Pau-d'arco roxo, caído,
– morrendo – mas, tão florido,
és um quadro de Paixão!
Pudesse, eu, por esses montes,
cantando, com Martins Fontes, [34]
carregar-te em procissão!

Roda de carro ronceiro
que sonolento carreiro
deixou vir rodando, ao léu,
rompe a lua, das cumeadas…
– as estrelas, assustadas,
empalidecem, no céu.

Jurema,[35] arbusto sagrado!
Filtro do amor, do passado,
hoje, dás lenha a fogão…
Em Novembro o teu perfume
a alma da terra resume
– és o incenso do Sertão!

É assim que te sintetiza,
a que foi Santa e Poetisa,
– Auta –[36] vendo, no fulgor
da lua, a subir na treva,
o incensório[37] que te eleva
aos pés de Nosso Senhor!

Notas ao Canto 1

Paraíso de minha infância: "Lá, respira-se força e saúde. A alma, aliviada dos atavios enervantes da civilização, sente-se mais sua, mais próxima da natureza e das fontes eternas da vida. Há na luz, no ar, no chão, mais energia vital que em outra parte; também tudo é forte no sertão, o clima, o homem, a terra..." (Domingos Barros,[38] transcrito em *Leituras Potiguares*, p. 55, 1ª. edição, Calvino Filho, 1933).

Uma trova anônima:

> *São João manheceu cheirando,*
> *nas fulô dos mororó.*
> *Bicho e cristão é contente,*
> *da cabeça ao mocotó!*

> "... Vivi neste meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xiquexique para o gado, nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a "cabeça do rio" nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei "lanços" nos Assudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas "esperas"de emas sobre os juazeiros. Persegui tatus, de noite, com fachos, e cachorros amestrados. Matei ribaçã a pau e colhi-as nas aratacas. Ouvi o canto ululado[39] da "mãe da lua", imóvel nas oiticicas. Ouvi histórias de Trancoso,[40] de cangaceiros, gente rica, guerras de família, heroísmos ignorados, ferocidades imprevistas e completas. Também recordaram vidas de missionários, de santos canonizados pelo povo, superstições, adivinhanças de chuvas e bom tempo, rezas fortes para ser feliz em tudo: para não cair de cavalo, para ficar-se invisível..." (Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, p.6-7, 1a. Edição)

Xiquexique: *Cactus peruvianus*. Descreve-o Euclides, à página 43 de *Os Sertões,* ed. cit: "São variantes de proporções inferiores. Fracionando-se em ramos fervilhantes de espinhos, recursos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimosos. Aprazem-se no leito abrasante das lajes graníticas feridas pelos sóis".

Vegeta, abundantemente, nos tabuleiros e altos pedregosos do sertão, onde é considerado ótima forragem e tem constituído, até agora, no decorrer de todo o ciclo pastoril do Nordeste, salvação verdadeiramente providencial para os rebanhos. E para o próprio homem que, nas épocas de grandes misérias, devora-lhe o miolo mucilaginoso e indigesto. (Vejam-se as notas ao Canto 16, no verbete – "O xiquexique é o maná")

Tombador: Alto, cômoro pedregoso, contraforte serrano.

Panasco: *Pastinasca sylvestris*, gramínea. Escreve Tavares de Lira,[41] na sua excelente *Corografia do Rio Grande do Norte*, página 69:

> "Nessa região, excepcional para a indústria pastoril, se encontram as melhores forragens do Rio Grande do Norte, especialmente o capim panasco, de um extraordinário poder nutritivo, e que, maduro e sedimentado, o sertanejo considera, em peso igual, mais nutritivo que o milho. Nasce, espontaneamente, com prodigiosa abundância, logo após as primeiras chuvas. Em junho, está completamente maduro oferecendo aos viajantes o delicioso espetáculo de extensíssima preamar de seda e ouro, ondulando ao vento, através de dilatados plainos dos tabuleiros e das encostas dos 'tombadores', cuja nudeza áspera reveste de musselina jalde, tapizando com uma paina móbil e fulgurante a imensa caatinga acesa no sol [...]."

Na opinião de muitos fazendeiros seridoenses, consultados pelo autor dessas Notas, o capim "milha", também abundante nos pastos locais, é muito superior ao panasco.

Lamber a rapadura: Aguardar pacientemente a oportunidade. Esperar o inimigo, na tocaia, "dormindo na pontaria". Tornou-se proverbial, a expressão apoiada na reconhecida resistência, na pertinácia e frugalidade do matuto, capaz de, munido apenas de alguns punhados de farinha de mandioca e uma rapadura, esperar, durante dias, o momento azado ao desforço, em lugar ermo, especialmente se a questão envolve a honra de uma figura feminina da família do ofendido.

Uma quintilha, de Tito de Barros, poeta popular alagoano, citado por Leonardo Mota, à página 203 do seu famoso livro, *No tempo de Lampião* (1ª. edição, Rio de Janeiro, 1920):

> "Quem espera, desespera...
> Mas, em caso de vingança,
> mesmo perdida a esperança,
> parece que a gente espera,
> porque ódio velho não cansa..."

De tocaia a algum Dom-João: O sertanejo usa da maior violência concebível, quando se faz necessário, a seu juízo, desafrontar o pundonor da casa. Tem sido este, em grande parte, o móvel da irrupção do cangaceirismo no Nordeste. O escritor paraibano Ademar Vidal[42] traçou, a propósito do fenômeno, fascinante estudo. "O homem de brio é cangaceiro", (*Diário de Pernambuco*, 21.09.1941), tema que ampliou, parece-nos, em um dos seus últimos livros, *Terra de homens*, que ao autor destas Notas não foi dado ler.[43] Em inúmeros casos – desrespeito ao pudor de u'a mulher, e ainda que seja, ela, uma simples "cria" da família; um insulto grave à pessoa da parentela; maus tratos a uma rês apanha-

da a devastar a vazante ou o roçado, etc. – a desforra tem assumido caráter da mais sinistra comicidade, e isso como fito deliberado de agravar, o mais duramente possível, o moral da vítima da sanção draconiana. Assim é que, aos sedutores, namoradores e gabolas, preferentemente ao castigo pelo assassínio ou pela emasculação (*caveant cônsules*![44]), se aplica o clister[45] de pimenta máxime se o ofensor é de baixa categoria social. A "dose" usual e, mesmo, o recipiente técnico empregado no ato do "benefício", é a garrafa-de-conta, cheia, até o gargalo, de pimenta malagueta, em infusão de cachaça ou vinagre. O atrevido é posto "de ladeira", numa cerca, num lajedo qualquer; dois cabras, ao lado, de garruchas aperradas ou com as "parnaíbas" nuas, brilhando ao sol. E o desventurado "fiota" tem de "engolir", sem reclamação que lhe sirva, o infernal chá-de-bico. Safando-se das mãos dos algozes, há de largar-se em busca da cacimba ou do Assude mais próximo onde, num banho de tronco de três dias, fica a refrescar-se, e a matutar nas conseqüências do desaforo a que se arriscou…

Uma sextilha, anônima:

> "Viram *Juju-Cocaína*
> de semicúpio, na tina
> do banheiro da pensão.
> Disse uma léria a Mileta;
> o pai soube: a malagueta
> desagravou o sertão…"

Barbatão: Rês criada é solta, desgarrada do rebanho, tornada selvagem, e que não foi "beneficiada" pelo dono. "Beneficiar" é castrar, "assinar" ou ferrar. O "sinal" é feito à faca e, com o "ferro" ou "marca" (impresso a fogo, na anca, na espádua, na parte superior da perna, no pescoço, e até em partes laterais do focinho), constitui a convenção clássica e universal de reconhecimento do proprietário da rês.

> "O primeiro dono de um animal ferra-o na coxa. Os que vão comprando ou adquirindo de qualquer sorte, vão ferrando para cima. O último ferro é o que regula. Numa coxa vai o ferro da fazenda; na outra, o da freguesia. Os matutos têm um conhecimento profundo dessas marcas de gado. São elas o assunto predileto de suas palestras; e, enquanto conversam, desenham-nas no chão com um graveto ou com a ponta fina da parnaíba[46] afiada. Distinguem-nas ao longe. Jamais se enganam. Conhecem os ferros da ribeira toda de cor e salteado. E, quando aparece um animal de marca desconhecida, logo a riscam na porta da casa ou nos troncos insulados da várzea, para roteiro aos que procuram gados sumidos de fazendas distantes" (Gustavo Barroso,[47] *Terra de sol*, p. 196, 3ª. edição).

Além das marcas a fogo, dos ferros, existem os sinais, cortados à faca na orelha dos bovinos, das miunças e dos jumentos, para maior segurança. Os cavalos são isentos desse afeamento. A combinação de uns poucos desses sinais chama-se o "sinal da fazenda" e o ato de fazê-los barbaramente, à faca, "assinalar" (G. Barroso: "marcar a fogo é 'ferrar'; e a ferra é sempre em junho – fins d'água. Se a orelha é espontada, denomina-se ponta-de-lança; se truncada, troncha ou ponta-troncha; uma entalhadura em ângulo agudo, é o canzil; em ângulo reto, o canto-de-porta; redonda, no centro da orelha, o buraco-de-bala; e leve, em semicírculo, no bordo, mossa. Com esses sinais fazem milhares de combinações; raramente se encontra uma repetida".)

Anexins[48] e Ditados:

> "Boi sonso é que arromba curral. Mutuca é que tira boi do mato. Mulher calada é pior que boi sonso.

> Camarada é boi de carro. Boi bravo, chegando na terra alheia, se faz de manso. Boi ronceiro bebe água suja. Boi com boi é que faz junta. Pra boi mocambeiro não tem bom vaqueiro. Boi é que sofre, o carro é que geme. Antes ser ferrão, que boi. A uns parem as vacas, a outros parem os bois. Vaqueiro novo faz o gado desconfiado. Café sem bucha, meu boi não puxa. Capricho só pra boi de carro. Não há tropa que não tenha um boi corneta. O trabalho é do maribondo, que quer fazer casa no cu do boi. Touro briga, mas é se borrando. Medroso como boi do cu branco." (Coleção Leonardo, liv. cit.)

Tetéu: Quero-quero ou tero-tero, no Sul. Pernalta, da família das Caradrídeas (*Belonopterus cayennensis*), ribeirinha das fazendas e cidades do interior, famosa pela constante vigilância em que se conserva, dia e noite. Afirmam os matutos que o tetéu apenas cochila, colhendo um dos pés à altura do peito, e somente enquanto o pé não torna a cair, mal bate a pálpebra. Muito arisco e assustadiço, é uma espécie de "ganso do Capitólio", sentinela perpetuamente alerta. Ao mais leve ruído em torno, todo o grupo revoa ruidosamente, garganteando o alarme. De quem sofre de insônia, ou dorme pouco, dizem que os matutos que comeu juízo de tetéu.

> "[...] É um camarada muito suspeito. No Amazonas há um longirrostro que não dorme. É o maguari (*Andréa maguari, Gimekl*, ou *ciconia maguari, Tenm*.). Passa a noite tentando dormir, colocando o bico enorme sobre o lombo. Vai dorme-não-dorme, quando o bico escorrega o maguari desperta gritando. O nosso tetéu é assim também. Põe uma patinha no meio da outra, e fecha os olhos. A pata escapole, e o tetéu acorda, badalando uma guizalhada de despertar menino. Mas, o que torna o tetéu pouco amistoso, é que ele, voando dos

lugares molhados para os secos, leva agouro na certa. Voando do seco para o molhado, é felicidade. Convém não esquecer" (Câmara Cascudo, *As aves no folclore brasileiro*, Panorama, São Paulo, Ano I, n.. 7, 1936).

Mandacaru: *Cereus peruvianus, Mill*; ou jamacaru. Cactus, de grande porte, de longas hastes cilíndricas, embutidas de espinhos finos e curtos. Desde as cercanias de Macaíba (30 quilômetros ao sul da capital, até o sertão, avulta como elemento decorativo, quase obsidente, de tão numeroso, na bravia ornamentação nativa da caatinga. Euclides, numa de suas páginas ciclópicas em *Os Sertões* (página 43), assim os descreve:

"Atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente. Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos retorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos. No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto".

Melhor que os cardeiros (variedade que em todo o sertão, já de há muito, rareia, estupidamente sacrificada nas coivaras, excelente forragem, que é, durante as grandes estiagens). Merece, o mandacaru, a famosa imagem euclidiana na qual são aqueles comparados a enormes candelabros, acesos nas infindas chapadas do sertão baiano.

O mandacaru dá um fruto pequeno, do tamanho e formato aproximados dos da goiaba, de um roxo ou escarlate brilhante, que é também a cor da polpa, muito doce e nutritiva. As hastes, quando secas e, então, desprovidas dos espinhos produzem chama

muito clara e vivaz, e eram utilizadas no sertão, como fachos, na procura de animais tresmalhados, caçadas noturnas a avoetes, etc. Daí a denominação sob a qual é popularmente designado, facheiro, em toda a vasta e desolada região onde preferentemente vegeta, (filho da pedra e do areal). Fornece boa madeira de construção (ripas), comparável à faia européia.

Torre: Grande nuvem espessa, cúmulos ou nimbo. Esclarece abalizado consultor matuto, de Flores do Seridó (Florânia), o Sr. Félix Carneiro:[49] "Torre é o chapéu da nuvem, quando está chovendo. Rabo-de-galo, ou leque, são nuvens compridas e estreitas (*stratus*), sinal de inverno. Escamas de peixe ou sebo de rim (*cirrus*) são nuvens miúdas, cobrindo muito espaço".

Favela:[50] Arbusto espinhoso, espécie de urtiga gigante, cuja picada produz insuportável ardência, coceira, e tumefação da epiderme. Atinge até seis, oito metros de altura. Fica sem uma única folha, durante quase todo o ano, frondando, porém, rapidamente, aos primeiros núncios de chuva. Os acúleos, moles e cheios de líquido urente, ficam na parte inferior das folhas, nos frutos e galhos tenros. O fruto é semelhante ao do pinhão-bravo e da mamona; ouriçado de acúleos, perde-os com o picarão, que se contrai e larga facilmente, antes da deiscência,[51] e dá três a quatro pequeninas amêndoas, muito saborosas e nutritivas. Delas, fazem os famintos, na fase das "retiradas", alimento de poupança de primeira ordem, devorando-as *in loco*, ou esmagando-as ao pilão, para extrair-lhes o suco, o leite de favela. As folhas, maduras ou secas, constituem forragem de salvação, para miunças e jumentos, que também lhe consomem gulosamente a casca, as raízes brandas e sumarentas, mau grado a fama do tingui, em que são, essas partes da planta, por muitos sertanejos consideradas. Tanto que, na safra das "avoetes" (Ver nota a esta palavra, no Canto 8), usam uma mis-

tura de fumo-do-brejo e raspas de favela, para envenenar as poças e velhas cacimbas onde se dessedentam as pombas. Estas, estabelecidas, vão caindo às centenas e, dentro de algumas horas, os caçadores (ou tinguijadores) enchem sacos, de arribações, as quais, ainda palpitantes, vão logo arrancando o papo, a fim de evitar ao consumidor a ação do veneno. (Em relação a "tingiu", veja-se este verbete, em notas ao Canto 11).

"Anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus – talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas", ao tempo de Euclides (*Os Sertões*, página 41) – as faveleiras se encontram, de há muito, já cientificamente classificadas, através de, pelo menos, três a quatro denominações típicas, com as respectivas variedades: *Cnidosculus phytacantus Mast., Pax e Hoffman, ver, rapandus, Pohl, Muell, Arg;* espécies típicas da caatinga. A variedade típica do Seridó é o *Cnidoscolus vitifolius.*

Do reputado químico, Jaime Santa Rosa,[52] técnico do Ministério do Trabalho, e consumado escritor, mereceu a faveleira completo, interessantíssimo estudo, em monografia publicada em 1943, sob o título de "Óleo de Favela – nova riqueza da região das secas", e na qual, sob critério rigorosamente científico e experimental, demonstra a importância ecológica da espécie, como elemento de fixação do homem ao meio geográfico, conferindo-lhe mesmo a possibilidade de, nesse aspecto, rivalizar com a carnaubeira, a oiticica, o algodão, o caroá. Assim é que – acredita Jaime Santa Rosa – convenientemente tratada, a faveleira oferece campo de fascinantes perspectivas à industrialização, rendendo óleo comestível cujas características fisiológicas e químicas se revelaram, no laboratório e no ensaio alimentar, vantajosamente capazes de concorrer com os mais afamados similares em voga na cozinha nacional. O subproduto, já também conhecido e analisado, e resultante da extração do óleo das amêndoas, é uma torta rica em proteínas

e fosfatos, "podendo servir como valiosa forragem para o gado, e representando mais uma fonte de receita nessa indústria"

Para essa excelente, patriótica publicação, indispensável nos parece atentem, não somente aos senhores prefeitos da zona seridoense, como todos os sertanejos inteligentes e dados a iniciativas, interessados na revelação de novas fontes de riqueza e progresso de sua região, e que em torno das respectivas administrações municipais poderão suscitar um amplo, generalizado, providente movimento cooperativista, importando, de imediato, na defesa, cultura racional e aproveitamento econômico das sementes da faveleira.

O endereço do Dr. Jaime Santa Rosa é rua Senador Dantas, 20, Salas 409/410, Rio de Janeiro.

Ermo, trágico, infinito:

> "[...] E as rochas espiavam pelos seus olhos de mica. Juntavam-se pedras, empilhadas nas outras, tão arrumadinhas, num milagre de equilíbrio, como tabuleiros de bugigangas. Havia pedras em cima dos cabeços negros, como penitência. Jaziam múmias de todas as cores, principalmente com laivos amarelos, como ferrugem do tempo. E muito quartzo sangrando. Contavam-se membros dispersos de um mundo que se despedaçara, na desordem dos cataclismos, jogando todas essas configurações polimórficas no mato, como uma estatuária de corpos esfacelados. E os gigantes, que baquearam na catástrofe e ficaram de bruços ou de costas, na imobilidade das quedas fatais. Alteavam-se penhascos, com chapelões, resguardados do sol. E pontas de pedra, em riste, cortavam os ventos. Outros monstros se levantavam com topetes de xiquexique e barbas de macambira. Todas as atitudes, todas as acrobacias, todos os gestos petri-

ficados na eternidade…" (José Américo de Almeida,[53] *Coiteiros*, páginas.107-108, 1ª. edição, Editora Nacional, Rio de Janeiro).

"POEMA DAS SERRAS
Casa dos mocós… das saramantas…[54]
Escultura enigmática dos desertos…
Só (para maior relevo das formas bruscas)
Pedras que algum gigante milenário
Pôs com mãos de milhões de HP misteriosos
Pra contemplação dos olhos de hoje…
Duas patas colossais na dianteira,
O resto informe sobre outras pedras…
Atitude imperfeita de cachorro
Ladrando pra solidão das outras serras…"

(Jorge Fernandes,[55] *Livro de poemas*)

Cauã: Ou acauã; nacauã, no Amazonas. Falconídea (*Falco cachinaus* ou *Herpetotheres cachinaus*), grande caçadora de serpentes. Nos degraus serranos, ou pousada num ramo de árvore seca da caatinga ou da serra, desfere, seu lamentoso grito, ouvido a grande distância, martelando prolongadamente a onomatopéia de que lhe adveio nome popular: acauã…acauã…acauã…

O Coronel Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa,[56] venerando senhor da fazenda Fortaleza – um encantador, verdejante oásis, em pleno sertão de pedra e mandacaru, a três quilômetros da cidade de Acari – e a quem deve o Autor muitas e preciosas indicações para o desenvolvimento das presentes notas, assim descreve a caçada da cobra pela acauã:

> "O processo que o casal emprega, para apanhar e matar uma cobra, é curioso. Uma cauã se apresenta diante do réptil, aproxima-se dele o mais rápido possível, com uma das asas em posição de escudo, a ca-

> beça bem inclinada para trás. Quando a serpente atira um bote, ela o apara com um golpe da asa distendida, jogando ao mesmo tempo uma rápida unhada por baixo, visando sempre a cabeça do inimigo. Luta, luta; quando cansa, sobe para a árvore onde está de observação à companheira. Desce, esta, imediatamente, e continua o combate, empregando a mesma estratégia. Cansada por sua vez, o macho a substitui, e assim sucessivamente, até a vitória. Morta à cobra, uma das acauãs a conduz, presa nas garras terríveis, até o lugar onde estão os filhotes, celebrando ambas o triunfo, com aqueles gritos eloqüentes, que o amigo tão bem conhece."

Escreve Câmara Cascudo, no ensaio sobre as aves brasileiras, anteriormente citado:

> "É falsamente denunciada como agoureira. Muitas tribos adoravam-na, porque ela devorava as cobras que encontrava. É uma ave austera, cheia de gravidade e senso, que faz gosto vê-la. Andando devagar e compassadamente, como compete a um ente que tem direito ao culto dos homens, dá vontade de cumprimentá-la, como a um desembargador. O combate com a cobra lembra o embate do mirmilão[57] com o rediário.[58] A acauã ataca e se abriga no escudo da asa estendida, até que fisga de vez a cabeça da cobra. E adeus cobra... Os Chipaias, índios do Pará, não caçam nem pescam, ouvindo-lhe o grito."

Osvaldo Orico,[59] em *Vocabulário de Crendices Amazônicas* (Cia Ed. Nacional, 1ª. edição, 1937), anota, às páginas 19 e 21:

"[...] Correm várias lendas, na Amazônia, a respeito deste curioso gavião. Diz-se que ele se apossa do espírito das mulheres, impondo-lhes que cantem, repetidamente, as três sílabas do seu nome: a-cau-ã. Em outros lugares, afirma-se que, surpreendendo um homem, ele o obriga a todos os papéis, até mesmo a chocar pedras, por via do seu canto agourento e fantástico. A vítima se compenetra e passa, então, os dias sentada em calhaus, estirando os braços no ar, à espera que dos seixos rompa a ninhada impossível... (...) O lúgubre e arrastado gemido desta ave, ecoando na mata, deflagra uma enfermidade nervosa, que se conhece pelo nome de "cantar de acauã". O indivíduo atacado vive a repetir mecanicamente o grito soturno e melancólico. (...) Conta Barbosa Rodrigues[60] que, tendo ido um dia a Faro, visitar um amigo, ouviu o canto da acauã. Vendo o interesse que o grito lhe despertara, o amigo prontificou-se a mostrar de onde vinha, anunciando-lhe ao mesmo tempo, que a voz era de alguma mulher da vizinhança, "pegada pelo acauã". E logo explicou que havia, por ali, a crença de que o canto do conhecido rapineiro era fatal para a mulher que o escutasse, originando-se dele uma enfermidade que se caracterizava pela perda do juízo. A pessoa ficava semi-demente, e vivia, nesse estado, a repetir, sem cessar, o lúgubre murmúrio do pássaro. O naturalista, que não conhecia o fato, ficou bastante surpreso quando, em vez da ave, encontrou, numa choupana, uma cabocla, ainda moça, deitada na rede, em completa sonolência. "Arfava-lhe o peito fortemente, parecendo querer estalar, quando pronunciava, cantando, as palavras: "nacauã! nacauã!" que repetia seguidamente, terminando com uma gargalhada estridente como a do

pássaro. Passados alguns momentos de silêncio, recomeçava o canto. A causa desta moléstia, toda nervosa, e contagiosa, é o efeito da superstição. Aquela que vive a cantar o acauã fica certa de que lhe ameaça um infortúnio. A imaginação começa a trabalhar e acaba determinando um acesso nervoso em que a doente arremeda o pássaro."

Chevrolet: É a marca de automóveis vitoriosa em todo o sertão.

O primeiro automóvel chegado ao Seridó (cidade do Jardim, antiga Conceição dos Azevedo), "veio das bandas de Patos" (Paraíba), mais ou menos em 1916, segundo o idôneo testemunho de um correspondente do Autor. O primeiro seridoense a montar o "bicho", foi o Dr. Heráclio Pires,[61] em viagem de Jardim a Parelhas – vinte e poucos quilômetros – "pela estrada de animais, no que levaram os pioneiros quase um dia".

Logo após, entusiasmado com o acontecimento, construiu o Dr. Heráclio a primeira estrada de rodagem do sertão seridoense, ligando Jardim a Pedra Lavrada, na Paraíba, a qual já estava ligada a Soledade, e esta a Campina Grande. Depois é que a Inspetoria de Obras Contra as Secas[62] construiu as excelentes estradas feitas cobrindo o traçado que, primitivamente, adotara aquele benemérito e culto jardinense – ainda, graças a Deus, forte e vendendo saúde – traçado que realizou, segundo suas próprias palavras, "sem bússola e, sobretudo, sem dinheiro da Nação". O poeta Major Vitoriano de Medeiros,[63] então segundo-tenente, e delegado do município de Jardim, dirigiu e fiscalizou, pessoalmente, a construção dessa primeira estrada de rodagem do Seridó, acompanhando, dia a dia, o trabalho de dez a doze presos de justiça recolhidos à cadeia local. Foi, no memorável empreendimento, o braço direito do dr. Heráclio Pires, a esse tempo (1918), presidente da Intendência Jardinense.

Urumará: Conirrostro (família das *icterídeos*), de plumagem azul-escuro, quase negra, e de melodioso canto. Familiar das margens das cacimbas, vazantes e várzeas, devasta as plantações de milho, arroz, etc., arrancando das covas os grãos, mal começam a germinar. As fêmeas são de um belo azul-cinza, ou pardas.

Rola: Rola-bosta, escaravelho (escarabeídeo).

No sertão, o automóvel tem amigos decididos, e inimigos irredutíveis. Entre estes – de resto, em rápido declínio – razoavelmente se incluem o Zé Matajegue e alguns outros figurantes, mais ou menos notórios na acusação e na defesa, na "conversa de feira", constante de todo o Canto 11 desse poema. Dos primeiros, como se verá, faz parte fervorosa mais de um interlocutor, nesse citado Canto, e cuja opinião se pode comparar à do herói de uma das anedotas que Leonardo Mota,[64] a propósito das vantagens da motorização, conta à página 189 do seu citado livro (*No Tempo de Lampião*):

> "Como estivesse de saída para a cidade, o Dr. Monteiro de Morais, que dá uma perna ao diabo para ouvir conversas de matutos do Ceará, convidou o interessante e loquaz cliente a acompanhá-lo no Ford. Livrá-lo-ia assim do incomodo do regresso a pé, naquela soalheira de fim de junho. Em caminho, indagou qual a exata distância entre Quixadá e Quixeramobim.
> – *O povo faz dez légua, seu dotô; mas, na pisada de um bicho veloz que nem este, não é nem légua e meia...*
> Ao se apearem na praça da matriz, o Dr. Monteiro quis saber que tal o matuto havia achado o automóvel, gênero de locomoção pelo qual pela primeira vez se utilizava.
> – Então, que é que me diz do bichinho?
> – *É a milhó das navegação, seu doutô, é a milhó das navegação...*"

Para muitos, era o automóvel "obra do Anticristo", era mesmo uma encarnação do Maldito.

Relata Câmara Cascudo, no prefácio de *Vaqueiros e Cantadores*, já citado: "O velho João de Holanda, de Caiana, perto de Augusto Severo, ajoelhou-se no meio da estrada e confessou, aos berros, todos os pecados, quando avistou, ao sol se pôr, o primeiro automóvel..." Respondendo a um questionário, que lhe foi proposto pelo Autor, o Sr. Manoel Bezerra de Araújo Galvão Júnior,[65] "Seu" Coquinho, um dos homens de maior lucidez e mais vasta e aclamada experiência, do Seridó, assim opina sobre o automóvel:

> "Bom, porque tem facilitado o transporte regular das nossas matérias-primas, como o algodão, o couro, as peles, os minérios; o queijo e a carne, também, melhorando as condições de alimentação; abrindo novos caminhos às nossas riquezas, horizontes novos à circulação. Calcule este progresso, pelo que era a questão dos transportes, há vinte anos atrás. É certo que, logo que se deu o aparecimento do automóvel, os sertanejos não apreciaram; porém, hoje, quase todos o consideram elemento de grande valor."

Já o Sr. Eloy de Souza[66] externa ponto de vista bem diferente, à página 32 do seu livro, *Calvário das Secas* (Imprensa Oficial, 1938):

> "Quanto ao automóvel... em vez da necessidade de vulgarizar o uso desse veículo, o que há a fazer, e é preciso que se faça é impedir o seu abuso, que tanto está prejudicando a economia sertaneja. O seu número é considerável, de todas as marcas e de todos os preços, alguns dos quais de custo tão elevado que, em nosso entender, melhor fora não os vermos em velocidade vertiginosa, varando os nossos sertões adustos."

Afina por essa tecla – batida, como se vê, por um dos mais autorizados, brilhantes especialistas brasileiros em questões sociais e econômicas referentes ao sertão –, o desapoucado, veracíssimo Caetano Zacaria, pseudônimo de um dos mais legítimos expoentes da cultura, no Seridó, e que a uma consulta nossa assim se pronunciou na causa:

> "Concordo em que civilizou o sertão. Isto aqui [referia-se a Jardim], hoje não é mais um arrabalde da Capital. O aluguel da casa, a carne, o ovo, etc... estão pelo mesmo preço corrente aí. Temos, assim, tudo que a capital tem, de ruim, e nada do que a Capital tem, de bom...De onde o êxodo da população, para a Cidade. E veja o amigo que Natal está infestada de matutos, sendo que a maioria deles finge ignorar a sua origem, e aí está bancando importância... De um modo geral, sou contra o automóvel, pois que muito apegado continuo ao século da luz; entretanto, não se pode negar que o automóvel civilizou o sertão – para os que entendem como a maioria, que se civilizar é dar pontapés em bolas, é a corrupção dos costumes, a mentira, o embuste. Eu sou daquele tempo em que um fio de cabelo da barba valia como documento..."

Embora possua, Caetano Zacaria, um bonito Chevrolet de luxo, no qual já fez o Autor deliciosa viagem, de Jardim a Santa Cruz – e com Zacaria ao volante...

Dá-lhe pedras, toda gente...: No sertão, para quem ia de viagem, havia o dever sagrado de jogar uma pedra do caminho, ao sopé da cruz encontrada à margem, no tempo em que só se andava a cavalo. Atribui o Autor ao costume, mais que propriamente à superstição – que, sabe-se, preenche importantíssimo papel na

vida sertaneja em geral –, ao senso prático do matuto que, sempre profundamente respeitoso diante dos temas relacionados com a morte, assim assegura por muito mais tempo a conservação do singelo monumento, quase sempre – antes do automóvel, já se vê – o registro anônimo de uma dessas arrepiadoras tragédias de amor ou de ódio que rastilharam de sangue as solidões nordestinas. Presta-se, também, do mesmo passo, e de acordo com o que, no momento, pode oferecer a terra comburida e desnuda, sem uma flor, um ramo verde, piedosa homenagem ao herói ou ao infeliz tombado no local.

Atendendo à consulta do Autor, julga o proprietário da fazenda "Pedra e Cal", no município de Acari, o Sr. Manoel Bezerra de Araújo Galvão Júnior ("Coquinho"), grande sabedor do folclore seridoense, que o calhau atirado ao pé do cruzeiro do caminho "é a representação de uma prece": sem tempo para debulhar o padre-nosso ou a Oração das Almas, desobriga-se o passante, mais praticamente, jogando sobre o cantinho onde repousam as cinzas, ou onde caiu o ignoto mártir, o seixo[67] dinamizado esotericamente pela intenção devota. Condiz, essa opinião, com o que, a respeito, em *Viagem ao Interior do Brasil*, registrou Georg Wilhelm Freireyss,[68] citado por Câmara Cascudo, em *Antologia do Folclore Brasileiro*, página 64: "O costume de se levantar uma cruz em cada lugar onde se encontra um cadáver, qualquer que seja a causa da morte, com o fim de fazer os transeuntes completarem o número de padres-nossos necessários para resgatar do purgatório a alma de quem aqui morreu sem absolvição".

Atualmente, quando a rodagem está assinalada por centenas de cruzes, fincadas quilômetro a quilômetro, testemunhando, melancolicamente, o que o aceleramento da "cultura americana" está custando aos sertanejos (desminta-o, quem estiver acostumado a percorrer o interior), já não seria possível ao viajante pensativo

persignar-se, e atirar sua pedrinha votiva, sob pena de gastar doze dias na jornada (de Jardim a Natal), em lugar de seis, tão tranquilos, aos quais se refere a sextilha primeira do Canto 7 .

Vangloriando-se de que era capaz de fazer num automóvel, certo Nestor dos Anzóis, que era *chauffeur*,[69] afamado cantador e mestre de samba, lembrado por José Martins[70] (*Luzes do Canaã*, ed. Imp. Industrial, Recife), improvisava, convicto:

"Num artamove,
faço tanta piruêta,
que as roda fica zambeta,[71]
com vontade de sartá.
No aceilerá,
meu sapato láiga a sola,
passageiro vira bola
e o carro vira biá..."

Tal e qual. Por esta, se afere, com raríssimas exceções, a mentalidade universal do motorista, o impune, o intangível semeador de cruzes, na era moderna, em todas as "curvas da morte" das rodovias de penetração.

A um velho repentista, aleijado de ambas as pernas, e que pede esmolas aos passageiros do trem da Central, em Duas Estradas (Paraíba), ouvimos esta admirável sextilha, ritmada ao tinir de uma moeda de níquel na tigelinha de flandres:

"Chofé, pisa Deus e o mundo,
e só não pisa baleia
porque roda de pneu
no mar não se arrimidéia.
Chofé pisa inté o diabo
mas não vai para a cadeia..."

Tal e qual...

O pai atirou nos dois: Não nos inquinem de hiperbólica, a sextilha em apreço. Em tempos não muito remotos, vários crimes dessa natureza foram registrados, no sertão. O matuto é um extremo cioso, em questões que atinjam a honra da família; melindrosa, altamente nevrálgica, a suscetibilidade do pátrio poder. Numerosos romances de costumes, firmados por nomes os mais insuspeitos, documentam casos idênticos – e mais cruéis, mais iníquos, ainda, que o entrevisto na estrofe sob anotação. Alguns ilustres sertanejos do Seridó, e a quem foram pedidas informações a respeito, dando-lhes, todavia, liberdade de deixar de responder a quesitos dos quais dependesse responsabilidade imediata, preferiram deixá-los em branco, o que o Autor interpreta como louvável preservação de melindres: não quiseram tocar essa dolorosa cicatriz da história social do sertão.

Há uma vigorosa página de Irineu Pinheiro[72] (*Juazeiro do Padre Cícero*, 1ª edição, Pongetti, 1938), que estabelece ótima e oportuna analogia:

> "Resumia-se a vida social de caráter mundano quase que em festas de casamentos e batizados, e só nessas reuniões, sob os olhares ciosos dos pais, dançavam quadrilhas e valsas os rapazes e as moças do lugar. Naquele tempo não consentia a rigidez dos costumes relações freqüentes entre jovens de sexos diferentes. O rigorismo em certas famílias, atingia limites incríveis. Conheci, há muitos anos, o velho Manoel Pimenta, morador em Terra Vermelha, no Cariri. Pediu-lhe alguém uma das filhas em casamento, e foi esta concedida. Nunca se viram sós, ou mesmo acompanhados, os noivos durante os meses de noivado. No dia das núpcias, reuniram-se na casa de Manoel Pimenta, em seu sítio, o vigário da paróquia, as testemunhas e os convidados. Na sala da frente, o altar, enfeitado de flores de mofumbo. À hora determina-

> da, por uma das portas do interior da casa, entrou na sala a noiva, acompanhada das madrinhas e de pessoas da família. Vê o noivo, estarrecido, que a que lhe dão em casamento não é a que pedira. De véu e grinalda, achava-se ao seu lado uma das irmãs da noiva substituída. Mas, não teve ele a coragem de protesto, e casou-se com a intrusa. Explicava depois, o velho Pimenta: – 'Em minha família, é assim: casem-se as mais velhas, e depois as mais novas…'."

Os Manoel Pimenta não foram fauna exclusiva do *hinterland* cearense…[73]

Um punhado de farinha: Garantindo-nos contra a suspeita do condoreirismo, remetemos o leitor às Notas ao verso: "ó! o drama das retiradas!", no Canto 2, especialmente no final, quando transcrevemos o depoimento de Osias Guimarães.[74]

Bacurau: Ave noctâmbula[75], de vôo curto e rasteiro. Começa a sair dos esconderijos, ao entardecer, povoando as estradas, voejando dois metros adiante dos autos, batendo com o peito nos "pára-brisas", acendendo no jato dos projetores os dois carbúnculos dos olhos sobrenaturais.

> "O bacurau (*Nyctidromus albicollis*), tem o cognome de bacurau mede-léguas. Passa a noite pelos caminhos, olhos acesos como coivaras, contando as léguas. Também parece ser um vestígio de lenda desaparecida. Há um provérbio que diz: "É dizendo e bacurau escrevendo", para significar a veracidade da afirmativa. Fica o mede-léguas com os direitos respeitáveis de tabelião. Apesar da feiúra, o bacurau é mascote. Pena de asa de bacurau cura dor de dentes, e algumas, dispostas entre a manta e a sela, fazem com

que o cavalo não caia, nem que salte um riacho cheio" (Câmara Cascudo, ensaio citado).

O aboio ecoa...: O aboio é uma espécie de toada, canto interjetivo, lentamente modulado em tons menores, de letra indistinguivel, sempre improvisado, longo e triste, e a cujo som toca o vaqueiro a boiada.

> "A toada plangente do aboiar, dizem os vaqueiros, tem a propriedade de "humanizar" (amansar) o gado, tornando-o triste e cismarento. Às vezes, até lhe escorrem dos grandes olhos baixos, grossas lágrimas vagarosas..." (Gustavo Barroso, *Terra do Sol*, página 54).

Poetizou-o, superiormente, o querido e inesquecível mestre de *Vibrações*, H. Castriciano:

> "Ah! Como é triste o aboio! Ah! Como é triste o canto
> sem palavras, tão vago! – a saudade exprimindo
> das seivas do sertão, no mês de junho rindo...
> Essa magoada voz que acorda as soledades,
> Essa trêmula queixa é o gemido e o brado
> De uma raça infeliz, cujo longo passado
> Simboliza o clamor da miséria e da fome,
> Procurando exprimir tanta mágoa sem nome.
> A voz do sertanejo, ansiando de saudade,
> Nessa triste canção, doce como uma prece,
> Cuja letra ninguém adivinha ou conhece,
> Mas cujo pensamento, ungido de emoção,
> Se coubesse num ritmo, era o do coração.
>
> Quantas vezes, ouvindo Felinto aboiar, me tenho lembrado do alvoroço da terra nas primeiras chuvas, do rumorejo dos rios cheios, da verdura repentina dos

> campos e das serras, do canto dos sapos festejando as primeiras águas, e sentindo o cheiro das madrugadas do mato, vindo das flores que incensam, nesse mês, as várzeas e os tabuleiros do sertão!" ("Cartas de um Sertanejo", de Jacinto Canela-de-Ferro, pseudônimo de Eloy de Souza**,** em *Leituras Potiguares*).

Jurema: Mimosácea, característica da região da caatinga e do sertão em geral (*acacia jurema*, *Mart*.). Há a preta e a branca. A esta, chamam também de amorosa, antítese relacionada com a grande quantidade de espinhos, aduncos e afiados, de que são eriçadas as vergônteas. A jurema flora de outubro a dezembro; cobre-se de alvura, e o delicioso, sonhador aroma, que desprende, faz-se sentir em toda a vastidão dos descampados sertanejos. É o seguinte, o terceto em que Auta de Souza se refere ao perfume da famosa árvore sagrada dos silvícolas:

> "Ao longe, a lua vem dourando a treva.
> Turíbulo imenso, para Deus eleva
> O incenso agreste da jurema em flor."

O soneto da imortal "cotovia mística das rimas", publicado no *Horto*, tem o título de "Caminho do Sertão" e foi musicado pelo notável violonista, professor Eduardo Medeiros,[76] autor da solfa de "Praieira" (letra de Othoniel Menezes) e de dezenas de outras canções popularizadas em todo o país. Eduardo Medeiros, exímio compositor de valsas, o único rival do grande Tonhéca,[77] musicou também quase todas as serranilhas de Ferreira Itajubá, Bezerra Júnior,[78] Clarice Palma,[79] etc.

Notas

[1] Tudo o que serve para acender lume: cavacos, gravetos, etc.

[2] Ver notas de OM, no Canto 1.

[3] Idem.

[4] Idem.

[5] Idem.

[6] Ver notas de OM.

[7] Ver nota de OM.

[8] Idem.

[9] Idem, idem.

[10] **Alhambra**. Palácio mouro, em Granada, Espanha.

[11] Ver nota de OM.

[12] Matutando, pensando, cismando.

[13] Ver nota de OM.

[14] Idem.

[15] Minas fabulosas, lendárias – que teriam existido no atual Zimbábue, exploradas por Hiran, rei de Tiro, e Salomão, monarca de Israel.

[16] "Juntarei todas as gentes e conduzi-las-ei ao Vale de Josafá e ali entrarei com elas em juízo acerca de Israel, meu povo e minha herança..." (Joel 3,2) Parece ter sido a primeira expressão literária de um "Dia do Juízo Final", tempo em que Deus poria fim à presente situação do mundo.

[17] Ver nota de OM.

[18] Idem.

[19] Que corusca; fulgurante, reluzente, cintilante.

[20] Ver nota de OM.

[21] Cômoro; pequena elevação de terreno.

[22] Ver nota de OM.

[23] Idem.

[24] O maior poeta medieval, Dante Alighieri, nasceu em Florença/Itália em 1265 d.C.

[25] Deixou sair (líquido) em gotas, borbulhas ou em fios; gotejou; verteu.

[26] Ver nota de OM.

[27] Referência aos ventos, à sua força.

[28] Antiga romança de música e letra tristes e melancólicas, canção medieval.

[29] Ver nota de OM.

[30] O planeta Vênus, quando aparece à tarde; estrela da tarde, estrela vespertina,

[31] Faixa de pano, tricô, croché ou renda, usado pelas mulheres na cabeça.

[32] Ver nota de OM.

[33] Enegrece com fumo; esfumaça.

[34] **José Martins Fontes**. Poeta paulista. Médico tisiologista. (Santos/SP, 23.06.1884-25.06.1937). Escreveu, entre outros, *Canções do meu vergel*.

[35] Ver nota de OM.

[36] **Auta Henriqueta de Souza** (Macaíba/RN, 12.09.1876-Natal/RN, 07.02.1901). Poeta. Morreu de tuberculose, muito jovem. Irmã de Elóy de Souza e Henrique Castriciano.

[37] Utensílio próprio para incensar; turíbulo, incensário.

[38] **Domingos de Barros**. Colaborador de Augusto Severo, íntimo da família dos Albuquerque Maranhão. Nasceu em Garanhuns, Pernambuco, em 22 de março de 1865. Formado em Farmácia, fundou em Niterói, no Rio de Janeiro, uma pequena fábrica de produtos químicos. Positivista e republicano, alistou-se em um dos "batalhões patrióticos" de Floriano Peixoto. Nesse momento, Augusto Severo necessitava de um técnico em química para a fabricação do hidrogênio necessário para a ascensão do balão "Bartholomeu de Gusmão". Barros, engajado na guerra civil, foi enveado pelo Ministério da Guerra para trabalhar com Severo. Terminado o conflito, voltou às suas atividades civis. Dizem que presenciou, a bordo do vapor "Brasil", no porto do Recife, o falecimento de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Era um estudioso das coisas do sertão.

[39] Gritado, uivado lamentosamente; ganido produzindo som plangente.

[40] **Gonçalo Fernandes Trancoso**. Nasceu em Trancoso/Portugal na segunda década do século XVI e faleceu em 1596. Professor de Humanidades, vivia em Lisboa quando a cidade foi assolada pela peste em 1569, tendo-lhe morrido a mulher, dois filhos e um neto. Escreveu *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575). As suas histórias comungam em

certa medida da tradição de Chaucer e Boccaccio. Um dos primeiros contistas portugueses. A sua obra teve grande sucesso, sofrendo múltiplas reimpressões até ao século XVIII.

[41] **Augusto Tavares de Lyra**. (Macaíba/RN, 25.12.1872-Rio de Janeiro/RJ, 21.12.1958). Historiador, professor, deputado federal, senador, governador do Estado. Ministro da Fazenda e da Justiça. Aposentou-se como Ministro do Tribunal de Contas da União.

[42] **Ademar Victor de Menezes Vidal** (João Pessoa/PB, 17.10.1897-Rio de Janeiro/RJ, 30.11.1986). Jurista, diplomata, jornalista, político, escritor, conferencista, biógrafo de Augusto dos Anjos.

[43] O livro foi publicado em 1945, conforme comentário inserido no site do Instituto Histórico da Paraíba.

[44] Em latim: "cuidem-se os governantes", "que os cônsules tomem cuidado". A expressão usada por OM, certamente, queria fazer referência aos filhos-família de então.

[45] Injeção, no reto, de água, de líquido medicamentoso ou de substância para contraste radiológico. Ajuda, enema, clisma, e lavagem, chá-de-bico, adjutório, cristel. O matuto diz "cristé".

[46] Faca comprida e estreita, provida de ponta; lambedeira.

[47] **Gustavo Dodt Barroso** (Fortaleza/CE, 29.12.1888-Rio de Janeiro/RJ, 03.12.1959). Advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, historiador e romancista.. Foi eleito em 8 de março de 1923 para a cadeira nº 19 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi presidente em 1932, 1933, 1949 e 1950. Fundou e dirigiu o Museu Histórico Nacional. Anti-semita ferrenho, seguidor de Plínio Salgado, integralista, "galinha verde".

[48] Anexim: sentença popular que expressa um conselho sábio; provérbio, máxima.

[49] **Félix Carneiro de Melo.** Produtor rural e músico amador da Banda de Música de Florânia/RN, contemporâneo de Tonhéca Dantas.

[50] Hoje se diz, também, do lugar de mau aspecto; situação que se considera desagradável ou desorganizada; periferia, reduto de operários e marginais. O Morro da Providência, no Centro do Rio, é o local onde surgiu aquela que é considerada a primeira favela brasileira. A comunidade apareceu por volta de 1897, quando ex-combatentes da Guerra de Canudos se fixaram

no lugar. Na época, o espaço ficou conhecido como o "Morro da Favela", em alusão a uma planta do sertão da Bahia – onde houve a guerra – que tem esse nome. "Habitação popular" surge, pois, após a campanha de Canudos, quando os soldados, que ficaram instalados num morro daquela região, chamado de "Favela", por lá existir grande quantidade da planta favela, ao voltarem ao Rio de Janeiro, pediram licença ao Ministério da Guerra para se estabelecerem com suas famílias no alto do morro e passaram a chamá-lo de "Favela", transferindo o nome do morro de Canudos, por lembrança ou por alguma semelhança que encontraram. O nome se generalizou para "conjunto de habitações populares" (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss).

[51] Fenômeno em que um órgão vegetal (fruto, esporângio, antera etc.) abre-se naturalmente ao alcançar a maturação.

[52] **Jaime da Nóbrega Santa Rosa**. Cientista norte-rio-grandense, nascido em Acari, Doutor em Química, pioneiro no estudo da energia solar no Brasil, um dos fundadores do Instituto Nacional de Tecnologia e da SPBC. Em 1939, fundou a *RQI-Revista de Química Industrial*, órgão da Associação Brasileira de Química, entidade de classe por ele idealizada. Historiador, Jaime é autor do livro *Acari: Fundação, História, Desenvolvimento*, Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

[53] **José Américo de Almeida** (Areia/PB, 1887-João Pessoa/PB, 1980). Político e escritor paraibano. Advogado, foi secretário de Estado, senador, ministro da Viação e Obras Públicas, governador da Paraíba e ministro do Tribunal de Contas da União. Escreveu *A Bagaceira*, livro que o projetou como o iniciador do novo romance regional brasileiro

[54] Salamanta, jibóia-vermelha (*Epicrates cenchria cenchria*).

[55] **Jorge Fernandes de Oliveira** (Natal/RN, 22.08.1887-Natal/RN, 17.07.1953). Poeta. precursor do Modernismo no Rio Grande do Norte. Foi comerciante, funcionário público e dramaturgo.

[56] **Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa** (Acari/RN, 27.10.1857-Acari/RN, 14.02.1947). Tenente-Coronel da Guarda Nacional, agropecuarista, político abolicionista e republicano, foi juiz Distrital e governou o Município do Acari cinco vezes (intendente e prefeito). Por afinidade, aparentado com OM. Sua segunda esposa, Maria Iluminata da Nóbrega, era prima legítima da madrasta de Othoniel, Celsa Bezerra de Araújo Fernandes (de Melo). Pai do Químico Jaime da Nóbrega Santa

Rosa (v.cit.) e do servidor público Janúncio da Nóbrega Santa Rosa, casado com Elodia Menezes Santa Rosa – sobrinha e afilhada do poeta, filha de Francisco Menezes de Melo.

[57] Gladiador romano, de regra um escravo, oponente dos trácios e retiários. Usava um grande escudo numa mão e na outra uma espada curta. O capacete se assemelhava a um peixe.

[58] Em Roma, gladiador armado de tridente, punhal e rede, que atirava para tolher o adversário. O mesmo que retiário ou reciário.

[59] **Osvaldo Orico**. Professor, diplomata, poeta, contista, romancista, biógrafo e ensaísta, nasceu em Belém/PA, em 29 de dezembro de 1900, e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, em 19 de fevereiro de 1981. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

[60] **João Barbosa Rodrigues** (Rio de Janeiro/RJ, 1842-Rio de janeiro/RJ, 1909). Botânico. Dirigiu, até morrer, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Escreveu vários livros e monografias.

[61] **Heráclio Pires Fernandes** (Jardim do Seridó/RN, 28.06.1882-Natal/RN, 22.03.1958). Nascido na Fazenda Três Irmãos, farmacêutico, presidente da Intendência de Jardim do Seridó (prefeito). Seridoense tipo "fibra longa". Músico amador, tocava flautim.

[62] Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) através do Decreto 7.619 de 21 de outubro de 1909 (presidente Nilo Peçanha) foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semi-árido. O hoje DNOCS recebeu ainda em 1919, através do Decreto 13.687, o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), antes de assumir sua denominação atual, que lhe foi conferida em 1945 (Decreto-Lei 8.846, de 28/12/1945), vindo a ser transformado em autarquia federal, através da Lei nº 4229, de 01.06.1963.

[63] **José Vitoriano de Medeiros**. No ano de 1913, em Natal, na 3ª. Companhia Isolada de Caçadores (à época, o único estabelecimento militar do Exército Nacional, no Estado), foi colega de farda de OM, ambos na graduação de terceiros-sargentos. Dois ou três anos mais velho do que o poeta, vem dessa época a longa e profunda amizade entre os dois companheiros. Mais tarde, na perseguição à Coluna Prestes, no Piauí, encontrar-se-iam novamente: Vitoriano, capitão da Polícia Militar; Othoniel, como segundo-sargento do Exército. No início da década de 1930, Vitoriano, no posto de major, comandou a Polícia Militar do Estado. O oficial – que se

reformou como coronel – era homem de leituras, conhecendo bons autores e, também, poeta e músico. É o autor da Marcha Oficial da PM Potiguar (letra e música).

64 **Leonardo Mota**. Nasceu em 10 de maio de 1891, na cidade de Pedra Branca/CE. Terminando o curso secundário, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916. Regressando ao Ceará, foi nomeado promotor público da comarca de Ipu. Em Fortaleza, foi diretor da *Gazeta Oficial* (1922/1923) e foi redator do *Correio do Ceará*. Grande boêmio, contador de anedotas e causos, cronista, conferencista, percorreu grande parte do sertão nordestino colhendo material a ser usado em seus livros: *Cantadores* (1921), *Violeiros do Norte* (1925), *Sertão alegre* (1928), *No tempo de Lampião* (1930), *Prosa vadia* (1932) e muitos artigos publicados na imprensa. Faleceu em 2 de janeiro de 1948, em Fortaleza.

65 **Manoel Bezerra de Araújo Galvão Júnior** (Acari/RN, 11.12.1862-Acari/RN, 25.12.1948)**.** Conhecido como "Seu" Coquinho (era irmão do Coronel Cipriano Santa Rosa), senhor das terras da Fazenda Pedra e Cal, no Acari. Cidadão respeitado, foi um apaziguador de questões, um juiz sem diploma.

66 **Eloy Castriciano de Souza** (Recife/PE, 04.03.1873-Natal/RN, 07.10.1959). Jornalista brilhante, escritor e político. Advogado, foi delegado de polícia em Macaíba; dois anos depois, deputado federal. Senador e diretor da Imprensa Oficial do Estado. Profundo conhecedor dos problemas climáticos do Nordeste. No início da longa trajetória na vida pública do Estado, foi apadrinhado da oligarquia fundada por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Irmão de Henrique Castriciano e Auta de Souza.

67 A professora Semira Adler Vainsencher, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco (ver site da FJN), escrevendo sobre o "Enterro Judeu", informa que "as pessoas colocam pedrinhas sobre a sepultura do ente querido, em sinal de resignação com a sua morte. Cabe salientar que o ritual de colocação das pequenas pedras sobre o túmulo é efetuado sempre que se visita as sepulturas, indicando que o morto é lembrado e reverenciado." Mais adiante, ensina que os rituais judeus, trazidos pelos marranos (cristãos-novos) – hebreus convertidos ao catolicismo, sob ameaça da Inquisição – "continuavam seguindo suas tradições dentro de casa. Com o passar dos séculos, vários rituais continuaram sendo repetidos, sem que se soubesse mais o motivo de suas práticas. Trata-se, hoje, de indivíduos que se dizem católicos, em termos de religião, mas que reproduzem tradi-

ções hebréias. Isto pode ser observado em certos atos praticados no agreste e no sertão de Pernambuco, e em outros Estados nordestinos que, sem sombra de dúvida, foram absorvidos do judaísmo. Um deles, por exemplo, diz respeito à exigência de ser sepultado com mortalha e sem caixão. E, um outro, refere-se à prática de colocar pedrinhas sobre os túmulos. Mesmo sem saber, as pessoas que repetem esses costumes poderão ter uma ascendência judaica". O autor destas notas, por sua vez, discorrendo sobre holandeses e judeus no Rio Grande do Norte ("De Natal a Manhattan", revista *Ciência Sempre*, Ano 3, Número 6, agosto/setembro, 2007, p. 28-29), anotou: "[...] Significativa, intensa até, foi a presença israelita no Nordeste durante a ocupação flamenga. Tangidos de Portugal e Espanha, acusados de heresias – vivendo outros na própria Holanda mas originários da Península, – os sefardins, ricos, chegavam aos nossos portos, atraídos pelo comércio, ganhando dinheiro, prosperando. No Recife, fundaram a primeira sinagoga das Américas. Gilberto Freire afirmava que, desde Cabral, de dez portugueses que vinham para cá, oito eram judeus marranos (cristãos-novos). No Rio Grande, hoje, pouca gente se dá conta da sua origem hebraica. Vencidos os holandeses nos Guararapes, liberada a Capitania, sua fortaleza e sua vila primeira (Natal), a maioria dos judeus afortunados da região – marranos ou não – se escafedeu para o Caribe e para uma outra "Nova Amsterdã", um entreposto flamengo, na ilha de Manhattan – que depois, sob o guante da espada inglesa, viria a ser chamada de Nova Iorque. Esse grupo ajudaria a fundar o império capitalista americano. Os outros, os menos bafejados pela sorte, obrigados novamente a se cristianizarem, foram palmilhar os caminhos do sertão, misturando-se às populações indígenas. Ficaram, todavia, os sobrenomes reveladores: Carvalho, Moreira, Nogueira, Oliveira, Pinheiro, Lopes, Dias, Nunes, Souza, Medeiros, Costa, Cardoso, Fonseca e tantos outros. Dos costumes e manias – afirmam, por aí –, deixaram-nos a carne de sol, o comércio à prestação, de porta em porta, a pintura das casas no final do ano, a sangria dos animais para a alimentação, o sepultamento dos defuntos envolvidos em mortalhas. Os holandeses, por sua vez, parece (ainda bem, ainda bem!), só nos deixaram os Wanderley do Assu –salvas algumas poucas exceções, gente de brio, de prumo, de engenho e de muita arte, até nossos dias [...]"

[68] **Georg Wilhelm Freireyss** (1789-1825). Naturalista alemão. Acompanhou o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, em expedições científicas por Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia.

[69] Chofer, motorista, condutor (do francês).

[70] **José Martins**. Poeta popular paraibano, nascido em Patos, no século XIX,

[71] Diz-se de, ou indivíduo que tem os pés ou as pernas tortos; cambaio, zambeta.

[72] **Irineu Pinheiro**. Médico e renomado historiador, nasceu no Crato em 6 de janeiro de 1881 e faleceu em 21 de maio de 1954. Fundador do Instituto Cultural do Cariri, sócio-correspondente do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras, foi um dos mais importantes intelectuais do Sul do Ceará. Escreveu cinco livros: *Juazeiro do Padre Cícero* e a *Revolução de 1914, Joaquim Pinto Madeira, A cidade do Crato, O Cariri* e *Efemérides do Cariri.*

[73] **Aldo Fernandes Raposo de Melo**, político importante, primo do governador Rafael Fernandes – temido e odiado por cafeístas e comunistas que perseguiu obstinadamente, ferozmente, quando secretário-geral do Estado depois do Levante de 1935 –, banqueiro e professor universitário (foi vice-reitor da UFRN). Enviuvando de uma das filhas do patriarca Jerônimo Rosado Maia (1861-1930), reluzente administrador e pioneiro incontestável do progresso de Mossoró/RN, como era o costume à época, procurou o sogro para pedir-lhe a mão de uma das cunhadas mais jovens. O rico industrial, fundador da dinastia dos Rosados, paraibano de Pombal/PB – afeito aos costumes sertanejos, como o cearense Manoel Pimenta, acima citado por OM –, não concordou com o pedido do genro. O primo do governador terminou casando com outra das filhas do Dr. Jerônimo – por sinal, nascida um pouco antes da pretendida noiva.

[74] **Osias Guimarães Carneiro**. Escritor e jornalista baiano. Fundou e dirigiu jornais e revistas no Rio de Janeiro e no Sul do país. *Escreveu amor à terra – Realizações do decênio Getúlio Vargas no Nordeste brasileiro* (Departamento de Imprensa e Propaganda, 1941). Foi compositor, no Rio do Janeiro. Em 1937, as Irmãs Pagãs gravaram o samba "Sofrimento", de sua autoria.

[75] Noturna, notívaga.

[76] **Eduardo Medeiros**. Nasceu no município de Touros/RN, em 21.06.1887. Faleceu em Natal/RN, em 20.06.1961. Certos pesquisadores dizem que ele nasceu em Ceará-Mirim. Músico renomado, clarinetista e violonista, mestre de banda, compositor festejado, parceiro de OM, autor da música da "Serenata do pescador", a consagrada "Praieira". Mora-

dor tradicional do bairro das Rocas, em Natal. Ver, adiante, nesta *Obra reunida*, O *cancioneiro de Othoniel Menezes*, do pesquisador Cláudio Galvão.

[77] **Antônio Pedro Dantas**. Tonhéca Dantas (Carnaúba dos Dantas/RN, 13.06.1870-Natal/RN, 07.02.1940). Músico seridoense, compositor, professor, militar e maestro. Autor da mais apreciada valsa do Rio Grande do Norte: *Royal Cinema*. Essa valsa famosa – embora pouco conhecidos – tem versos do poeta Bezerra Júnior.

[78] **Joaquim Bezerra Júnior** (Natal/RN, 10.05.1890-Natal/RN, 18.09.1957). Poeta e romancista. Publicou dois livros de versos, *Poemas da selva* e *Natureza*. Deixou vários produções inéditas, entre elas, dois romances. Foi soldado, marinheiro e funcionário da Inspetoria das Obras Contra as Secas. Homem sofrido, bondoso, modesto e fidalgo no trato. Foi quem sugeriu a OM levar os versos da "Serenata do pescador" (mais tarde apelidada de "Praieira") para Eduardo Medeiros musicar. Ele próprio foi destacado autor de modinhas, em parceria com o festejado maestro canguleiro.

[79] **Clarice da Silva Pereira Palma** (Natal/RN, 12.04.1911-Natal/RN, 11.08.1996). Poeta, teatróloga, atriz, agitadora cultural. Fundou o Clube dos Sete (teatro), a Academia dos Compositores, a Federação Norte-Rio-Grandense de Autores Teatrais e a Ordem dos Músicos (Seção do RN). Filha do poeta Francisco Palma. Ver nota no ensaio sobre Ferreira Itajubá.

Canto 2
Santa Bárbara!
São Jerônimo!

Mas, no empardecer de uma tarde qualquer, ...embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípites,[1] sucessivos, sarjando[2] fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bátegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se[3] logo em aguaceiro diluviano...

Os Sertões, p. 45

O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las: surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem...

Os Sertões, p. 135

Dezembro. Faces inquietas[4]
de mil ingênuos profetas
farejam "sinais".[5] Ao sul,
relampejou… Hoje, ao norte…
Que luta, de vida e morte,
com o Céu, essa esfinge azul!

Num dia de março, ardente,
a tarde é chumbo, ao nascente;
que torre pesada, aí vem!
Um raio abre o bombardeio,
risca o céu, de meio a meio:
responde o trovão, além

– Sansão[6] de fogo, uma a uma,
dentro das naves da bruma,
rola avalanches de som…
E, a cada nova descarga,
o ozona[7] o circuito alarga,
de um fluido eugênico e bom.

Inverno enfiado, linheiro,[8]
sob o túrbido[9] aguaceiro,
o Assude grande rachou.
(Vibra e irradia, a atmosfera).
O sertanejo olha, e espera…
– Tá bom… foi Deus quem mandou…

Toma da enxada, o gigante!
toma de um couro;[10] ao tirante,
atrela, calado, o boi;
lança pedra e areia ao rombo,
vence! … Responde mazombo:[11]
– *Si foi sózim? E num foi?*

À luz fulmínea[12] e terrífica,
reza a tua *Magnífica*,[13]
Rute[14] heróica do sertão!
São Jerônimo te veja!
Santa Bárbara proteja
teu milho, da inundação!

***

Chuva, de noite, sem conta.
Um corisco abriu a ponta
do lajedo (credo em cruz!).
Dos alagados do aceiro,
sobe o coro alvissareiro,
festivo, dos cururus.

Passam vozes, pela rua.
– *Só foi a reima*[15] *da lua!*
– *Qual! O inverno acimentou!*
– *Olhe essa torre: vazando;*
olhe outra, já se formando!
– *Sinal que nunca bromou*![16]

Sobre a serra, quando a quando,
marrecas revoam, piando.

Chocalhos cantam – *tlém…tlim…*
Fia, em bordões, a biqueira.
O ar é meigo. A terra cheira.
Pirilampeia, o capim.

***

Estiou. Peneiram neblinas.
Tremeluzem lamparinas,
aqui e ali, nos quintais.
Pia a criação, engrujada.[17]
A rosa da madrugada
em palidez se desfaz…

O sol… Que topázio fluido!
não queima – só por descuido:
ouve o epigrama ao xexéu.
Andorinhas, rente às casas,
picotam curvetas de asas,
na porcelana do céu.

O vento, em rijos açoites,
despetalou as "boas-noites",
nos oitões de pedra e cal.
Babugem,[18] na redondeza…
– Que esperanças! Que certeza,
nas almas em festival!

(Há poucos meses, ainda,
na estrada do exílio, infinda,
– pudera haver dor maior? –

Agar,[19] a Ismael caído,
no seio murcho e dorido,
dava sangue com suor…

Oh! O drama das retiradas![20]
Boiadas e mais boiadas,
num chouto exausto, a mugir…
Aboio, ilíada[21] rude,
tu, só tu, tens a virtude
de tanta dor traduzir!

És o sertão, festejando
o inverno! O sertão chorando,
ao ver deserto o curral!
Saga e banzo, em tons magoados,
voz dos campos enflorados,
– apoteose e funeral…).

***

A ponte nova negreja…
Até na torre da igreja,
há gente, a olhar, a esperar:
– é a cheia! Lá vem, o rio,
turvo, assanhado, bravio,
pelos grotões, a estrondar!

Ontem, "cansou', no areado
do varjão fofo e tostado
de dois anos de escassez;
hoje, é barreira a barreira,

– traz chuva de cabeceira,
arrasta pau-d'arco e rês.[22]

Tudo ilhado, da outra banda…
– *Masseira n'água*![23] – Desanda,
vai adiante, vem a ré…
Mas, chega lá, finalmente;
volta, com bicho e com gente,
que nem a Arca de Noé!

(Arca do Pão! Te bendigo
o cedro que, no perigo,
como na paz, vem prover
a vida! E uma vida, dessas,
é ouro, ainda que o meças
pelos grãos que hás de conter!).

Oh, manhãzinha fagueira,
cheirando a malva e cidreira,
a manjerona e alecrim!
A arruda, que andava morta,
está verdinha, na horta!
Todo alvo, o pé de jasmim!

Ressoa o búzio,[24] "de cima"…
Soturna, bárbara rima
da odisséia sem cantor!
– Gado, descendo… (Ah, matuto!
Quanto amargo, no teu fruto;
quanto espinho, em tua flor!

Rude, ingênuo São Cristóvão!
Que contrastes se renovam,
desse labor varonil!
Do teu suor, no derrame,
muito político infame
vive a engordar, no Brasil!

Teu algodão veste o mundo.
Deus, porém, do Céu profundo,
manda-te a prova de Jó…
Explode a seca – é o Vesúvio;
desaba o inverno – é o dilúvio…
Tens de vencer tudo – só!).

Notas ao Canto 2

Dezembro. Faces inquietas:

> "Do meado de dezembro em diante, o sertanejo começa a olhar o céu, a 'namorar as nuvens', diz ele, a se encher de esperanças na presença dos *stratus*[25] avermelhados que afogam ao sol e atulham o poente, dos grandes cúmulos brancos que surgem de manhã, ao nascente, como broncos zimbórios de fantásticas catedrais, esfarripando-se nos bordos a pouco e pouco, em *cirrus*[26] tênues, adelgaçados, que o vento espalha, marchetando o azul claro do zênite..." (Gustavo Barroso, ob. cit.)

Farejam sinais: Escreve, a respeito, o desembargador Felipe Guerra,[27] autor de *Secas Contra as Secas*, *Em Defesa do Nordeste*, *Ainda o Nordeste* (polêmica), obras clássicas na sociologia sertaneja:

> "Entre as aceitas pelos sertanejos (refere-se às 'profecias', 'sinais', etc.), penso eu, as principais são as seguintes: o dia primeiro do ano, limpo, com o sol claro, é sinal de bom inverno; chuvoso, indica mau inverno ou seca; o mesmo como dia 2 de fevereiro, chuvas parciais em outubro, ramas, relâmpagos para cima, bom sinal; chuvas em novembro, mau sinal. Chuvas em dezembro, ramas, babugem, relâmpagos para cima, ótimo sinal. O dia 24 de dezembro apresentou sinais de inverno, chuvas ou mesmo simples relâmpagos para cima? – pode comprar garrotes, sem medo, pois o inverno virá. Choveu domingo de carnaval, a Semana Santa foi chuvosa? Bom inverno. Dia de São José, 19 de março, foi limpo, ainda soprou o vento da seca? Pode contar com a seca."

Responde também, a consulta do Autor, um dos mais autorizados exegetas do *Anuário Perpétuo*,[28] no Seridó: "Sinais seguros de inverno, nos quais ainda acredita o matuto, ei-los: quando há relâmpagos, vésperas de Nossa Senhora da Conceição, de Santa Luzia e de São José; maus, quando faltem."

A "experiência de Santa Luzia", ainda plenamente em voga, descrita em *Os Sertões*, e Euclides a consagra, conferindo-lhe mesmo razões científicas:

> "No dia 12 (de dezembro) ao anoitecer, expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva, da esquerda para direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13, observe-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deita, transmudada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro ou se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo.
>
> Esta experiência é belíssima. Em que pese o estigma supersticioso tem base positiva, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d'água dos ares e, dedutivamente, maiores ou menores possibilidades de depressões barométricas, capazes de atrair, o afluxo das chuvas."

Adiante, ajunta Euclides, em Nota, estas quatro a cinco saborosas linhas de Sílvio Romero,[29] em *A Poesia Popular no Brasil*:

> "Conta-se que no Ceará, fizeram esta experiência diante do naturalista George Garnir[30]; mas o sábio, fazendo observações meteorológicas, e chegando a um resultado diferente do atestado pela Santa, exclamou em seu português atravessado: *Non! Non! Luíza mentiu!*."

Depõe José Américo de Almeida:

> "Todos os anos era essa inquirição fremente da terra da seca; a lua aconchegada nas plumas da 'bolandeira', envolvida nesse halo quase branco; a barra cinzenta, como uma franja do céu sobre a terra; o vento solícito do anoitecer, soprando, de mansinho, sem querer acender fogueiras. Espreitava-se o panorama dos astros, pedindo-lhe as promessas do desconhecido. Era um povo para quem toda felicidade vinha do céu. E a experiência do alto era falaz[31] (*Coiteiros*, cit.)"

Enfiado: Contínuo, constante, cimentado, amarrado, efetivo.

Linheiro: Vertical, cerrado, intenso. Esbelto (Veja-se, em Notas ao Canto 7, o verbete "linheira").

Toma de um Couro: Na construção das paredes (barragem) dos Assudes, o sertanejo se utiliza de um couro de rês cru, que enche de barro, e ao qual atrela um boi, ou uma "junta", duas, etc., por meio de um tirante de cordas, também de couro cru, ou de correntes. O processo, muito primitivo e demorado, mais ainda em voga no sertão, tem a vantagem de contar com a compressão da argila e da areia, feita pelos cascos dos animais, simultaneamente com o arriamento do material. Os matutos usam também os jumentos, que carregam o barro e a areia em pequenos surrões de couro ou em caixões de querosene (vejam-se Notas ao Canto 11, observações à palavra "jegue").

Magnífica: *Magnificat*, cântico à Virgem, tirado do Cap. I, de São Lucas. Tem alta consideração, da parte do povo, como "oração forte" contra calamidade, aflição, perigo iminente, pestes, etc.[32]

Reima: Reuma, influência, força, inflamação, predisposição a infecções. Ferida reimosa; estar com o corpo reimoso.

Criação: Geralmente, galináceos. Todas as aves e pequenos animais que se criam nos quintalejos das casas do interior. No plural, são também os rebanhos de miunças – ovelhas, cabras, porcos.

Engrujado: Encorujado, encolhido como a coruja; tiritando de frio.[33]

Babugem: Ou babuge. Pasto nascente.

> "Cai a primeira chuva e, em três dias, uma película verde-claro, uniforme e delicada, como delgado cendal,[34] recobre a superfície avermelhada da terra, surge por encanto nos píncaros requeimados e nos interstícios das rochas..." (Domingos de Barros, transcrito em *Leituras Potiguares*, página 55).

Ó! O drama das retiradas! Escreve Tavares de Lira, na sua *Corografia do Rio Grande do Norte*, já citada:

> "Com as longas estiagens, esteriliza-se o solo: desnudam-se os campos, aniquila-se a criação; esgotam-se todos os recursos, e grandes levas de "retirantes", exaustos e em desespero, procuram, deslocando-se para o litoral, fugir a uma morte certa, impiedosamente dizimados sob um céu de fogo e sobre terras que abrasam. Aos milhares, se aglomeram em cidades e portos, em grande promiscuidade, de perniciosos efeitos para a ordem e saúde pública, mas nem aí podem permanecer, porque, sem meios com que possam assegurar a subsistência, são forçados a recorrer à esmola, que humilha e, vencidos pelo infortúnio, a abandonar a terra em que nasceram e a que já nada os prende, porque de tudo foram privados, nos transes angustiosos por que passam. Começa o êxodo para outras regiões do país; e, com os

> braços válidos que inenarráveis sofrimentos arrebatam pela expatriação, ao trabalho fecundo, perdem-se os mais essenciais elementos de vida para os Estados que, extintas as suas fontes de renda e agravada a sua situação financeira, pela ruína da fortuna pública e privada, se deparam na dolorosa contingência de apelar para o auxílio da União. É o que ocorre, sempre que se manifesta o tremendo flagelo, que tantos e duros sacrifícios nos têm custado.
>
> Os pais abandonavam os filhos, e as cenas de desespero chegavam ao auge. Até as cenas de antropofagia foram registradas na seca de 1877. A mulher era obrigada a percorrer enormes distâncias, carregando pedras, (nos serviços públicos de emergência, feitos por ordens do governo), para ter direito à alimentação diária, que consistia num naco de carne e um punhado de farinha, em cumprimento às determinações presidenciais." (Osias Guimarães, *Amor à terra*).

Diz ainda o mesmo escritor, citando Arnaldo Pimenta da Cunha:[35]

> "O cemitério da capital (referia-se ao Ceará) já não comportava mais cadáveres. Foram sepultados, oficialmente, 56.791, além de inúmeros enterrados ocultamente, nos subúrbios da capital, dentro do mato; outros, encontrados em completa putrefação, foram queimados...
> Na seca do Rio Grande do Norte, em 1872, morreu um terço da população".

Relata Eloy de Souza, em *Calvário das Secas*, já citado:

"...Do drama de 1904, drama pungente cujas cenas inenarráveis assisti, numa multiplicidade dolorosa do sofrimento humano. Naquele ano, Natal chegou a contar em vários turnos, uma população adventícia superior a vinte e cinco mil pessoas...

Natal viu tudo isto e mais a varíola ceifar centenas de criaturas dentro de poucos dias; as feridas bravas, deformarem homens e mulheres; as câmaras de sangue dizimarem impiedosamente a população infantil, e testemunhou a nudez de pobres moças sertanejas, constrangidas a essa vergonha pela miséria, que as obrigava a ir buscar nos postos de reunião das comissões de socorro os ingressos indispensáveis ao recebimento da ração diária. Foi assim que cerca de vinte cinco mil retirantes estacionaram aqui, aguardando transporte para o sul ou para o norte. Perto de vinte e três mil saíram barra a fora, ao léu da sorte. Muitos morreram nos seringais da Amazônia. Dos poucos que buscaram terras mineiras ou paulistas, alguns regressaram desencantados, outros por lá viveram ou vivem ainda, arrastando o infortúnio do trabalhador nordestino.

Há três séculos que fazemos esta jornada dolorosa, desamparados e sozinhos".

Estão, pois, justificados, e confirmados, os dois versos da 25ª. sextilha do Canto 1:

Um punhado de farinha
faz um rei – do que o tiver**!**

Porque o que acontecia, quanto às precárias possibilidades de subsistência, apontadas por Osias Guimarães e Eloy de Souza, acontecia nas capitais, em plena capital. Aqueles heróis do poema estavam no coração do deserto, em plena fuga pânica diante do flagelo!

Arrasta pau-d'arco e rês:

> "Em baixo, o rio, demasiado opulento, excede o leito, transvasa e dilata-se pelas margens, cobrindo as planícies laterais e tomando, às vezes, uma légua de largura. É a cheia, um mar toldado e barrento, acarretando de roldão os troncos arrancados e não raro, grandes árvores frondosas. E a inundação cobre as planícies, seis e oito dias..." (Tavares de Lira, transcrevendo Domingos Barros, na *Corografia*)

> "É o rio que "desce"! Lá vem a água, a roncar, sertão abaixo. Na frente, na "cabeça" acachoada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarreiram de encontro às pedras do leito, ribanceiras a se diluírem sustidas por entretecimentos de raízes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cercas, longos "paus de bebedouros", cadáveres de animais..." (Gustavo Barroso, obra citada).

Masseira n'água: No sertão, em grandes áreas, não há canoas em uso. Na emergência das grandes enchentes, o povo se tem servido das masseiras das padarias, ou de grandes gamelas que, nas engenhocas de alguns sítios, servem aos trabalhos do mel, ou de formas de açúcar. Quando era possível, adaptavam-se aos flancos da improvisada embarcação barrotes de mulungu (cuja madeira, seca, é semelhante à cortiça) a fim de minorar as condições de flutuação. Seis, oito, e mais, bons nadadores iam-se impelindo, a braço, vigorosamente, laboriosamente, contra tremenda força e as mil traições da correnteza. E o trajeto era sempre realizado numa dilatada curva em diagonal à margem oposta.

"A masseira foi sair lá na passagem da craibeira grande; lá no sítio de Fulano, na oiticica de Beltrano", etc., eram expressões próprias, desses dias e noites de angústia e alvoroço, partilhados

por dois terços, e mais, da população ribeirinha, que acudia em massa, desejosa de ajudar, a comentar, a sugerir, a estimular os nadadores, oferecendo auxílio, comentando o "despotismo" d'água. Assim se salvavam bichos da criação, miunças, etc., e mesmo pessoas, surpreendidas na outra margem do rio, pela inundação.

Búzio: Grande caramujo das praias, univalve (*Cassis tuberosa)*. A carapaça, perfurada no ápice, serve, nas fazendas, de trompa, a cujo som cavo e melancólico, diferentemente modulado, se dão sinais de alarme por incêndio no pasto, invasão de gado nas roças, aviso aos trabalhadores do campo para as refeições e para largar as tarefas, orientação a pessoas "ariadas" (perdidas) no mato, etc.

Notas

[1] Rápido, veloz, apressado.

[2] Abrindo sarja em; fazendo incisão em.

[3] Reunindo-se para formar um todo.

[4] Ver nota de OM.

[5] Idem.

[6] Espécie de guindaste usado para levantar grandes pesos em construções.

[7] O mesmo que ozônio, variedade alotrópica do oxigênio.

[8] Ver notas de OM.

[9] Escuro, sombrio, sem transparência.

[10] Ver nota de OM.

[11] Sorumbático, macambúzio, mal-humorado.

[12] Que possui a violência, o poder de destruição, o brilho e a rapidez de um raio.

[13] Oração que o povo tem o costume de rezar quando troveja. Ver nota de OM.

[14] Rute, a moabita. Personagem do Antigo Testamento, ascendente de Davi e Jesus.

[15] Ver nota de OM.

[16] Do verbo bromar: deu para trás; falhou, gorou, malogrou. Ver nota de OM, no Canto 13.

[17] Ver nota de Othoniel.

[18] Erva que brota com as primeiras chuvas. Ver nota de OM.

[19] **Agar**. Escrava egípcia de Sara. Teve um filho de Abraão, Ismael. De acordo com relatos históricos, os árabes descendem de dois ramos. O primeiro, originário de Kahtan, filho de Heber, na quarta geração de Noé. O segundo ramo, originário desse Ismael (ou Ismail).

[20] Ver nota de OM.

[21] Referência à "Ilíada", poema do grego Homero (século VIII a.C.).

[22] Ver nota de OM.

[23] Idem.

[24] Idem, idem.

[25] Nuvens muito baixas (0 a 1000m) de aspecto estratificado que cobrem largas faixas horizontais do céu, como um tapete com uma cor cinzenta mais ou menos uniforme. Por vezes estão na superfície como um nevoeiro. Quando se apresentam fracionadas são chamadas fracto-stratus (FS).

[26] Nuvens que se formam na alta troposfera, tipicamente a uns 8 mil metros de altitude, numa temperatura ambiente inferior a 0ºC. São por isso constituídas por microscópicos cristais de gelo, que devido à ação dos ventos de grande altitude ficam com a aparência de novelos muito finos de cabelo branco. Têm um aspecto delicado, sedoso ou fibroso, de cor branca brilhante.

[27] **Felipe Néri de Brito Guerra** (Augusto Severo/RN, 26-05-1867-Natal/RN, 04.05.1951). Deputado estadual, procurador, desembargador, secretário de Estado, educador, sociólogo, historiador. Publicou *Secas contra as secas, Ainda o Nordeste, A seca de 1915, O porto de Mossoró, História militar do Rio Grande do Norte.*

[28] "Prognóstico Geral e Particular para todos os Reinos e Províncias". Da lavra do valenciano Jeronymo Cortez, publicado em 1703, em Lisboa. Hoje o *Lunário* é uma preciosidade só encontrada na estante dos estudiosos ou bibliófilos. O raro almanaque trata da natureza dos ventos, prognósticos, épocas ideais para sementeira relacionadas com os astros, remédios universais à base de plantas, efeitos de Saturno, de Marte, sobretudo da Lua, fluxos e refluxos das marés, e de uma infinidade de outros assuntos e generalidades. Por quase 300 anos, o *Lunário* foi o livro mais lido nos sertões do Nordeste, principalmente por cantadores da tradicional arte do versejar, da cantoria.

[29] **Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero**. Crítico, jurista, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, nasceu em Lagarto/SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, em 18 de julho de 1914. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

[30] **George Garnir**. Botânico escocês. Escreveu *Travels in the interior of Brazil* (Londres, 1846). Visitou o Ceará, em 1841. Coletou, inclusive, fósseis – estudados depois na Universidade de Harvard, por Louis Agassiz.

[31] Que ilude; quimérica.

[32] **Graciliano Ramos de Oliveira** (1892-1953), no magistral *Vidas secas* (1938), faz referência às rezas fortes e à Ave-Maria, que "podiam esconjurar a seca e curar a novilha raposa que andava tresmalhada". Fabiano e a família vão a igreja pelo Natal e "rezam para esconjurar os malefícios e doenças do gado."

[33] Engurujado; encolhido com frio, ou por doença; de penas ou pêlo arrepiados; retraído, reservado.

[34] Tecido de seda ou linho, muito ralo e transparente.

[35] **Augusto Tavares de Lira** (Macaíba/RN, 25.12.1872-Rio de Janeiro/RJ, 22.12.1958). Formado em Direito, ministro de Estado (quatro vezes), presidente da Província (governador) do Rio Grande do Norte, senador, professor, ministro do Tribunal de Contas da União, escritor, historiador. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, sócio de dezenas de organizações científicas no Brasil e no exterior.

[35] **Arnaldo Pimenta da Cunha**. Engenheiro fluminense, literato, primo e colaborador de Euclides da Cunha. Radicado na Bahia, foi secretário de Estado e prefeito de Salvador.

Canto 3

Cântico dos cânticos

Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente
a flora tropical.
É uma mutação de apoteose.

Os Sertões, p. 46

Chegou abril. Quanto ninho!
Pulam corgos, no caminho.
Leite! A boiama em tropel…
Cantigas, pelos roçados.
Os cabeços,[1] refrondados,
porejam resina e mel.

O panasco, um mar de seda,
se expande, afoga a vereda,
chamalotando[2] na luz…
Esmalta-se o chão, de flores;
pendões, botões multicores,
vermelhos, roxos, azuis.

Alto, verde, bonecado,[3]
junto ao mocó[4] enflorado,
balança-se o milharal.
Naninha a saia arrregaça,
apanha o feijão *macassa*,[5]
cantarolando… (É um postal!).

Trescala a alfazema agreste.
De alfombra[6] a serra se veste,
garrida[7] como um andor.
Pedras, de formas estranhas,
– letreiros, frades, peanhas[8] –
dão mais mistério ao sol-pôr…

Mil canários amarelos
corruchiam ritornelos,[9]
a fervilhar no umari.
De um desses lances, talvez,
é que Carlos Gomes[10] fez
O *allegro*[11] do "Guarany".[12]

Cristo na várzea, o espinheiro
abre os braços, num cruzeiro
de flor de maracujá…
Junto, o córrego, cantando.
À beira d'água, assuntando,[13]
sozinha, uma garça está.

A jaçanã grasna e voa
sobre os juncos da lagoa:
– a asa é um leque de charão…[14]
Vidrilha o sol, na água parda.
Longe, um tiro de espingarda
retumba, na solidão.

A sensitiva dos prados
oferta os flocos rosados,
de humilde, suave matiz.
– *Malícia, moça dengosa,*
tua mãe morreu! – Pesarosa,
murcha, da ponta à raiz…

Bem cedinho, na quietude
da água tépida do Assude,[15]
Marias se vão banhar.

Confidências de matutas…
– Bredo-azedinho,[16] o que escutas,
é de fazer-te adoçar!

Crespo, vivaz, soberano,
o melão-de-São Caetano
tufa, em macios dóceis;
sobe a um pau-d'arco alto, enorme:
o pau-d'arco é um rei, que dorme
com um manto estrelado aos pés…

Barrancas, cercas, taperas,
pululam de primaveras.
Mesmo este negro alcantil,
cama[17] de cabras e ovelhas,
vela em boninas vermelhas
o solitário perfil.

A salsa andava de rastros:
agora, viceja, em nastros,[18]
volutas,[19] conchas, torçais;
pendura grinaldas, na horta;
aos ombros da aroeira morta,
joga uma echarpe lilás…

Reses, miunças, aos saltos,
escaramuçam, nos altos,
correm ao rio, em rumor,
os olhos todos em chama.
E, em vez de tosarem grama,
tosam tapetes de flor…[20]

A madressilva se estrela,
sobe, em cachos, à janela
do sobrado onde eu morei…
Em tanta flor, quem pensava?
– Parece a "Roseira Brava",
de Palmyra Wanderley.[21]

Relinchos, cantos, pipilos,
sobem, dos vales tranquilos,
descem, nos ecos da chã…
Borboletas, às centenas,
bandos de rolas morenas,
giram, na luz da manhã.

Amai, pássaros românticos!
Isto é o Cântico dos Cânticos,[22]
inverno é ressurreição!
Com tanta pompa de cores,
não teve mais esplendores
a corte de Salomão…

Notas ao Canto 3

Bonecado: Cheio de "bonecas". Boneca é a espiga nova, envolta em compridos fios dourados ou róseos (cabelo-de-milho).

Mocó: Variedade de algodão, tão admiravelmente adaptada ao clima do alto sertão do Estado – em especial, do Seridó – que, de há muito, é considerada da região. O nome decorre da semelhança das sementes, miúdas e lisas, com o excremento do mocó (Ver a anotação a esta palavra, no Canto 6).

Vive, o algodão mocó, 15, 20 anos, e mais, sempre produzindo compensadoramente. Devido a esta excepcional longevidade figura como bem de raiz, nas transações jurídicas, sendo a propriedade dos roçados como tal, transmitida de pais a filhos.

Afirma o Dr. Cristóvão Dantas,[23] especialista de renome internacional:

> "O mocó tem uma existência prolongada; dura, na média, quinze anos, produzindo todos os anos. E a sua capacidade produtora, não obstante ser ele um algodão de fibras longas é superior à capacidade produtora dos algodões de fibras curtas, que são considerados os mais prolíficos. É fácil encontrarem-se plantas acusando um cumprimento de fibras de acima de 50 milímetros. Isto, sem cuidados culturais, devido tão-somente à reação fisiológica entre a planta e o meio físico.
>
> Quando se pensa que, nos Estados Unidos e no Egito, para se alcançar nos algodoeiros um comprimento de fibras que tal, faz-se mister que exista um exército de selecionadores e agrônomos, ajuíza-se muito bem da superioridade das condições naturais do nos-

so Estado sobre as do meio algodoeiro americano e egípcio".
(Artigo transcrito em *Leituras Potiguares*).

Macassa: Qualquer espécie de feijão-de-corda,[24] o que enrama, e dá bagens longas, meio cilíndricas. Feijão-de-arranca (porque, na colheita, se arranca toda a planta) são o mulatinho, o vermelho, o gurgutuba, o enxofre (variedade sulista, vinda de pouco aos mercados do sertão), o preto, etc.

> Essas denominações[observa Gustavo Barroso, em *Terra de Sol*, página 76] "decorrem do aspecto do feijão: o mulatinho, é muito escuro, quase preto; o de arrancar, porque para colhê-lo, se arranca o pé; o de corda, porque os seus galhos lembram cordas; o careta, porque as suas pintas brancas formam uma espécie de quebra-cadeira, porque, sendo muito rasteiro, quem o colhe é obrigado a se baixar muito, ficando com as cadeiras doídas; o acalenta menino, porque é tão bom, dizem, que acalenta os próprios meninos chorões."

Assuntar: Pensar, cismar. Observar, estudar o ambiente.

Assude: Eis um belo poema, com este título, do poeta conterrâneo Jayme dos Guimarães Wanderley,[25] extraído do livro *Espinho de Jurema*, 1934:

> "Cobra verde esbarrou
> no paredão
> feito de pedra e cal
> e sente arrepio
> como alguém
> que tem
> mal

de sezão
ou vive tremendo de frio....

Marrecas, jaçanãs, mosqueiam a água revolta,
furam aqui,
sobem ali,
cacarejando,
voando,
numa inquietação atroz.
E acocorados nos esconderijos das barreiras,
de vez em quando, ariscos, se levantam
bandos e bandos ágeis de socós...

Marginando-o, bem perto,
a vazante viceja
para a fartura da safra de cereais...
E um regato escorrega molemente,
dos borbotões que o sangrador despeja,
para fertilizar os vegetais.

O crepúsculo escancarou
a boca ensangüentada
sobre a água, que ficou
toda chamalotada...
Cobra de coral
esbarrou no paredão
feito de pedra
e cal..."

Azedinho: Azedinha, planta oxilalidácea (*oxalis barrelien*), espécie de trevo comestível, muito comum nas margens dos Assudes.

Cama: Malhada, lugar ao abrigo do sol e dos ventos fortes, e onde o gado se acolhe, durante o pino do sol, ou onde dorme durante a noite.

Tosam tapetes de flor: "A relva estava tão florida, que os animais colhiam flores" (José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, página 279).

Anexins e Ditados: "Brasileiro sem feijão está no chão". "Feijão é que escora casa". "Coitadinho do meu pé de feijão, tão pequenino, e já dando pendão".

Notas

[1] Cume convexo e arredondado de um monte ou de uma pequena serra; monte relativamente pequeno e arredondado.

[2] De chamalote – tecido de textura similar à do tafetá, cuja trama produz efeitos ondulados no lado direito do tecido.

[3] Ver nota de OM.

[4] Idem.

[5] Idem, idem.

[6] Extensão de relva, verdura, flores etc., que recobrem o chão; tapete (de verdura, flores etc.).

[7] Viva, alegre, animada, graciosa, vistosa.

[8] Pedestais onde se colocam imagens, estátuas, cruzes, bustos, etc.

[9] Repetição mais ou menos regular de um verso no fim ou no início (como antecanto) de diversas estrofes, ou ainda no corpo da mesma estrofe, criando uma espécie de rima ou base rítmica para o poema. O poeta, professor e músico Manuel de Azevedo, estudando o poema de OM, escreveu no livro *Bom dia sertões*, editado pela Fundação José Augusto e FAPERN (2009), a interessantíssima análise: "Sertão de Espinho, de Flor e de Música – Sinfonia Poética Sertaneja – a Música na Obra de Ohtoniel Menezes". Nesse trabalho, o mestre de Santana do Matos exalta os conhecimentos musicais de OM.

[10] **Antônio Carlos Gomes** (Campinas/SP, então Vila Real de São Carlos, 11.07.1836-Belém/PA, 16.09.1896). Músico erudito, maestro paulista, autor das óperas *Colombo, O condor, O escravo, Fosca, O guarani, Joana de Flandres, Maria Tudor, A noite do castelo, Salvador Rosa*.

[11] Alegro. Composição ou fragmento musical que tem andamento rápido, vivo, animado.

[12] **Il guarany**. Ópera-balé, do citado Carlos Gomes, em quatro atos. Libreto de Antônio Scalvini, concluído por Carlo D'Ormeville, baseado no romance do mesmo título de José de Alencar. Estreiou em 19 de março de 1870, no Teatro Alla Scala de Milão, Itália.

[13] Ver nota de OM.

[14] Verniz negro ou vermelho, preparado na China ou no Japão.

[15] Ver nota de OM.

[16] Ver nota de OM.

[17] Ver nota de OM.

[18] Fitas, faixas, tiras estreitas de seda, prata, ouro etc.

[19] Ornatos em espiral, qualquer elemento decorativo enrolado em espiral.

[20] Ver nota de OM.

[21] **Palmyra dos Guimarães Wanderley** (Natal/RN, 06.08.1894-Natal/RN, 19.11.1978). Jornalista, poetisa. Publicou *Esmeraldas* (1918), *Roseira brava* (1929). Irmã de Jayme dos Guimarães Wanderley. OM homenageou-a, batizando-a de *Regina Poetarum*.

[22] Poema de Salomão, rei de Israel, filho de Davi.

[23] **Cristóvão Bezerra Dantas** (Natal/RN, 19.04.1900-Natal/RN, 17.10.1965). Engenheiro-agrônomo, foi secretário de Estado, jornalista, deputado federal. Publicou, em 1921, *Lavoura seca do Rio Grande do Norte* (Imprensa Oficial). Foi da ANRL.

[24] **Vigna unguiculata**. Vulgarmente chamado de feijão-de-corda, feijão macassa, caupi e outros. Predominante na região Nordeste e na Amazônia

[25] **Jayme dos Guimarães Wanderley** (Natal/RN, 06.06.1897-Natal/RN, 24.02.1986). Poeta, jornalista, bacharel em Farmácia, teatrólogo, radialista, professor, servidor público, amigo de infância de OM. Pertenceu às duas Academias de Letras do Estado e foi presidente e fundador do Clube de Poesia de Natal. Prolífico, trabalhador incansável, publicou mais de vinte livros, deixando vasta obra inédita. Em certa fase da longa existência, afligido por problemas pessoais, entregou-se à boêmia desregrada. Espírito superior, amparado pelos amigos e pela segunda esposa, sobrepôs-se às dificuldades e viveu serenamente, trabalhando e produzindo até falecer aos 89 anos.

Canto 4

Apartação

De repente estruge[1] ao lado um estrídulo tropel de cascos sobre pedras, um estrépito de galhos estalando, um estalar de chifres embatendo; tufa nos ares, em novelos, uma nuvem de pó; rompe, às súbitas, na clareira, embolada, uma ponta de gado; e, logo após, sobre o cavalo que estaca esbarrado, o vaqueiro, teso nos estribos…

Os Sertões, p. 126

JUNHO, da cor das espigas,
nada em sambas e cantigas,
visões, impressões gentis.
Toda a passada amargura,
esquecida, na fartura
desse interlúdio feliz…

Tresmalha, o gado. É preciso
trazê-lo, de novo, ao piso
da pastagem de criação.
No *Sombrio*, à légua e meia,
é vaqueiro que enxameia.
Vai fazer-se a apartação.[2]

Janelas e portas, sujas
de riscos e garatujas,
monogramas e sinais;
a fogo, acima, outras marcas
– são ferros[3] de patriarcas,
que não prevalecem mais.

Baié traça uma, na areia.
– *É de Antão das Zangareia*![4]
explica *Inácio Gogó*.
– *Num tá veno o S, cortado,*
embora munto apagado?
– *Rebera do Seridó!*

Um grupo discute, à parte.
Um vaqueiro de Dinarte[5]
fala de gado zebu:[6]
– *Diale! come inté velame!*
porém num respeita arame,
num respeita côro cru!

O curral enche-se, à cunha.
Um touro preto desunha,[7]
escarvando[8] no tauá.[9]
A três rivais tomou contas:
levou-os nos chuços das pontas,
desde os mourões, ao jucá.

Dois cavalos bons de gado
esperam, de cada lado
da porteira, a sapatear,
o olho em brasa, a orelha fita…
– *Acunha o azeitão!* – é a grita.
O monstro espirra,[10] a espumar…

Com poucos metros de perda,
um à direita, outro à esquerda,
erguendo golfões de pó,
os dois centauros avançam.
Um minuto… dois… alcançam!
– vão mesmo no mocotó![11]

Já pertinho da oiticica,
Titonho aperta a mucica
– que baque sensacional!

O bicho, que é redoleiro,[12]
torou um pé de facheiro,[13]
com a mó[14] da espinha dorsal…

Lá vem, de chouto, mancando…
Os estrepes vêm brilhando,
na almofada do cupim.[15]
– *Azeitão*,[16] *vai fazê renda?* –,
troça, o dono da fazenda.
– *Esse couro fica é ruim*!

Agora, é a vez da novilha.
É um raio! Mas, logo, a cilha
de *Planeta* se quebrou!
Florado corre sozinho…
Entra com ela no espinho;[17]
lá se vão… – *Êh, cou! êh, cou!*

Mas, Lula não desanima!
Vai de rojeiro, por cima
de amorosa e gravatá
e, agora, montado em osso!
Planeta enfinca[18] o pescoço
na rês – rebenta-lhe a pá!

Aclamações, de mistura
com uma vaia em *Zé-Gastura*,
que é metido a valentão,
mas, vendo a vaca malhada
sacudir, perto, a papada,
ganhou, de um salto, o mourão.

– Conde um touro tá co'a droga,
diz *Zumbéca*, *tira a goga*[19]
dos metido a topadô;[20]
si é tropo[21]*, fica ligeiro,*
se assóbe inté nos facheiro,
dispois é que sente as dô…

– Eita, badejo![22] Alto, grita
u'a morena bonita,
do alpendre, batendo o pé.
Badu, já velho, acrescenta:
– Ah, cabra fixe, setenta!
tem trato com Lucifé!

Com modéstia mais singela,
põe *Lula*, de novo, a sela
(um dos loros[23] se perdeu)
e volta ao pátio. Calado,
esconde o cravo encarnado,
que a moreninha lhe deu.

De cáqui, todo pachola,[24]
num quartauzão[25] manquitola,[26]
lá vai *Bíu Sunganenen*.
Berra, em coro, a molecada:
– Tiborna![27] *Arreda da estrada*!
Tira essa besta conhén![28]

Longe, o aboio. O gado muge.
No meio do ruge-ruge,
grita a janta, Dona Inês.

– Queijo, paçoca, imbuzada…
Que fartura perfumada,
sobre o toalhão de xadrez!

A um canto, *João de Binona*
coça o bucho[29] da sanfona,
escanchado num baú.
O zambê[30] vai ser de arranco,
obrigado a vinho branco,
cachaça e mel de uruçu…

Notas ao Canto 4

Apartação: Encurralamento de grande número de reses, para serem identificadas, ferradas, e entregues aos respectivos proprietários.

> "Em certas ocasiões, no inverno, a fim de fazer a apartação dos gados misturados, reúne-se a 'vaqueirama' toda de uma ribeira. Escolhe-se um campo, um tabuleiro, um vasto prado, próprios às proezas da estardiota[31] sertaneja. É um dia de festa, como o 'adjunto' para os seareiros. Todos se apresentam em seus mais folgados e melhores cavalos de campo, arreios fortes, véstias (roupas de couro) pespontadas de branco. É a vaquejada. Os vaqueiros tocam todo o gado daquela redondeza para aquele lugar. É um belo espetáculo: centenas de vaqueiros fortes, desempenados, vestidos de couro de capoeiro (veado) da cabeça aos pés, cavalgando, num baralhamento, entre nuvens densas de poeira; milhares de rezes mugindo, batendo os chifres, medrosas, espantadiças, corcoveando, escoicinhando-se, numa barafunda de movimentos e sons que, de quando em quando, domina o urro potente e pausado de um novilho fusco,[32] balanceando o cupim lustroso do pescoço. Começa a apartação, a divisão do gado em lotes, conforme os donos. Trocam-se noticias de animais sumidos, roteiros de gados tresmalhados, alborcam-se boiotes e novilhos, barganham-se cavalos. Quando uma rês 'arranca' assustadiça no meio da boiada e vara campo em fora, pronta a 'amocambar-se' nos matos, partem-lhe quase sempre dois vaqueiros no

> piso: um cerca-a de lado, 'fazendo esteira', o outro procura pelo outro lado, 'tarrafeando', 'fazem mão na bassoura' – pegar-lhe o rabo, 'fazer Piauí', 'dar a mucica' e o 'quedaço'. Há todo um *argot*,[33] na vaquejada" (Gustavo Barroso, ob. cit., p. 51-52).
>
> "De longe, ouve-se o estrupido do tropel, o estalar dos galhos e o eco do vaqueiro, em um mesmo rumor confuso de trovoada distante. E a carreira desabalada, turbilhonante, tremenda, prossegue pela caatinga adentro. A rês não para, e o vaqueiro não cede, por dever de oficio, por brio e pundonor, mas também pelo gosto de aventura, pelo prazer do obstáculo vencido à custa do próprio esforço e com risco da própria vida.
>
> Só um cavalo do sertão, montado por um sertanejo, persegue uma rês na caatinga. Os dois são um só todo solidário, uma só vontade, destra, inteligente e ágil. O ágil não é guiado, conhece o que vai fazer, e age com inteira consciência. Corre encostado à anca da rês, e nunca se distancia." (Domingos Barros, em *Leituras Potiguares*", p.70-80).

Veja-se, adiante, a anotação ao verso "Planeta infinca o pescoço".

Ferro, marca: Vide verbete Barbatão, Nota do Canto 1.

Fala de gado zebu: Em carta ao Autor, depõe um dos mais adiantados, experientes criadores do Seridó:

> "Não sou partidário do gado indiano, e não o admito, senão como um meio rápido de melhorar o nosso 'crioulo'. Pela seleção, chegaríamos a um gado muito melhor que o zebu, partindo daquele. Dá-se, porém, que o nosso criador não vai esperar pelo resul-

> tado da seleção e, assim, prefere logo o zebu, cuja percentagem, entretanto, em nosso meio, é ainda muito inferior ao crioulo".

Espirrar: Sair de ímpeto, disparar de dentro do mato, ou da boiada em marcha.

No mocotó: Muito próximo, tocando já o calcanhar ou os tornozelos (mocotós) do que vai na frente.

Mucica: Ou saiada. Impulso rápido e violento, que aplica o vaqueiro, fazendo "abrir" o cavalo para a esquerda ou para a direita. Logo que pode enrolar firme, na mão, a cauda da rês perseguida. A variante indicada acima provém de saia, sinônimo de cauda, a que também chamam os vaqueiros de bassoura, sedém,[34] tipiti, bandeira, cabo, etc.

Redoleiro: Rotundo, corpulento, pesadão, chamurro.

Facheiro: Mandacaru (ver Nota no Canto 1).

Cupim: Geba, protuberância muscular, na parte superior do pescoço dos touros. É uma analogia, em relação ao formato e tamanho ordinário dos ninhos de térmitas (cupins).

Azeitão: Cor de azeitona, pardo-escuro.

Entra com ela no espinho:

> "Por vezes, o vaqueiro não consegue apanhar um novilho no pátio e internam-se ambos no marmeleiro ou na caatinga. Então a corrida torna-se perigosa. O amor-próprio do primeiro, a quem parece já estar ouvindo a risota com que os outros lhe dirão: 'Você botou o bicho no mato!'; o desejo insano de vencer a velocidade de um animal livre pela de outro que leva

> grande peso em cima, até o despeito cômico, a 'raiva' contra a rês que não se deixou pegar, tiram-lhe a razão. E, sem cuidado, desviando-se apenas instintivamente das árvores e das pedras, a cabeça baixa, o sólido chapéu de couro calcado sobre os olhos, ele se arremessa na abertura feita no mato pela carreira do novilho, saltando macambiras, cujos espinhos, duros e recurvados, deixam em sangue as pernas do cavalo, resvalando sobre os lajedos, tropeçando em troncos caídos, quebrando com as costas troncos atravessados na passagem – o que eles chamam 'serrar o pau com as costas' – até que, saindo numa capoeira, ou leito seco de riacho, chega, num esforço supremo, a atirá-lo ao chão".("Policarpo Feitosa", Antônio de Souza,[35] em *Leituras Potiguares*, p. 264-266).

De rojeiro: Com violência, de roldão, aos encontrões.

Amorosa: Jurema, da variedade branca (vide Nota, Canto 1).

Em osso: Em pelo; no dorso nu do animal.

Enfincar: Fincar, cravar. *Planeta* enfinca o pescoço: Entre vaqueiros famosos, no Seridó e, depois, no Assu, colheu o autor a informação de que há – ou já houve, nos tempos áureos do pastoreio – cavalos de campo que, muitas vezes, foram heróis da façanha descrita na sextilha em anotação. "Correr com o queixo em riba da anca da rês", é expressão proverbial de elogio, ainda corrente, no sertão e nas várzeas imensas do Piranhas e do Upanema, ao valor da montada de muitos vaqueiros célebres nas duas regiões pastoris do Estado. Aliás, o cavalo conhece a perna do que o monta. Se um bom cavalo de gado sente que é pouco experiente o cavaleiro, avança sobre a rês perseguida, encosta-lhe o queixo no traseiro (mucumbu,[36] segundo a gíria matuta), só estacando quando o bi-

cho e o estreante indeciso ou covarde rolam confundidos na mesma poeirada do baque, sobre as touceiras de macambira, ferefogo ou palmatória, ou se escornam, ressupinos,[37] no pedregulho granulado das encostas do tabuleiro...

Vide, a propósito, a citação de Domingos Barros, neste Canto, na palavra Apartação.

Droga:[38] O diabo. Abórco (diabólico). Brasabu. Canhoto. Capiroto. Capeta. Catoco. Cachorro preto. Cão. Cambraia. Caim. Dimunho. Diacho. Diale. Dianho. Fute. Futico. Enticrito. Magro. Malino. Maldito. Não-sei-que-diga. Lucifé. O sujo. Pé-de-pato. Pé-de-quenga. Pé-de-cinza, Tinhoso. Satanás. Zumbi. Usados, todos, como substantivos.

Goga (ó): Falsa valentia. Farrambamba. Gás. Lambança. Ganja. Lodaça. Pabulagem. Roço. Garganta. Bafo de boca. Goma ("Urubu caga goma, mas não tem casa de farinha"). Roço (de rocio) é mais empregado na acepção do orgulho, soberba: "Fulano carrega um roço marvado...".

Topador: O que usa o agulhão (ou agulhada), para "topar" a rês enfurecida. Só se conhece a agulhada, em todo o Nordeste, sob o nome de vara-de-ferrão, que é uma longa haste, ordinariamente de pau-d'arco. E em cuja extremidade há um pequeno chuço. "Topar" é receber a pé firme, na ponta de aço da vara, o arremesso do bovino furioso, ciscando no pátio, ou já encurralado, e que é preciso amarrar, pear ou "mascarar", para receber ferro ou ser "assinalado" (assinado). O topador espicaça-o, de rijo, no focinho, entre os chifres, no pescoço, etc. A operação requer muita força muscular, extrema agilidade, absoluto sangue-frio, e tirocínio.

Tropo: Trôpego, lerdo, pesadão, cansado, banzeiro, ronceiro, redoleiro, chamurro (subst.)

Badejo: Exprime idéia de grandeza. Extraordinário, famoso, de alta confiança. Baita. Aquilotado. Escanzinado. Sendeiro. "Servage" (de selvagem), "asservajado". Danoso, "danasco", danisco. Biguano. Pajuaba.

Loro: Correia larga, de sola, da qual pendem os estribos. "Bater dos loros" é sinônimo de morrer.

Manquitola: Manco, capenga. Caruara. Doentio. Chocho, esmirrado, guenzo, movido.

Tiborna: Coisa sem valia. Espora (adjetivo). Ticaca, joça, pinóia, mixaria, porqueira, troço, mangalho.

Conhém: O mesmo que tiborna (é adjetivo). Doente, mirrado.

Coçar o bucho: Afinar, experimentar o instrumento de corda (violão, bandolim, cavaquinho). Ele, além de outras variantes.

Notas

[1] Soa ou vibra fortemente; estronda, retumba.

[2] Ver nota de OM.

[3] Idem.

[4] Zangarelhas, propriedade rural no Município de Jardim do Seridó. Na década de 1950, inugurou-se, na região, um Assude, construído pelo Governo Federal.

[5] **Dinarte de Medeiros Mariz** (Serra Negra do Norte/RN, 23.08.1903-Brasília/DF, 09.07.1984). Fazendeiro, comerciante, industrial, político. Foi prefeito (de Caicó), senador, governador do Estado. Afável, generoso, amigo dos amigos. Homem de poucas letras, sem anel no dedo. Quando governador, assinou a Lei nº 2.307, no dia 25 de junho de 1958, criando a Universidade do Rio Grande do Norte, simbolicamente inaugurando uma nova realidade na terra potiguar. Apreciador de poesia, era admirador e contemporâneo de OM – que, politicamente, foi seu adversário, socialista que sempre foi. Quando senador da República, nos primeiros anos da década de 1960, amparou o poeta enfermo, auto-exilado no Rio de Janeiro, para onde, magoado, fugira à desatenção, à inimizade, à prepotência e à vingança do poderoso de plantão Aluízio Alves, à época, governador do RN, e seus zíngaros cortesãos. Ver nota neste volume sobre Aluízio Alves.

[6] Ver nota de OM.

[7] Dispara, corre.

[8] Abrindo escarvas, escavando (o solo) de maneira superficial, como faz o cavalo com as patas.

[9] Areia, chão erodido.

[10] Ver nota de OM.

[11] Idem.

[12] Idem.

[13] Idem.

[14] Grande massa; grande quantidade. Alusão ao cupim do animal. Ver nota de OM.

[15] Ver nota de OM.

[16] Idem.

[17] Ver nota de OM.

[18] Idem.

[19] Idem.

[20] Idem.

[21] Trôpego; que anda com dificuldade, que mal consegue mover os membros ou locomover-se; tropo (Houaiss).

[22] Ver nota de OM.

[23] Idem.

[24] Bom, simples, ingênuo, para quem tudo está bem, bonachão; gracejador, brincalhão; gozador.

[25] Aumentativo de quartau – cavalo manso, castrado.

[26] Ver nota de OM.

[27] Coisa ruim, desprezível, sem valor; porcaria. Ver nota de OM.

[28] Ver nota de OM.

[29] Idem.

[30] No *Dicionário do folclore brasileiro* (1954), Câmara Cascudo transcreveu toda a sextilha, que oferecia nova acepção ao vocábulo "zambê".

[31] **Estardiota**. Ou estradiota. Modo de montar, escola, estilo de equitação. Maneira de andar a cavalo com estribos longos e pernas estendidas – ao contrário da gineta (estribos curtos). Tipo, modalidade, de sela de montaria. Dizem que o primeiro tratado de equitação conhecido é de Simão de Atenas (século VI, a.C.).

[32] Diz-se do gado de pelo escuro, preto.

[33] Gíria.

[34] O traseiro, as nádegas, sedenho.

[35] **Antônio José de Melo e Souza** (Nísia Floresta/RN, 24.12.1867-Recife/PE, 05.07.1965). Político, escritor, professor, advogado, jornalista, senador. Foi, duas vezes (1907-1908, 1920-1924), governador do RN. Escrevia às vezes sob dois pseudônimos: "Polycarpo Feitosa" e "Francisco Macambira". Publicou vários livros, entre eles *Gizinha*, romance (Tipografia do Anuário do Brasil, 1939). OM trabalhou no seu Gabinete, de Secretário-Geral do Estado, no quadriênio 1920-1924. Foi nessa gestão promovido por Antônio de Souza de segundo a primeiro oficial da Secretaria (Casa Civil, hoje).

[36] Mucubu, no Ceará.

[37] Com os ventres, as barrigas, para cima – deitados de costas.

[38] Outros nomes do Droga: Nordeste: Afuleimado, Amaldiçoado, Arrenegado, Barzabu, Bicho-Preto, Bruxo, Cafuçu, Canheta, Capa-Verde, Diogo, Diale, Dedo, Ele, Esmolambado, Excomungado, Feio, Feiticeiro, Ferrabrás, Futrico, Gato-Preto, Imundo, Inimigo, Lúcifer, Mequetrefe, Mal-Encarado, Mofento, Não-Sei-Que-Diga, Negão, Nojento, Pé-de-Cabra, Pé-de-Pato, Peitica, Rabudo, Rapaz, Sapucaio, Sarnento, Tição, Tisnado, Tinhoso. No Dicionário Aurélio: anhangá, anhanguera, anjo mau, arrenegado, atentado, azucrim, beiçudo, bicho, bicho-preto, bode-preto, bute, cafuçu, cafute, caneco, canheta, canhim, canhoto, cão, cão-miúdo, cão-tinhoso, capa-verde, capeta, capete, capirocho, capiroto, careca, carocho, cifé, coisa, coisa-à-toa, coisa-má, coisa-ruim, contra, coxo, cramulhano, cujo, debo, decho (este, ant. e pop.), demo, diá, diabro, diacho, diale, dialho, diangas, dianho, diogo, droga, dubá, ele (ê), excomungado, exu, feio, figura, fute, futrico, galhardo, gato-preto, grão-tinhoso, indivíduo, inimigo, mafarrico ou manfarrico, maioral, maldito, mal-encarado, maligno ou malino, malvado, mau, mofento, mofino, moleque, moleque-do-surrão, não-sei-que-diga, nem-sei-que-diga, pé-cascudo, pé-de-cabra, pé-de-gancho, pé-de-pato, pé-de-peia, pero-botelho, pêro-botelho (ê), porco, porco-sujo, que-diga, rabão, rabudo, rapaz, romãozinho, sapucaio, sarnento, satânico, sujo, temba, tendeiro, tentação, tentador, tição, tinhoso, tisnado. No *Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa,* vários aparecem: o Cujo, o Oculto, o Tal, o Que-Diga,o Não-sei-que-Diga, o Que-não-Fala, o Que-não-Ri, o Que-nunca-se-Ri, o Sem-Gracejos, o Tristonho, o Muito-Sério, o Sempre-Sério, o Austero, o Severo-Mor, o Galhardo, o Romãozinho – um diabo-menino, o Rapaz, o Homem, o Indivíduo, Dião, Dianho, Diogo, o Pai-da-Mentira, o Pai-do-Mal, o Maligno, o Coisa-Ruim, o Tendeiro, o Mafarro, o Manfarri, o Canho, o Coxo, o Capeta, o Capiroto, o Das-trevas, o Tisnado, o Pé-Preto, o Pé-de-Pato, o Bode-Preto, o Cão, o Morcego, o Gramulhão, o Xu, o Temba, o Dubá-Dubá, o Azarape, o Dê, o Dado, o Danado, o Danador, o Arrenegado, o Dia, o Diacho, o Rei-Diabo, o Demo, o Demônio, o Drão, o Demonião, Satanazim, Satanão, Sujo, o Dos-Fins, o Solto-Eu, o Outro, o Ele, além de outras variantes.

Canto 5

Fogo na canjica

[…] Seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no choradinho ou baião, e os casados levando toda a obrigação, a família. Nas choupanas em festa recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de rouqueiras, e como em geral não há espaço para tantos, arma-se fora, no terreiro varrido, revestido de ramagens, mobiliado de cepos, e troncos, e raros tamboretes, mas imenso, iluminado pelo luar e pelas estrelas, o salão de baile. Despontam o dia com uns largos tragos de aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos.

Os Sertões, p. 130

Hoje, brabo[1] aumenta fama.
Quanto botequim de rama,
na Rua da Conceição!
No chalé de *Néo Rosendo*,
diz que a coisa está fervendo
– se é noite de Senhor São João!

Cheiro de mato quebrado…
Rasga um foguete, espritado,
o cetim do céu azul.
Claro, com letras e flores,
passa um balão, de três cores,
bojando[2] no vento sul.

Nos botequins,[3] o alvoroço
é enorme. – *Aluá*,[4] *seu moço?*
– *Não! Lasque cana*[5] *pra mim!*
rosna *Tito*, já *cinzento*,[6]
formalizado[7] (e ronhento[8]),
de braço mais Serafim.

– *Ele qué, mas é da uva!*
Aluá, é pras viúva,
moça, toma capilé.[9]
– *Cala essa boca, xereta!*[10]
– *seu Tito, mude a espoleta,*
se não, quebra o catolé![11]

O delegado azougou-se[12]
com *Raimundo Bico-Doce,*
por causa do jaburu.[13]
– *Que sanagoga*[14] *ispritada*
aqui, na minha carçada,
num adoto vavavu![15]

Já ontem, formou-se um rolo[16]
porque *Florêncio Crioulo*
jogou tigre, e deu leão.
Afuleimado,[17] dizia
que a roda tinha ingrisia
de prego, ou breu, ou sabão…

E, o delegado: – *Arritira*!
só dei orde p'ru caipira[18]
de cumpade Buriti!
Bando de cabra de peia!
(apontando pra cadeia)
– *Cambo*[19] *ocês tudo pr'alí*!

Fumam, chiando, as fogueiras.
Arcos de palmas, bandeiras,
lanterninhas de papel.
O vento, em bruscas lufadas,
sacode pelas calçadas
folhas, flores, a granel.

No terço de *Dona Finha,*
que beleza, a ladainha,
tirada por *Guiomar*!

Mas, virou frege![20] Um canalha
soltou um *mijão*[21] na palha,
incendiou todo o altar!

Brada a velha, tiririca:[22]
– *Traga, depressa, essa arnica*!
queimei-me! meu Pai do Céu!
E, no auge da tribuzana,[23]
suado, *Alfredo Santana*
bate o fogo, com o chapéu.

Ele próprio, em combinata
com o *Tonho Cabeça Chata,*
formou o charivari.[24]
Depois do fogo apagado,
comenta, fora, o malvado:
– *Foi só pra gente se ri…*

– *Isso, na rua, num presta*!
no verde,[25] *é que é fixe a festa*!
– lembra Cazuza, entre uns dez.
– *Vambora? – Adonde? – É no Arto…*
– *É longe… – Besteira, é um sarto*!
–*Vambora, negrada, a pés!*

Lá vai o grupo ruidoso.
O mais espalhafatoso,
chegando, dá tiros no ar.
– *É pra sarvá a fazenda…*
– *Doido! Infurna essa incomenda*!
– *pode as mulé se ispantá!*

Grita *Jóca*, do terreiro:
–Viva o santo padroeiro
do logradô[26] *do Poção*!
–Viva! Viva! – tudo berra.
Repete os ecos, na serra,
o estrondo de um foguetão.

De longe, da *Bela Vista,*
tinham trazido o *Batista*,[27]
– um vulto, de pé, no andor.
As moças, magote lindo,
cantando o bendito,[28] rindo,
entre os pereiros em flor.

***

Toros de angico e jurema,
labareda cor de gema,
a fogueira se acendeu.
E, enquanto se espera a brasa,
começou, dentro de casa,
animado, o *peleleu*.[29]

Pé-de-ouro, o *Tota Veloso,*
todo enfronhado[30] e cheiroso,
dança valsa, com *Didi*.
Tropeça… Explode, afobado:
– *O compasso tá errado*!
– *Eu num danço mai aqui*!

O tocador, com malícia,
retruca: – *Tive notícia*

que, fiota[31], *só você*!
– *Paluxo*[32], *cabra inxirido*!
tu só qué vê descosido
teu fole caxinguelê![33]

Intervém *Bilú Jandaia,*
rindo: – *Que é isso, canáia?*
gaiganta num é ação!
De medo, é sonhim[34] *quem morre:*
o mais disposto, é quem corre…
Deixa de afuleimação![35]

– *Queima! vadeia*,[36] *meu povo!…*
O *harmonium*[37] rompe, de novo,
uma polca, em si bemol.
Do chão, ao vivo compasso,
sobe um pó vermelho e baço,
que ondeia, à luz do farol.[38]

Lá dentro, alastrando a toalha,
que tem uns frisos de malha,
e cheira a cravo e benjoim,
a cangiquinha amarela,[39]
com iniciais de canela…
pé-de-moleque…[40] alfenim…

Prato com água, na mesa.[41]
Uma vela benta, acesa,
três agulhas, a boiar.
– *Lá vem duas, bem juntinho!*
(Baticum no peito) – *É Guinho,*
com quem você vai casar!

Risadas. *Dona Marieta*
quebra o ovo da franga preta,
no copo (a água é de cristal);
forma a clara, fio a fio,
o contorno de um navio…
– *Xi! prá Siluca, é um naval!*

Nanu saiu, de carreira,
direitinho à bananeira,
enfiou no tronco a quicé.
Mas, foi vista por *Polônio,*
que, com um ciúme do demônio,
cachopa[42] – *O nome é Mané…*

Mão firme, atenção imensa:
por um cabelo suspensa
sobre o copo, a aliança está;
bateu três vezes na borda?
– São João, já sabe, concorda:
o padre concordará…

Esquivando-se à algazarra,
plantou *Bebé*, junto à jarra,
um dentinho de alho – um, só!
Ai! nunca teve a alegria
de ver que o alho nascia!
– tem mesmo a sorte cotó…[43]

Dalva, a mais sonsa, carreia,
de tudo que houve na ceia,
um pedacinho, e escondeu;

fez jejum. E espera, em sonho,
ver o príncipe risonho
que sua alminha escolheu.

***

Arejando, no terreiro,
aos pares, junto ao braseiro,
que agora mesmo acamou,
namorados assam milho.
– Espiga verde! Teu brilho,
muito segredo levou!

Amenhã – diz Mestre Ubaldo –,
na beirada do rescaldo,[44]
bem ante do sol nascê,
bamo espiá, na bacia,
quem vê a filusumia:[45]
Si não, o ano é de morrê!

Joaninha, com muito rogo,
três vezes cruzou o fogo,
para ser prima de *Almir.*
– *Me abrace*!… – E, Joaninha, nada!
– *Chegue! Num seje apocada*![46]
reclamava ele, a tinir…

***

O Santo perdoava tudo…
xereta indulgente e mudo,

quão diferente, hoje és!
Muito antes do Purgatório,
puseste requisitório
a Herodes e Salomés!

Ai, são-joões da minha roça!
Quanto esta alma se remoça,
quanta saudade me traz
da "prima", que eu vejo, ainda,
a fugir, pálida e linda,
da "igreja" dos resedás!

Fole! Edinor Avelino,[47]
estro puro, hermesfontino,[48]
"voz da roça" te chamou!
Mais alto, te escuto e vejo:
– és a alma do sertanejo,
que o destino desterrou!

Notas ao Canto 5

Brabo: Valentão, arruaceiro, imbuanceiro, inzoneiro. Também significa apoucado, acanhado; indivíduo que mora nos sítios, beradeiro (de beirada, arrebalde).

Botequim: Cabana, improvisada com ramos verdes ou palmas de coqueiro e catolé, e onde se expunham à venda, durante as festas populares, em especial as religiosas (Nascimento, Ano Novo, São João e São Pedro, da Padroeira, etc.), gulodices e bebidas, foguinhos, etc. Hoje em dia, de resto, com a introdução de modas e costumes da Capital, já muito evidentes até nas mais apagadas cidadezinhas do interior, desapareceu quase por completo o delicioso pitoresco que ofereciam os botequins – substituídos pelas barracas futuristas, grã-finas, esfervilhantes[49] de lâmpadas voltaicas, laçarotes de papel crepom, e garçonetes "irresistíveis". Dois Henriques – Ford[50] e Castriciano – são os responsáveis imediatos por essa revolução. Diga-se, aliás, evolução, em abono do que tem a nossa famosa Escola Doméstica operado, dentro desses trinta anos, no sentido do progresso social do Rio Grande do Norte. Irrecusavelmente – repitamos – é a Escola Doméstica o mais belo dos poemas de Henrique Castriciano.

> *Os butiquim, qui são feito,*
> *uns maió, outros miúdo,*
> *é um retrato perfeito*
> *daquelas casa sem jeito*
> *dos jagunço de Canudo!*
> (Zé-da-Luz,[51] "Um Natal na minha terra",
> em *O Cruzeiro*, 18.12.1948)

Aluá: Beberagem refrigerante, feita de milho fermentado em pote de barro, adoçado com açúcar, mel de abelha, ou rapadura.

Cana: Aguardente. A sinonímia é imensa: giribita (ou jeribita), teimosa, verbena, verbina, sinhaninha, caxixi, tira-frio, tira-teima, tira-medo, tira-pevide, truaca, veneza, pinga, mata-homem, branquinha, da boa, espalha sangue, mata-bicho, isprito, mandureba, parati, major, maior-do-que-deus, malvada, água-que-passarinho-não-bebe,[52] "ela", restilada, temperada (esta, segundo o testemunho de um dos mais prestimosos e abalizados correspondentes do Autor, "serve para dor de veado ou ventosidade encachada…"). Algumas destas denominações, vê-se logo, decorrem das marcas industriais mais em evidência, ao tempo da consulta feita ao apologista da temperada. A maioria, contudo, é clássica na gíria do sertão.

Cinzento: Ébrio, melado, molhado, embalsamado, fumado, cosendo-bainha, cercando-frango. Champurrião (subst.). Diz-se triscado, do indivíduo ligeiramente alcoolizado; tocado, chumbado, quente.

Formalizado: Solene, emproado, afetando dignidade, ancho. Significa, também, estar de fatiota nova. Entonado, encadernado, intertelado, esticado, chique, lorde, perequeté.

Ronhento: Brigão, agressivo, birrento, zanho, afuleimado, espinhado.

Capilé: Xarope de frutas, para ponche.

Xereta: Alcoviteiro, adulador, chaleira, *trombone*, espoleta, lambaio, "colete", corta-jaca, guarda-costas, "badoque". No momento em que são revistas estas Notas (1951), não sabe o Autor se no Seridó já circulam o puxa-saco, o chupa-ovo, o balança, o enxuga-gelo, o

cafofa, decorrentes da gíria metropolitana, e possivelmente já levadas ao sertão, no ritmo catalisador da gasolina ianque…

Quebrar o catolé: Ou bater o catolé. Falhar a arma o tiro, deflagrando apenas a espoleta.

Azougar-se: Agastar-se, ficar espritado.

Jaburu: Pequena roleta, com figuras de bichos numerados (geralmente, seis).

O maió-ponto, o Bozó,
o jaburu, o caipira,
tudo jogo de patota,
onde aquele que mais bota
cum certeza menos tira.

Sanagoga: Sinagoga, barulho, alarido.

Vavavu: Veja-se, adiante: tribuzana.

Rolo: Barulho, briga.

Caipira: Jogo de parada, com um dado apenas, roleta.

Me alembro qui um sordado
quaje perde farda e gorro
só pruquê Né Alejado
tinha um dado aviciado,
com três cabra e três cachorro.
(Zé da Luz, *Um Natal na minha terra*)

Cambar: Retirar, mudar.

Virar frege: Degenerar em confusão, em barulho.

Mijão: Foguinho são-joanesco, busca-pé.

Tiririca: Irritado, zangado em alto grau. Espritado, azucrinado, trilando. Da gíria automobilística, há chispando, queimando óleo.

Tribuzana: Atribulação, confusão, vexame, vavavu, repiquete, vuco-vuco, bafafá, tundé, chafurdo, furdunço, toré, tereré, banzé; banzeiro, canzoada, cu-de-boi. Veja-se, adiante, afuleimação e, no Canto 11, angu.

No verde: Na roça, fora de portas. Alusão às culturas de milho, a essa época no auge da exuberância. Mês da seiva do milho, chamou a junho Ferreira Itajubá, num dos mais belos, evocativos sonetos de "Harmonias do Norte" (Vide Ferreira Itajubá, Notas ao Canto 15).

Logradouro: Ou logrador. Pequena fazenda; mais propriamente, simples casa-de-campo, onde o proprietário, residente na cidade (na rua, como se diz), passa parte do inverno – maio ou junho – quando a mais famosa rama do sertão, o mororó (*bauhinia forficata*), está "cimentada" e florida, pasto incomparável, possibilitando o leite mais abundante e mais saboroso, a mais fina coalhada, o melhor queijo-de-manteiga do mundo.

Aluízio Alves,[53] autor de *Angicos, geografia, etnografia e história do seu município* (Pongetti, 1ª edição, 1940), afirmou pessoalmente ao autor destas Notas que, ali, a expressão significa, também, bebedouro de gado.

Peleleu: Samba, sovacada, forró, fobó, zambê,[54] quebradinho, espalha-pés; furdunço. Namoro escandaloso, chamego (Ver anotação a esta palavra, no Canto **7**).

Enfronhado: Bem vestido, engomado, formalizado.

Fiota:[55] No pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, organizado por Manoel Bandeira e outros, e revisto por G.

Barroso (2ª edição), registra-se a expressão com o significado de "elegante", "janota", "casquilho". No Rio Grande do Norte, entretanto, é ela invariavelmente usada na acepção pejorativa, para estigmatizar o sujeito de baixa categoria social, metido a namorado motejador, inveterado na chalaça,[56] atrevido, ponta-limpa. Explica, textualmente, um dos mais autorizados informantes do Autor, no Seridó: – "Fiota é o sujeito que usa chapéu quebrado em cima do olho direito, coloca um lenço no bolso das calças, com três pontas do lado de fora, cigarro no canto da boca..." Adiantado, enxerido (Veja-se esta palavra, no Canto 11).

Paluxo: Pilhéria, zombaria, mangoça, capilossada, léra (léria), liberdade, gás.

Fole: *Harmonium*, concertina. Sanfona. Gaita (pejorativo).

Caxinguelê:[57] *Sciurus ingrami*, pequeno esquilo silvestre, o serelepe.

Sonhim: Saguim,[58] ou sagui, pequenino macaco, da família dos *Calitriquídeos*.

Afuleimação: Inflamação. Discussão violenta, rezinga, perlenga, bate-boca, pega (masc.). Vide verbete angu, em Notas ao Canto11.

Vadiar: A acepção lexicológica do vocábulo foi deturpada somente entre os cultos, no sertão. O matuto típico, o matuto puro, "chapado", emprega ainda o verbo como sinônimo perfeito de divertir-se, não-ter-que-fazer, dar-se férias. Diz, singela e etimologicamente, falando da mulher e das filhas, se estão elas num samba, numa festança de casa de farinha, num banho coletivo no Assude, num "adjunto"de roçado, em tempo de melancia ou melão: – "Fulana, mais as menina, foi vadiá em casa de Fulano"; "tão vadiando na mandioca de Beltrano", etc.

Farol: Candeia, de grande tocha, alimentada a querosene. Os mais velhos falam do azeite de carrapato (mamona, carrapateira), antigo combustível[59] da iluminação doméstica. Nas casas mais pobres, à época descrita pelo poema, era usada, como depósito do querosene u'a meia garrafa de barro vidrado, e era "distinto" que esta fosse um casco de cerveja preta, cintado de marrom no gargalo...Entre os remediados, dois pequenos gasômetros de carbureto, feitos de zinco. Nos bailes dos coronéis, a lâmpada a álcool, comprada no Recife ou em Campina Grande.

A canjiquinha amarela: Canjica, espécie de creme, preparado com a polpa do milho verde. Antônio de Souza, (Policarpo Feitosa), autor de vários deliciosos romances regionais, e já várias vezes citados nas presentes Notas, assim descreve o apetecível quitute, rei do tradicional cardápio das festas de junho, em todo o Nordeste:

> "Quem não experimentou aquele prato, preparado com milhos cosidos no mesmo dia, "o leite" de cocos vindos de longe, porque os coqueiros são raros na região da caatinga, adoçado com açúcar adquirido especialmente para esse fim (porque o açúcar do cotidiano é a rapadura), temperado com muita erva-doce, muito cravo-da-índia, e salpicado de muitíssima canela, não pode imaginar o que é aquilo, pelos mingaus insípidos e indigestos, a que na cidade conferem a mesma denominação" (*Leituras Potiguares*, p. 134-135).

Pé-de-moleque: Delicioso bolo de mandioca e rapadura, temperado com erva-doce e gengibre e castanha de caju.

Prato com água, na mesa: Relativamente às "sortes" e adivinhações são-joaninas, enumera o Barão de Studart[60] as seguintes

(damos-lhes um resumo), em "Notas sobre a linguagem e costumes do Ceará", citadas em *Antologia do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo. Variando apenas em um ou outro aspecto de interpretação ou de ritual, servem elas, admiravelmente, de documentário ao que a propósito foi incluído no texto do poema.

Verbi gratia,[61] em noite de São João:

> "1) Duas agulhas metidas numa bacia d'água indicam casamento, se as agulhas se juntam.
> 2) Escrevem-se em papelitos os nomes de várias pessoas, enrolam-se os papelitos e se os põe numa vasilha com água: o papel que amanhecer desenrolado indicará o nome do noivo ou da noiva.
> 3) Enche-se a boca d'água e fica-se detrás da porta da rua: o primeiro nome que se ouvir, é o do noivo ou da noiva.
> 4) Tomam-se três pratos, um sem água, outro com água limpa, e o terceiro com água suja; quem faz a experiência aproxima-se, com os olhos vendados, e põe a mão sobre um deles: o prato sem água não dá casamento; o de água suja indica que o casamento é com viúvo e, o de água limpa, casamento com solteiro.
> 5) Põe-se u'a moeda de vintém na fogueira, e tira-se, no dia seguinte, para dá-la ao primeiro pobre que aparecer: o nome do pobre é o nome do noivo.
> 6) Dão-se nós nas pontas do lençol, tendo-se previamente escrito neles os nomes de quatro pessoas queridas, mas os nós sendo bem frouxos: ao amanhecer, o nó que estiver desmanchado indicará o nome do futuro esposo ou esposa.
> 7) Põe-se um pouco de clara de ovo num copo contendo água: no dia seguinte, aparece uma igreja (casamento) ou um navio (viagem próxima), etc.

8) Passa-se sobre a fogueira um copo contendo água; mete-se no copo, sem que atinja a água, um anel de aliança, preso por um fio, e fica-se a segurar no fio: tantas são as pancadas dadas pelo anel, nas paredes do copo, quantos os anos que o experimentador terá de esperar por casamento.

9) Para uma pessoa conhecer se está próximo a casar, planta, três dias antes de São João, três cabeças de alho: quantas cabeças de alho aparecerem nascendo, no dia de São João, tantos serão os anos de espera de casamento; se nenhum aparecer, é que a pessoa não casará.

10) Quem, no escuro, tirar numa pimenteira uma pimenta verde, casará com moço; se encarnada, casará com velho.

11) Passa-se um ramo de manjericão na fogueira, e atira-se ao telhado; se na manhã seguinte, o manjericão ainda estiver verde, o casamento é com moço; se murcho, é com velho.

12) Introduz-se numa bananeira uma faca que ainda não tenha servido; no dia seguinte, aparecerá na faca a inicial da noiva ou do noivo.

13) Põe-se uma bacia ou tigela com água, e olha-se para dentro: se não se vê a figura, é que se morrerá neste ano. Outros fazem a experiência, olhando o fundo de uma cacimba.

14) O experimentador, tendo jejuado na véspera, escolhe bocados de cada prato das refeições, e guarda-os; à noite, prepara uma mesa, no quarto de dormir, e guarnece-a com os bocados guardados, como se esperasse algum conviva; dorme e, em sonho, vê o noivo ou a noiva sentar-se à mesa.

15) Faz-se pirão com um pouco de farinha, e põe-se dentro um caroço de milho; com os olhos fechados,

> divide-se o pirão em três porções; coloca-se uma na porta da rua, outra sob o leito, e a terceira na porta do quintal: se for encontrado o caroço de milho na porta da rua, é sinal de próximo casamento; se sob o leito, o casamento é demorado; se na porta do quintal, não há possibilidade de casamento."

Baticum: Sinônimo onomatopaico de pulsação. Pancadaria: o baticum do bombo.

Cachopar: Troçar, ridicularizar, mangar, xingar. G. Barroso e Manoel Bandeira não registram o termo, no Pequeno Dicionário, já muitas vezes aqui citado.

Rescaldo: Remanescentes da fogueira; cinzas, de mistura com carvões ainda ardentes.

Fisulumia: Fisionomia, rosto.

Apocado: Apoucado, acanhado, arisco. Adiantado é um antônimo. Vide fiota, neste Canto 5**,** acima.

Fole! Edinor Avelino: É o seguinte, o soneto em que o grande poeta de "Apologia do Silêncio", "Serenidade", "Diante do Mar", e outras obras-primas, que integram o *Sínteses*, seu livro de estréia, ainda inédito,[62] focaliza o predileto instrumento musical dos matutos – a harmônica, *harmonium*, concertina, ou fole – ,[63] para eles tão importante, quanto, para os russos; para os escoceses e espanhóis, o violão e a guitarra; a balalaica,[64] para os russos; para os escoceses, a gaita-de-foles e a cornamusa;[65] o arrabil,[66] para os árabes:

> "HARMÔNICA
>
> É a voz da roça! Velha orquestra animadora,
> Que a gente, no arraial, para o prazer desperta,

Ecoando pela noite e até que o sol redoura
A serra – a encher de sons a vastidão deserta.

Ora lembra, saudosa, o que grato nos fora,
Do passado a falar nas notas que concerta;
Ora executa um canto à terra sedutora,
De plantas aromais e frutos bons coberta.

Toque dos ranchos! Voz do ermo! Recordo, a ouvi-la,
O soberbo sertão com os seus ricos produtos,
A paisagem cercando a fazenda tranquila!

A vida solitária entre os lajedos brutos,
O arroio que volteia e à luz do luar cintila,
O regozijo, a festa e a dança dos matutos."

Notas

[1] Ver nota de OM.

[2] Verbo *bojar.* Termo de marinha, significando perfazer com embarcação o circuito de uma ilha, cabo ou porção proeminente da costa.

[3] Ver nota de OM.

[4] Idem.

[5] Idem.

[6] Idem.

[7] Idem.

[8] Idem.

[9] Idem.

[10] Idem.

[11] Idem.

[12] Idem.

[13] Idem.

[14] Idem.

[15] Barulho de vozes; algazarra; agitação, alvoroço, azáfama. Ver Nota de OM.

[16] Ver nota de OM.

[17] Exaltado, querendo briga.

[18] Ver nota de OM.

[19] Idem.

[20] Idem.

[21] Idem.

[22] Idem.

[23] Idem.

[24] Barulho de vozes; algazarra. Agitação, alvoroço, azáfama.

[25] Ver nota de OM.

[26] Logradouro. Ver nota de OM.

[27] São João Batista.

[28] Cântico católico que se inicia por aquela palavra.

[29] Ver nota de OM.

[30] Idem, idem.

[31] Idem.

[32] Ver nota de OM. Veríssimo de Melo, em 1977 (*Folclore brasileiro:Vocabulário do Rio Grande do Norte,* Rio de Janeiro, Funarte, 1977, p.14-16), depois, portanto, de OM, registrou *paluxo* como "pilhéria, zombaria". O verbete de Othoniel anota muito mais: pilhéria, zombaria, mangoça, capilossada, léra (léria), liberdade, gás."Vivi" (era como OM chamava, carinhosamente, Veríssimo de Melo) apontou, no livro citado, várias outras palavras do jargão sertanejo estudadas por OM. Câmara Cascudo também o fez, no seu alentado *Dicionário Brasileiro de Folclore*. O escritor e acadêmico Manoel Onofre Júnior, entretanto, num dos seus livros (ou numa entrevista) achou que o poeta "inventava palavras", colocando-as na boca dos matutos do Seridó... Logo OM – que fazia questão de respeitar o jargão do sertenejo seridoense. Vejamos o que o próprio poeta registra, adiante, nas Notas ao Canto 11 (nas palavras "jucá" e "quiri"): "Catulo da Paixão Cearense, num dos admiráveis poemas de *Alma do Sertão*, põe também assim o termo, na boca de um dos seus heróis, pelo que mereceu reparo de Humberto de Campos (Crítica, 1ª. série, editora Mariza, p. 188), enumerando, além desta, quirin, cerca de mais de vinte expressões que, por amor exclusivo da rima, o grande felibrista inventou, querendo fazê-las passar por apanhadas no linguajar do matuto. Este, 'jamais cria expressões, deturpa-as, apenas', na justa e autorizada observação de Humberto".

[33] Ver nota de OM.

[34] Idem.

[35] Idem.

[36] Ver nota de OM.

[37] **Harmônica**. Instrumento da família do acordeão, de forma hexagonal, dotado de dois teclados de botões com que se produzem acordes e melodias; gaita. Ver "fole", nas Notas de OM, deste Canto.

[38] Idem.

[39] Idem.

[40] Idem.

[41] Idem.

[42] Idem. Veríssimo de Melo também registrou o verbo "cachopar", no livro citado.

[43] Pouca sorte, má sorte.

[44] Ver nota Nota de OM.

[45] No glossário das notas de OM (Ver adiante), "filusumia" corresponde a fisionomia, rosto. O termo sertanejo, hoje muito conhecido pelos apreciadores da poesia de cordel, com algumas variantes ("filogomia", por exemplo), aparece, de tempos para cá, com os mais estapafúrdios significados nas insuperáveis e divertidas estrofes de Zé Limeira, o afamadíssimo bardo paraibano (de Teixeira), o "Poeta do Absurdo", imortalizado pela pena competente de Orlando Tejo.

[46] Ver nota de OM.

[47] **José Edinor Pinheiro Avelino** (Macau/RN, 17.07.1898-Natal/RN, 10.03.1977). Um dos maiores poetas do Estado, no seu tempo. Em 1923, OM já o classificava como "a mais bela afirmação entre os novos". Eram amigos fraternos. Uma modinha de sua autoria, chamada "Macau" (música de Fernando Almeida), é considerada pelos macauenses como o "hino da terra das salinas". Edinor, que foi funcionário autárquico federal, sofreu muito com a cegueira que o acometeu. Pertenceu à ANRL. Com o seu desaparecimento, substituiu-o, na mesma cadeira, o filho, Gilberto Avelino, também falecido.

[48] Relativo ao grande poeta sergipano **Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes** (Boquim/SE, 1888-Rio de Janeiro/RJ, 1930). Bacharel em direito, jornalista, caricaturista, funcionário dos Correios e Telégrafos – foi oficial de gabinete do ministro da Viação. Publicou *Gênese* (1913). Seguiram-se *Ciclo da perfeição* (1914), *Miragem do deserto* (1917), *Microcosmo* (1919), *A lâmpada velada* (1922) e *A fonte da mata...* (1930), entre outros.

[49] Que fervilham, mexem-se muito, movimentam-se com rapidez.

[50] **Henry Ford** (Greenfield, Michigan/Estados Unidos-Dearborn/Estados Unidos, 1947). Industrial, ex-mecânico, milionário norte-americano. Introduziu inovações importantes tanto no campo da mecânica como no da gestão: vendas a prazo, fomento da exportação, divisão do trabalho, sistema de retribuição por prêmios, etc. Publicou uma obra, *Filosofia do trabalho,* em que expõe os seus princípios. Fundou, em 1903, a *Ford Motor Company.*

[51] **Severino de Andrade Silva** (**Zé da Luz**). Nasceu em Itabaiana em 29 de março de 1904 e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de fevereiro de 1965. Poeta popular, ficou famoso, nacionalmente, com o poema "As flô de Puxinanã".

[52] Outros nomes da malvada, Brasil afora: abençoada; abrideira; acaba-festa; adorada; alpista; aninha; apreciada; arrebenta-peito; branca, branquinha, brasa; braseira; brasileira; bichinha-boa; acorda-o-velho; afamada; afiada; água-benta; água-bruta; água-de-briga; água-de-cana; aguada; água-forte; água-que-gato-não-bebe; alertadeira; alma-de-gato; amansa-sogra; amansa-corno; amargosa; antibiótico; apetitosa; arranja-briga; a-que-matou-o-guarda; arranca-bofe; atitude; azarenta; bichinha; bicho-bom; bigorna; birinaite; birusca; bribada; branquinha; briosa; cabo; catutca; caídeira; calafrio; calorenta; cambirimba; cambraia; canavieira; canforada; canilina; capilé; catuta; catinguenta; chamegada; chamarisco; cipoada; cheirosinha; carinhosa; carraspana; caxaramba; caxiri; caxirim; chibatada; choraminga; chorumela; cobreira; corta-bainha; cotréia; cumbe; cumulaia; criminosa; curandeira; da boa; danadinha; desperta paixão; distinta; depurativo; douradinha; encantada; enrola-chifre; ensina-estrada; garapa; girgolina; goró; gororoba; jeribita; jurubita; lapada; limpa; lindinha; lisa; mandureba, mamãe-sacode; marafo; maria-branca; mata-bicho; mata-o-velho; mel; merol; meu-consolo; não-sei-quê; papôco; papudinha; precipício; piadeira; pifão;pinga; pisca-pisca; pura; purinha; queimante; quero-mais; reiada; saideira; sacudidela; salve-ela; samaritana; sapeca; sedutora; seleta; sopapo; sossega-leão; sputinik; renitente; suadeira; sururu; tacada; talagada; tagarela; tiririca; tiúba; tijolo-quente; tira-frio; tira-prosa; tira-reima; tiririca; tiúba; tentação; tenebrosa; treco; tremedeira; trombada; turbulenta; uma...; uma-da-boa; uma-daquelas; valentona; veneno; venenosa; virgem-afamada; vexadinha; vuco-vuco; xaropada; xixi-de-anjo; zombeteira; zinabre, zuninga.

[53] **Aluízio Alves**. Ver nota 160, do Canto 11.

[54] Ver nota no Canto 4. O *Aurélio* registra: festa popular; pagode, função. Baile popular; arrasta-pé, segundo o *Houaiss*.

[55] O *Dicionário Houaiss*, atualmente, registra "fiota" e (o mesmo que) fiote: aquele que anda bem vestido ou vestido com certo excesso de elegância; fiota, janota; aquele que se revela metediço, pedante; petulante.

[56] Dito ou gracejo de mau gosto; espirituoso, zombeteiro; escárnio, gracejo, motejo.

[57] Outros sinônimos: acutipuru, agutipuru, caitité, caticoco, caxinxe, caxixe, coxicoco, cutia-de-pau, papa-coco, quatiaipé, quatimirim, quatipuru.

[58] Massau, mico, sauí, sauim, soim, tamari, xauim.

[59] Hoje, no século XXI, a mamona (ou carrapateira), *Ricinus communis L*, é, no Nordeste, uma das culturas eleitas pelos programas estaduais e federais para fornecer matéria-prima à produção do biodiesel – um combustível apontado como renovável e menos poluente do que o seu concorrente fóssil, o diesel.

[60] **Guilherme Chambly Studart** (Fortaleza/CE, 05.01.1856-Fortaleza/CE, 25.09.1938). Médico, historiador, filantropo, abolicionista, vice-cônsul do Reino Unido no Ceará.

[61] "Por exemplo", em latim.

[62] O livro *Sínteses* foi publicado em 1968, numa edição da Editora Pongetti.

[63] OM, sempre cuidadoso nas pesquisas, trabalhando vários anos – entre 1939 e 1952 –, apenas registrou, neste livro, "sanfona" uma única vez. Não empregou acordeão, tampouco. O termo sanfona, largamente hoje difundido, parece, somente foi popularizado, através do rádio, nos sertões do Rio Grande do Norte, pelo pernambucano Luiz Gonzaga, na segunda metade dos anos 1940. O vocábulo acordeão, por sua vez, desde o início do século passado, era muito conhecido na região sulina. A primeira fábrica dessas gaitas no Brasil, no Rio Grande do Sul, foi criada pelo casal Cesare Arpini e Maria Savoia no final do século XIX, no atual município de Santa Tereza, na Serra Gaúcha. Outras fábricas apareceram em seguida em Garibaldi, Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

[64] Tipo de bandolim de três cordas, braço trasteado e caixa de ressonância triangular, dedilhado com palheta, muito usado na música popular russa.

[65] Espécie de gaita-de-foles.

[66] Instrumento de arco, de origem árabe, com duas a cinco cordas; aiabeba, rabil.

Canto 6

Pino do sol

[…] Os juazeiros, que perdem as folhas, de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucedem-se meses e anos ardentes. Empobrece-se inteiramente o solo aspérrimo. Mas, nessas quadras cruéis, em que as soalheiras se agravam, às vezes, com os incêndios espontaneamente acesos pelas ventanias atritando rijamente os galhos secos e estonados[1] – sobre o depauperamento geral da vida, em roda, agitam as ramagens virentes,[2] alheios às estações, floridos sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas[3] no pardo dos restolhos – à maneira de oásis verdejantes e festivos.

Os Sertões, p. 42

O algodoal cedo se agita.
Rendeiras,[4] gastando[5] chita,
catam maçã por maçã.
(Linda, aquela! Mas, tão pobre,
que a blusa, rota, descobre
duas vingas[6] de romã…).

Cismando heróicas lembranças,
rodam sarilhos[7] de lanças,
em atitudes marciais
– pendões, de grimpas curvadas,
com agulhetas douradas –,
falanges de gravatás.

Nem-ên… nem-ên… Quanto choro!
Para que tamanho agouro,
anum preto? Sai, ticum![8]
Por que não cantas direito?
Muita gente tem teu jeito:
– caninga, até em jejum![9]

O sol, todo o ouro fundindo
no tamis[10] do tamarindo,
rendilha o chão fresco e nu,
morde a perna chocolate
da lavadeira, que bate
na tábua do cumaru.

Entre fileiras de cardos,
– índios eretos, galhardos,
em campo de prata e anil –
alçando a estampa, o juazeiro,
auriverde, alvissareiro,
é um pavilhão do Brasil!

Cheirosa, rendada mesa,
em que, rindo, a Natureza,
numa provida exceção,
faz pães de mel, Ceia Larga,
de massa nativa e amarga
– e, em cada mesa, um milhão…

Capelinha sempre aberta,
na chã, na serra deserta,
e onde, ao vivo repicar
do cancão – sino de penas –
as almas rudes, serenas,
dos bois tristes, vêm rezar…

Celeiro, oásis, tesouro!
Com tanta estrelinha de ouro,
és mesmo um cromo do céu!
Deus, se a pé aqui andasse,
duvido te não saudasse,
levando ao peito o chapéu!

Cor de gema, no colete,
gola e capa azul-ferrete,
pia o vem-vem,[11] no trapiá.[12]

O coração da matuta
bate…(*Vem…vem*…).[13] Põe-se à escuta:
– notícia boa, será?

Bem pixaim, bem cheirosa,
a quixabeira frondosa,
Mãe preta, meiga nutriz,
desfaz-se em flor, para abelhas,
engorda cabras e ovelhas,
com frutinhas cor de ônix.

Verdor das voltas do rio!
Vazantes, ao desafio!
– oásis, nos boqueirões.
Flores roxas e amarelas
marinham[14] pelas cancelas.
Voga o aroma dos melões.

Concliz,[15] clarim da alvorada,
de túnica ensangüentada
nas marselhesas do sol!
Teu bico de ébano, fino,
foi o punhal florentino
de que lendário guinhol?[16]

Debaixo da aroeira grande,
a sesta em risos se expande.
– *Corta esses cacho, Sinhá*!….
– *Tem modo, reparadeira*!
venha c'a sua besteira,
e eu conto a do aripuá…[17]

No melhor da risadagem,
rompe a calma da paragem
o tereré[18] dos mocós.[19]
– *Cascavé*! –, diz a da blusa.
– *A cobra, num dou fiúza*![20]
– *São Bento protege nós*…

(Um canção,[21] de sentinela,
acua o ofídio. Martela,
rasga o toque de reunir.
Acodem cem passarinhos,
chia, tudo! Entre os espinhos,
a cobra toca a fugir).

Terra e gente – madornando.[22]
O mormaço, formigando,
cai sobre o imenso geral.
Longe, em saudosa surdina,
um carro de boi rechina…[23]
Rescende, o marmeleiral.[24]

Lento, o córrego perlonga[25]
os umaris. A araponga
canta, no ermo do confim.
Canta? – aço líquido entorna
sobre invisível bigorna,
limando: – *rren-im…rren-im…*

Depois, sob a sucupira,
uns favos de jandaíra,[26]
na barreira do riachão.

Coberto de "pasta",[27] ao lado,
é o tanque azul do talhado:[28]
– água, na concha da mão…

Na malhada[29] da imburana,
pegou-se a suçuarana,
– meteu na arataca[30] um pé.
Torquato, radiante, explode:
– *Num me sangra mais os bode*!
Vou te esfolá de quicé!…

Fins de raça, sombras raras,
dizimados nas coivaras,
– pão do gado sofredor,
cardeiros, pelos lajedos,
erguem nas pontas dos dedos
os candelabros da flor…

As coroas-de-frade, hediondas,
hirsutas, gordas, redondas,
bolas de espinho, no chão,
toucadas[31] de tons ardentes
– são crânios de penitentes,
rolando pelo sertão…

Oiticica[32] da passagem![33]
Quisera, ao menos de viagem,
contar-te o que já sofri!
banzar,[34] sob tua rama…
Tu foste quase minha ama,
– criei-me junto de ti!

Teu maternal agasalho
é mais fresco do que o orvalho,
disse José de Alencar.[35]
Mansão de brasilidade!
Casa-grande, onde a Saudade
vive penando, a sonhar…

A ironia que há, na vida!
Deste flor, sombra, guarida,
a abelhas, ninhos, canções.
Hoje, teus frutos carreia,
– mesmo os podres, sobre a areia –
Mercúrio – [36] o deus dos ladrões…

Notas ao Canto 6

Rendeiro: O que paga rendas – certa percentagem de algodão em rama, cereais, farinha, etc., ao proprietário do terreno onde é feita a cultura.

Gastar: Usar. Comer ou beber. O matuto diz – "Não gasto!" –, ao recusar qualquer bebida ou iguaria que lhe ofereçam. Com esta acepção, não figura o verbo no *Pequeno Dicionário*, de G. Barroso e M. Bandeira, edição já referida.

Vinga: Fruto novo, mal saído da flor.

Ticum: Pessoa ou coisa de cor preta.

Caninga, até em jejum: Caningar, aborrecer, importunar, encharcar, inzonar, abodegar. Para o substantivo "caninga" há muitos sinônimos: cafifa, caipora, infuca, mofina, canzenza, azucrim, etc.

Vem-vem: Pequeno canirrostro, de bela plumagem azul-ferrete e amarelo-laranja, chamado de vim-vim no Sul. É considerado ave de agouro.

> Nos ramos da gameleira,
> ouvi cantar o vem-vem.
> Passarinho, não me avives
> as saudades de meu bem.
> (Coleção Câmara Cascudo)

Concliz: Pássaro cantor, de linda plumagem encarnada, asas cor de azeviche, com "encontros" brancos, da família dos icterídeos. Os de colorido mais carregado, são chamados "sangue-de-boi". No Sul, "sofrê", "corrupião", "joão-pinto", "tié-sangue". A denomina-

ção indicada na sextilha é onomatopaica do canto natural da ave que, criada em casa, à sombra, desde tirada do ninho, fica com a plumagem amarela, e aprende a assobiar pequenos trechos de música, imitando o canto das outras aves engaioladas.

Arapuá: Ou aripuá. Abelha negra, silvestre, *Trigona rufricus*. Quando assanhada, ataca, entrando pelos ouvidos e nariz do agressor enrodilhando-se-lhe nos cabelos, com insuportável zumbido. Faz comumente a colméia nos velhos cupins das árvores da caatinga, e o mel tem fama de medicinal. Em artigo na *A República*, de Natal (1948), o escritor José Bezerra Gomes enumera, em ordem alfabética, as principais abelhas do sertão seridoense: abreu, arapuá, amarela, canudo, cupira, capuxu, enxu, enxuí, mosquito (verdadeiro e remela), rajada, tubiba e zamboque.

Mocó: Pequeno mamífero roedor, da família dos cávias, *Kerodon ruprestis*, do porte da cobaia, e maior que o preá. Tem o pelo pardo-escuro, ligeiramente mosqueado,[37] vermelho das ancas ao traseiro. Apesar da irracional, impiedosa perseguição que lhe movem, os mocós, assombrosamente prolíficos, vivem em grandes tribos, nas furnas e carrascais das serras e serrotes, e constituem caça de primeira qualidade. São, em extremo, ariscos; é preciso ser escopeteiro (bom atirador), para fazer colheita apreciável. Os caçadores usam de mil precauções e ardis, para "tomar chegada" às tocas, imitando-lhes o assobio, com um pequeno apito, fabricado com a madeira da imburana, e fácil de encontrar nas feiras. Característica muito curiosa, nos costumes dos mocós, é que "acuam", isto é, dão sinal da aproximação dos inimigos da colônia, guinchando de maneira particular, facilmente reconhecível pelos bons observadores; sendo mesmo possível, a certa altura do alarme – quando sobe este a *pizzicato* –, [38] avaliar a que distância do mocozal se encontra o agressor, seja uma cascavel, o mais terrível inimigo

deles, ou uma raposa, um maracajá (gato selvagem), um gavião, etc., cuja marcha sobre a furna pode ser assim seguida. Em interessantíssima, minuciosa carta, que ao Autor escreveu, o saudoso Coronel Cipriano Bezerra de Araújo Galvão Santa Rosa,[39] a cujas abalizadas informações muito ficaram devendo a História, a Genealogia e o Folclore norte-rio-grandenses, pelo brilhante intermédio de Câmara Cascudo e outros, pormenoriza:

> "São muito perseguidos por feras, cobras, aves de rapina, etc. Mas, têm seus meios de defesa, e são em extremo solidários no perigo. Assim é que, ao pressentirem o inimigo, começam a assobiar para os outros mocozais próximos: – *cuit... cuit... cuit*. Logo, aparecem os outros, às dezenas, por cima das pedras, nas bocas das furnas, assanhados, alvoroçados, o focinho aspirando o ar. À proporção que o inimigo se distancia, vão espaçando os assobios, até que cesse de todo o perigo. E os outros mocozais distantes propagam o alarme: Se o aperto não é muito grande; se, por exemplo, vislumbram uma cascavel apenas enrodilhada nas proximidades, chiam, num coro meio reprimido, espaçado, bem perceptível: – *chuet... chuet... chuet...* O caçador experiente conhece a direção ou a marcha da raposa, maracajá ou mesmo onça, podendo emboscar, muitas vezes, o animal – guiando-se pelas entonações especiais do alarme."

Segundo esse mesmo inteligente, experimentado testemunho, também o cancão (quem-quem, no Sul), gralha branca, *Cyanocorax cyanopogon,* acua cobras e outros bichos da caatinga. Vendo aproximar-se o ofídio, dana-se, o cancão, a martelar seu canto metálico, pulando, aflito, de arbusto a arbusto. Logo, acodem outros pássaros da zona, mais outros, outros ainda, e entram, todos, num

desesperado alarido. A cobra raspa-se, enfiada, enquanto o estrídulo vedeta[40] das solidões, com o seu pequeno e sonoro exército alado de guerrilheiros, apupa o inimigo descoroçoado,[41] seguindo-o por cima da ponte pênsil dos cipós-imbé, da maranha[42] das juremas, dos postes descarnados dos marmeleiros... (Sextilha 15ª; deste Canto).

Rescende o marmeleiral:

> "Naquela região esse arbusto é bem o característico do sertanejo. Passando grande parte do ano despido de folhas, amarelecem, murcham e caem antes de começado o rigor do verão, às vezes, desde julho ou agosto, e com o aspecto desolado da planta morta em pé, logo à primeira chuva cobre-se de renovos avermelhados ou róseos que, se não demora a seguinte, dentro de uma semana são folhas verdes, ásperas, mas de perfume particular, que basta o atrito da passagem entre elas para despender. ("Policarpo Feitosa", Antônio de Souza, transcrito em *Leituras Potiguares*, p. 32).

O marmeleiro do campo, *Maprounea braziliensis*, é uma euforbiácea, excelentemente prestada ao habitante da caatinga e do sertão. Há o branco e o preto. A casca deste fornece uma infusão, famosa no tratamento empírico das moléstias do estômago. O carvão, pulverizado, dá produto similar do Belloc,[43] e é de grande eficácia na terapêutica de todas as afecções entéricas, segundo afiançou ao Autor dessas Notas o saudoso nova-cruzense, abalizado homeopata, José de Matos, velho e popular advogado provisionado, cheio de janeiros e experiências.

A carne-de-sol, mesmo que esteja mofada, readquire o aroma primitivo, quando enrolada, durante algumas horas, em folhas de marmeleiro. Foi prática proverbial de muitos marchantes que, ao

tempo do tráfego em comboios (cinco ou seis dias de marcha, do Seridó a Natal), traziam o produto às feiras do agreste.

Pasta: Delicada ninfeácea, de folhas minúsculas e redondas, e que se alastra, literalmente, na superfície da água dos Assudes e tanques (Ver anotação a esta palavra, a seguir), protegendo-a contra a poeira, o aquecimento e a evaporação. Segundo opinião unânime dos sertanejos, conserva a pureza e a potabilidade da água.

Tanque: Reservatório natural de água das chuvas, nas depressões e recôncavos das pedreiras das serras. Alguns são de grandes dimensões e notável profundidade, abastecendo de ótima água potável, verdadeiramente cristalina, toda a população da fazenda, durante o longo período da estiagem mais rigorosa.

Talhado: Lajedo inclinado, rochedo de grandes proporções, a pique sobre os desfiladeiros serranos.

Malhada: Sombra de árvore, onde o gado se refugia do rigor da canícula, ou onde dorme (nesse caso, diz-se mais propriamente "cama"), um lugar sempre ao abrigo dos ventos (Vide anotação a "cama", no Canto 3).

Arataca: Armadilha de ferro, constante de dois semicírculos denteados, ligados por u'a mola. Armada, as meias-luas ficam abertas, pousadas no chão, sob disfarce de ramos ou areia; tocada a "isca", posta no centro, o engenho dispara, e a entrosagem apanha raposas, maracajás, onças e, excepcionalmente, até ladrões de roçados. É também o nome de uma armadilha para apanhar avoetes (arribaçãs).

Oiticica: *Soaresia nitida*, grande árvore do sertão e das várzeas. Descreve-a o agrônomo Pimentel Gomes,[44] técnico dos mais eminentes, jornalista, ex-diretor da Escola Superior de Areia,

Paraíba, em artigo para *A União*, diário oficial daquele Estado, em 9 de agosto de 1941:

> "A oiticica é uma árvore gigantesca que encontra seu *habitat* nas regiões semi-áridas do Nordeste brasileiro. Cresce nas gordas e fertilíssimas terras de aluvião que perlongam, em regra, todos os cursos da região. E destaca-se, majestosa, pelo porte agigantado, pela folhagem densa, pelo diâmetro do caule, pela sombra macia, agradabilíssima, sombra que é um lenitivo aos viajantes, em dias ensolarados. A oiticica era apenas uma árvore de sombra e ornamental, até há bem pouco tempo. Hoje é um dos vegetais de grande valor industrial, capaz por si só, de tornar uma zona economicamente independente. Isto, graças à fruta produzida em grande quantidade. A fruta contém cerca de sessenta por cento de um óleo semelhante ao do tungue,[45] cuja procura é enorme. A oiticica frutifica abundantemente. Árvores excepcionais, em anos excepcionais, chegam a produzir mil quilogramas de fruto. Um quilograma de fruta custa, presentemente, dois mil réis. Há oiticicas que podem dar, portanto, num ano, dois contos de réis! É um absurdo: mesmo quase se pensa que tal, só muito excepcionalmente ocorre. A procura de óleo fez com que surgissem, em poucos anos, em nosso país, dezoito fábricas de beneficiar oiticica. A fruta da oiticica deu ao Brasil, na última safra, cerca de cento e dez mil contos de réis."

Essa dramática valorização da espécie[46] que, segundo o testemunho do interlocutor com a palavra na sextilha 34 do Canto 11, "só prestava pra malhada e cerca", suscitou, em próspero município do oeste potiguar,[47] na vigência da última guerra mundial, um caso curiosíssimo. Certo varzeano, tipo acabado de Manoel

Xiquexique, bestalhão, dorminhoco e sujo, tão miserável que nem ia às feiras na cidade, herdara, de parente próximo, vasto trecho de terreno, sem nenhum benefício de agricultura, mas sombreado com 200 a 300 pés da nova "árvore das patacas", de que fala, acima, Pimentel Gomes. Sestas e sestas, estirado na piolheira[48] encardida, nosso herói jamais cuidara de deixar cair uma semente de feijão, de gergelim ou milho, naquele fertilíssimo, escuro massapé da várzea. Nem, tampouco, consentia que lhe cortassem um ramo, sequer, às oiticicas. Cresceram elas à larga, frondaram magníficas, fizeram-se gigantes. E o preguiçoso Manoel Xiquexique, como sempre – de papo pro ar, batendo os pés um no outro, banzando, embalado pela cantiga dos sebites[49] e canções boêmias... Do dia para a noite, atomicamente, passou o fruto da oiticica a valer dois cruzeiros, o quilo. Mestre Manoel Xiquexique enriqueceu, numa safra. Riqueza da preguiça, foi como ficou conhecido o fato.

Passagem: Corredor, atravessando a estrada, quase sempre no leito do rio ou riacho, a fim de impedir o acesso ao pasto ou às plantações da vazante ou do sítio. Vau, trecho do rio ou córrego, onde a pequena altura da corrente, no inverno, permite fácil tráfego de comboios e pedestres.

Notas

[1] Que se estonou, que ficou sem tona, sem casca; descascados.

[2] Que verdejam; verdejantes, viridentes, viridantes, verdes.

[3] Desmaiadas, atenuadas, suavizadas.

[4] Ver nota de OM, adiante.

[5] Idem, idem.

[6] Idem.

[7] Hastes com braços em cruz, que servem para apoiar armas.

[8] Nota de OM.

[9] Idem.

[10] O que seleciona; filtro, crivo.

[11] Ver nota de OM.

[12] O mesmo que pau-d'alho – árvore nordestina (*Crataeva tapia).*

[13] Ver nota de OM.

[14] Do verbo marinhar: subir ao alto, como os marinheiros à gávea.

[15] Ver nota de OM.

[16] Nome de uma marionete, personagem do teatro de fantoches, criado no século XIX em Lion, na França. G*rand Guignol:* tipo de drama surgido na França, no final do século XIX, com estilização de histórias macabras, sangrentas. Gênero teatral francês de horror.

[17] Ver nota de OM.

[18] Bate-papo durante a merenda, entre dois turnos de serviço.

[19] Ver nota de OM.

[20] Idem.

[21] Ver nota de OM.

[22] Ver nota de OM.

[23] Do verbo rechinar. Produzir som estrídulo e áspero; ranger, chiar, silvar.

[24] Ver nota de OM.

[25] Ir ao longo de; costear; Estender-se ao longo de.

[26] Ver nota de OM sobre Arapuá.

[27] Ver nota de OM.

[28] Idem.

[29] Idem.

[30] Idem.

[31] Orladas, circundadas, coroadas.

[32] Ver nota de OM.

[33] Idem.

[34] Pensar detidamente; meditar, cismar, matutar.

[35] **José Martiniano de Alencar** (Messejana/CE, 01.05.1829-Rio de Janeiro/RJ, 12.12.1877), "o patriarca da literatura brasileira". Advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo. Da ABL.

[36] Mercúrio (ou Hermes), deus de rara importância, era filho de Júpiter, o mais importante de todos (Zeus, na mitologia grega). Protegia o tráfego, os comerciantes, os pastores e aqueles que, não possuindo recursos, pilhavam dos ricos.

[37] Que tem malhas escuras; pintalgado, sarapintado.

[38] *Pizzicato* é o modo de tocar os instrumentos de corda (geralmente os de arco) pinçando as cordas com os dedos. Também muito utilizado no jazz, explorando a característica rítmica conferida ao instrumento nesse estilo.

[39] Ver nota anterior, no Canto l.

[40] Guarda avançada. Cavaleiro que, ficando de sentinela, avisava rapidamente do que descobria.

[41] Diz-se de, ou indivíduo sem coragem, sem ânimo; desanimado, desalentado. Variantes: desacorçoado, desacoroçoado, descorçoado.

[42] Coisa intrincada; emaranhamento, enredo, complicação, teia.

[43] O *Jornal do Brasil*, na edição de 26.05.1926, publicou o seguinte anúncio (a ortografia é a da época): "Para ter bom somno/Porque este tem um somno tão socegado? (legenda do clichê)/– E' porque, para dormir bem, é necessário ter uma boa digestão./– Para ter uma boa digestão, é preciso tomar Carvão de Belloc. Façam como elle./O uso do Carvão de Belloc em pó ou em pastilhas basta effectivamente para curar dentro de alguns dias dias as doenças de estomago, mesmo as mais antigas e as mais rebeldes a qualquer outro remedio. Produz uma sensação agradavel no estomago, da appetite, accelera a digestão e faz desapparecer a prisão de ventre. E' soberano contra o peso no estomago depois das refeições, as enxaquecas

provenietnes de más digestões, arrotos, quaesquer affecções nervosas do estomago e do intestino. Pastilhas Belloc. – As pessoas que o preferirem, poderão tomar o Carvão de Belloc sob a forma de Pastilhas Belloc. Dose: uma ou duas pastilhas depois de cada refeição. A' venda em/ todas as pharmacias e drogarias. Deposito geral: Casa Frére, 19, rua Jocob, Paris".

[44] **Frederico Pimentel Gomes** (Piracicaba/SP, 19.12.1921-Piracicaba/SP, 24.11.2004). Engenheiro-agrônomo, matemático, cientista de renome internacional, consultor da FAO.

[45] Árvore da família das euforbiáceas (*Aleurites fordii*), procedente da China e cultivada pelo alto valor do seu óleo, de folhas verde-claras, lobadas, ovadas e agudas, pequenas flores pardacentas dispostas em panículas laxas, e cujo fruto é uma grande tricoca. As sementes cedem perto de 60% de um óleo especial, altamente secativo, insubstituível para certas tintas e vernizes.

[46] O fruto da oiticica – rico em óleo secante – é empregado na indústria de tintas de automóvel e para tintas de impressoras jato de tinta, além de vernizes e outros fins. Essa espécie – dizem os técnicos – pode ser importante para a sustentabilidade do biodiesel no semi-árido, aliado ao fato da época de colheita ser realizada entre os meses de dezembro a fevereiro, período de total escassez de renda para a agricultura familiar

[47] Hoje em dia, certamente, o "milagre" se dá, na região Oeste do Estado, com a descoberta de petróleo em terras de má qualidade para a agricultura e a pecuária. Milhões de *royalties* são pagos pela Petrobras, mensalmente, ao Governo do Estado, às prefeituras municipais e aos donos das terras.

[48] Rede de dormir, tipóia. Ver o livro *Rede de dormir; uma pesquisa etnográfica*, de Luis da Câmara Cascudo.

[49] Designação comum e imprecisa de diversas espécies de aves passeriformes de proporções diminutas, que o povo do interior não dá importância e não diferencia; caga-sebinho, caga-sebite, caga-sebito, sebinho, sebite, sebito.

Canto 7
No piso do comboio

[...] As lendas arrepiadoras do caipora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas, desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parceria com lobisomens e burras-sem-cabeça notívagos: todos os malassombramentos, todas as tentações do maldito [...]

Os Sertões, p. 139

Sertão dos meus dez janeiros!
Cavalos mansos, baixeiros.[1]
Que delícia, era viajar,
armando a rede nos ganchos
do alpendre aberto dos ranchos,[2]
– seis dias, para chegar…

Fazer uma madrugada![3]
A tropa, inda estremunhada,
trota, no barro da chã…
Vai-se andando… vai-se andando…
Rósea, a barra vem quebrando…[4]
Chora, no vale, a acauã.

(*Rompe-nuvem*, baio lindo!
Viaja-se, mesmo dormindo,
no teu dorso embalador!
Teu nome – de avanço e luta –
é uma hipérbole matuta,
chalaça de cantador!

Assim, tardo, é que te quero,
Rompe-nuvem! Que inda espero
volver, tão dócil te sei,
– e, só por matar saudades! –
às serras, às soledades,
do sertão que sempre amei!).

***

A ária, dulcíssima, esparze-a
nas carnaúbas da várzea,
graúna, avatar de Orfeu![5]
Tua asa é a tinta do poema
dos cabelos de Iracema
– que, de saudades, morreu…

Latada! Mata esta sede
de madornar numa rede
bem alvinha, de algodão!
Pelego,[6] na areia… areia
que o rio enxaguou na cheia
– mais fofa do que um colchão…

Moça da saia encarnada,
que eu vi, na volta da estrada,
arisca, a olhar para mim
– talvez nunca mais te veja!
– ou, um dia te leve à igreja,
a ouvir-te o risonho *sim*…

Não, nunca mais! Bem m'o disse,
na sua sábia crendice,
meu arrieiro, o *Tundéu*:
– *Quem carcula, se atrapaia…*
de casamento e mortaia,
o corte é feito no céu!

Eu, condo fui do seu tope,
quebrava no curilope[7]
no lenço de gurgurão.[8]

Tive tomém uma cera[9]
c'uma cabrocha linheira,[10]
lustrosa que só o cão!

Hoje, num dou mais nutiça:
fizero machaviliça,
briguemo. Foi fuzuê!
Uma sujeita zanôia
dixe que eu sou vira-fôia,[11]
e ela num quis mais me vê…

— Diz us fio da Caindinha
que ela, agora, é bonequinha
do cabaré do Iguatú.
Nun vê guaiaba passada?[12]
P'ru fora, cheira e é rosada
— dento, só tem tapuru…

Pricurei meu padim Ciço.
Ele tornou-me: Feitiço
de mulata, é bem capaz
de atentá o prope Cristo;
vá rezar, se esqueça disto,
— muié, o vento é quem traz…

Andei mascando a liamba,[13]
dei birrada,[14] *acabei samba,*
bêbo foi meu naturá.
Sarou. Mas, p'ru dento, é vivo,
o diale do rematívo
desse estrepe de juá…

Iguá o freguês sem rumo,
que entra no mato sem fumo,
pra caçá, e fica é só.
Toma ferrão de tubiba[15]
– e a caipora, pru riba,
inda lhe infinca o cipó…

O freguês só tem sossego
si num arrumá chamego,[16]
mucuím, tixe[17] *ou muié.*
Rabo de saia e mundiça,[18]
faz inté fazê toliça
cavalo de carroçé![19]

***

Sobe a névoa matutina.
Terno, o galo-de-campina
fere a canção do arrebol.
Desperta a fazenda, em baixo.
O dendezeiro do riacho
apara a esgrima do sol…

Papa-arroz…[20] De nome, é feio;
qual, porém, mais belo, veio
da Amazônia, ou do Japão?
Tão retinto, que azuleja:
da gorja[21] ao peito, flameja
um crachá cor de malvão!

A Cidade ainda distante…
Eu, o lírico estudante,

venho em férias. Olho ao sul:
que alvoroço, que alegria!
– a igreja da freguesia
recorta a torre no azul…

Aí vai, cruzando o caminho,
um serrano no burrinho
lerdo, mancando de um pé.
Entra no mato. Mas, onde,
em que cafundó se esconde
seu ninho de caboré?[22]

Centelha, vivente, réstia
de sol, gorjeando! Tiveste-a,
a voz, no Céu, a afinar?
Pintassilgo! és o violino
de um gênio, cujo destino
é o de morrer… de cantar!

Casaca-de-couro.[23] O ninho,
enorme, é todo de espinho.
Dá-lhe o nome, a cor que tem.
Canto, em dueto: alarido!
– grita, frucudo,[24] o *marido*!
– A *mulher* grita, também!

Sem uma folha, uma, única,
no adamascado da túnica,
o *flamboyant* faz lembrar
os Doze Pares de França:[25]
– é Roldão,[26] ferido à lança,
de pé, com o peito a sangrar…

Ganhou Burbank[27] ouro e glória,
obrigando a palmatória
a sem espinhos nascer.
A nossa, não passa disto:
– nem a coroa de Cristo
tanto espinho era de ter!

Lavandeira,[28] lavandisca,
bem casadinha! Petisca,
desde o pátio, ao corredor.
A lenda a protege e nimba:[29]
– na água e no anil da cacimba,
lava pra Nosso Senhor.

Mulungu, pau de tabuado,
num Assude, és um achado
no cavalete[30] que dás!
Florido, a contar de agosto,
na tua fronde, o sol posto
o fogo em retalhos faz…

Notas ao Canto 7

Baixeiro: Hábil no baixo, modalidade miúda e macia, da marcha do cavalo ou do burro, muito cômoda e agradável para quem viaja. Em escala de velocidade ascendente, assim se classifica, no sertão, a marcha da montaria:

– passo
– chouto
– baixo (ou carrego)
– galope-em-cima-da-mão
– galope alto (ou largo)
– contramarcha
– meio
– esquipe
– carreira

Rancho: Ou arrancho. Pouso, lugar onde se descansava, durante o pino do sol (pingo-do-sol), ou onde se pernoitava, nas extenuantes, mas tão divertidas, tão pitorescas jornadas através do sertão, prolongadas por três, quatro ou cinco dias, na marcha ordinária dos comboios, marcha que consistia em dois períodos: pela madrugada, até as 10, às 11 horas, e das 14, ou 15, às 18, em etapas de 5, 6 léguas. Havendo luar, a segunda etapa se prolongava às 19, às 20 horas. Os ranchos eram o rústico alpendre, colmado[31] de folhas de coqueiros ou ramas de oiticica, da habitação à margem da estrada, a cuja porta a integral, encantadora hospitalidade sertaneja proverbialmente desobrigava do clássico: "ó de casa!". Comumente, também, se não era inverno, servia de pousada, para o pernoite, alguma copada de oiticica, uma quixabeira alvinha de flor, um espetacular juazeiro em cuja copa rotunda a gente pressentia o frêmito dos canários estremunhados, sobre o clarão da

pequena coivara onde ia ferver, na marmita de folha de flandres, a água para o café – o café mais gostoso, mais tonificante, mais perfumado desse mundo, e cujo pó grosso e rescendente se fazia assentar da panela.

Durava cinco a seis dias, o trajeto entre Jardim do Seridó e Macaíba, ponto terminal da jornada, e de onde, através do rio Jundiaí, em lancha ou bote, se atingia Natal.

Anexins e Ditados: "Agrado é que demora viagem"; "Hóspede em casa é dia-santo".

Fazer u'a madrugada: Sair do rancho, em prosseguimento da caminhada, às 3, às 4 horas e mais cedo. O mesmo que fazer u'a mineira, no Sul.

A barra vem quebrando: Vir amanhecendo. Alusão às nuvens que, ordinariamente, se acastelam ao nascente, na antemanhã. Ao quebrar da barra, cedinho, de manhãzinha.

Pelego: Idílio. Tem quase sempre sentido pejorativo e, nesta acepção, não figura no *Pequeno Dicionário* aqui já muitas vezes citado. Vejam-se adiante cera e chamego.

Arrieiro: Pajem, pessoa que se encarregava de preparar as refeições, de cuidar dos animais, durante a jornada. Almocreve, comboieiro, tangerino, cargueiro.

Condo: Quando.

Tope (ó): Talhe, tamanho, estatura.

Quebrar: Usar, por luxo. Fulano só quebra no brim branco; Fulano só quebra na seda.

Curilópe: "Chlorilopolis do Japão", marca de perfume popularíssimo no Seridó, há trinta anos. Era vendido em vidrinhos

de 5 a 8 gramas, com etiqueta dourada – uma gueixa sobre a sombrinha de bambu e seda – a 50 centavos.

Cera: Namoro, idílio platônico. Veja-se adiante chamego.

Linheira: Esbelta, delgada, lazarina (veja-se, no Canto 11, anotação à ultima palavra).

Lustrosa: Que não é bonita, nem feia. Simpática, bonitona. G. Barroso e M. Bandeira não colhem o termo com este significado, clássico em todo o Nordeste (Referimo-nos sempre, nestas Notas, à segunda edição do excelente *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*).

Cão: O diabo. Veja-se Nota à palavra droga, no Canto 4.

Machaviliça: Maquiavelice, intriga.

Fuzuê: Barulho, disputa, confusão, arrelia. Vide verbete angu, em Notas ao Canto 11.

Vira-folha: Infiel, volúvel.

Passada: Madura em excesso, meio podre (relativo a fruta).

Andei mascando a liamba: Alusão ao ciclo da cachimbagem dessa erva, que é o cânhamo, *cannabis sativa*, diamba, riamba, pango, maconha (a denominação mais popular, esta última). Rica, interessantíssima, a sinonímia inclui, ainda, aliamba, dirijo, birra, fumo-de-Angola, atchí (corrutela de haxixe).[32] É uma variedade de cânhamo europeu, originário da Índia, (*cannabis indica*).

Esta planta, cujo uso e contrabando tanto preocuparam a policia carioca, e foi assunto rendoso a muitos jornais sensacionalistas da capital da República, é conhecida, há muitos anos, no sertão, embora o fato não tivesse sido registrado, até agora, na crônica policial ou judiciária do Estado. No Seridó propriamente dito, e

talvez em todo o sertão norte rio-grandense, não se sabe do uso da diamba.[33]

Entretanto, o Dr. Manoel P. Diniz,[34] bacharel em direito, advogado, poeta incluído na coletânea de Laudelino Freire,[35] *Sonetos Brasileiros*, e que, em 1941, encontramos nas funções de secretário da Prefeitura da terra de Padre Cícero,[36] escreve o seguinte, no seu curiosíssimo livro, *Mistérios do Joazeiro*, que Câmara Cascudo considera (em *Vaqueiros e Cantadores*) um dos mais importantes, minuciosos documentários do ciclo folclórico dominado pela singular personalidade daquele malogrado Barjesus[37] caririense:

> "Não inventamos bichos-de-sete-cabeças, quando nos referimos ao uso da liamba [...] Infelizmente, os nossos governos do Norte e Nordeste (onde há os mais perigosos centros de cultura e uso da liamba) ainda não criaram serviço especial de policia preventiva, contra entorpecente tão perigoso, que concorre, não só, para achinesar um povo, como para africanizar, que é muito pior. No Rio de Janeiro existe a legendária favela e, no sertão nordestino, que está mais próximo do Maranhão? (Simões da Fonseca, no *Dicionário Enciclopédico*, afirma que a liamba é nativa daquele Estado)."

M. Diniz continua,

> "Há muitas favelas, ou elementos de favelas, atuando particularmente nos grandes centros onde predomina a maioria da ignorância, como desgraçadamente aconteceu em Joazeiro, que só de há poucos anos a esta parte (1935) começou a sair do caos, como se fosse um novo orbe de que o padre Cícero seria o Padre-Eterno, conforme a crença de muitos romeiros que a estas horas, podem estar na Bem-Aventurança celeste, formando a imensa legião dos pobres de espírito

> que constituíram o maior troféu com que o Patriarca se apresentou diante de Deus, ao ser julgado [...] Mas, dir-nos-iam, que tem isto com aquilo? Muitíssimo; pois muitas pessoas, mesmo das menos simplícias, pensavam que certos tipos, particularmente pretos ou bem trigueiros, eram realmente doidos ou malucos, conduzidos, furiosos, à presença do Patriarca, para curá-los. Nem por sonho. Tais indivíduos, que vimos mais de uma vez à porta do Patriarca, contidos por seus condutores, cavilosos ou não, no dia seguinte estavam bons, e proclamando que tinham sido curados por milagres da bênção do *Padim Ciço*. Quase todos esses tipos eram liambados, e nada mais [...] E a liamba, para a formação desses pseudo-loucos? Existia e existe em Joazeiro, embora usada ocultamente, não por medo da policia, mas porque não queriam que o *Padim* soubesse; não porque o amassem mas porque temiam que ele mandasse castigar os empreiteiros da cultura da liamba e do seu uso maléfico. Damos testemunho de tal erva aqui. Vimos há anos, no quintal de uma casa, à rua da Conceição, desta cidade, alguns pés de um arbusto parecido com o mastruço e de sementes semelhantes às do coentro. Eram pés de liamba". (*Mistérios do Joazeiro*, M. Diniz, tipografia do O Joazeiro, Ceará, 1935).

Em 1947, a revista *O Cruzeiro*, do Rio, publicou sensacional reportagem em torno do uso da maconha (liamba). Américo Valério[38] e Gonçalves Fernandes,[39] de Pernambuco, têm publicado estudos especiais a respeito.

Birrada: Pancada (de birro, bilro, cacete curto), caçambada, tamboretada, sabacuzada, lapada, gebada (esta última tem também sentido obsceno).

Rematívo: Reumatismo. Qualquer dor surda e intermitente, cuja causa não conheçam, é assim denominada, entre os matutos.

E a caipora, p'ru riba: O sertanejo acredita na caipora,[40] duende, espírito protetor dos animais silvestres, espécie de saci-pererê, um negrinho muito vivaz, de barrete vermelho, sempre cavalgando um porco ou um veado, e cuja presença se manifesta num assobio agudíssimo e prolongado. Exige, dos caçadores, o tributo de um pedaço de fumo, sem o que não poderiam eles penetrar impunemente no mato, ou realizar caçada compensadora. O castigo mais temido é o de uma sova de cipó, quando a caipora topa com um devedor relapso, reincidente. Aos caçadores mais felizes, atribui-se estarem em dia com o imposto.

Chamego: Namoro, em sentido pejorativo. Agarrado, pegamasso, pelego, arranhado, xodó, chichinado (subst). Animação, cera, influência e ponta são empregados na acepção platônica. Por ocasião de sua última viagem ao Seridó (1941), já ouviu o Autor dessas Notas, em rodas de cafés e bilhares, chafandrilha, xumbregação, e fiapo (tirar fiapo com fulano, com fulana), termos da gíria plebéia natalense. Há, ainda, aqui (Santo Deus!), mamparra, fraguido, ronçoio (do verbo roçar?), etc.

Macuim: Ou micuim, espécie de carrapato microscópico, habitante das folhas verdes, e cuja picada produz inaturável comichão.

Tixe: Piolho das aves domésticas, *goniodes stylifer*. Cafife, mundiça. No feminino, cafifa, significa importunação, estribilho irritante, mofina, caninga, infuca, amolação (Veja-se caninga, nas Notas do Canto 6).

Mundiça: Imundície. Denominação dada, entre o povo, a qualquer praga de parasitas, especialmente de galináceos e colombinos (mundiça). Gente ruim, canalha, cambada. Em sentido afetivo, trata também assim o matuto a própria família:

– Como lhe vai, a obrigação?
– A mundiça tá viva, graças a Deus…

Jaques Raimundo[41] (*O Elemento afro-negro na Língua Portuguesa*, p. 124) ensina que mundiça é sinônimo de grande quantidade (Mato-Grosso), e cita uma frase de Taunay,[42] em *Inocência*, p. 101: "Trouxeram de lá uma imundície de gente amarrada".

Pode ser, esta, a significação em que o matuto emprega a palavra, referindo-se à prole, ordinariamente numerosa entre os casais sertanejos.

Cavalo de Carrossel: Sujeito que não sai dos limites, em questões de despesa; econômico, a mais não poder, somítico, avarento; pirão-na-unha, amarrado-de-corda, pão-duro, dura-fogo.

Papa-arroz: Pássaro da família das Fringiloidas, *Dolychonix oryzivorus.* Xexéu de coqueiro, de plumagem negro-azeviche, ou azul-ferrete, encontradiço nos coqueirais e carnaubais. Anda sempre em bandos, nos quais avultam as fêmeas. O macho, ave belíssima, quando adulto, tem a plumagem ainda mais escura, e uma faixa cor de brasa viva no papo, começando da parte inferior do bico.

Cafundó: Lugar deserto e longínquo, de difícil acesso; furna de serra.

Caboré: *Glaucidium brazilianum*, *Gm.*, pequenina coruja pintalgada, não apenas noturna, e que só nos ermos serranos comumente constrói o ninho, nos buracos da velhas árvores e barrancas. Quando canta, nas proximidades do inverno, é mau sinal. Cuidam os matutos ouvir, no melancólico regougo,[43] em tom grave do caboré, repetida sinistramente, a onomatopéia ameaçadora: sol… sol… sol…

Casaca-de-couro: Ave do sertão e da caatinga,[44] da família das Mimidas, e também chamada maria-cocoruta, denominação que

lhe vem da poupa de penas. Na várzea do Assu, é também conhecida por catapirra. É toda de cor de couro, curtido recentemente. Anda aos casais, tanto no mato como nas árvores dos quintais urbanos, onde todos os anos faz o ninho – um ninho enorme, tão entretecido toscamente de gravetos espinhosos, mas forrados, no interior, com pluma de algodão e capins delicados. São tão grandes, estes rústicos gineceus, que, não poucas vezes, arreia com o peso deles o galho da jurema, de favela ou de turco,[45] que os suportava. Há árvores com cinco, seis, e mais, ninhos de casaca-de-couro, sempre construídos pelo mesmo casal – anos e anos. A casaca tem dois terríveis inimigos, o punaré[46] e o concliz. O primeiro, um ardiloso e voraz rato silvestre, para lhe devorar os filhotes; o concliz, (Vide esta palavra no Canto 6), para expulsá-la, aproveitando-se velhacamente da "casa" pronta, para chocar a própria ninhada. A casaca só canta em dueto, um canto alto, agudíssimo, estridente, alegre, caprichoso, sem melodia consagrada pelos Hercules-Florence[47] e pelos Gonzaga-Duque[48] do pentagrama avícola do deserto, mas cheio de graça agreste e de saudosa ressonância, ouvido a grande longitude na solidão comburida dos meios-dias sertanejos. Frente a frente, junto ao ninho, e pulando vivo e miúdo, os topetes riçados,[49] as asas distendidas e peneirando, "marido" e "mulher" se desafiam, ardentemente, nesta estrídula melopéia que, a breves intervalos, martelam o dia inteiro.

Lavandeira: Lavandisca, *Fluvícola climazura*. Esclarece Câmara Cascudo, em *Aves no Folclore Brasileiro*:

> "Vão ter uma surpresa, quando lhes disser que a lavandeira está no Índex,[50] também. Apesar de seus hábitos simples, de sua familiaridade, de suas visitas às calçadas e cozinhas, de seus saltos e reviravoltas, a lavandeira não é boa peça. Se lavou a roupa de Nosso Senhor, é que foi obrigada, ou quis agradar uma vez

> na sua vida. Dá azar, e dos grandes. Para anular seu inconveniente prestígio maléfico, quando lhe derem de comer, especialmente carne verde, não lhe dêem de beber. E vice-versa."

Cavalete: Toro de madeira leve – especialmente, o mulungu –, muito usado, nos Assudes e nos rios, como precioso auxiliar dos exercícios de natação. É o salva-vidas clássico no sertão.

[1] Ver nota de OM.

[2] Idem.

[3] Idem.

[4] Idem.

[5] Figura mitológica, filho da musa Calíope, músico e poeta, marido apaixonado de Eurídice. Quando tocava sua lira, os pássaros paravam de voar para escutar e os animais selvagens perdiam o medo. Ele ganhou a lira de Apolo; alguns dizem que Apolo era seu pai.

[6] Ver nota de OM.

[7] Ver notas de OM para "condo", "tope" e "curilope".

[8] Gorgorão, tecido encorpado de seda, com relevos formando finos cordões, originalmente fabricado na Índia.

[9] Ver nota de OM.

[10] Ver nota de OM.

[11] Idem, idem.

[12] Ver nota de OM.

[13] Ver nota 373.

[14] Ver nota de OM.

[15] Do tupi tuuíua – Pequena abelha silvestre meliponídea (*Scaptotrigona tubiba*-Smith).

[16] Ver nota de OM.

[17] Ver nota de OM.

[18] Ver nota de OM.

[19] Idem, idem.

[20] Idem.

[21] Garganta, goela, pescoço.

[22] Ver nota de OM.

[23] Ver nota de OM.

[24] O mesmo que frocado: com a coluna reta; aprumado, empertigado.

[25] Refere-se a "Carlos Magno e os Doze Pares de França", canção de gesta,

narrativa com muitas batalhas que se espalhou por todo o sertão e inspirou violeiros e cantadores. A tradição é que esses pares, cavaleiros que formavam uma espécie de tropa de elite do imperador Carlos Magno, eram doze e assim se fixa o seu número no primeiro poema que celebrou a batalha de Roncesvalles – "La chanson de Roland".

[26] Forma abrasileirada de Roland, um dos Doze Pares de França, personagem principal da canção carolíngia – acima referida -, do ano 1070, sobre a emboscada sofrida pelo rei franco Carlos Magno, no desfiladeiro de Roncesvales, em 778, pelos bascos.

[27] **Luther Burbank** (1849-1926). Pioneiro dos alimentos ditos hoje transgênicos, um dos maiores gênios de melhoria de plantas. Vivia na Califórnia no início do século XX e criou centenas de variedades. Livrepensador, darwinista.

[28] Ver nota de OM.

[29] Do verbo nimbar: cobrir uma imagem, pessoa ou figura com um halo ou auréola.

[30] Ver nota de OM.

[31] Coberto de colmo. Pequena casa coberta de colmo. Palhoça, cabana, choupana.

[32] Palavra africana (*makanha*, pl. com pref. *ma-* de *dikanha*, tabaco) do quimbundo, língua da família banta, de Angola. Consumida como o tabaco, seu princípio ativo é o tetraidrocanabinol. Nas línguas espanhola e inglesa é chamada de marijuana (Maria e Juana) e em árabe – e depois na França – conhecida como haxixe, nominando a planta. No Oriente, conhecida como charas. A.M.P: maconha embebida em formaldeído, seca e posteriormente fumada. Skunk: é a maconha de laboratório, cultivada em condições especiais, com finalidade de obter maconha com concentrações 7 a 10 vezes maiores de Delta 9THC. Também chamada de Super Maconha. Outras denominações: abango, abangue, bagulho, bango, bangue, baseado, baura, bengue, bolo, bomba, bongo, bosta-de-burro, cabeça-de-nego, cangonha, chá, danada, dirígio, dorme-dorme, elba-ramalho, erva, erva-do-diabo, erva-do-cão, erva-do-capeta, erva-maldita, fininho, fuminho, fumo, fumo-do-mato, fumo-da-Índia, fumo-selvagem, fumo-de-caboclo, jererê, marijuana, manga-rosa, maria-joana, massa, mato, muamba, mutuca, massa, nadiamba, pacau, palha, pango, preto, rabo-de-raposa, ralfe, rafi, riamba, sariema, seruma, soruma, suruma, tabanagira, umbaru. Os jornais, no Rio Grande do Norte,

vez por outra, noticiam a descoberta de plantações de maconha em terras potiguares, no Seridó e no Alto-Oeste. Essas lavouras teriam surgido, dizem os entendidos, por conta do assédio da Polícia Federal aos latifúndios do chamado Polígono – ou Triângulo – da Maconha, nos cafundós de Pernambuco, ribeiras do São Francisco. A atividade, hoje, o plantio, o canhameiral, pode ser até novidade para os nossos sertanejos. O uso da droga – sempre pernicioso – é secular. A "erva maldita", veladamente, por baixo do pano, sempre esteve presente nos sertões nordestinos. Graciliano Ramos, escrevendo o *Linhas Tortas*, em Palmeira dos Índios, no sertão das Alagoas, afirmava que "nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda usam a liamba".

Nunca misteriosa, sempre perigosa e deletéria, a maconha, noutra modalidade de uso, recebeu na Arábia o nome de haxixe. É a resina, a cera extraída das flores e dos frutos (*belotas*). Homero, falando da embriaguez a que se entregavam os citas, faz alusão à inalação dos vapores do cânhamo. Os orientais (e muito *buona gente* em Natal, diga-se de passagem) servem-se do haxixe (de alto preço) pitando o narguilé – cachimbo composto de um fornilho, um tubo e um vaso cheio de água perfumada, por onde atravessa a fumaça antes de chegar à boca do usuário.

Mil anos a.C., os hindus já consideravam o cânhamo como planta sagrada, havendo, no Rig-Veda, alusão a respeito. Charas, na Índia, é, também, sinônimo de costume. Notável, curioso, é que, no Brasil – e aqui mesmo, na Cidade dos Três Reis, nas comunidades periféricas, nas reuniões dos "intelectuais" modernosos e emproados, dos artistas "performáticos", dos poetas de vários calibres e segmentos, nos condomínios de luxo ou no Beco da Lama –, qualquer dependente da maconha, com ou sem leitura, ocupantes ou não de polpudos cargos comissionados no serviço público, sabe que um chara equivale a um longo, grosso, substancial "canela-de-anjo", um "cheio"! E a apologia da liamba corre frouxa, na Potiguarânia – mais das vezes, até, amparada, a título de produção cultural, pelo dinheiro de todos nós. Novidade não é que uma grande parte da hodierna *intelligentzia* do Rio Grande Sem Sorte, além da liamba, faz "clínica geral", "inspirando" as raras cacholas, também, nos eflúvios dos chás de cogumelo, de zabumba (Figueira do Inferno, Maminho Bravo, Trombeta, Dabumba, Aubatinga-dos-Indios, Erva-dos-Mágicos, Erva dos Feiticeiros, Erva do Diabo, Erva dos Demoníacos) e da "hostil e mimosa" Jurema-Preta.

[33] As pesquisas e as notas de OM são do período de 1939 a 1952. Hoje, infelizmente, a maconha corre solta Brasil afora, no Seridó e alhures, "nas Oropa, França e Bahia"

[34] **Manoel Pereira Diniz**. Paraibano de Alagoa Nova, nascido em 1887, formado em Direito (1911), pela Faculdade do Recife. Migrou para a terra do Padre Cícero, onde publicou livros (*Mistérios do Juazeiro*, 1935), fundou o Colégio São Miguel, e viveu até sua morte, em setembro de 1949. Com o pseudônimo de "Dr. Israel", publicou, ainda, *Lunário Moderno ou Manual do Nordestino*. A proposta do autor era a de "adaptar o *Lunário Perpétuo* para o Hemisfério Sul". Como advogado, atuou no inventário do "Padim Ciço".

[35] **Laudelino de Oliveira Freire** (Lagarto/SE, 26.01.1873-Rio de Janeiro/RJ, 18.06.1937). Advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

[36] **Cícero Romão Batista** (Crato/CE, 24.03.1844-Juazeiro do Norte/CE, 20.07.1934). Padre Cícero do Juazeiro, "Padim Ciço". Político importante, "coronel" de muito prestígio, latifundiário, fez revolução contra o governo da República. Fundador da chamada "Meca nordestina", ou seja, Juazeiro do Norte.

[37] Mago, feiticeiro judeu, falso profeta, também chamado de Élimas. Vivia em Chipre (Pafos), província senatorial de Roma, governada, à época, pelo procônsul Sérgio Paulo – a quem servia, como curandeiro. Segundo os Atos dos Apóstolos, quinto livro do Novo Testamento, Barjesus foi desmascarado por Saulo (ou Paulo) de Tarso, que, "cheio do Espírito Santo", o amaldiçoou, cegando-o.

[38] **Américo Valério**. Médico carioca, nascido em 1898, ensaísta, professor catedrático. Escreveu sobre Euclides da Cunha, Machado de Assis, José de Alencar e Graça Aranha.

[39] **Gonçalves Fernandes**. Psiquiatra, antropólogo, folclorista e escritor especializado em superstições e religiosidade popular. Nasceu em Recife/PE, no ano de 1909. Formado em Medicina, em 1937, pela Universidade de Pernambuco. Foi professor na Faculdade de Ciências Médicas do Recife, na Faculdade de Direito do Recife e na Universidade do Brasil e diretor da Fundação Joaquim Nabuco. Faleceu na capital pernambucana, em 1986.

[40] Também chamado de Pai ou Mãe-do-Mato, Curupira e Caapora. Para os índios guaranis ele é o Demônio da Floresta. Às vezes é visto montando

um porco do mato. Uma carta do padre Anchieta datada de 1560, dizia: "Aqui há certos demônios, a que os índios chamam Curupira, que os atacam muitas vezes no mato, dando-lhes açoites e ferindo-os bastante".

[41] **Jacques (ou Jaques) Raimundo**. Professor, jornalista, escritor e filólogo brasileiro, nascido no Rio de Janeiro. Especialista no estudo das línguas africanas e sua influência no idioma português. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Filologia. Fernando Jorge, em *A Academia do Fardão e da Confusão* registra que o erudito professor desancou o filólogo Laudelino Freire, criticando ferozmente o *Formulário ortographico* do sergipano, "no qual encontrou centenas de erros. Estes lhe deram a impressão de ser uma "floresta emaranhada de cipós".

[42] **Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, visconde de Taunay** (Rio de Janeiro/RJ, 22.02.1843-Rio de Janeiro/RJ, 25.01.1899). Escritor brasileiro do fim do século XIX, professor, militar, político, historiador e sociólogo.

[43] Som cavo, gutural; ronco, roncadura; ato ou efeito de regougar.

[44] *Pseudoseisura cristata*.

[45] O turco (*Parkinsonia aculeata L.*) é uma árvore de pequeno porte, pertencente à família *Leguminosae - Caesalpinoideae*, ocorrendo em áreas do Nordeste do Brasil e Rio Grande do Sul.

[46] Do tupi *puna're'*. Espécie de mamífero roedor da família dos equimiídeos (*Thrichomys apereoides*), de pelagem macia e cauda longa; rato-boiadeiro.

[47] **Antoine Hercules Romuald Florence**. Chegou ao Brasil em 1824, e durante quase 50 anos viveu na Vila de São Carlos, hoje Campinas, em São Paulo – onde morreu em 27 de março de 1879. Entre 1825 e 1829, participou como desenhista de uma expedição científica chefiada pelo barão Georg Heirich von Langsdorff, cônsul geral da Rússia no Brasil. Inventou um sistema de impressão gráfica (*polygraphie*) e, muito antes de Daguerre, em 1833, usando câmera escura, chapa de vidro e papel sensibilizado para o contato, descobriu um processo fotográfico, dando-lhe o nome de *photographie*.

[48] **Luiz Gonzaga Duque Estrada** (Rio de Janeiro/RJ, 1863-Rio de Janeiro/RJ, 1911). Foi um crítico de arte e escritor brasileiro. Autor de *A Arte Brasileira* (1888) e do romance *Mocidade Morta* (1899), dentre outras obras.

[49] Eriçados, arrufados, postos em pé.

[50] Assinalado como indesejável, pernicioso.

Canto 8

Como a ave que volta ao ninho antigo

Uma grande herança de abusões extravagantes, extinta na orla marítima pelo influxo modificador de outras crenças e de outras raças, no sertão ficou intacta.

Os Sertões, p. 140

À fresca do oitão da igreja,
na preguiçosa,[1] boceja,
de chambre,[2] o padre Tomás.
Ralha a um cabrito malhado,
que pinoteia, *ispritado*:[3]
— *T'es…con…juro, satanás!*

— *Bons-dia, seu moço!* — É o *Binha.*
Já foi soldado de linha,
pelejou no Paraguai.[4]
— *Conte a guerra!* — E ele, sanhudo:[5]
— *Ahann… Num foi nada! Em Canudo*,[6]
foi q'eu tive vai num vai…

Tonhéca…[7] Magro, anzolado,[8]
é um gênio. Strauss,[9] reencarnado,
compondo valsas gentis,
— mas, de sol! de tardes quentes!
de serranias dolentes,
de arrulhos de juritis…

No alpendre de Dona *Santa,*
Preto Limão[10] cospe e canta,
num tom de bravura e dó…
Mistral[11] de chapéu-de-couro,
teu verso é uma prima[12] de ouro,
na viola do Seridó!

– Negro velho escopetero,[13]
louve aqui meu companhero,
poeta que vem mais eu!
Retruca o Homero tisnado:
– Você traz um convidado,
que é tomém amigo meu!

– Pruquê abasta tê vindo
mais você! Seu moço, eu brindo
vossa entrada no lugá.
Não tem fulôres agora,
mas esta chorona chora
e canta, pra lhe sarvá…

No juazeiro verdinho,
tá cantando um passarinho,
outro chega, e pega o tom…
Num faz mal que eu sêje franco:
sô moreno, o moço é branco
– café cum leite é que é bom…

Poeta parnasiano[14]
– que faz um poema por ano,
e livros lê, mais de cem –,
renego o cinzel e a trena,
beijo essa fita morena
que a tua viola tem!

O hotel de *Tetê* fervilha.
É o casamento da filha,
vai sair fogo do chão…

Mais tarde, fobó,[15] de fole:
– dançar, até ficar mole,
e pegar o sol com a mão![16]

Já, depois da cerimônia,
correu cerveja *Teutônia*.
Afirma o Juiz de Paz,
"invocando" o undécimo copo:
– *Com esta mermo, é que eu topo*!
mió, praqui, num vem mai!

– *Póiado, Chico Pessoa!*
A bicha é pra lá de boa,
foi alamão que inventô!
E, o noivo, já meio bambo:
– *Inté cura dô de istambo*![17]
– *dotô Castro arreceitô!*

***

Izidro, o fiscal. Somítico,
diz *"perdoe!"* a paralítico,
a cego, a viúva, o judeu!
A própria mãe, *sinhá Inácia*
(conta o *Tóta* da farmácia),
à míngua, os loros bateu…[18]

Ajojado,[19] de gravata,
colete e esporas "de prata",
Bilé passeia o pedrês.[20]
Da esquina da padaria,

um entendido elogia:
– Dessa cor, um vale três!

Bem-te-vi, que diabo viste?[21]
A *Donzinha* vem tão triste,
com o cesto cheio de imbu…
Para ver o que há nos matos,
finges catar carrapatos,
no toitiço[22] do zebu!

Manoel André, bom ferreiro,
passou hoje o dia inteiro
num vuco-vuco[23] do cão.
– Mas, pra quê, tanta da lixa?
– Tô limpano as Manulicha[24]
qui tem na Repartição!

Capitão João Filirmino[25]
espera Antonho Sirvino,
que já mandou portadô.[26]
– Alisou tudo, em Priquito…[27]
- Mái, se ele qué vê bonito,
catuque o aministradô![28]

– Num dixéro que o danado
– Só fái é mandá recado,
pra móde dispois num vim?
– Num seio…Mái, astrudia,
fez cota, baile e folia,
deu dia santo em Jardim…

Ele tem disso: c'os pobre
reparte as fazenda e os cobre
que toma dos coroné.
– Buliu cum moça donzela?
sortêro casa cum ela!
casado – do-tê-e-té!

– Eu, num percisa é de rogo!
meu rife papo-de-fogo[29]
tá pronto pru bafafá!
– Pabulage, seu pamonha[30]*!*
só c'um home na coronha,
pode um rife papocá!

***

Cabocla, rolinha arisca!
meu olho direito pisca,
namorando mais você…
Seu vestido de noivado
há de ser – mal comparado –
um cacho de muçambê![31]

***

Aí vem, a *Andreza do Padre*.
De Deus e o mundo é comadre,
seis vezes trinta já tem.[32]
– *Burrinha*,[33] *cadê o freio?* –,
xinga o agente do Correio,
rindo. E ela ri-se, também.

Dizia o pardo Ribeiro,
bom regrista e mandingueiro:[34]
– *Seu negro velho, o que foi*!
tive berloque[35] *e bandeja,*
lavei quartau com cerveja,[36]
rebolava queijo em boi…

Na bodega do Linhares,
sentado nos calcanhares,
"corta varas"[37] o *Lolô*:
– *Um pau, assim, de avoete!*
pêi!…caiu cem… – De alfinete,
marmotas desencantou…[38]

– *Abasta um arranhãozinho:*
fez sangue, sai do caminho,
outra visage num faz!
Macho – é certo que se amoite;
sete-cidade,[39] *p'ru noite,*
se é feme num corre mais…

Por loroteiro, que o tomem,
conta, e jura. O lobisomem[40]
andou, virou e mexeu,
buliu com muito condado…[41]
– mas, no dele, é que o enjeitado,
no fim, não apareceu…

Há sensação no auditório.
O menino do Gregório,
com o gás, o brote[42] e o voador,[43]

pensa em voltar... – Que degredo,
da rua ao sítio! que medo,
nesse quengo sonhador!

Canário, rei dos troveiros!
Na bastilha de ponteiros,
pendurada no portal!
Mesmo assim, Patápio[44] louro,
estalas colcheias de ouro
– numa pauta vertical!

Clarinda, no alpendre ao lado,
–Vênus de ébano molhado –,
bate a cAssula ao pilão,[45]
mais Flor. Tiram palha ao milho.
Sobe, lânguido, o estribilho
de velha, ingênua canção:

–Vamos, Orgênia, fugindo,
de tudo alegre nos rindo,
bem longe nos ocurtar...[46]
Morre a tarde. Na ingazeira,
uma asa-branca solteira
põe-se, triste, a soluçar.

***

Manoel Pequeno, o andarilho...[47]
Chouteando, fora do trilho
do que era a estrada real,
na bolsa, a matalotagem,[48]

não se arranchava, de viagem,
fosse a Recife ou a Natal.

Conversa – sadia, e pouca.
De carregar pela boca,
uma pistola *Comblain*.[49]
E (montando uma ema brava!)
persignava-se…Voava,
de Jardim a Tracunhém![50]

Oficial de Justiça,
antes de o sol dizer missa,
à porta de réu ou ré
– rabo-de-galo[51] de um lado -,
saudava: – *Têje intimado,*
pra ir preso…e fazer café!

Não houve e nem há quem ande,
quanto andou, no Rio Grande.
Mercúrio rude e veloz,
quando o supúnhamos de ida,
vinha, de rota batida,
por dentro dos mororós…[52]

Não tinha asas nos *rajetos*,[53]
não corria em bichos pretos,
mas soubera transformar,
as alpercatas[54] nodosas,
– nas botas maravilhosas
do Pequeno Polegar!

Notas ao Canto 8

Preguiçosa: Espreguiçadeira, cadeira armada com madeira e lona, muito familiar no sertão, onde se usava mesmo na sala de visitas (copiar); na calçada, para as sestas; à noite, para os "adjuntos" da prosinha ligeira e do mexerico em torno dos poucos assuntos da cidade.

Chambre: *Robe de chambre*, camisão, usado pelos antigos e correspondendo ao moderno pijama. Somente os "educados", todavia, ostentavam uma indumentária íntima, sob a qual, de resto, se faziam vistos à calçada, e recebiam visitas de pouco protocolo. Porque o matuto autêntico – o único que, na maioria dos aspectos aqui abordados, interessa ao poema – e mesmo que legítimo coronel de guarda nacional, mais conhecido pelo topônimo da fazenda de que era dono, do que pelo sobrenome, usava, a esse tempo, e para todos os efeitos (só excluindo missa, eleição e júri), a camisa de zefir[55] ou algodãozinho, por cima das ceroulas amarradas com cadarços aos tornozelos. Se acontecia envergar as calças, conservava por cima destas a camisa, solta. Esse hábito, na plebe, foi em algum tempo reprimido pela polícia, às ordens de delegados ciosos da cultura do sertão e seu progresso. Progresso que foi muito lento, antes das duas revoluções a que, no Canto 5 (nas Notas), já se fez referência – a do automóvel e a da Escola Doméstica. Somente em casa, e na menagem da fazenda, podia, então, andar o tabaréu com a camisa por fora. Saindo à rua, tinha de "passar o pano", isto é, meter a camisa para dentro. Os soldados do destacamento policial fiscalizavam, a rigor, o mau costume. Muitas prisões correcionais foram efetuadas, e até crimes houve a registrar; porque muitos feirantes, intimados a "passar o pano", tomavam por desaforo a ordem, preferindo arrastar da lambedeira, e enfrentar o rabo-de-galo do representante da civilização...

Ispritado: Espritado, danado, com o espírito mau no couro. Esperto em demasia.

O Binha: O herói da sextilha (a segunda deste Canto) é, ainda hoje, tipo popular encontradiço, e não só no interior, como nas capitais de todo o Brasil.[56] Velhos voluntários, ou conscritos, que fizeram a guerra do Paraguai, ou foram a Canudos, e vegetam miserrimamente, da caridade pública. Enquanto que nédios,[57] cheirosos sinecuristas, flores assexuadas do nepotismo nacional, semideuses do futebol, baronetes, "artistas", "bonitões", dos institutos autárquicos, com tios, cunhados, primos ou "torcedores" nos Ministérios, metem empenhos sobre empenhos para se eximirem ao xadrez ou ao pagamento de multas por traficâncias na regularização do atestado de reservistas... de terceira categoria. O *Diário da Noite*, do Recife, em sua edição de 10 de abril de 1947, divulgou ilustrativa reportagem sobre Cândido Pessoa da Silva Wanderley, herói da guerra contra Lopez. Quase centenário, encontra-se totalmente desamparado, reduzido à conjuntura de mendigar. Documenta notícia uma fotografia do veterano, à frente do miserável casebre em que se abriga, na estrada de Paudalho, daquela Capital – sede de uma Região Militar –, a implorar a caridade dos transeuntes...

Soldado-de-linha: Praça do Exército.

Tonhéca: Antônio Pedro Dantas, Tonhéca, maestro conterrâneo, nascido em 1871, na Vila de Carnaúba,[58] no município seridoense de Acari. Famoso compositor de valsas, sendo as mais célebres "Royal Cinema" e "Delírios", populares em todo o Brasil, e integrando as coleções do Conservatório de Música de Berlim. Foi mestre de música neste Estado, na Paraíba e no Pará. Por ocasião de um concurso, na Escola Normal de Natal, para provimento da cátedra de Música, perdeu. Concorreu com 240 composições,

cada qual mais primorosa. Perdeu, porém (*et pourquoi pas*?[59]), para um ádvena,[60] "simpático" da situação política dominante. Faleceu em 7 de fevereiro de 1940 como simples músico da banda da Polícia Militar. E, por pouco, não havia verba para o enterro…

Preto Limão: Anota Câmara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores*, p. 256-257, ed. citada:

> "Preto Limão, famosíssimo cantador e violeiro. Era um negro alto, esguio, de olhos amarelados, e com um cavanhaque de soba africano. É sempre enumerado entre os primeiros cantadores, e como residindo em Natal, embora não fosse verídico. Derrotou dezenas de menestréis, mais sua maior glória é ter se batido com Bernardo Nogueira, que o venceu. Dizem os cantadores que Preto Limão só foi vencido por estar doente, e ter a família adoecido também."

Escopeteiro: Bom atirador, hábil no ofício. Diz-se, também, do sujeito cuja mulher lhe dá um filho todos os anos.

Pegar o sol com a mão: Expressão muito vulgarizada, nos divertimentos sertanejos, especialmente nos bailes. Significa dançar toda a noite, só terminando a folgança ao romper do sol.

Bater o loro: Morrer. Esticar a canela, virar a capela do olho, virar a raiz pro ar, emborcar, não comer mais farinha, ir ser plantado, dar o couro à vara. Queimar o fuzil (fusível). Esta última expressão é moderna, pertence ao ciclo idiomático da gasolina. (Vide o verbete xereta, em Notas ao Canto 5).

Ajojado: Ajoujado, muito apertado, meio estrangulado na gravata; embainhado na farpela nova. Ajoujar o animal é apertar-lhe os arreios (cilha e rabicho, ou rabichola), a mais não poder.

Pedrês: Alimária de pelo branco (cardão), pintalgado de marrom (castanho).

O sertanejo mantém convicções sobre as qualidades da montaria, em relação com a respectiva cor. Alguns anexins e ditados são populares:

> Cavalo pedrês, um vale por três.
> Cavalo alazão, freio no braço sela na mão.
> Cavalo castanho-escuro. Pisa no mole e no duro, carrega o dono seguro.
> Cavalo pampa, só tem a estampa.
> Cavalo russo, (branco), doce no pulso.

Bem-te-vi, que diacho viste? A Donzinha vem tão triste: Em *Os Escravos*, diz Castro Alves a certa Maria:

> "Mimosa flor dos escravos!
> O bando das flores bravas
> Voou com medo de ti!
> Levas hoje algum segredo...
> Pois te voltaste, com medo,
> Ao grito do bem-te-vi!"

Vuco-vuco: Afã, tribuzana, vavavu, repiquete.

Manulicha: *Mannlicher,*[61] carabina antiga, de fabricação inglesa, usada, a esse tempo, pela Polícia estadual. Devido às dificuldades e perigos que, então, representava o exercício do fisco no sertão, o governo confiava aos administradores das mesas de rendas algumas dessas armas, para a eventualidade de um ataque de cangaceiros.

Que já mandou portador: Antônio Silvino,[62] célebre quadrilheiro, que durante mais de vinte anos talou[63] os sertões e brejos nordestinos, costumava mandar ultimato aos visados pela

sua cavalaria andante do rifle: raras vezes, entretanto, cumprindo a ameaça, se a resposta era a da aceitação do desafio.

Alisar: Tomar, no jogo, todo o dinheiro do parceiro; ou perdê-lo, completamente. Furtar, saquear.

Priquito: Periquito, pequeno papagaio. Topônimo antigo de Equador, hoje próspero distrito[64] do município seridoense de Parelhas, e empório de algodão, à margem esquerda da estrada tronco da I.F.O.C.S.,[65] para Campina Grande. Originou-se de uma fazenda de gado, pertencente a uma senhora Dona Maria, situada, há talvez mais de cem anos, na chã da serra do Periquito, no cordão da Borborema. "Priquito de Dona Maria" dizia-se, jocosamente, em toda a redondeza daquele oásis verdejante, cuja denominação somente os maliciosos moviam à malicia.

Dona Maria era também proprietária de outro sítio, chamado "O Fundão", porque encravado no vale, e vizinho ao Periquito.

O Coronel José Tomás, paraibano ilustre, e a quem muito ficou a dever a cidade de Jardim do Seridó, conversava, certa vez, ao balcão de uma loja de fazendas, durante uma feira, com um freguês a quem despachava, de primeira compra. As páginas tantas do cavaco, indagou do matuto onde residia, e ele respondeu: — *Saiba vossa mercê que sou assituado entre o Priquito e o Fundão de Dona Maria...* José Tomás obtemperou-lhe, risonho: — *Olhe, meu amigo, vossa senhoria mora num lugar bem apertado!...*

Abagão: Figurão, maioral, coronel.

Bafafá: Barulho, arrelia.

Pamonha: É adjetivo, e significa mole, covarde; mucufa, goteira, molóide, pomboca, abilolado, babaca, bobó, mané, trouxa, fumega, panema[66] (Mário Marroquim,[67] registra "apanemado", em *A Língua do Nordeste*, p. 155, 2ª edição).

Muçambê: *Cleome heptaphylla*, família das caparidáceas. Arbusto espinhoso das várzeas e rios, e todos os lugares frescos, florindo em graciosos corimbos[68] alvinitentes,[69] de pistilos róseos. A infusão das raízes da (variedade branco) é meizinha contra macacoas[70] de mulher, e febres, bronquites, etc.

Seis vezes trinta: Expressão com qual procurou o Autor significar a avançada idade da heroína da sextilha, na conformidade do adágio popular: "negro, quando pinta, tem três vezes trinta".

Burrinha: Burra-de-padre, mula-sem-cabeça, em que se encanta a caseira do vigário, largando-se após, na estrada, com o tilintar de correntes, chocalhos, arreios e ferros-velhos, a percorrer sete cidades, por noite, nas sextas-feiras, até que cante o primeiro galo…

Escreve Gustavo Barroso, à página 266 de *Terra do Sol*:

> "Quando u'a mulher foi amante de um padre, aparece depois de morta sob a forma de uma mula sem cabeça, que vaga em doidas correrias pelos matos e que só se desencanta ao topar no caminho uma cruz de ramos bentos. De noite, muitas vezes, um barulho qualquer de animais a galope, bufando, desperta o sertanejo medroso de assombramentos. Ele recolhe-se na rede e reza. É a burra-de-padre que vai passando…"

No Seridó, entretanto, a crendice da burra-de-padre se manifesta, ordinariamente, a respeito da mulher mesmo viva.

Xingar: Insultar, pilheriar, mangar. Quem não sabe rezar, xinga Deus.

Mandingueiro: Fazedor de mandinga, feiticeiro, catimbozeiro, juremeiro. Veja-se Nota à palavra mandinga, adiante, no Canto 9.

Lavei quartau com cerveja: Quartau é o cavalo castrado. É verídico, o fato do banho de cerveja, e não somente em relação ao preto Ribeiro, em foco na estrofe sob anotação. São os sertanejos, hoje em dia, menos imprevidentes, menos perdulários, mercê das rigorosas, duríssimas lições que têm amargado, na luta sem tréguas contra as incertezas e traições do clima. Lavar o cavalo, com cerveja ou vinho, acender charutos, chegando-lhes lume com cédulas de cem e mais mil réis; afugentar reses da porta do paiol (quarto, junto ao curral e onde se guardam os apetrechos do pastoreio), arremessando-lhes queijos de dois quilos, foram atos vastamente testemunhados e corriqueiros, no sertão, ao tempo dos bons preços do "ouro branco", quando o automóvel e o rádio ainda não haviam imposto ao matuto a revelação das mil e uma utilidades nas quais, se quiser ser tido por "civilizado", tem de empregar, agora, o que lhe custou tanta canseira, tantas consultas ansiosas ao céu, a "esfinge azul" da primeira sextilha do Canto 2.

Avoete: Ave de arribação, columbina, da família dos Peristerídeos (*Zenaida auriculata*), pomba-de-bando, pomba-do-sertão. Chamada de "ribaçã", no Seridó, entre os meios-cultos; "rabaçã", na plebe; ou "avoete", mesmo. Nunca se disse "avoante", como no Ceará (G. Barroso, *Terra do Sol*). No livro citado, tem o eminente folclorista uma página célebre, sobre o assunto.

Pêi! Caiu cem: A expressão é hiperbólica; não fosse ela pabulagem do Lolô (Sextilha 23). Contudo, todos os caçadores de ribaçãs se poderão jactar de haver derrubado dez, vinte pombas, entre mortas e feridas, de um só tiro. Às vezes, devido ao número incalculável em que se abatem sobre o chão da caatinga, sobre pedras, arbustos e árvores secas das serras e riachos, aglomeram-se, de tal maneira, tão emparelhadas, que com uma boa espalhadeira, mal socada a bucha, não teria sido inverossímil a façanha proclamada

pelo Tartarim[71] seridoense, com a palavra na estrofe sob o comentário.

De alfinete, marmotas desencantou: É crença, no sertão, que o lobisomem, a burrinha de padre, ou outra qualquer marmota de assombração e encantamento, desencanta-se, imediatamente, assim se lhes faça sangue, mesmo com a ponta de um alfinete…

Marmota: Visagem, assombração, bicho feio e desengonçado.

Lobisomem: Licantropo, homem que vira bicho. Amarelo, comelonge, maduro, força-de-sangue.

Segundo uma "receita", corrente entre os mitólogos no sertão, "para virar lobisomem", basta, à meia-noite das sextas-feiras (menos durante a Semana Santa), vestir a roupa pelo avesso, e espojar-se num curral bem emporcalhado pelos animais.

Uma sextilha, de José Martins em *Luzes do Canaã*, já citado:

Num vá tucaiá o lube,
pode perdê nas questão.
Basta sê que ele é um bicho,
Mal se vira de cristão.
É fio qui dá na mãe,
E arrecebe mardição…

CAssula: Batida de pilão, feita por duas pessoas, alternadamente.

Patápio: Patápio Silva, flautista brasileiro, natural do Estado do Rio de Janeiro (22 de outubro de 1880) Morreu em abril de 1907, em Florianópolis. Em Nota à terceira edição de *Mata Iluminada*, taxou-o Catulo da Paixão Cearense[72] de "gênio".

Manoel Pequeno: Manoel Ferreira dos Santos Pequeno, apelido que tomou para diferenciar-se de um homônimo, morador da mesma cidade (Jardim do Seridó). É uma das biografias mais inte-

ressantes, mais ricas em episódios de bravura, de malícia e bom-humor, no sertão. Ficou famoso, em toda a vasta região do hinterland nordestino, pela rapidez com que viajava, invariavelmente a pé. Era o tempo dos "próprios", e foi ele o mais expedito, o mais fiel, o mais espirituoso em expediente, o mais decidido de todos. Não sabe o Autor se, por isso, ou porque tivesse, em alguma época, trabalhado em transporte postal da União, era mais conhecido, profissionalmente, pela denominação de "correio" com a qual, aliás (segundo conta Câmara Cascudo), deu, depois, para se zangar, a ponto de briga. O sertão jamais teve mais rápido e dedicado mensageiro. Cobria o trajeto de Jardim a Recife, a João Pessoa, a Campina Grande, a Natal, e a outras muitas cidades distanciadas centenas de léguas do Seridó – na metade, num terço do tempo gasto pelos outros pedestres então utilizados como estafetas. Quando se viajava pelo sertão, a cavalo, tiveram eles grande utilização, e gozavam de estima geral. Manoel Pequeno, consagrado, em vida, pelo prestígio da lenda, foi o mais célebre de todos, aquele a quem se confiavam as missões mais difíceis, as cartas de maior sigilo, atas de eleições, dinheiro das mesas de rendas, ou das transações comerciais. Porque jornadeava sempre a pé, e pela importância das incumbências que lhe confiavam, nunca admitia companheiro, nem fazia descanso ou dormida em pousos comuns, à beira da estrada. Caminhava numa espécie de chouto miúdo, a cabeça baixa, mas alerta a vista de lince, o tronco meio inclinado para frente, preferindo sempre internar-se pelas veredas e atalhos – que conhecia a palmo – a fim de ganhar tempo. Conduzia a comida, já pronta para ser utilizada, num mocó[73] a tiracolo; e comia, andando. Um próprio,[74] a cavalo, vencia o itinerário Jardim-Natal, ou vice-versa, em três dias, dois e meio; fazia-o ele, em dois, um e meio. Daí, numerosas lendas, criadas a propósito e que ele de nenhum modo descoroçoava, ladino que

era, sorrindo dos encômios e perguntas indiscretas, safando-se de tudo com uma piada, uma anedota, perpetuamente bem humorado. Tinha pauta com o diabo; andava, dentro do mato, montado numa ema preta; envultava-se num gavião, ou num tronco seco a fumegar, e no qual o caminheiro desprevenido de mágicas acendia o cigarro ou o cachimbo; saía com a mão na anca do cavalo mais andador do Seridó e, a páginas tantas, voltando-se, o cavaleiro não dava mais de cara com Manoel Pequeno, de quem ia encontrar noticias dez, vinte, trinta léguas adiante: – Já passou aqui, ontem de manhã, naquele choutinho dele…

Substituiu ao sogro, Severino Chaves, em 1889, no cargo de oficial de justiça, em cujo exercício veio a falecer, em 1928. Nunca perdeu uma diligência. Quando tinha de proceder a uma intimação a réu ou constituinte residente fora da cidade, num ermo da serra, o quebrar da barra já o encontrava de plantão no alpendre. E, muitas vezes, foi esta a sua saudação ao dono da casa: *– Têje intimado, pra se assinar nesta carta precatória… e pra mandá fazê café…*

Tipo acabado de honradez, de disciplina moral, e da fidelidade incomparável do seridoense, era popularíssimo e querido em todo o sertão e na capital, onde contava com a amizade pessoal de Pedro Velho,[75] senhor todo-poderoso da Província, e a quem trouxera muita mensagem de relevância, dos chefes políticos do interior. Inteligentíssimo, arguto como raposa escapa de armadilha, sabia safar-se maravilhosamente das "enrascadas" que o humilde cargo no foro, e a qualidade de mensageiro de confiança, lhe depararam inúmeras vezes, na vida.

O Dr. Heráclio Pires, entre algumas das mais conhecidas traças "históricas" de Manoel Pequeno, deliciosamente nos relata esta:

> "Por volta de 1890, existiu aqui (Jardim do Seridó), um louco, conhecido opor Silvestre Doido, que era o

terror da população. Eram pedradas, cacetadas nos transeuntes, palavras obscenas, e toda sorte de tropelias. As prisões e clausuras de Silvestre de nada serviam, pois, solto o homem, voltava às mesmas façanhas. O clamor era geral. A esse tempo, havia sido inaugurada a Tamarineira, asilo de loucos, em Recife, e do qual se contava muita coisa boa. Resolveram as autoridades, e a própria família de Silvestre, mandá-lo para a Tamarineira. Logo, se cotizaram todos, para as despesas de viagem, encarregando-se Manoel Pequeno de levar o louco; era, para isso, o homem de confiança. O maior comerciante da terra fez uma carta ao seu melhor amigo e patrão do Recife, encaminhando o pobre doente e, no dia aprazado, partiu Manoel Pequeno, com o homem algemado e nas cordas, em busca daquela capital, onde chegou depois de uns oito dias de viagem. Ali, Manoel Pequeno procurou logo o figurão para quem levava a mensagem e, com o Silvestre ao lado e sempre nas cordas, lhe entregou. Depois que o homem leu a carta, bastante aborrecido, chamou Manoel Pequeno e disse-lhe que, absolutamente, não se podia encarregar do internamento do doido; que ali era Pernambuco, e não o Rio Grande do Norte; que, finalmente, voltasse, tomasse conta do seu fardo, pois que nada podia fazer. Manoel Pequeno tomou a palavra e, desembaraçado no falar, como era, contou toda a história do Silvestre, o sofrimento do nosso povo por causa das tropelias dele, etc, terminando com um apelo ao tal graúdo, principalmente, – frisava – por não se achar com forças para voltar com o homem louco. O homem permanecia irredutível; disse que não atenderia ao apelo; estava tudo liquidado: a Tamarineira era para os infelizes de Pernambuco e

> não os do Rio Grande do Norte. Nisto, o Manoel Pequeno perdeu a calma (ou fingiu havê-la perdido); falou grosso, também, dizendo: – Pois se assim é, tomem conta do doido, que esse doido é agora de Pernambuco!
> E, rápido, sacando de sua quicé, cortou todas as cordas ao furioso louco Silvestre, soltando-o porta afora; com que, vendo-se ele a vontade, iniciou imediatamente uma série de distúrbios em Recife. Dentro de poucas horas, estava o Silvestre agarrado, e recolhido à Tamarineira, como autêntico "louco pernambucano". E, o Manoel Pequeno, livre para a sua caminhada de regresso."

Foi o único homem, em Jardim, que espontaneamente se apresentou ao juiz distrital, para pegar Antônio Silvino, quando já se encontrava este dentro da cidade, na sua incursão de 1912.

Em *A República*, diário oficial do Estado, edição de 6 de fevereiro de 1944, dedicou-lhe Câmara Cascudo uma "Acta Diurna,"[76] sob o título de "Diário de Manoel Pequeno". Depois de relatar muitos e divertidíssimos episódios da vida do inesquecível andarilho, remata o insigne rematador essa bela página, afirmando, com toda justeza: "Não o esqueceu a memória popular, e seu nome, ausente dos registros glorificadores, gravou-se indelével, nas almas claras em cuja doce luminosidade viverá para sempre".

Matalotagem: Provisão para a jornada, rancho, mastigo (subst.) A comida já pronta a ser utilizada e, ordinariamente, composta de farinha de mandioca, rapadura e carne seca, assada ou guisada. Também significa carneação: "Em casa de Fulano, tem matalotagem hoje". Isto é, matou-se ali uma rês.

Rabo-de-galo: Sabre Comblain,[77] de longa e grossa lâmina, há muitos anos usado pela polícia.

Mororó: *Bauhinia forficata*, arbusto abundante nas caatingas e serras do sertão, magnífica forragem para vacas leiteiras (Veja-se Nota à palavra logradouro, no Canto 5). A madeira, flexível, fortíssima, fornece cacetes famosos. Com um deles, o tangerino Magalhães, protegido e morador de Tomás de Araújo,[78] um dos abaetés[79] da nossa história política, derrubou um cangaceiro célebre, terror do sertão piauiense, segundo o relato de Manoel Dantas,[80] inserto em *Leituras Potiguares*, p. 279.

Rajeto: Corrutela de jarrete. (O *Pequeno Dicionário*, de G. Barroso e Manoel Bandeira registra "rejeito"). No sertão, significa tornozelo, osso-do-gostoso, expressão, esta, antitética,[81] provinda do fato de provocar dor muito pungente e prolongada, qualquer choque nessa parte do pé. O matuto diz "rejêto".

Alpercata:[82] Em *Coiteiros*, p. 168, grafa J. Américo de Almeida, alpergatas, pondo mesmo o vocábulo na boca de um dos broncos heróis do seu livro. Apragata é o termo exclusivamente usado pelo matuto – por todos os matutos do Nordeste – e, até, pelos meios cultos. Lâmina larga, de sola, cortada à feição do pé, e presa aos dedos por correias. Atualmente, vendem-se no sertão as de pneus, mais resistentes e mais baratas. Usam-nas homens e mulheres; estas, especialmente nos trabalhos de roçado, ou quando viajam a pé.

[1] Ver nota de OM.

[2] Idem.

[3] Idem.

[4] Ver notas de OM.

[5] Que causa medo; temível.

[6] Referência à Guerra de Canudos.

[7] Ver nota de OM.

[8] Muito magro; macérrimo.

[9] **Richard Strauss** (Munique/Alemanha, 11.06.1864-Garmisch-Partenkirchen/Alemanha, 08.09.1949). Compositor e maestro alemão, considerado o mais destacado representante da música entre o final do Romantismo e o início da Idade Moderna.

[10] **Preto Limão.** Ver Câmara Cascudo, no *Vaqueiros e Cantadores*. Nota de OM.

[11] Referência a **Fréderic Mistral** (Maillane, Provença/França, 08.09.1830-25.03.1914). Escritor, poeta e filólogo francês de língua occitana ou provençal – língua românica falada ao sul da França – ao sul do rio Loire –, assim como em alguns vales alpinos na Itália e no Val d'Aran, na Espanha. Sua poesia refletia os cenários naturais e o espírito nativo de seu povo. Premiado com o Nobel de Literatura de 1904.

[12] A corda mais fina de certos instrumentos (violino, violoncelo, guitarra, etc.), que dá o som mais agudo.

[13] Ver nota de OM.

[14] Pertencente ou relativo ao Parnaso. Diz-se dos partidários de uma escola poética que, em oposição ao lirismo romântico, cultivou uma poesia de feição mais objetiva e de notável apuro de forma.

[15] Conforme OM: samba, sovacada, forró, fobó, zambê, quebradinho, espalha-pés; furdunço.

[16] Ver nota de OM.

[17] Estômago, no dizer do matuto.

[18] Ver nota de OM.

[19] Ajoujado. Curvado ou arriado ao peso de uma carga. Ver nota de OM.

[20] Salpicado de preto e branco na cor. Ver nota de OM.

[21] Ver nota de OM.

[22] A parte posterior da cabeça; cachaço, nuca.

[23] Ver nota de OM.

[24] Idem.

[25] **João Felismino** (Ribeiro Dantas) de Melo, pai de OM.

[26] Ver nota de OM.

[27] Ver notas de OM.

[28] Administrador. O pai do poeta, citado, era administrador da Mesa de Rendas Estadual em Jardim do Seridó, acumulando o cargo de delegado de polícia.

[29] O "papo", num rifle, é a peça localizada na parte inferior da culatra (fecho). Nos sertões, a cor desse dispositivo, identificava o modelo, geralmente Winchester (1873), calibre 44.

[30] Ver notas de OM.

[31] Ver nota de OM.

[32] Ver nota de OM.

[33] Ver notas de OM.

[34] Ver nota de OM.

[35] Pequeno enfeite de matéria e forma variadas, que se traz pendente da cadeia do relógio, da pulseira; pingente, penduricalho.

[36] Idem.

[37] Contar lorota, mentir.

[38] Ver notas de OM.

[39] **Lolô**. O mentiroso personagem criado nas sextilhas por OM – por herança cultural dos colonizadores portugueses –, faz referência (compreensivelmente distorcida) à lenda da Ilha das Sete Cidades, divulgada e popularizada na Península Ibérica a partir da Idade Média. O primeiro documento ibérico referente às Sete Cidades (*Insula Septem Civitatum*, na Antiguidade) é uma crônica em latim da cidade de Porto Cale (a moderna cidade do Porto), aparentemente escrita, cerca de 750 d.C., por um clérigo cristão.

[40] Ver nota de OM.

[41] Distrito, região, município.

[42] Biscoito ou bolacha pequena, torrada, feita de farinha de trigo.

[43] Peixe voador, salgado.

[44] **Patápio Silva**. Ver nota de OM.

[45] Ver nota de OM.

[46] "Canção da Boêmia", de Castro Alves. Teve pelo menos duas versões (modinhas), com o título "Vamos, Eugênia, Fugindo", musicadas no Ceará e na Paraíba. Eugênia Câmara era uma atriz portuguesa, grande paixão do poeta. A versão cearense foi gravada por Luís Heitor para o acervo da E.N.M.U.B., do Rio de Janeiro/RJ, em 1943, com canto e acompanhamento de duas violas.

[47] Ver nota de OM.

[48] Idem.

[49] Pistola de dois canos, de fogo central (dois tiros e uma carreira), geralmente de calibre 38. Lampião (Virgolino Ferreira), aos 17 anos, comprou uma dessas armas, a primeira de tantas outras que usou na sua caminhada de bandoleiro.

[50] O mesmo que Tracunhaém, cidade pernambucana, situada na zona da mata, distante 72 km de Recife.

[51] Ver nota de OM.

[52] Idem.

[53] Idem.

[54] Idem.

[55] Tecido de algodão, leve e transparente, com os fios do tecido geralmente formando listras.

[56] Atentar para que o livro foi escrito entre as décadas de 1930-1950.

[57] Luzidio, brilhante, de pele lustrosa.

[58] Atualmente, o município de Carnaúba dos Dantas, no Seridó.

[59] Em francês: "e por que não?".

[60] Chegado de fora, estrangeiro, forasteiro.

[61] Clavina (ou carabina) adotada pelo Exército Brasileiro em 1892. Poucos anos depois, obsoleta, grandes quantidades dessa arma foram doadas às

forças públicas estaduais. Popularizou-se, nos sertões, com a corruptela do sobrenome do engenheiro austríaco que a desenhou, **Ferdinand Ritter von Mannlicher** (Mainz/Alemanha, 30.01.1848-Viena/Áustria, 20.01.1904).

[62] **Manuel Batista de Morais** (Afogados da Ingazeira/PE, 02.11.1875-Campina Grande/PB, 30.11.1944). Adotando a alcunha de "Antônio Silvino", foi o mais famoso cangaceiro do Nordeste brasileiro, antes de Lampião. Rotulado de "Rifle de Ouro", "Rei do Cangaço" e até de "Governador do Sertão", durante 16 anos organizou saques, assassinou políticos, ignorou a polícia e só respeitava mulheres.

[63] Causou grave estrago em (algo); devastou, arrasou.

[64] **Equador**. Desmembrou-se de Parelhas e tornou-se município do Rio Grande do Norte (Lei Estadual 2.799, no dia 11 de maio de 1962). Em 17 de março de 1963, ao mesmo tempo em que ocorria a instalação, tomava posse o primeiro prefeito, nomeado pelo governador.

[65] Antiga denominação do atual Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

[66] Que ou quem é infeliz na caça e/ou na pesca; infeliz na vida; azarado, caipora; vítima de feitiço.

[67] **Mário Marroquim** (Água Preta/AL, 22.03.1896-Maceió/AL, 15.03.1975). Escritor, professor, folclorista, historiador e advogado alagoano. Foi secretário de Estado e procurador-geral. Da Academia Alagoana de Letras.

[68] Tipo muito comum de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior.

[69] De alvuras imaculadas.

[70] Doença sem gravidade.

[71] **Tartarim** (de Tarascon). Personagem de grande sucesso do escritor francês Alphonse Daudet (Nimes/França, 1840-Paris/França, 1897). O livro *As Aventuras Prodigiosas de Tartarim de Tarascon* apareceu em 1872. Tartarim é uma fusão de Dom Quixote e Sancho Pança e fixa um tipo hiperbólico e mitômano, vítima de seu próprio poder de se iludir. Era especialista em caçadas.

[72] **Catulo da Paixão Cearense** (São Luís do Maranhão/MA, 08.10.1863-Rio de Janeiro/RJ, 10.05.1946). Teatrólogo, poeta, músico, compositor e cantor brasileiro.

[73] Bolsa de tiracolo para pequenas provisões, papéis, etc.

[74] Portador ou mensageiro.

[75] **Pedro Velho de Albuquerque Maranhão** (Natal/RN, 27.11.1856-Recife/PE, 09.12.1907). Proclamador da República no Rio Grande do Norte; político, jornalista, médico e abolicionista. Fundou o jornal *A República*, em 01.07.1889. Foi o primeiro governador do Estado, sob o novo regime. Criou a oligarquia que dominou o Estado até 1930.

[76] Explicou Câmara Cascudo: "Acta Diurna era uma espécie de jornal diário, uma folha onde os acontecimentos do dia eram fixados pelas autoridades de Roma, para conhecimento do povo. Pregavam-na a uma parede num dos edifícios do Fórum. No ano 131, antes de Cristo, já existia a Acta Diurna, informando ao cidadão romano as 'novidades' ou diretivas governamentais. Júlio César, cinqüenta e nove anos antes do nascimento de Cristo tornou-a oficial, de aposição obrigatória num determinado logradouro público. Conservo o título em latim. Por isso aparece o Acta com a segunda consoante do alfabeto. Acta significa, no latim, ações, obras, feitos, façanhas. Diurna é o que se pratica sob o sol, no espaço de um dia, ou diariamente".

[77] **Sabre-baioneta-iatagã**. Adotado na França em 1842, tinha lâmina semelhante a de um iatagã. Utilizado no fuzil francês Comblain, de vários modelos, utilizados pelo Exército Brasileiro até 1915. Forjada e temperada em ferro carbono, a empunhadura em bronze naval e o guarda-mão em aço.

[78] **Tomás de Araújo Pereira** (Acari/RN,1765-Acari/RN1847). Patriarca seridoense, senhor de muitas terras e escravos. Político de prestígio, foi o segundo presidente da Província do Rio Grande do Norte, de 5 de maio a 8 de setembro de 1824.

[79] Ou **abaetê**, significando "homem bom, verdadeiro, de palavra, honrado".

[80] **Manoel Gomes de Medeiros Dantas** (Caicó/RN, 26.04.1867-Natal/RN, 15.06.1924). Advogado, juiz, educador, jornalista, político e precursor dos estudos de folclore no Estado. Celebrizou-se com uma conferência – "Natal daqui a cinqüenta anos"–, cobrando ingressos dos expectadores (uma novidade, à época), proferida no Salão de Honra do Palácio do Governo (hoje a Pinacoteca do Estado), no dia 21 de março de 1909.

[81] Que contém ou constitui antítese.

[82] Registra o *Dicionário Aurélio* (Edição digital, 2008): albarca, alparca, alparcata, alpargata, alpergata, apragata, paragata, pracata, pargata, pragata.

Canto 9
Cheiro de jurema

É a hora amável da ceia.
Recende, a tigela, cheia
de coalhada, a nevejar…
Dezesseis pratos sopeiros,
só a família. Os vaqueiros
conversam, no copiar.

Um deles, junto da talha,
puxa a um cigarro de palha
cheirosas nuvens azuis,
fazendo um halo esgarçado
ao "registro"[1] desmaiado
do Coração de Jesus.

Range, a cancela. A bafagem[2]
refresca; embala a folhagem.
Alva, a angélica se abriu.
Alva, a lua se levanta…
Um galo, sozinho, canta.
— Lá u'a moça fugiu!

Lavado na luz tristonha,
o coqueiral afla[3] e sonha.
O céu parece um altar…
Nem vivalma, pela rua.
Espasmada, a mãe-da-lua[4]
abre o bocão, a chorar.

Corre uma estrela cadente
– bogari, que a unha luzente
da lua despetalou!
Zelação,[5] alma penada,
Deus te guie, para a morada
do mar que, hoje, te apagou!

Mandinga da lua cheia,[6]
quando, em silêncio, clareia
o desertão do sertão!
Ó jurema da Saudade!
espinhas muito, é verdade
– mas, cheiras, no coração…

Notas ao Canto 9

Espasmado: Alucinado, abobado, em êxtase.

Mãe-da-lua: Ave noturna. Minudencia Câmara Cascudo, no ensaio *As Aves no Folclore Brasileiro*, várias vezes já ilustrando estas Notas:

> "Em 1913, voltava eu da Vila de Augusto Severo para Logradouro. Noite de luar. A estrada era margeada pelos capões de mato não onde se destacavam as oiticicas e juazeiros. Súbito, do sussurro dos grilos, saiu um lamento estranho, ululado, plangente, interminável. Um uivo quase humano, de dor desesperada, de agonia terrível, sufocando, impressionante, inesquecível, rasgou a solidão enluarada. Ao meu olhar assombrado, o companheiro respondeu, num arrepio incontido: – "É a mãe-da-lua"…
> Mãe-da-lua (*Nyctibius griseus*) é o *anda-a-lua* de Minas Gerais, o *urutau* das superstições americanas, *cocucuy* ou *turay* argentino, o *iurutái* dos índios tupis, o *ship-poor-Will* das Guianas inglesas. É uma espécie de coruja alvacenta, com a boca enorme, e hábitos noturnos que a fazem misteriosa e sinistra. Fica imóvel num galho e passa a noite soltando aquela gargalhada fantástica que espalha o pavor. Não mais existem tradições locais sobre a mãe-da-lua, senão o medo instintivo que seu canto provoca. A lenda única, que pude colher sobre ela, é que tinha sido uma mulher extremamente amiga de festas. Deixou o marido, a quem adorava, adoentado, e dançou todo um baile. Voltando para casa, encontrou o marido, Paulo, morto. Desesperada de remorsos e convulsa de arrepen-

> dimento, soltou um grito feroz e transformou-se na mãe-da-lua. Até hoje chama Paulo e soluça uma risada de martírio."

Mandinga: Feitiço, caborge, catimbó, muamba, coisa-feita, patuá, despacho, macumba, ebó, quimbanda. Sedução.

Decorre do nome de uma tribo de negros africanos, das trazidas para o Brasil ao tempo da escravatura, os quais eram mestres em candomblés e macumbas. Enumera Ernani Silva Bruno,[7] na revista *Panorama*, de São Paulo, nº. 1:

> "De procedência sudanesa, mostram Renato Mendonça e Artur Ramos, eram as nações mais importantes da Bahia, os jalofos, mandingas, fulos, haussás, achantis, jejes, minas e os jurubas ou iorubanos ou nagôs. De procedência bantu, eram os angolas, congos ou cabindas, benguelas, cassangues, bengalas, dembos, macuas e angicos."

...da lua cheia: Uma linda trova, de José Martins, em *Luzes do Canaã*, antes já citado:

> "A lua tá tão bonita,
> que inté parece que a lua
> num tá nem de saia branca,
> tá despidinha, tá nua."

E esta, da coleção do Autor:

> "A lua, na bolandeira, (*)
> não é crime comparar –
> é ver a Virgem das Dores,
> desmaiada no altar."

(*) Por analogia com o sulco circular, feito pelos cascos dos animais que puxam a trave das engenhocas de cana e de prensar

algodão, e que têm esse nome, bolandeira é a grande circunferência azulada, de contornos nevoentos, e em cujo centro fica a lua, em certas épocas do ano. Conforme o mês e a fase lunar, é um dos "sinais" em que comumente se baseia o matuto, para prognósticos de inverno.

***

Aqui se reproduzem, extraídos da *Mata Iluminada*, 3ª edição, Livraria Castilho, Rio, 1928, os versos célebres, de Catulo da Paixão Cearense:[8]

"Não há ó gente, ó não,
Luar como esse do sertão!

Ó que saudade do luar da minha terra,
Lá na serra, branquejando folhas secas pelo chão!
Esse luar cá da Cidade, tão escuro,
Não tem aquela saudade do luar do meu sertão!

Se a lua nasce por detrás da verde mata,
Mais parece um sol de prata, prateando a solidão!
E a gente pega na viola, que ponteia,
E a canção é a lua cheia a nos nascer do coração!

Quando, vermelha, no sertão, desponta a lua,
Dentro da alma, onde flutua, também rubra, nasce a dor!
E a lua sobre... E o sangue muda em claridade!
E a nossa dor muda em saudade... Branca... assim, da mesma cor!

Ai! Quem me dera que eu morresse lá na serra,
Abraçado à minha terra, e dormindo de uma vez!
Ser enterrado numa grota pequenina,
Onde, à tarde, a sussurina chora a sua viuvez!

Diz uma trova, que o sertão todo conhece,
Que se, à noite, o céu floresce, nos encanta e nos seduz,
É porque rouba dos sertões as flores belas,
Com que faz essas estrelas lá no seu jardim de luz!

Mas, como é lindo ver, depois, por entre o mato,
Deslizar, calmo, o regato, transparente como um véu!
No leito azul das suas águas murmurando,
Ir, por sua vez, roubando as estrelas lá do céu!

A gente fria dessa terra sem poesia
Não se importa com esta lua, nem faz caso do luar!
Enquanto a onça, lá na verde capoeira,
Leva uma hora inteira, vendo a lua, a meditar!

Coisa mais bela, neste mundo não existe,
Do que ouvir um galo triste, no sertão se faz luar!
Parece até que a alma da lua é que descanta,
Escondida na garganta desse galo, a soluçar!

Se Deus me ouvisse, com amor e caridade,
Me faria essa vontade – o ideal do coração:
era que a morte a descansar me surpreendesse,
e eu morresse numa noite de luar do meu sertão!"

Catulo, que era natural do Maranhão, morreu em maio de 1946, no Rio de Janeiro.

Notas

[1] Imagem de santo ou de objetos de devoção.

[2] Vento de muito fraca intensidade, menos que aragem; bafejo, bafuge.

[3] Agita-se ao vento.

[4] Ver notas de OM.

[5] Bólide, meteoro. Zelação, segundo Gustavo Barroso, é corruptela de exalação. Câmara Cascudo, no *Dicionário do folclore brasileiro,* dá conta que a expressão sertaneja "Deus te guie, zelação!" remete a estrela cadente para o mar, evitando a catástrofe – o fim do mundo pela explosão apocalíptica.

[6] Ver nota de OM.

[7] **Ernani Silva Bruno**. Escritor paulista, nascido no Paraná (Curitiba/PR, 1913- São Paulo/SP, 1986). Advogado, historiador, jornalista, membro da Academia Paulista de Letras.

[8] Do site http://cifrantiga.wordpress.com/tag/catulo/ (sem registro da autoria do texto): "A toada "Luar do Sertão" é um dos maiores sucessos de nossa música popular em todos os tempos. Fácil de cantar, está na memória de cada brasileiro, até dos que não se interessam por música. Como a maioria das canções que fazem apologia da vida campestre, encanta principalmente pela ingenuidade dos versos e simplicidade da melodia. Embora tenha defendido com veemência pela vida afora sua condição de autor único de "Luar do Sertão", Catulo da Paixão Cearense deve ser apenas o autor da letra. A melodia seria de João Pernambuco ou, mais provavelmente, de um anônimo, tratando-se assim de um tema folclórico – o coco "É do Maitá" ou "Meu Engenho é do Humaitá" –, recolhido e modificado pelo violonista. Este coco integrava seu repertório e teria sido por ele transmitido a Catulo, como tantos outros temas. Pelo menos, isso é o que se deduz dos depoimentos de personalidades como Heitor Villa-Lobos, Mozart de Araújo, Sílvio Salema e Benjamin de Oliveira, publicados por Almirante no livro *No tempo de Noel Rosa*. Há ainda a favor da versão do aproveitamento de tema popular, uma declaração do próprio Catulo (em entrevista a Joel Silveira) que diz: "Compus o Luar do Sertão ouvindo uma melodia antiga (...) cujo estribilho era assim: É do Maitá! É do Maitá". A propósito, conta o historiador Ary Vasconcelos (em *Panorama da música popular brasileira na belle époque*) que teve a oportunidade de ouvir "Luperce Miranda tocar ao bandolim duas versões do 'É do Maitá':

a original e 'outra modificada por João Pernambuco', esta realmente muito parecida com Luar do sertão". Homem humilde, quase analfabeto, sem muita noção do que representavam os direitos de uma música célebre, João Pernambuco teve dois defensores ilustres – Heitor Villa-Lobos e Henrique Foréis Domingues, o Almirante – que, se não conseguiram o reconhecimento judicial de sua condição de autor de Luar do Sertão, pelo menos deram credibilidade à reivindicação. Ainda do mesmo Almirante foi a iniciativa de tornar o "Luar do Sertão" prefixo musical da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a partir de 1939."

Canto 10
As sete espigas

Quadro da feira.[1] Indo e vindo,
quanta gente! O tamarindo
serve de abrigo aos quartaus.
Um mar de chapéus-de-couro…[2]
Serras de queijo cor de ouro,
trincheiras de garajaus.[3]

– *Isto é o cordão de Santana?*[4]
– *Nhôr não, batata…* – Banana
verde, madura, de vez.[5]
Surrões de farinha fina.
Milho, aos montões (que esterlina![6]).
Feijão vermelho… – *Eh, freguês*!

As melancias maduras…
Melhores, as mais escuras
– alvas, do lado do chão;
a casca – verde, raiada:
dentro, uma fita encarnada!
uma rosa, o "coração"!

Duda, com a faca de ponta,
de quatro delas deu conta,
caroço e tudo… – Só mel!
……
Adjunto.[7] Risos. Comédia:
– o poldro torou a rédea,
deu no barro com o Miguel.

Drama: "riscando"[8] a montada,
ManoelVermelho, à calçada
quer subir, "por bem ou mal".
Cai… Da fronte, o sangue escorre…
Berra um parceiro: – *O home morre*!
me arcance cana cum sal![9]

Transbordando do recinto,
zoa, o imenso labirinto.
A praça, toda, é um paiol.
Comboios[10] bebem, no rio.
Perpassa o fartum[11] sadio
de queijo e carne-de-sol…

Na barraca de alvejado,[12]
Andreza vende guisado
de arribaçã e preá.
Zumbéca, em voz de falsete,
diz, puxando um tamborete:
– *Passa esta rola pra cá…*

Aqui, é a "banca" do *Ganga*.
Fez, de tudo que é missanga,
mirabolante bazar.
"Bonito, Bom e Barato".
– *Tem freio de amansar gato?*[13]
–*Venha, sábado, buscar*!…

(E não ficou na anedota.
Caningado[14] com a lorota,
não é que mandou fazer

a malvada da encomenda?
Lá está. Quer venda ou não venda,
freio pra gato, é de ter…)

No mercado, houve bagunça:
– *Pague o imposto da miunça*!
gagueja o guarda, Bianor.
E, o feireiro, arreliado!
– *Teje preso!* – entra o soldado,
leva o brabo ao Coletor…

Formigam lojas e vendas.
Tufam[15] de amostra as fazendas.
Nos balcões, chia o morim.
Zumbéca larga um gracejo:
– *Feirão! Farta caranguejo,*
qui é frúita pra guaxinim…

***

Três chuvas, sertão bendito,
e as Sete Espigas do Egito,[16]
melhor que o previu José,
– dão sete mil, por semente.
Se uma chuva, apenasmente,
já mostra a terra o que é!

Notas ao Canto 10

Quadro da feira: Nome popular da praça do mercado, no interior. Ainda hoje, (1952) em Jardim do Seridó, apesar da vulgarização do fícus em toda a zona existem os veneráveis, robustos tamarindos, contemporâneos da infância do Autor destas Notas, e da feira descrita neste Canto.

Um mar de chapéus-de-couro...: Reportou-se o Autor ao Seridó de sua meninice, antes do dramático "ciclo da gasolina", que tão profundamente, e em vários aspectos para pior, está descaracterizando a hinterlândia, em todos os setores econômicos, políticos, sociais, espirituais. Atenuou-se já, consideravelmente, aquele pitoresco aspecto das feiras, devido ao encarecimento do couro e consequente divulgação dos chamados chapéus de massa (feltro). Atualmente, o chapéu-de-couro constitui visível minoria; só os vaqueiros profissionais, ou os feireiros remediados, os ostentam. Os de palha de carnaúba dominam agora no quadro descrito, indiciando o empobrecimento geral.

Cordão: Cordilheira, espinhaço de serra.

De vez: Próximo a amadurecer (fruto); em condições de ser retirado para a venda.

Adjunto: Ajuntamento, reunião (de pessoas), potici.[17]

Riscar: Fazer estacar de súbito a montada, com um puxão enérgico de rédeas, firmando-se o cavaleiro rijamente nos estribos.

Cana com Sal: Aguardente, ou vinagre, com sal, é hemostático ainda muito usado, nas emergências.

Comboio: Tropa de burros.

Tem freio de amansar gato...: O episódio é verídico, e dele sabem todos os contemporâneos de *Ganga* (um pseudônimo, no poema). Existiu, na época, em Currais Novos, cidade do Seridó, vizinha de Jardim – que é, como já foi dito, o centro do poema uma casa comercial cujo sortimento era tão variado e tão grande, nos diversos ramos então em voga, na praça, que o seu proprietário, sertanejo ladino, influente na classe, prestimosíssimo, cheio de bom humor e iniciativa, chegou ao cúmulo de expor no mostruário para corresponder à indagação, sem dúvida apenas jocosa, de um freguês deslumbrado com os estoques da loja, um freio... de amansar gato!

Eis, textualmente, de resto, e segundo nos assegurou o poeta Antídio de Azevedo,[18] seridoense que há muitos anos reside em Natal, e é o serventuário do 4º. Cartório, o anúncio então a propósito publicado no *Diário de Natal*, o famoso matutino de Elias Souto:

> Vão à casa do Aleixo
> que tudo encontram, de fato:
> mandingas, coisas que nem sei,
> até bridas de amansar gato.

Três chuvas:

> "As sementes, durante longo verão, dormem no solo um impaciente sono estival. Não germinam, mas não se corrompem. Cai a primeira chuva, e, em três dias, uma película verde-claro, uniforme e delicada, como delgado sendal,[19] recobre a superfície avermelhada da terra, surge por encanto nos píncaros requeimados e nos interstícios das rochas. Mais duas chuvas, intervaladas de quinze dias, e pastagens abundantes

> e sem par, entre as gramíneas brasileiras, estão garantindo, por todo o ano, e os gados não as vencem." (Domingos Barros, *Leituras Potiguares*, p.55)
>
> "As terras de uma fertilidade extrema, podendo, na opinião do químico do Departamento de Agricultura, em Washington, D.C., que as examinou quimicamente, serem usadas como adubo. De fato, a porcentagem enorme de nitratos e nitritos, aliada à presença de elementos nobres do solo, e do teor elevado de matéria orgânica, explicam a razão de ser de sua produtividade" (Agrônomo Cristóvão Dantas, *Leituras Potiguares*, p.131-132),

Com três chuvas, encontrando o molhado, nenhum vivente passa fome no sertão, dizem os matutos.

Antônio Batista Guedes,[20] pernambucano, incluído por Câmara Cascudo, em *Vaqueiros e Cantadores*, apóia, com incontestável fluência a fidelidade à natureza e ao homem, a oportunidade desses aspectos do sertão, no poema "A Vida Sertaneja":

> "Quando o inverno é constante,
> O sertão é terra santa;
> Quem vive da agricultura,
> Tem muito tudo que planta.
> Há fartura e boa safra,
> Todo pobre pinta a manta…
>
> Dá milho, feijão,
> Tem fruta, tem cana,
> Melão e banana,
> Arroz, algodão.
> As melancias dão
> Tantas, como areia,

O jerimum campeia,
Nas roças faz lodo...
Vive o povo todo
De barriga cheia!

Quando finda o mês das festas
E entra o mês de janeiro,
Quem tem roçado destoca,
E encoivara, ligeiro.
Cada um quer ter a glória
De ouvir o trovão primeiro...

Com o inverno se alegra
Na mata o bravo veado,
Nas locas o caititu
Fica todo arrepiado;
Salta o mocó no serrote,
Quando vê o chão molhado...

Com vinte dias de chuva,
Logo após a vaquejada,
Chega a fartura do leite,
Manteiga, queijo e coalhada!
No tempo da apartação,
Isto é que é festa falada!

É, sim, um festão
De muito desejo
Para o sertanejo,
Uma apartação.
Os vaqueiros
Vão gado derrubar,
Cada um tirar
Pras suas ribeiras...
Famílias inteiras
Vão a festa olhar.

Se pega a chuva em janeiro,
Faz o povo a plantação;
Em fevereiro e em março
Quatro ou cinco limpas dão;
De vinte de abril em diante
Já comem milho e feijão...

Chega a abundância,
Chega a alegria,
Passa a carestia,
Passa a circunstância.
Com exuberância
A lavoura duplica,
E uma vida rica
Passa o sertanejo,
Carne gorda e queijo
Pamonha e canjica...

E então, no mês de julho,
O sol já fica mais quente,
Caem as folhas dos paus,
Seca o verde, de repente.
É mês de pouco trabalho,
Folga quase toda a gente...

A rapaziada
Quase todo dia
Usa pescaria
E muita caçada.
Vida bem folgada
Todo mundo passa;
De mel e de caça
Fazem seu vintém;
Trajam, passam bem,
Não choram desgraça...

Nisso, entra o mês de agosto,
E aí começa o verão;
Entra-se em quebra de milho,
Bate-se e guarda o feijão.
Desmancha-se então a cana,
Descaroça-se o algodão.

Quando a safra é boa,
E o cobre se pega,
Ninguém mais sossega,
No sertão inteiro.
Samba é balseiro,
Bebedeira e jogo,
Por causa do fogo
Que dá o dinheiro...”

Notas

[1] Ver nota de OM.

[2] Idem. idem.

[3] Aparelhos nos quais se conduz o peixe seco e outras mercadorias às feiras e mercados, compostos de duas peças chatas e quadrangulares, com cerca de 65cm de comprimento e 55cm de largura, formada cada peça por quatro varas presas pelas extremidades, cheio o intervalo com embiras ou palhas de carnaúba tecidas em largas malhas. Variação: grajau.

[4] Ver nota de OM.

[5] Idem, idem.

[6] De libra esterlina, moeda inglesa. Significando – a imagem do Poeta – o valor, a importância da safra de milho, a fartura no sertão.

[7] Ver nota de OM.

[8] Idem, idem.

[9] Ver nota de OM.

[10] Idem, idem.

[11] Mau cheiro resultante de ranço; bafio, aca, bodum, catinga, inhaca, morrinha.

[12] Tecido forte, grosso, de algodão – espécie de lona –, utilizado em sacos, velas de embarcação, toldos, tendas, etc.

[13] Ver nota de OM.

[14] Desgostoso, aborrecido, zangado.

[15] Tornam-se (as fazendas, no caso) mais altas ou mais grossas; aumentam de volume; incham, entufam.

[16] Alusão à interpretação, por José do Egito, dos sonhos do faraó (Gênesis, 41).

[17] Grande quantidade; quantidade, abundância, superabundância, cópia.

[18] Ver nota na dedicatória de *Sertão de espinho e de flor*.

[19] Caminho estreito usado pelos pedestres ou pelo gado de tamanho pequeno; atalho, vereda, sendeiro.

[20] **Antônio Batista Guedes** (Bezerros/PE, 12.08.1880-Guarabira/PB, 22.05.1918). Discípulo do paraibano, de Patos, Silvino Pirauá de Lima, tido como o criador do "martelo agalopado". Antônio Batista iniciou sua sina de cantador em 1903.

Canto 11
Sertão prestou

A civilização avançará nos sertões, impelida por essa implacável "força motriz da História", que Gumplowicz[1] maior do que Hobbes,[2] lobrigou, num lance genial [...]

Os Sertões

(Taquigrafado numa feira)

Chega, subindo do agreste,
o caminhão, essa peste,
que tudo, no lombo, traz…
O *Zé-Matajegue* intriga:
— *Esses chofé! Figa! Figa*!
é cheio de prosa e gás!

Essas viage, eu fazia…
Hoje, é cem légua pru dia,
só se navega a motô.
Tem gêlo, ráido Filipe,
inté no sitio Caípe.
Casa — é tudo bangalô!

Arrieiro, perdeu o emprego.
Argudão — é dos galego.[3]
Pau — é figo bejamim.[4]
Cardêro, crôa de frade,
é luxo, lá na cidade,
infeita jarro e jardim.

Inté mêrmo tamarino,
no Rio Grande, é servino
prá mode enfeitá chalé;
— o dotô Sirva Pedroza
fez uma casa famosa,[5]
e apurveitou, dento, um pé!

— Mái… cuma se arrimidéia,
C'uns lacráu, c'as surrupeia,
fôia sêca nos terém?
— Só gente inlustrada tópa…
— O home aprendeu na Orópa,
dá o valô que as arve tem!

O perfeito, seu Batista,
dixe qui tem cumunista…
Xente! Eles véve é pra lá!
Pru causo dessa mundiça,
teve sobra de carniça
prá urubu e carcará.

Vinhéro pru Macaíba.
A tropa da Paraíba
foi quem esfriou o angu.[6]
Metraiadôra judia![7]
papóca de carritia,[8]
canta, qui nem cururu!

Diz-que uma só, atrepada
num corte grande de estrada,
lá na Serra do Dotô,
matou deles, cumo bêia![9]
Tem munta caveira feia,
nas lóca dos tombadô…

Munta gente sabe a históra.
Mái, numa vale a pena, agora,
assanhá esse inxuí…[10]
Ao dispois, numa imbolada,

eu desenho essa inrascada,
dibúio[11] *o qui vi e ouvi…*

Pode gozá, descansado,
o dotô adevogado
qui fêi trinta bangalô
— diz os fio da Candinha —
cum pacote qui num tinha,
conde a revórta bromou.[12]

Nosso tempo anda é reimoso.
Camalião, que é manhoso,
sabe as cô que o mato tem…
— Bem diz Leléco de Xancho:
— Nem Santo Ontonho, c'um gancho,
me bota mai no Belém![13]

Num testo desta ingrizia!
Tenho inté malincunia,[14]
conde me alembra a inleição:
— virá juda,[15] *de gravata,*
tirá o pé da apragata,
trupica[16] *nos sapatão!*

— Inconte o mundo fô mundo,
póbe anda sempe é cacundo,[17]
rico — em riba do selim…
Pra que póbe babilonho?[18]
Dita de póbe é no sonho.
— Um pra tu… trinta pra mim…

Quero tê uma camisa,
uma só, listrada ou lisa,
mái, ganha cum meu suó.
Trabaiá, sem sê sujeito.
— Num morrê de mal-do-peito…[19]
— E nem no droga de um Fó![12]

— Meus fio, é criado bruto.
Pra que luxo pra matuto?[21]
Num-sois-nada é coroné…[22]
— Muntos doutô que eu conheço,
remata,[23] *pur quarqué preço,*
os livro, o relójo, o ané.

— Tem uma ciença boa,
é o freguei abri a croa:[24]
de ofiço, é o mió qui tem.
Impára toda a famía,
é dunga[25] *na freguesia,*
num fái fiado a ninguém!…

— Muié, só é cumo a minha:[26]
do currá, pra camarinha;[27]
poucas vêi na sala vai.
As menina é deferente…
Mas, porém, moça é lá gente,
qué lá conseio de pai?

Mormente os limão saindo,
já é tudo se infuluindo,
caiando o fucim de pó.

– Dirmacha safa em vestido,
aprende a lê iscundido,
pra arrespostá os coió!

Sertão prestô…[28] *Derna o dia*
que tanta da poicaria[29]
(licença de vosmicei!)
veio c'us carro,[30] *de baixo,*
palavra de home é relaxo,
veigonha – foi uma vei!

Num se dança mai o chote,
nem baiano,[31] *nem serrote,*[32]
fóle num vale um tostão.
Os baile é só de infergáio…[33]
– A musga toca é chucaio,[34]
prato, tambô, rabecão!

É… Só munta pinitença,
pru povo tomá tenença,[35]
Frei Damião dixe aqui.
Mái, num tem vorta, é da sina:
inconte hové gasolina,
o fute[36] *ispáia o tingui…*[37]

Arguicutô, tá na tira.[38]
Mió, prantá macambira,
que diz que tá dando brim…
– Mái, quem sabe se num baixa
no contenente, e essas Caixa[39]
dá fuimiga e dá cupim?

— Criá, acabou-se o ciste.[40]
Tudo céicado, arrisiste
gado, sem sombra e comê?
— E, os patrão? Mái, é verdade!
ganha tudo prá Cidade.
ensiná os fio a lê…

— A crisa tá tão tirana,
que o besta mete a catana,[41]
fái um palaço, um chalé;
se arrepende; pede preço:
quem é que diz que eu ofreço
metade do que ele qué?

— Trabaiá, num dá mai gosto.
O gunverno arrocha o imposto,
e atucana[42] *o pessoá.*
Se o freguêi pula de lado,
a tá da murta é um condado![43]
— E é de-meia c'us fiscá!

— Astrudia,[44] *em Logradouro,*
um desses rabo-de-couro[45]
imbaibelou[46] *Zé Querói.*
Zé Querói danou-lhe a faca,
rasgou-lhe os papé da bruaca,[47]
num morreu, pru móde nói!

— Ou, antonce, é um causo séro:
toca a vivê dos minéro,
que anda bestando, a bambão.[48]

— Só columbita, Lixande
cambou[49] *pra Campina Grande*
bem cincoenta caminhão.

— As mina é à fulô da terra.[50]
Nos tombadô, pulas serra,
se ajunta nique[51] *c'us péi.*
— Souto, que era pobezinho,
tem três liforme de linho,
bruziguim[52] *de cem-minrréi.*

— Um iscrivão lá das Lage
me incurcou que essas pedrage
foi istuça[53] *de holandêi.*
— Fái pena! Tanta fartura,
no distrito num atura,
vai tudo pros inguilêi!

— Num vê que eles têm cadença?[54]
Os dono da terra pensa
que elas num vale um xenxém.[55]
— Se as péda num alumeia…
chega o gringo, cascaveia,
vê logo o metá que tem!

— Seio d'um, cara sardenta,
da pensão de sinhá Benta,
risão e cunversadô.
Chegô murcho, afragelado,
tá de cabelo assentado,
é liga[56] *do Coletô…*

— Nação besta, é brasilêro!
pra que tanto do dinhêro,
sem mio, fejão, jabá?
— Amérca é quem tira limpo:
leva o fino dos garimpo,
casca bagana prá cá.

— E, oiticica, é um disputirmo![57]
Láu, tio torto[58] *de Firmo*,
malandra lá dos Pilõe,
noiteceu sem ter um tico,
manhinceu pôde de rico,
passando o quilo a dez-tõe.

— Só prestava pra maiáda,
ceica de ramo, e mái nada;
hoje, quem tem prá vendê,
fala arto, véve insolente,
pisa nus dedo da gente
— chama o Juiz de "você"…

— Diz que pra guerra da Orópa
os home vai mandá tropa.
— Vai, cumpade? — Nanja[59] *eu*!
Prus canhão, tanque, e essas mina,
atirá c'as lazarina,[60]
fazeno vêi de Mateu?[61]

— Só c'a peste dum minero
do Xiquexique,[62] *fizéro*
Japão conhecê tingui.[63]
— Diz que só um pedacinho

do droga do metazinho,
tinguijou sessenta mi…

— Mái, num dixe, o delegado,
que malandra mái marvado,
só alemão, japonei?
— Apois, cuma é que o mano,
o nosso amigo amercano,
o que eles fái, tomém fei?

— Queremo metá de mina,
pra acabá c'a nossa sina
de vivê de percisão.
Pórva e metá, quem carece,
pra matá quem não conhece,
é assassino e ladrão…

— E, os avião de mergúio?
sórta a bomba, fica o intúio,
nem image fica em pé!
— Chumbo arcança esse sendêro?
— Quá, nada! Pro bombadêro,
só bala de carriré![64]

— Quem véve disprivinido,
vai se metê a inxirido[65]
pras banda desses caím?
— Uns prejura,[66] *uns caicamano*![67]
leva o argudão, manda o pano,
robano principe a fim!
— Deixa eles lá, que eu num chego!
bicheira,[68] *assim, nos borrego*,

e num tem mái rezadô…
— Um buraquim, um tarugo,[69]
o argente diz que é refugo,
resgateia, que é um horrô!

— Se inda eu fosse arriquirido[70]
pra foimá nargum partido,
o mais carranca — [71] *era cá*!
Pru Brasí, agrado e tudo.
Mái, pra galego frucudo,[72]
quirí e pau de jucá![73]

— Ocês, tudo, é uns ponta-limpa![74]
bode veiáco é quem grimpa[75]
nos taiadão[76] *dos mocó*,
assim que os cadélo[77] *late…*
— E, as uveia? É um disquilate![78]
chega vira o mocotó…[79]

— Já num viro, criatura,
que hai fiança mai segura,
do que galão no boné?
Apois eu, mermo tapado,[80]
tenho um fio pra sordado:
vai chegá sê Canrrobé…[81]

— Pode sê…tudo contéce.
Carrapicho tomém crece
onde dá mio e feijão…
— Nu gunverno Artu Bernarde,[82]
duma menhã p'ruma tarde,
Lampião[83] *foi capitão*!

— Quá! Quá! Quá! Mái, é dispacho!
pode sê — cabo prá baixo,
taliquá direito o pai…
— Sois, agora, tão valente,
pruquê aqui já tem tenente,
cangaceiro num tem mái!

— Cum isso, tu nun me intópe!
na guerra grande do Lópe,[84]
que em setenta se acabô,
meu pai num contô loróta,
ganhando a catinga e as gróta,
que nem fêi o teu avô![85]

— Nem cuma teu mano Inaço,
que, no tempo do cangaço,
ele e um majó galalau.[86]
Cum dez légua de distança,
perdeu o jeito e a sustança,
cinco dia quebrou pau…[87]

— Todo mofino é caipora…
o teu irmão saiu fora
do maimelêro; bateu
na bodega de seu Bento:
falaro grosso de dento
— aí foi que ele correu!
— Vortando, inda de carrêra,
sem réfe,[88] *sem bandulêra*,
Virgulino tava lá!
— Foi vestí cáqui engomado,

e deu as cara, ingasgado:
—"Abença… seu generá!"

— Lampião dixe: —"Macaco,
tire o majó do buraco,
traga esse péba[89] *prá qui*!"
—"Seu generá… é… quem… manda!
tá no forno, o home! Nem anda!
"tá bambo de chiriri"[90] *—*

— Mái, o majó veio vino,
cum as môsca arredó, zunindo,[91]
condo Lampião lhe tornou:
—"Taquí cachaça, seu peste!"
— (Bebeu, só áico-celeste![92]
Bem três garrafa invocou![93])

— Acabou-se a mamãezada!
tem puliça, tem estrada,
tem fio nos catolé.
Só branco entra pra Marinha.
Tem ráido, tropa de linha,
tem hospitá, tem quarté.[94]

— Tem Caixa… — Sim, mai as caixa
inquisição[95] *num relaxa*,
de terra, pra agarantí…
— Tem barúio, pra quarté?
Hospitá… Tua muié
achou cama, prá parí?

— Se bota dente a martelo!
Nestor Rato era banguelo,
rói osso de corredô.
Joana Sola, do Riacho,
botou dente, em riba e embaixo,
tudo de uns tá de privô…

— E, Mariano Cuêio?[96]
tóra[97] *mão, sórda juêio*,
tira os bofe do freguêi,
dá drumidêra, nem sente!
Sái as dô, no contenente,
— é novo ir fôia, astravêi!

— Muié de sucesso,[98] *à morte,*
num percisa reza forte.
(Ah, trinchete bom do breu![99])
Pegou Profira nos ferro
— lá nela! — e o menino, aos berro,
lutrido[100] *e limpo, nasceu*!

— Num tem sobroço a istrupiço…
E ainda, pru riba disso,
fái de graça, sem cobrá!
— Pra ele, póbe é o premero!
Padim Ciço, no Juazêro,
e ele, nas lês de curá!
— Grande aquí quebra[101] *no linho*,
na meia e no cularinho,
se mistura lá mái nói?
Só tiro mermo do meio,

Dinarte e Mariano Cuêio,
que é pau que luma[102] *nun rói*!

– Cá no sertão, é verdade!
mái, nos mundão de cidade,
onde matuto é relé,[103]
só iscôio um alemento
que a póbe dá cabimento:
– deputado João Café!

– Mermo prus perré,[104] *agora,*
Café Fio é a lui da oróra,[105]
Papai Noé do Brasí…
– Ante dele sê tão grande,
cafeísta era no frande,[106]
na virola e no fuzí…

– Coração de mé de abêa,
o Café, ocês me crêa,
imbora impate robá,
vai dá ciloura[107] *e camisa*
inté a Joaquim Marfisa,[108]
se de tanto percisá…

– Cum tanto do "amigo novo",
vai mái é ficá pru povo
deferente – é de amaigá!
Num adianta, esse luxo
de teimá sê péla-bucho…[109]
– camalião, vai pra lá![110]

— Potrésto! Entrei na enfiêra[111]
que ele rege, a tarde intêra,
na Câmbra, prus infeliz!
Num vi nem um saí triste!
Tudo é sorrindo, c'os ciste[112]
que ele fái, ou que ele diz…

— Aquilo é que é tê cadença!
Suó, risada e paciença,
só é pra quem tem de sê!
— Sem sê pade ou comissáro,
só pade in cunfissonáro,
sabe de tanto sofrê…

— Diz-que só pr'uma caneta,
um putici[113] *de xereta*[114]
já tiraro um dinheirão.
— Arvalia[115] *só o choro…*
— Potrésto! É a caneta de ôro,
pra ele ferrá[116] *a inleição*!

— Diz-que Gegê[117] *ta mardando*[118]
deixá Café no cumando,
só pra ladrão num valê…
— Cum Café onde istá Varga,
tirá dos pobe se larga!
— Sertão Brasí é de sê!
— Getúlio ou Café? num acho!
São bom demái, faz relaxo
de perdoá, de amorná…
Deixá passá é vantage?

Górpe é toda a matutage
isprimentá o Ademá![119]

— É! O Ademá, presidente,
e o Café Fio na frente
da onde saiu Danton[120]
— trabaiou, arranja grana!
Pra qui coisa mai bacana?
Tubarão, que perca o dom!

***

— Foi-se o tempão da seringa.[121]
Se o freguês tinha mandinga,
garrava o arapurú,[122]
trazia a timba[123] *amojada*,
mái infurnava a bolada,
nos cafundó do baú.

— Eu, é que nunca fui nisso!
Amazona foi sumiço
pra quem lá os pé meteu!
— Sampalo tomém num gravo:
— Que fúria é vivê iscravo,
nos cafezá dos judeu?

— Quem tem pau-péda[124] *e favela*,
— Sodóro[125] *e imbu*[126] *pra guela*,
Morre aqui mermo. É mió…
Caboco véve é teimano,

fixe na enxada, pegano
queda de coipo com o só…

— Ocês tem uma contina,[127]
dizê que essas coisa fina
só tinha no ron-com-com.[128]
Chuliça![129] *Tudo comia*
farinha cum melancia,
somente, e achava bom…

— E, agora, o que tem nas fêra?
Carne jabá de premêra,
Arroi agúia, xerém…
Camalião, se afeirasse,[130]
impanzinava de arface…
inté manga-rosa vem!

— Inda antonte, do Condado,
um caminhão, quilotado,[131]
que quáje istóra os pineu,
trouve laranja, tão doce,
que o farmaceute infincou-se,
já chupou, que intristiceu…

— Simpiliço Quina-quina
ficou de canela fina,
de tirá pau de raiz,
pra mode vendê nas fêra,
prus impacho e tremedêra,
pra ispinhéla[132] *e piluriz*[133]

– Agora, o nego é na agúia.
Nem ripuna,[134] *nem ingúia*,[135]
cum essas tá de injerção.
– Só quizila[136] *e impata o sono,*
os braço cheio de imbono,[137]
o queimô da riação.

– Pras maleita é Santo Lenho![138]
Lotéro apanhou, no engenho
dos Montenego,[139] *no Assu*,
um repiquete[140] *danado*!
– dispois dos mole furado,
é esperto qui nem pitu!

– Lá morreu, mái já foi gente!
– Trêis mile e tanta, somente,
Assu, Mossoró, Macau…
Se num era um milagroso,
um tá de Eleizon Cardoso,[141]
toda essa varge – babau!

– O sertão tem munto Assude.
– Uns má-d'água! Nunca pude
botá vazante, uma só!
As parede é u'as montanha!
Num dá revença.[142] *E as piranha*
tora tudo que é de anzó!
– Só isso? bote sentido:
tem muntos dele perdido,
salobo[143] *de vante a ré!*
Salite,[144] *que nem Sedoma…*[145]

Nem sabão preto se adoma
co'as água do Inharé![146]

— Rigação... é o que"eles"conta...
Os rio, de ponta a ponta,
vai, aprumado, corrê.
— Inconte nóis veja isso,
vai se dá munto estrupiço,
munto cristão vai se vê!

— Quem manda no seu terreno,
arrume Assude — pequeno.
Entonce, de pedra-e-cá,
uma barrage segura:
tem varge À locé,[147] *fartura,*
tem fruita, tem ceriá.

— Esses Assude de serra[148]
(quem dixe é Felipe Guerra),
só pra diante vai serví.
Assude grande é projeto
prus quêro[149] *do nosso neto...*
— piqueno, é o que é bom pr'aqui!

—Diz que o Getúio é mitrado.[150]
Antonce um baixa-assinado
vou mandá pra esse inspetô,
potrestando essa Assudama
— só apórva pra correama
de fiação a vapô.

— Diz-que conde o Gargaieira[151]
tivé cheio, uma cardeira
de Pernambuco vai vim,
com todos aviamento,
pra mode tê, c'um talento,
orpala, zéfe e murim…[152]

— Dia São-Nunca, de tarde…
— Póde sê… — Jóca, num marde!
— Num tô cachopano, não![153]
— Cadê parede, seu Néio?
Lá, só tem é ferro véio,
mundiça nos barracão![154]

— Este Assudão se fazia
e era da noite pru dia,
se o Zé Amérco num sai!
— Esse, sim, tinha vontade!
Ah, doutouzão sem bondade!
Pru sertão foi quaje um pai!

— Gunverno é lá pai que preste!?
— É fruita que dá no agreste;
inxerga nunquinha nós?
— Pra quem dôce é xiquexique,
é desaforo e dibique.
mé-de-assucra com fiós!
— Matuto é o irmão jumento!
Come péda, arrota vento,
de nascido inté morrê.
Mimo, pra bicho ingeitado,

só léra de deputado,
conde a inleição vai corrê…

***

Vosmincê sabe uma coisa?
nem é gato nem raposa:
sertão é mermo sertão.
Queremo nada de luxo.
Só nóis agüenta repuxo
c'os lombo neste solão!

Notas ao Canto 11

Jegue: Jumento, jorme, jerico, paquete, capiba, gangão. Depois do advento do automóvel, é o pacífico, prestadio auxiliar do matuto também apelidado de "inspetor de veículo", devido ao costume de atravessar-se desajeitadamente, na estrada, ao aproximar-se qualquer deles, perturbando, assim, a velocimania dos senhores motoristas.

No sertão, antes do império do Chevrolet, utilizavam-se os muares, para o transporte regular do algodão, em sacas ou fardos, até Macaíba, de onde o produto "descia", pelo Jundiaí, para os armazéns de Natal. E para "subirem" ao sertão as mercadorias adquiridas na praça, para o comércio local. Havia muitos desses comboios exclusivamente de jumentos, ainda hoje empregados no tráfico de utilidades de feira, rapaduras, frutas, farinha, algodão em rama, etc, entre cidades cuja vizinhança depende de pequeno trajeto de 10 a 15 léguas, e em trechos ainda inacessíveis a caminhões.

Diz um técnico ilustre (*A República*, de Natal, em 10 de fevereiro de 1946) que,

> "na espinha dorsal do jumento repousa toda a economia nordestina". E o engenheiro José de Castro, em palestra na Escola Superior de Agricultura de Lavras (Minas Gerais) afirmava que, "sem o jumento, seria impossível a vida, no Nordeste seco"; acrescentando que, "se fizéssemos uma estatística sobre as construções dos nossos Assudes, teríamos cerca de 99 por cento construídos com o auxílio do jumento. Até mesmo as construções federais não dispensaram a contribuição desse animal, como provam os Assudes Itans, Cruzeta, Inharé, etc."

Escreve Felipe Guerra, em *Secas Contra as Secas*, p. 137:

> "O bode e o burro, que sem entrarmos na apreciação da proteção divina que, queremos crer, vela pela humanidade, são, nas crises, os maiores auxiliares do sertanejo. O bode, para fornecer alimentação, com a carne e com o leite, e dinheiro, com a pele; o burro, forte, sóbrio, resistente para o transporte. O bode e o burro têm dado mais vida ao sertão, tem concorrido mais para o seu progresso e têm amparado mais as calamidades do que todos os governos que têm abandonado aos próprios recursos as populações sofredoras das últimas secas" (Veja-se em Notas ao Canto 2, a observação à frase "toma de um couro").

Vôte!: Interjeição de espanto e desconfiança. *Tibe, tibes, tibe-vôte, sái-te!*, são sinônimos.

Gás: Querosene. Petulância, atrevimento. Dar gás a alguém é dar-lhe confiança excessiva, permitir-lhe familiaridade descabida.

Argudão é dos galego: Alusão à Sanbra e à Anderson Clayton, grandes firmas compradoras do produto, na vigência da composição do poema.

Pau é figo-bejamim: Referência irônica ao *ficus-benjamina*, essência utilizada na arborização da capital e em quase todas as cidades do interior, de uns trinta anos a esta parte. O fícus foi introduzido na urbanística natalense, substituindo quase que totalmente as velhas e copadas mangabeiras, em 1916, pelo então presidente da Intendência, major Teodósio Paiva.[155]

Angu: Barulho, confusão, entrosa, sangangu, mexido, emboança, sarapatel, ingonga, fuxico, encrenca, bolo, trança, infuca, arrelia, toré etc. (Veja-se tribuzana, no Canto 5)

Belém: O mesmo que angu.

Malincunia: Ou maninconia. Melancolia. Assim denominam também os matutos às equimoses (ronchas) que, sem o menor sofrimento físico apreciável, aparecem sob a epiderme. A maniconia, nesse caso, é atribuída a contrariedade, raivas fortes, ou ao gênio mau de quem, vez por outra, aparece com tais estigmas.

Virar Judas: Das torturas da civilização, é a gravata uma das mais temidas pelo matuto, secularmente habituado à vida libérrima, simples, despida de etiquetas, do campo, onde nasce, vive e morre em contato com as fontes virgens e eugênicas da natureza da cidade, e sendo, quase todos da parentela. A um companheiro engravatado, chama de Judas, isto é, enforcado, marrado pelo pescoço. E pergunta-lhe se vai votar…

Trupicar: Ou entropicar. Tropeçar, embaraçar-se com os sapatos.

Cacundo: Corcunda, curvado, humilhado, anzolado, revesso.

Babilonho: Veja-se referência à palavra "badejo", em Notas ao Canto 4. (diz-se assim, mais propriamente, do indivíduo que empreende mais do que é capaz de realizar; o que faz ou adquire o que normalmente não está ao seu alcance).

Mal-do-peito: Tuberculose pulmonar. O sertanejo, por superstição, por falta de educação sanitária, está muito longe, ainda, de conhecer a significação da origem microbiana, a origem e a natureza das moléstias comuns ao seu ambiente geográfico. Não gosta de dizer o nome próprio das moléstias reconhecidamente graves, ou por eles tidas como tais. Seria (pensa) arriscar-se a contraí-las. Daí, o vezo de nomeá-las por metáforas, hipérboles, etc. Só muito

excepcionalmente diz, por exemplo, "tuberculose": – é a "tisga", o "seca", a "magrém", a "isbilitação", mal-do-peito ou simplesmente, a doença. "Cancro", é ferida braba, ferida feia; varíola, é papoca roxa. De um tuberculoso, dizem que está *afetado*. Antes de nomear a doença, resmungam a Ave Maria! Ave Maria! E muitos se persignam. Descrevendo uma luta corporal, uma morte à faca ou bala, acrescentam sempre um "lá nele!", ao indicarem a parte em que o ferido ou o defunto foi atingido pelo ferro.

Não sois nada é coronel: Alude o interlocutor, sarcasticamente, à desmoralização a que o progresso e a política reduziram a Guarda Nacional, ridicularizada, enfim, em toda parte, com a currutela de guarda-não-sois-de-nada.

Esclarece J. Veiga Júnior,[156] delicioso animador de figuras e aspectos do passado, em artigo na *A União*, de João Pessoa, Paraíba, de 15 de junho de 1940:

> "Ignora-se ainda o motivo por que foi extinta a velha Guarda Nacional, corporação que prestou assinalados serviços ao Império, não só em tempo de guerra, mas ainda em tempo de paz, e que a República conservou por muitos anos. Conservou e reformou. Apenas, suprimiu postos inferiores a alferes; deixando a corporação em condições mais singulares que o monstro da fábula. A hidra de Lerna[157] tinha sete cabeças e um corpo... A Guarda Nacional passou a possuir miríades de cabeças que não se juntavam a nenhum tronco. Também não se descobria ali um oficial general. Ao alferes não era dado o direito de ir além do coronelato. Como as patentes custavam dinheiro, tornou-se a G. Nacional uma razoável fonte de renda, que entrava para os cofres da União por via do Ministério da Justiça, a que estava subordinada a "Briosa", apelido expressivo por que era conhecida. O

Governo soube tirar proveito inteligente da vaidade de muito cidadão que ansiava por entonar-se num espaventoso fardamento, rico de dourados e alamares. E deixem que não era desagradável à vista o desfile daquele curioso batalhão de oficiais, solenes, eretos, dragonas tombando dos ombros, espadas pendentes do talim, nos dias de procissão. Ou no pátio da Catedral, na noite dos militares, a receberem a continência dos soldados de polícia... O Governo não despendia um ceitil por essa original corporação. Bem ao contrário, recebia de cada candidato a oficial 80$, 100$, 200$, 300$ e 400$, custo de cada graduação, de alferes a coronel. O agraciado ainda pagava 250$ a 300$ pelo fardamento. O montante de tais despesas parece uma bagatela. Mas, para a época, representava um dinheirão. Os oficiais mais modestos usavam distintivo: um pequeno disco de metal, de fundo verde-limo, com dois semicírculos paralelos dourados, tendo ao centro, em relevo, o símbolo da arma respectiva. O posto era enfincado por pequeninas esferas douradas, não tão pequeninas que passassem despercebidas à continência obrigatória dos policiais. Se todo cidadão é um soldado da Pátria, quem não pertencesse à Guarda Nacional não passava de uma praça de pré. Esse, o argumento ingenuamente movedor dos que compunham a Briosa. Não houve mãos a medir, para os pedidos de patentes, a choverem de todos os recantos do país. Criava o Governo, semanalmente, brigadas e mais brigadas, mas não era possível atender à caudal dos que aspiravam vestir a farda mirífica que enfeitiçou não pequeno contingente de sisudos cavalheiros. Não seria desinteressante o restabelecimento da *Briosa*. As patentes passariam a ser uma espécie de imposto lançado sobre a vaidade

> humana. Imposto simpático, dada a espontaneidade da contribuição".

Rematar: Arrematar, em sentido pejorativo. Fazer mal ou displicentemente qualquer coisa. Entregar a preço vil.

Dunga: Figurão, maioral, abagão, manda-chuva, coronel, graúdo.

Vintém: Dinheiro. "Fulano tem uns vinténs", isto é, não é pobre, é remediado. Se tem muitos vinténs, é rico.

Muié, só é cuma a minha: Nessa sextilha, refere-se o Autor à mulher do povo, companheira e colaboradora do matuto cem por cento, aferrado aos preconceitos, crendices e hábitos do seu torrão serrano. Depõe Gustavo Barroso, à página 180 de *Terra do Sol*:

> "A mulher do sertão cuida da casa, faz o queijo, ajuda na colheita e no plantio dos roçados. Não se mete em conversa de homens, quase não aparece a visitas. É recatada e de um imenso acanhamento."

Louvemo-nos, ainda, no cabal testemunho de Leonardo Mota, em *Cantadores*:

> "Foi numa das fazendas dos sertões de Crateús, que aprendi o mais extravagante argumento contra o feminismo. Em poucas palavras, vi fulminado por um matuto tudo quanto eu lera em livros simpáticos ao misoginismo nas letras. O abastado fazendeiro, capitão Franklin Cavalcanti (Seu Franklin Cavalcanti, como o chamavam os vaqueiros), "apanhava" nos bons invernos seus oitenta bezerros e, raro, perdia nas secas, pois costumava fazer retiradas para as fazendas que possuía também no território vizinho do Piauí. Era rico, casado, e tinha apenas uma filha, já

mocinha. Perguntei-lhe por que não mandava a filha cursar um dos colégios de Fortaleza. E o capitão Franklin me deu esta resposta desconcertante:
– Pra que? Muié aprendida fica é atirada. Ciença se fez foi pra home. Só cavalo é que a gente ensina a braiá.[158] *Quem foi que já viu se meter marcha em besta?*"

Anexins e Ditados: Mulher, espingarda e relógio, não se empresta a ninguém; Ninguém se fie em cachorro que fica na cozinha, nem em mulher que passeia sozinha; Mula estrela,[159] mulher faceira e tubiba de aroeira, o diabo que queira; Quem quer bulir com a moça, bula com o pé e a bolsa; Quem apanha de mulher, não se queixa ao delegado; Mulher de igreja, Deus nos proteja!; Viúva rica, casada fica; Casa de mulher feia não precisa de tramela; Mulher de janela, nem costura nem panela; Não há mulher sem graça, nem festa sem cachaça; Cada uma em sua casa, o diabo não tem o que fazer; Para quem ama, catinga de bode é cheiro; Sossego de homem é mulher feia e cavalo capado.

Camarinha: Alcova, quarto de dormir.

Sertão prestou: O matuto que dispara o conceito na sextilha é pessimista, conservador acérrimo; foi uma das vítimas da concorrência do automóvel. "Telegrama e trilho de ferro foi quem trouxe a carestia", já era velho ditado sertanejo, desabafo de filósofos humilhados na seleção vital imposta pela "força motriz da História", a quem se referia Euclides, citando Gumplowicz, força motriz que, dos meados da última guerra, a esta parte, é dinamizada pela "eletricidade" de cooperação norte-americana. Veja-se opinião de Caetano Zacaria, sertanejo culto, citado nas Notas à palavra "rola", última parte, no Canto 1.

Derna: Desde.

Poicaria: Porcaria, porqueira, titica, imoralidade, ninharia, coisa sem valia. Porqueira é também adjetivo, e significa covarde, indivíduo sem valor, mucufa, fumega.

Carro: Automóvel (para distinguir do caminhão).

De baixo: Das capitais, do agreste.

Baiano: Dança antiga, da plebe. Descreve-a Aluízio Alves,[160] em *Angicos*, já citado:

"Baiano ou baião, dança sapateada, em que os personagens davam castanholas do começo ao fim. Estes eram convidados da seguinte maneira: sentados ou de pé, esperavam que o tocador se aproximasse, requebrando-se, e lhes fizesse uma cortesia, que constava de um cumprimento aberto, no qual a viola continuasse a tocar. O primeiro contemplado, após o tocador sentar-se, saía pelo salão, dando castanholas, e, logo, jogava o lenço da sorte a outro. E assim, sucessivamente, vinham dançar muitos dos presentes. Exemplo de um baião: Araruna..." (O autor de *Angicos* reproduz no citado livro a música desse sapateado matuto).

Serrote: São do mesmo escritor e constam do mesmo capítulo da obra acima mencionada, estas explicações sobre o serrote:

> "Xote dançado por dois ou três pares apenas, Formavam na sala, os cavalheiros de um lado e as senhoras de outro. Ao som da viola, saíam num pulo miúdo, trocando os pés para um e outro lado. Ao se encontrarem, na ida, apertavam, homem e mulher, a mão direita e, na volta, a esquerda. A dança se dirigia sempre em sentido contrário, de modo que o encontro do cavalheiro com a dama, cada um vindo de um ponto contrário (dois ângulos da casa, justificava o nome da dança)."

Infergaio: Do verbo esfregar, que os matutos pronunciam *infergar.*

Chucaio: Chocalho. Referência pejorativa ao jazz-band.

Tenência: Cuidado, prudência, sabedoria.

Tingui: Qualquer rama venenosa; por extensão, qualquer tóxico.

Diz G. Barroso, à página 24 de *Terra de sol*: "O tingui, é uma malpighiácea e o terror dos criadores. As reses famintas comem-no e se envenenam. Se a intoxicação não for completa e a rês não correr ou cansar, pode escapar; mas, se der o menor chouto, morre".

À consulta do Autor dessas Notas, sobre os vegetais mais conhecidos como tingui, no Seridó, responde o prestimoso, incansável e bom sabedor, Manoel Bezerra de Araújo Galvão Junior, seu Coquinho, do sítio Pedra-e-Cal (Acari):

> "O tingui propriamente dito, espécie de cipó de folhas grandes, verde-escuras; a favela; a maniçoba; o angico – tudo isso, quando a rama ainda é nova."

A folha da carrapateira (mamona) boa ração para vacas de leite, também tinguija, estando murcha, ou *assizoada*, isto é, quando apanhou uma neblina qualquer, durante o pino do sol (o termo parece provir de sezão, como são conhecidas, no interior, as febres intermitentes, o impaludismo). A macaxeira e a mandioca são também tingui, quando postas ao gado no mesmo dia em que são arrancadas.

Essas caixa: Alusão irônica às cooperativas de empréstimos e que, anteriormente, se denominavam caixas-rurais.

Ciste: Chiste, graça, valia. Estar em ciste, é estar aborrecido, tristonho. Fruta desenxabida, comida sem sal – estão sem ciste.

Meter a catana: Lançar-se com afinco à tarefa; "meter a ronca!"

Um condado: Coisa muito alta no preço; uma salina.

Atucanar: Perseguir, importunar.

Astrudia: Ou istrudia – o outro dia, há tempo.

Rabo-de-couro: Ladrão. Analogia em relação com uma espécie de rato, conhecida por essa denominação, que lhe vem de uma particularidade da cauda – muito grossa, e que faz bater pesadamente, ao fugir.

O matuto conserva invencível prevenção contra o fisco e seus exatores. A qualidade de funcionário público sempre acarretou, a quem quer que o fosse, no sertão, a antipatia, o mal disfarçado sarcasmo e, quando menos mal, uma estima estritamente particular – de pessoa para pessoa – um tanto mesclada de vago despeito e íntima desconfiança. Ganhar dinheiro do governo era ganhá-lo em demasia; era boa-vida, vadiagem dourada, disponibilidades fáceis, pelegas,[161] novinhas, ainda a estalar, assinadas ali mesmo, pelo administrador da mesa-de-rendas. Esse, disporia desta inesgotável pecúnia, à vontade, porventura fabricando-a na própria repartição. Sem as canseiras da luta insana e incerta, dos nativos, contra a terra adusta e a natureza inconstante…

Essa mentalidade, de resto, se tem modificado muito, e o sertanejo tributado, vai facilmente às agências de rendas, pagar o imposto.

Continua, entretanto, a odiar e a temer o fiscal de consumo,[162] numa justa e irredutível correspondência às incríveis, inconfessáveis iniqüidades por este perpetradas no interior.

Imbaibelou: De embarbelar, fisgar, apanhar na barbela (farpa de anzol).

Bruaca: Bolsa de couro, dupla, ligada por correias, e que, antigamente, ao tempo das jornadas a cavalo, servia de farnel, carregando-a, o viajante, atravessada no traseiro da sela. Na sextilha sob anotação, trata-se da referência à pasta de couro-da-rússia[163] de um fiscal de consumo. Diz-se também mocó, quando é uma bolsa pequena; *bodoróca*.

A bambão: Em abundância, ao léu, a lossé.

As mina é a fulô das terras: De todos os que lêem jornais e revistas, ou moram no Nordeste, é conhecido o fato da extraordinária abundância e variedade de minérios – alguns, diz-se, decisivos para a vitória das Nações Aliadas, na última guerra – verificadas nesses últimos seis e oito anos, e que está permitindo aos sertões deste Estado (o Seridó, principalmente) e da Paraíba, incomparável elemento de reparação e reajustamento das suas fontes econômicas, quase que completamente esgotadas, no plano agrícola, por estiagens tremendas, sem tréguas compensadoras, durante anos.

Caminhões e caminhões de columbita, cristais de rocha puríssimos, rútilo, ouro, estanho, turmalina, etc, etc, transitam durante todo o ano, na rodovia Seridó-Campina Grande, carreando a produção das zonas limítrofes de Picuí e outros municípios paraibanos.

É o novíssimo Eldorado, onde se agita enorme e heterogenia população de nativos e adventícios – uns, traficando, outros, explorando banquetas,[164] e outros, enriquecendo subitamente, garimpando terras onde a seca nunca permitira deixar cair uma semente…

Engenheiros – autênticos e "de sessenta";[165] geólogos, químicos; galegos[166] inidentificáveis, americanos em férias; joalheiros, ourives, mecânicos, artífices em ferro, soldadores, motoristas, espiões, jornalistas, rábulas, fazedores de mágicas; circos, agentes de seguros, políticos fracassados, marreteiros, prostitutas.

Cerca de oitenta por cento daquela ganga riquíssima – onde predominam a xelita e outros minérios estratégicos, – são colhidos pelos processos mais primitivos, a olho, no leito dos córregos, nos cimos e quebradas dos "tombadores". Por ali afora, a columbita, em forma de seixos rolados, é apisoada indiferentemente pela alpercata do matuto inexperto, pelo casco do jumentinho prestadio, conduzindo água para a Golconda[167] pulverulenta.[168]

Nique: Níquel, ou qualquer metal. Moeda é nica.[169]

Cadença: Ciência, sabedoria, esperteza.

Carcavear: Cascavilhar, remexer.

Disputismo: Despotismo. É expressão muito generalizada, impondo idéia de grandeza, abundância, força surpreendente.

Tio torto: Irmão do padrasto ou madrasta. Tio por afinidade.

Lazarina: Espingarda de caça, de cano muito longo, cintado, até a boca, na parte inferior, pela madeira da coronha. Analogicamente, significa alto, delgado, esbelto*:* Uma cabrocha lazarina [...].

Mateus: Um dos principais figurantes do Bumba-meu-Boi, o guardião do "bicho". Espécie de palhaço, anunciador do folguedo (o *speaker*,[170] dir-se-ia mais modernamente) e predileto joguete, com os seus parceiros – o Gregório, o Laláia ou o Choco, em algumas regiões do Brasil – das cornadas do "boi", e das piadas dos espectadores e da molecada. Para uma descrição completa desse folguedo popular, aliás, quase desaparecido já, veja-se Melo Morais Filho,[171] em *Antologia do Folclore Brasileiro*, monumental trabalho de Câmara Cascudo, edição da Livraria Martins, S. Paulo, vol. XV da *Marcha do Espírito*, p. 192-199.

Só c'a peste de um minéro: Em importantíssima reportagem de José Pires, publicada na edição de 18 de setembro de 1949, do *Diário de Natal*, sob o título e subtítulos de "Urânio potiguar levou o Japão à derrota – , não só Parnamirim ajudou a ganhar a guerra – Contribuição do Estado à indústria bélica – Riquezas minerais incalculáveis em Acari e Parelhas – Surpreendente revelação de um garimpeiro profissional" – aparece o minerador, simples "curioso", de boa vontade, inteligente, ufanista convicto, o sr. Amaro Alves dos Santos, residente à rua dos Paianazes, 1.394, nesta capital, e profundo conhecedor das nossas serras, que examinou a palmo, tendo estado em contato constante com a BEW (*Bureau of Economic Warfare*), durante a última guerra. Assim se refere o repórter, nesse artigo, ao urânio no Rio Grande do Norte:

> "Análises feitas nos Estados Unidos – Dias depois, Amaro Alves dos Santos entregava ao Haroldo Sims, então cônsul dos Estados Unidos, em Natal, retirada da mina Xiquexique (município do Acari), certa quantidade de minério que muito se assemelhava à tantalita. Solicitava ao representante consular[172] que lhe fizesse o favor de mandar examinar o material, nos laboratórios americanos. O resultado da análise feita nos Estados Unidos veio três meses depois. Na amostra enviada, havia sido encontrado urânio de alto teor. Na mina Xiquexique, o veio de urânio, segundo Amaro Alves dos Santos, tem uma extensão de seis quilômetros, por mais de um quilômetro de largura, de espessura desconhecida, até atingir uma serra, atravessando a esta e se prolongando pelo território paraibano adentro. Diz ainda Amaro Alves ter ouvido, da BBC de Londres, a informação de que, até então, se estimava em 70 quilogramas a quantidade de urânio do Brasil enviada aos Estados Unidos."

Inxirido: Enxerido**,** desenvolto, metediço, oferecido, adiantado, ponta-limpa, metido a cavalo-do-cão, metido a sebo. Veja-se no Canto 5, a nota à palavra fiota.

Prejura: Perjuro, excomungado, maldito. Usado sempre no feminino, como cafifa, vagabunda, malandra, etc. Cabra ruim, um prejura, um malandra!

Bicheira: Ferida cheia de bichos, larvas, tapurus. Tratam-nas os vaqueiros a água de sal, fumo, creolina, leite de pinhão bravo, mercúrio. Quando, porém, o animal doente de bicheira está fugido ou tresmalhado, ou se trate de um barbatão, uma ovelha mais arisca, uma vaca recentemente parida e amoitada, manda-se curar pelo rastro. Para isso, o rezador resmunga um latinório ininteligível, de mistura com palavras tupis e africanas; traça, com um ramo verde, cruzes cabalísticas sobre as pegadas da rês – e, logo, vão caindo, às trouxas, os tapurus. E o animal sara.

Eis uma das "orações" mais conhecidas:

> "Mal que comeis a Deus não louvais e nesta bicheira não hás de comer mais. Hás de ir caindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, de dois em dois, de um em um, e nesta bicheira não há de ficar um. Hás de ficar limpa, salva e sã, como ficaram limpas, salvas e sãs, as Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, Amém."

Tarugo: Saliência, bossa, mormo[173] (este termo designa também, no sertão, uma doença de gado).

Fracudo: De froco (floco), penacho. Soberbo, emproado, posudo, ganjento.

Jucá e Quiri: Madeiras encontradiças em todo o Nordeste, e cujas vergônteas são famosas, no fabrico de porretes, especialmente se de antemão passadas ao fogo. "Fulano ficou sem saúde, três semanas; tomou uma pisa de jucá assado".

Aliás, a infusão das cascas de jucá, em concomitância bem irônica, fornece ótima arnica, muitíssimo usada como descongestionante, anti-hemorrágico, e a ela proverbialmente recorrem as vítimas de surras, quedas, golpes, dores internas, etc.

Quanto à segunda palavra indicada, grafou-a G. Barroso – "quirin" –, em *Terra de Sol*, variante que jamais circulou no vocabulário seridoense.

Catulo da Paixão Cearense, num dos admiráveis poemas de "Alma do Sertão", põe também assim o termo, na boca de um dos seus heróis, pelo que mereceu reparo de Humberto de Campos (*Crítica*, 1ª série, editora Mariza, p. 188), enumerando, além desta, "quirin", cerca de mais de vinte expressões que, por amor exclusivo da rima, o grande felibrista[174] inventou, querendo fazê-las passar por apanhadas no linguajar do matuto. Este, na justa, autorizada observação de Humberto, "jamais cria expressões, deturpa-as, apenas".

Desquilate: Desastre, insucesso ruidoso.

Virar o mocotó: Cair de pernas p'ro ar.

Tapado: Ignorante, rude, xucro, broco (bronco), bocório (adjetivo).

Lampião foi capitão: O Dr. Floro Bartolomeu da Costa,[175] médico baiano, chegado em 1908 à cidade cearense de Juazeiro, foi o chefe "militar" da revolução caririense de 1914, contra o governo do coronel Franco Rabelo,[176] que derrubou, chegando às portas de Fortaleza com algumas centenas de cangaceiros,

arrebanhados na Meca do Padre Cícero, e após expugnar, uma a uma, todas as localidades à margem da estrada de ferro, guarnecidas por Exército e Polícia.

Durante essa terrível luta civil, na qual, como em Canudos, a insurreição se apoiou profundamente na incoercível mitomania dos nossos broncos e desamparados patrícios dos sertões, foi vítima dos guerrilheiros de Floro, a 22 de fevereiro daquele ano, o inolvidável democrata norte-rio-grandense, capitão José da Penha,[177] tombado na inglória escaramuça de Miguel Calmon.

Escorado no formidável prestígio do Patriarca – "o anjo do Ceará", segundo o bispo D. Luiz Antônio dos Santos; o "ladrão Cadmo,"[178] na opinião do padre Alencar Peixoto[179] –, Floro Bartolomeu, apesar da extrema crueza que o caracterizava, foi o verdadeiro civilizador da babilônia carola, impondo-lhe a ferro e fogo, o impulso decisivo para o progresso de que atualmente desfruta: é a segunda cidade do Estado do Ceará, em população, mantendo a primazia quanto à importância industrial e comercial. Todo o sólido calçamento urbano, o granito de que dispõe Juazeiro, em mais de um terço, é, ainda, o que foi assentado sob a administração pessoal do caudilho, cujo fura-bolos, sob a esmeralda simbólica do *sedare dolorem*,[180] se havia calejado no gatilho da Winchester. Fuzilou, sumariamente, dezenas de facínoras que infestavam o imenso arraial católico, e aos quais obrigava a trabalhar rudemente, em turmas sob a sua impiedosa fiscalização. Construiu e inaugurou a grande praça central da cidade, otimamente urbanizada, e toda pavimentada com quadriláteros de pedra, com um monumento ao Padre Cícero e elegante torre com relógio.

Sob os auspícios do governo Artur Bernardes, improvisou, em 1926, um batalhão patriótico (!), integrado pela fina flor dos suspeitíssimos, heterogêneos elementos anteriormente utilizados contra o governo legal de Franco Rabelo, batalhão que deveria

empregar na perseguição à Coluna Prestes, a esse tempo já atingindo a periferia cearense.

Escreve M. Diniz, no seu movimentado, interessantíssimo livro, *Mistérios do Juazeiro*, já citado:

> O dr. Floro, que sempre apreciou os elementos do terrorismo, mandou uma carta a Lampião, chamando-o a esta cidade, para incorporar-se aos "patriotas". O advogado José Ferreira de Menezes[181] foi o portador da carta, de Campos Sales[182] a esta cidade, onde havia um irmão do legendário bandoleiro, que conduziu-a em companhia de um dos tenentes dos Patriotas. Aproximou-se Lampião, dirigindo-se a esta cidade, quando o Dr. Floro, ou por já terem passado os revoltosos, ou por ter chegado o tenente-coronel Polidoro Coelho, com quem dizem teve forte alteração, passou a João Ferreira[183] o seguinte telegrama: "Comunique não é mais preciso Lampião. Povo já seguiu em perseguição a revoltosos". Tal telegrama tem a data de 22 de janeiro de 1926, e parece-me autêntico, porque, efetivamente, Lampião aqui chegou, depois de 8 de fevereiro, quando o dr. Floro já tinha partido para o Rio. Lampião não incorporou-se aos Patriotas, mas esteve nesta cidade. Não foi nomeado capitão, como dizem, mas consta que Uchoa (empregado no Ministério da Agricultura, e sem atribuição para tanto) nomeou-o capitão, para contentá-lo, pois ele exigia do Padre Cícero o cumprimento da promessa que lhe fora feita na carta que lhe remetera especialmente o Dr. Floro, que no Rio achava-se bem longe da tal embrulhada que deixara. Lampião regressou daqui, fardado de capitão, em companhia de seus 49 soldados devidamente uniformizados.

Leonardo Mota, em seu fascinante livro, *No Tempo de Lampião*, conta minuciosamente o caso, reproduzindo o depoimento de Pedro Albuquerque Uchoa, "um velho agrônomo que, àquele tempo exercia na Meca sertaneja do Ceará as funções do cargo de inspetor agrícola". Segundo essa confissão, feita de viva voz ao saudoso folclorista, foi Uchoa quem, sob ditado do Padre Cícero, redigiu a famosa, inacreditável "patente" ao bandido, "em nome do governo da República" (sic).

Galalau: Indivíduo excepcionalmente alto, gangorra (adj), grangazá.[184]

Quebrar pau: Correr dentro do mato. Para quem corre, todo mato é caminho.

Réfe: Facão "Comblaim", rabo-de-galo, sabre antigamente usado pelo exército e policiais estaduais.

Macaco: Designação insultuosa, dada aos soldados de polícia, por todos os facínoras que tem tido o Nordeste, mata-cachorro, soronha, meganha, canela-preta.

Peba: Tatu, *dasypus*, pequeno mamífero desdentado. Cavador invencível, vive em tocas, saindo apenas para procurar alimentos, à noite, e usando de mil e uma traças[185] para não ser apanhado. Devasta plantações de melões e batatas, nas vazantes dos rios. Dizem que fura os túmulos, para roer defuntos frescos… E chega a ser responsável, muitas vezes, pelo arrombamento de Assudes (Vide Eloy de Souza, *Calvário das Secas,* cit. p. 94).

Anexins e Ditados: Dois tatus machos não moram num buraco; Quem nasceu pra ser tatu, morre cavando; Tatu velho não se esquece do buraco; Andar ligeiro, que só peba na areia; Na cacunda do tamanduá, tatu agüenta sol(Coleção Leonardo Mota).

Chiriri: Diarréia, caminhadeira, escorrença, digesto, chega-e-vira, frouxo. No Ceará diz-se também sedeca.

Invocar: Beber todo o líquido, sem pausa; ver a moça no fundo do copo.

Tem puliça, tem estrada: Há um batalhão da Polícia Militar, aquartelado na cidade do Caicó.

Mamãezada: Cambalacho, acomodação vergonhosa, traficância, conchamblança, muambagem, capilossada, marretagem.

Tem fios no catolé: O interlocutor elogia a civilização, que fez passarem os fios telegráficos através das serras mais ínvias, habitat preferido por aquela pequena palmeira. Viajando pela estrada tronco da I.F.O.C.S., [186] há pouco tempo, notou o Autor dessas Notas, num trecho entre a Paraíba e o Ceará, que muitas das árvores marginais estão servindo de postes vivos aos fios do Telégrafo Nacional.

Só branco entra na Marinha: A alusão não se endereça, na sextilha sob anotação, à cor, mas à qualidade do indivíduo. Antigamente, o internamento nas escolas de Aprendizes de Marinheiro representava uma das ameaças mais decisivas, ou castigo dos mais terríveis, para os vadios ou desordeiros de menor idade, ou malazartes[187] precoces, os maus filhos, os que não davam nem para cangalha. Hoje, ao candidato a marinheiro nacional, se exigem documentos de exemplar conduta, certificado de saúde, licença dos pais, e até prova de estar de pazes feitas com o dentista.

Um tal de Aleizon: Dr. Eleison Cardoso, notável sanitarista a quem deve o Rio Grande do Norte a extinção do gâmbia, o famoso pernilongo africano, responsável pela morte de muitos milhares de nordestinos, entre 1939-1940, principalmente na Várzea

do Assu. Veja-se, a propósito, *Acta Diurna*, de Câmara Cascudo, em *A República*, de Natal.

Salitre,[188] **que nem "Sedoma" (Sodoma):**[189] O Dr. Juvenal Lamartine**,** presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ex-presidente do Estado, e grande conhecedor dos seus problemas econômicos e agrícolas, em artigo publicado no *Diário de Natal*, de 21 de setembro de 1947, refere-se ao fenômeno:

> "As águas represadas se carregariam rapidamente de sal, como as do Assude do Inharé, em Santa Cruz, que estão imprestáveis até mesmo para a lavagem de roupa."

Luma: Ou "lunha", a lua.

Relé: Usado mais comumente como adjetivo, é também substantivo. Ralé.

Perré: Governista, antônimo de cafeísta[190] (Este poema foi escrito antes de 1950).

Papai Noé (Noel): Alusão, feita por muitos órgãos da imprensa em todo o país, ao trabalho vitorioso de Café Filho, então na Câmara dos Deputados, pelo abono de Natal aos funcionários civis e militares.

Frande: Flandre, sinônimo popular de sabre.

Virola: Correia de pneu, durante muito tempo utilizada pela polícia para seviciar presos.

Péla-bucho: Sinônimo de cafeísta, seguidor político de Café Filho, correligionário.

Enfieira: Fila. Alusão às audiências populares, durante muito tempo concedidas por Café Filho, em uma das salas do Palácio Tiradentes, no Rio.

Xereta: Amigo do peito, chaleira, puxa-saco, etc. Veja-se sinonímia dessa expressão, no Canto 3.

Arvaluá: Do verbo avaliar.

Ferrar: Assinar, subscrever.

Mardando: Maldando, intencionando.

Esses Assudes de serra: Alusão aos grandes Assudes. Em *Secas do Nordeste*, livro póstumo, publicado por seu filho, o escritor Oto Guerra,[191] trinta dias após seu trespasse. Brito Guerra, embora aconselhando a grande Assudagem, continua julgando "essencial" para a economia nordestina, a construção de pequenos Assudes. *Verbi gratia*:[192]

> "[...] Não assim para aqueles que, desde anos, acompanham a ação precípua exercida pela IFOCS na economia da região seca, em decisiva luta, abrindo estradas, poços, incentivando a pequena Assudagem, único remédio contra as grandes calamidades" (Notas VII, p. 33, do *Secas do Nordeste*, edição do Centro de Imprensa S.A., 1951).

P'ros queiro dos nossos netos: Alusão aos dentes de siso que, no sertão, se dizem queiros e cuja irrupção proverbialmente confere maioridade. Referência a futuro remoto.

Mitrado: Sabido, ladino, escovado, mitrado, bargado.

Chevrolé: Vide referências, em Notas ao Canto 1)

Pau-pedra: pau-de-serrote, leguminosa (*Hoffmanuseggia petra*). Tavares de Lyra, em sua excelente *Corografia do Rio Grande do Norte*, já várias vezes citada nas presentes Notas, descreve o processo de utilização das raízes dessa árvore, pelos sertanejos (p.71):

> "As raízes mais tenras e tuberosas são raladas, e a massa resultante lavada em nove águas. Extrai-se assim uma goma de cor amarelada, que se come em mingaus, e é bastante alimentícia. É, porém, um produto de insignificante rendimento, sendo necessária uma grande porção de raízes para obter-se uma xícara de goma. O pau-pedra é um veneno enérgico, que ataca rapidamente a vista. Dizem os sertanejos que, não sendo lavado em nove águas, nem menos uma, o indivíduo que o come fica em poucas horas cego."

Imbu: Ou umbu, umbuzeiro (anacardiácea *Spondus tuberosa, Arr. Cam.*). Árvore extraordinariamente resistente às secas e que mesmo depois de três anos, não conseguem fazê-la perder o viço e a frescura. Dá excelentes frutos, principalmente consumidos em forma de cambica[193] preparada em leite (imbuzada); mas é a batata, encontrada nas raízes finais, quase à flor da terra, que é utilizada, nas secas, como alimentação, apesar de pouco nutritiva. Descasca-se a batata, corta-se em aparas, e põe-se a secar ao sol. Quando seco, o produto é pisado ou ralado, transformado em farinha, e consumido em forma de pirão ou de sopa. O consumo prolongado da farinha de umbuzeiro produz inchação geral do indivíduo.

Contina: Contínua (subst.), idéia fixa, serrazina.

Ron-com-com: O passado, o tempo da onça, do ronca, dos Afonsinhos.[194]

Afeirar: Comprar ou vender, nas feiras, Em Cabaceiras, cidade dos Cariris paraibanos, registrou o Autor, em 1941, curiosíssima variante, agravar, no sentido expresso de fazer a feira: "Fulano, você já agravou?".

Quilotado: Ou aquilotado.[195] Repleto, upando. A expressão é usada, sempre, em acepção aumentativa.

Notas

[1] **Ludwig Gumplowicz** (Cracóvia/Polônia, 09.03.1838- Graz/Áustria, 19.08.1909). Sociólogo polonês.

[2] **Thomas Hobbes** (Westport, Malmesbury/Reino Unido, 05.04.1588- Hardwick Hall/Reino Unido, 04.12.1679). Matemático, teórico político, e filósofo inglês, autor de *Leviatã* (1651) e *Do cidadão* (1651).

[3] Ver nota de OM.

[4] Idem, idem.

[5] Residência particular do então governador Sílvio Piza Pedroza. Deixando o governo, e mudando-se para o Rio de Janeiro, Sílvio Pedroza vendeu o imóvel, ainda existente, na Av. Hermes da Fonseca, ao Sr. Manoel de Medeiros Brito, conselheiro aposentado do TCE, e, anos depois, secretário de Segurança do Estado.

[6] Ver nota de OM.

[7] Do verbo judiar: atormentar, maltratar

[8] Dispara, estala, em seqüência, pipoca continuadamente.

[9] Em quantidade, muito (como abelhas).

[10] Ninho de vespa (*Brachygastra lecheguana*).

[11] De debulhar, explicar, dar conta.

[12] Em entrevista publicada no jornal *O Poti*, em 30.06.1985, Giocondo Dias, um dos comandantes do Levante de 1935, em Natal, e, depois, sucessor de Prestes na Secretaria-Geral do PCB, confirmou que o dinheiro retirado do Banco do Brasil foi repartido entre "participantes do governo revolucionário", o que teria sido um "erro" do movimento.

[13] Ver nota de OM.

[14] Idem, idem.

[15] Boneco feito à imagem do apóstolo traidor ou de pessoa (geralmente político de terno e gravata) que cai na antipatia do povo, malhado e queimado no Sábado de Aleluia.

[16] Ver nota de OM.

[17] Abaixado, corcunda.

[18] Ver nota de OM.

[19] Idem, idem.

[20] Corrutela de Ford (o caminhão).

[21] Ver nota de OM.

[22] Idem, idem.

[23] Idem.

[24] Coroa dos clérigos; corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos eclesiásticos, hoje em desuso; cercilho, tonsura. Cerimônia religiosa em que o bispo dá um corte no cabelo do ordenando ao conferir-lhe o primeiro grau do clericato, chamada também *prima tonsura*.

[25] Ver nota de OM.

[26] Idem, idem.

[27] Idem.

[28] Idem.

[29] Idem.

[30] Ver nota de OM.

[31] Ver nota de OM.

[32] Idem, idem.

[33] Idem.

[34] Idem.

[35] Ver nota de OM.

[36] **Fute**. Diabo, o demônio.

[37] O timbó, o veneno.

[38] Estado de penúria, de miséria; liso, duro, sem dinheiro.

[39] Ver nota de OM.

[40] Idem.

[41] Idem.

[42] Idem.

[43] Idem.

[44] Idem.

[45] Larápio, ladrão; ratazana.

[46] Embarbelou. Ver nota de OM.

[47] Ver nota de OM.

[48] Idem, idem.

[49] Trocar, mudar, permutar; cambiar, vender.

[50] Ver nota de OM.

[51] Idem.

[52] Borzeguim, calçado fino, delicado, caro.

[53] Astúcia; esperteza, manha, sagacidade.

[54] Ver nota de OM.

[55] **Xenxém**. Antiga moeda de cobre, de dez réis, que circulou no Brasil algum tempo. "Aquilo era uma peste que não valia um xenxém" (Viriato Correia, *Contos do sertão*).

[56] Muito amigo, muito ligado.

[57] Ver nota de OM.

[58] Idem, idem.

[59] **Nanja**. Não; nunca; de maneira alguma.

[60] Ver nota de OM.

[61] Idem, idem.

[62] Mina Xiquexique, em Acari/RN. Nota de OM, retro, dando conta da presença de urânio no RN.

[63] **Tingui**. Ou timbó. O termo timbó pode ser a designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, geralmente as com casca e/ou raízes que possuem uma seiva tóxica, e que por isso são utilizadas para tinguijar (regionalismo usado no Norte e Nordeste para o ato de envenenar peixes jogando timbó ou tingui na água).

[64] Projétil acondicionado em carretéis (metralhadoras).

[65] Ver nota de OM.

[66] Idem.

[67] De carcamano, valendo estrangeiro, sujeito sabido, vendedor ambulante; adventício, galego, gringo.

[68] Ver nota de OM.

[69] Idem, idem.

[70] **Requerido**. Solicitado, exigido, pedido, requerido.

[71] **Carrança**. Diz-se de ou de pessoa apegada ao passado, às tradições.

[72] **Frucudo.** Nota de OM.

[73] **Quiri e Jucá**. Idem.

[74] **Ponta-limpa**. Faceiro, frajola, ajanotado, empetecado.

[75] Eleva-se ou sobe; trepa; galga.

[76] **Talhadão**. Passagem estreita de rio entre paredes íngremes; talhado.

[77] **Cadelo** (é). Cachorro, cria de cão; cão novo e pequeno; filhote de outros animais que lembram o cão (geralmente mamíferos carnívoros), como lobo, onça, leão, hiena.

[78] Ver nota de OM.

[79] Idem, idem.

[80] Ver nota de OM.

[81] **Canrobert Pereira da Costa** (Rio de Janeiro/RJ, 18.10.1895-31.10.1955). Marechal (*post mortem*) do Exército, general da Artilharia, foi ministro da Guerra. Homem da sua época. Nos bastidores do poder foi mais político do que militar.

[82] **Artur da Silva Bernardes** (Viçosa/MG, 08.08.1875-Rio de Janeiro/RJ, 23.03.1955). Presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1922 e 15 de novembro de 1926.

[83] **Virgolino Ferreira da Silva** (Serra Talhada/PE, 07.07.1897-Poço Redondo/SE, 28/07/1938), ou Virgulino. O bandido-cangaceiro Lampião ou Lampeão. Ver nota de OM.

[84] **Francisco Solano López** (Assunção/Paraguai, 24.07.1827-Cerro-Corá/Paraguai, 01.03.1870). Militar paraguaio, ditador-presidente de seu país de 1862 à data de sua morte. Figura controversa, provocou a Guerra do Paraguai (1864-1870).

[85] O grosso da tropa do Exército imperial constituíra-se, inicialmente, apenas com o efetivo oriundo das milícias da Guarda Nacional do Sul e Sudeste. Mais adiante, utilizaria o recrutamento. Este, no primeiro ano, quando a guerra era vista como uma "cruzada patriótica", era voluntário. Depois, o caldo sangrento engrossou e, de fato, os escravos, os índios, os pobres, os migrantes, mendigos e vadios tornaram-se os principais alvos do alistamento. O recrutamento, forçado, atingiu os membros do partido opositor ao que estava no poder em cada província, os contrários à ordem política

e social vigente, os considerados desordeiros, perigosos, os presos e condenados por crimes, e principalmente a população pobre, os habitantes das cidades do interior, das zonas rurais. Para fugir à carnificina em terras longínquas, a esses "voluntários" sertanejos restavam a caatinga e as grotas, o "meio do mundo" – como bem anotou OM.

[86] Ver nota de OM.

[87] Idem, idem.

[88] Idem, idem.

[89] Idem.

[90] Idem.

[91] Zumbindo (ou zunindo), fazendo ruído ao esvoaçar (insetos).

[92] **Arco celeste.** Arco-íris, arco-da-chuva, olho-de-boi, conhecido em Portugal e no sul do Brasil como arco-da-velha. Sobre o arco-íris, Luis da Câmara Cascudo (*Informação de história e etnografia*): "O sertanejo não gosta do arco-íris porque furta água. No litoral se distrai bebendo água nos rios, lagoas, fontes. Não bebe água do mar como as nuvens. Ao princípio da sucção é fino, transparente, incolor. Depois fica largo, colorido, radioso. Farto, desaparece."

[93] Ver nota de OM.

[94] Ver notas de OM.

[95] Averiguação, indagação, inquirição.

[96] **Mariano Coelho** (Assu/RN, 09.06.1899- Natal/RN, 09.10.1985). Médico, professor, poeta e político. Foi deputado estadual e membro da ANL.

[97] Corta, opera (paciente) através de cirurgia.

[98] Parturiente.

[99] Faca de lâmina muito aguçada, muito boa, de confiança. No caso, o bisturi do cirurgião.

[100] Nutrido, gordo, forte, robusto.

[101] Anda vestido luxuosamente.

[102] Ver nota de OM.

[103] Idem, idem.

[104] Idem.

[105] "Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito." (Provérbios 4.18)

[106] Ver notas de OM.

[107] Ceroula, cueca.

[108] **Joaquim Teixeira de Moura.** Referência velada, ferina, ao coronel da Polícia Militar do RN. Durante o relativamente curto período do governo (1928-1930) de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), esse oficial notabilizou-se pela violenta repressão aos correligionários – e à própria família – do futuro presidente Café Filho, inimigo político do governador. Ficou célebre, quando tenente, em 1928, pelo frio assassinato de um certo Chico Pereira, acusado de roubo no interior do Estado e constituinte de João Café – que era advogado provisionado. Itamar de Souza, em *A República Velha no Rio Grande do Norte*, conta, com detalhes, a terrível façanha do militar. Outro escritor, Ivanaldo Lopes – por sinal, filho de um outro coronel –, no livro *Oficiais da PM* (1980), retrata Joaquim de Moura como "quase perverso por obrigação do ofício", revelando que "[...] às vezes, quando o sacrifício era próximo a núcleos residenciais, sepultava o bandido em cova rasa, ainda vivo, mas inerte, mantendo apenas a respiração ofegante de moribundo. Tanto assim era, que, em muitos casos testemunhados por transeuntes, as reações da vida faziam surgir do túmulo um braço ou uma perna, denunciador de alguém ali sepultado."

[109] Ver nota de OM.

[110] OM, nesta e na sextilha anterior, critica João Café Filho – que praticamente nada fez pelos amigos da primeira hora, esquecendo-os quando assumiu o poder. Othoniel foi um dos que se desiludiram das promessas do político.

[111] Ver nota de OM.

[112] **Chiste**. Dito espirituoso, gracejo; facécia, pilhéria.

[113] Ver nota de OM, no Canto 13.

[114] Ver nota de OM.

[115] Idem.

[116] Idem.

[117] **Gegê**. Apelido carinhoso usado pelos partidários de Getúlio Vargas. Apa-

receu logo após a revolução de 1930, no título de uma marchinha de carnaval de Lamartine Babo, cantada por Almirante e o Bando dos Tangarás, gravada sob o selo Parlophon, no Rio de Janeiro.

[118] Ver nota de OM.

[119] **Ademar Pereira de Barros** (Piracicaba/SP, 22.04.1901-Paris/França, 17.03.1969). Médico, duas vezes governador de São Paulo, fundador do PSP, deputado federal. Foi um dos mais influentes líderes civis do golpe de 1964. Foi cassado, por corrupção, pela própria "revolução redentora", morrendo no sofisticado e rico exílio na "Cidade Luz" – fazendo jus ao aforismo anônimo: "Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda a sofrer em Paris!"

[120] **Danton Coelho** (Porto Alegre/RS, 03.11.1906-Rio de Janeiro/RJ, 19.04.1961) Político brasileiro, foi um dos principais articuladores da aliança PTB-PSP, a chamada Frente Populista, conseguindo que o nome de João Café Filho fosse aceito pelos trabalhistas para integrar a chapa como vice-presidente de Vargas.

[121] Nome da goma-elástica extraída de várias árvores do gênero *Hévea*. Milhares de nordestinos, desde 1877 – principalmente no Acre – aventuraram-se na Amazônia, em busca de fortuna. Poucos voltaram com dinheiro no bolso. A maioria sucumbiu ou por lá ficou.

[122] Uirapuru, irapuru, guirapuru, arapuru, irapurá, tangará, rendeira, pássaro-de-fandango, realejo. Diz a lenda que o pássaro é mágico, dando sorte, fortuna, felicidade.

[123] Pança, barriga.

[124] Ver nota de OM.

[125] **Xiquexique**. Planta (*Pilocereus gounellei*) da família das cactáceas, prostrada ou ramificada, revestida de espinhos e com frutos globosos; alastrado, xinane, xiquexique-do-sertão;

[126] Ver nota de OM.

[127] Idem, idem.

[128] Idem.

[129] Chulice, grosseria, chularia.

[130] Ver nota de OM.

[131] Ver nota de OM.

[132] Designação popular de uma doença caracterizada por forte dor na boca do estômago, nas costas e pernas, além de um cansaço anormal que acomete o indivíduo, ao submeter-se a esforço físico. Também referida como "espinguela caída", na Bahia, e "peito aberto", em Pernambuco, ou ainda como "arca caída". Segundo Chermont de Miranda, o conceito de espinhela caída existia entre os ameríndios, antes da chegada de Colombo: espinhela caía – *pissum hoá* – e os pagés a levantavam – *pissum upi*. Para se saber se a espinhela está caída, a rezadeira tira a "medida" do paciente. Com um fio de algodão ou uma toalha, mede o comprimento desde a ponta do dedinho à ponta do cotovelo ou o tamanho do braço em posição vertical e depois, de um ombro ao outro. Se coincidirem as medidas, a espinhela está normal. Se não, está caída. Constatada a doença, o tratamento consiste primeiro no benzimento e depois na utilização das "garrafadas" de gemadas. O benzedor é importante, mas a própria pessoa pode se benzer, se tiver fé e fizer uso das garrafadas.

[133] **Pleuriz**. Ou pleurisia. São derrames pleurais, resultados de processos inflamatórios infecciosos ou não. A maioria das infecções pulmonares pode provocar derrame pleural.

[134] Do verbo repugnar – não aceitar, recusar; causar repugnância, asco; inspirar antipatia ou aversão.

[135] **Engulha**. Sente engulho, náusea; ânsia de vômito, repugnância, asco, enjôo.

[136] **Quizila**. Importuna, aborrece, zanga.

[137] **Imbono**. Tumor, intumescência, inchação.

[138] **Santo Lenho**. Crendice sertaneja, herdada dos portugueses, alusiva a uma milagrosa (ou milagreira) relíquia da religião católica: um pequeno pedaço de madeira que se crê ter pertencido à cruz de Cristo. Em Portugal, uma dessas relíquias de grande prestígio é a do "Santo Lenho de Moreira", encastoado em "esplêndido relicário representando uma cruz, em ouro e pedras preciosas". Em 1085, o testamento de um tal de Gonçalo Guterres já dava notícia da sua chegada à Lusitânia, vinda do Oriente. *Nas Memórias Paroquiais*, de 1758, o então pároco de Moreira atribui à influência do milagroso pedaço de madeira o fato de o Mosteiro e as suas redondezas não terem sofrido dano algum no terremoto de 1755.

[139] Família Montenegro; clã de fazendeiros, políticos e profissionais liberais do Vale do Assu/RN.

[140] Recaída de doenças.

[141] **Eleizon Cardoso**. Médico epidemiologista do antigo Serviço Nacional da Malária no Rio Grande do Norte. OM trabalhou sob suas ordens, no Assu, em 1939-1940.

[142] Revência. Vale situado abaixo da barragem dos Assudes e inundado pelas águas daqueles.

[143] Salobro. Água de salinidade inferior à das águas oceânicas e que contém em dissolução alguns sais ou substâncias que a fazem desagradável.

[144] Salitre. Nitrato de potássio; nitro.

[145] Sodoma. A cidade destruída por Deus, com fogo e enxofre.

[146] **Inharé**. Rio no Município de Santa Cruz/RN.

[147] **À locé. C**om abastança.

[148] Ver nota de OM.

[149] **Queiro**. Dente de siso.

[150] Ver nota de OM.

[151] Gargalheiras. Assude Marechal Dutra. Barragem no rio Acauã (bacia Piranhas-Assu), em Acari/RN, com bacia hidráulica de 780 hectares, com capacidade máxima de armazenamento de 40 milhões de metros cúbicos.

[152] Tecidos de algodão.

[153] Cachopando. Brincando, zombando, debochando, mangando.

[154] O Assude Gargalheiras, planejado no início do século XX, por "falta de verbas", foi somente inaugurado em 1959, anos depois da publicação da primeira edição de *Sertão de espinho e de flor* (1952).

[155] No início dos anos 1960, quando Agnelo Alves era prefeito da Capital, mandou derrubar todas as árvores existentes na praça Pedro Velho e nas ruas Floriano Peixoto, Deodoro, Felipe Camarão, Princesa Isabel, Rio Branco, Largo do Mercado, entre outras ruas e avenidas todas bastante arborizadas com *ficus benjamina*. Natal, à época, era uma das cidades mais arborizadas do Brasil.

[156] **João Ribeiro da Veiga Pessoa Júnior** (João Pessoa/PB, 09.08.1892-João Pessoa/PB, 13.02.1975). Escritor, charadista, historiador e jornalista. Pertenceu à Academia Paraibana de Letras (sócio fundador) e ao Instituto Histórico da Paraíba.

[157] A Hidra era uma serpente gigantesca e de muitas cabeças, que aterrorizava a região de Lerna, na Argólida. Filha de Equidna e Tífon, tinha por irmãos Cérbero, o cão do Hades; Ortro, o cão monstruoso de Gérion, e a Quimera. A picada da Hidra era extremamente venenosa, e contra o veneno não existia antídoto. Quando uma cabeça era cortada, outra nascia em seu lugar, e, além disso, uma delas era imortal. Venceu-a Héracles, num combate, com o auxílio do sobrinho Iolau, filho de seu meio-irmão Íficles. Hidra e o grande caranguejo – seu aliado na luta – foram, depois, colocados entre as estrelas, formando duas constelações vizinhas, respectivamente *Hydra* e *Cancer*. *Hydra* é a maior das 88 constelações conhecidas atualmente, e já estava presente no catálogo estelar de Ptolomeu.

[158] Braiar (o cavalo): mudar de andadura.

[159] Mula com um sinal na testa, tida como coiceira.

[160] **Aluízio Alves** (Angicos/RN, 11.08.1921-Natal/RN, 06.05.2006). Político, advogado e jornalista norte-rio-grandense, decano do poderoso – e rico – clã dos Alves, contrapartida política da família Maia (leia-se, também, Mariz e outros menos votados) num embate que há anos dominaa cena política potiguar, em especial a partir dos anos 1980. Foi deputado federal, governador do Estado e ministro (da Administração) dos governos de José Sarney e Itamar Franco. Em 7 de fevereiro de 1969, exercendo um dos mandatos de deputado, foi cassado pela ditadura militar, por corrupção. Como OM, foi membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Tomou posse, ele; Othoniel, nunca pisou os pés no silogeu.

Othoniel Menezes o conhecia desde os primeiros anos da década de 1930, quando ainda adolescente (aos doze, treze anos de idade) servia como secretário mirim do ex-governador José Augusto Bezerra de Medeiros e do jornalista e ex-senador Eloy de Souza. Redator, subgerente e mais tarde secretário do jornal *A República*, OM, nessa época, era procurado pelo lampinho Aluízio para entregar correspondências e notas, do grupo político a que servia – por sinal, da oposição –, para publicação no jornal oficial. Numa de suas idas ao velho casarão do início da rua Jovino Barreto, funcionários das oficinas do jornal, gráficos, com ele se desentenderam, submetendo-o a um "corredor polonês" nas escadarias. Chegou à mesa de OM chorando, a face avermelhada e a cabeça cheia de galos pelos tálitros recebidos. O poeta, imediatamente, tomou-lhe as dores e, de bengala em punho, desceu para tomar satisfações com os agressores. Não os

encontrando mais, puniu administrativamente pelos menos três deles, apontados por Aluízio – o que lhe acarretou inimizades para o resto da vida. Pelo menos dois desses funcionários – suspeitos, também, pelo desvio de chumbo das linotipos do jornal –, em 1936, vingar-se-iam de OM, testemunhando no processo do Tribunal de Segurança que o condenou pela redação do jornal da Revolta de 35 – *A Liberdade*. Um deles chegou ao cúmulo de declarar, nos autos, que Othoniel fora visto, "na Av. Tavares de Lyra, fardado de capitão, dirigindo o fogo!"

Como ver-se-á, daqui por diante, *pari passu*, não começara bem – para o poeta, sublinhe-se! – a "amizade" com o então perrepista júnior, aprendiz de política.

Nos primeiros anos da década de 40, o futuro oligarca, com pouco mais de 20 anos, inteligentíssimo e pobre, sempre metido nas lides partidárias, chefiava o Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social (SERAS), órgão mantenedor do Abrigo Melo Matos, destinado ao amparo de menores abandonados (localizado na vizinhança do Estádio Juvenal Lamartine, no Tirol). Procurou Othoniel – a quem visitava, regularmente, e que, nessa quadra, trabalhava com os americanos, em "Parnamirim Field" –, para, sem nenhuma remuneração, nos dias de sábados e domingos, ajudar na formação intelectual dos educandos, fazendo palestras. Atendendo, prazerosamente, à convocação, um dos adolescentes internados, entre muitos, chamou a atenção de OM pela inteligência e pelo comportamento correto. Era Benedito Maia, um jovem paraibano, filho de gente importante do vizinho Estado, abandonado ao "Deus dará", em terra estranha.

Benedito, com a autorização do próprio Aluízio, passava os finais de semana na residência do poeta, a quem se afeiçoara, agradecido. Anos depois, na sua terra, seria jornalista importante, escritor, autor de muitos livros.

Desde 1938, quando morava e estudava no Ceará – para onde foi mandado pelo pai, praticamente expulso tanto do Atheneu quanto do Colégio Marista, "por politicagem", segundo um professor, irmão marista (Aluízio Alves, p. 2-3 do livro *O que eu não esqueci – Reminiscências Políticas*, 2001, Editora Léo Christiano Editorial Ltda.) –, o futuro governador havia fundado, juntamente com José Augusto, em Fortaleza, uma Biblioteca de História Norte-Rio-Grandense.

Na 2ª. edição de Angicos, publicada em 1977, pela Fundação José Augusto, Aluízio dá conta da linha de editoração do projeto, dando ênfase muito

especial aos autores, preferencialmente políticos, chegando a propor a publicação de "biografias de velhos chefes" (coronéis) da hinterlândia papa-jerimum. Em oitavo – e último lugar da lista –, "Livros de poetas, inéditos, ou já esgotados, e outros selecionados e encomendados".

O presidente dessa biblioteca/editora era José Augusto Bezerra de Medeiros; Aluízio Alves ficava "com a responsabilidade administrativa e financeira"; Antônio Soares Filho e Vingt-un Rosado eram incumbidos da seleção dos livros.

No livro *O que eu não esqueci*, rememora o zíngaro angicano que, partindo o seu guru político (José Augusto) de Fortaleza para o Rio de Janeiro, voltou a Natal, resolvendo, *ipsis litteris*, "cuidar da Biblioteca, iniciando as assinaturas, que chegaram a quase 1.500, garantindo capital de giro para os primeiros contratos". Mais adiante, sem citar títulos e/ou autores, assegura a publicação de sete livros, mas não os enumera.

Logo sete? O sete das Sete Virtudes, o sete dos Sete Pecados Capitais, o sete das Sete Cabeças da Hidra? Errou, redondamente, na conta, Aluízio Alves. *O Dicionário Biobibliográfico do Rio Grande do Norte, de Wandyr Villar* (em preparo), anota, apenas, cinco volumes publicados pela Biblioteca de História Norte-Rio-Grandense:

Vol.1 – *Famílias seridoenses*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1940. Autor: José Augusto Bezerra de Medeiros;

Vol.2 – *Angicos*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1940. Autor: Aluízio Alves.

Vol.3 – *Mossoró*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1940. Autor: Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia.

Vol.4 – *Homens de Outr'ora*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1941. Autor: Manoel Gomes de Medeiros Dantas.

Vol.5 – *História de Nísia Floresta*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1941. Autor: Adauto Miranda Raposo da Câmara

Sobre o excelente *Angicos*, logo após o seu aparecimento, e durante muito tempo, muita gente falou mal do livro. Inclusive alguns impávidos medalhões da *intelligentzia* paroquiana, dizendo-o um "plágio" de Aluízio – que teria recolhido, em Angicos, e usado, indevidamente, preciosas anotações do mestre Henrique Castriciano, redigidas durante os vários retiros que lá fez, em busca de cura para a tuberculose. Sabia-se que o boníssimo

Henrique era, realmente, descuidado com livros e papéis, esquecido, um verdadeiro poeta – ligando pouco para coisas materiais. Essa particularidade deve ter influído nas elucubrações dos detratores do futuro deputado udenista. OM, ao contrário desses tantos, sempre gabou o autor, convencido do seu talento precoce, da sua inteligência – citando-o em Sertão de espinho e de flor e com ele trocando informações, prestigiando-o, pois, na nota à palavra Logradouro: "Aluízio Alves, autor de *Angicos, geografia, etnografia e história do seu município* (Pongetti, 1ª. edição, 1940), afirmou pessoalmente ao autor destas notas que, ali, a expressão significa, também, bebedouro de gado."

O futuro ministro do governo de José Ribamar – o eterno Sarney de mil estripulias – arrematando, à sua maneira, o assunto, diz que "até 1945" – quando passou a se ocupar da candidatura à Câmara dos Deputados, apesar dos "sete livros publicados" e dos "recursos em caixa", muito ocupado, e, depois, já eleito à Constituinte, residindo no Rio de Janeiro, os seus "companheiros da Biblioteca não puderam manter o mesmo ritmo" por ele antes imprimido. "Tivemos de encerrar suas atividades" – finalizou, astutamente, impoluto.

E por que Aluízio, o astuto, desde 1949 (ver adiante, texto de Antônio Pinto de Medeiros) – à exceção de uma única referência, num discurso em Palácio, em 1961 –, nenhuma alusão mais publicou, deu notícia, contou, rabiscou, seja lá o que fosse, publicamente, sobre *Sertão de espinho e de flor*, de Othoniel Menezes? Logo ele que, nesses assuntos de promessas, sempre preferiu a prédica à prática, numas coisas sim, noutras nunca.

Porque prometeu e não cumpriu! Porque traiu a estima do Poeta, prevaricou, torceu, mentiu, desrespeitou, ofendeu e, acima de tudo, como era do seu conhecidíssimo mau costume, perseguiu o autor deste livro, obrigando-o – para não se dobrar, pois homem de vergonha sempre foi – já doente e alquebrado, a se auto-exilar no Rio de Janeiro, saudoso da terra e dos poucos amigos, lá se findando, mas de cabeça erguida e espinha dorsal ereta. E ressalte-se que o poeta não era funcionário estadual, passível de transferência para São Miguel ou Pau dos Ferros. Mesmo depois de morto Othoniel – veremos adiante –, o milionário empresário Aluízio Alves, já septuagenário, continuou a espicaçar, como um corvo, a memória do esteta do *Gérmen*, do ensaísta de *Ferreira Itajubá – O Drama daVida de Província*.

A verdade, a mais límpida verdade, é que, em 1946, o futuro maior empresário das comunicações na Potiguarânia, acompanhado do escritor Manoel Rodrigues de Melo, procurou Othoniel para pedir-lhe os originais de *Sertão de espinho e de flor* para publicação. A iniciativa foi dele, do deputado. OM nunca lhe pedira coisa nenhuma. E Aluízio nada lhe devia, a não ser os votos para a Constituinte, dele, poeta, e da sua Maria da Conceição, a companheira de todas as horas.

Em poucos dias, o prefácio, de Câmara Cascudo, estava pronto. Faltavam algumas notas aos Cantos do longo poema. Sem máquina de escrever em casa, o autor da "Praieira" desdobrava-se nos dois expedientes de "Parnamirim Field", gastando papel e carbono dos americanos, para atender, exultante, o pedido do "amigo" parlamentar. Revisões e mais revisões, feitas à noite, na casa modesta da rua Felipe Camarão, muito café, vigília de Maria, muito cigarro *Iolanda* – e "o sangue e o suor do Pensamento!" (Ver o último terceto do soneto Os Burros, em Desenho animado, neste volume). Enfim, satisfeito, entregou os originais a Aluízio Alves, em mãos.

Manoel Rodrigues espalhou a notícia. Congratulações, apertos de mão, batidinhas nas costas do Poeta. Afinal, o livro – prometera solenemente Aluízio – seria editado pela José Olympio, coisa chique. A Casa José Olympio era uma das principais editoras do Brasil, lançando títulos e autores que fizeram a história da nossa literatura. Lá ganharam abrangência nacional Jorge Amado, Sérgio Buarque de Holanda, Rubem Braga, Guilherme Figueiredo, Gilberto Freire e quase todos os clássicos brasileiros.

E as ilustrações? Ah! Os desenhos seriam da lavra de Luiz Jardim, artista de – nada mais, nada menos – "renome internacional". Nos cafés da Tavares de Lira e da Doutor Barata, de Zé Areia ao Dr. Eutiquiano Reis, a novidade era comentada, com largo ufanismo papa-jerimum. OM, modesto, calado, arredio, sempre ao largo das patotas e das igrejinhas dos cafés, esperava, ansioso e confiante. O último título que publicara (*Jardim tropical* – ver neste volume) datava de 1923, vinte e dois anos decorridos.

Aluízio Alves, recebido o livro, meses depois, desapareceu do mapa, tomou chá de sumiço! De vez em quando, um ano sim, outro não, mandava recados, mensagens. Nada por escrito, comprometedor, uma carta, um cartão, um bilhete sequer. Por mensageiros, mandava dizer que "a coisa estava indo, caminhando". Caminhando e indo coisa nenhuma, nada, bulhufas, brisa.

TINHA PERDIDO O LIVRO, soube-se, muito depois! E, já importante, no Rio, reeleito, brilhando na Câmara e na imprensa carioca, não quis, não teve a humildade de, nunca, confessar o pecado – o que teria evitado, no mínimo, a redação destas notas. Não se curvou, não se dobrou. Nunca deplorou essa falha, com Othoniel ou com ninguém.

Entretanto, penitenciou-se pelo desaparecimento de outra "obra", esta de cunho político, certamente, para ele, muito mais substanciosa do que a de um poeta. Senão vejamos, *ipsis litteris*:" Deploro, mais uma vez, a minha desorganização pessoal: Marlene Otto, adversária ilustre que nos apoiou, colaborando com sugestões inteligentes, escreveu um livro sobre a campanha e me solicitou o prefácio, que eu faria com o maior prazer. Na Editora Nosso Tempo, que criamos para sobreviver, e a *Tribuna*, proibida de comprar papel no Nordeste, nos primeiros meses de nossa cassação, tivemos de procurar um meio de vida, após 24 anos de mandato de deputado federal. Terminamos perdendo o original. Tinha esperança de que ela tivesse guardado cópia. Não o fizera e, por minha culpa, a História do Rio Grande do Norte deixou de incorporar um documento minucioso e significativo daqueles quatro dias." (obra citada, p. 209-210).

A Othoniel ele sequer pediu cópia. Mais valiam mexericos e arengas dos bastidores de campanhas políticas das "senadoras" mossoroenses que as magistrais sextilhas de um grande poeta sobre o sertão, envolvendo, nas "Notas", minuciosos estudos de sociologia, etnografia, folclore, psicologia, botânica, mitologia, geografia, história e antropologia.

Em 1949, quatro anos depois da entrega dos originais, OM, ainda, coitado, "esperançoso", pediu a Antônio Pinto de Medeiros, seu admirador, que tinha uma coluna literária no *A República*, que procurasse ouvir o deputado.

Eis o resultado, na coluna do autor do *Um Poeta à Toa e Rio do Vento*: "Deverá entrar em composição, neste mês de março, na Editora José Olympio, o livro de Othoniel Menezes, *Sertão de espinho e de flor*, prefaciado pelo eminente etnógrafo Câmara Cascudo e com desenhos de Luiz Jardim, um dos mais festejados ilustradores brasileiros, de fama internacional. Na próxima edição dominical, publicaremos alguns trechos do prefácio, uma linda página do mestre de *Antologia do Folclore Brasileiro*. *Sertão de espinho e de flor*, que é um poema septissilábico, em sextilhas, tem 16 Cantos, e fixa aspectos do panorama físico e social dos sertões nordestinos, especialmente do Seridó. A editar-se sob os auspícios da Biblioteca de História

Norte-Rio-Grandense, associação cultural fundada há anos no Estado, por iniciativa do atual deputado Aluízio Alves, o livro de Othoniel Menezes será o 3º volume dessa bela coleção de História e Folclore, anteriormente já integrada por obras de outros escritores potiguares, entre eles o próprio sr. Aluízio Alves, com Angicos, a mais bela e a mais completa monografia da importante série." (A República, 06 de março de 1949)

Foi o próprio Antônio Pinto que, em 1952, quando diretor do Departamento de Imprensa, sob o governo de Sílvio Pedroza, tomou a iniciativa de publicar uma 1ª. edição deste livro. Por falta de verba, o volume foi impresso em papel de imprensa.

O tempo passou. OM, entre 1950/1951, morou no Rio de Janeiro, a chamado de Café Filho. Desconfiado, não procurou o deputado Aluízio. Com a ajuda do poeta José Jannini, amigo de infância, muito bem relacionado com vários intelectuais cariocas – entre eles Álvaro Mereyra – conseguiu obter a informação da direção da Editora José Olympio. Decepção total! O parlamentar angicano faltara com a verdade: o livro nunca fora entregue para publicação.

Da raça irritável dos poetas (*genus irritabili vatum*), ferido nos brios, decepcionado, retornando a Natal, contou a decepcionante história para os mais íntimos – muitos poucos, por sinal – e aguardou uma oportunidade para, publicamente, desmascarar Aluízio. Passados meses, aparece para visitá-lo, na rua Correia Teles, o poeta e jornalista pernambucano Mauro Mota, com quem se correspondia há alguns anos. A ele, Mauro, na presença de Esmeraldo Siqueira, deu uma longa entrevista para um dos jornais do Recife. Aproveitando a oportunidade, descascou tudo, com detalhes!

A partir daí, Aluízio Alves passaria a ser apenas uma lembrança, uma amizade que não tinha dado certo. Não por ele, Othoniel – que ainda recordava o menino vivo e inteligente, o mensageiro dos "perrés" espancado nas escadarias do jornal *A República*, o jovem brilhante que aos dezoito anos escrevera o *Angicos*.

O governador que veio do sertão do Cabugi – um inovador da administração do Estado, reconheça-se –, era, sob outro prisma, sem sombra de dúvida, pouco fiel às suas amizades mais antigas.

Eloy de Souza, varão sempre sereno e perspicaz, raposa "perrepista" juramentada, desde priscas e diluvianas eras, um ícone da política e do

jornalismo potiguares, mistagogo maior do então neófito Aluízio – de calças curtas no Partido Popular e no jornal *A Razão* –, tinha lá, também, o irmão do sereníssimo Henrique, as suas queixas do pupilo, antes tão devotado e prestimoso. *In verbis*: "Aproveito mais uma vez a pequena lamparina da memória para recordar que da redação *d'A Razão* saíram alguns jornalistas, um dos quais, Aluízio Alves, que ainda vestia calças curtas e tinha uma grande tristeza refletida nos olhos negros e graúdos. Foi a revelação do que é hoje, como homem de imprensa e representante do Rio Grande do Norte na Câmara dos Deputados. Esqueci os agravos que me fez anos depois e que a ele, mais do que a mim, na reflexão da maturidade devem pungir como pecados cometidos nos desvarios da política partidária" (Eloy de Souza, *Memórias*, 2ª. edição, Senado Federal, 2008, p. 403-404)

Othoniel, espiritualista, esoterista, kardecista, cristão, muito antes de partir para o Azul, em 1969 – tem certeza o autor destas anotações –, já havia olvidado, perdoado, os "agravos" recebidos. Aluízio, por sua vez, não esqueceria jamais a entrevista dada pelo Poeta a Mauro Mota.

Eleito governador, no primeiro ano do mandato (1961), apesar das arengas todas, das retaliações contra o antecessor, Dinarte Mariz (as "vagas existentes", o "fecha não fecha" do Tribunal de Contas, as centenas de transferências punitivas de servidores e outras milongas mil), agendou um festivo 1º. Festival do Escritor Potiguar. O evento, realizado entre os dias 10 e 15 de dezembro daquele ano, patrocinado, também, pelo saudoso prefeito Djalma Maranhão, tinha a supervisão do secretário da Educação, Grimaldi Ribeiro (por sinal, parente de OM, pelo lado dos Ribeiro Dantas). A coordenação do conclave foi entregue ao jornalista Ticiano Duarte, diretor do Departamento de Imprensa – admirador de OM e uma das figuras mais polidas e cavalheirescas desta nossa pouco leal ocara de comedores de camarão.

Convidados pelo Estado e Prefeitura, chegaram algumas estrelas das letras do Pindorama verde-amarelo: Jorge Amado, Dinah Silveira de Queiroz, Eneida, Simeão Leal, José Condé, Sebastião Nery (muito jovem); Peregrino Júnior, Jaime Adour da Câmara, Renard Perez, Homero Homem e outros tantos. Da Jerimunlândia, quase todo mundo, capitaneados esses por Câmara Cascudo e alguns lugares-tenentes: Newton Navarro, Veríssimo de Melo, Luiz Rabelo, Walflan de Queiroz, entre outros.

Não se sabe de quem foi a idéia (possivelmente de Veríssimo de Melo e/ou Newton Navarro) de visitar o "Príncipe" doente e esquecido. E lá se foram (quase um ror!), em comitiva, para a residência do Poeta. Inválido, comovido, revendo velhos amigos de velhos tempos – entre os "de fora", inclusive –, acanhado, lento, nervoso, constrangido, chorou resignadamente, emocionado, a cabeça quase branca acariciada pela doce Maria, sob o pálio do olhar enternecido dos dois filhos rapazes.

O professor Cláudio Galvão, biógrafo de OM, registra no seu *O Príncipe Plebeu – Uma biografia de Othoniel Menezes*: "A Gota d'Água – Reúne-se em Natal o I Festival de Escritores Norte-Rio-Grandense. Um grupo de intelectuais decide fazer uma visita ao poeta. Numa pequena casa à rua Cussy de Almeida (antiga Rua do Arame) encontraram um homem abatido e doente. Ambiente modesto, cadeiras com estofado estragado. Rua muito estreita, não entravam automóveis. Visita rápida, até porque não havia assentos suficientes para todos. Tentativas de ânimo e reconforto. Saíram impressionados e decidiram apelar para o governo do Estado. Do contato com o governador Aluízio Alves resultou uma comunicação à Farmácia Santa Lígia (esquina das ruas João Pessoa com Princesa Isabel) autorizando-a a fornecer todos os medicamentos de que necessitasse. Eram nada mais que antiinflamatórios, pois acreditava estar sofrendo de reumatismo. O próprio secretário Estadual de Educação e Cultura, Grimaldi Ribeiro, foi à casa do poeta comunicar a boa nova. Meio constrangido, Othoniel aceitou a ajuda assegurada e recebia na farmácia os remédios que lhe estavam prescritos. Tudo ia muito bem e já havia meses que os medicamentos lhe eram entregues, até que um dia, o proprietário da farmácia revelou ao irmão mais novo, João Cabral, sobrinho afim de Othoniel, que o governo nunca havia pago as despesas, conforme prometera. Este, com muito jeito, comunicou ao poeta. Othoniel sentiu como se levasse uma bofetada. Humilhado e decepcionado, voltou para casa e desabafou com Maria. Não poderia admitir semelhante desapreço. Era a última desconsideração que receberia em Natal: iria embora da cidade, mudar-se para o Rio de Janeiro, definitivamente. Esta dívida foi paga depois pelo industrial Luiz Lopes Varela, amigo de adolescência e colega do poeta no Atheneu no já distante 1911."

Grimaldi Ribeiro, na visita que fez ao parente, dourando a pílula em favor do seu chefe, descreveu a Othoniel o discurso do governador, no Palácio do Governo, à comissão dos literatos: na peroração, teatral, Aluízio, bran-

dindo um exemplar de *Sertão de espinho e de flor*, afirmara à seletíssima platéia que o livro era "uma das cartilhas do seu governo [...]".

Relativamente ao pagamento dos remédios à farmácia, o Poeta morreu sem saber da homenagem que lhe fizera, discretamente, o velho amigo do Atheneu – também cafeísta –, Luiz Lopes Varela.

A seguir, a transcrição de um breve trecho do autor das presentes notas, lido, em 2004, na Fundação Cícera Queiroz, entidade assistencial, sediada atualmente na casa da Rua das Laranjeiras, n. 16, onde nasceu Othoniel, na modesta solenidade da aposição das efígies do Poeta e do seu irmão, sargento (João) Menezes (de Melo), pioneiro e mártir da aviação brasileira, primeiro aviador do Rio Grande do Norte:

"Em março de 1962, doente, sem diagnóstico, perseguido pelos caciques de então, Othoniel Menezes, dolorosamente arrumou os pouquíssimos teréns e escapuliu para o Rio de Janeiro. Amava muito o seu torrão. Entretanto, alguns dos conterrâneos da chamada elite política e intelectual de então, barões assinalados, nunca lhe haviam perdoado a franqueza com que tratava certos figurões, além da circunstância de haver escrito, nas oficinas da velha *A República*, de cabo a rabo, o jornal oficial do Levante de 1935. Nunca foi comunista – como foi taxado e depois condenado a três anos de cadeia. Era, todos sabiam, socialista e amigo de Café Filho. Culto, pobre e probo, tinha consciência do próprio valor e disso se orgulhava – isso sim! Não suportava idiotices e bajulações, grupinhos, patotas. Nunca tomou posse na Academia. Aceitou a "imortalidade" por imposição de velhos e poucos amigos, notadamente do seu quase irmão/poeta Esmeraldo Siqueira. Não se candidatou, candidataram-no. Era uma velha dívida do Silogeu, contraída desde a sua fundação, em 1936. Resolveu, de vez, ir embora, depois da última desconsideração que lhe fora imposta pelo próprio governador do Estado, Aluízio Alves, no final de 1961. Ia cumprir o seu próprio vaticínio, seu destino! Maktub! Estava escrito nos seus próprios versos (Ver Canto Minha Viola a Chorar, neste livro). Amparou-se no braço amigo e sofrido da sua Maria e foi embora! Chorando, mas foi! E, lá, morreu, de repente, em 1969, no Rio de Janeiro, no Catumbi, no apartamento de aluguel modesto, saudoso da sua Natal, dos ocasos do Potengi amado e da companheira querida – que o antecedera na partida para o Azul, oito meses antes."

Poucos dias depois da partida de OM para o Rio de Janeiro, auxiliares de Aluízio – entre eles, ainda vivo, um jornalista que, à época, quase chegara

à condição privilegiada de parente muito próximo do governador –, quando, nas mesas do Granada Bar, se falava no exílio do poeta, esses mucufas dipsômanos de gabinetes, defendendo os bons salários que mamavam nas tetas do Estado, ofendiam-no, longe dos ouvidos deste anotador, apelidando-o de "gagá"! Foram testemunhas desse infeliz desrespeito, entre outros, Newton Navarro, Ítalo José de Medeiros Pinheiro, Érico de Souza Hackradt. A maioria desses circunstantes – infelizmente, todos mortos - reagia à aleivosia cruel, cavilosa, sub-reptícia.

Passaram-se muitos anos. A Editora Universitária, da UFRN, com o selo Nossa Editora, publicou, em 1983, um opúsculo: *Memória Viva – Aluízio Alves*, contendo a transcrição do áudio, de uma entrevista dada pelo político, no programa do mesmo nome, na Televisão Universitária, em 18 de julho de 1983 e exibido em 3 de setembro do mesmo ano. O abegão Aluízio estava sem mandato. Perdera, no ano anterior, para José Agripino Maia, a disputa pelo governo do Estado. Diante dos cinco entrevistadores – pelo menos quatro, eternos correligionários –, lá pelas tantas, indagado sobre a Revolta de 1935, deitou falação, convenhamos, bastante estranha:

"Eu tenho uma imagem que não esqueci. Fui a primeira pessoa a entrar na *República*, depois da revolução, onde imprimiram o jornal, *A Liberdade*. Mas, o jornal, praticamente, não chegou a ser distribuído. Encontrei a edição do jornal quase toda lá, e foram recolhidos à polícia. Mas, eu entro no jornal e vejo que ali não tinha, ninguém, entro no gabinete do diretor, e entre o gabinete do diretor e as oficinas havia um espaço aberto, um terraço, onde encontro um morto. Encontrei aquela figura morta, ali. Olho, e está, morto. Logo, depois, chega Edgar Barbosa, chegam outras pessoas e promovem a remoção daquela pessoa, que não me lembro quem era e como morreu. Sei que não era funcionário de *A República* e estava ali morto."

É preciso lembrar, agora, que o futuro dono da TV Cabugi, em que pese a sua reconhecida precocidade, tinha apenas 14 anos de idade, completados há uns três meses antes de novembro de 1935. Como diacho esse adolescente – de "olhos negros e graúdos" – conseguiu, e por que cargas d'água, penetrar nas instalações de *A República*, antes da polícia de Rafael Fernandes, precedendo, naquela balbúrdia pós-revolucionária, também o próprio diretor do órgão, Edgar Barbosa? E o defunto, o morto não identificado, o defunto sem nome?

Vem, agora, a pergunta maior: seria, o presunto, desovado naquele terraço pela cabeça gandava do rapazelho, uma vítima dos que fizeram *A Liberdade*, entre eles Othoniel Menezes, responsável maior pela empreitada?

Othoniel – que evitava falar sobre *A Liberdade*, pois perdera a própria por um bom período e se tornara "maldito" na terra em que nasceu –, mesmo em casa, quando se tocava no assunto, em tempo algum, fez alusão à misteriosa e inidentificada "vítima". Tampouco, até nossos dias, a literatura sobre a Revolta jamais registrou o fato, inclusive brazilianists de renome.

O autor destas linhas – que, tempestivamente, publicou uma nota na imprensa local sobre o assunto –, preocupado com a afirmação do entrevistado, cuidou de ouvir, em Natal, por ocasião de seminário realizado sobre o levante, organizado pela Fundação José Augusto, em 2005, o ex-gráfico mossoroense e último remanescente da jornada, Francisco Meneleu dos Santos (falecido aos 90 anos, em 2008). O lendário Meneleu negou, veementemente, a fantasiosa e inconseqüente afirmação do ex-governador do Estado. Nas proximidades do casarão do jornal *A República*, na rua São Tomé, houvera, sim, um tiroteio, refrega rápida, entre soldados da polícia e revoltosos, mas no primeiro dia da chamada Intentona, 23 de novembro, não havendo mortes. Apenas o cabo Giocondo Dias, um dos comandantes revolucionários, saiu ferido do recontro, levando três tiros.

Othoniel Menezes e seus herdeiros, por outro lado, nunca deram maior atenção, nunca consideraram verídica uma versão aventuresca da participação do futuro dono da Ducal na "Revolução Comunista". A estória era contada, a princípio, abertamente, durante muitos anos, pelo líder comunista Pretextato José da Cruz, falecido, em 2008, aos 85 anos. Na velhice, o ex-estivador e sindicalista cassado em 1964, stalinista histórico, repetia, e dava notícia – apenas em *off*, não se sabe porque a mudança – de singular e curioso acontecimento: no primeiro dia da revolução, Luís Maranhão Filho – o saudoso jornalista e professor "subversivo", barbaramente assassinado pela "Redentora" – e Aluízio Alves (ambos com 14 anos) "passaram a noite de 23 para 24 de novembro de 1935 carregando latas d'água, subindo escadas, para refrigeração de uma metralhadora dos rebeldes, assestada, no telhado de uma casa, em direção ao Quartel da Polícia." Estória ou história? Pretextato, em 1935, tinha apenas 12 anos. Invenção de adolescente – parece –, a empresa "revolucionária" dos dois frangotes. Aluízio, pelo que se sabe, nunca tocou no assunto...

Na madrugada agitada, de intenso tiroteio, a bala comendo no meio do mundo, morando entre os dois quartéis das tropas em combate, na "terra de ninguém", Aluízio Alves apenas disse, na entrevista à TV, que "as balas passavam por perto, nós ouvíamos a noite toda, deitados em casa." Nada de lata d'água na cabeça, pois, pois…!

Quinze anos depois, editada em abril de 1998, pela Edufrn, a editora da UFRN, novamente aparece na praça, dividida, desta feita, em duas partes, a plaquete *Memória Viva – Aluízio Alves*. Na página 11 da Primeira Parte do volume, no rodapé, está o seguinte registro: "Íntegra do programa gravado na TV Universitária, Natal/RN, em 18 de julho de 1983, e exibido em 3 de setembro do mesmo ano."

Estranhamente, logo no frontispício da publicação, outra anotação desmente, por completo, àquela afirmação. Ei-la, *in verbis*: "2ª. edição revisada e ampliada pelo autor". Este segundo registro, uma clara contrafação, compromete a publicação anterior – a 1ª. edição – e, por extensão, atinge a todos os membros da cúpula universitária e do Conselho Editorial da UFRN da época, chanceladores do volume, solenemente nominados, todos, à exaustão, nos créditos, às fls. 4 dessa 2ª. edição. O texto, pelo que se denota, não é correspondente à gravação do áudio do primeiro programa, tampouco igual ao texto supostamente transcrito. O que houve?

A transcrição dessa Primeira Parte da 2ª. edição, que devia ser cópia exata, reprodução fiel, rigorosa e imexível do áudio, foi, sem sombra de dúvida, no caso, visivelmente alterada pelo entrevistado Aluízio Alves – ou por alguém sob ordem deste – quando, na primeira edição, de 1983, referiu-se à "visita" às dependências do jornal *A República*, no dia 27 de novembro de 1935. Foram acrescentadas, adicionadas, três linhas – redundando, a tropelia, numa cascata monumental. O remendo foi muito pior do que o "soneto" anterior (a estória do "defunto"):

"[…] Antes da polícia chegar fui à sala de revisão. Verifiquei que os originais eram quase todos da autoria do poeta Othoniel Menezes. Escondi-os, e depois fui à sua casa levá-los de presente. Nada sofreu por isso."

Com muito jeito e agrado, seria até plausível supor que, na ocasião, o ativo e desembaraçado secretário mirim de José Augusto e aprendiz de jornalista de Eloy de Souza, o futuro manda-chuva da *Tribuna do Norte* – antes mesmo da polícia e do diretor Edgar Barbosa chegarem às dependências do jornal oficial –, matreiramente, numa feliz incursão à sala de revisão,

tivesse, muito expedito, se apropriado dos comprometedores rascunhos "comunistas" do poeta da "Praieira". Vá lá, vá lá!

Difícil – duro de roer! – seria acreditar ter ido à casa do poeta, presenteá-lo com as comprometedoras provas do grave delito subversivo e, mais complicado ainda – de arrepiar a descendência do vate! –, afirmar que o "felizardo" Othoniel "nada sofreu" sob os regimes de Rafael Fernandes e Getúlio Vargas. Rafael, representado pelo eficiente primo Aldo Fernandes; Getúlio, acolitado pelo truculento capitão Filinto Strubing Müller.

A verdade cristalina – nua e crua – é que o editorialista e responsável maior pela publicação do jornal *A Liberdade* e nenhum dos seus familiares, jamais receberam, na época, a visita de Aluízio, levando "presente" algum.

Antes de findar o dia 27, sabendo, já, do fracasso da revolução, o poeta fugiu para Recife, onde foi preso uns quatro dias depois. Já no dia seguinte, 28, tinha sido demitido por Rafael Fernandes do Departamento de Imprensa (Ato n° 174, de 28 de novembro de 1935). Era a primeira punição. Capturado em dezembro de 1935, somente teve a prisão preventiva decretada em 4 de setembro de 1936, quase um ano depois da Revolta e do encarceramento.

Para arrematar o assunto, transcreve-se o que escreveu o minucioso escritor Cláudio Galvão, no citado *Príncipe Plebeu – Uma Biografia de Othoniel Menezes* (Edição FAPERN, 2010): "O julgamento de Othoniel somente se verificou a de 9 de agosto de 1938, em sessão do Tribunal de Segurança Nacional. Enquadrado nos artigos 1o, 49 e 50 da L. 38 S. N. e parágrafos 2o, 4, e 14, art. 39 da C. L. P., tendo-se em vista os artigos 25 e 26 da citada L. 38 de S. N., foi condenado à pena de 3 anos de reclusão."

Por conta deste *Sertão de espinho e de flor*, passou, ainda, o seu sofrido autor, um último e doloroso vexame, em 1967. Othoniel – até poucos anos antes de morrer, apesar da doença, das decepções, da companheira Maria cancerosa, exilado no Rio de Janeiro, sem embargo dessas vicissitudes todas, ao saber ser o novo governador da sua terra o monsenhor Walfredo Gurgel, a quem conhecera por intermédio do padre Monte, seu amigo e admirador –, pediu ao professor Rodrigues Alves, conterrâneo que morava no Rio e o visitava semanalmente, para interceder no sentido de a Fundação José Augusto republicar o livro – considerado, por ele, sua melhor obra, o carro-chefe de toda a sua extensa produção. Ao longo dos anos, desde 1952, vinha pacientemente, vagarosamente, apesar do Mal de

Parkinson, revisando, corrigindo e, às vezes, acrescentando observações, notas e inserções, no único volume que lhe restara, manuscritas, a mão tremulante, em tinta de cor verde, da sua preferência, há muito tempo.

Contrariando a opinião do autor destas notas – nomeado, entre os filhos, guardião dos seus papéis –, Othoniel, fazendo mil recomendações, repassou aquele único exemplar ao amigo fiel, da mais inteira confiança. Não podendo Rodrigues Alves se deslocar para Natal, encarregou-se da tarefa, da embaixada junto à Fundação, uma amiga do saudoso professor, Stella Leonardos, poeta, dramaturga e tradutora, conhecedora de versos de Othoniel – que vinha ao Rio Grande do Norte, convidada pelo Governo. A intelectual carioca, sem sombra de dúvida, cumpriu, à risca, a missão que lhe fora outorgada, fazendo o pedido para a publicação e entregando o livro a um dos gestores da FJA.

Qual deles? Até nossos dias, infelizmente, desconhecem-lhe a identidade os familiares do escritor. Isto porque, naquele ano – e até os dias presentes, lembremo-nos! – a desorganização campeava no órgão.

O governador, no ano anterior (1966), segundo fontes da época, indispusera-se com o presidente (ou diretor) que viera da administração anterior (leia-se governo do bacharel das Alagoas, Aluízio Alves), nomeando uma "junta administrativa". Como sói nesse modelo de seres agrupados – uns querendo engolir os outros com picuinhas e arengas –, na confusão, no destrambelho, fatalmente um sabido, finório e velhaco, deve ter pedido "por empréstimo" a alguém importante o livro de Othoniel, sumindo com a preciosidade.

Cláudio Galvão (ob.cit) anotou: "Tal edição jamais se concretizou. A cópia acrescentada com apontamentos do próprio punho do poeta, se não teve o destino inglório da cesta de lixo, deve hoje enriquecer a coleção de algum feliz bibliófilo, o que não é de todo mal [...]".

Há quarenta e dois anos, o subscritor destas linhas, com bíblica paciência, reunindo sutis informações, herméticas pistas, segredosos indícios, "lambendo a rapadura", procura esse "feliz bibliófilo".

Enfim, perdeu a cultura do Estado, perdeu a família, perderam os leitores."

[161] Cédulas de dinheiro.

[162] Fiscais federais, hoje denominados auditores fiscais do Ministério da Fazenda.

[163] Bolsa cara, refinada. O chamado couro-da-rússia é muito macio, impermeável e suavemente perfumado, por ser curtido com casca de bétula.

[164] Escavações mais ou menos profundas, conforme a natureza do terreno, para mineração. Pequenas catas ao lado de outra maior.

[165] Práticos, sem formação acadêmica; empíricos.

[166] Indivíduos louros, estrangeiros, gringos.

[167] Ver nota de rodapé em *Gérmen*, no soneto "Sugestão da Luz".

[168] Coberta de poeira; empoeirada.

[169] Coisa sem importância; quantia insignificante; ninharia.

[170] Locutor.

[171] **Alexandre José de Melo Morais Filho** (Salvador/BA, 23.02.1943-Rio de Janeiro/RJ, 01.04.1919). Poeta, cronista, folclorista, médico (formado em Bruxelas/Bélgica), etnógrafo e folclorista. Publicou dezenas de livros. Tio-avô de Vinícius de Morais.

[172] **Harold Sims.** No Brasil, desde 1938, como vice-cônsul em Pernambuco. Chegou a Natal em 1943, como Cônsul. Andou pela China e Cuba, posteriormente. Sem sombra de dúvida, pertencia ao serviço de inteligência dos EUA.

[173] Doença de eqüídeos, produzida por bacilo, caracterizada por ulcerações na mucosa nasal, múltiplos nódulos subcutâneos e linfadenite, e que se pode transmitir ao homem, sendo a este, quase sempre, fatal.

[174] Poeta da escola provençal do século XIX.

[175] **Floro Bartolomeu da Costa** (Salvador/BA, 17.08.1876-Rio de Janeiro/RJ, 08.03.1926). Foi sepultado, na então capital federal, com honras de general do Exército, como reconhecimento por sua fidelidade ao governo federal.

[176] **Marcos Franco Rabelo** (Fortaleza/CE, 25 de abril de 1851 – ?). Militar e político – mais político do que militar. Foi governador do Ceará, de 14 de julho de 1912 a 14 de março de 1914.

[177] **José da Penha Alves de Souza** (Angicos/RN, 13.05.1875- Miguel Calmon/CE, 22.02.1914). No Rio Grande do Norte, combateu a oligarquia de Pedro Velho. Tribuno vigoroso, brilhante.

[178] **Cadmo**. Filho de Agenor, rei da Fenícia, fundador de cidades gregas. Tornou-se rei de Tebas e seu reinado foi próspero e tranquilo. Civilizou a

Beócia e ensinou o alfabeto aos gregos. No final de sua vida, teve seus filhos e netos mortos como castigo por ter matado a serpente que era consagrada a Marte. Cadmo, juntamente com Harmonia, foram transformados em serpentes.

[179] **Joaquim Alencar Peixoto**. Um dos líderes da emancipação política de Juazeiro do Norte. Nasceu no Crato, foi aluno do Seminário São José, ordenando-se em Olinda/PE. Sacerdote culto, deixou vários livros publicados, destacando-se *Joaseiro do Cariry*, escrito após seu rompimento com o antigo aliado, Padre Cícero. O desentendimento aconteceu porque Alencar queria ser o primeiro prefeito do novo município de Juazeiro. Cícero não abriu mão do cargo, enfurecendo o colega de batina.

[180] Da máxima latina *Sedare dolorem opus divinum est*: "Aliviar a dor é obra divina".

[181] O historiador ítalo-americano Ralph della Cava da Universidade Columbia (EUA) e professor Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri, autor do livro *Milagre em Juazeiro* , doou, em 2002, todo o seu acervo sobre o Padre Cícero (documentos pessoais, eclesiásticos, fotografias, folhetos de cordel, telegramas, livros e uma variada miscelânea) à Biblioteca George A. Smathers, da Universidade da Flórida. Dessa coleção, consta um *flyer* (boletim de propaganda, em inglês, – certamente um quadro emoldurado) com os seguintes dizeres: "Uma saudosa lembrança do velho amigo e antigo secretário do Revdmo. Padre Cícero Romão Batista".

[182] **Campos Sales**. Município do estado do Ceará. Está localizado na microrregião da Chapada do Araripe, mesorregião do Sul Cearense.

[183] **João Ferreira dos Santos**. O único irmão de Virgolino a não entrar no cangaço.

[184] Homem de estatura elevada. Galalão, adaptado do francês *Ganelon*, personagem da canção de gesta "La Chanson de Roland", com desnasalação. Ver nota sobre Carlos Magno e os Doze Pares de França.

[185] Manhas, ardis.

[186] Sigla da antiga Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca.

[187] Referência a Pedro Malazarte, herói malandro do folclore nordestino. Ver *Contos tradicionais do Brasil*, de Luis da Câmara Cascudo.

[188] **Salitre** originariamente significava, genericamente e por extensão, qualquer sal oxigenado nítrico, pois qualquer nitrato, usualmente alcalino, em especial nitrato de potássio.

[189] **Sodoma** e Gomorra são, de acordo com a Bíblia judaico-cristã, duas cidades que teriam sido destruídas por Deus com fogo e enxofre descido do Céu. Segundo o relato bíblico, as cidades e os seus habitantes foram destruídos devido a prática de atos imorais. Os seus habitantes eram os cananeus.

[190] Cláudio Galvão, na biografia de OM (*Príncipe Plebeu*, no prelo, em 2009), anota: "Como 'perrepistas' eram apelidados os remanescentes do antigo Partido Republicano, que congregavam os partidários sob a liderança de José Augusto. Os seguidores de Mário Câmara eram chamados de 'pélabuchos'". Conta, ainda, o historiador que o Poeta, em 1931, numa das viagens que fez a Acari, não resistindo "à tentação de escrever no *Acary*" – jornal dirigido por seu irmão Francisco Menezes, promotor de Justiça da comarca, "publicou ali um artigo em que, transparecendo sua revolta, referia-se à canalha perrepista. O resultado foi uma drástica queda de vendas e prejuízos assumidos pelo Dr. Francisco Menezes [...]".

[191] **Oto de Brito Guerra** (Mossoró/RN, 02.07.1912 – Natal/RN, 16.03.1996). Advogado, professor, jornalista e político. Comendador da igreja católica. Jovem ainda – orientado por Luis da Câmara Cascudo –, foi ardoroso defensor das idéias nazi-fascistas de Plínio Salgado, chegando a ser candidato à deputação estadual pela Aliança Integralista Brasileira. Redimiu-se plenamente depois, defendendo com muita proficiência e entusiasmo perseguidos pelo golpe militar de 1964. Da ANRL.

[192] "Por exemplo", em latim.

[193] Iguaria ou refresco de murici com açúcar e, às vezes, com farinha de mandioca.

[194] Afonsinhos é corruptela brasileira de Afonsinos. A dinastia de Borgonha, também chamada Afonsina (pelo elevado número – quatro – de soberanos com o nome de Afonso) foi a primeira dinastia do Reino de Portugal. Começou em 1096, ainda como mero condado (autonomizado em reino em 1139-1143) e terminou em 1383-1385. Daí a expressão. Eça de Queiroz, referindo-se à época em que passou o seu "exílio administrativo" em Leiria (Portugal), fazendo um estágio para ser nomeado cônsul e lá escrevendo *O Crime de Padre Amaro,* caracterizou a população da cidade como "gente do tempo dos afonsinos".

[195] O *Aurélio*, hoje, registra habituado, acostumado. O *Houaiss*: que se acostumou; que se habituou; habituado.

Canto 12
No tempo do ipsilone

Meu professor Jesuíno…[1]
A *Carta* do Landelino:[2]
– *Um bê c'um a, bê-a-bá…*
"Argumento",[3] às sextas-feiras,
cruzado… pataca… Asneiras
e, a palmatória – pá! pá!…

Todos, fingíamos medo.
Era autêntico Azevedo
– botinas, quarenta-e-três…
Mas, tão bom, tão generoso,
que eu, gazeteiro, e teimoso,
de bolos – só "comí" seis…

– Vejo-o, ainda – ereto! – à banca,
a cabeça toda branca,
a meninada – a "cantar".
Disfarçados no concerto,
miaus, risadas. Que aperto,
era a conta de somar!

– "Dois e dois são quatro!" – o mestre
ensinava-me. Que adestre,
vida em fora, essa impressão,
jamais, como era na escola,
terei quatro, na cachola,
– e, a prova real, na mão…

O Livro de Felisberto[4]
– de quinta. Que céu aberto!
como gostava de o ler!
Gravuras lindas, sortidas
– borboletas coloridas,
cisnes… um trem, a correr…

Hoje, há os grupos escolares;
Pestalozzis[5] titulares,
conforme ao tempo convém.
– Sistema *Bayer*,[6] em tudo…
Rapidez. À fava, o estudo!
– não há o decreto 100?[7]

Junqueiro, em livro superno,[8]
"Velhice do Padre Eterno",
diz como um monstro se faz.
– Sem a mínima poesia,
dá, qualquer academia,
cem burros, por ano, e mais.

O "artista", um gênio, no assunto,
colando, ajeita ao bestunto
tinturas chochas. Olé,
Recife! Freqüência, nada!
– É mão de bedel "molhada",
farra, prosa, cabaré…

Currus, currus,[9] a carroça…
Fica nisso. E a enchente engrossa.
Que milagre, uma exceção!

E vence, o asno de canudo!
– Um, já foi (sendo, antes, tudo)
diretor... de Educação![10]

Eu, sem diploma, sem cursos,
escrevia-lhe os discursos
e, tão feliz, neles, fui,
que o burro – modéstia à parte –,
ao lê-los, com ênfase e arte,
nublou a fama de Rui...[11]

Como, afinal, não pudera
negar que eu asas lhe dera,
quadrupedou sobre mim
zurrando, ao ver-me no enxurro:
– *Possui talento, pra burro,*
mas, quanto a freio, é ruim!

Manes[12] de mestre Jesuíno!
Deus me livre do destino
que a tal burro deu laurel!
Antes, ser poeta ou vaqueiro,
do que – nascido sendeiro–, [13]
querer ser doutor de anel!

Anel que, apenas, exprime
um erro, um escárnio, um crime,
contra o país e a nação
– pois, em tal qual formatura,
quanto perde a agricultura
em café, milho ou feijão!

Em relação ao Direito,
como é troncho, esse sujeito!
Só o compreendo, afinal,
egresso de academia[14]
que adotasse a hierarquia
da… *Guarda Nacional*!

Se dos teus doutores (desses),
tu, pobre Brasil, colhesses
os anéis, para vender
– comprando milhões de enxadas,
a mais, quantas toneladas
de batatas irias ter!

E é de pasmar, que o jumento
já não tenha um monumento.
(Que poeta, em Natal, o tem?).
Cascudo! Esmeraldo! Jayme!
Edinor! Jorge![15] Escutai-me:
– vamos ser burros, também!

Que o Veríssimo registe,[16]
no folclore, essa triste
variante do *Que-é-que-é*…[17]
Ajudo-o nesse trabalho:
– já foi trunfo no baralho,
o tal burro. Hoje, é *melé*…[18]

Notas ao Canto 12

Cascudo! Esmeraldo! Jayme!: Luis da Câmara Cascudo, historiador, etnógrafo, nome internacional, cerca de trinta obras publicadas; Esmeraldo Siqueira, autor de *Caminhos Sonoros*; Jayme dos Guimarães Wanderley, autor de *Fogo Sagrado e Espinho de Jurema;* Edinor Avelino, poeta de *Sínteses*; Jorge Fernandes, filiado à poesia modernista, publicou *Livro de Poesias* e peças de teatro.[19]

Que o Veríssimo registe: Veríssimo de Melo,[20] jovem e já notável mestre do folclore publicou *Adivinhas* (1948), *Superstições de São João, Acalantos* (1949), *Parlendas, Rondas Infantis Brasileiras, Elogio de Jorge Fernandes.* Tendo prontos: *Superstições do Nordeste, Jogos Infantis, A chuva na tradição popular,* etc.

Notas

[1] **Jesuíno Idelfonso de Oliveira Azevedo** (Sítio Sombrio, Jardim do Serido/RN, 04.08.1846- Jardim do Seridó/RN, 21.08.1929). Professor, proprietário rural, político, vereador, diretor escolar e prefeito. Seus antepassados foram os fundadores do município. Dedicou a maior parte da longa existência ao ensino. Aos dezoito anos, combateu na guerra do Paraguai.

[2] **Landelino Rocha**. Professor pernambucano do século 19, autor do *Primeiro livro de leitura ou Carta do ABC para uso da infância*. A segunda edição é datada de 1873.

[3] Exame, prova oral.

[4] **Felisberto de Carvalho** (Niterói/RJ, 09.08.1850-Rio de Janeiro/RJ, 18.10.1898). Jornalista, músico, professor e autor de livros didáticos que deixaram marcas na memória nacional – editados pela Livraria Francisco Alves.

[5] Referência a **João Henrique Pestalozzi**, nascido em Zurique/Suiça no séc. XVIII (1746), considerado mentor e reformador da escola popular.

[6] **Johannes Bayer** (1564-1617). Astrônomo alemão que, em 1603, inventou um sistema (que levou seu nome) para classificar as estrelas de uma constelação, utilizando letras gregas.

[7] OM refere-se aos exames supletivos criados pelo Governo Federal.

[8] Muito elevado; superior; muito bom; ótimo, excelente.

[9] **Currus**. Em latim, significa carro romano de luxo, quadriga, carro de guerra e/ou carro do triunfo – por extensão (aplicação extensiva do sentido de uma palavra, locução ou frase): triunfo. Refinada e erudita ironia de OM, comparando o "triunfo" dos maus estudantes a uma simples e desengonçada carroça.

[10] **Anfilóquio Carlos Soares da Câmara** (Natal/RN, 25.10.1889 - Natal/RN, 16.06.1957). Bacharel em Direito, professor e jornalista. Encontrou OM no Palácio do Governo, como primeiro-oficial do Gabinete, em 1925, no governo de José Augusto, quando assumiu a Secretaria Geral do Estado. Era o manda-chuva, uma vez que o governador se interessava tão-somente por politicagem. Foi, depois, já noutro governo, diretor do então Departamento de Educação (1933-1935).

[11] **Rui Barbosa.** A "Águia de Haia".

[12] **Manes**. Almas dos entes queridos falecidos, na mitologia romana.

[13] Cavalo ou muar velho e ruim. Indivíduo desprezível por seu servilismo.

[14] Um vaticínio do poeta: Em 2009, egressos das dezenas de faculdades – públicas e particulares – existentes no Rio Grande do Norte, segundo a OAB-RN (Ordem dos Advogados do Brasil), apenas 29,7 % dos bacharéis em Direito formados conseguiram aprovação no exame da entidade: de 1083 candidatos, apenas 322 obtiveram êxito. Um dos dirigentes da entidade concluiu, enfático: "O nível baixo dos cursos em todo o país está refletindo negativamente no panorama do mercado profissional".

[15] Ver nota de OM.

[16] O mesmo que registre.

[17] Brincadeira que consiste na proposição de enigmas fáceis para serem decifrados; adivinha.

[18] Curinga, pessoa esperta, sem escrúpulos, que tira partido de qualquer situação.

[19] Todos os intelectuais citados por OM tiveram seus dados atualizados nas notas deste volume.

[20] **Veríssimo Pinheiro de Melo** (Natal/RN, 09.07.1921-Natal/RN, 18.08.1996). Jornalista, magistrado, etnógrafo, folclorista, compositor, violonista, professor.

Canto 13

Novenário da Conceição

Na tarde branca e fagueira,
ao levantar da bandeira,
que *tundé*,[1] no patamar!
Depois, a novena. E, note:
vem morena, de magote,
dos sítios – só namorar…

Na matriz, tanto do povo,
que ela mais parece um ovo
– pois não! – comparando mal.
Até *Simplício de Bento*,
que é trunfo no *Sacramento*,[2]
conformou-se com um portal.

Junto da sala da pia,
houve *ingonga*,[3] houve arrelia:
Dona Joaninha Galvão
cadeira bem cômoda usa;
pegando nela, uma intrusa
infincou-lhe o *muxicão*…[4]

As tribunas – *quilotadas*![5]
Na das cortinas bordadas,
com laçarotes azuis,
há tão garbosa morena
que, se fora Madalena,
não quisera, eu, ser Jesus!

Começou a ladainha…
Pálida, a Excelsa Rainha
é toda luz, no altar-mor.
Do bogari, cravo branco,
o enfeite geral (Ser franco:
o Céu não terá melhor!)

Numa arcada – a última –, sonso,
Pingando *oriza,*[6] Ildefonso
faz *cera*[7] mais Izabel.
A tia, embora não ouça,
rosna, fanhosa, pra moça:
–*"Tem modo! Isto é lá papel?*!"–

Furando, a custo, o vestíbulo,
o *croinha*,[8] com o turíbulo,
lá vai, a brasa buscar…
…e é brasa de *catingueira*![9]
– como estala, como cheira,
viva, assim, a balançar!

(Uma andorinha anda, tonta,
rente ao forro, ponta a ponta,
bate o peito no vitral.
– Imagem da Alma… – Criatura!
Não é que, então, a essa altura,
já eras sentimental?).

Enfim, um fervor imenso.
casto, o perfume do incenso
tudo envolve, no langor.[10]
Doce ovelha sertaneja!

tu inda crês que, na igreja,
quem mora é Nosso Senhor!

***

Lá fora, fervilha o beco.
É sequilho,[11] é doce-seco,
filhós, bom-bocado, angu.
Pr'uma toalha muito alva,
atenta, a negra Rosalva
tira alfenim, de um baú.

De levado, furtou, *Jóca*,
dez rosários de pipoca,
e *amufambou*[12] no chapéu.
Dá-lhe *Zuza*, u'a mofina:[13]
–*"Lambão*![14] *Tu hoje impanzina*![15]
"animal não vai p'ro céu!"–

Bráh!... virou um tabuleiro...
–*"Ui! Cadê o arcoviteiro*"?[16]
–*T'aquí o fósco, rapaz!"*–
Mas, *Tonho*, a trinar de raiva,
Diz, quase chorando, ao Paiva:
–*"Derramou-se todo o gás!"*

No patamar, seu Veríssimo
bate no peito. É o *Santíssimo*.[17]
Repique. Rescende, o altar.
Viva, a música sapeca[18]
uma polca de *Tonhéca*.
Rompem cem fogos-do-ar.

Tudo quanto é de menino
cerca *Tota de Davino*
que chegou de São José
e anda no pátio, afobado,
revendo as *peças*,[19] ao lado
do provedor, *Zé Tomé*.

Esta novena é de arrojo!
(A dos casados, fez nojo…)
— *"Cipriano, cadê você?*
"se de apostar ainda fala,
perde o castão da bengala,
os aro do pincenê![20]"—

Por capricho dos solteiros,
há dez balões com letreiros.
— *"Já viu tanta roda*[21] *assim*?"
— *"Diz-que é um calunga*[22] *que pula*,
"bate pilão de cAssula[23]
"com um tiro baita, no fim!…"

—*"E, o mamulengo*,[24] *é lá nada!*
a ingrizia[25] *mais topada,*
é aquele painé[26] *da cruz!*
— *Mostra, parando a carrera,*
a imagem da Padroera,[27]
cum trinta estrelas azuis!"—

***

Voz lindíssima, argentina,[28]
morre no coro, em surdina,

em louvor da Conceição.
Finda, a noite. Mas é gente!
– pelos oitões, pela frente,
sai moça, de borbotão!

–"Óia o chourisco![29] *O arrôi-doce"–*
–"Quero é castanha!"–"Cabou-se!"
–"Compre canjica, seu Lau!"
–"Tá beba, cabrocha? Figa!
"compro lá dô de barriga?
num vê qu'eu gasto mingau?"

***

Que *putici*,[30] lá na esquina!
– é o cosmorama.[31] *João China*
vai olhar, mais *Punaré.*
(A "vista" é a Vênus de Milo).
–"Cumpade! Ô farta de estilo!
"venha vê se toma pé..."

O outro espia, desconfiado;
gosta... Fica embasbacado,
mas, conclui, cheio de dó:
–"Muié dama[32]*... E foi doença!*
"Óia, é cega de nacença,
e tem os braço cotó!"–

Acácio furou um "fole",
mas apanhou que está mole...
Vem preso – *"Óia um bom freguêi!"–,*
diz o soldado. – *"Num broma*[33]*!*

"lodaça[34] *é fruita de goma,"*
"vai tê beiju no xadrêi"

***

A *entrega da noite*,[35] às nove.
Fogo-de-lágrimas…[36] Chove
verde… azul… chovem rubis…
Duas "lágrimas" vermelhas
caem, chiando, nas telhas
da solitária matriz…

Meigo, nos longes da estrada,
fere *Ilusão Desfolhada*,[37]
um fole, chorando em lá…
Voga,[38] na aragem do estio,
um cheiro casto e macio
de mofumbo e resedá.

***

O último dia. Os noivados:
– os noivos, sempre engomados;
as noivas – de olhos nos pés…
……
Brada o leiloeiro, já rouco:
– *"dou-lhe três!…"*–Valsa. Pipoco.
– Um melão, por cem mil-réis!

Na manhã quente e radiosa,
trescalando a malva-rosa,

quanta saudade a boiar!
Perpassam *rojões*[39] amenos
de violas, repiques, trenos,
risadas dispersas no ar…

Às onze, a missa cantada
foi linda, toda floreada
nos tons menores de ré
(– "*Vi* – contou-me Dona Dirce –
mais de uma Assucena abrir-se,
no bastão de São José!").

A própria Virgem, dir-se-ia,
pede ao Senhor, na harmonia
do Seu sorriso sem véu:
"Fique nas onze, parado,
o sol, ponteiro dourado
do omega[40] imenso do Céu"…

Mas, logo é a tarde, o que resta!
Não é que, em tempo de festa,
o pêndulo, é o coração?
Goza esses breves enganos,
tu, que tens trezentos anos
só de tristeza, Sertão!

***

O espiritista Macário
quase briga com o vigário,
por causa de *Alan Kardé*:[41]

– era o nome do afilhado…
Fez-se, enfim, o batizado;
selou-se a paz – com rapé!

Por que não, se o padre é um santo?
Lidou tanto, perdoou tanto,
que anda curvado, a tremer…
A cabeça, alva, é um capulho,[42]
esgarçado ao sol de julho…
– São Marcelino[43] há de ser.

A procissão…Vai na frente,
oscilando, docemente,
a Virgem, no seu andor.
De um lado e de outro, meninas.
O sol acende cravinas[44]
nas pedras do resplendor…[45]

Colchas de seda, às janelas.
Mais rica, entre todas elas,
– que lindo contraste faz! –
é a de damasco encarnado,
no azulejo do sobrado
do abagão[46] José Tomás.

Quem não tem seda, se arranja
com qualquer pano de franja,
pois, o que voga, é a intenção.
Mesmo uma singela toalha,
quem é que diz que não valha
este preito à Conceição?

Toca a *Euterpe,*[47] caprichosa,
uma valsa bem cheirosa…
– o conjunto é firme e é bom!
Quinze figuras. Mas, vale!
Essa banda é mesmo o *diale*,[48]
com João Aprígio ao pistom!

Sopra o trombone-de-vara,
Cadete Felipe (a cara
papuda, que nem mamão).
Fumaça é o do bombardino.
Magro, alto, Antônio Sabino
pinica[49] no carrilhão![50]

Artur Aprígio é o da caixa,
mas a pose não relaxa
– e quanta inveja me faz!
Por que inveja não sentires,
do flautim de Heráclio Pires,[51]
tinindo[52] agudos marciais?

Sobre a valsa, quando a quando,
floreia um bemol, lembrando,
na melodia louçã,[53]
um sabiá envultado[54]
no clarinete magoado
do cabra *José Canã…*

E há outras figuras grandes:
o mestre Manoel Fernandes,
o Mozart do Seridó,

aí trouxe a requinta à festa.
Esse concurso que empresta,
vale uma banda – ele, só!

***

Vejam! Baracho *Condessa*,
com um tijolo na cabeça,
reza, ao pé da santa cruz!
Velho tutu[55] sertanejo!
– quinze mortes, por um beijo!
– João Valjean,[56] junto a Jesus…

De opa[57] roxa, o velho Freitas
esturra[58] com os nova-seitas,[59]
num tom rezingueiro[60] e mau…
Berra o escrivão, da varanda:
–*"Capa-verde*[61] *aqui, não manda!"*–
E quase que havia pau…

No sobradão da Intendência,
somente por *influência*[62]
das *meninas*[63] do Juiz,
baile – obrigado a quadrilha
–*"Trevessê!"*– Que maravilha!
Marca, "em francês", seu Mariz…

A pobre Rita *da Rama*
tem um moleque de cama,
morrendo de inflamação:
foi apoitar[64] a taquara

de um foguete que falhara,
e a bomba estourou na mão…

Já a girândola,[65] domingo,
comprado o fogo no gringo,
Zuca Caloti, falhou.
Por isso – bem empregado! –,
Salitre falsificado,
é o apelido que pegou…

"Ah, fogueteiro porróia"–,[66]
disse o noiteiro,[67] João *Góia,*
danado, a Pedro de *Biu*.[68]
Ajunta *Tóta* Germano:
–"Afiná, é o intaliano
mais ruim, que a Intália cuspiu!"–

Fecham-se as casas, de novo…
– dois terços ficam sem povo.
Que tristeza, em tudo cai!
Quanta cabeça fervendo!
Quem fica – só mesmo vendo!
– Que dirá de quem se vai?

Notas ao Canto 13

Tundé: Vozeria, barulho. Veja-se o verbete "tribuzana", em Notas ao Canto 5.

Ingonga: Complicação, encrenca. Veja-se anotação a angu, no Canto 11.

Muxicão: Beliscão.

Oriza: Óleo de toucador, finamente perfumado, de fabricação francesa e que, há 40 anos, foi muito usado pelos pacholas,[69] bonitões do sertão. Com ele, se besuntavam vastamente a cabeleira e os bigodes…

Cera: Veja sinonímia desta expressão, no Canto 7, Notas.

Croinha: Menino ou rapagote que ajuda a missa, usando batina e sobrepeliz,[70] no ato. Espécie de auxiliar de sacristão.

Catingueira: Leguminosa, *Cesalpinea gardneriana*. É, com o angico (*Pithecolobium gummiferum),* a mais famosa lenha do sertão.

Amufumbar ou amofambar,[71] esconder, enfurnar, encafuar. Deriva de mofumbo (*Viborgia polygaliformis*), arbusto rasteiro, vicejando em tufos crespos, verde-cinza, à beira dos rios e córregos. Floresce em delicados corimbos[72] brancos, muito cheirosos.

Alcoviteiro: Pequeno candieiro, de folha-de-flandres.

Sapecar: Jogar com força, com vivacidade.

Peça: Fogo de vista, "roda", engenho pirotécnico, dos quais havia a mais caprichosa variedade, durante as noites de novenário da padroeira, em todas as cidades do sertão.

Mamulengo: Calunga, boneco (marionete). Alusão, na sextilha, a um dos fogos de artifício exibidos na festa.

Putici (Potici): Grande quantidade, multidão.

Mulher-dama: Prostituta.

Bromar: Degenerar (desonerar), falhar.

Lodaça: Veja-se anotação à palavra goga, em Notas ao Canto 4.

Diale: Diabo. Veja-se anotação à palavra droga, no Canto 4.

Pinicar: Beliscar. Bater rápido, miúdo. Significa, também, esporear vivamente a montada. No *argot*[73] automobilístico, a expressão, já de há muito circula pacificamente, na significação de acelerar a marcha, chispar, enrolar, queimar, pisar.

Carrilhão: Lira. Instrumento de percussão, usado antigamente nas bandas de música. Tinha o formato de uma lira, alongada, com barras paralelas, de metal niquelado, diminuindo de tamanho em direção ao ápice, e nas quais batia o músico, com uma hastezinha de ferro.

São Marcelino: Todo este poema, desde a primeira página, vê-se logo, é uma apologia, uma defesa do sertão e da admirável gente – vítimas, imbeles[74] e resignadas, do celerado abandono a que, de trezentos anos a esta época de atômica superfetação[75] da democracia, os relegaram, os políticos e o governo da república; vítimas da imbecil ironia de muitos "escritores' e "poetas" grã-finos, irmãos desnaturados, caluniadores de Jeca Tatu e Manoel Xiquexique, que aqui continuam a lutar sozinhos, pegando queda de corpo com o sol, para gáudio do parasitismo dourado dos "mestiços neurastênicos do litoral".

A expressão anotada inspira-se nas recordações de infância do Autor, quando via ele, na figura do pároco de uma freguesia, a encarnação da pureza e da bondade dos velhos ministros da Igreja, e cujas mãos eram beijadas, a cada encontro do dia, por todos os habitantes do lugar.

Seguem umas notas biográficas, devidas à incansável prestimosidade do Dr. Heráclio Pires, que já ilustrou várias das presentes Notas. Delas ressalta, simpática e original, a personalidade do vigário de Jardim do Seridó, naquela época (1899-1908), e evocada no poema:

> "Era paraibano, e chegou ao Jardim em fins de 1899, como vigário. Foi um dos melhores homens – padres, sobretudo – de quantos tenho conhecido. Quando aqui chegou, já beirava pelos oitenta anos, trazendo uma velha criada e uma moçoila, que era sua sobrinha. O padre Marcelino Rogério dos Santos Freire era tio legítimo do major Umbelino Freire de Gouveia Melo, que foi administrador dos Correios, em Natal. A indumentária do velho sacerdote era o que havia de mais pitoresco, e assim o vi milhares de vezes. Avalie o amigo como ele resolveu o caso do preço, então elevadíssimo, dos chapéus sacerdotais: chamou a um dos nossos mais hábeis "carapuceiros" (fabricantes de chapéu-de-couro), deu-lhe todas as medidas, e mandou fazer um chapéu de couro para o seu uso diário, com o formato dos chapéus de padre; depois de bem pintado a *Nubian*,[76] ficou mesmo um belo chapéu. Restava o caso da batina, o que, entretanto, não embraçou o nosso herói: mandou costurá-la de brim preto, com a dupla vantagem de ser mais fresca, neste rigoroso clima do sertão, e mais econômica! Veja que tudo ele resolveu sem ferir as exigências litúrgicas ou canônicas e, portanto, merecia

> aplausos. Também conheci aqui um oficial da nossa polícia e que, um belo dia, me apareceu no balcão (o Dr. Heráclio manteve uma ótima farmácia, em Jardim, por alguns decênios) com uma farda… de brim preto! Com os respectivos galões e botões próprios; menos, apenas, o cinturão… Censurando, eu, a propósito, o mau gosto da nossa polícia, em adotar tal fazenda para os seus oficiais, ele me respondeu, com a maior naturalidade, que absolutamente não se tratava disso e, sim, que havia mandado confeccionar aquela farda funérea, porque lhe havia morrido o pai! […]. Voltando ao padre Marcelino: aqui passou ele cerca de 8 a 10 anos, durante os quais amealhou alguma pecúnia. Voltou à Paraíba, onde D. Adauto o agraciou com o título de Cônego. Ali morreu, com mais de 90 anos de idade."

Influência: Jovialidade, comunicabilidade. Também significa namoro (Veja-se Nota à palavra "chamego", no Canto 7). Lembre-se, aqui, que, no sertão, o termo *influência* só é tomado em acepção platônica.

Menina: Invariavelmente usado no plural. É um diminutivo familiar de filha. O matuto, em vez de – filhas – diz, sempre, e em especial se se trata da parentela ou de pessoa de sua amizade íntima, as meninas de Fulano ou de Beltrano, e por mais velhas que elas sejam. Somente se refere a filhas ou moças, em tratando de filhas de gente de categoria muito superior às do seu meio, e estranhos a este. Até mesmo as filhas do juiz de Direito da comarca mereciam o carinho geral do diminutivo, pois o juiz, embora a mais alta autoridade local, universalmente respeitada, consultada e querida, era, com raras exceções, pessoa do casco da fazenda,[77] um filho do sertão, que fora "tirar a carta"[78] e viera morar entre a sua boa gente – com os mesmos hábitos, a mesma psicologia, os

mesmos recalques, os mesmos preconceitos, superstições, e cacoetes prosódicos.

Porróia: Sem valia, ruim, desprezível (é adjetivo). Porqueira (Idem). Veja-se a palavra "tiborna" e sua sinonímia, em Notas ao Canto 4).[79]

Notas

[1] Ver nota de OM.

[2] Sinal sagrado instituído por Jesus Cristo para distribuição da salvação divina àqueles que, recebendo-o, fazem uma profissão de fé. São sete: o batismo, a confirmação ou crisma, a eucaristia, a penitência ou confissão, a ordem, o matrimônio e a extrema-unção.

[3] Ver nota de OM.

[4] Idem.

[5] Idem, idem.

[6] Ver nota de OM.

[7] Idem.

[8] Idem.

[9] Idem.

[10] Languidez.

[11] Bolinho seco e farináceo, feito, em geral, de polvilho de araruta.

[12] Ver nota de OM.

[13] Repreensão, chamada, esporro, descompostura.

[14] Aquele que se lambuza ao comer; porcalhão, imundo.

[15] Empanzina-se, empanturra-se, abarrota-se.

[16] Alcoviteiro ou periquito: candeeiro de pequeno formato, feito de folha-de-flandres e com pavio de algodão; bibiano, corriqueiro, fifó, mexeriqueiro.

[17] O sacramento da Eucaristia.

[18] Ver nota de OM.

[19] Idem.

[20] Óculos sem haste que uma mola prende no nariz.

[21] Roda-de-fogo, artefato pirotécnico.

[22] Boneco pequeno.

[23] Trabalho realizado por duas pessoas que socam ao pilão produtos como arroz, café, milho etc., alternando os movimentos de elevar a mão (peça do pilão) e de abaixá-la para amassar ou triturar o produto. Movimento característico dessa atividade ou trabalho; sula.

[24] Ver nota de OM.

[25] Ingresia, qualquer coisa complicada.

[26] Painel.

[27] A padroeira de Jardim do Seridó/RN: Nossa Senhora da Conceição

[28] De timbre fino como o da prata (voz, som).

[29] Chouriço. Enchido de porco, cujo recheio é misturado com sangue e curado ao fumo.

[30] Ver nota de OM.

[31] Série de fotografias de vários países observadas por aparelhos óticos que as ampliam. Aparelho com que se observam essas vistas. Lugar onde se expõem.

[32] Nota de OM. **Sinonímia:** acompanhante, abre-abre, alto bordo (das elites), andorinha, aranin, argentina (loura), ave, buceta de ouro (prostituta nova), bagaxa, bagaço, bagageira, bagaxa, balalaica, barca, baronesa (prostituta velha),barca, basila, BBC (boca, boceta, cu), bicha, biraia, biriba, bisca, biscaia, biscate, bofe, boi, bruaca (prostituta velha), boneja, brega, bregueira, broa, bucho, cabaço de todos, caborge, cação, caçarola, cachorra, cadela, camélia, canganha, canguicha, cantoneira, carapanã, carcaia, caridosa, carne nova, carniça (com doença venérea), carro novo (prostituta nova na atividade), casca de jaca, catenga, caterina, catraia,cabrinha, camélia, chandoca, china, chuteira, cipuína, clori, coco, cocote, comida, côngria, chobrega,coquinho, cotruvia, couro, couro de tambor, cróia, crota, cuia, culatrão, dadeira, dama, decaída, doidivana, égua, ervoeira, escrachada, escrava branca, escarradeira humana, esquinista, fadista, fardeira, feme, fêmea, findinga, frega, frete, frincha, fuampa, fubana, fuleira, fúnfia, fusa, gabirua, gado, galdéria, galinácea, galinha, galinha de pé roxo, galinha morta, galinha-polaca, galiquenta, galvinhão, ganapa, gansa, garota de programa, gata, gatuna, geobra, girafa, gira-bolsinha, giradora de bolsinha, guampa, guerreira, hetaira, horizontal, jereba, jerianta, jupira, juruveva, laranja-caída-na-estrada, lascada, léia, leona, libélula, livre, loba, loureira, madalena, madama, malote, mangue, maquininha, marafaia, marafona, marca, maria-do-cais, mariposa, marmita, messalina, menina de programa, michê, michela, mija-homem, militriz, minestra, minólia, minota, miraia, moça, moça-dama, moça-do-facho, moça-do-fado, morubixaba, mosca, mulher, mulher alegre, mulher à-toa, mulher cabreira, mulher da comédia, , mu-

lher-duvidosa, mulher da zona, mulher de bará, mulher de janela, mulher porta aberta, mulher de porta de quartel, mulher-de-soldado, mulher de vida fácil, mulher do facho, mulher errada, mulher do fado, mulher do fandango, mulher do mundo, mulher do pala aberto, mulher errada, mulher perdida, mulher pública, mulher solteira, mulher da rua, mulher da rótula, mulher da zona, mulher-dama, mulher de amor, mulher do mundo, mulher de má-nota, mulher de ponta de rua, mulher perdida, mulher vadia, mundana, murixaba, muruxaba, na vida, orinéia, ostra, paloma, pataqueira, pécora, peixe fresco, pelherma, penga, perdida, perua, perva, perversa, piguancha, pinica, piniqueira, piranha, piranhuda, pirara, piroqueira, pistoleira, piturisca, polaca, prejereba, prima, putana, profissional do amor, puara, puriba, puta rampeira, putanesca, putanete, putéfia, putete, putinha, putona, quenga, querrenca, rabaceira, rampeira, rampideira, rapariga, rascoa, ratuína, reboque, respeitosa, roda-bolsinha, rota, rongó, run-run-run, solteira, surrubango, sutanha, taioba, tamanqueira, tambor de guerra, tampa, tia, tigrona, tiro-a-esmo, tolerada, torta, trabalhadeira, trabalhando no desvio, transviada, traviata, trepadeira, trem da central, tronga, uru, vaca, vagabunda, vaqueta, vasculho, veadinha, ventena, vênus de rua, vigarista, vigara, vulgífara, xandra, xerete, zabaneira, zoina, zunga.

[33] Ver nota de OM.

[34] Ver nota de OM.

[35] **Entrega da noite**. Horário do encerramento das práticas religiosas, no interior da igreja.

[36] Fogo-de-bengala. Fogo de artifício que, sem fazer barulho, arde produzindo belos efeitos multicoloridos.

[37] OM pode ter se enganado no título da música (*Ilusão Desfolhada*). Popular, na década de 1930, foi a valsa *Rosa Desfolhada*, de Zequinha de Abreu e Dino Castello, gravada, em 1929, pela Orquestra da Rádio Central, no Rio de Janeiro.

[38] Percorre, navega, flutua.

[39] Entre os cantadores de desafios, breves trechos musicais executados em viola e/ou em rabeca, antes de se iniciarem os versos, geralmente em andamento mais rápido que a cantoria; baião.

[40] Relógio Omega, suíço, de alta qualidade.

[41] **Allan Kardec**. Ver no ensaio sobre Ferreira Itajubá.

[42] Cápsula dentro da qual se forma o alvo algodão.

[43] **Padre Marcelino Rogério dos Santos Freire** (Vigário de Pedra Lavrada/PB, de 1860 a 1870 e de Jardim do Seridó entre 1899 a 1908). Ver nota de OM.

[44] Planta ornamental, com muitos caules ramificados, da família das cariofiláceas (*Dianthus plumarius*), de cuja espécie se obtêm numerosas variedades; cravo-bordado.

[45] Peça, adereço, das imagens dos santos. Círculo dourado ou peça de metal circular com que pintores e escultores circundam muitas vezes a cabeça de Cristo, da Virgem e dos santos.

[46] Veríssimo de Melo – depois de OM, portanto –, em 1977, registrou para abagão: figurão, maioral, coronel (*Folclore brasileiro: Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro, Funarte, 1977, p.1416). *Houaiss* aponta abegão como"administrador ou feitor de quinta ou herdade e/ou encarregado de abegoaria". *Aurélio*, também para abegão, diz se tratar de homem da abegoaria (lugar onde se recolhe gado e/ou se guardam utensílios de lavoura, carros, etc.) e/ou feitor de propriedade.

[47] Deusa da música e da poesia lírica. Nome comum dado às bandas de música, à época. Centenária, ainda existe, em Jardim do Seridó, a "Euterpe Jardinense", de que trata a sextilha.

[48] Ver nota de OM.

[49] Idem,

[50] Idem, idem.

[51] Ver Notas ao Canto 1.

[52] Soando (o metal) aguda ou vibrantemente.

[53] Provida de adorno; enfeitada, louçainha, garrida, vistosa, ataviada.

[54] Escondido, enfeitiçado.

[55] Monstro imaginário com que se faz medo às crianças; bicho-papão, bitu, boitatá, coca (ô), coco (ô), cuca, imba, papa-gente e (bras.) manjaléu, mumuca, papa-figo.

[56] **Jean Valjean**. Personagem principal do celebrado romance *Os Miseráveis* (1862), de Victor Hugo, narrando a revolução política ocorrida em 1830, que derrubou o reinado de Luís Filipe I, da França, através da história de

um cidadão francês da época. Jean Valjean é preso e condenado a cinco anos de prisão por roubar um pão para alimentar-se, porém a pena estende-se devido às diversas tentativas de fuga, que lhe renderam longos 19 anos de cárcere. O livro narra esse período de sua vida, bem como tudo o que aconteceu após Valjean ganhar liberdade condicional.

[57] Espécie de capa sem mangas, com aberturas por onde se enfiam os braços, usada pelas confrarias e irmandades religiosas.

[58] Resmunga, exalta-se, inflama-se.

[59] Indivíduos que aderem ao protestantismo; crentes, "bíblias".

[60] Rabugento, ranheta.

[61] O diabo.

[62] Ver nota de OM.

[63] Idem.

[64] O termo, formalmente, é de marinharia – lançar poita. Fundear em poita (espécie de âncora). Nos folguedos infantis significava correr atrás, disputando com os companheiros, a posse dos restos dos balões, das taquaras dos fogos de artifício, das pipas (corujas, papagaios), "cortadas" pelo cerol (mistura de cola de madeira e vidro moído que as crianças passam na linha dos papagaios para cortar as de outrem; cortante, preparo).

[65] Roda ou travessão em que se reúne certo número de foguetes, que sobem e estouram simultaneamente. O conjunto dos foguetes assim reunidos.

[66] Ver nota de OM.

[67] Cada uma das pessoas incumbidas de concorrer, financeiramente ou por outros meios, para o brilhantismo das noites de novena das festas públicas de uma igreja.

[68] **Biu**. Apelido de Severino, principalmente na Paraíba.

[69] Madraço, mandrião; farsola, farsante; patusco. Indivíduo pedante, cheio de si. Indivíduo de elegância duvidosa. Homem femeeiro, mulherengo.

[70] Veste branca, com rendas ou sem elas, usada pelos clérigos sobre a batina.

[71] Ocultar em lugar escuso, em mofumbo; esconder, ocultar. Amofumbar.

[72] Inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior.

[73] Palavra do idioma francês. Jargão ou linguagem específica, utilizada por um grupo de pessoas que compartilham algumas características comuns, como categoria social, profissão, procedência ou gostos.

[74] Que não é belicoso; não beligerante.

[75] Coisa que se acrescenta inutilmente a outra; excrescência, redundância.

[76] Antiga marca de tinta para calçados.

[77] No Ceará, a expressão "ficar no casco da situação", significa, segundo o *Aurélio*, "perder (o fazendeiro), numa seca, todo o gado, restando-lhe só as terras da fazenda; perder ferro e sinal".

[78] Formar-se, diplomar-se, "botar o anel no dedo", geralmente em Recife/PE.

[79] O *Houaiss* regista forróia: égua velha.

Canto 14
Roteiro dos diamantes

Foi meu primeiro segredo,
flor de sorriso e de medo,
corada ao sol do Jardim…[1]
(Que pena da sertaneja!)
Acaso – se mais não seja –,
lembra-se, às vezes, de mim…).

Ó quadras da primavera!
Tanto sonho! Quem me dera
meus sonhos, todos – aí!
Sim! Nessa estância serena,
rever a esbelta morena,
minha tímida *Ceci*![2]

Paixão lírica, inocente,
suspiros, ciúmes, somente
– e um beijo, num malmequer…
Deu-me um cacho de cabelo,
um dia. – *"Não vá perdê-lo!*
"queime ele, se não quiser!…"

Serões do Natal, nas vilas,
essas Betânias[3] tranquilas,
cheias de aroma e clarão!
Terços, fobós,[4] farinhadas…
Moças de tranças floradas
de cravo e manjericão!

Uma, vivaz, de olhos pretos,
pediu-me "as Festas".[5] – *"Sonetos,*
queres menina?" – *"Num sei..."* –
E, porque tal não bastasse,
um beijo doido, na face,
foi a "festa" que lhe dei...

Fartura, paz, alegria!
Nem, ao menos, se sabia
do bom do Papai Noel...
– Pra que, se a gente sambava
toda a noite, e ainda esquipava[6]
na droga do carrossel?

O mês de maio era um drama:
– trinta e um dias em chama
o coração a aspirar
o cheiro de fruta brava
que "ela", passando, deixava
na aragem crepuscular...

Se escuto, ainda hoje, um sino,
batendo triste, argentino,
a um pôr-do-sol, no meu ser
vibra a acústica dorida
da Saudade – urna pendida
dentro d'alma, a rescender...

Sabiá, lira da tarde!
Enquanto o crepúsculo arde,
no *flamboyant* todo em flor,

na pauta da ave-maria,
saudade e saudade envia,
às donas do meu amor!

Todas, lindas, todas, puras!
Castas, esquivas criaturas,
de olhos úmidos de luz…
Ah, sertão rude e distante!
– velha mina do diamante
que tantas jóias produz!

Notas

[1] O município de Jardim do Seridó. Desmembrado de Acari/RN, em 1º de setembro de 1858, pela Lei nº 407, o povoado de Conceição (dos Azevedo) passou a município com a denominação de Jardim. A Lei Estadual 703, de 27 de agosto de 1874, para diferenciar de Jardim de Angicos, o município passou a ser chamado de Jardim do Seridó.

[2] Diminutivo de Cecília, personagem de *O Guarani*, de José de Alencar, filha de D. Antônio de Mariz, fidalgo português; protegida e amada de Peri, o herói do romance, um índio.

[3] Referência à Betânia ou Bethânia, aldeia em Israel, próxima de Jerusalém e do Monte das Oliveiras. É mencionada diversas vezes (doze, mais exatamente) na Bíblia, como tendo sido visitada por Jesus Cristo. Deu origem a nomes de diversas localidades em todo o mundo, de acordo com as variantes em cada idioma, por exemplo, *Bethany*, em inglês. Originou igualmente o nome feminino Betânia, pois era onde morava a irmã de Lázaro, Maria de Betânia.

[4] Bailes populares; arrasta-pés; reuniões informais, geralmente familiares, para dançar.

[5] Presentes trocados especialmente por ocasião da passagem do Natal.

[6] Realizar (o cavalo) a andadura, denominada esquipado (andadura na qual este levanta simultaneamente o pé e a mão do mesmo lado).

Canto 15
Minha viola a chorar

À tarde, o langor sidéreo[1]
cai no humilde cemitério,
em vaporosas visões.
Minha mãe dorme, a um cantinho…
Sua alma de passarinho
chora, nas minhas canções.

Que, um dia, também, ao lado
desse túmulo escalvado,[2]
possa – esquecido! – dormir!
Nem pedra, nem cruz. Por cima,
apenas, a agreste rima
de uma jurema – a florir…[3]

(O corpo dorme. É outro, o ritmo
da Alma – ardente logaritmo,
que só com o Ideal condiz.
Que vale, pois, um letreiro,
sobre o nada passageiro
da crisálida infeliz?).

O epitáfio mais pomposo,
a quem, porventura, o gozo
do que não teve, dará?
– Na vala comum, não dorme,
o diamante rude e enorme
do crânio de Itajubá?[4]

E eis o que este te diria,
sem a santa hipocrisia
do que te disse – por Deus!
Vê quão fiel se te ajusta,
Natal, cidade-Locusta[5],
Cornélia…[6] de filisteus!

–"A terra onde tenho o nome,
mata os poetas – de fome.
Profeta, nenhum se viu…
A parábola de Cristo
não teve melhor registo,
mais dura não se cumpriu!

"Moura-torta[7] de poetas!
Em minha vida, completas
o que fizeste aos demais!
Não venhas, depois, no trilho
dos meus versos: – Ai, meu filho! –
carpir,[8] madrasta mendaz![9]

És linda. Iara[10] morena,
pulando da água serena
do Potengi,[11] a cantar,
nua, à sombra dos coqueiros,
perfumada de cajueiros
– os seios furando o mar…[12]

–Jamais quiseste, entretanto,
ouvir o amoroso canto
de um filho. Formosa e cruel,

à míngua os matas. E, calma,
lhes negas tivessem alma.
És mãe — como a cascavel…[13]

Porventura, alguma estátua
já ergueste, cabocla fátua,[14]
a quem fosse meu irmão?
Se a políticos se faça,
quando farás, e em que praça,
a de Alberto Maranhão?[15]

Órfão de paz e conforto,
que importa — depois de morto —
teus remorsos merecer?
Maldita sejas se, um dia,
tentares, hiena impia,
as cinzas me revolver![16]

De resto, não m'as perdeste?
Melhor destino, foi este,
que o de um rótulo em latim
— língua de enterro e de foro,
em que se diz que foi de ouro
tanta vasilha ruim…

A glória a que aspiro — a única —,
a que há de ser minha túnica,
mais sagrada que a de um rei,
posse, intangível, se planta
na alma do povo — que canta
as canções que lhe ensinei!

Conceito geral, que a História
tem dado à palavra – glória –,
Que pesas, sem a exceção?
Quem, no tempo, é mais gigante:
Francisco de Assis ou Dante?
O Cérebro, ou o Coração?

Nascido sobre palhinhas,
mais humilde que as rolinhas
– nu e Só, morre na Cruz…
Que Papa, na História inteira,
vale um átomo, da poeira
das jornadas de Jesus?

Feliz, quem possa, chegado
do mundo, ao Céu estrelado,
alto, à Consciência, dizer:
–*"Amei!"* Por amor, somente,
vir à terra, novamente,
sofrer! Batalhar! Viver![17]

Notas ao Canto 15

Itajubá: Manoel Virgílio Ferreira Itajubá, nascido em Natal, em 21 de agosto de 1875. Foi o maior poeta do Rio Grande do Norte, em todos os tempos; o legítimo criador de nossa poesia regionalista, renovador incontestável da lírica potiguar. E, tudo, franciscanamente desprovido de cultura literária – de cultura de qualquer natureza. Espécie de rude Burbank[18] da poesia, mago plebeu, enxertando no carcomido tronco do salgueiro portucalense – já transplantado da Inglaterra, com Byron, e, da França, com Lamartine[19] e Chateaubriand –,[20] selvas olorosas, aromas acres e salubérrimos de cajueiros e maçarandubas agrestes.

Arrastou – e, por que não? – uma existência misérrima, salteada de privações estomacais, de humilhações de toda espécie, negado, desamparado, ridicularizado, hostilizado pelos filisteus e pelos políticos. Estes, ao tempo, parece que premonitoriamente desconfiados dos flamantes discursos de Itajubá, em passeatas e greves de operários, apenas lhe não pespegaram a cominatória de "comunista"– [21] como a outros, depois, aconteceu – porque era temporã,[22] essa pecha, posteriormente a 1935 tão cômoda de aplicar ao canastro[23] dos que não liam pela cartilha dos "democratas", dos "cristãos" no poder.[24]

Morreu no Rio, em leito de indigente, num hospital, em 30 de junho de 1912, "vítima de um médico que não acreditava na assepsia", conforme o autorizado testemunho de Câmara Cascudo, em *Alma Patrícia* (1921).

Seu enterro, numa aspérrima tarde de inverno carioca, foi feito às expensas de conterrâneos, pelo caridoso intermédio de Aristóteles Costa e Eloy de Souza. As cinzas, por este último

trazidas para Natal, perderam-se, jogadas a uma vala comum, durante a última reforma efetuada na Igreja do Bom Jesus das Dores, na Ribeira, onde tinham sido depositadas.

Há dois livros de Itajubá, publicados: *Terra Natal* (1914), pela Tipografia do Instituto Histórico, e *Harmonias do Norte* (incluindo uma segunda edição do primeiro, e sob o título de *Obras completas*, 1927). São livros muito raros, hoje, e cremos que não foi além de duzentos exemplares, cada tiragem.

Eis uns versos, destacados do primeiro (Canto XXXII) e que bem eloqüentemente atestam o que sofreu Ferreira Itajubá "da moura-torta de poetas":

> "Caridade, não há, pois tenho padecido
> fome e sede, e sei como é viver mal vestido,
> e passar, na existência, uma semana inteira,
> pobre de pão na bolsa e água na cantareira!"

Uma canção, de *Harmonias do Norte*, que reúne as melhores poesias, inclusive seis a oito "modinhas", lindíssimas, musicadas por Eduardo Medeiros, Cirilo Lopes, Virgílio Carneiro, e outros.

Esta tem a solfa do primeiro desses compositores:

> "BARCAROLA
>
> Não te recordas querida,
> Da noite em que nos beijamos,
> Sob a frescura dos ramos
> Da laranjeira florida?
> Gemia a viola na aldeia,
> A brisa um hino entoava,
> E a luz da lua inundava
> A terra – de rosas cheia.
>
> Lá na planície da serra,
> Junho alourava as espigas.

Vinham de longe, as cantigas
Das moças de minha terra,
Quando te vi, linda flor,
E da noite à doce calma,
Derramaste na minha alma
O eflúvio do teu calor.

Saudade! Quanta saudade
Da noite em que, ao céu sereno,
Tu me abriste o seio, pleno
De aroma e de mocidade!
A sombra da laranjeira,
Por ti, visão da alegria,
Do meu beijo a cotovia
Cantou, pela primeira vez!

Tu esqueceste os ditosos
Domingos embalsamados,
E os cantos apaixonados
Dos jangadeiros saudosos
Que, ao céu transparente e azul,
Do estio nas tardes belas,
Passavam, moldando as velas,
Abertas ao vento sul!

Tudo esqueceste, e mais nada
Resta, em tua alma enganosa,
Dessa paixão desditosa,
Dessa ilusão desfolhada
Que eu lembro todos os dias,
Pensativo, a cada instante,
Ó lavandisca inconstante
Das areias alvadias!

Talvez que essa alma não possa
Acreditar, nunca mais,

Nos teus beijos aromais,
Nos teus sorrisos de moça!
Oh, meu doce malmequer,
Que me deixaste em janeiro!
como tudo é passageiro,
no coração da mulher!"

O escritor José Bezerra Gomes,[25] autor de *Os Brutos* e *Por que não se casa Doutor?* (romances), publicou um excelente *Retrato de Ferreira Itajubá*,[26] e tem pronta para o prelo, minuciosa biografia do poeta. O professor Clementino Câmara,[27] membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e casado com uma sobrinha de Itajubá, tem também, pronta, a história do genial felibre. O Autor deste poema publicou, em 1948, no jornal *O Democrata*, uma série de trechos do ensaio que tem pronto, sobre o cantor de "Branca", trabalho que tem o título de *Ferreira Itajubá – O drama da vida de província*.[28]

Notas

[1] Relativo aos astros, ou próprio deles; sideral.

[2] Falto de vegetação; árido, estéril, calvo, descalvado.

[3] O Poeta – auto-exilado no Rio de Janeiro por conta das ingratidões e perseguições que lhes fizeram na sua própria terra –, apesar do poético desejo de voltar ao Estado, foi sepultado no Cemitério do Caju, na capital carioca. Espiritualista, repetidamente recomendou à família para nada fazer com os seus restos mortais – que ele considerava "simples matéria". Anos depois, em Natal, o escritor Gumercindo Saraiva (1915-1988), em artigos publicados no jornal *Tribuna do Norte*, iniciou uma campanha para a trasladação dos ossos do "chorão da Praieira". O autor destas notas, escrevendo ao musicólogo e historiador, agradecendo a lembrança, transmitiu a recomendação deixada pelo genitor, frustrando, dessa maneira, a homenagem. Até mesmo por saber o que aconteceu com "o diamante rude e enorme do crânio de Itajubá".

[4] Ver nota de OM.

[5] **Locusta.** Ver nota em *Jardim tropical*.

[6] **Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum**. Cidade romana de Pompéia, destruída por uma erupção do Vesúvio, no ano 79 d.C.

[7] Entidade fantástica do folclore português, personagem mourisca malfazeja, o oposto da moura-encantada.

[8] Arrancar (o cabelo) em sinal de dor. Tratar de, dizer, contar, exprimir, lamentando-se; queixar-se de; lamentar, chorar.

[9] Mentirosa, hipócrita, falsa. Traiçoeira, desleal, pérfida.

[10] Segundo Câmara Cascudo (*Dicionário do Folclore Brasileiro* – 9ª. edição, Global Editora), "Nome convencional e literário da mãe-d'água, iara, senhora". A *Enciclopédia Compacta Brasil – Larousse Cultural,* Nova Cultura, 1995, define-a como "figura mitológica difundida entre os indígenas e caboclos após o século XVII, de aculturação provavelmente européia e tendo suas raízes nas sereias. Loira e muito bonita, a mãe-d'água atrai os pescadores, ou quem quer que se aproxime de rio ou praia à noite, e leva o pretendente a afogar-se em busca de diversão. Em algumas comunidades é reputada como protetora das águas e pescas. Sendo meio peixe e meio mulher, apresenta-se a pentear os cabelos, a cantar ou mesmo con-

versando com algum passante. Encantado e quase que sob efeito hipnótico, o pretenso parceiro mergulha nas profundezas da água, onde sufoca e morre".

[11] "Rio em cuja margem direita está a cidade do Natal. O mesmo Rio Grande do Norte, dando nome à Capitania, Província e Estado. De *poti-gi*, rio dos camarões" (Luis da Câmara Cascudo, *Nomes da Terra*, Fundação José Augusto, 1968). A "iara morena" de OM, hoje em dia, não se arriscaria a mergulhar nas águas do rio – o "Potengi amado" da "Serenata do pescador" (Ver *O cancioneiro de Othoniel Menezes,* neste volume). O mito folclórico, hoje, não resistiria à poluição do curso d'água, altamente comprometido por culpa da administração pública e da ganância empresarial. Bela e pobre iara!

[12] O poeta construiu a imagem dos "seios furando o mar" levando em conta o formato semicircular do litoral natalense entre as Pontas de Genipabu (ao Norte) e a do Pinto (ao Sul).

[13] A cascavel (*Crotalus durissus)* é ovovivípara (animal cujo ovo é incubado no interior do organismo materno, sem se nutrir à custa desse organismo). Os ovos se rompem dentro da fêmea e nascem as cobrinhas formadas. Diz-se, no sertão, que a mãe cascavel pratica o infanticídio, matando e devorando (canibalismo) os filhotes que se aproximam do seu focinho.

[14] Estulta; néscia, tola, insensata.

[15] Quase oitenta anos depois, Alberto Maranhão continua sem um broze em praça pública. Enquanto isso...

[16] Ver nota anterior, referente à segunda sextilha, neste Canto.

[17] O espiritualismo kardecista de OM, fazia com que ele acreditasse na reencarnação.

[18] Ver nota anterior, no Canto 7, ("No Piso do Comboio").

[19] **Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine** (Mâcon/França, 21.10.1790-Paris/França, 28.02.1869) Escritor, poeta e político francês. Seus primeiros livros de poemas (*Primeiras meditações poéticas*, 1820, *Novas meditações poéticas*, 1823) celebrizaram o autor e influenciaram o Romantismo na França e em todo o mundo.

[20] **François-René de Chateaubriand** (Saint-MaloFrança, 04.09.1768-Paris/França, 04.07.1848). Seu nome completo é François René Auguste de Chateaubriand, também conhecido como visconde de Chateaubriand,

escritor, ensaísta, diplomata e político francês que se imortalizou pela magnífica obra literária de caráter pré-romântico. Pela força da sua imaginação e o brilho do seu estilo, que uniu a eloqüência ao colorido das descrições, Chateaubriand exerceu uma profunda influência na literatura romântica de raiz européia, incluindo a lusófona.

[21] Ver nota 329, no ensaio *Ferreira Itajubá – O drama da vida de província*, neste volume.

[22] Que vem ou acontece fora, ou antes, do tempo próprio; extemporâneo.

[23] O corpo humano, especialmente o tronco.

[24] Acusado de "comunista" ′,em 1935, por haver escrito o jornal revolucionário *A Liberdade,* OM foi preso e condenado, passando quase três anos nos porões da ditadura de Vargas.

[25] Ver nota nas dedicatórias de *Sertão de espinho e de flor*.

[26] A Editora da UFRN publicou, em 2008, na Coleção Talento e Polêmica, uma segunda edição da obra. A primeira foi de 1944.

[27] Nota no livro *Gérmen*, desta *Obra reunida*.

[28] Um dos livros deste volume.

Canto 16
Um juazeiro no céu

O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da terra [...]

Os Sertões, p.61

E o que há a combater, nos sertões do norte, é o deserto.

Os Sertões, p.61

A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo físico constituído e forte.

Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada[1] afinal, da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada, por isto mesmo que não a atingiu de repente.

[...] nos sertões, a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de envolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral do ulterior.

Os Sertões, p. 112

Sertão das secas… Bem perto
da última rua – é o deserto!
– O xiquexique é o maná…[2]
Terra Mater Dolorosa!
Mesmo exausta – generosa –,
esse pão aos filhos dá!

Rocha viva do Nordeste!
Mão calosa, alma celeste!
Bendito o Herói, que te deu
esse impulso em que progrides!
A metáfora de Euclides,
realmente, é um símbolo teu!

Gleba de luta e holocausto!
Gota a gota, de hausto[3] em hausto,
bebo fé no que serás!
Prende a água arisca das chuvas,
e estas pedras darão uvas…[4]
– Canaã, ressurgirás!

Ah! Quem me dera, o tesouro
da lira mágica, de ouro,
que Apolo deu a Anfíon![5]
Desses penhascos da serra,
te ergueria, ó minha terra,
portentoso Panteon![6]

Rente às nuvens, o idealizo:
vaqueiros, de pé, no friso,[7]
um juazeiro, o coruchéu,[8]
emblema das tuas dores,
verde, entre espinhos e flores,
bebendo a chuva no Céu!

Notas ao Canto 16

O xiquexique é o maná: Vejam-se as observações a esta palavra, em Notas ao Canto 1. O Dr. Raimundo Ferreira da Silva, em Relatório de 1910, apresentando à I.F.O.C.S., informa:

> "A parte usada para a alimentação é o miolo. Para verificar se o xiquexique está em condições de ser aproveitado, os sertanejos cortam-lhe o "olho": apresentando a ferida bolhas d'água, está "gordo", e não serve; observando-se o contrário, está "magro"e, então, cortam os galhos, aparam a polpa espinhosa, que protege a medula, abem-na ao meio, seccionada em aparas, põe-se a secar ao sol. Quando bem seca, pisam-na reduzindo-a a massa que, lavada em muitas águas, até perder o amarujado,[9] é consumida sob a forma de cuscuz, beiju, bolo etc. Quando o xiquexique está bem enxuto, ou "magro", algumas pessoas comem-no fresco, simplesmente assado. É uma alimentação forte, etc.
>
> Os cardos, o mandacaru, o xiquexique, o facheiro, não morrem; filhos da pedra e do areal, não sentem o efeito das secas. O matuto atira-os às braçadas em fogueiras, e quando o fogo já lhes queimou os duros espinhos, limpa-os para o gado comer. Os jumentos, comem-no com voracidade. O próprio homem, quando a miséria é grande, assa-o às brasas e devora-lhes o miolo branco, salobro, fofo (G. Barroso, *Terra de Sol*, p. 13, citado)."

Bendito o herói:

> "Enfim, um dia, o gado começa a cair de fome, de sede e de fadiga. É a época mais terrível: é quando o

> nortista mostra a sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, mais se robustece a sua titânica vitalidade. Um minuto a fraqueza, um momento de desânimo, um instante de desencorajamento – e o sertão esmaga-lo-á. Mas ele não abranda e nem se enverga. Só, contra a impassibilidade da natureza, luta, luta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate. E, daí, talvez não seja paradoxo o dizer – que a seca é um fator do progresso, porque forma e molda uma raça de fortes" (G. Barroso, op. cit.).

Prende a água arisca das chuvas: Alusão à pequena Assudagem, a única solução prática e imediata, indicada à vitória do sertanejo sobre o flagelo climático, na opinião de todos os técnicos e estudiosos do problema, entre eles – e são dos mais eminentes – os Srs. Felipe Guerra e Eloy de Souza, autores de trabalhos clássicos, na especialidade. (Veja-se, em Notas ao Canto 11, a observação ao verso *esses Assudes de serra* (sextilha 82a.).

Anfíon: Filho de Antíope e Júpiter. Apolo deu-lhe uma lira de ouro, a cujo som o semideus construiu, em algumas horas, as muralhas de Tebas. As pedras dos montes, sensibilizadas, eletrizadas pela harmonia, vinham alinhar-se espontaneamente sobre o traçado da obra colossal. E, assim, pelo simples prestígio do maravilhoso instrumento, ergueu Anfíon as fortificações da Cidade das Cem Portas.

Notas

[1] Que se despeou, solta das peias; livre, desembaraçada, isenta.

[2] Alimento que, segundo a Bíblia, Deus mandou, em forma de chuva, aos israelitas no deserto. Seria um líquen (*Lecanora esculenta*) ainda hoje comum na mesma região, e que, transportado pelo vento, cai à maneira de chuva e é usado como alimento.

[3] Sorvo, aspiração; ato de haurir.

[4] Vaticínio, premonição do vate. Hoje, sem dúvida, são realidades absolutas: a produção de uvas nas barrancas do rio São Francisco, as frutas de Assu e Mossoró, os perímetros irrigados em todo o Nordeste.

[5] Ver nota de nota de OM.

[6] Templo arredondado que, na Grécia e na Roma antigas, era dedicado a todos os deuses. Monumento arquitetônico destinado a perpetuar a memória de homens famosos (heróis nacionais, artistas, estadistas, etc.), e que, em geral, contém seus restos mortais.

[7] Baixo-relevo ou ornato em friso.

[8] Arremate pontiagudo que encima as partes elevadas de uma edificação, torre ou campanário; barrete cônico usado pelos penitentes condenados pelo tribunal da Inquisição

[9] Ter amargura; ser levemente amargo.

A canção da montanha

[1955]

Capa da edição de 1955

Prefácio da primeira edição

Tenho aqui, sobre minha mesa de trabalho, um novo livro de versos de Othoniel Menezes – *A canção da montanha* – que o poeta datilografou e remeteu, com o pedido de prefaciá-lo.

Eu e o autor os conhecemos há cerca de vinte e cinco anos; a partir do dia em que, havendo eu publicado meus primeiros poemas, ele me aplaudiu e incentivou da maneira mais própria a conservar o entusiasmo do principiante.

No decorrer desses cinco lustros, firmou-se entre nós, mercê da convivência quase diária, uma estima invulgar, cimentada na reciprocidade dos sentimentos e no intercâmbio das idéias. Cérebro e coração, em dueto, nos têm feito ouvir todo esse tempo a bela canção da amizade. Convencido dos grandes e profundos laços espirituais desta união, Othoniel Menezes buscou um nobre pretexto para realçá-la, incumbindo-me do prefácio do seu livro. Nossos nomes irão assim aparecer juntos, por satisfação fraternal, e não por vaidade literária.

Está claro, pelo exposto, que não vamos escrever um prefácio nos moldes do estilo.

Geralmente inúteis ou supérfluos, os prefácios contam poucos simpatizantes. Um livro bom vale por si mesmo; sendo mau, nenhum prefácio o salvará. Grossa asneira, além disso, tanto é apre-

sentar um autor sobejamente conhecido, como querer preconizar um pobre nome. De conseguinte, quem não nos tacharia de idiota qualquer apresentação do mais popular e consagrado dos nossos poetas?

Do operário ao chefe do governo, passando por todas as camadas e posições sociais, só adventícios e forasteiros poderão desconhecer o autor da Praieira. Não se trataria, portanto, de simples apresentação, mas de estudar-lhe criteriosamente a obra e a personalidade. Esse estudo há de vir a tempo. Por enquanto, estamos apenas dando uma notícia do seu estro a propósito dos seus livros mais recentes.

Desde o *Gérmen*, livro de estréia, publicado em 1918, Othoniel Menezes não cessou, até hoje, de cultivar as Musas e de sacrificar Mamon ao divino Apolo. Os jornais e as revistas de Natal continuaram a estampar-lhe os lindos poemas, antes de se editar em 1923, o seu segundo livro – *Jardim tropical* – que sobrepujou o sucesso do primeiro e satisfez plenamente as esperanças de Henrique Castriciano que, no prefácio do *Gérmen*, augurara a Othoniel um glorioso futuro. O poeta, nos anos seguintes, não descansou sobre os louros conquistados. Prosseguindo em seu fecundo labor através de mil vicissitudes, organizou mais três volumes de poesias: *Sertão de espinho e de flor*, *A cidade perdida* e *A canção da montanha*. Dos dois primeiros, o segundo, ainda inédito, contém composições à altura das dos nossos melhores poetas nacionais, tal a substância do pensamento e o aticismo parnasiano. O primeiro, lisonjeiramente prefaciado por Luis da Câmara Cascudo, são setissílabos impecáveis que justificam em tudo o título do poema. Por fim, *A canção da montanha*, o volume que seguirá logo para o prelo, depois de terminadas estas palavras em forma de prefácio.

A que escola poderá ser filiado este novo livro de Othoniel Menezes?

Não importa a discussão das escolas literárias.

Classificar o poeta nesta ou naquela escola é questão de segunda ordem.

– Othoniel é passadista? É modernista? É futurista?

Só interessa saber se ele é de fato um poeta, desses que trazem do berço a estrela da predestinação, a vivência que os torna capazes de romper os véus das aparências e revelar os segredos do ser, como os grandes inspirados, cujo canto reproduz os esplendores do universo visível e invisível. Só interessa saber se, de acordo com o pensamento de Platão, ele foi tocado do desejo das Musas e pôde aproximar-se do santuário da poesia, porque o verdadeiro poeta ultrapassa a arte e o seu canto é a expressão de uma "divina loucura", e não o que os sábios mais esforçados poderiam realizar.

Os versos de Othoniel, sejam da adolescência, sejam da juventude, sejam da maturidade, atestam esse destino privilegiado. Ele próprio o compreendeu e tem procurado preservá-lo contra todas as maquinações do Demônio.

Do ponto de vista das idéias e do idealismo, Othoniel se acha perfeitamente integrado na época atual. Se não o considerarem modernista, quanto às exterioridades, – e, neste capítulo, o que se chama de modernismo ainda se debate no vago –, ele há de ser reconhecido como do mais modernos, pelo espírito humano e libertário dos seus versos. Seu lirismo não padece, como o de tantos autólatras, de obsessão egocêntrica. E uma larga simpatia que abraça e envolve o mundo. Já houve quem o comparasse ao de Whitman. Preferimos o de Othoniel, muito mais ardente e expressivo. Whitman nos parece difuso e enumerativo em excesso.

Nos poemas de *A canção da montanha*, a musa do poeta é a Humanidade. A clarinada da primeira página do livro é um toque de rebate para a comunhão universal:

> Bardo! pendura a cítara dolente
> Em que choraste apenas o teu drama!
> Vão teus filhos bem cedo à barricada!

Todos os povos da terra são chamados a unir-se contra os escravocratas de hoje, herdeiros e continuadores dos de todas as épocas, beneficiários eternos do velho sofrimento humano.

> Por que, pois, não se salva a Humanidade
> com esta solução única e tão fácil – a Verdade,
> miseravelmente maltratada,
> pobre mãe esfaimada,
> catando conservas negras
> no lixo hediondo das Conferências?

A pergunta do poeta, nesta hora de crise da civilização, também nos leva a interrogar sobre a possibilidade de salvação do mundo. Ariman calcará sempre vitorioso a justiça sob os pés? Nosso planeta nunca deixará de ser o inferno dos bons e dos humildes, ao mesmo tempo que o paraíso da mediocridade despótica e parasitária?

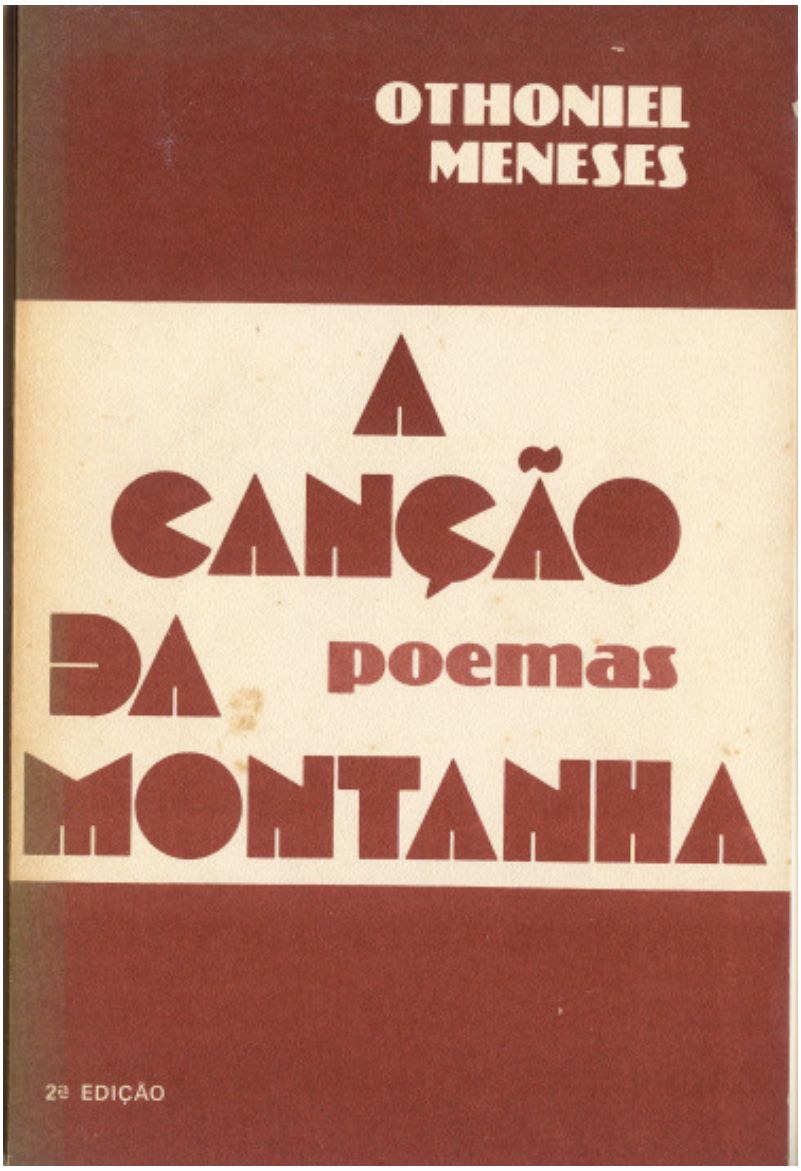
Pascal, já no seu século, duvidava de que o bem pudesse um dia triunfar. Recordemos aquelas suas palavras que, retratando a alma do grande torturado, eram um convite resoluto, para o combate e uma formal condenação do repouso: A agonia de Jesus se prolongará até o fim do mundo: não poderemos ficar dormindo durante esse tempo.

Santos e obras-primas, pensava René Bazin, só se fazem lentamente. O talento de Othoniel Menezes, cada vez mais depurado mediante longos anos de paciência; aí está palpitando nos seus últimos livros e manifestado nos seus traços mais distintivos e salientes. O poeta, contudo, sabe que ainda não atingiu no alvo todos os pontos de que é capaz. O livro de agora – *A canção da montanha* –, não será um canto de cisne, mas tão-somente uma etapa e um aspecto, novos na carreira poética de Othoniel Menezes. Basta que ele possa viver, e ninguém se surpreenderá dos seus triunfos sucessivos.

Mas, não havíamos prometido nada além de uma notícia-prefácio sobre *A canção da montanha*. Insensivelmente, por sermos também, deste país, incorremos no gosto brasileiríssimo da verbosidade. Podem perdoar-nos os Aristarcos de Natal?

Leiam-se atentamente os poemas de Othoniel. Não os mutilaremos para a citação de versos isolados. Assim, os leitores, se quiserem ouvir os cantos do poeta, só terão de virar a página.

Esmeraldo Siqueira



Capa da edição de 1980

Prefácio da segunda edição

Este livro inicia a coleção de livros básicos do Rio Grande do Norte. A valorização do Estado, meta prioritária da presente administração, é expressa, também, pelo novo plano editorial da universidade.

Que é um livro básico? No mínimo, aquele que expressa uma época, que documenta um conjunto de atitudes formais e idéias vigentes em um determinado período de tempo. O que o consagra, no entanto, como produção cultural digna de ser preservada, é o situar-se além do valor documental. É a sua condição de permanência como fonte de informação científica ou estética. Um livro básico é um rio não-periódico. Fluir e renovar-se constituem os seus exclusivos compromissos com o tempo.

A canção da montanha de Othoniel Menezes é um desses livros. Publicado em 1955 e agora justificadamente reeditado.

Não é raro encontrar-se um texto cientifico ou literário o que poderia se conceituar como expressão de um conhecimento inconsciente do autor sobre o exato valor do seu trabalho. Othoniel Menezes define seu livro no primeiro verso: "Pela janela aberta para o mundo".

O livro é realmente uma janela aberta para o mundo na casa qualquer de uma rua provinciana. O texto documenta como esta

província recebeu as notícias da segunda guerra e das conferências de paz. Como as transformações sociais advindas do pós-guerra influíram nos padrões estéticos da inteligência provinciana, como as mercancias e negociações advindas do conflito também veicularam idéias.

No plano pessoal, *A canção da montanha* é o documento do ritmo pelo qual nossos cânones artísticos chegam à província e são absorvidos no processo de evolução criadora de um de seus representantes. Este livro de Othoniel Menezes, autor da "Praieira", hino pós-parnasiano da Cidade do Natal, é classificado como "modernista" em 1955.

A permanência atemporal do texto – que o garante como básico, que o faz transcender as incontestáveis possibilidades documentais – está assegurada por não poucos poemas antológicos.

Não caberia aqui um aprofundado inventário analítico. Este levantamento crítico é um desafio posterior e constitui certamente um dos grandes motivos desta reedição.

Quando a Universidade Federal do Rio Grande do Norte decidiu iniciar uma coleção de livros básicos do Estado com um texto poético, não o fez apenas para contestar o insalubre preconceito contra outras formas de expressão intelectual para ir além do motivo acima referido, apenas o problema de preservação da memória, que constitui um dos projetos específicos da presente administração.

O grande motivo da reedição de *A canção da montanha*, portanto, é ensejar às gerações jovens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte exercícios de distanciamento crítico.

O estudante é geralmente jovem e todo jovem é uma vítima da poesia, independente da área específica a que se dedique.

A presente coleção se inicia oferecendo-lhes um texto rico de implicações colaterais à apreciação estética. Estudos sérios po-

dem ser despertados por esta reedição. Não seria demais sugerir o levantamento de traços ideológicos que influíram na evidente preocupação social do texto. O inventário da integração do potencial lingüístico nordestino à informação universalista presente no livro. O rastreamento de influências do ideário poético universal neste momento da poética de Othoniel Menezes, onde se evoca forçosamente alguns poetas norte-americanos. Qual a ligação precisa entre essas influências e a situação de Natal durante a segunda guerra?

Qual o corte evolutivo da poética de Othoniel Menezes, comparado a precursores norte-rio-grandenses do modernismo, como Jorge Fernandes e João Lins Caldas?

Política, ciência, história e até literatura no Rio Grande do Norte podem ser estudadas, universitária, e metodicamente, a partir da presente reedição. *A canção da montanha* continua a ser, hoje, uma janela aberta para vários mundos.

Diógenes da Cunha Lima

Esta não é a ocasião de acentuar a importância de desacordos religiosos, ainda que honestos. Esta é, antes, a ocasião de acentuar a importância do entendimento religioso. Nós, que temos fé, não podemos deixar que surjam disputas entre nós. O próprio estado do mundo é um chamamento para que permaneçamos unidos. Pois, da maneira como eu á compreendo, a questão religiosa mais importante não está na diferença entre as nossas várias crenças. Não é a vossa fé específica, ou a minha, que estão sendo postas em jogo, mas toda a fé. A religião está se defrontando, em amplas zonas da terra, com a irreligião; nossas crenças têm sido desafiadas. É por causa dessa ameaça que vós e eu devemos procurar-nos, por cima das linhas que separam nossos credos, apertar as mãos, e fazer frente comum.

Franklin Delano Roosevelt
(Discurso pelo rádio, em 23 de fevereiro de 1940)

Se se deseja obter a harmonia social e moral no mundo, é necessário apelar para as autoridades espirituais que não pretendam formar partidos políticos para constituir poderes temporais, e sim se conservem alheias aos interesses materiais, preocupadas unicamente das supremas condições sociais e morais da Paz, no seio da Família, na Pátria e na Humanidade.

Os três séculos transcorridos desde a Paz de Westfália tornaram já possível realizar-se essa aliança mundial das Religiões, aliança que não exige o abandono de nenhuma crença, mas apenas a aceitação dos princípios sociais e morais que sejam compatíveis com os diversos credos.

Luis Lagarrigue[1]

Clarim

Pela janela aberta para o mundo,
onde a vida dos povos tumultua,
arremessei o escopro[2] florentino
com que talhava o molde dos sonetos.

Que valem decassílabos à lua,
quando tudo, aqui mesmo, anseia e sofre,
e o destino das coisas mais sagradas
quem mais armas possui, guarda no cofre?

Bardo! pendura a cítara dolente
em que choraste apenas o teu drama!
Vão teus filhos bem cedo à barricada!

Antes, porém, que os tome a vaga ardente,
cai, cantando, no círculo de chamas,
entre rimas, blasfêmias e granadas!

A canção da montanha

A Protásio de Melo[3]
A Esmeraldo Siqueira

Ventos que soprais da Europa,
trazendo o fermento e a peste
da montureira ibérica!

Ventos que vindes da Ásia,
horda hirsuta de bisões em tempestuosa tropa,
arrastando o espectro chamejante de Mazzepa,[4]
trotando pela estepa descendo flagelada pelo
granizo da estepa,
e a ira de Tamerlão![5]
Clamando as angústias da China, da Índia e do
Japão!
Arrastando o ciclone amarelo para o Leste…

Ventos que soprais da África, com síncopes nas
calmarias,
arrebatando no bulcão pulverulento,[6]
entre azagaias e albornozes,
rajadas de vozes
e as estrofes ardentes
de Castro Alves e dos poetas negros da América!

– Cai, orvalho de sangue de escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz!

Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz!

Trazendo o alarido gutural dos desertos e das
cabildas[7] dolentes!

Ventos que vindes da Austrália e de Madagáscar,
cheirando a âmbar cinzento e a eucaliptos
derrubados!

Ventos do Norte, fulminando os abetos
hiperbóreos![8]
Ventos do Sul desarticulando carcaças de
submarinos nos promontórios!

Ventos do Leste, com o velho veneno de Santa
Helena,
com o novo ninho de falcão do paiol de Ascensão!
Ventos do Oeste, por onde as ondas só murmuram
traição!
Ventos dos naufrágios, das catástrofes, de Singapura
e de
Dunkerque!

Ventos do Golfo do México tresandando a petróleo,
dolências
de rumba, violência na arena!

Ventos da costa da Califórnia,
arrebatando navios e árvores ciclópicas
desenraizadas!
Desventrando com a unha titânica do raio a floresta
ululante de
lobos e chamas!

Ventos dos Andes rugindo poemas de Salvador
Rueda[9] e Chocano,[10]
vergasta dos tiranos!

Ventos da Escandinávia, cantando o trabalho e a
união sob o sol
da meia-noite!

Ventos do Himalaia, com a voz suave de Gandhi
conclamando
a Humanidade
à mansuetude de Gautama!

Ventos dos Pireneus bradando às falanges de Franco
as estrofes de Garcia Lorca sobre fuzis floridos de
santelmos
brancos!

Ventos dos Alpes e dos Apeninos,
ventos de Montese e Pistóia,
onde fumou a raiva da jibóia,
a boicininga[11] de fogo do Brasil,

– o caboclo bamba –,
de alcantil a alcantil de vale em vale,
plantando,
orvalhada de sangue,
(tocando viola, cantando o samba,
escutando o sabiá
no pé da laranjeira)
a flor cheirosa de maracujá
da Saudade brasileira,
e matou alemão, de fuzil, de arrocho e de peixeira!

Ventos das cordilheiras do Pacífico ventos de
cabeleiras azuis,
carregando canções de Pablo Neruda envoltas na
flor vermelha
do copihue![12]

Ventos do mar, ventos da terra, ventos do mundo!
Ventos da morte, ventos da revanche, ventos do
medo!
Em que turbilhão convulso,
em que asa despedaçada,
em que ângulo de inexpugnável, solitário rochedo,
tímida, volteia,
ou se esconde na penugem,
ou dorme plácida na areia
– simples, fecunda, bíblica, feraz –
a sementezinha de mostarda da Paz?

As sereias

A Raimundo Nonato Fernandes[13]

Eu vi a sereia!
Vi a sereia e ela cantou com os lábios carmenos,
com os olhos lagunares da boneca da valsa,[14]
românticos, serenos.

Mas não eram azuis, são verdes, os olhos dessa que
saiu lépida
e multicor, do mar
(que embalava o diáfano perispírito[15] das nuvens
brancas esparsas)
– nua como a lua,
morena para a gente beber devagar, boa como
vitamina de caju,
uns cabelos que desciam até aos pés,
pés perfeitos, de madrepérola, ungulados[16] de coral,
o bico dos claros seios roxo como frutinha de
guajiru,
e um enduape[17] de golfões, penas de garças,
no canitar penachos de canarana e a flor vermelha
dos mururés.

Cantou, à tona da angra sonora, onde flutua
ancorada ao longo de um parracho enegrecido no
temporal,
a caravela cismadora, rainha das ondas…

Minha caravela de maratona equórea[18]
tem um halo crepitante de santelmos, ninho azul nas
fosforescências,
pios bravios de gaivotas,
a sanguínea da grande cruz aventureira das grandes
frotas,
saudade e glória.
Auréola romântica das descobertas, surtos
fulmíneos de albatrozes
cindindo o bojo fusco do canhoneio dos vendavais;
cicatrizes de batalhas, abordagens ferozes;
idílios de piratas, desembarques tumultuosos em
cidades marmóreas,
em negros arraiais sem história,
cabildas, metrópoles, babilônias de povos
tentaculares:
gigantes, patibulares, agitando discos de pedra, em
tropel na planura,
dizendo-se o povo eleito para a posse do direito de
primogenitura
que é o lustre da legenda democrática da França.
Voga na aragem do exílio a voz do *maquis*[19] fuzilado:

Ecoutez, freres d'Algérie,
nos baileschantent l'espérance…
Ou je tire, Pécho dit France,
ou meurs, renait la Patrie[20]
(Para as pequenas nações não há mais esperança!)

Naufrágios, à vista de altas falésias sinistras,
ossiânicas,[21] solitárias,
gritos aflitos de procelárias,[22]
rumor de beijos, gilvazes[23] negros de fachos e
escopetas,
tertúlias, vendetas,
ninhos de flores, trópicos e geleiras, pocemas[24] nas
praias,
nostalgia de ilhas remotas,
Liliputs e Brobindinags através da alegria e do
terror contraditório
das rotas.
Pigmeus carregando elefantes com as teses de
Rosemberg...[25]
A Inglaterra, de âncoras despedaçadas, descendo,
entre *icebergs*...
(Churchill desabou do charuto, Stalin do samovar,
cospem nas
ondas, envenenam as ondas!).
Um marujo, do Peloponeso em chamas, agita uma
bandeira
uniestrelada para o Ocidente,
guiando o dragão amarelo – que traz o Capital em
frangalhos, nos dentes.
Tarzan, com os ombros a sangrar, de pé sobre o
cadáver
de um leopardo fulvo, sob as palmeiras
da selva americana,

Assula chimpanzés – com batoques de dólares –
para a caçada ao
urso.
Jeca-Tatu, faminto e ignaro, paga o filme e engole o
discurso.
Wallace,[26] espetacular, circense mixto
de Don-Quixote de La Mancha e Jesus Cristo,
prega o sermão da montanha à raça de Pilatos,
na encosta de um vulcão prestes a explodir na
delenda[27] da Cruz…

E mulheres trigueiras
de ancas calipígias,[28] redondas,
riem, ouvindo parábolas de um metodista – o
espião! – entre os terebintos,
enquanto a aura olente da tarde dedilha um
epigrama de Li-Tai-Po[29]
catando a carapinha dos bambus.

Resplandece acima das ondas,
o Brasil, ainda úmido dos substantivos de Afonso
Celso,[30]
país das uvas, depois da devastação universal desse
novo dilúvio…

Sesta de cismas além dos meus pensamentos comuns
e dos meus instintos de marujo,
a sonhar mais Índias, mais Golcondas!

A sereia cantou, mas não me levou,
porque no meu mediterrâneo sou eu mesmo quem faz
dos peixes, sereias:
louras, irreais, portáteis Loreleys[31] diademadas de
lilases,
iaras de seios de dendê coroadas de mussambê,
fosforescências ancestrais, temperamentais, fugazes.

Quando quero, é assim – faço-as belas,
largo-me de mar afora com elas.
Faço mais:
quando quero, faço-as feias,
para sossego, virtuosidade, ver que existem sereias
e sereias…

Grumete que tanges tua viola, nostálgico, sob as
estrelas!
Lobo velho, tostado do sol, curtido de ventos,
batido de areias,
calmagens, procelas!
– joga Nossa Senhora dos Navegantes em cima delas!
Olha que o Sonho
é a água-viva do mar que em nossas veias ondeia!
E ainda te proponho
velas arriba, e ao largo! ao largo, para vê-las,
sob o frêmito de aventura e batalha que se levanta
do mar,
com a fascinação do aceno das mil e uma noites da
lua cheia!

Arco-íris

A Helen Ingersoll[32]

Beijo do sol nos dedos da neblina,
o arco-íris cromatizou-se no espaço
– as duas pontas bebendo no arvoredo florido.
Enormíssimo compasso
com que um mágico, escondido
num biombo pérola de musselina,
vai girando…
riscando círculos de cores na amplitude simbólica
da campina,
alva do agreste noivado das guabirabas cheirosas…

Luz vestida com os sete véus de Salomé.
Pavão espectral,
de pé,
abrindo o leque da cauda em aurora boreal,
na proa do navio gaiola de Noé…
Arco de triunfo de cristal
refletindo a irisação
– rosas, rosas, rosas, evanescentes rosas
de todas as jóias da corte de Salomão…
Pentagrama onde vibra em surdina de seda o clarim
do verão!

Móbil prelúdio
do adágio da canção de Vesta,[33] no interlúdio
da festa da manhã que a nudez pagã, tímida, disfarça
num sarongue de talagarça.[34]

Eis como te decompões, síntese absoluta da Cor,
no meu prisma interior:

ROXO – o Príncipe da Paz crucificado na livre
América!

VERMELHO – a estrela solitária da Geórgia sobre
o Crescente, e
subindo, ao Nascente!

VERDE – Hitler, redivivo, tigre do asfalto, zumbi,
impenitente,
agitando um facho sulfúreo, na ala ibérica!

AZUL – inocência na Patagônia, harmonia na
Escandinávia,
trabalho na industriosa Helvécia!

ÍNDIGO – a blusa da bárbara Albion sobre os
mármores da
Grécia!

LARANJA – o manto de Gandhi a acenar para a
Humanidade descrente!

VIOLETA – a mão, que amaldiçoou a Caim,
guiando, compassiva
a heterogênea, a dolorosa comitiva
dos povos escapos à incomparável carnificina,
– para os portos da Austrália,
– para a confusão paradisíaca do Brasil,
– para uma pátria ainda incerta, na Palestina. . .

Alegria de poetas, promessa de políticos, ciência de
faquires,
vai se apagando o arco-íris
– televisão do Alhambra[35] através da opala diáfana
dos repuxos.
Tapete do Chiraz,[36]
levitado por bruxos.
Parada de marajás
com adagas a largar parábolas de gemas…
Caramanchel de gerânios e malvões
com Branca de Neve e os Sete Anões
brincando de cirandinha no balcão das miragens.
Paleta de Hokusai[37] sonhando paisagens
e Tagore os poemas…
Heptacórdio a que Rimbaud
arrebatou matiz para as vogais:
– A *noir* E *blanc* I *rouge* O *bleu* U *vert*…
Zaimph de *Salammbô*[38]
a velar
o coração de Mathô[39] a palpitar
na ponta da lança de ouro e diamantes do sol…

Terra, infeliz Sheol[40]!
todo o teu mal é o mal de seres esférica!
o arco-íris é uma advertência feérica,
ramo de oliveira do Ararat[41]
a arder em rosas e violetas no espaço!
Imensíssimo compasso
riscando as raias da Aliança,
da milenária Esperança
que desde o outro Gênesis – o segundo –
o Deus dos Exércitos oferece inutilmente
aos reconstrutores do Mundo!

Meus caminhos

A Antônio Pinto de Medeiros

Meus caminhos são maiores
que os caminhos desvendados
através dos sem-fins do mar,
do mar, maior que a terra enegrecida, assoberbada
de escombros
–Atlas desgrenhado, São Cristóvão desesperado,
carregando nos ombros
o acervo esmagador das competições e dos
desvarios humanos.

Meus caminhos são maiores que os dos rios
desenrolados plácidos
nas planícies,
rugindo Wagner nas cataratas,
chorando Schubert nas serenatas das matas,
cantando Catulo da Paixão Cearense[42] nos violões
das cascatas,
em bordões de prata…
Os rios refletindo prados em flor,
aldeias virgilianas, fortalezas,
acrópoles com bandeiras nazistas, brancas ruínas
dóricas,
fenos rescendentes, ranchos álacres de camponesas,
canhões e arados, rebanhos tosando a erva úmida
entre as cerejas

e as abóboras, na orla da ravina
onde o *Stuka*[43] arriou e ardeu, com mil galões de gasolina,
dentro da poça de alumínio fundido…
Cidades pletóricas
de mercadores, apóstolos, bandidos,
nevroses, ambições, renúncias, palácios, ruínas,
orgias, estoicismo, desenganos sobre-humanos…

Agora, com benevolência e ironia,
olho o que era mistério, ânsia de espaço, interrogação, melancolia.
Lá, bem longe, o céu de turquesa ou de bronze,
simples mágica da Física – a velha Melusina1[44] –,
que levanta o arco-íris e dejeta a lama para a mesma retina.
O céu, limitando a longitude dos livres espaços da terra
e do que deve estar além do âmbito periférico da terra,
onde querem ganhar a Paz – com fórmulas e sofismas!

Agora, os meus caminhos são maiores que todos esses
caminhos da terra,
que essas estradas do Céu, via-crúcis entre nuvens e estrelas,
onde as hélices ainda são de cera.

Meu cavalo-de-pau morreu na guerra.
A Passarola de Bartolomeu,
o dirigível de Severo,
o Zepelin europeu,
Santos Dumont com tanta poesia ufanista e o
aeroplano,
La-Cierva,[45] Frankstein do autogiro – um
gafanhoto!
O avião-foguete norte-americano,
o bombardeiro sem piloto,
Morse, rádio, radar, televisão,
o apocalipse da desintegração,
o disco voador que ainda é uma presunção
– tudo é sucata de museu,
inclusive o pedaço de Bíblia podre com que
Truman – um saduceu[46] –
mandou pulverizar duas cidades do Japão,
depois que Roosevelt morreu!

Meus caminhos não têm mulheres de luto,
desvairadas,
crianças abandonadas, para sempre assombradas,
tropeçando sempre nos corpos das mães
mutiladas…
Multidões famintas, furiosas, hediondas, sublimes,
rebeladas,
erguendo os braços em súplica, orando, bradando,
rugindo,
fechando os punhos em ameaça dantesca

à dourada, imperturbável canalha
– vasa trágica e lastimosa da universalidade
impiedosa da batalha –,
construindo com as almas dilaceradas,
com as mãos desesperadas,
com todas as esperanças desesperadas,
a Revolução, que é a alavanca dos partidos…

E minha ironia
é para os casuístas que brincam com o TNT[47] da
Democracia…

Quero asas nos meus caminhos,
mas quero asas no pensamento e no coração!
Não quero "fronteiras", não quero "pátria"! não
quero "nação"!
Transmonto a geografia, integralmente,
desminto a Relatividade – uma fórmula incoerente –
que não importa à sexta dimensão, o Sonho!
Mícrons e miriâmetros transponho,
todos os mitos, superficiais,
montanhas, coxilhas, vales, aconcáguas, planícies,
estratosferas,
zodíacos,
abismos,
cosmos, infinitos,
desde o meridiano em cuja base, assente,
minha casa – pequena como uma gaveta –

é o fulcro da minha nova ontologia[48] espiritualista
do planeta.
Faço meus filhos adormecerem sorrindo,
dentro de uma grande esfera
cor de manhã de veraneio (rosa) ou de tarde
cheirosa (lilás),
com uns *passes* circulares e frontais…
(Ter fé em nós mesmos, é a Lei,
para suportar, minorar, transpor as heranças do
mundo).
E enquanto na campina em plena primavera
(em pleno inverno há isso, no Brasil)
ficam eles sonhando,
a chutar bolas douradas, brancas e azuis
– eu, com os braços ambos sempre erguidos,
surjo do oceano do éter universal,
em todas as latitudes – do Potengi à Índia milenar
da jângal -,
radiante como Jesus,
andando sobre as águas
– para deitar uma gota de orvalho em todos as
fráguas,[49]
para levantar a Fé em todos os vencidos…

São mais longos, mais altos, mais floridos,
os meus caminhos,
que os das estepes lívidas onde erram lobos de olhos
incendidos,[50]

que os das montanhas solitárias onde hibernam os
arminhos,
que os da Cote d'Azur onde se dilui no ar a
onipresença das rosas.

A Europa morreu.
A Ásia morreu.
A África morreu.
A América morreu!

Existe o mundo jovem e comunicativo que
Roosevelt ergueu
nas suas inspirações generosas!

Meus caminhos são através dos jardins das almas
silenciosas!

Ouro sobre azul

A Antônio Soares[51]

Há uma estrela – pálida como um suspiro –
neste céu cor de malva.
E tanta dor neste mundo
por onde em vão se procura compreensão e
tolerância!

Já se eliminou, desde Wendell Wilkie,[52] o sofisma da
distância.
Todas as portas estão abertas.
Todas as rotas estão descobertas.
Todas as almas (mesmo as que fingem) estão
despertas.

Porque, pois, não se salva a Humanidade
com esta solução única, tão fácil – a Verdade,
miseravelmente maltratada,
pobre mãe esfaimada,
catando conservas negras no lixo hediondo das
Conferências?

O mundo precisa voltar à inocência.
Involuir, para, então, evoluir harmoniosamente,
substituindo à estratégia do átomo a lógica da
semente.

Basta fazer parar a translação fremente do sol da
Ciência…
(Mas onde anda o Josué, para esse ato de
consciência?)

Entrementes, essa estrela a espiritualizar o
perispírito[53] da tarde
alumia, talvez,
um berço onde palpita e arde
o coração do Filho do Homem reencarnado outra
vez…
Quem sabe se essa estrela
(aqui, ou onde for ainda mais ímpia a existência)
não estará anunciando
AQUELE que todas as nações sem esperança de
Justiça estão esperando?

Caridade

A Clóvis Jordão de Andrade[54]

Gobelino[55] deslumbrante, espetacular,
esta noite colgada[56] de veludo e estrelas!
E havia festas na cidade, e até árvores iluminadas
nas chácaras fartas, deslumbrantes,
dos que têm estrelas sonantes
num céu de ferro amoedadas…

Mas por onde eu caminhava pensativo,
todas as choças misérrimas dormiam na solidão, na escuridão.
E eu ouvia o ressonar dos operários exaustos,
dos que têm o dia e a noite, e só, para o viver cativo!
E ouvia a voz das mães famintas e adoráveis
enganando o silêncio com uma canção:

"Do céu caiu um cravo,
no ar se desfolhou.
O teu amor foi assim,
tão puro, que se acabou."

E o armador da redinha no fio guinchava, soturno:
– Acabou…ou …ou …

Senhora Nossa! quantas dessas lágrimas ignoradas
dos que não vagam dentro da noite cheia de
estrelas!
E Jesus não anda mais a multiplicar os pães por essas
estradas!

Vós outros, apóstolos sedentários, vinde comigo
haurir a longos haustos[57]
esta amarga boêmia através desses cafarnauns infaustos!

Senhora Nossa! quantas lágrimas! Vinde vê-las, vinde vê-las!
Os que choram, nessas choupanas apagadas,
só têm, para chorar, a noite amoedada de estrelas!

Relógio tardonho da insônia, ampulheta veloz
das esperanças das almas crucificadas e sem voz!
Noite, dia dos Mensageiros das tarefas sem férias!
Gobelino de Deus sobre os alçapões da miséria!
Boca de veludo do Silêncio
embalando o sono de pedra de Jó,
progênie maior que a das estrelas,
que os grãos de areia de um turbilhão de pó!

Urna de lágrimas das quedas…
Angra da polinésia sidérea,
porto das naus da fome com âncoras de ossadas,
com os punhos algemados, com os dedos crispados,
com as mãos postas para os mastros,

com teorias sombrias de sombras trágicas,
ajoelhadas,
de mães famintas, pobres mães famintas, esquálidas,
acordadas, olhando os astros
a girar no céu, sacudidos
como punhados perdidos de moedas…

Desdobramento

A J. A. Seabra de Melo[58]

Quem não quer ter duas mãos radiantes – para
abençoar?

Quero projetar-me nestes ares plácidos, flébeis,
da tarde nostálgica onde a Vida – a cruel VIDA –
balbucia, nos débeis,
ruge, nos fortes,
vivendo de mortes.
Anseia, vibra e vibra, multíplice, repartida:
avança, largando as asas de anjo no labirinto dos
interplanos,
para o abismo das novas gêneses do limo.
Turbilhão convulso, expulso dos paraísos perdidos
do Cosmos.
Teorias translúcidas de Mensageiros,
talvez já no cimo do conhecimento de todos os
arcanos
– a cabeça aureolada,
a túnica ainda perfumada
da passagem triunfal pelos astros felizes…

Pólen divino das nebulosas,
pus dos hospitais,
lírios virginais,

santos e bandidos sofrendo!
oblatas[59] e blasfêmias,
afagos e cicatrizes,
harmonia entre rivais,
ódio cerval[60] nas almas gêmeas:
– a VIDA, a Alma Eterna, metamórfica, vivendo!

Ei-la, reflui agora, para lavar-se, compungida
na luz da "face imóvel das essências":[61]

do Tabor,[62] para a penumbra pávida[63] das
catacumbas;
vindo, das metrópoles resplandecentes,
para o chão de escarro, adro infernal
onde a polícia tortura os gatunos,
encarcera crianças esquálidas e chorosas,
com prostitutas e assassinos.

Sentenças e hinos,
essênios e hunos,
juízes milionários e corruptos, sacerdotes
caluniados,
Iagos[64] dirigindo nações, Escobares[65] onipotentes,
Tartufos assinando tratados…
Ouro, ouro, ouro para o sorvedouro.
Para os maus, o Poder. Para os bons, o desdouro.
O avatar de Alexandre, num carro de fogo, cujas
rodas são dólares.

Gurus de Jesus Cristo, Átilas dementes!
Krishnamurtis[66] crucificados em todos os
Continentes!

Multidões luminosas
brandindo espadas, despetalando invisíveis rosas,
descendo das moradas opalescentes,
afrontando o círculo formidando das
sobrevivências,
da nova babel das Raças,
para ajudar a evolução espiritual das massas…

Minha visão intuitiva da nova da futura Democracia:
– o *substratum* da Fé
alicerçando o mausoléu – arranha-céu de ossos – da
Economia.
O Amor Universal,
Setenta e Sete Liberdades
igualando as Cidades da Cristandade,
unindo Gengis Khan, redimido, à mansuetude do
Filho de Maria!

Quero ir (só a parte pura e ainda inocente que
restar em minha alma)
desde Pasárgada[67] até o Spitzberg[68] dos funerários
glaciários,
desde o Havaí das mulheres-flores, até Cafarnaum,
desde *NewYork* dos *sky-scrapers*[69] interplanetários,

até os amoquecados mocambos do povoado
abandonado do Pium,
do *Quitandinha*[70] aos guetos dos pescadores
gregários,
com uma túnica laranja
(a cor com que meu Pai, amorável arquiteto,
fez a alma de Petrarca, a asa diáfana da libélula,
o sapo, o beija-flor, a ostra e a pérola,
a mariposa dourada e o escorpião abjeto),
um diadema azul-claro, visível ao homem comum,
e as mãos longas, plásticas, magnéticas –
distensíveis, leves como pétalas,
como orquídeas ou lilases que rescendam
um romântico perfume de Cântico,
eflúvio nupcial de uma antemanhã flórea de
primavera.
E fique o aroma vibrando,
vogando bíblico, na atmosfera
das almas todas a sofrer na matéria,
das almas todas a orar nas alturas:
as mais impuras,
as sub-almas obscuras;
as mais iluminadas,
e essas que pervagam, sangrando ainda,
uivando ainda, loucas, pelas encruzilhadas;
as que são ósculos de São Francisco nas Assucenas;
as homicidas, as suicidas, as nazarenas.

Das cubatas do Congo,
ruminando o banzo, batendo o jongo,
aos berços dos herdeiros reais,
alvos de linhos, ricos de pedrarias, cantantes de cristais;
cafres, escandinavos,
patagões, esquimós,
um, que foi meu amigo, e era do Turquestão;
árabes da Costa do Ouro que aprisionaram Mermoz;[71]
japoneses escravos;
chins sorridentes, heróis de Li-Yutang,[72]
cantando versos edênicos do *Livro dos Poemas,*
caindo sob a metralha, como pendões de trigo maduro
à passagem das ceifadeiras.
Confúcio conversa com o dragão,
à sombra perfumada das amendoeiras;
americanos eugênicos
fazendo a "Marcha da Fome" sob a canícula trágica de Bataão;[73]
párias, sudras, felás, *coolies*,
resignados caipiras do Brasil, sem trabalho e sem pão
– tudo, meu semelhante, tudo meu irmão!

Almas e almas,
em apoteoses, em lutas, farpas em corações, hóstias sobre gangrenas,

coroas de espinhos entre murtas e palmas,
oásis e geenas.
Almas, almas e almas,
rodamoinhos, golfões, niágaras,
fiats[74], Amazonas, pororocas, *gulf-streams*,[75]
armagedons de almas
– todas, a experimentar
o contraste da lama expiatória do Mundo!
Sístole e diástole do coração da vida, tão alto
quanto profundo, a fremir
– alçando-se para o Céu, a sorrir…
– descendo para a Terra, a chorar…
Quem não quer ter duas mãos radiantes – para
abençoar?

Veneno da mandrágora

A Berilo Wanderley[76]

O homem airado veio andando pelo campo verde
Abrindo aos lírios os olhos enfarados
E viu apenas o joio amargo.
Entretanto os lírios da parábola da Boa-Nova
Florescem ainda para todas as contemplações
Dos que já foram despertados.

Confiteor[77]

A Myriam Coeli de Araújo[78]

Como no itinerário de outros homens vacilantes e falíveis
muitas causas ficaram sem corpo no meu destino.
Muitas atitudes imaterializadas na minha culposa displicência.
Muitos gestos felizes
morreram sem expressão na estática dos silêncios infecundos.

Cantos que por timidez ou de cantar no fundo do poço
deixei inaudíveis.
Uma blasfêmia no momento do hino
a abelha morta dentro da flor
a Fé abaixo da Ciência
– quando bastara o Amor.

Agora penalizado em vão com as próprias cicatrizes
vejo que tenho de andar mundos e mundos
ainda
(A Vida é uma espiral ascensional infinda da Alma)
até que a todos os viventes
– os inconscientes e os conscientes –

chegue a verdadeira mensagem que à Harmonia
Universal
deve toda perfeita Inteligência.

E não apenas esta ansiosa esta incerta volição[79]
sentimental
de uma Alma que faliu para o Amor, nesta dolorosa
experiência.

Correu a estrela

A Luis da Câmara Cascudo

Escorregou uma estrela,
limalha da forja do Deus de Abrahão.
Flexa que o Sagitário disparou por disparar
de maratona pelo Zodíaco.
Passou crepitando pelo lazúli da Via-Láctea pedrada
de astro maníaco
espritado na assombração da escuridão…

Alma penada que te vais purificar no mar,
Deus te guie, zelação![80]

Eu ficava de fôlego suspenso,
a esperar, num fervor gostoso de iniciado,
o retumbo longínquo do mar a efervescer a crescer
além muito além do sertão imenso e encalmado,
arremessando no silêncio
montanhas de maretas
solfataras[81] de espuma…

Os mais velhos falavam vagamente de planetas
desenrolando novelões frementes
nos sudários da bruma
– fogo para consumir todos os penitentes…

Deus te guie, zelação, alma penada,
zumbi zonzo zebrando com a azagaia azarada
o lajedão de ardósia da noite mal-assombrada!

Por sinal que, um dia, meio adormecido
no colo quentinho de Maria Isabel
de quem por faz-de-conta era então o marido
(ela me contava que histórias tão lindas com a sua
voz de aluá e de mel!)

– Deus te guie zelação! alinhavando o sinal-da-cruz
uma ponta da estrela (aquela não soçobrara de vez)
cegando tudo, de tão clara!
espetando no ar
– uma vinheta preta no vitral medieval da lua cheia –
o bojo bambo de uma baleia
com os contornos azuis,
as barbatanas a vibrar
gotejando pérolas, estalactites, de algas pálidas
como crisálidas,
escorrendo luz...

Lá correu agora uma, devagar... devagar...
Úmida e quérula,[82]
trêmula, lívida,
tépida lágrima deslizando no crepe de um caixão...

Deus te guie, visagem de minha dolorosa dívida,
zumbi de Maria lsabel minha primeira paixão!

Rumba de flauta do feliz selvagem

A Américo de Oliveira Costa[83]

Não levo à minha frente os lobos da Geórgia,
não levo à minha frente esses búfalos do Dakota.
Mas, para as relvas macias e verdes
de hastes sumarentas e flocos de seda e sépia
ondulando ao vento e ao sol

e onde cantam as bocas vermelhas das anêmonas,
onde riem os olhos azuis dos linhos em véspera de ceifa,
toco o plácido rebanho das minhas ovelhas pensativas inofensivas
erguendo sob as patas rítmicas o ouro trêmulo da planície…

Vou quando quero, bebendo o mosto efervescente das auroras.
Quando quero, retorno
colhendo no coração os esparsos murmúrios da tarde:
– no ermo a canção dos sabiás,
uma voz indistinta ao longe tangendo o gado.
Na cidade, o sussurro de onda da gente exausta e ansiosa.
Porque nenhum mal fiz deliberadamente ao mundo,
turista tranquilo,

sento-me deito-me em qualquer lugar dos que os
ricos deixam à gente ignara

– um ramo de mangueira em flor (andam lindas
agora), uma
pedra na velha calçada
onde o garoto da rua
deixou os vestígios da refeição boêmia,
uma casca de fruta plebéia ainda exalando o aroma
agreste.
Ou na muralha do cais entre os canoeiros do rio.

Com um grande um cordial um fraternal anseio
de que todos os homens – aqui ou em
Conchamblança[84] –
tenham também uma boa mulher, dois filhos
endiabrados, a
História de Carlos-Magno e dos Doze Pares de França,
um pedaço de pão e uma talha de água fria. Que vão
à sua igreja.
E uma paz que tenham, que não seja
a do armento[85] entre os lobos,
a do menino estrangeiro entre esses búfalos
que outros estão levando para os campos
onde jamais a relva crescerá…

Ela

A Edson Régis[86]

Na única oportunidade da suprema aventura,
ficaram perdidas
como as nuvens da clara manhã sobre os ombros
dos montes,
dos montes,
as meigas palavras que eu estive para lhe dizer.
As palavras macias e perfumadas como flores,
as palavras de cor (porque Ela era uma grande
criança pensativa)
As palavras musicais (Ela era espiritual e esbelta,
como um lírio que andasse).

As palavras de mel
eram um vinho dourado, de uvas translúcidas
para encher a campânula do seu coração sequioso
correr nas suas veias azuis sob a pele de jambo,
feito um rio de flamas…

Dar-me-ia sorrindo um beijo de pétalas na face,
tímido e casto como a Estrela da tarde a chorar
sobre o lago.
E havia de nascer sob cânticos dos anjos nas alturas
o Amor em vão sonhado e que um poeta não teve
jamais.

Porém as palavras ficaram para sempre perdidas
e andam agora a procurar, em triste afago
na dispersão das horas do impossível de outras
criaturas
a alma dessa que a gente encontra uma única vez na
vida…

Irmã água

A João Nesi[87]

Cada mistério inútil que teu espírito levanta
Cai sobre ti como chuva de fogo
Enquanto o que esperas jamais sobreviverá
Até que sejas simples como o que fraterniza
Com tudo neste mundo onde a Verdade é água
Pura
Adamantina
Franciscana
Que orando até o mais ignaro na própria lama
encontrará.

Berceuse[88]

A Lilinha Fernandes[89]

Tinha um roupão encarnado
estampado com ramagens,
e tocava violão.
Uma letrinha miúda que há tempo vi já desbotada
no vetusto livro de orações
de minha prima Conceição – com flores secas,
pétalas fanadas, um pobre aroma de ilusões
perdidas,
imagens,
cópias de ladainhas, de novenas;
e foi com aquela caligrafia tão talhada tão serena
que ela,[90] coitada, escreveu um poema
quando eu nasci.
O único poema que escreveu
e que eu não li
porque meu pai diz que perdeu!

Na varanda do sobrado lá no sertão
havia a gaiola de um canário belga esgalgo e louro,
como um príncipe exilado, nevrosado,
e que para enganar a nostalgia
vibrava um sistro[91] cheio de guizos de ouro.
Era aí, na minha entrecortada recordação,
que ela, talvez já louca (mas, eu não sabia!)

cantava também acompanhando-se ao violão:
— *Oh pálida madona dos meus sonhos,*
doce filha dos cerros de Engadi…[92]

Ainda hoje acho lindo este nome de oásis.
A sua música entressonho
na sombra violácea dos aloendros.
Um sheik de olhos úmidos, tristonho,
cantando um gazel[93] de Hafiz[94]
enquanto o cameleiro junto ao poço,
orlado de terebintos, tamareiras e aniz,
dessedenta os tranquilos dromedários…
Cruzam o céu escampo águias azuis, para as
montanhas.
A silhueta oblonga
do minarete solitário
na ondulação do areal fulvo e ardente se alonga…

Dinheiro que dava
a pobres rabugentos.
Palavras de açúcar
para meninos feridentos…

E outras coisas, tantas, cuja imagem se apagou
Na minha retentiva descontínua de esquizóide,
e que revejo vagamente.
Cenas semi-esquecidas de velho celulóide
cuja heroína a gente amou
apaixonadamente.

Alta, esbelta, os cabelos castanhos…

Corre vertiginosa a vida,
dissolve na caudal
dimensões ciclos ângulos planos,
como degraus de "terra-caída".
Senti-me de repente
miserável folhinha no bulcão turvo da nortada
quando Ela um dia se queimou.
– "*Quero ver meus filhos…*"

E eu, transido, sob o cheiro acre inesquecível
da sua pobre carne incendiada,
entrei no quarto onde Ela bebia água fria às
colherinhas.
Me abençoou sofrendo mas sorrindo
e foi para Nosso Senhor
fazer ingênuos poemas rezar novenas ladainhas…

Sei que tinha um roupão encarnado
estampado com florões.
Era alta, esbelta, alva, os cabelos castanhos.
– "*Sua mãe era moça bonita!* "– diziam-me os
estranhos.
E tocava violão.
Ficou, no vago, oscilante, aéreo andor
do meu inútil coração
esborcinado como um velho monumento
incendiado há milênios,

docemente desbotada quase,
em contornos ingênuos,
a pálida madona da canção.
Vago encanto de beijos tristes, arrulhos indistintos
de amorosas frases.
Tímida ressonância de um arrabil[95] chorando no
oásis…

Fuga

Não queria mais encontrar
na minha solidão perenemente perturbada
e onde todas as vítimas do que também padeço
estão presentes,
o irmão que me procura (o errado!) para comentar
a excelência do mundo!

Basta para a cruel tortura de curtir crimes no
itinerário interplanetário
– se mais não fosse! – a catástrofe universal do rádio
do vizinho!
– síntese expressional da indigência e da imundície
do morro das raças
onde também talvez por justa expiação, sambando
estou…

Por caridade (ô… ô…) unicamente
viver (grifando a carmim a mentirosa expressão)
é ir morrendo feito um demente!
Oh, não! não morrerei neste pátio trágico de semi-
inferno fervente,
povoado de sombras promíscuas e confusas,
carros-fantasmas que fonfonam,
ricos idiotas que deitam pus, depois de vinte anos
roubarem o algodão no sertão,
moleques que ciscam o folhiço do chão,
donas-mocinhas que criam e adulam cadelas,

pederastas com marujos e violão,
marafonas com ares de Cinderelas,
parasitas de cáqui da L. B. A.[96] (que é o "venha-amanhã" dos que andam ao deus-dará):
sub-almas inacessíveis às vibrações dos que não sejam Eleitos!
gnomos que espionam meus mínimos gestos contrafeitos!

Não! largar-me-ei, porque
dentro dos olhos claros da minha suave companheira, a torturada,
a martirizada nesta incomparável vida (e é uma vida, a sua, onde
Espírito é uma esplêndida alvorada!)
brilha uma inefável admoestação de tolerância e bondade,
diante da minha tremenda contingência sentimental dentro desta humanidade
que tanto custa a compreender como a suportou Jesus…
(Oh ! tê-la-á suportado porque Ele era a própria Luz,
a Luz que numa gota sobre o lodo engasta um diamante virginal).
Que ansiosa irremediável saudade de uma sombra de árvore sem vizinhança mortal!
Pássaros. Gente simples cortando lenha cheirosa. Flores silvestres.

Abelhas.
Sabiás de Gonçalves Dias. Juritis de José de Alencar.
Peixes de prata, jacarés, lontras lépidas, jibóias
dormindo, garças vermelhas.
Cajaranas. Fumo de coivaras nos roçados recém-
abertos no carrasco.
Uma casa entre as sapucaias. E rebanhos de ovelhas.

L'espoir d'arriver tard dans un sauvage lieu…[97]

Quilômetros sobre quilômetros de solidão!
Miriâmetros e miriâmetros de libertação!
V-I-D-A, afinal, afinal! e sem esta mortificante
limitação!
vida somente com as solidariedades e a sociabilidade
idiossincrásica do meu coração
– tão povoado das sugestões inquietas do meu
Guia…
Longe do rádio infame analfabeto!
(Por que reencarnou a não ser na Espanha,
essa turma meganha
o fifi orlando silva chico alves o fufu
ou em Honolulu?
e o fanfão celestino[98]
por que não estourou quando ainda era menino
ou com a tempestade atômica que celestinou o
Japão?)
Ah! longe do rádio infame que eu não o tenho!
longe até dos dois laços hereditários do liame[99]

que me prende (de longas romagens estelares
dolorosas vindo)
aos olhos claros, terra de poesia,
aos olhos conversadores
– oásis lindo lindo –
os de Maria!

Madrigal triste

A Maria de Othoniel[100]

Pérola das esposas sem jaça companheira flor
Nas tuas mãos agora deformadas pelo trabalho
E que foram lindas mais ainda que pétalas
Deponho tímido o meu beijo que não é digno
Do que elas fazem todo dia
Por mim pelo Sonho e pela Poesia

S.O.S.

A Lenine Pinto[101]

Declaro para os devidos fins
e não por outro motivo qualquer
(não tem importância aqui a pontuação
que a vejo e muito em tantos versos ruins
de passadista hora-da-saudade e modernissimo
existencialista)
mas somente porque fiz sessão
com uma sacerdotisa numerologista.
A numerologia é uma ciência, e todas as outras
ciências sem S
estão fracassadas
porque lhes falta consciência
A bomba atômica de hidrogênio vem aí e é preciso
dar a gente a mensagem
antes que de novo a humanidade desça à última
viagem.

A pitonisa me disse puxando os SS muitas vezes
– "Tire este Z do seu MENEZES" (com uma
exclamação)

Certo de que o vírus filtrável do Z
tem sido todo o meu célebre azar
declaro antes de ir ao tabelião
e ao advogado

porque não tenho ainda e sempre o dinheirão
trocado,
– que sou Meneses com S.
Muito há mais tempo seria se o soubesse.

Meus amigos minha raça longe poetas que mandam
abraços
agora vai se acabar minha miséria eterna!
O número OITO (8) o meu destino ela descobriu
que governa!
O misterioso Universo.
e nós seus vermes e mesmo os semideuses os
patrões ricaços
os que pelo pão jamais exercitaram o *humerus*[102]
(rima rica do meu verso)
– não nos regemos todos pelos números?
Diga Z e terá 33 na respiração
Diga S e até o STF lhe enviará o idealíssimo cifrão
que é um S em cima de um corrimão!

Vou-me pois embora e já para Pasárgada do Manuel
Bandeira!
Vou deixar de ser apenas o chorão que escreveu a
Praieira!
Vou ser monte-pascoal na próxima descoberta
brasileira!
Deixem portanto que neste edital comece
a experimentar Meneses com S
Vamos ver se a sorte desce!

S. O. S.

S.O.S.

S.O. S

Coroa de beijos

A Mauro Mota[103]

Com a rosa à mão direita a esquerda ao peito
Dorme lembrando os séculos sofridos.
Drama dos sete maternais sentidos
Senhora dona a padecer no eito.

Sofrer foi sempre seu amor perfeito
Passos perdidos ideais perdidos
Nossa Senhora dos desiludidos
Dos humilhados órfãos contrafeitos.

Seus sonhos andam todos pelos túmulos
Olhou o céu em vão. Negrumes. Cumulus.
Ganhando flor logo essa flor morria.

No sorriso envolvendo o meu destino
Toda vida a seus olhos fui menino.
Bastou nascer como nasceu – Maria.

Translação

Vinha a fitar os olhos nas estrelas
E ficou no arsenal perambulando
Quis esmagar as máquinas pensando
Nas mãos radiosas uma a uma tê-las.

Quis acionar as máquinas movê-las
Para o caos de um futuro formidando.
Caiu. Sonhando. Ergueu-se proclamando
O pavor da balela das estrelas.

Abre a chorar a seda da sacola
Vai às mancheias sacudindo prata
Porém o mundo lhe recusa a esmola.

Prefere o mundo à máquina. Arrebata
As mãos do ilusionista a vara e a bola
Nasce o primeiro sonho democrata

Relatividade

A João Batista Pinto[104]

Perder-se no real tendo a tendo a esperança
De ver a solução pelos caminhos
Sonhos – espectros sombras de carinho
Da amada antiga no crisol das tranças.

Transpor o espaço e o tempo no cadinho
Fora da cisma azul que a vista cansa
Sair da luz gongórica da França
Queimando no indireto os pergaminhos.

Lenoras[105] e Julietas remanescem
Nas lindes das saudades mas perecem
Nirvanizadas pelos dias grandes.

Cobalto já foi rima para asfalto
Turris eburnea[106] toma-se de assalto
Qualquer planície pode ser dos Andes.

Atlântida

Dêem-me uma flor
Sem ironia
Quero ir ao túmulo de Walt Whitman
O que sem Bíblia acreditou na fraternidade
integral.
Jesus andarilho de barbas ruivas ao vento das
montanhas
Sportman varonil despreocupado de discípulos
Exemplificando e não pregando apenas
O Amor que deve haver aqui e nos antípodas.
Dêem-me uma flor sem ironia
Para a grama desse parque da última Atlântida
Que submergiu quando o poeta foi esquecido
O poeta que viu até alguma poesia na política
E o que disse não foi nela perdido.
Uma flor sem ironia para a posteridade.

Banzo

A Geraldo de Carvalho[107]

Dia azul para todas as criaturas
Menos para mim.
Suicídio não adianta que piora
O bonde pararia. O ônibus. O lotação.
De que serve viver pelo coração?
A dor da morte deve também ser ilusão.
Quem vive é que sente a evidência do fim.
Rostos novos só nos outros planetas
Dos discos benfazejos
Aqui é tédio tudo. Risadas. Vendetas.
Discos. Discos de sangue. E de cinza. Operetas.

Viração

A Newton Navarro[108]

Amoravelmente taciturno
São Francisco de Assis não pode ser
Aquele espírito vagabundo que imagino
De porta em porta procurando
Os que precisam de Amor.
Orar não é bastante é misticismo aos peixes
E ao que anda acima das asas inquietas…
Agir.
Para ter um cofre bem cheio
Orar então diante do ouro é bom.
Este é o cântico do homem infeliz.

Banana

A Luiz Rabelo[109]

Vou-me para Tegucigalpa
Ou melhor para a Jamaica
Num pau-de-arara analfabeto
Vou até lá que avião e trem anda repleto caindo
Onde deve haver mulheres-flores frutas
É Tegucigalpa
Não tem perigo de ser samba ou rumba
Lá não tem rádio nem livro nem jornal
Nem bacharel nem médico nem imortal
Nem muita honra em conhecê-lo
Lá tem é banana e macumba e da boa e sem gelo.
Tegucigalpa nem sei bem onde é
Mas só o nome quente e gostoso melhor café
E de nomes é que se vive
Dormir lá debaixo de que árvores sem Rousseau
Com um terçado bem afiado à vista dos canaviais
Tegucigalpa sem literatura
Sem contradanças nas almas das criaturas
Vou me mudar para Tegucigalpa
Que só no México tem o complexo da rima
Mando virar o caminhão pau-de-arara de letras para
cima
Não volto mais nunca mais.
Porém muito melhor é que me vá para Jamaica
Tanto faz

Os simples

A Moacyr de Góes[110]

O Castelo ruiu na luz de Rembrandt da tarde
E dois pombos vermelhos
Subiram sonoramente para o etéreo
incompreensível.
Jogou-se o jogral contra as paredes verdoengas
E esferas amarelas ficaram ricocheteando no chão.
O homem estava deitado dormindo
E em casa a mulher chorava.
O castelo ruiu como uma rima de cartas que arde.
E o sonho e o álcool estavam embalando os
infelizes.
Com todas as cores do prisma da necessidade.

Visão na casa dos mortos

A Jorge Fernandes

Não é que o cabotino nobelino do André Gide[111]
(Antônio Pinto[112] não o desminta *il n'est pas candide*[113])
arrasou com o xangô do pajé do *Cacau*?[114]
Babau
Que importa? é letra morta na roça que corta a saúva graúda
Qualquer de vós pode ser Mermoz qualquer Neruda pode ser Pintacuda![115]
Se ninguém (digam quem) se ninguém, por maior,
sabe lá para onde vai ame ou não ame
se é p'ra Miami se é p'ra Xangai
se é para a Sé se é p'ra terra da guerra ou de sonho do tristonho Maldoror[116]
ou p'ra Conchamblança ou p'ra França que inda está pior está finda.
Tudo como está e estará quem doido ou doído não ficará?
Puxa-saco feliz ou velhaco que diz que é livre livre
tudo, ao todo, mesmo o mais cabeçudo, vai a rodo no *Bateau-ivre*[117] de Rimbaud.
De la musique avant tout chose[118] se acabou (quem quiser verifique homem ou mulher)

A lua mesmo nua já não tressua mais madrigais
Amarga a luz do sol Jesus estrada larga
nem é na Fé o mar que anda como eu ando pando e
pleno de veneno uivando a transbordar!

Quem tem razão é o irmão Rimbaud
e Shaw[119] o velho escaravelho sábio *crapaud*[120]
com a alma de rouxinol lá na calma do atol
e que engrossa a troça a fundo sobre este
cauchemar[121] profundo
Era em que prospera Caifaz com tantos prantos e ais

Tu grande guru Jesus Cristo não vês isto?
Por que não nos vens, Irmão, salvar pobres reféns,
do samovar que está aqui e lá fervendo,
crescendo no porão imundo
deste golfão desta galera de feras ébrias que é o
mundo?

Cassino

A água da Serenidade flui da montanha
enquanto ela se banha no fulgor do vulcão
    Bate bate ó do bombo!
    – Bom! Bom! Bão!
De que serve pensar pensar para sofrer
se o futuro é de Deus e ninguém pode ver?
    Bate bate pandeiro!
    – sobe e desce a bater!

Aproveita o momento aproveita o que há
enquanto o que temes não vem para cá!
Geme geme trombone chora em lá!

Cai na roda da sorte, não deixes no chão
o que a Vida te deu! tudo mais é ilusão!
    Bate bate ó do bombo
    – Bum! bum! bão!

A água da Serenidade assim é que fluirá
Madalena meus pés é que não lavará!
    Arremata ó pistom!
    –Ta-ra-rá! tarará!

Notas

[1] **Luis Lagarrigue**. Argentino, discípulo de Auguste Comte. Escreveu *Catecismo Positivista Elementar.*

[2] Instrumento de ferro e aço com que se lavram madeiras, pedras, etc.; cinzel.

[3] **Protásio Pinheiro de Melo** (Natal/RN, 16.09.1914-Natal/RN, 25.09.2006). Advogado, professor, foi diretor do Atheneu Norte-rio-grandense, escritor. Irmão do folclorista Veríssimo de Melo e do médico Pelúsio Melo.

[4] **Ivan Stephanovich Mazzepa**. General e governador dos Cossacos, ao tempo de Pedro, o Grande, Czar da Rússia.

[5] **Tamerlão**. Versão do nome turcomano, *Timur-i-Lenk*, ou "Timur, o Coxo" – Kish – Canato Chagatai, 1336-1405). Filho de pastores, agregou em torno de si diversas tribos graças à sua competência como guerreiro, sua astúcia como político e seu carisma como entusiasta da religião e das artes. Com a ajuda de um vasto exército, construiu um poderoso e agressivo império, conhecido como Império Timúrida, que não resistiria à sua morte em 1405.

[6] Coberto de poeira; empoeirado.

[7] Aldeia de mouros; tribo ou grupo de famílias que vivem no mesmo lugar; grupo nômade que vive mudando de lugar em busca de pasto.

[8] Do extremo norte da Terra; setentrionais.

[9] **Salvador Rueda** (Macharaviaya-Benaque/Espanha, 03.12.1857-Málaga/Espanha, 01.04.1933). Jornalista e poeta espanhol, precursor do Modernismo na Espanha.

[10] **José Santos Chocano Gastañodi** (Lima/Peru,1875-Santiago/Chile,1934). Escritor, diplomata e poeta peruano, assassinado no Chile.

[11] Cascavel.

[12] Flor nacional do Chile (*Lapageria rosea*), planta trepadeira da família das liláceas.

[13] **Raimundo Nonato Fernandes** (Pau dos Ferros/RN, 26.01.1918). Jurista de renome, advogado, especialista em direito administrativo, foi várias vezes consultor jurídico do RN. Atuou, como criminalista, no Tribunal do Júri. Um desembargador desavisado, quando presidente do Po-

der Judiciário, pespegou-lhe o honradíssimo nome a um presídio de Natal – um verdadeiro antro de sevícias policiais e de desorganização governamental.

[14] Referência à valsa-canção "Boneca", de 1935, de autoria de Benedito Lacerda e Aldo Cabral, gravada originalmente, em 1938, por Sílvio Caldas (Gravadora Odeon).

[15] Invólucro fluido que serve de ligação entre o corpo e o espírito.

[16] Que tem forma de casco.

[17] Fraldão de penas usado pelos índios tupinambás.

[18] Referente ao mar ou ao alto-mar.

[19] Durante a Segunda Guerra, membro da Resistência Francesa. Vegetação espessa (arbustos, urzes, etc.) característica de certas regiões mediterrâneas. Na França, local de difícil acesso onde se reuniam os membros do movimento clandestino de resistência à ocupação alemã (1940-1944).

[20] **Chanson du franc-tireur.** *V*ersos do poeta e escritor francês Louis Aragon (Paris/França, 03.10.1897- 04.12.1982).

[21] Relativo ao lendário guerreiro e poeta irlandês Ossian, ou aos poemas a ele atribuídos.

[22] Grandes aves oceânicas.

[23] Ferimentos ou cicatrizes na face.

[24] Gritos de guerra; cantos selvagens; vozearias, algazarras, clamores.

[25] **Alfred Rosemberg** (1893-1946). Um dos teóricos do nazismo, autor do livro *Mito do século XX*. Opunha-se radicalmente à tradição católico-cristã, associando esta ao universalismo e ao judaísmo, defendendo uma nova religião do sangue e da raça. Foi condenado à morte, em Nuremberg.

[26] **Henry Agard Wallace (**Orient, Iowa/Estados Unidos, 07.10.1888- Danbury, Connecticut/Estados Unidos 18.11.1965). Político dos Estados Unidos. Foi o 33º vice-presidente, em plena Segunda Guerra Mundial (entre 1941 e 1945) na gestão do presidente Franklin D. Roosevelt. Com a morte deste, no pós-guerra, Truman o conservou no governo, como secretário de Agricultura. Rompendo com a nova administração, criticou o discurso de Churchill que iniciaria a Guerra Fria.

[27] Nome latino, significando, no caso, "destruição".

[28] De belas nádegas; bundão formoso, pé-de-rabo, "raimunda".

[29] **Li-Tai-Po** ou **Li Po** (701-762**)**. Poeta chinês, o mais festejado e popular da dinastia Tang, considerada a época de ouro da poesia chinesa.

[30] **Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior** (Ouro Preto/ Minas Gerais, 31.03.1860-Rio de Janeiro/RJ, 11.07.1938). Professor, poeta, historiador e político. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 36. Dentre suas muitas obras, publicou *Porque me ufano de meu país* – título que gerou críticas e elogios e a popularidade da expressão "ufanismo", de uso até os nossos dias.

[31] Diz uma lenda alemã, do Vale do Reno, que, num rochedo do rio – o São Goarshausen, localizado entre as cidades de Koblenz e Wiesbaden – vive uma bela moça, Loreley, espécie de feiticeira, com longos cabelos loiros que quando os penteia gosta de cantar. Sua voz melodiosa hipnotiza os capitães das embarcações que por lá navegam, desviando-lhes a atenção e fazendo-os soçobrar. A história original remonta ao poeta romântico Clemens Brentano (1778–1842), que, inspirado na crença popular, teria escrito uma balada – *Zu Bacharach am Rheine* – sobre o tema, em 1801.

[32] **Helen Ingersoll.** Nasceu em Mossoró, em 13 de março de 1930, filha do mineiro canadense William John Ingersoll, emigrado do Canadá que veio explorar uma mina de gipsita em Governador Dix-Sept Rosado. William era viúvo e casou com a professora mossoroense Maria Elisa da Silva. Vive, Helen, há 60 anos, em Niterói/RJ, sem nunca ter retornado ao Rio Grande do Norte. Foi, muito jovem, professora primária, na sua terra. No final da década de 1940, vindo morar em Natal, vizinha da família de OM, foi pupila do poeta e da sua Maria, a pedido de Dona Maria Elisa. O autor destas linhas e um seu irmão mais velho um ano (Hermilo) aprenderam a andar de bicicleta com a jovem e extraordinária poeta. Lia muito, falava inglês com fluência, fumava muito, roía as unhas, bebia cerveja. Dorian Jorge Freire dizia ser ela "a primeira a escrever modernismo na terra de Baraúna". Dizia-se que saíra de Mossoró por ser "avançada" para a época, na sua cidade. Em Natal, estudou no Atheneu e, por interferência de OM, escreveu crônicas e poemas, publicados em *O Democrata*. Era bonita, alta, de olhos verdes. Um dia, pegou um Catalina da NAB, no Potengi, e partiu para o Rio. Antes da morte de Othoniel e de sua Maria, visitava-os, vez por outra. Na "Cidade Maravilhosa" foi professora, funcionária do Banco do Brasil e advogada. Atualmente (março de 2008), aos 78 anos, mora com uma filha, uma procuradora da Justiça do Trabalho (Heloíse Ingersoll Sá – trabalhou, inclusive, em Natal) que, infelizmente, lhe nega

contato com quem quer que seja do Rio Grande do Norte e sequer – ela, a filha – não se digna a atender quaisquer contatos, sequer telefonemas. Helen é viúva do escultor maranhense Edson Sá.

[33] **Vesta**. Deusa romana do fogo sagrado, filha de Saturno e Cibele – correspondente à Héstia dos gregos.

[34] Tecido encorpado, de fios ralos, sobre o qual se borda.

[35] **Alhambra**. Forte e palácio em Granada (Espanha) construído pelos mouros na Idade Média.

[36] **Chiraz**. Cidade persa (no atual Irã), antiga capital da poesia e da filosofia, famosa por abrigar os túmulos de Hafez e Saadi, poetas consagrados do século XV.

[37] **Katsushika Hokusai** (1760-1849). Japonês, pintor, gravador e ilustrador de livros, considerado o mestre da escola ukiyo-e. Exerceu larga influência na arte ocidental (Van Gogh, Degas, Lautrec, Monet, Gauguin).

[38] **Zaimph**. Véu da deusa Tanit, a Lua e deusa da fecundidade dos cartagineses, referida no romance *Salammbô*, do escritor realista francês Gustave Flaubert (1821-1880).

[39] **Mathô**. Guerreiro líbio, enamorado de Salambô, filha do cartaginês Amílcar, no romance citado.

[40] Lugar dos mortos, inferno.

[41] **Ararat**. A mais alta montanha da Turquia onde, segundo a lenda, no seu topo, aportou a arca de Noé, depois do dilúvio.

[42] Violonista e seresteiro maranhense (São Luís/MA, 08.10.1863-Rio de Janeiro/RJ, 10.05.1946). Teatrólogo, poeta, músico, compositor e cantor brasileiro. Autor de "Luar do Sertão".

[43] Avião-bombardeiro de mergulho alemão (JU87), muito eficiente durante as primeiras batalhas da Segunda Guerra Mundial.

[44] Fada medieval, feiticeira, bruxa.

[45] **Juan de La Cierva** (21.09.1895-9.l2.1936). Engenheiro aeronáutico espanhol. Inventou o autogiro (helicóptero), em 1919.

[46] Membro de uma seita judaica favorável ao helenismo e, posteriormente, à cultura romana, e cujos adeptos, pertencentes, em sua maioria, às famílias sacerdotais e à classe rica, rejeitavam as tradições dos antigos, a predestinação e só reconheciam como regra a lei escrita.

[47] **TNT**. Sigla de *trinitrotolueno*, um potente explosivo. Possui coloração amarelo pálido e sofre fusão a 81°C. Faz parte de várias misturas explosivas, por exemplo, o amatol, uma mistura de TNT com nitrato de amônia.

[48] Segundo o *aristotelismo*, parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral; metafísica ontológica. No *heideggerianismo*, reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências Opõe-se à tradição metafísica que, em sua orientação teológica, teria transformado o ser em geral num mero ente com atributos divinos.

[49] Sorte adversa; infortúnio, amargura, pena.

[50] Que tem ou apresentam uma cor como a do fogo; vermelhos como brasas; rubros.

[51] **Antônio Soares Filho** (Natal/RN, 16.06.1914-03.08.1996). Advogado, político, professor, escritor e astrônomo amador. Foi membro das Academias Potiguar e Norte-rio-grandense de Letras. Integralista, seguidor de Plínio Salgado.

[52] **Wendell Lewis Willkie** (18.02.1892-8.11.1944). Advogado, estadista e político norte-americano que se opôs a Roosevelt numa de suas eleições presidenciais(1940) e autor do livro de sucesso *Um Mundo só*.

[53] **Perispírito.** Segundo a Doutrina Espírita, o elemento intermediário que conecta a vontade que nasce do espírito com a percepção que direciona o cérebro.

[54] **Clóvis Jordão de Andrade**. Poeta potiguar, nascido em Macaíba em 1903. Com o pseudônimo de "Clóvis Andrade", publicou quatro livros de poemas: *Imortalidade*, *Musa Amiga dos Sonhos*, *Versos Diversos* e *Clamor do Mundo*. Foi Coletor Federal e espírita kardecista.

[55] Tapeçaria feita, a partir do século XVIII, em ricos tecidos ilustrados com notáveis composições, da *Manufacture Nationale des Gobelins* (França), até hoje em funcionamento.

[56] Enfeitada com colgadura (estofo ou peça de pano, vistosa e/ou rica, pendurada, pendente).

[57] Trago, gole; sorvo; aspiração.

[58] Ver Nota no livro *Sertão de espinho e de flor*, nas dedicatórias.

[59] O que, na igreja, se dá a Deus ou aos santos (para as despesas do culto ou como remuneração de alguns serviços do sacerdote, esp. em funerais); oblações, obradas; oferenda piedosa; qualquer oferenda.

[60] Que denota ferocidade, agressividade; bravo, feroz.

[61] OM recorreu a um verso do poeta português Antero de Quental (1842-1891), no poema "Contemplações": *Sonho de olhos abertos, caminhando/ Não entre as formas já e as aparências, /Mas vendo a face imóvel das essências, / Entre idéias e espíritos pairando...*

[62] Monte, colina, na Galiléia, onde, segundo a Bíblia, Jesus mudou de aspecto, tornando-se resplandecente como o sol, na transfiguração.

[63] Tomada de pavor; demonstrando susto ou medo; assustada.

[64] Indivíduo astuto, intrigante, falso, velhaco. Iago é uma personagem de um dos textos mais famosos de William Shakespeare, *A Tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza* – um dos maiores vilões descritos por Shakespeare.

[65] O poeta parece fazer alusão ao general do Exército Popular Republicano espanhol Antônio Escobar Huertas, homem conservador e ligado ao clero, fuzilado, em 1940, por ordem direta de Franco, apesar dos apelos em seu favor pela cúpula católica.

[66] **Jiddu Krishnamurti** (Madanapalle/Índia, 11.05.1895-Ojai, California/EUA, 17.02.1986). Filósofo, escritor e místico indiano – uma das grandes admirações de OM.

[67] Cidade da antiga Pérsia. É atualmente um sítio arqueológico na província de Fars, no Irã, situado 87 km a nordeste de Persépolis. Foi a primeira capital da Pérsia Aqueménida, no tempo de Ciro II da Pérsia.

[68] Grande arquipélago norueguês de clima ártico.

[69] Arranha-céus (inglês).

[70] Antigo bar, na Praça Gentil Ferreira, no bairro do Alecrim, em Natal. Hotel luxuoso em Petrópolis/RJ.

[71] **Jean Mermoz** (Aubenton/Aisne, 09.12.1901-Atlântico Sul, 7.12.1936), piloto francês, figura legendária da Aeropostale, conhecidíssimo em Natal, na década de 1930.

[72] **Li Yutang** (l0.10.1895-26.03.1976). Poeta chinês, filósofo, lingüista, escritor, autor de muitos livros.

[73] Ou Bataan. Nas Filipinas, foi tomada pelos japoneses em 09 de abril de 1941. A guarnição norte-americana, aprisionada, foi obrigada a marchar

para o longo cativeiro nas selvas (Marcha da Morte). Em 1945, OM (funcionário da base aérea de *Parnamirim Field*) presenciou, comovido, a passagem, o retorno, aos Estados Unidos, dos reduzidos sobreviventes da jornada.

[74] Ordens, autorizações, comandos.

[75] **Gulf Stream**. A Corrente do Golfo (corrente de água no Oceano Atlântico que corre do México para a Europa e influência o clima nos países que estão no seu caminho).

[76] **Francisco Berilo Pinheiro Wanderley** (Natal/RN, 21.04.1934-20.07.1979). Jornalista, poeta. cronista, crítico, cinéfilo, advogado, professor e boêmio. Publicou *Telhado do sonho*, *O menino e seu pai caçador* e *Revista da cidade* (póstumo).

[77] Oração que principia por essa palavra, e recitada pelos católicos antes de confessarem os seus pecados ao padre.

[78] **Miryam Coeli de Araújo Dantas da Silveira** (Manaus/AM, 19.11.1926-Natal/RN, 21.02.1982). Jornalista (especializada na Espanha), professora e poeta. A primeira mulher, no RN, a enfrentar o batente diário das redações. Foi cidadã de extrema candura e bondade. Casou com o também jornalista e poeta Celso da Silveira.

[79] Poder de escolher ou determinar; arbítrio, vontade; vontade imperfeita, sem resultado; veleidade.

[80] Estrela cadente.

[81] Terrenos em que se desenvolvem vapores sulfurosos ou em que se depositam enxofre; crateras de vulcões extintos de onde se exalam vapores de enxofre ou gás sulfídrico; sulfureira.

[82] Que se lamenta; plangente, queixosa.

[83] **Américo de Oliveira Costa** (Macau/RN, 22.10.1910-Natal/RN, 01.07.1996). Escritor, professor, jornalista, político, diplomata (cônsul honorário), jurista. Apaixonado pela cultura francesa, foi um dos fundadores da Aliança Francesa no Estado. Durante a Segunda Guerra colaborou com a Resistência, recebendo comendas do governo francês. Foi integralista, na mocidade.

[84] Lugar, terra, "país" do acordo, ajuste, da combinação, do conchavo.

[85] Rebanho, principalmente de gado vacum; armentio.

[86] **Édson Régis de Andrade** (Timbaúba/PE, 29.04.1923-Recife/PE, 25.07.1965). Jornalista, poeta e advogado. Atuou na imprensa do Recife e publicou, entre outros, os livros: O *deserto e os números* e *As condições ambientais*. Secretário de Imprensa de Pernambuco morreu, tragicamente, durante um atentado à bomba ao Aeroporto dos Guararapes, em Recife.

[87] **João Nesi Filho** (Natal/RN, 07.10.1893-Natal/RN, 01.01.1986). Servidor público federal concursado, Delegado do Tribunal de Contas da União em vários Estados, inclusive no Rio Grande do Norte, onde se aposentou na compulsória. Foi colega de infância de OM, no Colégio Santo Antônio e amigo do poeta em todas as horas. Boêmio na mocidade, com a morte da noiva – com quem chegou a se casar *in extremis* – tornou-se espiritualista, esotérico, seguidor dos ensinamentos de Jiddu Krisnamurti (1895-1986). Vegetariano, não usava nada de origem animal, seja na alimentação, seja no vestuário. Praticava jejuns. Era culto, lendo em vários idiomas. Sem alarde, discretamente, ajudou centenas de jovens, encaminhando-os na vida, nos estudos. Não lhes dava o peixe, ensinava-os a pescar. O autor destas notas foi um desses felizardos. OM o chamava de "São João Nesi" – o que o fazia enrubescer, sem jeito, modesto e bom que era.

[88] Acalento, acalanto; demonstração de afeto, conforto; ato de acalentar para adormecer criança.

[89] **Lilinha Fernandes** (Maria das Dores Fernandes Ribeiro). Poeta, trovadora e compositora carioca, "Rainha dos Trovadores do Brasil". OM conheceu Lilinha no Rio de Janeiro, em 1950, apresentada pelo poeta potiguar José Janinni.

[90] **Maria Clementina Menezes de Melo**, mãe de OM. Suicidou-se em outubro de 1899, aos vinte e oito anos. O Poeta tinha pouco mais de quatro anos de idade (ver nota em *Sertão de espinho e de flor*).

[91] Trombeta aguda usada entre os egípcios, nos sacrifícios à deusa Ísis; antiqüíssimo chocalho; espécie de marimba.

[92] Modinha "Pensamento de Amor", com versos de Castro Aves: *"Ó pálida madona de meus sonhos,/Doce filha dos cerros de Engadí!.../Vem inspirar os cantos do poeta,/Rosa branca da lira de Davi!"*.

[93] Gênero de poesia amorosa dos persas e dos árabes.

[94] **Chama al-Din Muhammad Hafiz** (Chiraz, 1325-Id.1390), poeta lírico persa, era exímio no gazel (espécie de ode) e professor de exegese do Alcorão. Em suas obras uniu temas místicos à inspiração báquica e à exaltação da beleza.

[95] Instrumento de arco, de origem árabe, com duas a cinco cordas; aiabeba, rabil.

[96] Sigla da Fundação Legião Brasileira de Assistência, autarquia, órgão da Administração indireta do Governo Federal.

[97] **Alfred De Vigny.** *Poèmes philosophiques*, *La maison du berger.*

[98] **Antônio Vicente Filipe Celestino.** Cantor, compositor e ator ("O ébrio", filme), nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 12.9.1894 e faleceu em São Paulo, em 23.8.1968. Os outros dois cantores, citados por OM, foram: o "fifi," **Orlando Garcia da Silva**, apelidado "Cantor das multidões"(Rio de Janeiro/RJ, 03.10.1915-07.08.1978) e o "fufu" **Francisco de Moraes Alves** (Rio de Janeiro/RJ, 19.8.1898-Pindamonhangaba/SP, 28.09.1952), considerado o "Rei da voz".

[99] Os dois filhos temporãos e travessos de OM e Maria da Conceição: Netinho (Hermilo Ferreira Neto) e Lelinho (Laélio Ferreira de Melo) estavam, à época em que o poema foi escrito, com 08 e 07 anos de idade, respectivamente. O primeiro é falecido; o segundo é o autor destas Notas.

[100] **Maria da Conceição Ferreira da Silva.** (Ceará-Mirim/RN, 20.11.1899-Rio de Janeiro/RJ, 25.07.1968). A segunda e derradeira mulher do poeta. Sua companheira e musa durante 45 anos, mãe de quatro dos seus filhos: Washington (adotado por OM), Terezinha, Hermilo e Laélio. A sempre presente e solidária "boa formiga do meu inverno" – dizia dela Othoniel. A morte de Maria apressou a morte do poeta: faleceu oito meses depois.

[101] **Lenine Barros Pinto** (Recife/PE, 12.05.1930). Jornalista, advogado, historiador e escritor potiguar, nascido em Pernambuco. Foi aeroviário e servidor público do Senado Federal. Tem mais de uma dezena de livros publicados, dentre eles o discutido *Reinvenção do Descobrimento* – uma muito bem postada tese, na qual defende, com largueza de argumentos, a chegada dos portugueses ao município de Touros/RN, contrariando, frontalmente, a versão oficial. É membro da ANRL e de várias entidades literárias Brasil afora. Muito jovem, escrevendo nos jornais de Natal, privou da amizade de OM, freqüentando a casa do poeta.

[102] Osso do braço.

[103] Ver nota em *Sertão de espinho e de flor*.

[104] Poeta, jornalista e professor universitário. Reside, há muitos anos, no Recife.

[105] Personagem de Edgar Allan Poe no poema "O corvo".

[106] **Turris Eburnea**. Em latim, Torre de Marfim. É uma invocação atribuída a Nossa Senhora na Ladainha Lauretana. Um "lugar-estado" criado por Deus, a pedido de Maria, para pessoas que "deveriam se perder pelo grande mal que causaram no mundo".

[107] **Geraldo de Carvalho**. Admirador de OM, companheiro e amigo, no meio teatral natalense, de Newton Navarro, Ticiano Duarte, Marcelo Fernandes e outros jovens, à época. Servidor dos Correios e Telégrafos.

[108] **Newton Navarro Bilro** (Natal/RN, 08.10.1928-Natal/RN, 18.03.1991). Poeta, pintor, contista, cronista, orador e teatrólogo. Uma das mais brilhantes inteligências do Estado, em todos os tempos. Boêmio, irrequieto, conversador admirável. Chamava Othoniel de "primo". Foi, com Veríssimo de Melo, uma das primeiras vozes a se levantar, na imprensa, contra os que perseguiram o poeta da "Praieira", fazendo-o se autoexilar no Rio de Janeiro.

[109] **Luiz Rabelo** (Natal/RN, 04.03.1921-Natal/RN, 29.11.1996). Poeta, trovador, militar. Foi da Academia de Letras e do Instituto Histórico. Amigo e admirador de OM.

[110] **Moacyr de Góes**. Nasceu em Natal, em 1930. Bacharel em Direito, professor universitário, jornalista e escritor. Secretário Municipal de Educação em Natal e no Rio de Janeiro. Publicou mais de uma dezena de livros. Na década de 1960, sofreu perseguições e prisões, vítima do golpe de 1964, por ser auxiliar do inesquecível Prefeito Djalma Maranhão. Participou, ativamente, da implantação do vitorioso projeto "De pé no chão também se aprende a ler", na capital do Estado. Antes, na década de 1950, foi colega de OM na Delegacia-Regional do Instituto do Sal, em Natal, tornando-se admirador e amigo do poeta.

[111] **André Paul Guillaume Gide** (Paris/França, 22.11.1869-19.01.1951). Escritor francês e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1947. Oriundo de uma família da alta burguesia, fundou a editora Gallimard e a revista *Nouvelle Revue Française*.

[112] **Antônio Pinto de Medeiros**. Ver nota em *Sertão de espinho e de flor*.

[113] "Ele não é Cândido", em francês. Certamente, alusão ao personagem Candide, de Voltaire (1694-1778). Cândido, otimista por excelência, continuamente se vê frente à maldade humana, no decurso de sua peregrinação pelo mundo.

[114] Referência jocosa ao escritor Jorge Amado (Itabuna/BA, 10.08.1912-Salvador, 6.08.2001), autor do romance *Cacau* (1933).

[115] **Carlo Maria Pintacuda** (Florença/Itália, 18.10.1900-Buenos Aires/Argentina, 08.03.1971), piloto italiano da Alfa Romeo. Ganhou o coração dos brasileiros ao vencer o GP da Cidade do Rio de Janeiro de 1938, disputado no Circuito da Gávea. Foi o suficiente para, durante muitos anos, a palavra "Pintacuda" virar sinônimo de bom piloto, para alguns, e de motorista abusado para outros. Em 1949, a gíria foi incluída na letra de uma marchinha de carnaval. Fez sucesso nos anos seguintes e ajudou a manter na memória nacional o nome do corredor.

[116] **Les Chants de Maldoror.** *Os Cantos de Maldoror*. Livro poético, escrito entre 1868 e 1869, pelo Conde de Lautréamont, pseudônimo de Isidore Ducasse (Montevidéu/Uruguai, 04.04.1846-Paris/França, 24.11.1870) poeta francês de origem uruguaia. É considerada uma das obras seminais da literatura fantástica, ainda que o seu universo estranho e mórbido seja de difícil classificação. Ducasse, para uns foi um gênio da literatura universal. André Breton considerava-o uma "revelação total que parece exceder as possibilidades humanas"; Já Léon Bloy, por seu lado, classificava-o como louco, "uma ruína humana completa". Contudo, o autor foi tornando-se uma referência, principalmente para intelectuais apreciadores do gênero mais subversivo da literatura, tornando-se um autor de culto.

[117] **Le Bateau Ivre**. "O barco ébrio", poema de **Jean-Nicolas Arthur Rimbaud** (Charleville/França, 20.10.1854-Marselha/França, 10.11.1891).

[118] **A música antes de qualquer coisa**. Máxima de **Paul Marie Verlaine** (30.03.1844-08.01.1896), um dos maiores e mais populares poetas franceses.

[119] **George Bernard Shaw** (Dublin/Irlanda, 26.07.1856-Ayot Saint Lawrence, 01.11.1950), escritor, jornalista e dramaturgo irlandês.

[120] Sapo, em francês.

[121] Pesadelo, em francês.

Ara de fogo

Meu irmão Othoniel
prefácio à primeira edição

É difícil para mim, aos noventa e seis anos de idade e considerando minha fragilidade física e emocional – além dos laços sanguíneos e afetivos que nos unem – falar do meu irmão Othoniel, Thony, na intimidade.

Não querendo fugir da realidade de nossas vidas ou recuar diante do passado ou presente, reservo-me o direito de não ferir o meu "velho coração" com recordações de maneira que, tão-somente, lembrarei o mais tocante da sensibilidade de meu irmão para satisfazer o pedido de meu dileto amigo Cláudio Galvão, pesquisador da obra de Othoniel.

Éramos quatro: Francisco, Othoniel, João e Gabriel. Entre nós esteve sempre presente a figura linda e humana de nossa mãe Maria Clementina Álvares de Menezes, que, por ocasião do nascimento de Othoniel, tivera a intuição divina que ele seria o poeta da nossa família.

Infelizmente, mamãe faleceu quatro anos após esse evento, privando-se, assim, de conhecer os dotes artísticos e literários de seu filho, Thony e, conseqüentemente, este deixou de ser "duplamente amado" por aquela que, sem dúvida, o teria como o seu poeta maior. O mais impressionante da personalidade de Othoniel foi a

capacidade de memorizar tudo o quanto se relacionou com a vida de nossa genitora em tão curta convivência do carinho materno. Uma absoluta e perfeita comunhão espiritual! A sua imagem é ternamente evocada nos versos de "Berceuse!" que, mais de cinqüenta anos depois de seu falecimento, ainda vivia nas emoções e saudades do poeta, recordada nas páginas de *A canção da montanha*:

"BERCEUSE (Trecho)

Sei que tinha um roupão encarnado.
estampado com florões.
Era alta, esbelta, alva, os cabelos castanhos.
– "Sua mãe era moça bonita!" – diziam-me os estranhos.
E tocava violão.
Ficou, no vago, oscilante, aéreo andor
do meu inútil coração
esborcinado como um velho monumento incendiado há milênios,
docemente desbotada quase,
em contornos ingênuos,
a pálida madona da canção.
Vago encanto de beijos tristes, arrulhos indistintos de amorosas frases,
tímida ressonância de um arrabil chorando no oásis..."

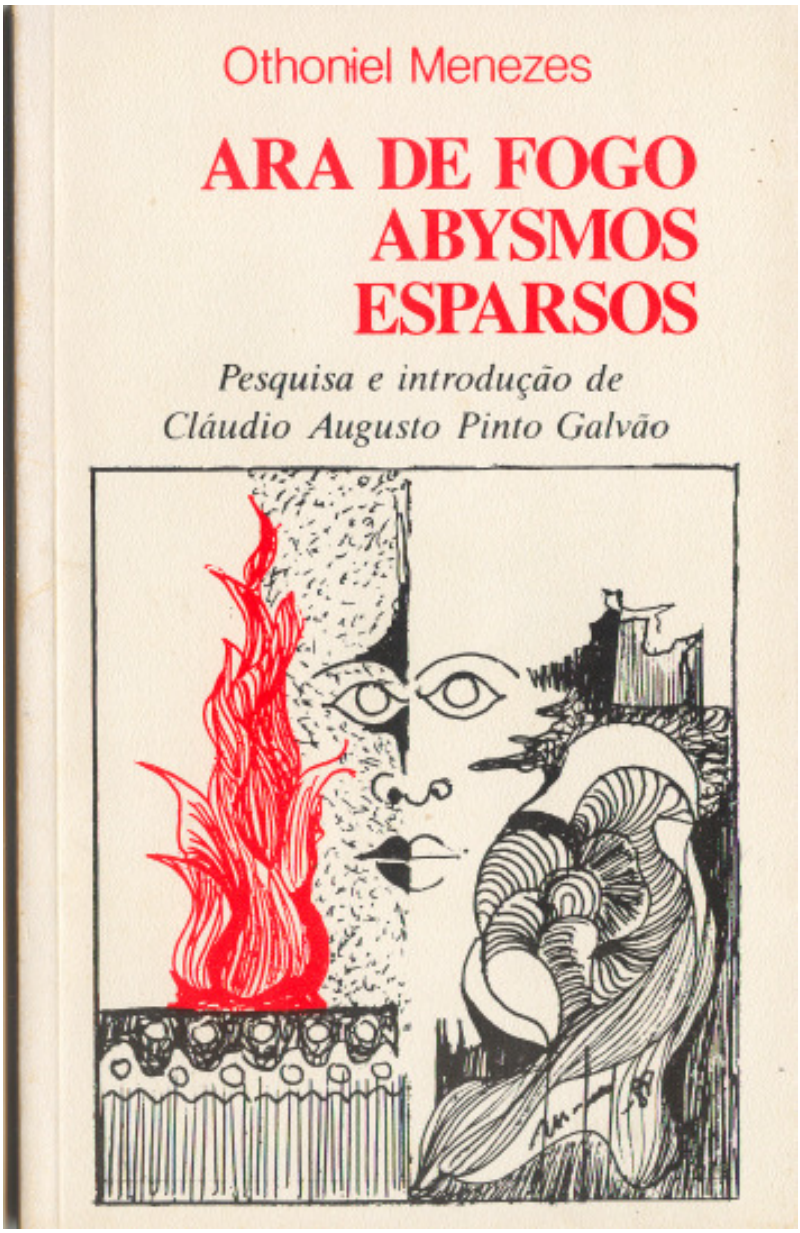
Seus amores, tratou-os com extrema delicadeza, extravasando em versos de forma admiravelmente pura e sincera os seus sentimentos. Basta que o leitor se detenha nesses versos de sua juventude, trazidos pelos *Ara de fogo*, *Abysmos* e *Esparsos*, encontrará pedaços de sua alma, sua arte e um pouco de sua vida atribulada. Numa existência voltada para um mundo infinitamente seu, o poeta expressou seu sonho no Canto 15, sextilha n. 13 do seu livro *Sertão de espinho e de flor* (na minha opinião, sua obra-prima), escrito e

inspirado na cidade de Jardim do Seridó, Rio Grande do Norte, onde permaneceu durante a sua infância e adolescência, num gesto de sublime afeto:

"A glória a que aspiro – a única –,
e que há de ser a minha túnica,
mais sagrada que a de um rei,
posse intangível se planta
na alma do povo – que canta
as canções que lhe ensinei!"

Natal, 22 de maio de 1988.

Francisco Menezes de Melo



Capa da edição de 1989

Ara de fogo, Abysmos, Esparsos
prefácio à segunda edição

O ano de 1923 foi, sem dúvida, dos mais felizes da vida do poeta Othoniel Menezes. A publicação antecipada no jornal *A República* dos poemas que haveriam de compor o seu segundo livro, *Jardim tropical*, editado no fim daquele ano, levaram o poeta a sentir, pela primeira vez, o sabor da popularidade.

Um desses poemas, a "Serenata do pescador"; recebera do conhecido músico Eduardo Medeiros, uma bela melodia que combinava perfeitamente com a beleza dos versos, contagiantes de comunicação emocional e cor local – pois construídos sob a inspiração de um fato de grande evidência local, um reide de pescadores norte-rio-grandenses que, em 1922, para comemorar o centenário da Independência do Brasil, lançaram-se ao mar em denodada aventura, de Natal ao Rio de Janeiro.

O poeta já sentira a boa fase que vivia, pois à página 51 do *Jardim tropical* , dizia: "Sei quanto é modesto o valor artístico destes versos. Feitos às pressas para serem recitados a pescadores, achou-os o inspirado musicista Eduardo Medeiros capazes de ser amparados pelo seu talento, valorizando-os com lindíssimo fado que a cidade repete, nas serenatas ou nos salões da aristocracia, de bairro a bairro. Por isso, e para satisfazer a pedidos muito gentis

que me orgulham e me confortam, publico no livro a minha 'Praieira', que me tem dado muitas vezes, noite alta, enquanto um violão soluça na rua solitária, a ilusão efêmera da popularidade"....
A vibração positiva do momento deve ter animado o poeta à produção de novos versos que deveriam compor dois outros livros que teriam os títulos de *Ara de fogo* e *Abysmos*.

Como era de praxe, na época, os versos eram primeiro submetidos à apreciação pública através dos jornais da cidade. Depois é que seriam definitivamente enfeixados em livros. Em 21 de janeiro de 1923 sai publicado, no *A República*, o soneto "Clóris", com a indicação do *Ara de fogo*. Até julho daquele ano, com a publicação do soneto "Mon Droit", no mesmo jornal, Othoniel completou quatorze poemas que comporiam o *Ara de fogo*. Já em primeiro de agosto o soneto "Ruína Sagrada" indica a origem: Do *Abysmos*, conforme a grafia do momento. Foram ao todo cinco poemas publicados até janeiro de 1924, destinados àquele livro. Ainda em 1923 o jornal *A República* publica algumas outras poesias sem referência ao livro a que se destinavam. Seriam poesias esparsas ou, por engano ou omissão, pertenceriam também aos livros *Ara de fogo* ou *Abysmos*? Não é fácil saber-se. A coincidência com a publicação das poesias anteriores levam a crer que poderiam pertencer ao conjunto que formariam os dois livros planejados. Assim, concluiu-se por incluir, junto ao *Ara de fogo* e *Abysmos*, mais algumas produções de Othoniel Menezes, com a segurança de que foram elas, igualmente, da lavra de 1923.

Através desses antigos poemas poder-se-á reafirmar a qualidade da arte de Othoniel Menezes, que somente voltaria a se manifestar trinta anos mais tarde no *Sertão de espinho e de flor* e no livro *A canção da montanha*, seu último livro, publicado em 1955, com a segunda edição em 1980. À época da feitura dos poemas do *Ara de fogo*, *Abysmos* e destes *Esparsos* foi, portanto, o ano de 1923. Não é preci-

pitado afirmar-se que aquele ano foi um dos mais felizes da vida de Othoniel. Fora o casamento realizado em 1916 com a prima Maria do Carmo – Carmita – (1901-1984) que àquela altura, dava sinais de irrecuperáveis desajustes, o restante de sua vida transcorria em clima muito favorável. Os três filhos – Francisco Euryalo, Maria do Carmo e Maria de Lourdes – não foram bastante para evitar a separação do casal. Mas, a cidade toda o admirava e cantava, nos salões e nas noites de lua, a sua "Serenata do pescador" e era difícil saber-se o que era mais ouvido, se a "Praieira dos meus amores" ou se as queixas do "Viver de amor". ("Que importa, se não posso como outrora"), musicada por Olympio Baptista Filho, ou ainda se a bela "Alice" ("O teu nome inda guardo na minh'alma"), que recebera melodia de Carolina Wanderley. O poema "Sob as mangueiras" seria, mais tarde, musicado por Carmino Romano. Se existissem naquele tempo os recursos do rádio e da televisão, Othoniel teria estado, certamente, nas "paradas de sucessos". Os jornais e a crítica literária local eram unânimes em elogiá-lo e enaltecer o valor da poesia. Ezequiel Wanderley o elogiava em seu Balões de Ensaio, de 1919, transcrevendo diversos de seus poemas. O jovem escritor Luis da Câmara Cascudo, em 1921, no seu primeiro livro *Alma patrícia*, extravasara a sua admiração pelo poeta em objetiva apreciação crítica.

O *Jardim tropical*, que traz as datas "setembro de 1922 a janeiro de 1923", só foi dado a público em novembro de 1923, recebendo os benefícios da Lei n. 145, de 1900, que possibilitava publicar, por conta do Estado, obras intelectuais de reconhecido valor.

Na relação de obras do autor que aparece na última página de *Jardim tropical* encontra-se; além de *Gérmen*, seu primeiro livro e de *Jardim tropical* que, àquele momento se publicava, a seguinte indicação: "No prelo: *Ara de fogo* (versos). Em preparo: *Abysmos* (versos), *Os últimos potiguares* (poemeto heróico)".

Não há, pois, dúvida quanto ao projeto do poeta de publicar os dois novos livros. Sobre *Os últimos potiguares* não foi possível se encontrar qualquer referência. Por que Othoniel não teria publicado aqueles dois novos livros? A informação de familiares do poeta é a de que ele teria perdido os originais sem deixar cópia. As mudanças ocorridas em sua vida nos anos subseqüentes teriam levado o projeto ao esquecimento. Graças aos arquivos do Estado – Instituto Histórico e Geográfico, Arquivo do Estado e Companhia Editora do RN – foi possível recolher-se das páginas dos velhos exemplares de *A República* e de *A Notícia*, os poemas – nem todos, certamente, que haveriam de compor o *Ara de fogo* e o *Abysmos*. O jornal *A República* tinha para ele as suas páginas à disposição, servindo de veículo às suas novas produções.

Do ponto de vista financeiro, Othoniel nunca esteve tão bem em sua vida. Nomeado em 1918 para o cargo de segundo oficial da Secretaria de Governo do Estado, já em 1921 achava-se promovido a primeiro oficial, emprego esse que lhe rendia o salário, de trezentos mil réis por mês, abaixo apenas, naquela repartição, do salário do secretário-geral, que ganhava seiscentos mil réis por mês. Era um salário bem razoável para o nível dos empregos da pequena Natal daqueles tempos, além do prestígio pessoal que lhe conferia. Foi naquele momento que apareceu Maria – Maria da Conceição Ferreira (1900-1968), que se tornaria a companheira dedicada de todos os seus dias. Maria lhe deu mais quatro filhos: Washington (1920-1960), Teresinha (1926-2005), Hermilo (1939-1988) e Laélio (1939), que haveriam de compensar as tristezas e decepções do restante de sua vida, tornada inquieta e acidentada nos anos seguintes. Temperamento difícil e abraçando a boêmia com crescente dedicação, veio a perder, pouco depois, o emprego e, conseqüentemente, a segurança econômica de que desfrutava. Sua vida se torna mais difícil e a amargurada revolta que sentia era raramente contida. Somente em 1955 é que voltaria a se reencontrar com a poesia, lan-

çando o *Sertão de espinho e de flor*, versando uma temática totalmente diversa da que abordara antes.

Os poemas dos livros *Ara de fogo*, *Abysmos* e *Esparsos* poderão aludir à compreensão da poesia de Othoniel, a ser complementada pelas obras a serem brevemente dadas a público. São eles, na fugacidade de sua mensagem, o que de concreto restou daquele distante ano de 1923, um dos mais felizes da vida do poeta Othoniel Menezes.

Cláudio Galvão

Clóris[1]

A José Ferreira de Souza[2]

Quando desce ao jardim verde e florido
da sua aristocrática vivenda,
é uma deusa pagã, dentro da renda
de um moderno, sacrílego vestido…

Alta, branca, marchando pela senda
saibrada da alameda, o colo erguido,
roça nos lírios: – quérulo, um gemido
eleva-se, de amor, sem que ela o entenda.

Passeia, indiferente à sua glória.
O sol, vivo, a dourar flores e ninhos,
morde-lhe a nuca esplêndida, marmórea…

E é bela, que as rosas, na alameda,
rubras de ciúme, eriçam-se de espinhos,
para rasgar-lhe a túnica de seda!

Paraíso perdido

A Alberto Carrilho

Arranco-me a este amor. O braço erguido
contra mim, flamejando, a arma refece,
mostra-me o arcanjo negro... Foragido
do vergel que, hoje, em sonho, me aparece,

contemplarei, de longe, a rósea messe[3]
que teu corpo divino e apetecido
me prometia... Adeus! Doido e ferido,
o coração não sara nem esquece!

Gozo, porém, da glória que ambiciono:
saber que um verso meu turbou teu sono,
triste, ou contente, ou pálida te fez.

Para viver de amor, basta a saudade!
basta que esta ilusão seja verdade:
– "Ela" pensou em mim alguma vez...

Os bem-te-vis

A J. Gobat[4]

Ó Natureza!
a única Bíblia verdadeira és tu!

Guerra Junqueiro
O Melro

Moro num casarão. Verdes, serenas, perto,
mais altas que as irmãs, moram cinco palmeiras,
cheias de bem-te-vis. Estes, manhãs inteiras,
vivem de amar, cantando. (É um paraíso aberto,

à boêmia, à liberdade aos pássaros!) Por certo,
são leigos em moral. Nas lânguidas soalheiras,
beijam-se, abertamente, entre canções brejeiras.
Nunca há de haver, aí, um ninho só deserto!

Ontem, disse um amigo, a sorrir, reparando
no verde gineceu: "– O tal noivado, em bando,
à lei velha é o maior insulto que contemplo".

Bem que compreende o poeta, humorista ladino,
que o alegre bem-te-vi é humaníssimo exemplo
do Amor – o único bem mais forte que o destino!

Serenata

A Deolindo Lima[5]

Tão claras, estas noites, que a avenida,
sem viv'alma, silente, iluminada,
a todo boêmio acreditar convida
no sortilégio branco de uma fada.

Dona Stella – há que tempo está deitada:
sua casa, sem mais sinal de vida,
lembra, erguendo no luar a ampla fachada,
a história da "Princesa Adormecida"…

Entretanto, aqui fora, que beleza!
no silêncio, na paz da natureza!
que misticismo salutar flutua!

Branqueia o plenilúnio a noite bela,
e, saudosa, uma voz canta na rua,
ao longe: "Acorda… abre a janela… Stella"…

A catedral encantada

A Nascimento Fernandes[6]

Branca, no ilhéu florido, avançando o zimbório[7]
perto do firmamento, a Catedral se erguia,
murmurosa babel de sonho e de poesia,
aos bíblicos pregões do mar, no promontório.

Tudo orava, escutando, ao pôr do sol por,
merencório,
profundo, o carrilhão planger a *Ave-maria*…
Eram – linho de altar a espuma casta e fria;
os manacás em flor, trescalante incensório…

Mas, uma vez perdida a fé nos livros santos,
abriu-se o mar, fervendo, a água em montes
conversa,
e engolfou a ilha verde, entre salmos e prantos.

Ouço ainda, da tarde aos clarões purpurinos
– encantada no abismo –, a Catedral submersa
levantando o clamor funerário dos sinos!

Quando o sonho morre

Fiquei mais triste ao ver-te. Preferira
que – miragem de amor na minha estrada –
depois daquela noite iluminada,
fosses a mesma esplêndida mentira…

Hoje, que desencanto, extinta a pira,
da glória, que supunha abrasada!
O último sonho nosso, o último expira
ao pé de minha lâmpada apagada…

A ti, também, fora, mulher, decerto,
não ver o que, de longe, em cismas, era
nobre castelo – e é um túmulo, de perto…

Antes não mais voltasses, primavera,
canto, perfume, girassol aberto
na penumbra saudosa da tapera!

A luz dos meus olhos

A Oliveira Júnior[8]

Ontem, ao fim da luminosa tarde,
ao meu encontro, sorridente, vieste,
e eu, que não posso dessa luz celeste
que os teus olhos me dão fazer alarde,

fui mais feliz que um deus! Minh'alma guarde.
até que durma em paz sob um cipreste,
a glória de viver que, assim, me deste,
– pira onde o incenso de meus amores arde!

Quando te foste, comovida – juro –
embora houvesse tanta estrela aberta,
todo o céu para mim, tornou-se escuro!

E eis-me; infeliz, as lágrimas contendo,
ao ver que, pela estrada ampla e deserta,
ia o teu vulto desaparecendo...

Poeta

Para a tristeza e glória de Edinor Avelino[9]

Este que passa pela vida afora,
fazendo versos, transformando em flores
tudo que, nem nas trevas inferiores
do último inferno, Dante viu, outrora,

traz na fronte – crisol[10] de tantas dores –
desde a primeira, agoniada aurora,
o estigma passional dos sonhadores,
– essa melancolia que o devora…

Sofre? – deve cantar! Árvore-esfinge,
da selva humana entre os madeiros brutos,
no pântano se erguendo, o céu atinge…

Abre-se em flores, para os infelizes.
Mas, na polpa dulcíssima dos frutos,
guarda o veneno e o travo das raízes…

Maio

Para o romantismo de Adriel Lopes[11]

Maio vai se acabar! – punge dizê-lo!
Quem não ama, este, só, não se envenena
de saudade, esperando o pesadelo
da última noite clara da novena!

Tu, se não tens motivo de escondê-lo,
tu, que me lês, dize se não faz pena
não mais rezar aquela flor morena,
sob o incenso pagão do seu cabelo!

O amor, no mês de maio é suave prece:
gorjeia trinta dias corda a corda,[12]
e, igual aos outros cânticos, fenece…

Só o coração, turíbulo vivente
– tanto de aroma ao pé do altar recorda…
Fica esperando maio novamente!

Circo

A Adolfo de França[13]

Quando vem, à tardinha da Ribeira,
com o vestido salmão e a fina blusa,
mademoiselle,[14] que me odeia, cruza
a calçada e desvia-se, ligeira.

Ao palestrar, da lâmina traiçoeira
que traz na boca perfumada, abusa.
– Espinho em flor! satanizada musa!
panterazinha lúbrica e loureira![15]

Para vingar-me, às vezes, noite morta,
faço-a pensar em mim, por um instante
– cantando um fado triste à sua porta.

Gozo, ao vê-la fugir, sentir, deveras,
queimar-lhe o corpo o látego vibrante
do meu olhar de caçador de feras…

Mon droit[16]

A Uldarico Cavalcanti[17]

Isso de andar gemendo, em toda a parte,
que és falsa – igual a todas as mulheres –
que adianta ao meu espírito, se dar-te
esse prazer, é tudo quanto queres

para fingir de vítima? Tens arte
de sereia e demônio! De encantar-te
em punhal sob rosas, quando feres,
oh mais falsa de todas as mulheres!

Não me lamento e nem me arrependi
de, embora tudo, ter-te amado tanto,
ter esperado tanto bem de ti!

Mas, o orgulho é brasão de muito preço!
– Julgas-me indigno de tocar-te o manto?
Salve, Princesa! Adeus! Também não desço!

Notas

[1] **Clóris**. Ver nota 1, em *Jardim tropical*.

[2] **José Ferreira de Souza** (Santa Cruz/RN, 10.09.1889-Rio de Janeiro/RJ, 15.05.1975). Advogado, jornalista, professor, deputado federal e senador, contemporâneo de OM nos bancos escolares do Colégio Diocesano Santo Antônio e do Atheneu Norte-Rio-Grandense.

[3] Seara em bom estado de se ceifar. Ceifa, colheita. Aquisição, conquista.

[4] **José Gobat Ferreira do Nascimento** (Santa Cruz/RN, 17.09.1889 - ?). Advogado, poeta e jornalista. Foi promotor público no Rio Grande do Sul e na Paraíba. No Estado vizinho, foi, também, Procurador-Geral do Estado e secretário do jornal *A União*. Retornou ao Rio Grande do Norte como fiscal de bancos. Em 1909, publicou um livro de versos: *Asas.*

[5] **Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima** (Assu/RN, 09.03.1885-Natal/RN, 10.04.1944). Poeta, jornalista, seresteiro, ator, teatrólogo, comerciante. Foi o primeiro ator a pisar o palco do Teatro Alberto Maranhão, no dia da sua inauguração (25.03.1904), apresentando um monólogo de Artur Azevedo (*Rogério Brito*). Excelente modinheiro (cantor de modinhas), amigo e admirador de OM, foi escolhido pelo poeta para, no mesmo tablado, no dia 16 de novembro de 1922, cantar, pela primeira vez, *Praieira* (Serenata do Pescador).

[6] **Manoel do Nascimento Fernandes de Oliveira** (Natal/RN, 1888 - ?). Jornalista e poeta natalense, irmão dos também poetas Sebastião e Jorge Fernandes. Publicou, em 1913, *O Livro de Matilde* (versos).

[7] A parte superior, em geral convexa, que exteriormente remata a cúpula de um grande edifício, sobretudo de igrejas; domo.

[8] **Olegário de Oliveira Júnior (**Assu/RN, 22.09.1895 - ?). Jornalista, poeta, servidor público, agricultor (em Ceará-Mirim). Correligionário histórico de Café Filho, foi redator-chefe de vários jornais fundados pelo ex-presidente da República em Natal. Escreveu dois livros de versos: *Cardos* e *Relicário*. Amigo pessoal e colega de redação de OM.

[9] Ver nota em *Sertão de espinho e de flor.*

[10] Cadinho. Aquilo em que se apuram os sentimentos.

[11] **Adriel Lopes Cardoso** (Natal/RN, 24.01.1900-Natal-RN, 20.01.1930). Poeta, desenhista, funcionário do Estado, grande boêmio no seu tempo. "Morreu e viveu depressa, como uma luz serena e tímida

num altar silencioso" – escreveu sobre ele Câmara Cascudo. Na fase mais boêmia de OM, nos primeiros anos da década de 1920, Adriel foi seu companheiro constante de farras. No carnaval de 1926, por exemplo, fizeram parte de um famoso bloco, "Os Quatro Perdidos". Os outros dois componentes da *borrachera* quadra eram Olympio Baptista Filho e César Pelinca. A marcha-enredo da "agremiação", com música de Olímpio Baptista, foi registrada no livro *Falenas* (Natal, 2007, impressão da Natal Gráfica Editora), organizado por Walter Batista de Andrade, filho do musicista, e apresentada pelo professor Cláudio Galvão.

[12] **Corda a corda**. No sentido de série, cadeia, fileira.

[13] **Adolfo Elias de França** (Natal/RN, 02.11.1901-Natal/RN, 06.04.1974). Servidor público, violonista, compositor, seresteiro, líder católico, proficiente e sem exageros. Era parente próximo de OM, pelo lado dos Álvares de Menezes, povoadores do atual município de Nova Cruz. Foi, por trinta anos, Administrador da Casa de Detenção de Natal, ali realizando relevante obra social de amparo aos presos. Cafeísta convicto, foi suplente de vereador, assumindo algumas vezes o exercício do mandato. Ficaram famosas, em Natal, nos anos 1960, as suas diferenças políticas com o filho, deputado federal Erivan França, um dos líderes mais exaltados do governador Aluízio Alves. Adolfo sofreu represálias e ingratidões.

[14] **Mademoiselle**. Senhorita, em francês.

[15] **Loureira.** Diz-se de mulher provocante, sedutora, que procura agradar a todos.

[16] **Mon droit**. Meu direito, em francês.

[17] **Uldarico Bezerra Cavalcanti** (Natal/RN, ?-Rio de Janeiro/RJ, 09.01.1955). Poeta, jornalista, servidor público federal, membro do Grêmio "Le Monde Marche". Publicou *Esmaltes* (1900) e *Bandolinatas* (1903, Natal). Estudou Medicina e exerceu cargos importantes no Ministério da Fazenda, então sediado no Rio de Janeiro, representando o Brasil em vários eventos técnicos no exterior. Muito jovem – segundo Rômulo Wanderley, em *Panorama da poesia norte-rio-grandense –*, prestou serviços de guerra na Bahia, combatendo os jagunços de Antônio Conselheiro. Um poema de sua autoria, intitulado "Ao verme que primeiro tripudiar sobre o meu cadáver", publicado em Recife, em abril de 1903, ao lado da obra de Augusto dos Anjos – e até de Cruz e Souza – tem suscitado vários estudos acadêmicos sobre a "poesia científica" da chamada Escola do Recife, cujo teórico maior teria sido José Izidoro Martins Júnior (1860-1904).

Abysmos

Tristeza

Ela, sabendo quanto um triste fado,
de incerteza mortal me fez cativo,
quis me dar seu amor – por ele, vivo
a pensar que não sou tão desgraçado!

Não me importa do mundo o iroso brado...
O que de atroz pesar me dá motivo,
é que me falte, um dia, o lenitivo
dessa fonte do vinho suspirado!

Fosse, o meu sangue o doloroso preço
desta esperança, que a minh'alma invade,
da glória, que não tenho e nem mereço!

Morto – seria, ao menos, uma prece,
uma lágrima, o aroma da saudade,
que o seu piedoso coração tivesse!

Ruína sagrada

O coração, de onde, hoje em dia, arranco
funerais de esperanças, quando falo,
já foi uma igrejinha – dói lembrá-lo!
cheirando a malva-rosa e cravo branco.

Teu altar por que não vieste ocupá-lo?!
Viesses, que festas! que alvoroço franco
dos sinos! quanta flor pelo barranco!
procissões ao luar! missas do galo!

Tardaste! a atroz descrença levou tudo!
Só um monge, o sonho, pelas ruínas, mudo,
chora do céu a malograda palma…

E, sobre a torre negrejante, apenas,
na luz das tardes tristes e serenas,
voeja a andorinha branca de tua alma.

Elevação

É por ti que algum bem ainda consigo
– quando venço, calado, o meu tormento:
quando perdôo, ou, com meu pão, sustento
a miséria de um pálido mendigo.

Se estudo, ou quando afronto algum perigo,
quando é sonho e oração meu pensamento:
por ti, calcando o coração violento,
beijar a fronte do último inimigo!

Por seres tu quem és, pura e perfeita,
tudo que vem de ti minha alma aceita
para libertação do meu inferno.

Subiu, assim, do vórtice fremente,
Dante, por Beatriz, gloriosamente,
à própria essência mística do Eterno.

Rosa

Alma cristã que, ao longe, me acompanhas,
da minha vida no deserto escuro!
Que nome hei de te dar, se, em vão, procuro
um que exalte o esplendor em que te banhas?

Antes não viesses a este mundo impuro,
sofrer o horror de provações tamanhas!
Flor da neve perpétua das montanhas,
nostálgica, a brilhar sobre o monturo…

Rosa de misticismo, ebúrnea e casta,
que a via-crúcis do destino arrasta,
despetalando um belo sonho morto…

Rosa viva de amor, sem um espinho,
aberta em preces, beijos e carinho,
ao pé das oliveiras do meu horto.

Teus olhos tristes

Teus olhos tristes! quem me dera ao menos,
vê-los, de perto, a todo instante, para
beijá-los, e cantar, em suaves trenos,
as maravilhas dessa noite rara!

Tenho bebido todos os venenos
dos olhos das mulheres, mas, tão clara
expressão, tanta luz – qual se compara
à dos teus olhos negros e serenos?!

Céu de amor, sobre o qual, triste, debruço
a alma, e sondo, soluço por soluço,
o rio de amarguras que te inunda…

Fonte de pranto e de prazer oculto,
refletindo, na flor da água profunda,
a sombra cismativa de meu vulto.

Íxion[1]

E mais eleva o coração de um homem,
ser de homem sempre e…ficar na terra e
humanamente amar!

Olavo Bilac

Para contradição de teu sonho grandioso,
tu nunca hás de encontrar a mulher que procuras,
– amante, à hora do amor; mãe, nas horas escuras;
coração, na miséria, e espírito, no gozo.

De qual soubeste, já, que trouxesse as mãos puras
do contato do mal fugaz, mas afrontoso,
e conservasse, em meio a todas as loucuras,
a lâmpada fiel para esperar o esposo?

Teu cérebro por mais que em sofismas se adentre,
conclui sempre que a planta à condição terrestre
deve as flores e o sol comum para entretê-las…

Sem dúvida, a mulher que procuras existe!
– mas não sabe de ti, que andas perplexo e triste,
a buscar o seu vulto humano entre as estrelas…

Nota

[1] **Íxion**. Rei da Tessália, desposou Clia. Mais tarde, a matou e ao seu pai, Deioneu. É pai dos centauros, nascidos dele e de uma nuvem. Por ter tentado violar Juno, esposa de Júpiter, foi parar no inferno, onde gira numa roda de fogo por toda a eternidade.

Esparsos

Parte I

[1923]

Índio

Tu, cuja taba invicta, primeira,
ergueste, primitiva, soberana,
ao sol da livre plaga americana,
– representas a glória brasileira!

Orgulhoso da história e da bandeira
cravejada de estrelas que se irmana
à grandeza de tudo que promana
da floresta, do mar, da cordilheira!

Símbolo vivo, atlético, selvagem,
da pujança e do sonho formidando
que alenta a coragem de *Peri*.[1]

Flor de bronze da selva! escuta a aragem:
a voz de Carlos Gomes, derramando
o Amazonas ao som do *Guarani*![2]

Vesperal

Oh silêncio dos ermos! voz saudosa
das juritis, na solidão, perdida.
A natureza, *mater dolorosa*,
amparando a cabeça já sem vida

do sol… A luz violeta refletida
na largura… (Um coqueiro, ao longe, à rosa
esparsa do arrebol, tristonho, goza,
toda a beleza dessa despedida!)

Gênio da tarde! esconde teus mistérios
– na boca paralítica das fumas…
– nos vales, nos vergéis, nos cemitérios…

Na poesia universa que resumes,
seres e coisas são divinas urnas
de saudades! de cantos! de perfumes…

Poema da noite

Repassada de augúrios e perfumes
sobre a calma da terra adormecida
e exausta de emoções, de ânsias, de vida
– côncava, a noite azul reacende os lumes

das estrelas. Milhões de vagalumes
piscam, na treva. E, diáfana, expandida,
a Via-Láctea, a esplêndida avenida,
desdobra, a fulgurar! Noite! resumes

muitas das grandes gestações secretas
da Natureza! A esta hora nascem rosas
no teu sossego, noite imensa e bela!

E a alma branca dos noivos e dos poetas,
das crianças a dormir, das mães piedosas,
toda em sonhos e beijos se constela!

Teus olhos claros…

Os teus olhos castanhos são dois lagos,
de leitos de ouro, entre sedosas filas
de tinhorões rajados e tranquilas
messes de crisântemos de tons vagos.

Nadam tontos, aveludando afagos,
os cisnezinhos negros das pupilas…
Têm palácios de fadas e sibilas,[3]
festas, lindas histórias de reis magos.

São dois topázios encantados, onde,
a cada vibração de luz, responde
de uma promessa o ardente magnetismo.

Cego por eles, vou de olhos fechados,
sentindo, alheio ao mal de outros pecados,
meu coração cantar dentro do abismo.

Parte II

Poesia inédita em livros

Atavismo[4]

Para Jorge Fernandes

I

Tic-tac! Tac-tac!
– Rrac… crac…
Olá, amigo vento, velha alma familiar e chorosa de Casimiro!
velha gargalhada noctâmbula do salafrário Bocage!
Avejão!… (rrac!)
vulto branco!… (crac!)
Tic-tac…
Ferve, a cem léguas, o mar… uma zelação que desabou no mar!

II

Crac!… Crac!
abriram a minha porta!
Quando chega a hora aziaga e o horror no coração primitivo
do primeiro pastor que viu a primeira estrela no céu, enorme,
tic… tic… o coração é um relógio – tic… tic… tic…!

a hora sem nenhum pavor dos corujões rasgando a
mortalha das horas
sobre o sono dos pequeninos,
centos de filisteus com plumagens índias,
carregando uma urna de esmeralda, enflorada de
corais e algas,
a cabeça luminosa e gotejante de Gonçalves Dias,
berram, mudos, epopéias americanas…
Ferve, a duzentas léguas para o Ocidente: o mar!
e foi quando os espectros de todas as poesias
abriram a minha porta!

III

E morri no meu corpo imortal,
e voei pela transparência da noite morta!
Tudo morto!
Para o Ocidente, para dentro da plaga imensa, ferve
o mar!
… mas, o meu irmão moinho, acordado ainda,
geme no ermo: crac… crac…
Era um mar morto, o mar diferente do mar que
referve,
e onde o último romântico, absorto, navegava,
com um santelmo de saudade fátua iluminando a
lira grega!

IV

E o meu ágil fantasma,
– rrac… rrac… rrac… –
assustando os burgueses insones,
de tanto ouro honesto e principal na vida
– canalha cosmopolita, céu dos judeus dos miseráveis! –
tic-tac…
Hora boa dos miseráveis!

V

O meu fantasma arrastando uma braçada fria de horas,
tac… uma! tac… duas! tac… multiplicando,
vai deixando cair uma hora boa à porta dos miseráveis!
beija um faminto filho de vagabundo que não sabe das horas,
e traz um vagalume, para alumiar dez beijos nos meus filhos ressonando…

VI

Rrac… rac… rac…
abriram a minha porta,

aqueles suaves fantasmas que são os meus
pensamentos,
numa eclosão constante de música, dentro de uma
noite morta…

VII

Eu estou vivo no meu corpo,
e o meu fantasma sensitivo
radiografa para a estação circular do meu cérebro
– tic… tic… –
todas as impressões musicais das horas que morrem
cantando.
E eu sinto no estuário do meu coração
a convergência, a refração
da inquietação comum…

VIII

Tic… tac…
Tictac:
dez!
tac –
onze!
tac –
doze!…
Às constelações mais belas, muito móveis
no mostrador ciclópico da matriz do zodíaco.

so…
no…
ra…
men…
te
gotejam:
tic-tac… tic-tac:
– luz maior que a luz do século,
sobre os páramos dos sertões fetichistas e esquecidos:
ah! as reticências de Euclides da Cunha,
o Caçador de Esmeraldas de Bilac!
Tic-tac…

IX

E eu, dentro da cidade que dorme,
vigiada pela vigília inexorável das horas
    assombradas,
e pelo cão danado do vento sul,
que é um bandido e devasta o peito dos meus
    irmãos varredores das ruas,
eu estou vivo!
e vejo o FANTASMA!
tic… tac!…
o fantasma!…
crac! crac!…
o fantasma!
dos meus próprios pensamentos.[5]

Canção do exílio[6]

Poemazinho da esperança
canta o soldado bagageiro:

"Na Bahia diz que tem
morenas de qualidade,
que até no andar deixa saudade"

Ai! A toada, que tristeza…
até pareço português!
Chegarei lá?
Minha filhinha, eu sou criança,
e nem te deixei chorar quando parti!
Bato estas serras, brancas de bruma!
Vejo uma igrejinha, eis-me a rezar…
(os trens me arrastam) Irei voltar?
Toca a sofrer, só de esperança!
Vou fazer versos. Bem quisera
Ser Casimiro Triste de Abreu:
- O agreste sassafrás, à beira d'agua,
perfuma o ermo… –
Chi!… que esperança!

Chegarei lá? …
Canta o soldado, mas ele canta
é o poemazinho que me faz criança!

As sereias[7]

Na praia, diante do silêncio harmonioso do mar,
uma tarde, romântico,
silencioso, ouvindo clamor de naufrágio no
coração,
– velho corsário transatlântico –
pus-me a traçar
nomes vários de mulheres:
uma constelação inteira, de Marias,
Faustas, Edites, Esteres…
umas louras, sonhadoras, metidas a inglesas, frias…
outras ardentes! e havia u'a morena, maravilhosa,
que era mentirosa! era mentirosa!

Coração, que mais queres? Coração, que mais
queres?
Todo coração é um navio encantado,
cheio, cheio, fantástico, iluminado,
de nomes de mulheres…

Jorge e o dragão[8]

A Jorge Fernandes

Quando todos cantavam soluçando
Lívida lua sobre o rio montes
Casimiros Bilacs e Lecontes[9]
Filtrando estrofes pelos pés contando

Descobres nos penates[10] novas fontes
– A noite era um felino ronronando[11]
A luz com a luz elétrica chegando
Os violões só nos doutos horizontes

Ergues na confusão do itinerário
Teu cassetete revolucionário
Contra o dragão de açúcar dos rondós[12]

Pagaste nunca a vida com tristeza
Pela grade dos sonhos a Beleza
Te deu destino além de todos nós

Ricardo da Cruz[13]

(A propósito do reide de iole[14] Natal-Rio)[15]

Artífice e piloto, desde a quilha,
com as tuas próprias mãos, a nau fizeste
– fina e leve. Na proa, airosa, brilha
o pendão potiguar azul-celeste.

Mais alguns dias, e abre-se a imensa trilha:
a bombordo, a amplidão... Negro, a boreste,
o arrecife... Porém teu pulso investe
o rumo ao belo golfo – maravilha!

No teu nome há um santelmo[16] alvissareiro:
CRUZ da Fé! Nunca teve outro padrão,
o heroísmo do povo brasileiro.

Nossa Senhora da Apresentação
guie teu barco, Vespúcio canguleiro
– Rei dos peixes do mar de Camarão!

Henrique Castriciano

Discretear com Renan e com Jesus,
ser sábio e poeta. Que melhor destino,
sob o céu deste berço pequenino,
que seu estro imortal encheu de luz?

Três Continentes mestre e peregrino,
perlustrando, de volta, que conduz?
– da Europa, outro evangelho para o Ensino,
– da Ásia, o modelo para a própria cruz…

Três livros, e uma Escola – que é o mais lindo
poema que fez, sonhando, e desmentindo
que os sonhos só de sonhos se coroam…

A alma da Pátria perfumou teu Canto!
– as mãos e as noivas, todas, te abençoam!
– todos os poetas te proclamam Santo!

Marinha brasileira

Troa ainda nas ribas[17] desoladas
dos paranás do sul, o som vibrante
do sinal que Barroso, a águia flamante,
içou, num caos de frechas e granadas!

Diga, depois, o Atlântico, as jornadas
em que a voz rediviva do almirante
levou a esquadra à esteira borbulhante
dos polvos negros – de hélices gamadas!

Ei-la, a cecém[18] dos mares, flor das frotas,
leoa na batalha, hoje sonhando,
entre ondinas, santelmos e gaivotas…

Vedeta[19] do horizonte à luz dos astros
sobre os rumos da América, levando
o nome do Brasil – na Cruz dos mastros!

Caminhos de sangue[20]

O pé das caboclas descuidadas
pisa agora a estrada da guerra
onde eu sou milionário.

Vão ao rio, descem ao vale ainda úmido,
cheirando, sob a diáfana bafagem da névoa,
a cajueiros em flor…

Breve, talvez, esse bucólico itinerário
onde há tinidos esparsos, sucupiras
de mantos lilases, ubaias douradas e
    mel.

Soldados, pequenos soldados pardos,
ingênuos, cabeças de papel.

Furiosos sob a metralha, atravessando a
ponte, caindo como gafanhotos
verdes na cachoeira.

E somente restará, tímida, trêmula, sob
a bananeira da margem silenciosa,
a última da tribo dos mestiços da
Ponte Velha,
estúpida, olhando os heróis despedaçados
na água do rio inocente refletindo

pobres flores azuis e pau-d'arqueiros
com grandes túnicas de quaresma.

Todas as estradas por onde ainda
vagam sombras de sacrificados,
são iguais a essa da Ponte Velha.

Onde as caboclas felizes vão pela
manhã a cachoeira.

No vale onde estão ainda em paz
e em flor os cajueiros…

Notas

[1] **Peri**. Companheiro e protetor de Ceci, cujo irmão matara, casualmente, uma índia da tribo Aimoré. Esse fato exaspera a família da índia que pretende vingar-se matando Ceci. Peri, vigilante, mata-os e, graças a ele, todo tipo de vingança contra a família de Ceci é desfeita. Peri, imaginando que poderia matar todos os Aimorés sozinho, toma veneno e se lança contra mais de duzentos índios. Quando já fizera grande mortandade, entrega-se como prisioneiro, porque conhecia o costume daqueles índios antropófagos de devorar o inimigo. estando ele envenenado, todos morreriam ao comer de seu corpo. (*O guarani*, de José de Alencar).

[2] **O guarani**. Uma das óperas do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes (1836-1896). Em quatro atos, com libreto de Antônio Scalvini, estreou no Teatro Scala de Milão, na Itália, em 19 de março de 1870, fazendo um grandioso sucesso. A *Il guarany* tem como maior destaque a sua abertura. Esta é até hoje muito interpretada, além de muito conhecida por ser o tema do programa radiofônico A Voz do Brasil.

[3] Profetisas, bruxas, feiticeiras.

[4] No livro *Príncipe Plebeu – Uma biografia de Othoniel Menezes* (no prelo, em março de 2009), Cláudio Galvão – para espanto de muito "intelectual conterrâneo" e de alguns empolados mestres e doutores da nossa universidade – descobre, documentadamente, que, neste longo poema, publicado na revista *Letras Novas*, em setembro de 1925, inesperadamente, e de forma diferente ao estilo poético sempre seguido, Othoniel aparece sem rima, sem métrica, utilizando uma linguagem nova e avançada, e empregando o artifício das onomatopéias e recorrendo a estratégias gráficas. Estas características foram amplamente empregadas pelo poeta Jorge Fernandes – nome maior do movimento modernista no Rio Grande do Norte – e seriam a sua forma preferencial de expressão poética. Entretanto, o primeiro poema moderno de Jorge Fernandes iria ser publicado em periódico cerca de três anos depois, na edição de 15 de março de 1928 do jornal *A República* – o "Remanescente"–, meses após o aparecimento do seu *Livro de poemas*. O poema "Atavismo" – por sinal dedicado a Jorge Fernandes – enquadra-se na maioria das tipicidades que caracterizaram o movimento modernista. Nele pode-se notar a ausência de métrica, de rimas e da forma usual dos "passadistas", como o clássico soneto, que é substituída por um longo poema subdividido em nove partes. O tema –

um delírio do poeta – não é tão comum na época. Acrescente-se, ainda, a utilização de onomatopéias e recursos gráficos. Faltariam, para completar, a ambientação nacional e as cores "verde-amarelo", para o total enquadramento. O ritmo clássico é desprezado, mas a pontuação é mantida "passadista". É necessário ressaltar-se que "Atavismo" foi o primeiro poema moderno a ser publicado no Rio Grande do Norte, após o deflagrar da "Semana de Arte Moderna" de São Paulo, em 1922. Depois de muitas outras observações acerca do poema e sua repercussão na época, arremata o profícuo historiador e biógrafo: "A publicação de "Atavismo" em 1925, na revista *Letras Novas*, é um fato a ser considerado pelos estudiosos do movimento modernista no Rio Grande do Norte. É bem provável que um exame mais atencioso possa levar os especialistas na área a dar a Othoniel Menezes a posição que parece merecer, entre os pioneiros do modernismo no Estado."

[5] A presente formatação obedece à disposição das estrofes na publicação original (*Letras Novas*, número 03, de setembro de 1925).

[6] Publicado na revista *Nossa Terra – Outras Terras*, em junho de 1926 – Othoniel "modernista"? A doutoranda de Literatura Comparada da UFRN, Maria Suely da Costa, escreveu sobre o poema (Ver "Othoniel Menezes diante da Canção do exílio" – revista *Brouhaha* – Natal, p. 76-77, 05 jun. 2007.)

[7] Publicado em 1926 (junho) na revista *Nossa Terra – Outras Terras*. Othoniel moderno?

[8] O poema foi publicado no jornal *A República*, edição de 25.10.1956, na coluna do jornalista Antônio Pinto de Medeiros, encimado com a seguinte nota: "Um soneto de Othoniel Menezes – Este suplemento tem, para com Jorge Fernandes, uma dívida que será saldada mais cedo ou mais tarde. Dívida de honra que se adiciona a outras de sua gente e de sua terra. Uma inteira edição deste caderno lhe será dedicada brevemente. Até lá, entretanto, não perderemos oportunidade de reverenciar a memória e o nome do autor do *Livro de poemas*. Assim é que, hoje, divulgamos o soneto que, em sua homenagem, escreveu Othoniel Menezes, logo após sua morte."

[9] Alusão ao poeta parnasiano e tradutor francês **Charles Marie René Leconte de Lisle** (Ilha da Reunião/França, 22.10.1818-Paris/França 01.07.1894). Sucedeu a Victor Hugo na Academia Francesa. Seus versos são claros, realistas, sonoros, possuem movimento, são corretos no rit-

mo, cheios de cores exóticas e nomes selvagens. Além de seus poemas, publicou várias traduções de autores clássicos gregos.

[10] Deuses domésticos dos pagãos.

[11] Fazendo ronrom (o gato); resbunando.

[12] Composição poética com estribilho constante.

[13] **Ricardo Severiano da Cruz** (Rio do Fogo, então Touros/RN, 17.02.1890-Natal/RN, 09.07.1979). Poeta, esportista, funcionário público. Amigo e vizinho de OM durante muitos anos. Era exímio carpinteiro naval. Alegre e folgazão praieiro, companheiro de Ferreira Itajubá, quando jovem. Memória privilegiada.

[14] Canoa estreita, leve e rápida, de uso nos esportes náuticos. Othoniel, nos originais dos versos acima, em manuscrito, transcreveu a seguinte quadra: *"Que vai, esse ousado bando, / na Guanabara mostrar? – cinco caboclos, pegando / queda-de-corpo com o mar!"*, anotando que Ricardo da Cruz "levou cópia datilografada e assinada do soneto e mais a trova acima copiada".

[15] De uma publicação da época: "Da rampa do Sport Club Natal, às margens do rio Potengi, parte a reforçada yole a 4 remos 'Rio Grande do Norte', com bordas elevadas e compartimentos estanques nos castelos de proa e de popa, construída pelo carpinteiro naval Oscar Simões Filho, para tentar a travessia Natal-Rio de Janeiro a remo. Integravam a guarnição os bravos remadores: Ricardo Severino da Cruz, 63 anos, timoneiro; Antônio de Souza Duarte, 49 anos, voga, Clodoaldo Becker, 59 anos, sota-voga; Francisco de Paula Madureira, 44 anos, sota-proa; Oscar Simões Filho, 39 anos, proa, todos associados do Sport CIub Natal, com exceção de Antônio de Souza Duarte, filiado ao Centro Náutico Potengi. Em 16 de maio, alcançaram Mangue Seco, 42 quilômetros ao Sul de Estância, no Estado de Sergipe. Devido ao mau tempo e à necessidade de reparos no barco, permaneceram neste local até 2 de junho. Neste dia, as perspectivas de bom tempo induziram nos a reiniciar a viagem; porém, ao atingirem a barra, uma onda enorme partiu o barco ao meio, salvando-se os 5 tripulantes com incríveis dificuldades. Voltaram todos desolados a Natal, mas Ricardo Severiano da Cruz, apesar dos 63 anos, não se deu por vencido e incentivou os náufragos a não encerrar a travessia. Recebendo a colaboração das autoridades e do povo, conseguiram que o mestre naval Luís Enéas construísse nas oficinas da Base Naval, de 21 de outubro a 18 de dezembro, a yole 'Rio Grande do Norte II'. Por motivos diversos, Fran-

cisco de Paula Madureira e Clodoaldo Becker foram substituídos pelos remadores Walter Fernandes e Luís Enéas, ambos do Sport CIube Natal. Em 18 de janeiro de 1953, os remadores e a yole partiram de Natal, no caça-minas 'Piranha', chegando a Aracaju em 8 de fevereiro, seguindo após até Mangue Seco, local da interrupção da primeira tentativa. Em 21 de maio, festiva e gloriosamente foram recebidos no Rio de Janeiro os valorosos remadores potiguares."

[16] Chama azulada que, sobretudo por ocasião de tempestade, surge no tope dos mastros dos navios, produzida pela eletricidade. [De Santo + Elmo (Elmo por Ermo, alter de Erasmo, santo invocado pelos marinheiros do Mediterrâneo quando, por ocasião das tempestades, aparecia esta chama)].

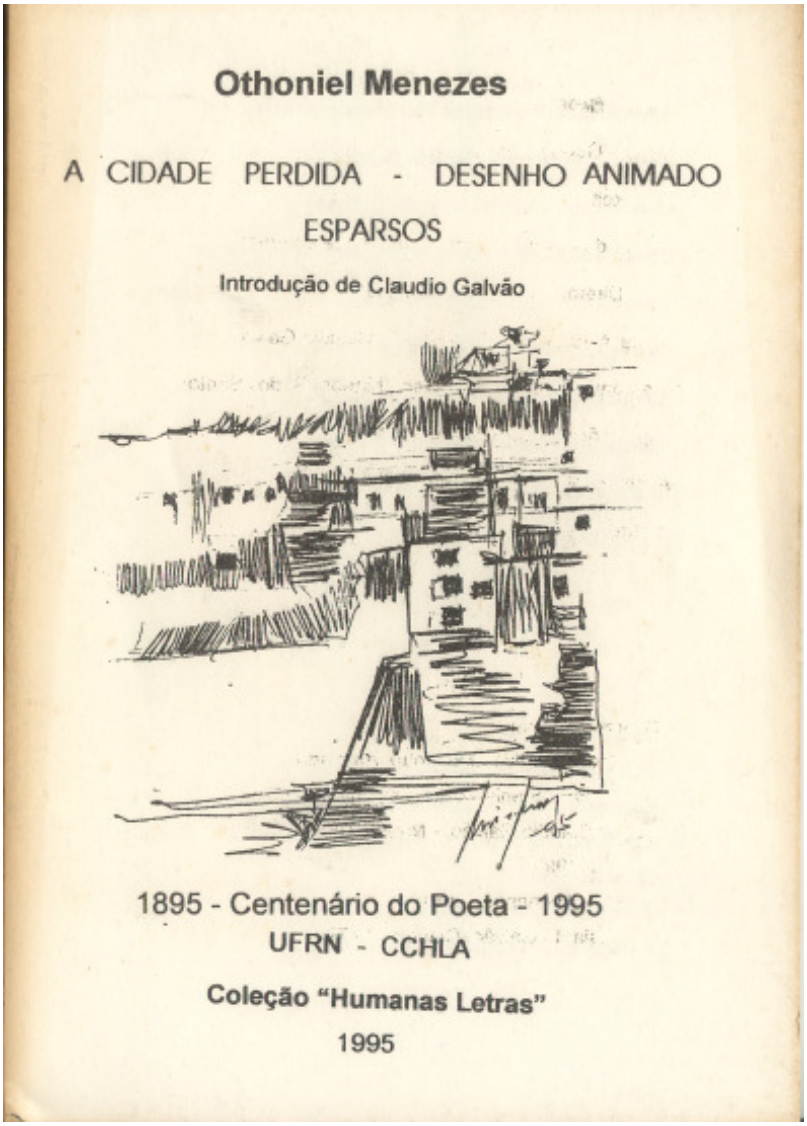
[17] Margem alta de um rio; ribanceira, arriba.

[18] Assucena.

[19] Lancha de linhas esguias, com uma cabina a ré, capaz de desenvolver velocidade incomum, e usada para transportar autoridades.

[20] O poema, certamente escrito durante a Segunda Guerra, não foi incluído por OM no livro *A canção da montanha* (1955), tendo sido publicado em 1949, num dos jornais locais. O poeta fala em "estrada da guerra", "Ponte Velha", "caboclas descuidadas", "cachoeira", pintando um quadro – sem dúvida, crê o autor destas Notas – do que, diariamente via, ao se deslocar de Natal para Parnamirim, onde trabalhava, à época do conflito mundial. As caboclas eram a lavadeiras, a cachoeira a do rio Pitimbu e a ponte, chamada de "Velha", modernizada pela engenharia dos americanos, obra d'arte da "Parnamirim Road". O local, hoje em dia (2009), poluído e devastado por obra e graça de especuladores e de autoridades desonestas, não vale mais sequer um poema performático de algum maluco aqui da Jerimulândia…

A cidade perdida



Capa da edição de 1995

Introdução
à primeira edição

Numa manhã chuvosa de julho, dia 7 do ano de 1950, um ônibus percorria a pista asfaltada construída pelos americanos durante a segunda guerra mundial e tomava a direção da Base Aérea de Parnamirim. Levava, como o fazia todos os dias, os funcionários civis para o trabalho no Posto de Engenharia.

Um dos funcionários, entretanto, não ia para o trabalho. O burocrata Othoniel Menezes desceria antes de todos, no aeroporto militar, sob as saudações, brincadeiras dos colegas e votos de boa viagem.

Sob a chuva fina, o poeta recebeu a pequena mala e se dirigiu ao hangar. Ali, diversas pessoas, militares e civis esperavam embarcar no avião do Correio Aéreo Nacional, rumo ao sul do país. Um pouco mais e o C47-202226 deixava a pista molhada e rompia o cinzento da manhã de inverno.

Lá dentro, meio desajeitado, o poeta procurava melhor acomodar-se na sobriedade do avião militar.

Na Base Aérea do Galeão, no Rio Janeiro, estavam à sua espera a filha Terezinha e o marido Lauro Braga. E logo o táxi tomava a direção da residência do casal, no bairro de Marechal Hermes, onde ficaria hospedado.

Pelo caminho, uma agradável surpresa levou o poeta a inevitáveis reminiscências: as paredes de prédios e muros que passavam pela janela do automóvel estavam cobertas de cartazes com fotos e os nomes dos candidatos a presidente da República e vice, Getúlio Vargas e o seu velho amigo e companheiro João Café Filho.

Recordava os tempos que se sucederam à revolução de 1930, quando Café Filho, depois de duras experiências nos sindicatos e política partidária, fora eleito deputado federal, em 1934, permanecendo no mandato até 1937 quando – que contra-senso! –, o seu companheiro de chapa Getúlio Vargas instaurava o Estado Novo e desencadeava forte perseguição aos seus adversários de então, obrigando Café a se exilar na Argentina.

Ali, estavam os dois, juntos na mesma chapa, quando antes se opunham…

E lembrava para a filha e o genro os acontecimentos do passado, até as inimizades que ganhara por ser cafeísta no seu Estado, a ponto de ser acusado de comunista em 1935, processado e preso durante mais de dois anos em Natal.

"Tudo por ser amigo de Café", comentava.

Othoniel Menezes chegava ao Rio de Janeiro, a então capital da República, a menos de três meses das eleições de 3 de outubro que elegeriam Getúlio e Café. Estava em plena efervescência a campanha eleitoral.

Café Filho demonstrou muito contentamento com a chegada de Othoniel mas, alegando os afazeres da campanha, marcou uma audiência para alguns dias depois.

Enquanto esperava, Othoniel retirou da mala uma velha pasta na qual colecionara seus poemas e resolveu, para encher o tempo, passá-los a limpo. Para isso, utilizou uma caderneta de capa de tecido verde escuro e folhas pautadas *Manufactured by U.S. Government Print Office*, que trouxera da Base Aérea de Natal e começou a escrever o que havia trazido de sua produção poética.

Na primeira página e para intitular o livro, o título do primeiro poema: *A cidade perdida*.

Eram 46 poemas, quase todos inéditos, alguns publicados em antigos jornais e revistas de Natal. Era um bom número e daria um pequeno livro. E se acrescentasse mais alguns? Na verdade os poemas restantes nada tinham a ver com a essência dos primeiros quarenta e seis. Eram sonetos críticos, irônicos, nos quais o poeta expunha as qualidades e defeitos dos animais, visualizava-lhes a intimidade, induzindo o leitor a compará-los com os seres humanos, portadores de idênticas caraterísticas. Inteiramente diferentes de toda a sua poesia, os onze poemas de *Desenho animado,*[1] poderiam ser anexados à *A cidade perdida*.

Chega o dia do esperado encontro com o amigo candidato a vice-presidente da República. Othoniel seguiu confiante e lembrava os tempos em que trabalhara na redação do jornal de Café, em Natal, que o ajudara a eleger-se deputado federal. Afinal, estava ali porque o próprio Café Filho o chamara por telegrama e, em anteriores conversas em Natal, prometera-lhe um emprego no Rio de Janeiro, à altura de seu nível intelectual, chegando a aventar a possibilidade de um cargo de chefia na Biblioteca Nacional.

O encontro com Café foi dos mais amistosos mas, em vista dos atropelos do momento, o deputado pediu ao poeta que voltasse em outra ocasião para tratar o assunto emprego

Othoniel despediu-se do amigo e marcou nova audiência com a secretária, voltando para Marechal Hermes. Revisou os poemas, burilou o que necessitava, corrigiu isso e aquilo. E já chegavam de Natal, via navio, a esposa Maria[2] e os filhos Laélio e Netinho, e o sogro Hermilo Abílio Ferreira. Certo de que o amigo não falharia, pede demissão do emprego na Base Aérea de Natal, em 22 de setembro.

Àquele tempo, a saúde do Poeta começa a incomodá-lo. O atropelamento de que fora vítima em Natal, em 1947, parecia

agravar-lhe os sintomas do que lhe parecia um persistente reumatismo. Arredio e esquisito como sempre fora, detestava pedir favores e incomodar quem quer que fosse. A doença ainda mais lhe perturbava a serenidade de que necessitava para viver a poesia.

Enfim, o novo encontro com Café Filho. Escritório cheio de gente, amigos e políticos, bajuladores e conterrâneos em busca de favores e empregos. Depois de alguma espera, o deputado acolheu o amigo com alegria, mas lhe pediu para voltar outra vez pois ainda não tinha tido tempo para tratar de seu assunto.

"Café, você quer saber de uma coisa? Eu não vou mais chatear você com este assunto!"

"Não, poeta! Você tem todo o direito de me chatear!".

"Eu não chateei você no tempo em que fazíamos comícios nas Rocas, nem no tempo em que passei preso como comunista por ser seu amigo... Então, não vou lhe chatear mais!"

Retirou-se e não mais voltou à presença de Café Filho.

Magoado e desiludido, relatou o acontecido à sua comadre, senhora Letícia Cerqueira (madrinha de Laélio), sogra de Jessé Café, irmão do deputado que, na ocasião, ocupava o cargo de superintendente do Instituto Nacional do Sal.

A comadre não se deixou esperar. Telefonou para o genro, relatou o fato e exigiu um emprego para o poeta.

Em 3 de outubro, Getúlio foi eleito e Café Filho era o vice-presidente, apesar da não simpatia do gaúcho companheiro de chapa. Em 31 de janeiro do ano seguinte dá-se a solene posse no Palácio do Catete. Othoniel e família continuam na casa de Terezinha, e espera a ajuda dos poderosos, que apenas chegou em 13 de março, quando o poeta é nomeado escrevente- datilógrafo do Instituto Nacional do Sal. Um ofício do superintendente transcreve a Ordem P51/166, assinada por Raul de Góes, presidente do Instituto. Era uma função modesta, apenas para começar. Tanto

é que, em 15 de novembro do mesmo ano, é nomeado inspetor interino, através da Ordem P 51/227, assinada pelo mesmo RauI de Góes.

Enfim, conseguira o tão desejado emprego. A vida agitada do Rio de Janeiro e a saúde a lhe perturbar a paciência e, certamente, as saudades, fazem o poeta decidir retomar a Natal,

> … aldeia lendária, adormecida
> aos suspiros do rio e aos trons do mar.[3]

Chegando a Natal em companhia da família, Othoniel assume suas funções e aproveita a oportunidade para prestar concurso para o cargo de inspetor efetivo, função na qual haveria de passar muitos aborrecimentos.

Para encher o tempo, continuou na organização do livro de poemas. Decidiu reunir *Desenho animado* e *A cidade perdida* e incluir, ainda, mais três sonetos com o título de *Esparsos*, um poema em homenagem à Marinha Brasileira, outro ao seu ídolo e modelo cultural Henrique Castriciano e o terceiro, a Ricardo da Cruz, seu amigo de infância, a quem intitulara

> … Vespúcio canguleiro,[4]
> Rei dos peixes do mar de Camarão[5]

Ricardo da Cruz fora um dos principais idealizadores do reide ao Rio de Janeiro, em iole a quatro remos que, em 3 de março de 1952 e com o apoio do vice-presidente Café Filho, navegou de Natal à Baía da Guanabara. Pronto o caderno e utilizadas exatamente todas as suas folhas, Othoniel, como era natural, sonhou em vê-lo publicado, mas em março de 1956, doença, que julgava ser apenas de um reumatismo, ataca-o mais fortemente. No trabalho, o pagamento sofria constantes atrasos e o salário veio a rece-

ber um corte, trazendo-lhe de volta os problemas financeiros. Os filhos Laélio e Netinho (Hermilo Neto), trabalham e ajudam nas despesas e residem todos em modesta casa na rua Correia Teles. A saúde preocupa e os amigos e admiradores de Natal lançam campanha para ajudar o poeta. Em 1959 problemas administrativos (alguns alegaram perseguição pessoal), trazem-lhe uma redução em seus vencimentos. Muitos amigos e instituições culturais tentam ajudá-lo. O vereador Deoclécio Sérgio de Bulhões propõe e obtém, em novembro, na Câmara Municipal, a concessão de uma pensão no valor de cinco mil cruzeiros. O recebimento de ajudas constrangia o poeta. A caderneta de poemas continuava a envelhecer no fundo de uma gaveta. Ficaria para quando Deus desse bom tempo.

Somente em 1959 consegue ser reclassificado no Instituto Nacional do Sal, melhora a situação econômica, recebe algum dinheiro atrasado e aposenta-se em 1960. Durante todo esse período de instabilidade pouco se sabe de sua poesia que, ao que tudo indica, não encontrava terreno fértil para reflorescer.

Naquele ano, em Natal, ocorre o Primeiro Encontro Nacional de Escritores. Uma comissão visita o poeta. Impressionados com modéstia do ambiente em que vivia, contrastando com sua potencial riqueza intelectual, os escritores resolvem apelar para o Governo do Estado, no sentido de conseguir uma forma de ajudá-lo. Como resultado do apelo, um funcionário da Secretaria de Educação e Cultura acompanhou Othoniel até a farmácia Santa Lígia[6] e comunicou ao proprietário que o Governo do Estado se responsabilizaria pelo pagamento de todos os remédios de que necessitasse. Satisfeito, Othoniel ainda chegou a adquirir alguns medicamentos até que, tempos depois, o proprietário da farmácia lhe disse que o governo nunca pagara nada do que fornecera.

Foi a gota d'água. Ofendido, Othoniel resolve retomar ao Rio de Janeiro e contatar o senador Dinarte Mariz, seu velho amigo e admirador. Lá chegando, em 25 de março de 1962, encontrou um carro oficial do Senado a esperá-lo no aeroporto e Dinarte o levou pessoalmente a um médico famoso, seu amigo, dando-lhe toda a assistência de que necessitava. Os exames a que se submeteu revelaram que era portador do Mal de Parkinson, enfermidade de difícil cura e custosa manutenção.

Mesmo recebendo o que de melhor era possível no Rio de Janeiro, a saúde do poeta se agravava e sua poesia se restringia a versinhos circunstanciais e quadrinhas para as netas que chegavam para lhe dar a alegria que a sua cidade negara.

Em 19 de abril de 1969, falece em sua residência, no apartamento 201 da rua Queiroz Lima, 18, no bairro do Catumbi. Seu atestado de óbito indica edema agudo do pulmão e infarto do miocárdio. Foi sepultado no Cemitério São Francisco Xavier.

Recolhendo os objetos e documentos que deixara sob sua guarda, seu filho Laélio encontrou a caderneta com as poesias, as páginas já amareladas, manchadas e emendadas com fita adesiva. Guardou-a carinhosamente, como lembrança viva de uma sensibilidade que morrera. Minucioso trabalho de recuperação feito por computador permitiu limpar o manuscrito de suas manchas. Depois, foi necessário reavivar-se o que escreveu, cobrindo-se com tinta cada letra de cada verso.

Graças a isto, foi possível dar-se a público esta edição.

Para que os leitores possam melhor lembrá-lo, além do seu conteúdo poético, eis o livro em edição fac-similar; a expressão da sua sensibilidade, por sua própria mão, poderá levar, ainda mais, a conhecer a intimidade informal do poeta.

Cláudio Galvão

Notas*

[1] Sob a influência do livro *Desenho animado*, o seu grande amigo e poeta Esmeraldo Siqueira publicou *Fauna contemporânea*. Longe da sutileza de Othoniel, Esmeraldo caracteriza como animais seus inimigos pessoais de Natal, sugerindo quase que diretamente a quem se refere.

[2] Maria da Conceição Ferreira (Ceará-Mirim/RN 1899-Rio de Janeiro/RJ, 1968),

[3] *Jardim tropical*, p.146, Imprensa Industrial, Recife, 1923.

[4] Habitante ou nascido no bairro da Ribeira, em Natal.

[5] Felipe Camarão.

[6] Na época, à esquina das ruas João Pessoa com Princesa Isabel.

* De autoria de Cláudio Galvão

A cidade perdida

A Cidade-fantasma, a Cidade-convento,
com torres de faiança e carrilhões de prata,
dorme, sob o lazúli irreal do firmamento,
entre espinho e entre flor, no recesso da mata.

Vindo o bárbaro, um dia, a rugir temulento,[1]
tudo, ao redor, destruiu… Serena, intemerata,[2]
ela restou, num belo e ideal recolhimento,
fechada em seu dossel de Bretanha[3] – a cascata.

Raro, um viandante esquivo atravessa a paragem.
Orquídeas, manacás e baunilhas rescendem.
Borboletas azuis cirandam na folhagem.

E a cidade perdida, em sossego profundo,
entre os altos ipês – tão floridos, que pendem –
dorme, aquém da mercancia e das traições do
mundo…

Solidão

De estamenha[4] lilás e azul-celeste,
soluça a tarde, no ombro da colina.
Corre a Saudade o crepe da cortina,
sobre o vale cheirando a incenso agreste.

Cai de joelhos o sol, pela campina
e, da palheta mágica, reveste
de topázios e gerânios, todo o oeste,
a torre negra, a olaia[5] purpurina…

Náufraga… A sombra avança. Hirta, se esfuma,
ao longe, a selva, no ermo do planalto,
sob um livor de estrelas e de bruma.

E o Sono – o Ariel[6] noctâmbulo do olvido –
entorna o filtro de papoulas, do alto,
na solidão do burgo adormecido…

Papai

Setenta vezes quanto, em seu rumor de festa,
passou Junho por ti, velhinho a quem adoro?
Gênio bom do meu lar, no interlúdio sonoro
das noites do São João que o homônimo te
empresta!

Creio que tanto mais ainda viver te resta,
– auspício que ao Senhor dos Mundos hoje
imploro.
Circula no teu ser, do coração ao poro,
o segredo que ao cedro esfibrou[7], na floresta!

Taumaturgo[8] otimista, Aladim milionário,
sempre me devolveste, em troféus de esperança,
as queixas que te fiz, curtindo o meu calvário…

Também Goethe[9] a essa altura era robusto e jovem.
Teu milagre vital – vibração que não cansa –,
prova que as forças da alma é que a matéria movem!

Horóscopo[10]

O meu aniversário, hoje... Por certo,
Creso,[11] no turbilhão de outra existência,
expio, nesta rude penitência,
o meu passado – de ouro e azul referto.

Quando, às vezes, parece que vem perto
o que sonhei – mais longe está, na essência.
Sou um peregrino, olhando, da eminência,
a esquisita tamareira do deserto...

Meu brado de revolta ergo às estrelas...
E elas dizem: – As lágrimas que choras,
a tua própria boca há de bebê-las,

até que, livre desse horror profundo,
venhas cantar, na pompa das auroras,
quanto carpiu teu coração, no mundo...

Serénade

Haute, spéctrale, la lune ronde,
somnambulique, marche ou nadir,
telle une rose blême dans l'onde,
une héroïne de Shakespeare.

Ma plais dormante s'ouvre, s'innonde
du sortilège… Pas bon, finir!
Ah, coeur de poète, morne Golconde,
hantée de rêves, de souvenirs!

Combien je souffre l'antique émoi!
Dans la lumière fade et plaintive,
les doux fantômes prennent leur voix:

– "Je suis la brune, t'aime toujours…"-
– "Je suis la blonde…" – Qu'elle est naïve,
la sérénade des vieux amours!

De longe…

Serra altaneira! os teus lençóis de bruma,
que os largos horizontes vêm velar,
não podem esconder distância alguma,
quando é do coração que nasce o olhar!

Desde que o amor alta paixão resuma,
céus transpõe, vinga[12] montes, vence o mar,
repete ao mundo a velha história, em suma,
das botas do Pequeno Polegar…

Sete léguas, medindo uma passada…
– "Suspiro, de onde vens?" – E ele responde:
– "Vem dos braços da tua namorada!"

É assim. E, embora a serra o inverno açoite,
meu pensamento, à solidão que a esconde,
vai e volta, cantando, toda noite…

A uns olhos

(A pedido da própria dona)

Os teus olhos castanhos são dois lagos,
de leitos de ouro, entre sedosas filas
de tinhorões rajados, e tranquilas
messes[13] de crisântemos de tons vagos.

Nadam à tona, aveludando afagos,
os cisnezinhos negros das pupilas.
Têm palácios de fadas e sibilas,[14]
festas, lindas histórias de reis magos…

São dois topázios feiticeiros, onde,
a cada vibração da luz, responde
de uma promessa o ardente magnetismo…

Cego por eles vou, de olhos fechados,
sentindo, alheio ao mal de outros pecados,
meu coração cantar dentro do abismo…

Saudade

Quando expira de tarde o último acento,
dourando a copa escura da ingazeira,
a juriti, num dúlcido lamento,
chama ao ninho escondido a companheira.

A amorosa saudade que alimento,
encheu do teu perfume, a noite inteira,
minha tristeza lírica e solteira,
a ânsia de beijos do meu sofrimento.

A pobre janelinha esburacada,
aberta, assim, à espera, sobre a rua,
ficou aberta, até de madrugada…

Chove, agora. Amanhece… Airosa e fina,
tua silhueta é um lírio, que flutua
dentro do adágio etéreo da neblina…

O pintassilgo

Para ter um irmão de cativeiro,
viver, na tua ausência, menos triste,
prendera um pintassilgo, o cancioneiro
mais inspirado que, no campo, existe.

Com teu sorriso de diabrete arteiro,
chegaste, um dia e, em vez de dar-lhe alpiste,
– tu, que és o meu risonho carcereiro! –
a portinhola, prontamente, abriste!

– "Tem pena deste poeta que enviúva!"-,
disseste, meiga – "Olha: a primeira chuva
"pôs tudo verde e em flor, pelos caminhos!" –

Soltaste-o! E ele sabia do segredo!
– Querendo falar em nós, entre o arvoredo,
vai dizer tudo, aos outros passarinhos!

Canção de abril

Vim ser pastor. Entre os sarçais do monte,
vetusto colmo[15] há de me ser propício,
bem longe das traições e do bulício
da cidade – que esplende no horizonte…

Um oitizeiro, coqueirais, defronte,
a solidão! Bendigo o sacrifício
que fiz, de toda pompa e todo vício,
pela doçura da água azul da fonte!

O pensamento e o coração estranhos
ao que me fez o mundo, porventura
dormirei, esquecido, entre os rebanhos.

Até que, toda virgem de pecado,
venha a que espero. E a laranjeira escura
no chão estenda o linho perfumado…

Tebaida[16]

Princesinha, que espero todo dia,
tu não virás bater à minha porta!
A quem nasceu princesa, que lhe importa
esta vida de rústico, erradia?

A noite é negra. Um vento agreste corta
o ermo, num sopro longo, de agonia…
A cinza da lareira, há quanto, é fria!
Os cravos brancos vão morrer, na horta!

Balem por ti, no oitão, as ovelhinhas.
Por que tardas? Disseste-me que vinhas,
quando o rio afogasse a papa-ceia![17]

Range a cancela… Escuto. Nada! o açoite
do vento, enquanto a lua, alva, se alteia,
– flor no caixão em que vai morta a noite…

Margareth

(A uma alemã que, viajando pelo sertão, pedia meus versos a uma das minhas irmãs, para colecionar)

Flor de um poema de Goethe, e que o destino
de algum vale risonho, entre os ulmeiros,
transplantou, pelas mãos de um peregrino,
ao deserto onde o sol cresta os coqueiros!

Que acerba nostalgia te imagino,
loura *edelweiss*[18], dos cimos altaneiros
da tua fria pátria – quando o sino
chora a morte da luz sobre os oiteiros.

Busco expressão, no meu idioma rude,
para louvar-te o espírito, a virtude,
o rosto lindo, o coração gentil.

Talvez que acerte enfim, te comparando
a um lírio do Danúbio, alvo, sonhando
ser saudade, num verso do Brasil…

Boêmios

A noite, do ermo azul, sobre a avenida
colhe a fímbria[19] da túnica estrelada.
Mais triste que uma freira apaixonada,
a lua branca anda no céu, perdida…

Dona Stela, há que tempo está deitada!
Sua casa, sem mais sinal de vida,
lembra erguendo no luar a ampla fachada,
a história da Princesa Adormecida…

Entretanto, aqui fora, que beleza!
na inocência feliz da Natureza,
na alma das causas – quanta unção flutua!

Das lembranças mais lindas, se constela
o coração. Canta uma voz, na rua,
ao longe: – "Acorda…abre a janela…Stela!"…

Sic transit[20]

Pobre árvore que outrora, sobranceira
às frondes todas, mádida,[21] te abrias
em campânulas brancas, harmonias
de cigarras e pássaros! À beira

da estrada luminosa e ampla, estendias
calma sombra, que o sol, batendo a joeira[22]
das folhas, tamisava[23] de ouro em poeira,
na eclosão potencial dos meios-dias!

Ao pé do teu cadáver, ergo um canto
a essa que, nos verões resplandecentes,
força tranquila, te enfeitava o manto,

e, entre perfumes, ruflos[24] de asa, amores
de abelhas, espalhava-te as sementes,
– abria, à luz do luar, teu céu de flores!

Miragem

Plena de juventude e de ironia,
orgulhosa do símbolo e da altura,
a palmeira imperial reina e fulgura
sobre a paisagem de ouro da baía.

O mar, chofrando[25] pérolas, procura
beijar-lhe os pés… Do altar de areia fria,
indiferente ao rogo e à idolatria,
mais, no seu esplendor, ela se apura…

No entanto, ao sol da tarde – cinza e rosa –,
em mil silhuetas trêmulas, revela,
na água purpúrea, a efígie[26] luminosa.

Sei de um lago longínquo, ermo e selvagem,
que, há muito tempo, sonha assim com ela
e – sem que a veja – lhe reflete a imagem…

Sinfonia vesperal

Ó silêncios dos ermos! voz saudosa
das juritis, na solidão perdida!
A Natureza, *mater dolorosa*,
amparando a cabeça já sem vida

do sol! A luz violeta refletida
na laguna! (Um coqueiro, ao longe, à rosa
esparsa do arrebol, tristonho, goza
toda a beleza dessa despedida!)

Branca, Vésper te enfeita o andar sidéreo,
ó tarde! E a boca estática das furnas
fuma o incenso eleusino[27] ao teu mistério…

Na poesia universa que resumes,
seres e cousas são divinas urnas
de saudades! de cantos! de perfumes!

Viagem sentimental

A Esmeraldo Siqueira

Toma o teu farnel, Razão provada,
dia-a-dia, na análise do mundo,
e vem comigo, que de paz me inundo,
do Advento na efeméride sagrada!

Verás como se expande, iluminada,
a alma dos simples, num fervor profundo,
ao pé do berço humílimo e jucundo[28]
que, apesar de Descartes, sobrenada…

Acaso, nesta aspérrima existência,
não é a dor a única evidência
a que o *Cogito*[29] amargo nos reduz?

Pois, de Tales[30] a Nietzsche[31] e Espinosa[32],
que idéia mais sutil, mais ponderosa,
que esta, de irmos – nós dois! – a ouvir Jesus?

As andorinhas

Jesus, quando andava ainda
entre as outras criancinhas,
fez essa cousa tão linda:
– as tribos das andorinhas.

Que o Evangelho o não consagre,
é lenda da nossa fé
que esse é o primeiro milagre
do aprendiz de São José.

Um dia, brincando, à frente
da tenda humilde e tranquila,
moldou, distraidamente,
uns passarinhos da argila.

Nossa Senhora sorria,
em doce contemplação.
(Dentro, rodava a polia,
cortava, rijo, o formão).

– "Que fazes disto?" – pergunta
um fariseu vagabundo.
Nas mãos, sorrindo, os ajunta
o futuro Rei do Mundo.

E sacudindo-os nos ares,
fez viver, soltos na luz,
– aos milhares, aos milhares –,
as andorinhas azuis…

Os cravos brancos

De um punhado de terra úmida e escura,
em velho jarro enegrecido presa,
rescende a hóstia floral da Natureza
– o cravo branco –, de celeste alvura.

Alma de paladino, altiva e pura,
entre os punhais das folhas, casta e acesa
em perfume e inocência, abre e fulgura,
sorvendo, no ar azul, vida e beleza.

Lembra um sonho de altar, de tão serena.
Nasceu, quando Jesus, ressuscitado,
sorrindo, aparecia a Madalena…

Ela beijou-lhe as mãos, os pés, os flancos,
e as cinco chagas do Crucificado
abriram-se em florões de cravos brancos…

O último potiguara

Na velha taba, pela noite morta,
levanta-se Poti. Lesto e fremente,
de morro em morro vai marchando, à frente
de fera tribo, que ao combate exorta.

Sofre um revés. Recua… Cisma, à porta
da grande ocara…[33] Além, soturnamente,
emudece o fortim. A voz pungente
do mar, de gritos longos se entrecorta…

Sobre a névoa do vale, o dia sangra.
Fuma o igapó. A inúbia[34] de um guerreiro
morto flutua, na água quieta da angra…

E o Potengi – velho pajé nortista –,
pranteia o potiguara derradeiro
– o último ipê tombado na conquista!

Tríptico da seca

I

Delta

Por desígnio cruel dos mesmos fados,
o pobre, o triste, o doente, o peregrino
– calmos, sem voz, inermes, humilhados –
vão girando, ao redor do meu destino.

Da terra adusta aos céus escancarados,
morte à esperança! Dó perpétuo ao sino!
(Tu, somente, Jesus, pastor divino,
sondas o coração aos desgraçados!)

Vêm… São levas escuras, pobre bando
de aves de arribação. Fome e orfandade;
– a inocência, sorrindo; o amor, chorando…

E, ai de mim, que não posso o êxodo novo
estancar! Eu sou o delta da Saudade,
do infortúnio e do sonho do meu povo!

II

A gruta

Na soledade, onde soluça o treno
da juriti maviosa, concertando
com a voz das emas em moroso bando,
a pedra ergue o perfil negro e sereno.

Escancara-se em baixo, o formidando
socavão da caverna. Ermo, o terreno
alimenta espinhais. Dorme o veneno
das fuscas[35] salamandras, hibernando.

Na soturna paragem, só responde
o urro das onças, ao lamento infindo
das acauãs, chorando de onde em onde.

Só o pastor, solitário e atento, escuta
a alma êxul[36] do sertão, órfã carpindo
a mãe-d'água[37] a gemer, presa na gruta…

III

Juazeiro

Bandeira do Nordeste! alto crisol,
em que se afere o entorno à minha raça
– mole, na rede; estóica na desgraça,
grande Povo, em pleníssimo arrebol!

Quando o sertão lembra infernal paiol,
coivara imensa, a desprender fumaça,
ergues o cromo altivo da couraça
– ilha verde, no mar de ouro do sol!

Para que Deus, enfim, tivesse pena
de nossa terra – pobre mãe morena –,
bastara ver, em meio ao fogaréu,

o teu sinal de súplica e esperança,
alma que sofre, mas também, não cansa
de crer que a chuva há de cair do céu!

Auriverde pendão

Pocema[38] guarani! Novembro em festa,
vindo, como um tumulto, do passado!
nesga de céu sem nuvens, estrelado,
palpitando nas grimpas[39] da floresta!

Ver uma árvore, é ver- te! ouvir o brado
do oceano, é ver-te! Vejo-te, na aresta
da montanha! A cachoeira a voz me empresta,
para dar-te o meu canto apaixonado!

Subo, do limo ubérrimo[40] dos vales,
girassol de esperança e de alegria,
bebendo os teus eflúvios no meu cálice…

E sonho – sou Peri, sobre a palmeira –
levar, ao sol do mais glorioso dia,
teu beijo de Concórdia – à Terra inteira.

Paraíso da américa estrelada

Pátria! Por mais poluída, que inda estejas,
por Judas e Caim, mais te amo e exalto,
no íntimo e doloroso sobressalto
vertam teu sangue, as fúrias malfazejas!

Que Jesus Cristo te preserve, do Alto,
as escolas, as tendas, as igrejas!
– da urbe inquieta às choupas sertanejas!
– do mar revolto às selvas do planalto!

Oásis dos sedentos de bonança,
coração do Ocidente! Ilha encantada
que sobre o abismo, o palmeiral balança…

Paraíso da América estrelada!
– à tua porta, o gênio da Esperança
levanta um ramo em flor, em vez da espada!

O maior mandamento

Por certas noites de emoções sagradas,
plenas do eflúvio Assucenal do Cristo,
quanto a alma sente o doloroso misto
de luz e sombra, que há, pelas estradas

do mundo louco! arranha-céus que assisto,
erguendo às nuvens colossais fachadas,
miseráveis choupanas apagadas,
– tudo, é orgia ou lágrima – e só isto!

Por que o rico não desce do palácio
e, com ceitil[41] para o gazofilácio,[42]
traz o beijo de Amor, que deve a Jó?

Com Amor – amor, somente! – é que Jesus
pães multiplica, diviniza a Cruz,
e ainda levanta os Lázaros, do pó!

Per angusta[43]

Na ascese[44] da hora morta, quando o vento
traz do oceano o clamor dos naufragados,
o silêncio interpreta o sofrimento
dos que choram no mundo, resignados…

Abre, na solidão, o pensamento,
como um nelumbo[45] de ouro. Uivam pecados.
E Deus, que tudo vê, do firmamento,
manda a Nero e a Platão iguais cuidados…

Éden bendito, o Céu! de canto a canto,
arde em luz… Abre às dores, a acolhê-las,
seu ninho azul, de sonho e de acalanto…

E a alma pungida, na efusão da prece,
voa… flutua e canta, entre as estrelas,
buscando o que na terra não conhece!

Alba mística

Prisioneiro de todas as cadeias:
– as da miséria; as da justiça humana;
as do amor; as da inveja; as do ódio – cheias
da Dor original, que nos irmana;

tu, que ofendeste a Jó, trazes nas veias
uma febre diabólica e insana;
tu, que mataste Abel, só te arreceias
do fogo vivo que do céu dimana…

Cativos das algemas da loucura;
pobres, curvadas para o chão as frontes;
cegas, sem norte, na geena escura:

– a liberdade é a Fé! a mão do Eterno,
que ergue os sóis, abre as flores, muda os montes,
pode inundar de luz o nosso inferno!

Notas

[1] Aturdido, embriagado, estonteado, tonto.

[2] Íntegra, pura, incorrupta.

[3] Imponentes camas inglesas, com armação ornamental, saliente, forrada e franjada; sobrecéu. Ainda hoje, nos hotéis da Grã-Bretanha, seu uso pelos hóspedes é condicionado ao pagamento de uma taxa especial.

[4] Tecido comum de lã.

[5] **Árvore-de-judas ou pata-de-vaca** (*Cercis siliquastrum*). Árvore pequena com 10 a 15m de altura, nativa do sul da Europa e sudoeste asiático, comum na Península Ibérica, sul de França, Itália, Grécia e Ásia Menor. Diz-se que foi nesta árvore pequena e com poucos ramos que Judas Iscariotes se enforcou após ter traído Cristo, mas o seu nome poderá também derivar de "árvore da Judéia", nome da região onde a árvore era vulgar.

[6] **Ariel**. Nome próprio de origem hebraica, significando Leão de Deus. Neutro, ele pode ser usado tanto para homens – como fez Shakespeare, na peça *A tempestade*, nomeando o Espírito do Ar, quanto para mulheres, como fez Hans Christian Andersen em *A pequena sereia*.

[7] Separou as fibras de; desfez em fibras.

[8] Pessoa que faz milagres.

[9] **Johann Wolfgang von Goethe** (Frankfurt am Main/Alemanha, 28.08.1749-Weimar/Alemanha, 22.03.1832). Pensador e escritor alemão. Sua obra-prima: o poema-drama *Fausto*. Ensinou, numa frase famosa: "O que a mocidade deseja, a velhice o tem em abundância". Faleceu aos 83 anos.

[10] Publicado, em 27.03.1949, na imprensa, com o título: "10 de março".

[11] **Creso**. O último rei da Lídia, da Dinastia Mermnada, famoso pela riqueza (560–546 a.C.). Interpretando mal uma advertência do Oráculo de Delfos, atacou Ciro II, imperador da Pérsia. Vencido na batalha do rio Hális foi prisioneiro em Sardes, sua própria capital, perdendo o império.

[12] Ultrapassa (espaço, distância); vence, transpõe.

[13] Colheita, safra; aquilo que se colhe, que se obtém; ganho, conquista.

[14] Profetisa, bruxa, feiticeira.

[15] Cobertura feita com colmos (palha comprida); colmado.

[16] Retiro, profunda solidão; ermo. De ou relativo à cidade de Tebas, na Beócia, Grécia'; subst. lat. *thebàis,ìdes* 'habitante da cidade de Tebas, no Egito', p.ext.; 'retiro, isolamento', por terem vivido nessa região do Egito os eremitas dos primeiros tempos do cristianismo.

[17] Regionalismo**.** Estrela da tarde, estrela vespertina; o planeta Vênus, quando aparece à tarde;

[18] **Edelvais**. Tipo de planta ornamental própria de grandes altitudes (*Leontopodium alpinum*), espécie vegetal da família *Asteraceae.* Existem muitas lendas relacionadas à sua flor, por exemplo, que ela adveio das lágrimas de uma jovem virgem. Existe também uma lenda em que pessoas caem de abismos tentando colher uma edelvais.

[19] Franja, orla.

[20] Da expressão latina *Sic transit gloria mundi:"*As glorias do mundo são transitórias".

[21] Levemente molhada; úmida, orvalhada.

[22] Peneira para separar o trigo do joio e de outras sementes com que está misturado; crivo.

[23] Coando, peneirando, passando por tamis (peneiras de seda usadas em farmácia ou laboratório).

[24] Rumores das asas das aves esvoaçando.

[25] Batendo de chofre, em cheio; indo de encontro; chocando-se.

[26] Imagem, figura (de pessoa).

[27] Relativo a Eleusis, cidade da Ática, famosa por seus cultos misteriosos.

[28] Alegre, aprazível, prazenteiro, jovial.

[29] Verdade e proposição fundamental do cartesianismo. Doutrina de René Descartes, filósofo, matemático e físico francês (1596-1650), e de seus seguidores, caracterizada pelo racionalismo, pela consideração do problema do método como garantia da obtenção da verdade, e pelo dualismo metafísico.

[30] **Tales**. De Mileto. Foi o primeiro filósofo ocidental de que se tem notícia, marco inicial da filosofia ocidental. Nasceu em Mileto, antiga colônia grega, na Ásia Menor, atual Turquia, por volta de 624 ou 625 a.C. e faleceu aproximadamente em 556 ou 558 a.C.. Fundou a Escola Jônica e firmou temas polêmicos dentro da filosofia, como a verdade, a totalidade, a ética

e a política, o que até hoje são temas discutidos. Não deixou nenhuma obra escrita a respeito de seus pensamentos, tudo o que se sabe sobre ele origina-se de citações de outros filósofos como Aristóteles, Platão e Diógenes Laércio.

[31] Ver nota 11 em *Desenho animado.*

[32] **Espinosa**. Ou Spinoza – Ver nota em *Ferreira Itajubá*.

[33] Praça no interior de aldeia indígena.

[34] Inúbia ou membitarará, trombeta guerreira dos índios tupis-guaranis, feita de dois pedaços de maçaranduba, colados e unidos um ao outro por tranças de cipós fortes.

[35] Triste, melancólica.

[36] Exilada, desterrada, degredada.

[37] **Mãe-d'água**. Ente fantástico, espécie de sereia de rios e lagos; iara, uiara, aiuara-aiuara, boiAssu. Mito hídrico influenciado pela sereia européia, ser meio mulher, meio peixe, que habita rios e lagos.

[38] Grito de guerra, canto selvagem, vozearia, algazarra, clamor.

[39] Os pontos mais altos; cocurutos, cristas.

[40] Superlativo de úbere: abundante, farto.

[41] Quantia ínfima, insignificância, ninharia. Moeda portuguesa antiga, que valia um sexto de real.

[42] Lugar, no templo, onde se guardavam os vasos e recolhiam as oferendas; tesouro; cofre de jóias; escrínio.

[43] De *Ad augusta per angusta* (A resultados sublimes por veredas estreitas) - Palavras de sinal (a senha) dos conjurados, no ato IV do *Hernani* de Victor Hugo. Não se chega ao triunfo, sem que haja graves dificuldades a vencer. "Chegar a resultados magníficos por vias estreitas".

[44] Exercício prático que leva à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral.

[45] *Nelumbo nucifera* é uma planta aquática da gênero *Nelumbo*, conhecida vulgarmente como lótus ou flor-de-lótus.

Desenho animado

As borboletas

Lenta, ascorosa, em curvas, a lagarta
veio subindo. Pêndula e tristonha,
é crisálida, agora: inerte, farta
das seivas que bebeu. Espera e sonha…

Antes que o sol luz, aos golfões, reparta,
ela, um dia, a brilhar, se desenfronha
– tão esquecida de que foi lagarta! –
e ostenta as asas, na manhã risonha.

Linda jóia animada! Só consiste,
tamanha glória, em ter chegado tarde,
a ave faminta, ao ramo a que fugiste!

A força que o destino tem, na vida!
– de sedas e ouro em pó fez tanto alarde
quem foi lagarta anônima e perdida!

Os pavões

Tal pobretão, que fraternais ajudas,
de minha casa, em tempos maus, levava,
para o cardápio insípido – de fava –
variar as crias tísicas, sambudas,

é rico. A sabonete já se lava…
Tem farpelas[1] inglesas, bem lanudas.
(Ah! Vil metal! Quanto os amigos mudas!
E eu, que ficar sozinho não pensava!)

"Congoleum"[2] nos salões - cristais da estranja,
móveis de imbuia. Mas, cochichos sofre:
inda é o mesmo, o menu: pão com laranja…

E eu, que posso fazer, senão ter calma,
vendo que guarda o cabedal – no cofre,
e os molambos de outrora dentro da alma?

Os sapos

Alapardado numa pedra escura,
espera o sapo a fresca da noitinha
para ir granjear, na plantação vizinha,
o sustento da vida de amargura.

Quasímodo[3] glutão, pula… Esquadrinha,
cauto, o arredor. Tranqüilo da fartura,
o bom jantar, banquete de alta linha,
com trezentos insetos, assegura.

Sentinela das safras! Dó profundo
faz, não seres gigante, no tamanho,
em relação a bichos deste mundo,

corja que a lei civil arma e garante,
praga que rói, em desalmado assanho,
toda semente boa que se plante…

Os carneiros

Quando eu era menino, eras montada
de São Jorge (ou São João), dentro da lua.
La Fontaine, a seguir, pôs nua e crua
tua sina – a de alarme da manada.

Tudo quanto é de bicho, te degrada.
O lobo – o mais hipócrita – insinua
que és vermelho, que és verde, e andas na rua
induzindo o rebanho à barricada…

Tua resignação, tolo sublime,
de que te serve, se encoraja o crime?
Quem é manso, que a morte não mereça?

Por que afinal, não largas de ser bobo
– usando, contra a astúcia e o ódio do lobo,
a energia que escondes na cabeça?

Os macacos

Agricultura insana, a da cabeça!
Urzes de fogo, abrolhos, de vencida,
para uma flor, um fruto! Toda a vida,
curvado sobre a terra úmida, espessa!

Labuta, o semeador. Tensa, extendida,
leva a charrua,[4] até que a noite desça
e antes que, ao sol, enfim, tenra, apareça
a folhinha verdoenga – quanta lida!

Ronda o macaco, pela cercania…
E, do que é sangue, e foi paciência e risco,
o melhor, sobre os ramos, surrupia.

Ladrão de idéia alheia! Tu, que me ouves,
vê que na praça, te não colha o fisco
o furto de maçãs, no uru[5] de couves!

Os lobos

Mestre lobo vai indo, para a luta…
Armado de ambições e de fereza,
só receia encontrar, na redondeza,
lobo maior, de compleição mais bruta.

A lã de que se veste, lhe transmuta,
aos olhos do rebanho, a natureza.
– Pulsa- lhe o instinto, na pupila acesa!
Aspira os ventos, a narina astuta…

Não janta bem, aliás, se não devora
dois cordeiros na furna, convencido
de ser o rei dos lobos, dentro e fora.

Todavia, não cuida de uma cousa:
que, entre os irmãos, acabará comido,
se não aprende as artes da raposa…

Os papagaios

Mimo da corte, airoso poliglota,
tu já foste, Cirano[6] ou Pimpinela,[7]
o ai-jesus[8] de romântica donzela,
branca flor de uma heráldica remota!

Hoje, és um pobre diabo, louro idiota,
repetindo, no canto da janela,
o calão da criada tagarela,
fino, apenas, nas petas da anedota.

Nem pelas cores ricas da plumagem
– verde, amarelo, azul, tons de vermelho -,
levantas as antigas credenciais.

Pobre bobo! Grã-fino é a tua imagem:
belo, nas roupas, dentro do bedelho,
currupaco, papaco... e nada mais!

As águias

Doutor Diniz, roaz[9] racionalista,
acha que não existe Deus – pois que O não vê…
E sentencia: *"Tenho limpa, a vista!*
além das telhas, gato… e, mais o quê?"

Defende, exalta o credo imperialista,
só na matéria, só na força crê.
E eis dos seus livros de ouro, ótima lista:
Engels,[10] Nietzsche,[11] Strauss,[12] Binet,[13] Sanglé…

Uma noite, enfermou, de pneumonia.
Aflita, sem saber o que faria,
rezava, no oratório, Mãe-Sinhá.

Sentindo vir à boca um saibo[14] grosso,
Diniz, a águia soberba, ergue o pescoço:
–*"Mas…pelo amor de Deus…tragam-me um chá!"*

Os burros

Burro, meu doce e torturado mano!
dizem que esse teu lombo foi coberto
pela cruz, desde quando, a passo lhano,[15]
conduziste Jesus, pelo deserto.

Teria o bom Menino feito certo?
Creio que andou num bem ingrato engano,
pois que essa cruz é o teu destino aberto
– o trabalho, e o chicote desumano.

Como tu, há criaturas no planeta.
(Que o relativo espiritual te valha!)
– É bem duro viver de uma caneta…

Nosso pão do Evangelho, irmão jumento,
é o mesmo: tu morrendo na cangalha,
nós – com o sangue e o suor do Pensamento!

Os ursos

Houve (que, até no Pólo, anda a maldade)
esta conversa, entre um político e um urso:
—"Amigo como vai tua irmandade?
a fábula, no mundo, ainda tem curso?"

—"Melhor que outrora! A deusa Liberdade
reina e prospera… a pólvora e discurso;
este, é que predispõe; a outra, persuade!
e Judas participa do concurso…"

—"Caramba! E Judas ainda vive?"—"Engorda!
trinta centavos, cada cristo…"—"E… a corda?"
—"Quem prova que ele usou? Expôs à venda!"

"Vem comigo, ver isso!"-"Qual! No gelo,
é que um urso de bem resguarda o pêlo!
Confiar nos homens? Bruh! Deus me defenda!"

Os perus

Orgulhoso, rondando no terreiro,
o peru, pedagogo cem por cento,
com o papo inflado, a arrebentar de vento,
arrota redundância, o dia inteiro.

Risquem-lhe em torno um círculo: o portento
não avança; não sai do picadeiro.
Fica ali, a dançar, pobre ponteiro,[16]
na estática animal do Pensamento.

Somente no cacófato, completo
seu tipo, o sapientíssimo sandeu:[17]
fabrica gás do milho do alfabeto…

Não se acuse a justiça, de bufona:
– fuão[18] peru é par do Silogeu,[19]
fazendo roda… em cima da poltrona!

Notas

[1] Vestimentas, roupas, ternos.

[2] Tapete (de material plástico) importado, caro – uma novidade, na década de 1930, por ser lavável –, fabricado nos Estados Unidos pela *Congoleum Company Of Delaware*.

[3] Indivíduo quasimodesco; pessoa disforme, mal proporcionada e/ou muito feia; monstro. personagem da obra *Notre-Dame de Paris*, de Vitor Hugo

[4] Arado grande, de ferro, com jogo dianteiro e uma só aiveca (cada uma das duas peças que sustentam a relha do arado, e que serve para alargar o sulco).

[5] Cesto de palha de carnaúba, com alça.

[6] **Cyrano de Bergerac**. Personagem de Edmond Rostand (1869-1918), poeta e dramaturgo francês, na peça do mesmo nome. A Editora Hachette, na descrição de uma das suas edições, em francês, comenta: "O valente espadachim e romântico poeta Cyrano de Bergerac não é fruto da imaginação criativa de Edmond Rostand: Saviniano Hercule Cyrano de Bergerac nasceu em Paris em 1619. Aos 19 anos abraça a carreira militar, tornando-se cadete da Guarda de Paris. Participa de várias batalhas, inclusive do cerco de Arras, onde recebe forte golpe na garganta, o que encerra sua vida militar. Em 1653, passa a trabalhar na casa do duque de Arpajon, instalando-se no palácio de Marais, onde é ferido na cabeça devido à queda de um pedaço de madeira do teto. Em 1655, pressentindo a morte, vai para a casa de uma prima, a baronesa de Neuvillette, vindo a falecer cinco dias depois. Cyrano talvez não tenha tido a coragem, o heroísmo e a nobreza do personagem de Rostand. Mas era um homem polêmico e dedicado à cultura.".

[7] **Pimpinela (Escarlate)**. Personagem criada, em 1903, pela Baronesa Emmuska Orkzi (Tarnaörs/Hungria, 1865-Londres/Inglaterra, 1947), escritora britânica de origem húngara, também conhecida como "Montague Barstow", pseudônimo literário. O herói da novela (*The Scarlet Pimpernel*), era um espadachim inglês atuando na França, no século XVIII, para livrar da guilhotina fidalgos franceses durante o chamado Reinado do Terror, imposto pela revolução francesa.

[8] O queridinho; o predileto.

[9] Destruidor, devastador.

[10] **Friedrich Engels** (Wuppertal/Alemanha, 28.11.1820-Londres/Inglaterra 05.08.1895). Filósofo alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo.

[11] **Friedrich Wilhelm Nietzsche** (Röcken/Alemanha, 15.10.1844-Weimar/Alemanha, 25.09.1900). Influente filósofo alemão do século 19. Crítico da cultura ocidental e suas religiões e, conseqüentemente, da moral judaico-cristã.

[12] **Leo Strauss** (Essen/Alemanha, 20.09.1899-Annapolis/Estados Unidos, 18.10.1973). Filósofo político teuto-americano de origem judaica. Visto por muitos, incluindo os liberais, como o ideólogo póstumo do neoconservadorismo nos Estados Unidos.

[13] **Alfred Binet** (Nice/França, 08.07.1857-Paris/França, 28.10.1911). Pedagogo e psicólogo francês. Ficou conhecido por sua contribuição à psicometria, a saber, foi o inventor do primeiro teste de inteligência, a base dos atuais testes de QI.

Charles-Hippolyte-Jules-Louis, dito Binet-Sanglé (1868-1941). Professor, médico e psicólogo francês, ateu e defensor da eugênia. Escreveu dezenas de livros, entre os quais *A arte de morrer: défense et tecnique du suicide secondé* , Paris, A. *Defesa técnica e suicídio assistido,* (Editora A. Michel, 1919, 154 Michel, Paris) 1919) e o celebérrimo *A loucura de Jesus: hereditariedade, constituição e fisiologia* (Paris, 1909, mesma editora). Afirmava que Jesus, fundador do cristianismo, "sofria de paranóia".

[14] Sabor desagradável.

[15] Simples, despretensioso, desafetado; afável, amável, delicado.

[16] Qualquer agulha ou haste móvel, terminada em ponta, que percorre o mostrador dum aparelho a fim de fornecer indicação.

[17] Idiota, parvo, tolo, néscio, estúpido.

[18] Forma sincopada de fulano.

[19] Casa onde se reúnem associações literárias e/ou científicas. Certamente, OM fazia, maliciosamente, uma clara alusão às academias e aos acadêmicos, em geral.

O cancioneiro de Othoniel Menezes

(Cláudio Galvão)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

O CANCIONEIRO DE OTHONIEL MENEZES

Pesquisa, grafia musical e introdução
Claudio Galvão

Coleção "Humanas Letras"
Natal, 1995

Capa da edição de 1995

Introdução

Othoniel Menezes foi, nas décadas de 1930 e 1940, o poeta mais popular de Natal. Esta popularidade se deve, além da qualidade e comunicabilidade de sua poesia, ao fato de muitos de seus poemas haverem sido transformados em canções, musicados por diversos de nossos compositores populares.

Igualmente o foram, no seu tempo, os poetas Lourival Assucena (1827-1907), Segundo Wanderley (1860-1909), Ferreira Itajubá (1876-1912), Antônio Elias Álvares de França (1851-1915) e, mais tarde, Olympio Baptista Filho (1889-1942).

Já em 1923, quando do lançamento do livro *Jardim tropical*, o poeta confessava, na página 51, certamente surpreso com a divulgação da Serenata do Pescador, musicada por Eduardo Medeiros:

> Sei quanto é modesto o valor artístico destes meus versos. Feitos às pressas, para serem recitados a pescadores, achou-os o inspirado musicista, Eduardo Medeiros, capazes de ser amparados pelo seu talento, valorizando-os com lindíssimo fado que a cidade repete, nas serenatas ou nos salões da aristocracia, de bairro a bairro. Por isso, e para satisfazer a pedidos muito gentis que me orgulham e me confortam, publico no livro a minha "Praieira", que me tem dado,

> muitas vezes, noite alta, enquanto um violão soluça na rua solitária, a ilusão efêmera e perigosa da popularidade [...]

Natal, nos fins do século XIX e começo do século XX , foi uma cidade de musicistas, que se dividiam entre música de salão, em geral pianistas (que tocavam pela partitura) e "pianeiros" (que tocavam "de ouvido" – em solos ou acompanhamentos). A outra parte era a dos violonistas, tocadores e acompanhadores "de ouvido", em geral boêmios e responsáveis pela vida seresteira da cidade.

Os saraus familiares eram evento obrigatório entre a classe mais alta da população – os pais reuniam amigos para ouvirem seus filhos declamarem poesias, cantarem árias eruditas ou modinhas populares, tocando violino, bandolim, flauta e o sempre obrigatório piano. O repertório era importado do sul ou mesmo do estrangeiro e predominavam as valsas langorosas, as polcas saltitantes, as alegres quadrilhas e mais tarde, as músicas chegadas via disco (a partir de 1902), através do rádio (depois de 1922) e com a chegada do cinema sonoro (1927); épocas em que serenata começou a declinar.

Os compositores locais tinham também sua vez e disputavam o seu lugar, imprimindo partituras em outras cidades e passando cópias manuscritas.

As retretas das bandas de música em praças públicas eram um ocorrido ponto de encontro da população da pequena cidade, que ali acorriam para ouvir e também passear, desfilar, namorar.

Já os boêmios e seresteiros tinham sua atividade separada. Animadores, também, de festas familiares, tinham na rua deserta fracamente iluminada pelos lampiões de azeite (1859), querosene (1883), e gás acetileno (1905), antes da chegada da luz elétrica (1911), inundada do clarão pálido da lua, o ambiente propício para a sua criação artística. A serenata era, na Natal do passado,

um hábito constante. Não apenas o cantor solitário que cantava suas mágoas ou exaltava a sua amada atrás da janela mas, também, os grupos que peregrinavam pelas ruas desertas, cantavam diante das casas das famílias, sendo por elas prazerosamente recebidos para os "comes"e os mais desejados "bebes".

Nesse último grupo, pontificou, nos fins do século XIX, Lourival Assucena, o primeiro poeta norte-rio-grandense conhecido. A partir do século XX, passam a se destacar Heronides de França, Deolindo Lima (1885-1944), Ferreira Itajubá, Antônio Elias Álvares de França, e o maior dos nossos compositores seresteiros, Olympio Baptista Filho.

Como não podia deixar de ser, Othoniel Menezes foi, também, boêmio e seresteiro. Tocava o violão necessário para cantar em casa ou entre amigos e participava de serenatas que se estendiam até as madrugadas, sempre regadas da indispensável bebida, estimulante e inspiradora. Admirador dos boêmios e cantores da cidade, era por eles igualmente admirado e teve onze de suas poesias musicadas e popularizadas mais ainda, pela benéfica associação da melodia. Note-se o conteúdo seresteiro dos poemas, o que reforça a imagem do Othoniel boêmio e sensível ao soluçar de um violão na rua deserta sob a palidez da lua.

Dois de seus poemas figuram nesta publicação sem a partitura. Por mais que se pesquisasse, não foi possível encontrar-se quem conhecesse a melodia de "Minha mãe", música composta por Maria Umbelina de Souza e "Sob as mangueiras", música de Carmino Romano. Vão eles, assim mesmo registrados, na expectativa de que ainda se possa encontrar alguém que se lembre de suas melodias.

Vale salientar que nenhuma dessas composições teve sua melodia escrita e foram recolhidas graças a pessoas que as cantaram. É possível que Eduardo Medeiros, que conhecia música, tenha escrito as suas partituras que não foram, entretanto, encontradas.

Objetivando-se o resgate e a divulgação dessas canções, foi idealizada esta publicação, seguindo-se a moda atual dos songbooks e no intuito de lembrar ainda mais o poeta, na passagem do seu centenário de nascimento.

Cláudio Galvão

Partitura de Serenata do pescador
Música: Eduardo Medeiros
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: Diversas
Letra : *Jardim topical*

Serenata do pescador

Os perigos da tormenta
não se comparam, querida,
às dores que experimenta
a alma, na dor perdida,
– nas ânsias da partida!
Adeus à luz que desmaia,
nos coqueirais ao sol-por…
e, bem pertinho da praia,
o albergue, o ninho, o amor
do humilde pescador!

Quem vê ao longe, passando
uma vela, panda, ao vento,
não sabe quanto lamento
vai nela soluçando,
– a pátria procurando!
Praieira, meu pensamento,
linda flor, vem me escutar
a história do sofrimento
de um nauta, a recordar
Amores, sobre o mar!

Praieira, linda entre as flores
deste jardim potiguar!
Não há mais fundos horrores,
iguais a estes do mar,

– passados a lembrar!
A mais cruel noite escura,
nortadas e cerração,
não trazem tanta amargura
como a recordação,
que aperta o coração!

Se, às vezes, seguindo a frota, pairava uma gaivota,
logo eu pensava, bem triste:
- "O amor que lá deixei,
quem sabe se inda existe?!"
Ela, então, gritava, triste:
– "Não chores! não sei! não sei…
"E eu, sempre e sempre mais triste, rezava, a
murmurar:
– "Meu Deus! quero voltar!"

Praieira do meu pecado,
morena flor, não te escondas,
quero, ao sussurro das ondas
do Potengi amado,
– dormir sempre a teu lado …
Depois de haver dominado
o mar profundo e bravio,
à margem verde do rio
serei teu pescador,
oh, pérola do amor!

Nota comentada

Um grupo de pescadores natalenses, pertencentes à Colônia José Bonifácio" resolve realizar um *raid* em três pequenos barcos – República, Íris e Pinta – de Natal ao Rio de Janeiro, em comemoração à passagem do 1° Centenário da Independência do Brasil. Realizada a façanha sob as emoções populares, retomaram a Natal, em 19 de outubro do mesmo ano.

À partida dos pescadores, entre as homenagens prestadas pelos natalenses; Edinor Avelino recitou "Intimoratos" e Othoniel, "Sobre as ondas". Os anúncios da volta levaram Othoniel a pensar em homenageá-los com outra poesia. Numa noitada boêmia com vários amigos no Paço da Pátria escreveu, na noite de 18 de outubro de 1922, as seis longas estrofes de "Serenata do pescador". No dia seguinte, o navio que trazia os pescadores esperava a baixa da maré para atracar no porto. Othoniel curado da carraspana, leu e releu o poema e o sentiu muito lírico para o momento, que exigia um caráter épico na homenagem.

Ao atracar o navio Maranguape, dá-se o desembarque dos "heróis". Aclamados por onde desfilaram e, ao passarem pela frente dos clubes náuticos da rua Chile, Othoniel recitou "Cântico da vitória", em vez da "Serenata do pescador".

Retomando das festas. mostrou o poema ao amigo e também poeta Joaquim Alves Bezerra Júnior (1890-1957) que, sensibilizado pela sua beleza, anteviu como ficaria bonito se musicado e sugeriu que Othoniel encomendasse uma melodia ao conhecido musicista Eduardo Medeiros (1887-1961). Composta a música, Eduardo, profissional que era, recebeu como pagamento a quantia de vinte mil réis.

Cantada pela primeira vez em público no Teatro Carlos Gomes por Deolindo Lima no dia 16 de dezembro, o sucesso da música "Praieira" foi rápido e abrangente. Pela sua característica essencialmente natalense, a canção foi considerada "Canção Tradicional de Natal", pelo Decreto Legislativo n° 12. de 22 de novembro de 1971.

"Serenata do pescador" foi a canção natalense que teve, sem dúvida, a maior evidência. Foi gravada por Paulo Tito no long play "Reencontro", em 1975; pelo Madrigal da UFRN, com arranjo de Orlando Leite, em 1976; e pelo Quarteto de Cordas da UFRN, no CD Quarteto da Cidade do Sol, em 1993. Foi ainda tema da opereta "Praieira de meus amores", texto de Jayme dos Guimarães Wanderley e música do maestro Garibaldi Romano, encenada no Teatro Alberto Maranhão, de 24 a 29 de novembro de 1967.

Partitura de Alice
Música: Carolina Wanderley
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: José de Almeida
Letra: *Jardim tropical*

Alice

Ao deserto beiral do meu castelo
por que voltas, qual célere andorinha.
– se já não podes prometer ser minha?
– se já não posso beijar teu colo belo?

Tu és a glória, o sol do meu passado!
Teu nome é incenso virgem, rescendendo!
Asa branca de pássaro, batendo
no silêncio de um templo abandonado

Muita saudade no meu peito resta,
amo-te ainda, meu amor primeiro!
Andorinha que torna da floresta,
– canta de novo sobre o meu telheiro!

Nota comentada

Por volta de 1910, Othoniel Menezes, com 15 anos de idade, já se iniciava na poesia. Visitava costumeiramente o poeta Gothardo Neto e lhe levava suas primeiras produções, recebendo do poeta do livro *Folhas Mortas*, orientação e o incentivo de que necessitava. Gotardo, naquela altura, já irremediavelmente tuberculoso, recebia-o numa rede, vestido em um pijama e já muito pálido; morreria no ano seguinte.

Durante os anos de 1911 e 1913, Othoniel cursou, paralelamente ao Atheneu Norte-Rio-Grandense, a Escola Normal, que funcionava no prédio do Grupo Escolar Augusto Severo, na Ribeira, cujas aulas, sob a direção do professor Nestor Lima, funcionavam apenas no turno da manhã. Não se sabe com segurança se uma vocação para o magistério levou o jovem poeta a prestar exame de admissão naquela escola, já que não passou do segundo ano.

Na mesma classe, estudava a jovem Alice de Brito, filha de Pedro Paulo e Maria Leopolda Pereira de Brito, quarta filha de uma família de sete irmãos, cujo primeiro, Abner de Brito, se destacaria como poeta e o sétimo, Henrique, como hábil violonista e compositor.

Alice despertaria, pela primeira vez, o amor no coração do poeta de 16 anos de idade. Todos os colegas de classe sabiam da paixão dele por ela, mas não há referência da reciprocidade de sentimentos. É provável, pois, que o poeta não tenha sido correspondido em seu afeto.

Em janeiro de 1913 Othoniel deixa a Escola Normal e ingressa no Exército, licenciando-se em 1914.

Depois de uma permanência na cidade de Macau, onde escreveu muitos poemas e teve problemas sentimentais, Othoniel regressa a Natal, onde encontra a prima Carmita (Maria do Carmo Bonfim, Nova Cruz/RN, 1901-Brasília/DF, 1984) com quem foge e se casa em 1916.

Alice continuou na Escola Normal e concluiu seu curso em 1918, no mesmo ano em que Othoniel publicou *Gérmen,* seu primeiro livro.

Naquele mesmo ano, o governador (1914-1920) Ferreira Chaves nomeou Othoniel para o cargo de segundo oficial da Secretaria de Governo do Estado, sendo promovido a primeiro oficial em 1921, já no governo (1920-1924) de Antônio de Souza.

A Secretaria de Governo estava instalada ao lado esquerdo do Palácio, em frente ao velho sobradinho da rua da Conceição. No andar térreo funcionava o Tesouro do Estado. Numa tarde de novembro de 1922, estava o poeta debruçado na sacada de uma das janelas de sua seção, quando lhe pareceu identificar uma jovem que, sem notar a presença do poeta no primeiro andar, dirigiu-se ao Tesouro para receber seus vencimentos. Era Alice, sim. Othoniel há nove anos não a via. O vulto delicado da moça fez o senhor casado e com filhos retroceder aos bons tempos da Escola Normal e o coração bater apressadamente. Dirigiu-se, imediatamente, a sua máquina datilográfica e escreveu o poema "Alice".

Ali, no primeiro andar, no "deserto beiral do meu castelo", o poeta se indagava: "Por que voltas, qual célere andorinha? / Se já não podes prometer ser minha? / Se já não posso beijar teu colo belo?"; e confessava "O teu nome inda guardo em minh'alma"; e que, apesar de tudo o que vivera "Muita saudade no meu peito resta,/ amo-te ainda, meu amor primeiro!".

O poema "Alice" foi publicado em *A República,* de 11 de novembro daquele ano e incluído na página 90 do livro *Jardim tropical*. É provável que Carolina Wander1ey (1891- 1976), poeta e pianista, o tenha musicado no mesmo ano de sua publicação.

A professora Alice Brito faleceu solteira, em 21 de dezembro de 1929, na casa de seus pais, na rua Princesa Isabel, 448. A canção que inspirou é uma das mais belas e sugestivas páginas do cancioneiro norte-rio-grandense.

Partitura de Luar de agosto
Música: Eduardo Medeiros
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: José de Almeida
Letra: *A República*;
Ara de fogo, *Abysmos*

Luar de agosto

Enquanto a lua te ilumina o rosto
e a tua voz de puro amor me fala,
quanto sonho feliz se despetala,
na transparência do luar de agosto!
Uma simples choupana entre boninas
quem nos dera, alva flor do meu calvário
e, nestas noites plácidas, divinas,
as orações da cruz do teu rosário!

A flor de reseda que nós amamos,
quando agosto morrer, querida ingrata
quem sabe se, a brilhar sempre nos ramos,
dará perfume ainda em serenata?
Teu coração é belo, mas ventura
não cabe ao que nasceu para o desgosto…
– minh'alma é abismo de uma noite escura,
dentro da noite alvíssima de agosto!

Quando a lua voltar, prateando os ermos,
e abrindo os resedás, veigas em fora,
quantos descridos corações enfermos
terão sentido o que me punge agora!
Quanto amor acabado soluçando!
Quanta agonia no silêncio triste!
– lua piedosa!dize-me até quando
o amor, que ela jurou eterno, existe!…

Nota comentada

Eduardo Medeiros (Touros/RN, 21.06.1887-Natal/RN, 20.06.1961) foi o músico profissional mais conhecido de seu tempo. Violonista bem conceituado, percorreu todo o Estado tocando em festas, bailes e solenidades religiosas. Conhecido na cidade pelas suas valsas, choros e canções para poemas de seus conterrâneos, divide com Othoniel a popularidade da música "Serenata do pescador", composta no final de 1922.

Foi premiado ao participar do concurso que o governo Antônio de Souza realizou para destacar compositores que musicassem poemas de autores locais. Eduardo foi classificado com uma bela melodia para o poema "Caminho do sertão", de Auta de Souza. Othoniel reconheceu o seu valor e atribuiu a ele grande parte do sucesso de "Praieira". A melodia que compôs para "Luar de agosto" é tipicamente seresteira e se destaca como um dos mais belos exemplares da modinha norte-rio-grandense.

Partitura de Jasmineiro
Música: Olympio Baptista Filho
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: Walter Baptista de Andrade
Letra: Familiares do compositor

Jasmineiro

Nosso amor puro, inocente,
É suspiro, é dor somente,
É desejo e não carinho.

Ficarás aqui chorando
Linda musa, interrogando
A esperança do caminho.

Mimosa, dália roxa perfumosa.
Ah, quem me dera um dia te levar
No meu peito a palpitar!

Nota comentada

Olympio Baptista Filho (Natal/RN, 13.05.1889-15.08.1942), figura conhecidíssima e estimada na velha Natal, Olympio Baptista é o autor de mais de 50 melodias para letras suas e de outros poetas. Suas melodias, simples, mas fortemente comunicativas eram por ele mesmo divulgadas em saraus familiares e em serenatas, nas quais Olympio fazia soar sua voz forte e marcante pelas ruas desertas da cidade enluarada. Amigo íntimo de Othoniel, foi denominado em versos pelo poeta como "Cigarra das serenatas /das noites claras de minha terra".

Partitura de Sereia
Música: Olympio Baptista Filho
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: Carmem Baptista de Andrade
Letra: Familiares do compositor

Sereia

Ah, não respondas, não
respondas,
Que este passado já morreu
E que nos abismos dessas ondas
Muita jangada se perdeu.

Sereia, sereia,
Por teus claros olhos belos
Quantos castelos, quantos

Há de levar rumo perdido
Qualquer jangada que alvorar,
Vela da cor do teu vestido
E por teus olhos se guiar.

Sereia, sereia, etc…

Nota comentada

Os poemas com temas praieiros que tanto caracterizaram a poesia de Ferreira Itajubá, encontram em Othoniel Menezes um feliz continuador. O poema inédito "Sereia" é um bom exemplo dessa sua vertente e foi gravado por Fátima Brito no LP "Cancioneiro potiguar".

Partitura de Mimosa
Música: Eduardo Medeiros
Letra: Othoniel Menezes

FONTE
Música e Letra: José de Almeida

Mimosa

Chego na rua plácida e deserta.
Ressoa ã minha voz entristecida.
Bem sei que estás por mim sempre desperta.
Luz do caminho desta ingrata vida.

As noites mais saudosas bem quisera,
Arrancar ao violão, cantar beleza.
Porque as estrelas de uma a uma acesas
Dizem que o amor fiel me espera.

Teu seio é um canteiro, é um ninho, é um vale
Entre colinas, florido, risonho.
Ao menos na ilusão aí resvale
A minha fronte bêbada de sonho.

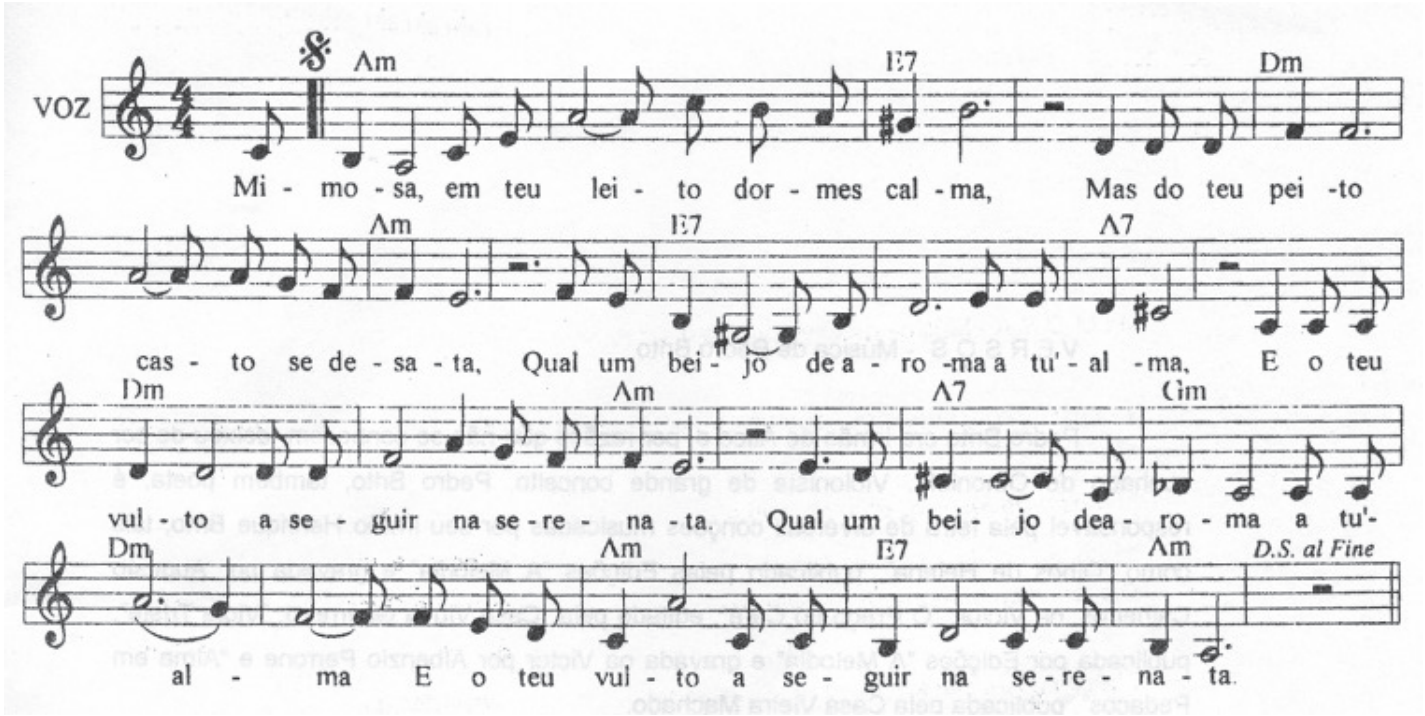
Linda, como o teu rosto, oh, sempre amado
A estrela d' alva brilha sobre a serra,
E a casinha onde dormes sossegada,
É um pedaço de céu aqui na terra.

Nota comentada

Poema caracteristicamente seresteiro, foi musicado por Olympio Baptista Filho. Publicado pela primeira vez na primeira edição deste *O Cancioneiro de Othoniel Menezes* (1995).

Partitura de Versos
Música: Pedro Brito
Letra: Othoniel Menezes

FONTE
Música e letra: Mabel Botclho de Souza



Versos

A noite se cobre
De um manto alvacento.
A fonte ao relento
Mais terna desliza.
A relva não sente
Do sol os queimares.
Revivem as flores
Aos beijos da brisa.

As moitas florentes
Odores trescalam,
Os bosques exalam
Silvestres perfumes.
A lua desponta
Tão meiga e tão bela,
Somente eu por ela
Soluço queixumes

Nas horas caladas
De maior tristeza
Quando a natureza
Parece sonhar.
As mágoas que tenho
Não posso contê-las
E triste às estrelas
Me ponho a contar.

Não quero do mundo
Riqueza nem glória.
A pompa ilusória
De sonhos gentis
Somente com ela
Dormindo a meu lado
Até desgraçado
Seria feliz.

Nota comentada

Violonista de grande conceito, Pedro Brito, também poeta, é responsável pela letra de diversas canções musicadas por seu irmão Henrique Brito, tais como "Olhos de Helena", publicada pela Edições A Melodia e gravada por Augusto Calheiros, na Victor; "O preço do café", editado pela Casa Viúva Guerreiro; "Viola triste", também publicada por Edições A Melodia e gravada na Victor por Albenzio Perrone; e "Alma em pedaços", publicada pela Casa Vieira Machado.

Versos é uma composição de estilo plenamente seresteiro.

Partitura de Viver de amor
Música: Olympio Baptista Filho
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: José de Almeida
Letra: *A República*

Viver de amor

Durmas sob as estrelas ou nos mares…
numa concha de pérola, quem há de
impedir que te conte meus pesares?
– Para viver de amor basta a saudade!

Muita poesia a ausência, oh, flor, resume.
A noite escura – quanta luz invade!
Murcha a branca cecém, fica o perfume…
– Para viver de amor basta a saudade!

Porque há tempo não me aprecias
ontem quando te vi – felicidade!
– Tenho ventura para muitos dias!
– Para viver de amor basta a saudade!

É um sonho que me inspira e me conforta:
– Ao fugir-me da vida a claridade.
– Ir cantar como um cisne à tua porta!
– Para viver de amor basta a saudade!

Quando eu morrer, palpitará, disperso,
talvez algum pesar pela cidade…
mas tu' alma guardará meu verso:
– Para viver de amor basta a saudade!

Nota comentada

O poema foi publicado no jornal *A República*, de 9 de maio de 1923 e traz a observação: "Nota do autor: As estrofes assinaladas por asterisco têm uma linda música de Olympio Baptista Filho". É dedicado ao compositor e foi republicado em *Ara de fogo/ Abysmos*. O motivo do poema é francamente pessimista e cada estrofe finaliza com a afirmação: "Para viver de amor basta a saudade".

Othoniel era muito ciumento de suas obras e ficava furioso quando alguém cantava errado uma de suas canções, "assassinando-as", como costumava se expressar. Em certa ocasião quase tem um infarto quando ouviu a sua empregada doméstica cantar, enquanto trabalhava, "para viver de amor basta um sordado", no lugar de "para viver de amor basta a saudade!". A pobre doméstica não perdeu o seu emprego graças a intervenção de Maria, esposa de Othoniel.

Partitura de Viver de Amor (Antítese)
Música: Olympio Baptista Filho
Letra: Othoniel Menezes

FONTES
Música: José de Almeida
Letra: *A República*

Viver de amor (Antítese)

Não me deras, ainda, alma celeste,
O sol do teu amor que me ilumina
E faz brotar, no meu calvário agreste,
De uma flor de cicuta, uma bonina!

Cravo branco a florir na fantasia
De minha lira rude e apaixonada!
Que tormento, se fores, algum dia,
Uma saudade roxa e envenenada.

Senhora de minh'alma e destes versos.
Escuta o que a ilusão canta em meu peito:
– "Teus olhos nos meus olhos sempre imersos!
um sonho só de amor e o mesmo leito!"

Um momento sem ti – que mágoa imensa!
Que tempo imenso de infelicidade!
– Para viver de amor, só a presença;
– Para viver de amor... nunca a saudade

Longe do teu amor sincero c amante
A saudade não basta à minha dor:
Quero ver-te de perto, instante a instante!
– Para viver de amor... só mesmo o amor!

Nota comentada

Neste poema, Othoniel responde a si próprio o que disse no anterior "Viver de amor", concluindo: "Para viver de amor... só mesmo o amor!"

Foi publicado, inicialmente, no jornal *A República*, de 24 de outubro de 1923; depois, em *Ara de fogo/Abysmos.*

O escritor Luis da Câmara Cascudo relatou ao autor destas notas que esta canção era muito querida dos seresteiros natalenses. O grupo, do qual participava José Ivo Cavalcanti (mais tarde conceituado médico), tinha uma peculiaridade: quando cantavam, na rua deserta, sob janela de alguém, o verso "Cravo branco a florir na fantasia", José Ivo gritava: De Joelhos! E todos se ajoelhavam, cantando o verso. O futuro médico justificava que era o mais belo verso da composição e por isto tinha que ser cantado de joelhos.

Sob as mangueiras*

A Carmino Romano

À sombra destas mangueiras
sussurrantes, altaneiras,
pensativo, horas inteiras,
me enterneço, a recordar,
e não sei porque este sonho,
tão querido, tão risonho,
de te ver e de te amar,
– veio em lágrimas findar.

Foi ao cantar destes ramos
que, muitas vez, nos amamos,
da tarde morna ao cair…
– branca de medo e cansaço,
reclinavas no meu braço
a cabecinha a sorrir…

Não sei se lembras ainda
aquela noite, tão linda.
em que, ao luar, tu me deste
tanto beijo que, entre olores,
voltou crivado de flores
teu vestido azul celeste…

* Sem partitura.

As mangueiras perfumosas,
belas, serenas, frondosas,
cheias de mangas e ninhos,
eram do nosso noivado
o virginal cortinado,
verde, sonoro, encantado,
repleto de passarinhos!

Perto, os vem-vens e as cigarras
faziam coro e algazarras
dos teus irmãos a brincar.
Vinha dos morros fronteiros
o aroma dos cajueiros,
a voz sentida do mar!

Enchias as saias curtas
de guabirabas e murtas,
que me davas com langor,
– mais cheirosas que no galho –,
embalsamadas de orvalho
da tua boca em flor...

Íamos ver, pela praia.
a hora em que o sol desmaia,
e a brisa as margens refresca,
retomarem, de uma em uma,
com as proas brancas de espuma,
as jangadinhas de pesca.

Dizias olhando as velas:
– "Se eu fosse um dia com elas,
e não pudesse voltar?
Eu tornava: – "Triste e quedo,
sozinho neste rochedo,
morreria… a te esperar!"

Quanta poesia vivida,
na quadra nunca esquecida,
das nossas juras primeiras!
– Os idílios pelo monte…
O verde mar no horizonte…
A casinha entre mangueiras…

Hoje, entretanto, que resta
dessa antiga e doce festa,
da natureza ao fulgor?
– só as mangueiras ao vento…
e a saudade, que é tormento
dos que sofrem o mal do amor!

Minha mãe*

Vivo contraste mostra-me o destino,
a minha dor de agora comparando
a esse passado, todo de amores, quando
brincava em teu colo, pequenino!

Faz muito tempo, minha mãe querida,
que os anjos te levaram para o céu,
e sobre o lago azul de minha vida
a saudade estendeu pesado véu!

Um coração de mãe jamais repousa!
– morta, embora–, ele pulsa pelo filho:
sim! bem que o vejo palpitar no brilho
das "perpétuas" em flor da tua lousa!

Sei que voltas do céu, de quando em quando,
pois, muitas noites, pálida e tristonho,
vejo-te, oh santa, dentro de meu sonho,
– o teu manto de estrelas arrastando...

---

* Este poema foi publicado em A *República*, em 11.07.1923, e em *Ara de fogo / Abysmos / Esparso*. Musicado pela professora Maria Umbelina de Souza, foi cantado por Bernadete Manso, em 13 de maio de 1923, na primeira comemoração do Dia das Mães, em Natal, realizada na Escola Mista Augusto Leite, mantida pelo Centro Operário Natalense.

Na minha fronte cismadora, ainda
– oh Assucena do azul celeste! –
vibra a harmonia suave, que não finda,
do último beijo triste que me deste!

Corresse um mar de pranto, o mais pungente,
em redor do teu túmulo querido,
não traduzira, ao menos, vagamente
o desespero de haver perdido!

Vive
Vive entre os anjos, meu amor eterno,
da Via Láctea na serena estância
Estrela da manhã da minha infância,
– brilha na treva deste imenso inferno!

Prosa

A Liberdade

ANNO I

A Liberdade

NUM. 1

ORGÃO OFFICIAL DO GOVERNO POPULAR REVOLUCIONARIO

Rio Grande do Norte — Natal, Quarta-feira, 21 de Novembro de 1935

Emfim, pelo esforço invencivel dos opprimidos de hontem, pela collaboração decidida e unanime do povo, legitimamente representado por soldados, marinheiros, operarios e camponezes, inaugura-se no Brasil a era da Liberdade, sonhada por tantos martyres, centralizada e corporificada na figura legendaria — omnipresente no amor e na confiança divinatoria dos humildes — de LUIZ CARLOS PRESTES, o "Cavalleiro da Esperança"!

SOB A ALLELUIA NACIONAL DA LIBERDADE

O Brasil, com o coração trepidante de esperanças e jubilo, fraternisa agora, como hontem, estremunhado nessa ancia colhuna, em 5 de outubro de 1930, na rua fragorosamente, sob o clamor popular, a apodrecida gerinçonça do regimen washingtoniano: — "Não pode mais haver logar para tergiversações ante esperanças absurdas. Nada se deliberará mais, fora do ambito nacional da Revolução, em cuja atmosphera é vibrante alma popular, ha tanto tempo indifinhada e opressa, respirá emfim o ozone vivificador da Liberdade. Em nome desta, e com inabalavel indifferio ao nome de paiz — não esqueçamos —, vinham sendo desenraveladamente perpetrados processos tão inverosimeis de politica e administração, que não era possivel permanecessem os destinos do regimen á discrição tyrannica dos responsaveis pelo desconchavo, chegado a tal ponto, que os mais passivos, os mais obscuros, os mais humildes elementos do povo, emergindo do silencio, do soffrimento e da revolta constantemente e lapidosamente acalmada, desgadanham as cadeias e vieram confraternizar nas ruas, num transcendentalismo de fé e patriotismo, com as forças revolucionarias victoriosas".

E é optimo repetir que nada se deliberá mais, doravante, fora do ambito de chammas da rebeldia nacional, gloriosamente iniciada no Rio Grande do Norte, a 23 do corrente, e victoriosa em todo o territorio brasileiro.

Porque era o mesmo, por assim dizer, apenas mais carregado de soluços e lividão de sangue, o panorama politico-social desta paiz grande patria, entregue á insaciavel ganancia que arrebanhou de varrer das posições eyidentemente occupadas e aphoiada pelos seus patrões estrangeiros, que havemos de expulsar inexoravelmente, arrancando-lhes ás garras vulpinas o que arrebataram de sangue e do suor do povo!

Carcomidos, até á alma, pelo "virus" do interesse mais mesquinho, mais odiosamal; vendidos ás empresas dos paizes imperialistas papazeiros; escravizados pelos bebes funebres do latifundismo; contundidos, na sombra de leis seculares e extinctas á ilharga da Nação. Apparelhar o Exercito e a Marinha, dignificar-lhes a missão dentro do paiz e em sua funcção essencial de defesa e garantia permanente do nosso prestigio internacional.

Dividiremos as terras. Garantiremos o direito ao trabalho. Ninguem dispenderá um real para aprender a ler e completar sua cultura. Reformaremos os codigos, estabelecendo, sob o regimen da racionalização e reconstrucção do Direito, tudo que temos promettido para libertação do paiz, tonificação de suas fontes economicas, felicidade de seu povo martyrizado e rapaz das maiores conquistas.

A victoria, conseguida agora, sabel-a-emos solidificar, para que frutifique o sonho dos que nos antecederam, tombando nas trincheiras deante dos quarteis do absolutismo aniquilado para sempre.

Estamos fortes, estamos firmes, estamos vigilantes, porque nossos olhos são os milhões de olhos do povo desperto e desaggravado pela nossa metralha.

Ninguem se engane. Ninguem desanime. Desmoralise-se de uma vez o boato, cujos responsaveis puniremos sem appello.

Soou a hora esperada pela consciencia nacional.

Não ha mais logar nem motivo para tergiversações, sim e sim!

Para os que nos quizerem auxiliar com sinceridade, aqui estamos. Para os que tentarem, por qualquer fórma perceptivel, subverter a ordem que implantamos no Rio Grande do Norte, amparados na energia indomita do nosso ideal, nas armas do glorioso 21 B. C., no coração do povo, — teremos o castigo que merecem todos os traidores, todos os pusillanimes, todos os burguezes vendidos á canalha internacional e de mãos dadas aos inimigos internos do Brasil.

Viva a Liberdade!
Viva Luiz Carlos Prestes!
Viva a Alliança Nacional Libertadora!

COMITE' POPULAR REVOLUCIONARIO

E' a seguinte a composição do COMITE' POPULAR REVOLUCIONARIO, acclamado ante-hontem pelo povo, ás 18 horas, e em pleno exercicio de sua funcção, com séde na "Villa Clarisse":

Lauro Cortez Lago — Interior.
Sargento Quintino — Defesa.
João Baptista Galvão — Viação.
José Praxedes — Abastecimento.
Jose Macêdo — Finanças.

Delenda fascismo!

O Brasil, que os politiqueiros a serviço do Cattete procuram ridiculo e inconsequentemente atraz dos paizes que fazem o papão na vida internacional, por terem dinheiro, exercitos e esquadras armados até os dentes; o Brasil, que no tempo do Marechal de Ferro deu aquella resposta celebre á insolencia inglesa, não entrou no numero das nações livres e fortes que cerraram fileiras em torno das sanecões commerciaes contra a Italia dos camisas-pretas, a Italia do papão-mór Mussolini.

Contra a Italia que, a pretexto de civilizar a Abyssinia, atirou-se, como um italiano enfaimado a uma gamella de macarrão ou "polenta", ao grande e opulento imperio da Africa oriental.

Porque não era tempo, ainda, de atirar-se ao Brasil, onde já de ha muito existiam o exercito da sua espionagem sangue-suga e ammada, atravez da famosa e imperturbavel quadrilha dos mutarrazos e caterva.

Os ministros empreiteiros da desgraça e da desmoralização nacional precisavam, amordaçados pelo ouro dos plutocratas, hypnotizados pelas lâmpas da gallegada atrevida e impune, vender cada vez mais a nossa terra, o trabalho e os cruzeiros, a vergonha e os direitos do nosso povo, afim de se encherem ainda mais de milhões e de immoralissimo prestigio perante os donos do mundo.

Para taparem a Nação, estarrecida de tanta desfaçatez e tanta sabugice, inventaram a celebre venda, á mesmissima Italia fascista e fascinante, de tão se sabe quantos milhões de toneladas de carnes congeladas! Como se nos e o povo não soubessemos que esta mercadoria não representa dez por cento do esforço nacional. Si

Ano 1 – Número 1*

Órgão do Governo Popular Revolucionário
Rio Grande do Norte – Natal, Quarta-feira, 27 de novembro de 1935

Enfim, pelo esforço invencível dos oprimidos de ontem, pela colaboração decidida e unânime do povo, legitimamente representado por soldados, marinheiros e camponeses, inaugura-se no Brasil a Era da Liberdade, sonhada por tantos mártires, centralizada e corporificada na figura legendária – onipresente no amor e na confiança divinatória dos humildes – de LUIZ CARLOS PRESTES, o "Cavaleiro da Esperança"!

SOB A ALELUIA NACIONAL DA LIBERDADE

Os que, com o coração trepidante de esperanças e júbilo, traçamos agora estas linhas, escrevíamos nesta mesma coluna, em 8 de outubro de 1930, ao ruir fragorosamente, sob o clamor popular, apodrecida geringonça do regime washingtoniano: – Não pode mais haver lugar para tergiversações nem esperanças absurdas. Nada se delibera mais, fora do âmbito nacional da Revolução, em cuja atmosfera a vibrante alma popular, há tanto tempo ludibriada e opressa, respira enfim o ozone vivificador da Liberdade. Em nome desta, e com insanável ludíbrio ao nome do país – não esqueçamos –, vinham sendo descaroavelmente[1] perpetrados processos tão inverossímeis de política e administração, que não era possível permanecessem os destinos do regime à discrição tirânica dos responsáveis pelo descalabro, chegando a tal ponto, que os mais passivos, os mais obscuros, os mais humildes elementos do povo, emergindo do silêncio, do sofrimento e da revolta constantemente e impiedosamente açaimada,[2] despedaçaram as cadeias e vie-

ram confraternizar nas ruas, num transbordamento de festa e patriotismo, com as forças revolucionárias vitoriosas.

E é ótimo repetir que nada se libera mais, doravante. Fora do âmbito de chamas da rebeldia nacional, gloriosamente iniciada no Rio Grande do Norte, a 23 do corrente, e vitoriosa em todo o território brasileiro.

Porque era o mesmo, por assim dizer, apenas mais carregado de sombras e laivado[3] de sangue, o panorama político-social desta pobre grande pátria, entregue à insaciável camarilha que acabamos de varrer das posições cinicamente ocupadas, explorada pelos seus patrões estrangeiros, que havemos de enxotar inexoravelmente, arrancando-lhes às garras vulpinas[4] o que arrebataram do sangue e do suor do povo!

Carcomidos, até á alma, pelo vírus do interesse mais mesquinho, mais estomacal; vendidos às empresas dos países imperialistas papa-terra; cavalgados pelos leões famélicos do latifúndio; conluiados, na sombra de leis celeradas e exclusivistas, com os plínios salgados e seus asseclas de roupeta;[5] ajudados, nessa orgia tenebrosa, por muitos revolucionários em absoluto indignos desse nome, – os políticos profissionais, cujo símbolo mais próprio e mais caricato é Getúlio Vargas e sua farândola[6] de bonecos, estavam a pique de entregar o Brasil, de pés e mãos atados, à temerosa cainçalha[7] adventícia, representada pelos credores europeus e americanos e suas formidáveis empresas de exploração, espionagem e boicote.

Nós temos o propósito de arrancar a venda aos olhos do Gigante algemado, nós que temos visto por ele, nós que estávamos, estamos e estaremos alerta contra toda essa chusma de patriotas invertidos e estrangeiros gananciosos.

Vamos confiscar as duvidosas fortunas desses ladrões internacionais, fazê-los trabalhar e produzir, ou arrepiar caminho para os

desertos de onde vieram para aqui enriquecer e malsinar nossas coisas e nossa gente.

Vamos fazer produzirem nossos campos. Explorar as nossas minas formidáveis de ferro, de ouro, de tudo que a Natureza nos deu da maneira mais privilegiada no mundo. Aproveitar nossas imensas quedas d'água, nossas florestas imensíssimas. Dar crédito ao agricultor, até agora miseravelmente tratado como servo de gleba. Desenvolver a pecuária. Estimular a indústria, criando as grandes usinas de metalurgia para fabricarmos, aqui dentro, as nossas máquinas, os nossos aviões, a nossa munição para resistir a quem quer que se aventure a reduzir-nos a colônia.

Reformar, pela base, a burocracia, que é um dos cancros mais terríveis à ilharga da Nação. Aparelhar o Exército e a Marinha, dignificar-lhes a missão dentro do país e em sua função essencial de defesa e garantia permanente do nosso prestígio internacional.

Dividiremos as terras. Garantiremos o direito ao trabalho. Ninguém despenderá um real para aprender a ler e completar sua cultura. Reformaremos os códigos, estabelecendo, sob o regímen da racionalização e renovação do Direito, tudo que temos prometido para libertação do país, tonificação de suas fontes econômicas, felicidade de seu povo martirizado e capaz das maiores conquistas.

A Vitória, conseguida agora, sabê-la-emos solidificar, para que frutifique o sonho dos que nos antecederam, tombando nas trincheiras diante dos quartéis do absolutismo aniquilado para sempre.

Estamos fortes, estamos firmes, estamos vigilantes, porque nossos olhos são os milhões de olhos do povo desperto e desagravado pela nossa metralha.

Ninguém se engane. Ninguém desanime. Desmoraliza-se de uma vez o boato, cujos responsáveis puniremos sem papelão.

Soou a hora esperada pela consciência nacional.

Não há mais lugar nem motivo para tergiversações, sim e sim!

Para os que nos quiserem auxiliar com sinceridade, aqui estamos. Para os que tentarem, por qualquer forma perceptível, subverter as ordens que implantamos no Rio Grande do Norte, amparados na energia indômita do nosso ideal, nas armas do glorioso 21º B. C., no coração do povo – teremos o castigo que merecem todos os traidores, todos os pusilânimes, todos os burgueses vendidos à canalha internacional e de mãos dadas aos inimigos internos do Brasil.

Viva a Liberdade!

Viva Luiz Carlos Prestes!

Viva a Aliança Nacional Libertadora![8]

---

*Transcrição de alguns textos da primeira página do jornal *A Liberdade*

Notas

[1] Sem carinho ou caridade, descarinhoso.

[2] Amordaçada, silenciada, reprimida, subjugada.

[3] Manchado, emporcalhado, sujo.

[4] Relativo a ou próprio de raposa; astuta, traiçoeira.

[5] Indumentária dos sacerdotes, batina; sacerdote.

[6] Grupo de pessoas que se movem em fila; bando de indivíduos de má fama.

[7] Agrupamento ou matilha de cães; canzoeira. Súcia de gente ordinária, vil.

[8] Cronologia (elaborada por Cláudio Galvão):

1935
26 de novembro: Funcionários da Imprensa Estadual são convocados para prepararem a primeira edição do jornal revolucionário *A Liberd*ade, lançado na manhã de 27 de novembro. Fracassado o movimento, iniciam-se as perseguições. Othoniel é responsabilizado como redator principal do jornal.
28 de novembro: Othoniel é demitido da função de secretário de *A República*.
Othoniel foge para o Recife, mas suspeitando de que estava sendo seguido, desembarca do trem em Canguaretama, refugiando-se na casa do irmão Francisco, juiz de Direito da Comarca.
Segue para Recife e se esconde na casa de um primo; preso em seguida, é transferido para 1ª Delegacia da Ribeira, em Natal.

1936
4 de setembro: Decretada sua prisão preventiva.

1938
9 de agosto: Condenado a três anos de reclusão pelo Tribunal de Segurança Nacional.
29 de setembro: Apelando da decisão, é absolvido e libertado.

Ferreira Itajubá[1]

(Trechos de um Ensaio)[2]
O drama da vida de província

O drama da vida de província

Com o pecado original de haver nascido na Esquina[3] venceram, até hoje, Rodolfo Garcia,[4] Antônio de Sousa (Policarpo Feitosa), Peregrino Júnior[5] e seu irmão Umberto,[6] Angyone Costa,[7] José Wanderley,[8] Nilo Pereira,[9] Adauto da Câmara,[10] Salomão Filgueira[11] e alguns outros, bem raros. Porque bateram o pó das sandálias, conforme a receita evangélica.

José Bezerra Gomes,[12] tendo decifrado a esfinge Pongetti[13] com uma boa edição de *Por que não se casa, doutor?*, anda por aqui agora, vulnerável ao "óxido monetário" denunciado por Balzac, em *Illusions Perdues*, a arriscar no chão fatídico, reverso do chão de Anteu,[14] as vantagens adquiridas na fuga que já àqueles próvidos emigrados foi a única salvação verificável. Esquecido, o vigoroso retratista de Ferreira Itajubá, de que na hégira[15] é que se objetiva o êxito do profeta...

Abner de Brito,[16] a quem o discreto Armando Seabra[17] adjetivou de "genial", autor admirável de *Ossário* e *Confissão* (quem tem notícias desse adorável maluco?), raspou-se tardiamente para o Rio, onde se perdeu no turbilhão, sem dúvida incapacitado para lutar, a fibra exaurida por trinta anos de inútil, insana, inglória recalcitrância contra a abjeta negociocracia de Jerimulândia.

Damasceno Bezerra[18] paga bem caro o sinistro privilégio de haver nascido, grande poeta, em terra de mercadores, e onde, mais que em qualquer outra latitude, tem curso proverbial e vigente o sarcasmo do dístico lafontaineano – *D'un Magistrat ignorant C'est la robe qu'on salue*, (o que, traduzido para "português de rico", significa: um patife bem vestido não é um patife). Lírico delicioso, sem rival entre todos, autor do *Dias de sol*, sem a mínima esperança de editá-lo, há muito abandonou o estéril combate em

que nos esfalfamos, e rola, por aí, a padecer com a família (uma pobre esposa semilouca e duas filhas na idade de Cosette de *Os miseráveis*), órfão da pomada de Elmerick,[19] carregando a cruz de veneno que desgraçou os destinos de Pöe, de Gérard de Nerval,[20] de Lima Barreto,[21] encarnando, *au grand complet*,[22] a boêmia democrática do soneto de Hermes Fontes, "sem lar, sem pão, sem traje" e, irremediavelmente,"ufano e ledo"

> "vivendo vida igual à vida de Quevedo[23]
> vivendo vida igual à vida de Bocage".[24]

Carolina Wanderley, ai de nós, *is dead*[25] há muito tempo, doce e penserosa[26] violeta, a hibernar solitária, abafada no carcavão[27] de urtigas, sobre cuja crista fulva[28] e causticante sorri ainda, por vezes, o girassol de um soneto ou de uma quadrinha de aniversário; de Palmyira – mais um girassol desmaiado, sem a seiva das opulentas flores de *Roseira brava*, heliotrópio de fim de estação, na paisagem triste. O ar mefítico[29] da província até a esta nossa *Regina poetarum*[30] vai racionando o oxigênio, embora, desde o berço, jamais tenha ela tido necessidade de lutar no mercado, para comprá-lo. E esta é uma questão tremendamente vital, na "Sala de visitas da Europa",[31] onde meia dúzia de filisteus ameaça instituir o câmbio negro desse gênero de primeira necessidade…

Didi Câmara Cardoso[32] que, uma vez publicado o seu primeiro livro, será proclamada digna de diademar a fronte com a mesma auréola que resplende sobre a de Gilka Machado[33] e a de Cecília Meireles,[34] não conseguiu, em janeiro deste ano, reunir no Teatro "Carlos Gomes" mais de trinta ouvintes para um recital em que declamou alguns dos seus extraordinários poemas esotéricos. Os "18 de Copacabana", que lá viveram essa hora de incomparável deslumbramento espiritual, sabem quanto é extremo de exagero o nosso prognóstico sobre o futuro intelectual da autora de *Cha-*

mas. Ela, porém, não se deixará asfixiar aqui. Despertada à voz cordial de Whitman – que desvenda a todos os poetas o panorama dinâmico do mundo – consta que vai para São Paulo. E ainda há sujeitos indignados, beatamente, com Vargas Vila[35] porque afirmara que a Colômbia era ambiente muito mesquinho para o seu gênio! Como se um ninho de tico-ticos ou de cucos fosse pouso para uma águia; para uma ave-do-paraíso, ou de uma cotovia, um leirão de couves...

Mas... e os que, embora com o pé de trincheira deste provincianismo congelador, não se conformaram, senão por força de circunstâncias irrecusáveis – daquelas que fizeram a Galileu dobrar os joelhos diante do oficialismo tonsurado e renegar a verdade científica –, com o chá de mastruço da literatura doméstica, com a prisão de ventre crônica e as férias de estômago da burocracia, reagindo cruentamente, secretamente desiludidos, recalcitrando na faina sisífica[36] de sapo no pé do boi:

Câmara Cascudo, Hércules acorrentado no socavão do forte dos Santos Reis, Briareu[37] a biscatear com um dedo das cem manoplas, São Cristóvão bonacheirão, escrevendo prefácios para livros de cordel, os largos ombros cheios de macaquinhos e sagüis assombrados com a correnteza; Esmeraldo Siqueira (este, poderia dizer: *Heureux qui, comme Ulysses, a fait un beau Voyage*!,[38] mas voltou a Barataria[39]); Edinor Avelino, embatatado, em Macau, com a prebenda de uma inspetoria agrícola; Edgar Barbosa;[40] Manoel Rodrigues de Melo;[41] Bezerra Júnior; Israel Nazareno;[42] Américo de Oliveira Costa; Rivaldo Pinheiro;[43] Rui Câmara;[44] Raimundo Nonato Fernandes?[45]

Lindamente ilhados (e menos do resto do Brasil e do mundo, que dos próprios íncolas da ilha ilustre), consolando-se melancolicamente, com a platônica, desenxabida recreação espiritual a trautear, cada qual sob o seu coqueirinho robsoniano, a solfazita

radiofônica do tango "Renúncia". Desmentindo, com um sorriso amarelo, o *aquila non capita muscas!*[46] dos romanos…

Esta, sim, é a vidoca inexpressiva, apática e estanque, dos "clérigos", no caravançará[47] de Mercúrio, tenda cáqui do novo Midas do hemisfério; mais liliputiana, ainda – fora do império gordo da barganha e do roubo no peso –, que aquele vilarejo sorna[48] e estercorário da anedota: tão pequeno que, quando os vagões entravam na estaçãozinha, a locomotiva resfolegava no distrito de outro município…

Para essa mal-aventurada turma de amigos de Romain Rolland[49] (e queremos significar, na expressão, a persistência apostólica no idealismo puro, de âmbito universal), somente haveria recurso, fora da aventura política, que está fazendo periclitar, hediondamente, o lindo destino intelectual de Romildo Gurgel[50] – na meditação dos transcendentais tratados de mestre Kardec.[51] Para uma "fezinha" na roleta da Reencarnação!

Reparem que bom: em regressando ao cadinho do planeta, curado da lepra do talento, que incompatibiliza irremissivelmente com a ambiência solecística e utilitarista da província, realizar o ideal decantado por Des Essarts[52] (*La vie lumineuse*):

> "Sur le blanc piédestal de la sérénité,
> sans élan surhumain, sans orgueilleuse envie,
> heureux d'un ídéal visible et limité,[53]"

controlando seus anseios, poupando a seus sonhos quedas das nuvens ou dos arranha-céus, ritmando sanchamente a existência

> "au soleil fugitif, au mois, à la saison,
> à tout ce qui se voit, à tout ce qui s'achève,
> aux contours arrêtés d'un petit horizon,"

exatamente como se dá com o mais desalmado, o mais xucro, o mais intestinal nesses invejáveis burgueses do "Trampolim"…

Afigura-se-nos bem admissível estejam ruminando o sublime problema, a estas alturas da "hecatombe", preferindo as frutíferas hipóteses da palingenesia[54] ao atroz, compulsório exercício da literatura de sueltos sobre a carestia e notinhas genetilíacas,[55] um poeta como "foi" Jorge Fernandes, um crítico literário como "foi" Nascimento Fernandes,[56] um jornalista, um estilista como "foi" Bruno Pereira,[57] e *j'en passe et des meilleurs.*[58] Aliás, também, ao fim desta nossa rápida vilegiatura através dos eremitérios do atol, temos a registrar a apostasia de Edgar Barbosa – a pena que escreveu aquele belíssimo poema das "Cidades mortas"! – e que se arranjou com uma toga, na roça, entre os perigos e os estímulos realistas do território continental, *urbi sunt leonis*.[59]

Aos que ainda levam a sério a literatura, sirva-lhes de escarmento,[60] para se corrigirem da pertinácia sedentária, o exemplo de Ferreira Itajubá.

Tarde, demais, fugido da ilhota bloqueada, onde viveu com um despertador a alarmar no estômago, morreu de miséria, de lirismo confiante, de fome progressiva, num catre de indigente, enjeitado da terra cuja amarga, implacável ingratidão, contrastou ele com filial abnegação, cantando, entre as lágrimas do ostracismo mais pungente:

> "Numa nesga da pátria, onde em noites de lua,
> parece um lampadário a Natureza nua..."

Lembrem-se do formoso Satã das mentiras e das verdades mais bem vestidas da literatura inglesa, Oscar Wilde,[61] com bem pouca justiça fora da moda. Lapidarmente, caracterizou, ele, em *Intenções*, o tipo psicológico do torturante drama em cuja terefa sucumbiu o meigo cantor da nossa gesta lírica, e onde hão de ainda sucumbir os outros: *"La sociedad perdona a veces al criminal, pero non perdona al soñador".*

No tempo de mecenas

Era o tempo da construção das primeiras estradas de rodagem para a hinterlândia, estradas embora ainda primitivas – carroçáveis, na terminologia dos técnicos –, mas estendendo no rude sistema circulatório da província, através da caatinga que só os tardos comboios devassavam, as artérias por onde os brutais GMCs e os fordecos abelhudos foram levando aos sertanejos os segredos da Civilização... Era o tempo da desobstrução da barra do Potengi e a dinamite andava desventrando fragorosamente a "Baixinha",[62] visando-se a atual acessibilidade ao porto. Iluminação e tração elétricas. Criação da Escola Doméstica,[63] o mais belo dos grandes poemas de Henrique Castriciano. Instituição dos grupos escolares modelo e da Escola Normal.

Herculano Ramos,[64] atraído da Bahia por Alberto Maranhão, e que era um maravilhoso arquiteto, um poeta da geometria, urbanista, gentilíssimo, levantava esse madrigal a Melpômene e Tália,[65] que é a linda fachada do Teatro Carlos Gomes; filigranava em arabescos e florões de caprichosa leveza e graça oriental, os caramanchões dos jardins da cidade.

O governador, centro dessa fase efervescente e fecunda da nossa cultura, esplêndido padrão de democracia espontânea e de beleza física, eugênico antecessor da sorridente irradiação pessoal que, quatro decênios adiante, faria de Roosevelt o mais popular, o mais humanamente representativo dos cidadãos do mundo; medularmente comunicativo, acessível ao trato do último plebeu do burgo republicano, confraternizava com a inquieta juventude dos grupos literários; escrevia na *Tribuna*, no *Oásis*, era sócio militante do Le Monde Marche,[66] do Centro Polimático,[67] da Divisão Branca (sodalício diversional, cujos membros adotavam os nomes dos

navios da nossa esquadra desde a primeira visita feita por esta ao porto). Tomava *drinks* de espiridina,[68] em comum com os mais humildes funcionários de Palácio, fazia piqueniques nos quais admitia o gozoso[69] solidarismo dos repórteres do órgão oficial, cavaqueando com eles à sombra das perfumadas jabuticabeiras do coronel Estevão Moura,[70] morubixaba de São Gonçalo. Finíssimo aristocrata de espírito, conservando galhardamente, em qualquer oportunidade, o respeito e o pundonor da alta função pública e social que encarnava. Cedia sempre, nesses interlúdios encantadores, àquele imperativo de sua bossa[71] igualitária, do seu generoso, exuberante humanismo – quase um recalque, um resíduo psicológico da sua consangüinidade com os rudes Albuquerques, que na defesa da capitania, haviam pelejado contra os mandatários de duas cabeças coroadas da Europa. Embora jamais tivesse chegado ao extremo romântico em que Câmara Cascudo, remexendo no baú da História, apanhou aquele notável presidente de província,[72] autor da formosa serranilha[73] "As andorinhas,"[74] ombro a ombro, com Antônio Elias,[75] contínuo de Palácio, e autor da solfa, numa farra, na Rua do Fogo,[76] assinando o expediente em cima do violão de jacarandá…

Alberto Maranhão mandara buscar, no Velho Mundo, os componentes da celebrada orquestra sinfônica do Carlos Gomes; o pianista Russell, o violoncelista Babini,[77] o violinista Nicolino Milano,[78] Smido,[79] notabilidade como compositor e que, mais de trinta anos após, falecia no Rio de Janeiro, aureolado pelo pressuposto de uma gesta heráldica: fora figura da mais extreme aristocracia, ligada ao tronco genealógico da família reinante. O maestro espanhol José Bernardo Borrajo era o regente da banda musical da Polícia. Tota Paulino[80] (ainda agora semivivo e ensinando no "Instituto" que Waldemar de Almeida[81] tenta desesperadamente salvar do cupim indígena do "já teve") inventava a flauta vertical

e trazia do Pará a maravilhosa novidade do xilofone. Junqueira Ayres,[82] ádvena baiano, deputado federal pelo partido do governo, era o árdego "Chantecler"[83] da tribuna política, patativa dos salões no floreio dos brindes, paladino flamante do grão-senhor do condado, e sempre com uma rosa de retórica na ponta do florete.

Antônio de Souza (o "Polycarpo Feitosa" que, depois, escreveu *Flor do sertão*, *Gizinha*, *Gente arrancada*, *Moluscos*, magníficos romances regionais que não lograram, nem podiam lograr, na "Esquina", o julgamento que lhes tributou, entre outros, um Afrânio Peixoto) assinava um artigo diário na *A República*, e muitos deles em adorável francês. Eloy de Souza, autor e defensor, na Câmara Federal, do projeto de combate às secas – obra vigorosa, de síntese científica e sóbria beleza literária –, elogiada por especialista da altura de Roderic Crandall;[84] egresso da Europa e do Egito, aonde fora em estudos experimentais do problema, já brilhava singularmente, com todas as poderosas e complexas qualidades inatas que lhe conquistaram o justo título de mestre, entre os nossos jornalistas. Castriciano, no recato do florido pseudônimo de Rosa Romariz, firmava crônicas deliciosas, eruditas, em puro estilo renaniano, quanto à forma, enquanto que, no *substractum*[85] espiritual, docemente impregnado de sutil religiosidade, de penetrante misticismo cristão aflorando, como a redolência[86] dos jasmins na mansuetude da tarde, nas páginas incomparáveis que então escreveu, ao regressar da Palestina. Talvez já sob os favores da Lei 145, de 6 de agosto de 1900 – que obriga o Tesouro a custear a edição de livros de escritores do Estado ou nele residentes há mais de dez anos,[87] – publicava *Iriações*, *Vibrações*, *Ruínas*, *Mãe*.

Saíam à luz o *Horto*, de santa Auta de Souza, com um mesquinho, centimetral prefácio de Olavo Bilac (perante Castriciano, mais tarde, o nababo da *Via-Lactea* penitenciou-se da sovinice, confes-

sando que era o suavíssimo oblacionário[88] da "cotovia mística das rimas" o seu livro de cabeceira); *Cismas*, do irrequieto Juvenal Antunes,[89] vivaz antecedência doméstica de Pitigrilli,[90] traduzido em decassílabos; *Santelmos*, todo em meias-tintas delicadíssimas, sobre tons indecisos na paisagem dolente, do meigo Francisco Palma;[91] *Alma deserta*, escrito com punhos de renda da Bretanha, do aristocrático Sebastião Fernandes,[92] deslumbrante orador, *causeur*[93] irresistível, otimista gentil, acima das cruéis incidências da neurastenia hereditária (diante de fosse que fosse, em aflição pela iniqüidade dos contrastes da vida, sempre encontrou recurso fácil e persuasivo, na sua maravilhosa feitiçaria verbal, para convencer o interlocutor de que era possível *tenir en cage*[94]o ambicionado pássaro azul de Maeterlink[95]); Severino Silva,[96] muitos anos após coroado "príncipe dos poetas paraenses", dava *Poemas de um doido* que, de resto nem de longe indiciava os futuros triunfos; Ivo Filho,[97] com uma indefectível *la france* na lapela, flamejava em madrigais, com os *Crisântemos*; Ana Lima,[98] à sombra plácida dos penates, na doçura e no silêncio do vergel familiar cujo delicado perfume era do seu coração que vinha, todo Clóris[99] católica, compunha os graciosos ramalhetes das *Verbenas*. Homem de Siqueira,[100] carregando nos ombros ciclópicos uma legenda romântica de bravura à D'Artagnan, nos entreveros de estudantes com esbirros dos caudilhos pernambucanos, condiscípulo de Castro Alves e Tobias,[101] publicava sonetos, que ainda hoje são lidos; Josué Silva,[102] Deolindo Lima,[103] Antônio Glicério,[104] picotavam o confete policolor das trovas; João Estevão Gomes da Silva,[105] com este nome de bodegueiro, fazia um humorismo salubérrimo, ainda vivaz e saboroso, soltando vadiamento da palestra, sob aquela fachada macambúzia e dispéptica em que esconde o talento, como uma velha carapaça de uruá uma vespa de ouro. Segundo Wanderley[106] era o "Papá Hugo" municipal, festejado e querido, a cabeça branca

diademada pela fama do *Naufrágio do vapor Bahia*; encontrando esta imagem, digna do formidável malabarista do Verbo, criador de Gilliat:

> "De cerúleo alcantil águia tombada
> mergulha o sol no Letes[107] do ocidente"

A dalila[108] sobredourava o ritmo espiritual das quintas-feiras em casa de Pedro Velho,[109] ele próprio ao piano, entre dez a doze rapazes de talento, que recitavam Lamartine,[110] trechos dos *Châtiments*, Stecchetti,[111] Byron,[112] Castro Alves, Luís Delfino,[113] Guerra Junqueiro.[114]

Lourival Assucena,[115] leão da fauna social do subplano, chefiava pândegas sensacionais, tratado e amimado a biscoito "Pilar" e vinho do Porto do mais genuíno. Catulo da Paixão Cearense havia lançado na serenata o "Talento e formosura".[116] Antônio Marinho,[117] com uma faca na cava do colete, e a pena acerada, agitava polêmicas, nessa *Versailles* tapuia.

Na esquerda, entrincheirados no *Diário do Natal* e na *Gazeta do Comércio* – que os puxa-sacos de Pedro Velho, afinal, destruíram –, pontificava Pedro Avelino,[118] fenomenal matuto angicano, até hoje a maior figura que tivemos, na imprensa, liderando aguerrida e cintilante falange. Sua lúcida vanguarda era formada por Pedro Alexandrino,[119] antigo operário de tear e marceneiro, analfabeto aos 25 anos, e, agora, reputado professor, vernaculista destríssimo, cronista policrômico, escritor consumado (os verrineiros[120] oficiais xingavam-no de Professor Jaqueira, em conseqüência de uma *glissade*[121] célebre na conjugação do verbo francês *acquérir*,[122] durante seus exames de preparatórios, no Ateneu). Pedro Alexandrino publicava, nos intervalos da polêmica política, rutilantes páginas literárias, muitas delas versando temas controversos de filosofia, cheias de caprichos e virtuosidades lingüísticas

– esta, "sem verbos", essoutra, "sem qualificativos", aquela, "sem pronomes"... Elias Souto,[123] o Marat[124] da rua da Conceição, doente, mirradinho, paralítico, chumbado à sua cadeira de rodas, mas terrível, impiedoso, pertinaz, brocando e metendo pólvora nos alicerces do Hotel Rambouillet[125] pedrovelhista. Francisco Pereira[126] e Augusto Leite,[127] poetas ambos: o primeiro ainda vivo, residente no Rio, é autor dos aplaudidos, canoros *Sonetos Amazônicos* e, Augusto, uma alma de cecém[128] dos vales, perfumando um caráter adamantino, mártir da vida sedentária e azucrinada da tipografia de caixetas, antes da luz elétrica e do linotipo, autor da imortal modinha "Profundo dissabor me envolve a vida".

Mais tarde, e ainda sob o prestígio eletrizante desses signos criadores que sazonavam a atmosfera da província, floresceram Gothardo Neto,[129] Ponciano Barbosa,[130] Murilo Aranha[131] (estes, esperando tranquilamente nos seus túmulos, a justiça da posteridade), e mais outros, todos eles aclamados, integrados na elite citadina, a não ser os que, voluntariamente, dela se conservavam segredados. Era o caso de Gothardo Neto, que um amor contrariado por preconceitos de família transformara em cenobita,[132] escondido em casa do pai,[133] onde constantemente lhe chegava a manifestação do carinho popular, em pedidos de sonetos para festas, de crônicas – belas crônicas, num vernáculo de boa veia metálica, sonoro e parecendo trabalhado em prata –, para os numerosos pequenos periódicos literários e humorísticos; de discursos que ele, estacionada a multidão das passeatas diante da hoje legendária casinha da Rua do Quatorze,[134] pronunciava da janela, barba hirsuta como a de um pastor macedônio, trêmulo, pálido, a agitar a mão translúcida, envergando um roupão de chita estampada – ídolo indiscutível da mocidade estudiosa desse tempo.

Era Natal, assim, verdadeiramente, por força de tanto progresso, daquela imigração ilustre, e dessa dinâmica agitação cultural,

desse ritmo vital de seleção e de estímulo, a "Esquina do Mundo", muito antes do crisma que a literatura de guerra, por outros motivos infinitamente menos propícios, lhe arranjou. A literatura; e a ironia, que tantas vezes acerta.

E, no entretanto, cusparando melancolicamente no piso de um casebre de taipa da Ribeira, fazendo versos eternos,

> "cantando o mar sereno, o fogo das lareiras,
> e o verde milharal nas risonhas clareiras."

Ferreira Itajubá, o renovador da poesia lírica norte-rio-grandense, preso à tipóia pelo indecoroso estado das botinas, falhava à tertúlia do costume, em casa do autor de *Folhas mortas*.[135]

Poesia versus gramática

Antes de Ferreira Itajubá, nenhum poeta, entre nós, exercitara os temas inspirados na intimidade, na ternura, na interpenetração da paisagem nativa, endosmose[136] sentimental, orientada para a serenidade placentária da gleba, ansiosa aspiração da plenitude no sonho, e que Raimundo Correia[137] já sublimara num soneto inesquecível:

> "E a terra, a mãe comum, que eu amo tanto,
> para a nudeza me cobrir dos ossos,
> rasgue alguns palmos do seu verde manto."

As pequeninas cenas familiares da vida cotidiana da província, antes que a lâmpada incandescente do Aladim norte-americano[138] tivesse posto a nu aquela inocente mentira do "calor ideal da lamparina acesa". Deliciosos flagrantes do convívio popular nos arrabaldes. Festas da igreja, noivados cheirando a cravo branco e manjerona. Bacorinha,[139] calças de brim HJ[140] e fraque, trunfa[141] com brilhantina *Fleur d'Amour*, oriza[142] no bigode, a lapela com uma rosa ou um raminho de melindre;[143] sapatos Luís XV, meias de fio da Escócia, blusa de fustão, fichu[144] para as velhas, echarpe de seda para as moças, uma cravina ou um estefanote,[145] no bandó,[146] fita de seda ou gorgorão no ébano das tranças... Piqueniques, colheitas de milho verde e gergelim nas beiradas, folias juninas, semanas modinheiras atrapalhando luas-de-mel. Presepes, entrudos, consoadas.[147] Domingos católicos romanos cheios do sol o de sinos festivos, terços de maio enchendo de melodias e aromas voluptuosos a languidez das tardes. Comunicabilidade radiante, liturgia, democrática, doce carolismo nivelador, "namoro para casa", a envolvente sugestão do cheiro do incenso e alecrim, nos altares resplandecentes do senhor Bom Jesus das Dores, sangrando – so-

mente para as beatas – no gólgota de ouro do altar-mor... Pescarias, ao rojão das violas maneiras, nas praias transfiguradas pelos espetaculares plenilúnios de agosto. Idílios na "solidão tristíssima dos morros". Nomes de frutas agrestes, ainda goticuladas de orvalho, ressumando[148] a seiva redolente,[149] coberta de abelhas, picadas de sanhaços. Apólogos de velhos cajueiros "derribados na vindima".[150] Costumes, sentimentos, amarguras resignadas, quadros romanescos, lendas e abusões simples da riba do mar e do sertão – em cujos céus cálidos e diáfanos as avoetes pareciam ao poeta

> "nuvens despedaçadas,
> bandeiras leves
> desenroladas,
> leques abrindo,
> leques fechando,
> novelos fofos
> no céu rolando,
> alma em busca
> dos sonhos seus,
> lenços abertos
> dizendo adeus."

E as sombrazinhas hospitaleiras de oitões batidos do nordeste? E os tresmalhos a enxugar do vuco-vuco dos lanços, à ilharga dos alpendres florados de boas-noites e malvões vermelhos? Tríduos rumorosos, nos Santos Reis da Limpa, com devoção e arruaças, com os bisonhos ulanos[151] de Joca do Pará,[152] a voz de Deolindo Lima numa barraca a fervilhar de morenas, cachaça com caju da Redinha, o governador fazendo parede com voador assado; Jonas Cardoso, numa roda de poetas, floreando discursos a Jesus e ao mar. Namoradas que eram limas "de carne, rosas da culpa". Branca,[153] Mireille[154] desse mestre analfabeto, Iracema desse Alencar encadernado em zuarte,[155] mimosa e desdenhada heroína do *Terra*

Natal, morta de saudade aqui, entre as floridas laranjeiras e rosais da mãe do poeta, enquanto ele, na reencarnação quimérica de um marujo de Loti[156] ou Bernardin de Saint-Pierre,[157] por climas alheios, num veleiro batel, fundia em canoros alexandrinos, a escorrerem lágrimas como a proa do barco fantástico a água amarga das ondas, a odisséia pungente.

Uma quadra assim, desarraigada do pobre coração a sangrar, quando na mansarda soturna, já sem o consolo da presença materna, mensagem povoada de meigos abantesmas[158] doloridos, tímida purpuresce[159] a evocativa madrugada das horas amenas, e a lua sobe, *oeil d'immemorial ennui*,[160] desfigurada na sua palidez shakespeariana, "como se tivesse erguido de uma moléstia":

> "Corre, pranto invernoso! orvalha a grade
> Da solidão do meu viver incerto!
> Como sangra o punhal desta saudade!
> – que mal me fez este postigo aberto!"

E, tudo isso, impregnado de constante indefinição plástica, impreciso, flutuante, perispírito[161] de uma poética virtualmente vigorosa e original, a que sua deplorável carência de cultura lhe impediu desse corpo hígido e harmonioso, comunicasse a essas descrições certo objetivismo, viável mesmo através do seu permanente orgasmo romântico, objetivismo que à sua obra teria conferido valor folclórico.

Mas, quão sensível, a beleza e a novidade dessa poética, na evidência do tônus pessoal, seiva de mata virgem quintessenciada em aromas vagantes, espinho cheirando a flor, obrigando a reações de alarme a viciada glândula olfativa do mais presto em captar a presença de qualquer das tinturas arcádicas, de exportação peninsular, e que até então andavam almiscarando a lírica indígena! Gênio telúrico, a expluir[162] em estro imaginativo, colorido vibrante, dulcíssimo amavio vernacular, perfumado de reminiscências bíblicas;

embora, aqui e ali, para angustioso contraste – boninas a vicejar e a rescender sobre esterco – amiúde reponte aquela inevitável tendência plebéia, aquela crassa diátese[163] do solecismo, que tanto lhe inquinou o estilo, e era tão notável modalidade na sua palestra.

Para Baudelaire,[164] entretanto, a poesia era a inocência reencontrada – *La poésie est l'enfance retrouvée*.[165] Pois, inocência, antes de tudo, muita inocência interior, candura lírica, musicalidade campesina, *grâce trouvere*,[166] naturalidade integral – eis as características potenciais do estro itajubalino. Primarismo ingênito, misticismo pastoral, infantil despreocupação das torturas da cafua lexicológica. Ilustração viva, total, personalíssima, do postulado spinoziano[167] do velho Briand[168] que, antes de fino político, era, como todo francês de elite, pensador e artista consumado: "A Arte foi inventada para corromper a Natureza: uma pobre árvore vale bem duas estátuas". Assim é que, por exemplo, não se pode negar beleza a uma trova de Fabião das Queimadas:[169]

> "O nome de mãe é doce,
> que nem a fruita madura;
> o doce da fruita passa,
> o doce de mãe atura..."

Em plano mais realista, mais direto – desabusadamente experimental –, confirmava, na mesma época, o insuspeito Vargas Vila, acre e inflexível professor de liberdade: *El hombre de genio no se dá la pena de violar leys fictícias de linguagem; las olvida: eso es todo.*

E aí está, porventura, uma simpática justificativa – mais uma – em prol de Ferreira Itajubá, para quem sempre constituía a gramática a mais longínqua abstração. Por que ele foi em toda a extensão daquele postulado revolucionário, e mais que outro qualquer poeta, na história das nossas letras, o exemplo do que, no conceito Lasserre[170] (citado por Grieco,[171] em *Vivos e Mortos*), vale a superioridade do "gênio sem estudos e da inspiração sem arte".

A última flor do lácio inculta e bela…

A poesia de Ferreira Itajubá, profundamente temperamental, intimamente ligada aos seres e causas do pequenino universo nativo, tem o travo gostoso de folha de camboim e murta esmagada entre as narinas e os lábios, pisadinha sob os pés nus de uma estúrdia[172] e ofegante praieira, a bater mato, em manhã de neblina e sol. Graça e fragrância vernal[173] de rama de pitangueira, agitada pelo vento marinho, espalhando no chão do terreiro pitangas e flor.

Bem ao contrário do que, então e ainda muito tempo depois dele, se fazia, procurando, num extemporâneo e pedante peregrinismo,[174] animar temas e exaurir processos literários havia vinte anos em voga na Europa, a geografia, nos seus poemas, não saiu do âmbito azul e ensolarado das nossas praias.

Mesmo com o pensamento – que é capaz de fechar num périplo de segundos a circunavegação do Infinito – nunca foi além do Pará. Quando mais longe, e apenas em pensamento, viajou. Era marinheiro de água doce.

De Natal a Galinhos; daí a Touros ou a Pititinga e ao Rio das Garças, seu ilusório navio de aventuras nunca ultrapassou, em tonelagem e raio marítimo, a modesta realidade do pequeno bote de pescadores, com duas velas amorenadas pelo sol, pelos ventos e pela salsugem da costa, a encalhar nas enseadas deslumbrantes, ao plenilúnio; abicando às rampas hospitaleiras das aldeias praianas, para uma canção às namoradas:

> "Sejas feliz entre as famílias
> Que te cercam, nas praias arejadas…"

Uma perninha num coco, ao som da viola ou do ganzá, um casamento ruidoso, na choupana de velho amigo, certo Nemrod[175] marinho, com anedotas de pescaria de tartarugas nos

baixios, e onde o seu verbo devia deslumbrar os circunstantes, como São Francisco outrora aos pássaros e aos lobos, o bom Santo Antônio de Lisboa aos peixes ávidos da isca do Evangelho.

Uma geografia humilde, bairrista e familiar, balizada por veneráveis cajueiros em flor, "pelos coqueiros misteriosos, plantados por frei João do Amor Divino", pelos cabeços de dunas alvinitentes, sobre cujo contorno, azulado pela distância de meia dúzia de milhas, fazem os pescadores o rumo cotidiano de ida e volta sobre o mar.

Se tivesse nascido com a bossa naturalista, teria de muito superado a Hercules Florence,[176] espécie de grande poeta, irrevelado pelos versos, explorador romântico, meio gira, e que, segundo Rocha Pombo,[177] andou pela Amazônia, no piso de não nos ocorre agora qual dos pioneiros da selva humboldtiana,[178] anotando no pentagrama o canto das aves, serenissimamente desatento aos demais trabalhos científicos da expedição,[179] indiferente às outras mil e uma vozes do fecundo mistério e da bárbara poesia da *jungle* equatorial.

Se empunhara o pincel, impressionista deslumbrado com a luz feiticeira de que se douram e acatassolam[180] todos os quadrantes do nosso clima, teria pintado, com mais frescura e mais vida do que o fez Edouard Manet,[181] o *Le Déjeuneur sur l'herbe*.[182] Era um dipsômano[183] da bebedeira verde, que Agripino Grieco[184] descobriu em Castro Alves, toda vez que o monstro sublime de *A Cachoeira de Paulo Afonso* mergulhava o plectro[185] na palheta do sol, para cantar a natureza…

Porque nasceu simples e puro poeta, justificando e elevando até as lindes aclaradas e eternas da Beleza o liberal conceito da quadrinha famosa,

> "Rio Grande do Norte,
> a capital é Natal:

em cada esquina um poeta,
em cada rua um jornal"

celebrou essas coisas e esses aspectos íntimos e familiares da nossa paisagem, do nosso espírito ingênuo e impressionável, tão sensível ao colorido e à musicalidade; do nosso incoercível saudosismo – herança anímica da nossa trilogia ancestral, coordenada étnica que é ainda uma fatalidade, evidente mesmo, segundo o testemunho de Graça Aranha,[186] no intelectualismo, no universalismo *à outrance,*[187] no hermetismo apenas formal dos chamados futuristas, ou seja, modernistas.

Tais qualidades de expressão e interpretação fizeram de Itajubá o nosso poeta mais característico, o mais acessível ao visceral emotivismo do nosso povo. O mais representativo da sua apaixonada maneira de compreender, reagir aos sentimentos, e expressá-los; de viver, em toda a linha, a plenitude deles, na conformidade dos seus inesperados recursos de exteriorização emocional e artística.

(Ainda no ano passado, escrevendo sobre o São João na praia, Ricardo da Cruz,[188] poeta popular, contemporâneo e amigo do *minnersinger*[189] do *Terra Natal*, disse que a sanfona é um piano de vento. Itajubá não só classificaria esta imagem de "trabáio limpo", abraçando ruidosamente o autor; ter-se-ia sentido feliz e orgulhoso de inventá-la, metendo-a num soneto).

Não devemos fugir à oportunidade de transcrever-lhe:

"DESTINO

– Viajor, para onde vais? – Para as sombras doridas
que rolam, negrejando, a argila das ossadas.
Levo na alma a visão das alegres jornadas
que fiz, ao pálio azul das noites divertidas.

Asa que o vento leva a plagas desconhecidas,
nunca me esquecerei das verduras frondeadas.
A neve ainda me cai das messes derribadas,
o corpo ainda me dói do leito das perdidas.

Fica, lá, na choupana onde o amor me brotara,
um lírio – minha Mãe que, pelo filho amado,
rega o chão da saudade em flor que ele deixara.

E minha triste irmã? E minha noiva, olhando
o rumo que tomei? Deus, que nos muda o fado,
– Deus se lembre dos três lírios roxos chorando!"

Não possuímos *Harmonias do Norte,* livro através de cujo texto original, aliás – sabemo-lo todos –, andou mão estranha, numa fúria de heresia necrófoba, emendando, substituindo, desnaturando, de acordo com o maldito espírito gramatical, muitas expressões, muitas imagens, versos inteiros que, na forma daí por diante postos, muito perderam do virginal, saboroso, inimitável pitoresco da primitiva publicação.[190]

Importa-nos, de resto, nestas transcrições, exclusivamente, a versão conhecida antes do livro, a qual estava autenticada pela presença do poeta. Preferimos seus defeitos, que lhe não desnaturam, não lhe escondem a personalidade, às desfigurações, às mutilações, às interpolações que lhe descaracterizaram muitas páginas, tanta água choca lhe adicionaram ao capitoso do vinho – espumante mosto de caju vermelho, de Igapó ou Guarapes, aperitivo e sensual, entrando nas veias como um beliscão de cabocla…

O soneto acima reproduzido possibilita apreciação persuasiva e suficiente – além dos exemplos que ainda exporemos – das características em que se conforma (ou se desconforma, segundo o postulado goetheano) o estilo à *manière*[191] de Itajubá: o meneio da frase: certas expressões, a cujo imediato sentido lexicológico im-

põe ele, vê-se que por mera intuição, significado muito mais lato, neológico; certas construções sintáticas, amiúde empregadas – no verso ou na prosa; um conjunto elocutivo tendendo ao modismo a uma espécie de *argot*[192] perifrástico, de lógica e arquitetura aqui e ali espantosamente rebeldes ao *Corpus Juris*[193] acadêmico, mas revelando material riquíssimo, garimpado a mancheias à orla da opulenta mina de ouro e pedraria do idioma. Barulho de lapinha e serenata, no ateneu da Semântica. Uru[194] cheiroso, tecido de espatas[195] de coqueiro ainda úmidas, e repleto de frutas silvestres – rubi das maçarandubas, ônix das guabirobas, topázio nas ameixas, guajirus[196] de ametista queimada – , cachos dourados a reluzir, espigas túrgidas como seios pubescentes, indo da roça fecunda, sob o frêmito germinal das madrugadas, entre cantigas e risos, "na tapada de Damião de Góis"…

Coisas que podem estar à margem da Arte com "A" maiúscula, à margem da Gramática cinerária[197] e tardigrada[198] dos medalhões; mas que estão, indiscutivelmente, dentro da Poesia – com o seu sadio nativismo, com a sua cardial, tenaz rusticidade, vibração poderosa, contribuição criadora do gênio, inestimável aquisição para o patrimônio do nosso espírito, sangue jovem na dessorada[199] fibra lírica do nosso parnasianismo, do nosso classicismo mimético e livresco.

Tudo, enfim, novo e belo, original, revolucionário – sem que ele soubesse ou quisesse – e quando ainda tão quente, em todo o Brasil, a influência de Castro Alves, que a tantos talentos algures fecundou, concomitantemente forçando a se revelarem tantas mediocridades incapazes de sobrevoar a cerquinha de melão-de-são-caetano, o muro de cacos de vidro da província.

Tudo que, antes dele, não tivemos a coragem – nem a felicidade – de dizer, nós outros, poetas ditos cultos, prisioneiros dos belos vocábulos, epígonos atormentados do velho diabo-artesão

de *Salambô*,[200] devotos de frei Renan, do mágico sorridente de *Le livre de mon ami*,[201] de Banville,[202] de Bilac, e também de Eça de Queirós, possessos irredentos[203] desta nevrose trágica da Perfeição – cruz sem domingo.

Constituem, por isso mesmo, o estilo e o vocabulário de Ferreira Itajubá, tema dos mais fascinantes. Crítica, exegese filológica, biografia, folclore, psicologia, psicanálise e, se quiserem, filosofia, combinados, no sentido de explicar, justificar, defender, mesmo, o porquê de muitas locuções, da surpreendente novidade de adjetivação, das perífrases que exigem pesquisas sobre o dicionário compulsado pelo poeta; das parábolas – verdadeiras parábolas – , no seu obscuro, sibilino significado específico, repontantes em centenas de estrofes suas.

Página à página, é o *Terra Natal* exaustivo documentário dessas peculiaridades, que esperamos estejam superiormente minudenciadas, à luz da moderna filologia, pelo seu sapiente biógrafo, professor Clementino Câmara.

A originalidade da elocução itajubalina, na sua agreste, genuína beleza – espécie de pico no agridoce da baunilha das bromélias da várzea – , irrecusavelmente impõe essa tarefa aos naturalistas do idioma, aos botânicos da "última flor do Lácio, inculta e bela". Uma estimulante oportunidade, que se lhes antoja,[204] de sentir quão pessimista logo parece o conceito do rígido escultor de Eurico,[205] o atrabiliário anacoreta[206] de Val de Lobos, ao afirmar que o Português é "o túmulo do pensamento".

Variações sobre um conceito de Álvaro Lins

Amplamente, podemos aplicar à poesia de Ferreira Itajubá – uma poesia toda realizada dentro dos domínios da sensibilidade (e por isso é que ele foi um romântico, um moderno, em pleno parnasianismo, no classicismo a que estavam os demais contemporâneos, filiados de casca e nó) – o conceito que, a propósito da obra poética do Sr. Augusto Frederico Schmidt,[207] expendeu Álvaro Lins,[208] na 1ª série do seu reputado *Jornal de Crítica*:

> "Esta sensação de vida e de mistério não se revela só na substância poética, mas na forma em que se exprime... Será inevitável, então, a sua incontinência verbal, e a ânsia com que multiplica as palavras para que transmitam os sentimentos e as idéias. Mesmo assim, ainda será preciso que adivinhemos o que está para além das palavras. É que em todo verdadeiro poema [continua o límpido analista da História Literária de Eça de Queirós] há de ser notada uma certa imprecisão de palavras. Esta impressão é visível nos mais belos e poderosos poemas de Baudelaire. André Gide lembra que também será notada no mais clássico de todos os franceses, Racine; e Verlaine fazia dela uma condição mesma da realidade poética. É que, em certos casos [conclui o crítico] a palavra pode não ter o que chamamos prosaicamente "propriedade", mas terá o que se chama, poeticamente, 'superpropriedade'."

Eis aqui o termo que define, à maravilha, a poética itajubalina. Ela impõe, logo ao primeiro contato, a procura desse "super-sentido", não apenas nos versos, mas nas palavras com que são construídos, se quisermos compreender, não o poeta em si, o

homem cujo talento não encontrou estímulo, antes e depois de se manifestar, no meio em que sempre foi um indesejável, um inadaptado, um espoliado (esta é a tarefa da justiça histórica, da moral sociológica) e, sim, captar, receber em espírito e verdade a beleza da mensagem que ele nos transmitiu – a volta ao natural, o culto da terra fecunda, a presença da paisagem ridente, a alegria de viver o amor sem ironia e sem artificialidade, interpretados com a mais profunda e cordial efusão de um ego pletórico de comunicabilidade e simpatia, visceralmente rousseauniano, enamorado da Natureza.

Esta, segundo Novalis,[209] pode ser comparada a um instrumento cujos sons correspondem, todos, a outras tantas cordas secretas, que vibram em nosso coração. E não foi mais longe, ainda, Tolstoi,[210] observando que tudo que há de mau no coração humano deve desaparecer ao toque da natureza, essa expressão imediata do belo e do bom?

E o coração de Ferreira Itajubá foi uma vibração perpétua, melodia virgiliana, ressonância de ária pastoral, evocação dionisíaca sobre a paisagem florescida, sobre o mistério melancólico da *anima rerum*[211] circundante.

Como Dom Quixote na sua invencível lança, não só acreditava, fanaticamente, na poesia. Viveu mergulhado nela. Cigarra, ela foi seu dia de verão dourado, água-viva para o peixe, céu para a andorinha boêmia, luz para a clorofila, noiva para a saudade, mangueira em flor para a canção do sabiá.

Por força de misteriosa fatalidade, selo psíquico da infinita, progressiva revivescência dos avatares no planeta, e a que os hindus chamam de carma,[212] nasceu marcado por aqueles belos estigmas imponderáveis que, em *Tonio Kröger*, identificou Thomas Mann[213] em certos aspectos particulares da fisionomia do poeta – facilmente reconhecível, entre os outros homens "como um príncipe no meio da multidão"...

Chegado ao país dos lotófagos,[214] o peregrino, em participando da alimentação dos nativos, irremissivelmente, e aos poucos, esquecia a pátria. A flor feiticeira do Ideal, que sustenta a chama interior, na vida diferente aos sonhadores, fá-los distanciarem-se da terra, das realidades e condições imediatas dentro das quais tem todo mortal comum de atuar, como o ladino Jacó das Escrituras,[215] para o granjeio[216] das lentilhas…

Estar em presença de Manoel Ferreira – indiquemo-lo agora, pelo patronímico popular entre os da sua convivência ordinária, o nome do "conhecido da rua", resumo do melancólico inexpressivo ou das dramáticas contradições do registro civil, do Itajubá terra-a-terra, do viciado no vulgar dos gestos e do vocabulário, sem nada do sortilégio daquela homonímia ilustre da qual jamais se apercebeu (chamava-se Manoel Virgílio Ferreira Itajubá) – estar em presença dele, dizíamos, era encontrar a Poesia. Sentir a sua transubstanciação, o prestígio da sua estuante e irradiadora potencialidade, revelada sensivelmente no indivíduo prosaico e tangível.

Se quiséssemos concordar com os que consideram essa identificação, por assim dizer somática, esse metamorfismo eufórico entre a poesia e o poeta, o grande empecilho ao triunfo na luta econômica, *ipso facto*[217] na vida social, poderíamos dizer que a poesia o devorou.

Amável passatempo, pecado de mocidade de bissextos (os que, na famosa descoberta de Manuel Bandeira, apenas perpetraram um ou outro poemazinho inofensivo, na vida), é ela uma túnica de Nessus,[218] para quem lhe fizer o sacerdócio. Flor venenosa, drósera[219] infernal, tentadora na magnificente coloração das pétalas, irresistível na suavidade oriental do perfume, mas escondendo, no dulçor do nectário, a alma astuta de Lucrécia Bórgia.[220]

Itajubá, poeta trezentos por cento – perdoem-me os tubarões da praça esta alusão, sem eiva de malícia, à sua nobre arte de pros-

perar – , teria sido o coleóptero guloso, apanhado de cheio no alçapão do grande lírio carnívoro. Bômbyx[221] incauto, hedonista do Sonho, o poeta se envolveu todo no seu casulo de ouro, onde o mundo acabou por asfixiá-lo indiferente à sua agonia, no bojo devorador da autoclave dos fatos…

Verlaine, *le pauvre Lélian*,[222] cidadão desse *Flos Sanctorum*[223] de que a Igreja de Roma nunca tomou conhecimento, com exceção do caso do nosso amável confrade Francesco Bernardone[224], o meigo panteísta da Umbria, bem que se inteirara, e logo num dos poemas de *Bonheur*,[225] dos percalços desse metabolismo singular, mas espontâneo, entre a individualidade temporal do poeta e a transcendência dos valores místicos da poesia:

> "L'eunui de vivre avec les gens et dans les choses
> fait souvent ma parole et mon regard moroses."

Teria provindo a derrota de Ferreira Itajubá, desse insulamento ingênito da realidade material, dessa avassaladora, irredutível, insana idiossincrasia para as coisas positivas do cotidiano social, para a ação utilitária pura, que foram o complexo de inferioridade de Ariel,[226] em face das vitórias de Calibã.[227] Digamo-lo, com alguma generosidade, para dirimente[228] dos que, a meia-nau entre o anjo e o subdemônio da criação shakespeariana, homens apenas, mas instalados na posse fácil das disponibilidades, podendo minorar-lhe o peso da cruz, o não fizeram!

Era o poeta. Na terra, que tão amorosamente decantou, nem ao menos lhe permitiram a posse razoável daquele limitado contingente ideal celebrado por Plantin:[229]

> "Posséder seul sans bruit une femme fidele…"[230]

Seja como for – e a história, *urbi et orbi*, anda comoventemente ilustrada com essas obscuras tragédias – melhor que ao do jorna-

lismo, valera aplicar ao exercício da poesia o conceito de Girardin:[231] "de que é bom, contanto que se saia dele a tempo".

Alertado pelo seu bom instinto animal, Humberto de Campos,[232] um ótimo exemplo, largou a poesia na poeira, preferindo os ambientes requintadamente darwinianos e ultra-reais, em que filigranou, na pele da fauna da alta sociedade, tatuando-a com o acerado estilete da anedota, a prosa do Conselheiro X. Porque menos incômoda, de certo, a censura que pela prudente opção logo lhe assacaram certos lunáticos decepcionados com ela, que a pecha impiedosa de "poeta", aplicada pela ironia dos filisteus, e com a qual explicam jocosamente todos os fracassos alheios, na vida prática. (O diabo é que alguns desses açambarcadores do bom senso, afocinhando algum dicionário antigo, pelo capricho de ver figuras, entre um acordo de ensopado de cioba e uma baforada de havana, teriam descoberto – como Cabral, por acaso – que o Hélicon,[233] morada de Apolo e das Nove Musas, ficava na Beócia...[234])

Cá na aldeola, safou-se prestes das armadilhas da sedutora dionéia,[235] e do azar do apelido, o Sr. Américo de Oliveira Costa, passando-se, com armas e bagagens, para a terra das formigas. E que delicado, sutil poeta lírico perdemos, *hélas!*,[236] com essa fuga da ideal cidade de Mnemosina,[237] onde ficamos, *quelques pauvres petits*,[238] olhando a lua, seguindo nas estrelas o rumo do delírio dos outros enfeitiçados, deslumbrados com os braceletes de pérolas de Sherazade,[239] enquanto ela, em ademanes harmoniosos – na voz a melodia dormente e sensual das cítaras – vai contando: "Era uma vez...".

Voltemos, entrementes, à apreciação propriamente literária do nosso assunto, tirando- o da languidez deste prolongado banho-maria sentimental.

Mesmo através de rápida leitura do seu primeiro livro, estamos tentando uma interpretação muito eclética, repitamo-la e, não

fazendo análise crítica da obra de Itajubá, respingamos várias passagens confirmativas do que temos asseverado, páginas corridas, sobre ser, o *Terra Natal*, rico documentário da amena virtuosidade, mas, também, da extrema desenvoltura com que manejava o autor o idioma "em que Camões chorou, no exílio amargo, o gênio sem ventura e o amor sem brilho".[240]

Dirá, por exemplo, ali, cingir a carne, para significar abraço; navio é lenho; à mãe, viúva, chama de roxa dália. Descreve o fastio, de que estava sofrendo, pela ausência de Branca:

> "...o trigo marujava na boca sanguinosa; o líquido amargava"

O mar é:

> "a esmeralda jogando os navios franzinos"

Esta é uma das suas visões do estio:

> "Quando a terra se abria em dálias encarnadas,"

Exclama, recordando os plenilúnios:

> "E o céu, que se estendia, além, sem nos tocar,
> fosse um manto de anil sobre marés de luar!"

Nossos crepúsculos sensacionais lhe inspiraram este quadro, digno da paleta de Ticiano:[241]

> "Entre ruínas te escrevo... A tarde pesarosa
> em sangue se desfaz... morre tuberculosa..."

Maio,

> "róseo e festivo, outra vez nos voltava,

fértil em chuvas de ouro e vales de Assucena,
alegre como um templo em noite de novena."

Evocando sua boêmia através das praias:

"Como é doce o rojão das violas nas aldeias:
a lua alva de abril refrescando as areias!"

Todo um romance de Fenimore Cooper,[242] numa pequena aquarela:

"Ah! quem me dera ver, saudade que me perdes,
– leve – o bando gazil[243] dos periquitos verdes!"

Terra, no sentido físico, é argila:

"e o mar, da cor do anil, embalava as jangadas,
as chuvas abençoadas,
que levantam da argila as searas alouradas."

Falando do sono, acha uma expressão espírita, "a carne vai dormir", repetida, depois, no *Harmonias do Norte*, na poesia "É cedo, fica!":

"As pálpebras da carne se fechavam ao céu."

O soneto "Por janeiro", a começar da construção da epígrafe, na qual poderia ele ter empregado outra preposição (em por exemplo), afigura-se-nos amostra bem típica do fato, posto em equação, linhas atrás, pela argúcia do jovem crítico brasileiro; principalmente nos tercetos, onde precisamos tentar apreender o que está além das palavras:

"Noites ungidas de claros vinhos,
Plenas de rosas, noites lavadas,

cheias de idílios pelas quebradas,
de eflúvios raros pelos caminhos.

Noites de insônias e desalinhos,
de serenatas pelas calçadas;
noites de trovas abemoladas,[244]
como gorjeios de verdelinhos.[245]

Trazei-me sempre, noites de enfeite,
todas as coisas dessa redoma,
– chuvas de incenso, marés de leite,

matando os germes do desengano
que me tortura, noites de goma,[246]
primeiras noites claras do ano!"

Gothardo Neto, então no auge da fama, seu amigo íntimo, e com ele partilhando, dentro da mais fraternal emulação criadora, o calor dos aplausos que a ambos tributavam os espíritos esclarecidos da cidade, cheia de jornais e associações literárias, escrevia segundo os cânones clássicos em voga:

"A voz do vento, a lágrima da terra,
que oculta a flor, no cálice odorante,
a tristeza da tarde agonizante,
o monte, a veiga,[247] o descampado, a serra;

esse pavor que a soledade encerra,
esse anseio do pélago espumante,
fundas lamentações de ave emigrante,
que o calor da canícula desterra;

lagos, florestas, sonorosos rios,
dolências de crepúsculos sombrios,
os ciprestes, os túmulos e as lousas;

em todo esse mistério que me encanta,
sinto que vibra, que soluça e canta
a alma saudosa e virginal das cousas."

Ponciano Barbosa cinzelava sonetos deste puro sainete[248] ático:[249]

"Dulce, trajando o seu quimono suave,
fica, a meus olhos, parecida uma gueixa.
Eu, japonês respeitador, que deixa

no portal os sapatos, entro, grave,
à sua casa, impressionante nave,
que tem um cheiro lúbrico de ameixa..."

Altanava-se,[250] tentando seguir o sulco chamejante das asas da águia de *Espumas Flutuantes*, o velho Segundo:

"Corria a noite em meio. Em plácida derrota,
ia um barco a vogar, qual célere gaivota,
por sobre o dorso azul da vaga boreal.
Vênus bela ostentava a sideral grinalda.
Sorria embaixo o mar, abismo de esmeralda,
sorria em cima o céu, abismo de cristal."

Aí está, particularizado na diferenciação estilística, na qualidade e no jogo das imagens, um paralelo marcantemente ilustrativo – um trailer em tecnicolor – da novidade, do revolucionário que Itajubá trazia à composição, à linguagem, à temática, à própria natureza íntima da poesia contemporânea.

Ele era senhor do sábado

De uma pobreza franciscana, quanto à cultura literária – o que lhe não impediu vitória incontestável, numa polêmica travada com o vidrento Antônio Marinho, que era a palmatória de sucupira da época; pessoalmente, um rústico, de hábitos, indumentária e linguajar plebeus, foi péssimo artista, sem o conhecimento, sem a preocupação, ao menos, das mais comezinhas exigências da técnica vernacular, dos cânones gramaticais, dos segredos estéticos, etc., em que se deve enquadrar a academicíssima, enfarante arquitetônica do estilo.

Dizia o divino Goethe que "a forma verdadeiramente artística é a condição essencial de sobrevivência da obra de arte", isto é, que trabalhando dentro dos limites, é como se revela o mestre, *In der Beschrank ung zeigt erst der Melster* (relevem a sustança, meio rançosa, desta citação em original, candidamente surrupiada a um prestimoso almanaquezinho da Bayer. Não vá a revisão, como tantas vezes tem acontecido no decurso desta viagem sentimental pelo mundo itajubalino, me baralhar as línguas).

Graças, tão somente, às sobrenaturais virtuosidades plásticas do gênio, conseguiu Itajubá fixar um estilo, e inimitável. Inconscientemente; mediunicamente, se nos permitem o termo.

O próprio Nietzsche, insuspeito para os racionalistas, acreditava no fenômeno. Confessa o seu próprio caso, não nos ocorre agora se no *Ecce Homo:*

> "Haverá alguém, no fim do século 19, que tenha um conceito daquilo que os poetas das grandes épocas chamavam inspiração? Por pequeno que seja o restante de superstição que permaneça em nós [prossegue o criador de *Zarastustra*] seria difícil afastar a idéia de que somos apenas a encarnação, o porta-voz, os

> médiuns de potências superiores. O conceito da revelação, no sentido que, improvisadamente, com segurança e finura indizíveis, alguma coisa se torna visível e audível, alguma causa que subverte e agita profundamente, é a simples expressão da verdade. Sente-se, não se procura; toma-se, não se indaga quem dá. Como um relâmpago, reluz súbito um pensamento, necessariamente assim sem hesitação na forma: eu nunca tive necessidade de fazer uma escolha" [remata o extrênuo[251] iconoclasta de *A Gaia Ciência*].

Foi esse, toda a vida, o drama do estilo de Ferreira Itajubá.

Ouçamos "De Natal ao Pará", um trecho *do Cântico dos Cânticos*, escrito à sombra de algum arejado alpendre das Rocas, cheio de moças, bemóis de violão (Eduardo Medeiros ainda mora lá), e a água da maré do rio lavando o barro batido das estivas[252] das casinholas do arrabalde:

> "Adeus! Vão-se acabar as noites claras,
> as trovas ao violão, pelos telheiros!
> – planta das minhas últimas searas,
> – corpo dos meus pecados derradeiros!
>
> O tempo voa. A ceifa das espigas
> voltará, para dar-nos mais cuidados,
> – terra das minhas últimas cantigas
> – vale dos meus prazeres acabados!
>
> Adeus – sejas feliz, entre as famílias
> que te cercam, nas praias alvejadas
> – carne das minhas últimas vigílias,
> urna das minhas crenças desfolhadas!
>
> Mais um beijo dos teus que das alturas
> soa o momento! E atira-me o rosário

– horto das minhas últimas torturas!
– cruz em que subirei para o calvário!"

Também, quanta simplicidade, quanta pureza e fluidez expressional, quanta transparência lírica, emoção comunicativa, euforia musical, plasticidade clássica, em

BARCAROLA

Não te recordas, querida,
da noite em que nos amamos,
sob a frescura dos ramos
da laranjeira florida?
Gemia a viola na aldeia,
a brisa um hino entoava
e a luz da lua inundava
a terra, de rosas cheia!

Lá na planície da serra,
junho alourava as espigas,
vinham de longe as cantigas
das moças de minha terra,
quando te vi, linda flor,
e da noite à doce calma,
derramaste na minha alma
o eflúvio do teu calor!

Saudade! quanta saudade
da noite em que, ao céu sereno,
tu me abriste o seio, pleno
de aroma e de mocidade!
À sombra da laranjeira,
por ti, visão da alegria,
do meu beijo a cotovia
cantou, pela vez primeira!

Tu esqueceste os ditosos
domingos embalsamados,
e os cantos apaixonados
dos jangadeiros saudosos
que, ao céu transparente e azul
do estio nas tardes belas,
passavam, molhando as velas,
abertas ao vento sul!

Tudo esqueceste, e mais nada
resta em tua alma enganosa,
dessa paixão desditosa,
dessa ilusão desfolhada,
que lembro todos os dias,
pensativo, a cada instante,
ó lavandisca[253] inconstante
das areias alvadias!

Talvez que esta alma não possa
acreditar, nunca mais,
nos teus beijos aromais,
nos teus sorrisos de moça!
Ai, meu doce malmequer,
que me deixaste em janeiro
– como tudo é passageiro
no coração da mulher!

Pena é não podermos transmitir, ao mesmo tempo a beleza, o amavio, a lânguida eloqüência tropical das duas solfas, ambas da autoria do grande violonista Eduardo Medeiros, e com as quais se popularizaram estas maravilhosas canções do Teócrito[254] potiguar.

Ainda, na estrofe a seguir, respigada[255] de "Um marujo parte" (*Harmonias do Norte*, p. 165), firma-se em suas excepcionais, taumatúrgicas qualidades de expressão e transmissão, do estado de graça lírico:

Adeus, areias em que andei na infância,
brisas das horas em que o sol não arde,
moitas das dunas de sutil fragrância,
lagoas brancas, bem-te-vis da tarde!

O "caso Ferreira Itajubá" é inquestionável; se enquadra, de *fond en comble*,[256] na premissa da lapidar assertiva estética de Henri Brémond:[257] *Il y a des poètes qui savent faire des vers, parce qu'ils sont poètes; et il y a des poètas qui sont poètes parce qui `ls savent faire des vers.*

E Jacques Maritain[258] não afirmava – e com que ponderável autoridade! – que a poesia na sua pura essência espiritual, transcende toda técnica; transcende a própria arte? *Pectus est quod disertos facit*[259] não é, em prisco latim, o mesmo que em adamantino[260] francês, disse o espiritualíssimo visionário de *Namauna e Nuits*,[261]

Ah! Frappé-toi le coeur, c'est là qu' est le génie![262]

Inconscientemente, repitamos – por que não dizermos subconscientemente?–, sempre amparado no colo da fada de sua inocência de bárbaro não sofreu Itajubá a tirania pânica da gramática, a sinistra sibila, egressa dos pulverulentos hipogeus do Mediterrâneo, e a que o próprio João Ribeiro[263] "chamava de esgoto que recolhe a atrabílis e as revoltas dos desequilíbrios mentais".

Cáspite! Nenhum de nós outros, desde Lourival Assucena, irrequieto Anacreonte[264] dos suaves convívios pelos numerosos caramanchões do Barro Vermelho e da Passagem, nos princípios deste século, velho fauno latinista, canário e garnizé da cabocla Porangaba, até esse superestesiado, paradoxal, poliédrico Esmeraldo Siqueira, dispensando no bate-papo dos cafés a joalheria de mil e uma noites de um estro celinesco[265] e uma formidável cultura literária – nenhum de nós, reconheçamos sem falsas modéstias, desencantou coisas mais lindas.

Coisas, conforme o Novo Testamento, "escondidas aos sábios e entendidos e reveladas aos pequeninos". Paisagens de Millet[266] sorrindo sobre trapos. Cruciantes estados d'alma, saltando do bojo de um prosaico, residuoso e infame tinteiro de quitanda. Florada nupcial de bogaris em cepa de cajueiro bravio.

Ainda, como acontecia ao tempo dos prodígios, com o testemunho visual de S. Mateus, cap. 12, ele era "senhor do sábado",[267] fazendo milagres – transformando em vinho generoso a água-de-cheiro de velhos temas puídos por algumas gerações de lamartinistas lamurientos, semeando trigo onde havia beldroega e mata-pasto; reproduzindo, sobre o nosso lirismo enfaixado nos linhos pútridos do espólio europeu, a ressurreição de Lázaro –, acima da legalidade restritiva e formalística do Sinédrio.[268]

Infelizmente, para Ferreira Itajubá – e para nós – não contou ele com um instrumento de expressão à altura do seu extraordinário talento poético, o que lhe teria permitido, sem a perpétua humilhação dessa aflorante, sensível ajuda geral da piedade e tolerância pela sua incultura, projetar-se no cenário nacional, dominado literariamente, pelos perfeccionistas da geração Bilac – que podia exclamar, nessa época *faisandée*[269] de aristocracias e *turris eburneas*:[270]

> "Torce, aprimora, alteia, lima
> a frase: e enfim,
> no verso de ouro engasta a rima,
> como um rubim."

Quando o encontro com Baudalaire e os parnasianos foi o divino estalo para o Eça, que aconselhava, férvido, a Luis de Magalhães:[271]

> "Mas, por quem é, trabalhe essa forma! Pula-a, cinzele-a, cristalize-a! O sentimento mais artificial, posto num verso maravilhosamente bem feito é uma obra d'arte; o mais verdadeiro grito de paixão, num verso alexandrino desajeitado, é uma sensaboria. Só há beleza onde há ordem!"

Hermes Fontes,[272] Sansão num corpo torturado de gnomo, lançava o pânico nos arraiais dos filisteus de Portugal e do Brasil ao publicar *Apoteoses*, revolucionando a técnica do verso, já então dificílimo, não se permitindo rimar, na mesma composição, quando esta era o soneto – e, a rigor, na mesma estrofe – palavras de categoria gramatical idêntica:

"Viajar – disse-lhe alguém – é esquecer; olha a Grécia,
é um sonho; a Itália é um ninho; a França é uma delícia...
Ser-te-á eterna a mágoa, e a esperança fictícia?
Parte, distrai-te, goza e, por síntese, esquece-a."

O mestre de *O caçador de esmeraldas* que, no soneto "Consolação", chegou a rimar doze substantivos, mostrou-se sensível a esse extrênuo[273] virtuoso verbal do prodigioso artista, em muitas das poesias da *Tarde*.

Entre os poetas norte-rio-grandenses, somente Edinor Avelino se mantém, com um pundonor, uma galhardia de fidelidade bayardiana,[274] à rigidez da vertical estética levantada pelo inesquecível sergipense. Aliás, a partir do seu terceiro livro, Hermes Fontes contemporizou com essa arquitetônica, certamente sentindo que ela lhe inquinava o estro de uma tal ou qual artificialidade – de um tal ou qual artesanismo, pelo menos – de um bizantinismo[275] que se não pode deixar de sentir, em toda sua produção dessa primeira fase; embora salva, esplêndida e inteiriça, pela virtude da riqueza das idéias e do fulgor e novidade de imagens da sua profunda e clamante humanidade, do que representa em função da luta contemporânea pela democracia.

Como se haveria de arranjar com o futuro, nesse ar misto de Atenas e Florença, quem, após incursionar pela segunda ou terceira série letiva de Felisberto de Carvalho,[276] não teria, no ciclo da autodidática,[277] ultrapassado *A velhice do Padre Eterno*, os profetas, e o tamancal[278] Simões da Fonseca?[279]

Do chão raso e arenoso, do ninho tosco e ao nível dos estendais[280] de oró[281] e carrapicho, onde se emplumara, não pode, o belo condor solitário, órfão do oxigênio e das majestosas perspectivas espaciais da montanha, fazer agir a possante envergadura das asas, embaraçadas na erva daninha do apedeutismo[282] provinciano.

Continuará por isso mesmo, talvez por muito tempo ainda, região lendária, ilha perdida, incógnita e despicienda[283] à geografia preferencial e bem penteada dos cardeais da crítica, dos corifeus do escalpelo e do gongo e que, no Rio, decretam consagrações, ou degradam, até ao piso dos limbos subterrâneos da nulidade, onde há choro e ranger de dentes, os desventurados candidatos à posse da coroa de rosas.

Por muito tempo, ainda, até que, para esse urupê[284] luminoso, fosforescendo no tronco de perfumado cajueiro sob cuja ramagem suspira o suave fantasma de Branca, reponte por ventura o oportunismo e o interesse político de um Rui Barbosa; a consagradora, inquieta, insaciável curiosidade de um Agripino Grieco. Até que, para esse Endimião,[285] de há longos anos docemente adormecido na carinhosa penumbra da nossa saudade – uma saudade inoperante e acovardada com os aspectos vulneráveis desse noivo da lua sem genealogia helênica – se obtenha o passe mágico, tão difícil, de qualquer desses intangíveis exorcistas da Fama, caprichosos fabricantes de anões e semideuses, cada qual encarnando, nesta era crassíssima da Realidade, a hibridação anacrônica de Galeno[286] e Hahnemann:[287] sempre a prescrever colagogos[288] alopáticos, de alta posologia, aos clientes com quem simpatizam; tratando os estranhos com homeopatia em quinta centesimal.[289]

Há cerca de trinta anos, perante Henrique Castriciano, que lhe levara o *Terra Natal,* ter-se-ia Vicente de Carvalho[290] escusado de escrever uma página sobre Ferreira Itajubá, alegando a feitura em grande parte inartística dos alexandrinos, embora reconhecesse a profunda substância lírica revelada através de todo o poema. E assim perdeu, a ilha bárbara e sonora, povoada de pintassilgos e trescalante de bogaris e laranjeiras, a oportunidade de entrar no mapa dos mares do Sul…

Enquanto que, no Estado, onde viveu "pobre de pão na bolsa e água na Cantareira", é, sempre, incontestavelmente, indestronavelmente, o maior, no coração do povo, de cujo complexo psicológico e sentimental foi o fluentíssimo, insuperável, intérprete; o pioneiro, digamos inconsciente, dos seus então apenas vagos anseios ideológicos, muito antes que a legislação trabalhista (que o Sr. Oliveira Viana,[291] bastão de ditadores, com vasta responsabilidade na respectiva sociologia, confessa ter sido calcada sobre a doutrina papal da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo Anno*),[292] tivesse, bem ou "malamente", permitido ao operário brasileiro a atual organização sindicalista e, mais ainda – agora por força do aceleramento do problema social do mundo – ameaçar o sistema burguês, com suas "células", seus congressos, sua imprensa, seu partido marxista, ainda até há pouco instalado constitucionalissimamente na feira política.

Não lastimemos Itajubá, por lhe não podermos pespegar o rótulo de "Ilustre". Equacionemo-lo com o "meio", já exaustivamente nestas maravalhas[293] posto em evidência; com a lastimável relatividade dos "meios" que teve para lutar.

Antes, filosoficamente, admitamos, compreendamos o "amigo da onça" (que há de ter nestas páginas um capitulozinho à parte), que se ombreou com ele muitas vezes, que o admirava com recalcado despeito, que presumivelmente lhe invejava o talento, irritava-se no âmago das vísceras humoradas com a carga de séculos de servilismo ancestral, com aquela maravilhosa e irredutível altaneria de mestre-cantor, e que o abandonou afinal às urtigas, depois de lhe regatear um lugar de bedel, no Ateneu, com 150 mil réis mensais. Que lhe sabotou as raras oportunidades de preencher seu magnífico destino.[294]

Também a época, em que dolorosamente cumpriu sua provação existencial, era conceituada sobre a sistemática exploração

dos pequenos pelos grandes: afeiçoada, jesuiticamente, ao princípio que, por simplista e grosseiro, não deixa de definir, de maneira muito objetiva, muito eloquente, talvez ainda por séculos, irremissível, aquilo que nem todos os esforços dos idealistas, nem as revoluções mais decisivas em brutalidade e quotas de sangue aos povos, estatísticas sibilinas, diplomacia churchiliana, política de "equilíbrio de forças", concessões ao nazismo, portas trancadas aos judeus, miserável hipocrisia e "tática do jejum" perante a China estóica e dessangrada – poderão, nunca, jamais, modificar substancialmente no seio da humanidade, mais do que ontem, desentendida e retalhada em zonas de influência, barreiras territoriais, discrepâncias, oratórias, incompatibilidades de raças: "A sociedade é composta de duas classes: a dos que têm mais jantares do que apetite, e a dos que têm mais apetites do que jantares".

Achando-se na ponta negativa do dilema a que poderia ter tido direito Ferreira Itajubá, membro militante da Liga Artístico-Operária Norte-Rio-Grandense, e quando, muito mais evidentemente do que hoje, qualquer pensador medíocre podia afinar pelo diapasão em que Stäel,[295] ladina aristocrata, concluía, de observações realizadas na França e através de suas viagens: "A ordem social e a paz do mundo repousam sobre a paciência e a resignação dos pobres".

É verdade que essa paciência se esgotou; essa resignação adquiriu tonalidade universal de consciência de direitos, e não há como reunir toda essa gente num campo de concentração colossal, deitando-se-lhe dez bombas atômicas em cima do canastro.[296]

Itajubá, de resto, nada tem a ver com o melodrama, pois só nos seus discursos e na sua "falta de estilo" foi um suspeito aos empresários da "ordem social" de Madame Stäel. Não o podem matar de novo. Até, pelo contrário, está começando a viver das compensações da morte, numa dilucular[297] ressurreição através das almas e

do tempo, marcha póstuma para o porvir, justiça superior à alçada dos corrilhos[298] da moral de Nazaré, que desorbitou e aviltou o "santo de casa".

Sofreu, foi infeliz, porque "foi poeta, sonhou e amou na vida",[299] *that is the question*.[300]

Porque não quis ou não soube ser também aranha, segundo o avisado Vautrin[301] dentro do boião[302] de vidro da província, onde as aranhas se entredevoram, numa sinfonia surdinada e eliminatória, de palpos,[303] mandíbulas e abdômenes…

O amigo da onça e o convite de Walt Whitman

Ele próprio, Ferreira Itajubá, desventurado Lucien Chardon sem David Sechard e sem D'Arthez,[304] intercalara no ofertório do seu mavioso poema – tão generosamente hipócrita – a íntima evidência da verdadeira verdade, grito de naufragado do barco alvissareiro em que não quis partir, na hora mais propícia:

> "Trinta e quatro anos tenho, entre escolhos, vivido,
> sofrendo angústias cruéis. Ah! que tempo perdido!
> Fui muito néscio em crer nos pregões da ventura.
> Nunca um astro fulgiu, na imensa noite escura
> que a areia me invernou da estrada dolorida.
> Que resta hoje a teu filho? a sombra espavorida
> do cipreste esgalhado, onde o mocho agourento
> pousa de ramo em ramo, ao cair do relento...
> .....
> E nem quero um letreiro à compaixão futura.
> um sinal, uma cruz, no pó da sepultura..."

Realmente nenhuma dessas postiças, curiais, inanimadas exteriorizações póstumas, mais ou menos irônicas, mais ou menos desmoralizadas pela rotina, mentira sacrílega para a comédia do egoísta e do soberbo, tardio laurel para o holocausto do herói ou do santo, poderia, jamais, corresponder à altura condoreira e ao sereno fulgor da glória do grande felibre.[305]

Não se tivessem malogrado, tão dolorosamente, os altos desígnios trazidos do berço, bem coerente lhe fora, como aconteceu a Thummel,[306] célebre poeta alemão, cujas cinzas repousam dentro do tronco de um carvalho centenário, na sua cidadezinha natal de Noeblenitz – se se tivesse reintegrado com a Natureza, a que tan-

to amou e cantou docemente, pelo harmonioso, incorruptível intermédio das raízes, da seiva e das flores de um desses veneráveis pau-d'arqueiros dos nossos morros, contemporâneos das suas canções inimitáveis.

Nenhum poeta do Rio Grande do Norte, em todos os tempos, mais do que ele, mereceu o símile[307] do epitáfio escrito por Antípatro,[308] o coríntio, em honra do divino evocador de Ílion:[309]

> "Aqui jaz Homero. Que dizes? Sabes tu, acaso, se ele jaz aqui ou
> além, na terra ou no mar? Homero está aqui e além, está no ar que
> passa. E aí tens, viajante, o motivo porque respiras poesia no ar que
> passa. Deixa-me, pois, escrever – Aqui jaz Homero, que morreu em
> plena mocidade, porque morreu poeta."

Na hora suprema da bela tentativa migratória, a ele e a nós outros, há muito comprometidos, irremissivelmente, na sinistra farsa das competições ideológicas e da concorrência à feira das mesquinhas vaidades distritais, enleados na trama pragmática e delirante da conquista da caloria, mutuando[310] hostilidades e mexericos de zeladoras: – incompreendidos e incompreendendo, *habendo vendido nuestro derecho de primogenitura por um plato de hechos*,[311] faltou-nos a voz galvanizadora e cordial de Walt Whitman, conclamando os pioneiros:

> "Sai dos negros limites, sai de entre as cortinas!
> Vem! O caminho está aberto à nossa frente!
> Que as folhas fiquem abertas sobre a escrivaninha,
> e o livro sem abrir no seu armário!
> Que os instrumentos permaneçam nas oficinas!

Que o dinheiro permaneça sem ser ganho!
Que repouse a escola! Não importam os brados dos mestres!
Que o pregador pregue em sua cátedra!
Que arrazoe o advogado no tribunal, e o juiz exponha a lei.
Camarada, dá-me a tua mão!
Eu te dou meu afeto, mais precioso que o dinheiro.
Eu te dou a mim mesmo, em vez de prédicas e de leis.
Queres dar-te a mim? Queres seguir comigo?
Seguiremos juntos, um ao lado do outro,
enquanto durarem nossas vidas!
Alerta sempre! Sempre para frente!"

Esta, entretanto, é a voz de um poeta, e tão cedo não poderia ser percebida, sob o clamor do colossal mercado onde poderíamos lobrigar, num ângulo momentaneamente livre do angustioso aperto da multidão desvairada no delírio da traficância, a sombra sarcástica do velho Ibsen,[312] os óculos na ponta do nariz rubicundo, a anotar no seu canhenho[313] pessimista: "Vejo ventres, mãos, cabeças, mas não vejo um único homem na terra".

Na terra onde é furiosamente importante a gente ilustrar, em sessão contínua, o

"Rien me m'oblige à faire un livre,
mais la raizon m'oblige à vivre..."[314]

Perdoa a essa raça de víboras, Ferreira Itajubá, que há trinta e cinco anos, estás emancipado do demônio do *struggle for life*,[315] desta

"...necessidade de "horroroso",
que é talvez propriedade do carbono,"[316]

conforme dizia com a sua dilacerante experiência de convívio com as feras humanas, Augusto dos Anjos, ainda aduzindo uma escusa biológica para a malvadez dos que te apodavam de "poeta"!

Foste derrotado na praça, entre os sub-homens do acerbo ironista de *Espectros*, por que não trocaste tuas barras de ouro pelas moedinhas de cobre que eles fazem circular, no câmbio da exaltação das mediocridades bem-aventuradas. Mais a hora dos Poetas chegará. O Dinheiro não pode salvar o mundo. E vale a pena ir passando fome. *Sursum corda*![317]

Caído em extrema penúria, ao cabo de sofrimentos físicos e morais incomportáveis; egresso do presídio, onde diariamente provou o chicote dos guardas, "expiando por toda a humanidade", conforme confidenciou a Cécile Sorel,[318] o incomparável lapidário de *O Retrato de Dorian Gray* foi levado, pelos últimos devotos, a um dos mais luxuosos nosocômios de Paris. Moribundo, apático, ruína lancinante do maravilhoso espírito que encarnara o Vivian de *A Decadência da Mentira*,[319] a olhar em roda os cristais, os imaculados reposteiros de linho, o brilho e o grande ar de conforto burguês, do leito em que jazia, ele, que fora o mais festejado, o mais invejado, o mais impertinente dos dândis da pátria de Brummel,[320] gravando nas vitrinas das joalharias, com o diamante do anel, os nomes das arquiduquesas conquistadas, exclamou, dolorosamente: "Morro como sempre vivi: acima das minhas possibilidades...". Viveu, e morreu, infinitamente abaixo das suas possibilidades, antítese enervante, o Bernardim[321] potiguar.

Tinha também amigos, como aconteceu à onça da gostosa inventiva humorística de Péricles Maranhão.[322] Que o não cercaram, na hora trágica da adversidade; não o levaram a nenhum hospital onde houvesse morrido como Wilde. Amigos, daqueles, nos *Quatrains Moraux* que Guy de Faur, senhor de Pibrac,[323] comparava a melões:[324]

"Les amis de l'heure présente
ont le naturel du melon:
il faut en essayer cinquante,
avant d'en rencontrer un bon."[325]

Ora, pois. Entre esses quarenta e nove "melões" do Sr. Pibrac, um havia cujo coração, todo de mel, estaria agora a secretar tintura de losna,[326] serodiamente compenetrado de que, político na maior evidência, deputado federal[327] de fulgurante expressão no país, amigo íntimo e conselheiro de Alberto Maranhão, teria podido, a um simples aceno, mudar o aspérrimo declive ao drama excruciante.

Não estamos formulando acusações gratuitas.[328] Nem nos compete, por igual, espicaçar velhos remorsos hibernados. São bichos feios e bravios, a rosnar baixinho nos bolorentos subterrâneos, nas criptas sumerianas dessa deusa ignota, a que os casuístas do espiritualismo deram o vago apelido de "consciência". E, por bichos serem, já nos bastam –Santo Deus! – os que, vez por outra, na penumbra confessional daquela paragem de introspecções e flagícios,[329] nos olham nos olhos e nos arreganham as fauces.[330] Por que, então, iríamos cutucar tigres, assanhar lobisomens, cloroformizados, nas jaulas alheias?

Sem nenhum vínculo estomacal com qualquer dos partidos atualmente propostos a fazer do Brasil um formal paraíso jeffersoniano, externamos de própria conta uma verdade conhecida de todos os contemporâneos de Itajubá, e até agora por ventura apenas "congelada" em homenagem ao preconceituoso imperativo de conveniências que, a propósito do assunto, aliás, já o escritor José Bezerra Gomes[331] começou a destruir, submetendo a vigoroso critério histórico o estudo do "caso". Conveniências, afinal, somente respeitáveis no consenso daqueles cujo honestíssimo "Ideal" é o de "vencer na vida", embora engolindo

facas e escorpiões, pilulazinhas de veneno, Alcestes[332] convictos de que só travestidos de Orontes e Filintes atingirão a bem-aventurança dos diretores de bancos, dos ministros, dos empresários de pife-pafes…

Voltando aos "melões": foi, aquele ardente admirador[333] de Ferreira Itajubá, no Rio, quando parlamentar, uma espécie de cônsul da boa vontade, acolhedor, generoso, acessibilíssimo, amigo ideal (diz-se que a amizade é o ideal, e que os amigos são a realidade).

Quem teria definido tão bem o que Montaigne tanto exaltou? Amigo ideal, concedamos, de todos os comprovincianos[334] em apuros, e aos quais distribuía todo o subsídio, mesmo aos que não rezavam pela cartilha do abaeté[335] Pedro Velho. É este um dos prediletos argumentos com que se explica, vez por outra, sua notória pobreza.

Diga-se, todavia, francamente – e para não perder esta oportunidade – mal chegou a tempo para os funerais do poeta; funerais de terceira classe…

E para escrever, anos muito depois, com muita emoção, a história do pária sublime, que viveu toda a sua pobre e atribulada vida, sem que mecenas, pelo prestimoso, altruístico, tão viável intermédio dos seus convivas, tivesse jamais notícia daquela iníqua indigência – mancha vergonhosa, escárnio sem nome, infamante exceção, em meio às benesses de que se propiciavam os mais felizes, às pingues[336] propinas liberalizadas aos mais espertos: tertúlias e saraus de gala, paradas resplandecentes, jogos florais, a borbulhar à tona dessa famosa era da nossa Renascença social, artística e literária, sintetizada na esplêndida estampa centralizadora de Alberto Maranhão.

Notas

[1] a) A *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Ano XIX, maio de 1970, que publicou o trabalho, registra: "Este ensaio de Othoniel Menezes, publicado em primeira mão, nas páginas *d'O Democrata*, desta capital, em 1947, reaparece, agora, nesta Revista, em homenagem à memória do consagrado autor de *Sertão de espinho e de flor.* Os recortes do presente trabalho nos foram oferecidos pelo Dr. João Cabral Fagundes Filho, parente afim do homenageado".

b) **João Jerônimo Cabral Fagundes Filho** (Goianinha/RN, 12.06.1917-Natal/RN, 28.07.2002). Advogado e intelectual, leitor assíduo de boa literatura, inspetor do Instituto Nacional do Sal (colega de repartição de OM) e depois do INSS. Era amigo fraterno, casado com uma sobrinha do poeta, Maria de Lourdes Menezes Cabral, filha do magistrado Francisco Menezes de Melo (Ver nota neste volume em *Sertão de espinho e de flor*), irmão de Othoniel. Os diretores da revista, na época, eram os acadêmicos Aderbal de França, Edgar Barbosa, Alvamar Furtado de Mendonça e José Tavares da Silva.

c) OM, no *Sertão de espinho e de flor,* nas Notas ao Canto 15 (Minha Viola a Chorar), publicado em 1952, afirma haver publicado o presente ensaio em 1948, um ano após, portanto, do que registrou a anotação da Academia de Letras, neste ensaio. Fiquemos, pois, com o Autor.

[2] OM considerava inacabado o trabalho sobre Ferreira Itajubá. Nas Notas ao Canto 15, do *Sertão de espinho e de flor*, escreveu: "O Autor deste poema publicou, em 1948, no jornal *O Democrata*, *uma série de trechos do ensaio* que tem pronto, sobre o cantor de "Branca", trabalho que tem o título de *Ferreira Itajubá – O drama da vida de província.*

[3] **Esquina**. Um dos apelidos que OM dava ao RN, notadamente a Natal, em função da posição geográfica no mapa do continente. Foi o primeiro a chamar Natal de Jerimunlândia. Outros topônimos da Capital: Cidade dos Reis, Cidade de Santiago, Natalópolis, Nova Amsterdã, Trampolim da Vitória, Londres Nordestina.

[4] **Rodolfo Augusto de Amorim Garcia** (Ceará-Mirim/RN 25.05.1873-Rio de Janeiro/RJ, 14.11.1949). Doutor em Direito, professor, historiador, bibliófilo. Diretor do Museu Histórico Nacional e da Biblioteca Nacional. Membro da Academia Brasileira de Letras.

[5] **Peregrino Júnior.** Ver nota no Prefácio à 2ª. edição do *Sertão de espinho e de flor*.

[6] **General Umberto Peregrino Seabra Fagundes**. Ver nota no Prefácio à 2ª. edição do *Sertão de espinho e de flor.*

[7] **João Angyone Costa** (RN, 1888-RJ, 1954). Jornalista, professor, arqueólogo, etnógrafo, antropólogo, ensaísta, historiador, museólogo, indigenista, crítico de arte, professor. Publicou dezenas de livros, entre esses *A Inquietação das Abelhas* (1927), *Indiologia* e *Introdução à Arqueologia Brasileira* (1933). Algumas dessas obras fundamentais foram traduzidas para vários idiomas e muitas vezes reeditadas no Brasil. Na sua especialidade, deve ser o escritor potiguar mais lido nos meios acadêmicos.

[8] **José dos Guimarães Wanderley** (Natal/RN, 19.12.1905-Rio de Janeiro/RJ, 20.12.1975). O teatrólogo potiguar de maior sucesso da ribalta nacional. Deixou, muito jovem, o Rio Grande do Norte e, no Rio de Janeiro, escreveu e traduziu dezenas de peças, muitas em parceria com Mário Lago, Daniel Rocha e Dias Gomes, algumas encenadas pelos mais importantes atores do país. Foi servidor público do Instituto Nacional do Teatro e dirigente da SBAT – tendo, nessa condição, representado o Brasil em congressos internacionais sobre arrecadação de direitos autorais na Espanha e Suiça.

[9] **Nilo de Oliveira Pereira** (Ceará-Mirim/RN, 11.12.1909-Recife/PE, 23.01.1992). Jornalista, ensaísta, político, advogado, professor universitário, escritor. Cedo, aos 21 anos, foi para Pernambuco. Exerceu vários cargos na administração pública, presidindo importantes órgãos. Foi da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, dos Institutos Históricos pernambucano e norte-rio-grandense.

[10] **Adauto Miranda Raposo da Câmara** (Mossoró/RN, 14.03.1898-Rio de Janeiro/RJ, 17.10.1952). Professor, advogado, político, jornalista, historiador, biógrafo. DANRL. Em 1930, tangido pelos acontecimentos da revolução, transferiu-se de Natal para o Rio de Janeiro, fundando, ali, o Colégio Metropolitano. Escreveu sobre a Guerra do Paraguai e sobre a escritora Nísia Floresta.

[11] **Salomão Augusto de Vasconcelos Filgueira**. Literato e jornalista potiguar. Coletor Federal, radicou-se em Recife, escrevendo na imprensa pernambucana sob o pseudônimo de Jota Parnamirim.

[12] **José Bezerra Gomes**. Ver nota em *Sertão de espinho e de flor*.

[13] **Irmãos Pongetti Editora**. Editora carioca.

[14] Segundo a mitologia grega, herói invencível enquanto tocava a Terra (Gea), sua mãe, que lhe dava novas forças. Netuno (ou Poseidon) era o seu pai. Foi vencido por Hércules.

[15] Longa viagem ou travessia, especialmente quando realizada para escapar de um perigo ou de uma situação indesejável; êxodo, fuga. Do árabe *hidjra* (significando fuga, emigração). *Al-hidjra* refere-se especificamente à emigração de Maomé. Especialistas acham que seria melhor usar o vocábulo fuga de Maomé, uma vez que ele estava sendo perseguido e foi obrigado a sair de Meca.

[16] **Abner de Brito**. Poeta parnasiano, jornalista, orador, bacharel em Direito, magistrado (Caicó/RN, 29.11.1890-Curitiba/PR, 24.01.1951). Residiu muitos anos em Ceará-Mirim, mudando-se para o Rio de Janeiro e depois para o Paraná. Ficou famoso, em todo o país, por ser autor do soneto erótico "O Enterro do Pecado".

[17] **Armando Augusto Seabra de Melo** (Natal/RN, 17.03.1892-22.08.1920). Jornalista, filólogo, escritor, precursor da crítica literária no Estado (*Ensaios de Crítica e Literatura* – 1923). Estudou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro.

[18] **Antônio Damasceno Bezerra** (Natal/RN, 22.09.1902-14.09.1947). Jornalista, poeta, boêmio. Morreu na miséria, tuberculoso, numa casinha de taipa e chão batido, no final da ladeira hoje chamada "do Sol", no início da Praia do Meio. OM estava entre os pouquíssimos amigos que o visitavam, amparando-o de alguma forma. Admirável poeta, ficou conhecido e lembrado, entretanto, até os dias atuais, pelos sonetos fesceninos que escreveu (*A Cagada* e *Merda*).

[19] Ungüento milagroso para a cura de todos os males.

[20] **Gérard de Nerval** (Paris/França, 02.05.1808-Paris/França, 25.01.1855). Importante poeta francês, traduziu *Fausto*, de Goethe, aos 20 anos de idade. Esquizofrênico e alcoólatra, suicidou-se em um beco, em Paris. Seu admirador, OM várias vezes usou o pseudônimo de "Geraldo Nerval".

[21] **Afonso Henriques de Lima Barreto** (Rio de Janeiro/RJ, 13.05.1881-Rio de Janeiro/RJ, 01.11.1922). Jornalista, mulato (neto de escravos), funcionário público, anarco-socialista, e um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Alcoólatra, levou vida atribulada,

internado várias vezes em clínicas psiquiátricas. *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) foi a sua maior obra. Os seus romances, de temática social, privilegiavam os pobres, os boêmios e os arruinados. Foi severamente criticado pelos contemporâneos parnasianos pelo estilo despojado, fluente e coloquial que acabou influenciando os escritores modernistas.

[22] Na totalidade, integralmente; em peso.

[23] **Francisco Gómez de Quevedo y Santibáñez Villegas** (Madri/Espanha, 17.09.1580-Villanueva de los Infantes/Espanha, 08.09.1645). Fidalgo espanhol. Poeta, filósofo, político, crítico literário, satírico, antisemita – famoso pela vida desregrada que levava. Superdotado intelectualmente, tinha os pés disformes, era coxo de uma perna, gordo e curto de vista. Em 1635, os seus inimigos – e eram muitos – fizeram aparecer, em Valência, o mais importante dos libelos destinados a difamá-lo: "El tribunal de la justa venganza, erigido contra los escritos de Francisco de Quevedo, maestro de errores, doctor en desverguenzas, licenciado en bufonerías, bachiller en suciedades, catedrático de vicios y protodiablo entre los hombres [...]".

[24] **Manuel Maria de Barbosa l'Hedois du Bocage** (Setúbal/Portugal, 15.09.1765-Lisboa/Portugal, 21.12.1805). Primoroso poeta português e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano. Foi oficial da Marinha Real Portuguesa. Como Damasceno e Quevedo, levou existência atribulada e boêmia, popularizando-se, muito mais, pelos geniais versos satíricos e fesceninos que escreveu.

[25] "Está morta", em inglês.

[26] Pensativa.

[27] Depressão úmida e sombria nas encostas; grota, biboca.

[28] Tirante a amarelo tostado; alourada

[29] Que tem cheiro nocivo; podre, fétido, pestilencial, pestilento.

[30] "Rainha dos poetas", em latim. Cognome carinhoso dado a Palmyra Wanderley por OM, nos anos 1920.

[31] Natal, à época (1947), recebia – em razão da situação geográfica e das instalações e equipamentos deixados pelos americanos em Parnamirim – todo o fluxo aéreo internacional destinado ao Brasil e países vizinhos.

[32] **Julita Câmara Cardoso** (Natal/RN, ?-Rio de Janeiro/RJ, ?). Poeta, dramaturga e atriz. Integrou e fundou grupos amadores de teatro, na déca-

da de 1940. Casada com Fernando Cardoso – colega de OM na Base de Parnamirim, durante a Segunda Guerra –, também ator e prestidigitador. O casal, nos espetáculos de magia, usavam os pseudônimos de Aladim e Salambô. Didi Câmara, antes de migrar para o Sul do país, escreveu e encenou, pelo menos, no então Teatro Carlos Gomes, duas peças: *Os Filhos do Mar* e *Divino Mestre*.

[33] **Gilka da Costa de Melo Machado** (Rio de Janeiro/RJ, 12.03.1893-Rio de Janeiro/RJ, 11.12.1980). Poeta simbolista, escreveu versos considerados escandalosos, na sua época, pelo marcante erotismo.

[34] **Cecília Benevides de Carvalho Meireles** (Rio de Janeiro/RJ, 07.11.1901-Rio de Janeiro/RJ, 09.11.1964). Poeta, professora e jornalista brasileira, premiada pela ABL.

[35] **José Maria Vargas Vila** (Bogotá/Colômbia, 23.07.1860-Barcelona/Espanha, 23.05.1933). Pensador, romancista, jornalista, diplomata e escritor.

[36] Contínua, repetida, extenuante.

[37] Um dos três Cem-Braços, irmão dos Cíclopes e dos Titãs, filho de Urano e Gaia, tinha cinqüenta cabeças. A pedido da ninfa Tétis, fez as pazes com Netuno, ajudando o deus do mar a vencer a rebelião das divindades incentivada por Juno.

[38] "Feliz que, como Ulisses, fez uma bela viagem" . Título e primeiro verso do primeiro quarteto de um célebre soneto de **Joachim du Bellay** (1522-1560), poeta francês, fundador, com **Pierre de Ronsard** (1524-1585), da Plêiade (grupo de sete poetas, cujo objetivo era a defesa da substituição do latim pelo francês na literatura francesa, e o enriquecimento da língua vernácula através da imitação do melhor da literatura antiga grega e latina).

[39] A ilha de Sancho Pança (*Dom Quixote*, Cervantes, Capítulo XLV – "De como Sancho Pança tomou posse da sua ilha, e do modo como principiou a governá-la").

[40] **Edgar Ferreira Barbosa** (Ceará-Mirim/RN, 15.02.1909-Natal/RN, 06.08.1976). Jornalista, magistrado, professor universitário, poeta bissexto, escritor de renome. Sua mãe, Joana Ferreira Barbosa, era prima legítima de Maria da Conceição Ferreira, mulher de Othoniel e genitora do autor destas Notas. A primeira aparição pública do futuro Juiz, ainda de

calças curtas, deu-se numa festa escolar, em Natal, recitando um soneto de OM, "Pindorama" (Ver *Jardim tropical*)

[41] **Manoel Rodrigues de Melo** (Pendências/RN, 07.07.1912-Natal/RN, 29.12.1996). Advogado, contabilista, professor, pesquisador e escritor. Foi vereador em Natal, por um mandato. Na década de 1930, ardoroso seguidor do movimento integralista. Presidiu, durante muitos anos, com competência, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Na sua gestão, construiu o edifício do "Silogeu Potiguar". Apesar das diferenças políticas, sempre foi amigo e admirador de OM.

[42] **Israel Nazareno de Souza**. Bacharel em Direito, magistrado, filólogo, jornalista, professor de Literatura de várias gerações no Atheneu Norte-Rio-Grandense. Ticiano Duarte (*Tribuna do Norte*, 02.07.2008), seu ex-aluno, pintou-lhe retrato fiel – ao mesmo tempo deliciosamente jocoso: "Culto, purista da língua portuguesa. Conhecia os clássicos da literatura e os citava. Foi diretor e editorialista de *A República"*. Juiz municipal e depois Procurador do Estado, Israel Nazareno foi, em 1932, um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil, no RN.

[43] **Rivaldo Pinheiro**. Advogado, professor e jornalista, um dos fundadores, em 18 de setembro de 1939, do *Diário de Natal*.

[44] **Rui Garcia da Câmara**, poeta e cronista potiguar. Trabalhou com OM na Base Aérea de Parnamirim, na década de 1940.

[45] Ver nota no livro (neste volume) *A canção da montanha*.

[46] "A águia não apanha moscas". Um espírito superior não se ocupa de coisas menores**.**

[47] Grande abrigo, no Oriente Médio, para hospedagem gratuita de caravanas, e que, de ordinário, consta de quatro pavilhões em volta de um pátio.

[48] Fingido, hipócrita, manhoso, aborrecido, fastidioso, maçante, indolente por astúcia, desacreditado, desqualificado, vagaroso.

[49] **Romain Rolland**. Doutor em Arte, escritor, professor, novelista, biógrafo e músico francês (França, 1866-1944). Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1915. Fez importante observação sobre o livro *O Futuro de uma Ilusão*, de Sigmund Freud. Esta observação foi a premissa usada por Freud para escrever o livro seguinte O *Mal-estar na Civilização*. Quando o filósofo político italiano Antônio Gramsci escreveu, na prisão, que o "pessimismo da inteligência" não deveria abalar o "otimismo da vontade", estava citando Roman Rolland.

[50] **Romildo Fernandes Gurgel** (Natal/RN, 05.05.1929-Natal/RN, 31.05.1995). Jornalista, advogado, conselheiro, político, professor universitário. Foi secretário de Educação e presidente do Tribunal de Contas do Estado. Dirigiu a *República,* o *Jornal do Comércio* e *O Democrata* – jornal que publicou, em capítulos, este ensaio de OM.

[51] **Alan Kardec** (Lyon/França, 03.10.1804-Paris/França, 31.03.1869). Pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Pedagogo e escritor. Notabilizou-se como o codificador do Espiritismo, também denominado de Doutrina Espírita. OM Menezes era espírita, admirador e estudioso da obra do grande pensador.

[52] **Emmanuel-Adolphe Langlois Des Essarts** (Paris/França, 05.02.1839-Lempdes-Haute-Loire/França, 17.10.1909). Poeta e escritor. Defensor do espiritualismo cristão, liberal republicano, professor e amigo de Hugo, Gautier, Leconte de Lisle, Banville, Sainte-Beuve, Laprade, Quinet. Admirador e também amigo de Walt Whitman.

[53] "Sobre o branco pedestal da serenidade / Sem impulso sobre-humano, sem soberba, inveja,/ Todo o prazer de um ideal visível e limitado."

[54] Retorno à vida, renascimento, regeneração. Eterno retorno. Segundo Schopenhauer, renascimento sucessivo dos mesmos indivíduos.

[55] Que celebram o nascimento de alguém, o aniversário.

[56] **Manoel do Nascimento Fernandes de Oliveira** (Natal/RN, 24.12.1888 - ?). Poeta, crítico literário e jornalista. Funcionário público estadual, irmão de Jorge e Sebastião Fernandes. Publicou, em 1913, um volume de versos: *Livro de Matilde*.

[57] **Francisco Bruno Pereira** (Mossoró/RN, 06.10.1896-Natal/RN, 01.04.1979). Jornalista, professor, político, magistrado (Justiça do Trabalho). Fundou jornais em Natal, Recife e no Rio de Janeiro. Panfletário, combateu às oligarquias da província, sofrendo perseguições. Foi deputado estadual.

[58] "A lista é longa, sobre os melhores" – expressão idiomática francesa, empregada por Vitor Hugo na peça teatral *Ernani* (1830).

[59] "A terra onde vivem os leões", em latim.

[60] Correção, castigo, punição; escaldadura.

[61] **Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde** (Dublin/Irlanda, 16.10.1854-Paris/França, 30.11.1900). Escritor, poeta e teatrólogo irlandês. *O Retra-*

to de Dorian Gray (1890) foi o único romance que escreveu. Bissexual, sofreu duramente, à época, condenado à prisão por sodomia. Chamou a homossexualidade de "o amor que não ousa dizer o nome".

[62] **Pedra da Baixinha**. Rochedo submerso, na barra do Rio Potengi, em Natal.

[63] **Escola Doméstica de Natal**. Fundada em 1º de setembro de 1914 e mantida, muitos anos, pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Em 1959, integrou-se à UFRN, como órgão complementar. Nos primeiros anos de atividades, serviu, sempre, às filhas da elite endinheirada do Estado.

[64] **Herculano Ramos**. Arquiteto, engenheiro-civil mineiro (Belo Horizonte/MG, 26.03.1854-Belo Horizonte/MG, 17.01.1928). Servindo às ordens do governador Alberto Maranhão, reiniciou a construção do Teatro Carlos Gomes, projetou e construiu a Praça Augusto Severo (Jardim Público), o Palacete do Congresso (sede atual da Prefeitura Municipal de Natal), o ajardinamento da Praça André de Albuquerque, a reforma do Cais Tavares de Lira e a construção do Grupo Escolar Augusto Severo. Trabalhou, ainda, no Ceará, na Bahia, em Recife e no Rio de Janeiro.

[65] Duas das musas gregas, irmãs. **Melpômene** (significando "coro"), a musa da tragédia, usualmente representada com uma máscara trágica e usando os coturnos (botas tradicionalmente gastas e usadas pelos atores). Algumas vezes, segura uma faca ou bastão em uma mão, e a máscara na outra. **Tália** (significando "festividade"), preside a comédia e a poesia leve. Seus símbolos são a máscara cômica e um cajado de pastor. Tália também é o nome de uma das Graças (Cáritas).

[66] Grêmio literário natalense. Editava a revista *Oásis*. Em 1894, publicou os primeiros versos de Auta de Souza.

[67] Outra organização literária, ativa entre os anos de 1920 e 1924. Publicava, também, uma revista.

[68] Traçado de aguardente com vermute ou quinado.

[69] Em que há, ou que revela ou constitui gozo.

[70] **Estevão José Barbosa de Moura** (1810-1891). Vice-presidente da província do Rio Grande do Norte, tendo assumido a presidência interinamente por três vezes, de 6 de julho a 4 de dezembro de 1841, de 31 de março a 31 de maio de 1842 e de 15 de novembro de 1842 a 7 de julho de

1843. Coronel da Guarda Nacional, senhor de terras, muito rico, construiu o Solar do Ferreiro Torto, no engenho do mesmo nome, à margem direita do rio Jundiaí, em Macaíba. Governando a Província um certo Manoel Ribeiro da Silva Lisboa (1807-1838), vulgarmente conhecido como "Parrudo", tido como "prepotente e libidinoso", e ofendendo este a honra do coronel Estevão Moura, foi assassinado às ordens deste, por escravos "de confiança", em 11 de abril de 1838.

[71] Aptidão, queda, pendor, vocação.

[72] **Joaquim Xavier da Silveira Júnior** (Santos/SP, 11.10.1854-Rio de Janeiro/RJ, ?). Tinha 26 anos quando governou o Rio Grande do Norte, de 10 de março a 19 de setembro de 1890.

[73] Canção pastoril dos antigos trovadores portugueses; serrana.

[74] OM enganou-se. O autor dos versos da modinha era o pai do presidente, Joaquim Xavier da Silveira, político paulista importante.

[75] **Antônio Elias Álvares de França** (Nova Cruz/RN, 23.05.1854-Natal/RN, 25.08.1915). Músico e poeta bissexto, servidor público, animador cultural, parente próximo da família materna de OM (os Álvares de Menezes). Dele, disseram, na imprensa (*A República*), troçando: "É ótimo marido, excelente pai, avô carinhoso e péssimo poeta".

[76] Atual Rua Padre Pinto, na Cidade Alta.

[77] **Tommaso Babini** (Faenza/Itália, 10.01.1885-Recife/PE, 1949). Violoncelista, professor da Escola de Música do Teatro Alberto Maranhão e da Escola Doméstica. Viveu mais de trinta anos em Natal.

[78] **Nicolino Milano** (Lorena/SP, 25.06.1876-Rio de Janeiro/RJ, 01.10.1962). Instrumentista, professor, compositor. Estudou no Rio de Janeiro. Viveu parte de sua vida na corte portuguesa, onde foi muito prestigiado pelo Rei D. Carlos (penúltimo rei de Portugal, 1863/1908), que o presenteou com um precioso violino e o nomeou instrumentista da Real Câmara. Autor do fado "Liró" (1908), melodia na qual Eduardo Medeiros confessava se haver inspirado para musicar os versos da "Praieira" ("Serenata do Pescador") de OM.

[79] **Luigi Maria Smido** (ou Luigi Maria Schmidt und Insbruck). Nascido na Itália, falecido no Rio de Janeiro/RJ, em 13 de agosto de 1943. Maestro e professor, esteve em Natal em várias oportunidades. A primeira em 1903, dirigindo a Orquestra do Teatro, o departamento de música da Es-

cola Doméstica e a banda do Batalhão de Segurança (Polícia Militar). Trabalhou no Ceará e, em 1936, no Rio de Janeiro. Foi professor catedrático de Instrumentação e Composição. Diziam-no pertencer à nobreza européia, "descendente de São Luís Gonzaga e amigo de infância do rei Vittorio Emanuelle II, tendo estudado em Leipzig e Viena".

[80] **Antônio Paulino de Andrade** (Tota Andrade ou Tota Paulino). "Nasceu em São José de Mipibu, em 2 de julho de 1866. Em 3 de junho de 1893, quando da organização da banda de música da Polícia Militar (criada em 1870), Antônio Paulino de Andrade foi contratado, como 3º sargento músico, para exercer a regência do conjunto. Sua primeira apresentação parece ter sido em 12 de junho de 1897, quando participou de um concerto, juntamente com diversos músicos locais. Em 7 de julho de 1903, no concerto do barítono Corbiniano Vilaça, realizado no Palácio do Governo, Tota Andrade executou o Andante do 7º Concerto para flauta, de Ch. Beriot, acompanhado ao piano por Amália de Paula, que se tornaria, posteriormente, sua esposa. No mesmo evento, participou do trio, com Joaquim Scipião e Amália de Paula, tocando "La fille du Regiment", de Ernest Alder. Desde 1906 oferecia seus serviços de afinação de pianos, o que faria por muitos anos. Em junho, nas comemorações do centenário de Frei Miguelinho, desfilou a banda de música Antônio Andrade, de Macaíba, regida por Enéas Hipólito Dantas. Em 1922 estava em Belém, onde realizou um concerto no Teatro da Paz, em 17 de agosto, quando apresentou instrumentos musicais de sua invenção: um xilofone, uma flauta vertical com mais quatro chaves, indo ao sol gravíssimo, (que ele intitulou "Flauta Centenária", em homenagem ao centenário da Independência do Brasil) e uma bateria mecânica - a bateria "Natalense" (notícia veiculada por *A Folha do Norte*, de Belém). Citado no livro *Música e Músicos do Pará,* informa-se que, naquela cidade "dedicava-se ao ensino de piano e flauta, afinação de pianos, regeu orquestras populares. Foi organista em igrejas em Belém. Recuperou o órgão da Basílica de Nazaré e fez parte da orquestra do Centro Musical Paraense". O mesmo livro cita como suas composições: "Beijo Dourado", xote, 1907, "Club das Moças", xote, 1907, "Cocota", valsa, 1902, "Rosas sobre Rosas", valsa, "Inailan", tango, "Souvenir do Pará", fantasia, "Paraense", grande marcha. Durante sua estada em Belém, publicou, pela Livraria Bittencourt: "Rosas sobre rosas" (valsa), "Arsildi", "Moças e flores", "Club Tracema" (quadrilha). Em 8 de março de 1923, com acompanhamento ao piano de sua esposa Amália Andrade, apresen-

tou um concerto no Teatro Carlos Gomes, onde demonstrou os instrumentos de sua invenção, flauta vertical, aparelho rítmico para substituir as baquetas em tambor comum, um xilofone e sistema moderno de timbales. Concluiu tocando o Hino Nacional, com a orquestra do teatro, para apresentar a bateria por ele inventada. Em novembro de 1932 tomou parte na reunião que definiu a criação do Instituto de Música e, em fevereiro de 1933, está relacionado entre os professores, lecionando flauta e instrumentos de sopro e apresentado como tendo sido o 1ª flauta na orquestra de Belém. Em 8 de março tocou xilofone, serrote, e bateria mecânica, acompanhado pela esposa, no serviço de alto-falantes da cidade. Na estréia do Departamento Musical do Conjunto Teatral Potiguar, em 22 de outubro de 1943, apresentou-se, com Amália, tocando serrote, xilofone e flauta vertical. Além dos instrumentos de sua invenção já mencionados, há notícias de um violoncelo de tamanho reduzido que, além de diminuir o espaço tomado pelo instrumento, teria ainda a vantagem de eliminar a dificuldade de obtenção dos sons agudos. Faleceu em Natal, em 17 de outubro de 1950" (Verbete transcrito do livro *Música e Músicos do RN,* de Cláudio Galvão, em preparo).

[81] **Waldemar de Almeida** (Macau/RN, 24.08.1904-São Paulo/SP, 26.05.1975). Pianista, maestro e professor. Estudou na Europa e fundou, na década de 1930, o Instituto de Música do RN.

[82] **Luís Francisco Junqueira Ayres de Almeida** (Salvador/BA, 1860-Recife/PE, 10.05.1896). Engenheiro, jornalista, orador e deputado federal pela Bahia e pelo RN, apadrinhado político de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

[83] **Chantecler**. Acreditava-se que o canto desse galo era o responsável pelo nascer do sol. Personagem da peça teatral do mesmo nome, de **Edmond Rostand** (1868-1918), escritor, poeta e dramaturgo francês – autor, também, de *Cyrano de Bergerac*, obra imortal.

[84] **Roderic Crandall**. Geólogo californiano (EUA,1885-1967), consultor do governo brasileiro. Escreveu sobre a sua especialidade: *Geografia, geologia, suprimento d'água, transportes e Assudagem dos Estados Orientais do Norte do Brasil: Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba* – 4ª. Edição/Ufersa.

[85] A essência, o princípio da coisa (latim).

[86] Qualidade, estado ou condição de redolente: de aroma agradável; olorosa, rescendente.

[87] Dizia, o único artigo do diploma legal: "é o governador autorizado a premiar livros de ciência e literatura produzidos por filhos domiciliados no Rio Grande do Norte, ou naturais de outros Estados quando neste tenham fixa e definitiva a sua residência".

[88] Relativo a oblação; que envolve ou vale por oblação (ato de fazer uma oferta a Deus ou aos santos).

[89] **Juvenal Antunes de Oliveira** (Ceará-Mirim/RN, 29.04.1883-Manaus/AM, 29.04.1941). Bacharel em Direito, promotor público, jornalista. Morou muitos anos no Acre. Esmeraldo Siqueira, homenageando-o, escreveu *Juvenal Antunes, o Inolvidável Boêmio* (Editora Nordeste, 2000). Famoso pelo poema "Elogio da Preguiça", tornou-se personagem da minissérie "Amazônia", da Rede Globo de Televisão, escrita por Glória Perez.

[90] Pseudônimo do jornalista, poeta e escritor satírico italiano **Dino Segre** (Turim/Itália, 09.05.1883-Turim/Itália, 08.05.1975). Morou na Argentina e na França.

[91] **Francisco Tavares Pereira Palma** (Timbaúba/PE, 01.12.1875-Natal/RN, 18.05.1952). Poeta, teatrólogo, jornalista e funcionário do Tesouro Estadual. Publicou *Santelmos* e *Luz e Cinza* (versos). Um dos fundadores da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

[92] **Sebastião Fernandes de Oliveira** (Natal/RN, 11.03.1880-Natal/RN, 29.05.1941). Poeta, teatrólogo, magistrado. Foi secretário-geral do Estado e presidiu o Tribunal de Justiça. Irmão do poeta Jorge Fernandes, compôs versos para famosas modinhas.

[93] Que desenvolve conversa brilhante, sedutora (francês).

[94] "Prender, conter na gaiola" (francês).

[95] Referência à peça "O Pássaro Azul", de Maurice Maeterlink, dramaturgo e ensaísta belga de língua francesa, e principal expoente do teatro simbolista (Ver nota anterior sobre esse autor).

[96] **Severino Silva** (PB, 09.08.1887-Rio de Janeiro/RJ, 1962). Poeta, jornalista, pastor protestante e bacharel em Direito, nascido na Paraíba de família potiguar. Estudou no Atheneu, formou-se em Direito em Belém do Pará. Membro da Academia Paraense de Letras. "Príncipe dos Poetas Paraenses", migrou para o Rio de Janeiro, onde, por concurso público, foi nomeado comissário de Polícia do então Distrito Federal.

[97] **Francisco Ivo Cavalcanti** (Natal/RN, 26.08.1885-Natal/RN, 11.03.1969). conhecido como Chico Ivo ou Ivo Filho. Professor, poeta, jornalista e advogado. Seu livro de poesias, *Crisântemos*, foi publicado em 1906.

[98] **Ana Lima Souto dos Santos Lima** (Assu/RN, 16.05.1882- Natal/RN, 18.01.1918). Poeta. Seu livro *Verbenas* (1901) foi prefaciado pelo jornalista Pedro Avelino. Foi casada com o professor Celestino Pimentel.

[99] **Clóris**. Deusa das flores, esposa de Zéfiro, também chamada de Flora.

[100] **Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti** (Recife/PE, 08.06.1876-Natal/RN, 27.10.1952). Magistrado (desembargador), jornalista e poeta. Escrevia sob vários pseudônimos: René de Vincy, Henrique Selva, Ego, Cicinato, Memo. Pai dos poetas Esmeraldo, Carlos e Milton Siqueira, além do desembargador Oscar Siqueira.

[101] **Tobias Barreto de Menezes** ((Vila de Campos do Rio Real/SE, 07.06.1839-Recife/PE, 26.06.1889). Filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro; fervoroso integrante da Escola do Recife (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

[102] **Josué Tabira da Silva** (Natal/RN, 1889-Maceió/AL, 21.08.1976). Poeta, trovador, jornalista e advogado. Morou em Sergipe e Alagoas. Formou-se em Direito na Terra dos Marechais, na mesma turma de um dos filhos. O autor destas notas, entristecido, viu, em Maceió, depois da morte do poeta, vários dos livros da sua biblioteca vendidos numa calçada. Foi da Academia Sergipana de Letras.

[103] **Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima**. Ver nota 5, em *Ara de fogo* (neste volume).

[104] **Antônio Glicério das Chagas** (Ceará-Mirim/RN, 02.07.1881-Santo Antônio/RN, 05.06.1921). Poeta, gráfico, boêmio. Deixou inédito um livro de versos: *Cantilenas*

[105] **João Estevão Gomes da Silva**. Poeta, gráfico, político, líder operário (Natal/RN, 16.12.1883-Natal/RN, 07.05.1969). Fundador de Centro Operário de Natal, deputado estadual – o primeiro eleito, no Estado, pela classe operária. Com Josué (Tabira da) Silva e Emídio Fagundes, colaborou e imprimiu uma pesquisa sobre a maçonaria no RN.

[106] **Manoel Segundo Wanderley** (Natal/RN, 06.04.1860-Natal-RN, 14.01.1909). Poeta, médico, dramaturgo, jornalista. Rocha Pombo achava que era "o primeiro dos poetas potiguares". Já o conterrâneo Antônio Marinho chamou-o de "condoreiro *démodé*".

[107] O rio Letes localiza-se, de acordo com a mitologia clássica, no inferno (Hades),onde os mortos se banhavam e esqueciam sua existência anterior. Na Comédia de Dante, Letes é um rio do purgatório, onde as almas penitentes se banham e se purificam, para que possam ter acesso ao Paraíso. Letes também é o córrego que flui através da gruta que Virgílio e Dante atravessam para chegar do inferno ao purgatório (Canto XXXIV).

[108] Fundo musical – discreto, de pouca intensidade – para a recitação de poesia nos saraus.

[109] Ver nota em Notas ao Canto 8, do *Sertão de espinho e de flor.*

[110] **Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine** (Mâcon/França, 21.10.1790-Paris/França, 28.02.1869). Escritor, poeta e político francês. Seus primeiros livros de poemas (*Primeiras Meditações Poéticas*, 1820 e *Novas Meditações Poéticas*, 1823) celebrizaram o autor e influenciaram o Romantismo na França e em todo o mundo.

[111] **Lorenzo Stecchetti**. Pseudônimo com que se celebrizou o poeta italiano Olindo Guerrini (S. Alberto de Ravena/Itália, 14.10.1845-Turim/Itália 22.10.1916).

[112] **George Gordon Byron** (Londres/Inglaterra, 22.01.1788-Missolonghi/Grécia, 19.04.1824). 6º barão **Byron** melhor conhecido como lorde Byron. Poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo. Famoso por obras-primas como *Peregrinação de Childe Harold* e *Don Juan*. A fama de Byron não se deve somente aos seus escritos, mas também a sua vida – amplamente considerada extravagante — que inclui numerosas amantes, dívidas, separações e alegações de incesto. Dizem os entendidos ter sido um dos primeiros escritores a descrever os efeitos da maconha. Lady Caroline Lamb – com quem teve um "caso", dizia-no "louco, mau e perigoso para se conhecer". Curiosamente, sua filha, Ada Lovelace, colaborou com Charles Babbage para o "engenho analítico", um passo importante na história dos computadores.

[113] **Luís Delfino dos Santos** (Desterro/Florianópolis/SC, 25.08.1834-Rio de Janeiro/RJ, 31.01.1910). Médico, político (foi senador, na República Velha) e poeta brasileiro. Não publicou livros. Parnasiano, envere-

dou, depois para o simbolismo, a exemplo do seu conterrâneo Cruz e Souza.

[114] Ver nota ao poema "Via-Crúcis", no livro *Gérmen* (neste volume).

[115] **Joaquim Eduvirges de Melo Assucena** (Natal/RN, 17.10.1827-Natal/RN, 28.03.1907). Dito Lourival Assucena**.** Poeta, compositor, músico, cantor, dramaturgo e boêmio afamado. É patrono de uma das cadeiras da Academia de Letras do RN.

[116] Modinha lançada, no Rio de Janeiro, em 1905. Versos de Catulo da Paixão, com música de Edmundo Otávio Ferreira.

[117] **Antônio Marinho Pessoa** (Natal/RN, 06.08.1878-Angicos/RN, 04.05.1902). Jornalista, funcionário público. Polemista iconoclasta, considerado o primeiro crítico literário do Estado, escrevia sob o pseudônimo de Anthero Marialva. Numa conferência, nublou a fama de Segundo Wanderley, considerado, à época, o maior poeta conterrâneo. Morreu aos 24 anos, tuberculoso.

[118] **Pedro Celestino da Costa Avelino** (Angicos/RN, 19.05.1861-Rio de Janeiro/RJ, 20.06.1923). Jornalista, político, servidor público. Republicano ardoroso, fundou e dirigiu jornais em Recife, Natal e no Rio. Foi prefeito nomeado no Acre e tesoureiro do Ministério da Viação e Obras Públicas.

[119] Ver nota no livro *Gérmen* (neste volume).

[120] Aqueles que fazem verrinas; verrinistas. Censores violentos, críticos apaixonados. De verrina – Cada um dos discursos de Cícero (106-43 a. C.), político e escritor, o maior dos oradores romanos, contra Caio Verres (c. 120-43 a. C.), procônsul romano (II-I séc. a. C.).

[121] Deslize, escorregadela (francês).

[122] Adquirir, conseguir (francês).

[123] **Elias Antônio Ferreira Souto** (Assu/RN, 25.01.1848-Natal/RN, 17.05.1906). Poeta, professor, jornalista. Fundou e dirigiu jornais em Assu, Macau, São José e Natal. Na capital, criou a primeira folha diária do Estado – o *Diário de Natal* (que não é o atual, fundado em 1939). Monarquista e abolicionista.

[124] **Jean-Paul Marat** (Boudry/Suíça, 24.05.1743-Paris/França, 13.06.1793). Médico, cientista e jornalista francês. No ano da eclosão da Revolução Francesa, 1789, fundou o jornal *L'Ami du Peuple* (O Amigo do

Povo), em que se revelava defensor das causas populares. Condenado várias vezes, era visto como o porta-voz do partido jacobino, a ala mais radical da revolução. Considerado fora-da-lei, refugiou-se na Inglaterra em 1790 e no verão de 1791, retornando então a Paris. Foi um dos dirigentes da Comuna de Paris.

[125] Residência de Madame de Rambouillet. De 1607 até a sua morte, em 1665, recebia, nos seus salões, a elite francesa.

[126] **Francisco Pereira da Silva** (Guamaré/RN, 07.09.1890-Manaus/AM, 10.09.1973). Poeta, jornalista, político, secretário de Estado. Foi para o Amazonas ainda adolescente. Deputado federal por quatro mandatos. Idealizador da Zona Franca de Manaus. Publicou *Poemas Amazônicos* (1927).

[127] **Augusto César Leite** (Natal/RN, 15.03.1863-Natal/RN, 20.02.1921). Líder operário, tipógrafo, jornalista e poeta, autor de modinhas.

[128] Assucena, lírio.

[129] **José Gotardo Emerenciano Neto** (Natal/RN, 24.07.1881-Natal-RN, 07-05-1911). Poeta, jornalista, funcionário público (da Capitania dos Portos). A ele, em 1909 (aos 14 anos, aluno do Atheneu e da Escola Normal), OM mostrou os primeiros versos, recebendo incentivo e orientação. Depois de Gotardo, Othoniel procuraria abrigo e conselho na cultura e na inteligência de Henrique Castriciano.

[130] **Ponciano de Morais Barbosa** (Natal/RN, 19.11.1889-Natal/RN, 12.01.1919). Poeta, advogado, político, cronista e dramaturgo. Na sua época, era um verdadeiro dândi, vestindo-se com apuro.

[131] **Murilo Aranha** (Macaíba/RN, 1890-Lajes/RN, 1919). Poeta e jornalista. Estudou Odontologia no Rio de Janeiro e fez jornalismo no *Correio da Noite* e em várias revistas. Tuberculoso, retornou ao RN e foi viver em Lages, esperando curar-se pelo clima. Fundou e dirigiu em Lages o jornal *A Pátria*, falecendo pouco depois. Publicou *César Bórgia e Nevroses* (poesia). Deixou inédito outro livro: *A Catedral.*

[132] Monge, indivíduo que leva vida retirada.

[133] O professor Zuza (José Idelfonso Emerenciano), mestre de muitas gerações, nome de rua em Natal.

[134] Imóvel, hoje descaracterizado, na esquina (lado leste) das ruas Felipe Camarão e Professor Zuza, na Cidade Alta (no Centro de Natal).

[135] Título do único livro de Gothardo Neto, publicado, postumamente, em 1913.

[136] Corrente de fora para dentro, entre dois líquidos de densidades diversas separados por uma membrana ou placa porosa.

[137] **Raimundo da Mota Azevedo Correia** (Maranhão, 13.05.1860-Paris/França, 13/09/1911). Raimundo Correia nasceu a bordo do navio São Luiz, ancorado em águas maranhenses. Poeta, professor e magistrado, considerado o maior parnasiano brasileiro.

[138] Referência a **Thomas Alva Edison** (Milan, Ohio/Estados Unidos, 11.02.1847-West Orange, Nova Jersey/Estados Unidos, 18.10.1931) Empresário e inventor da lâmpada elétrica.

[139] Chapéu alto, de feltro duro.

[140] Tecido de linho, caro, brim da marca inglesa HJ: "[...] na volta de buquê nas mãos e riso nos olhos, ao lado de Laurindo, meu marido, ele de terno branco de linho HJ, um cravo rajado na lapela." (Nossos Clássicos, *Raquel de Queiroz por Heloísa Buarque de Hollanda*, Editora Agir).

[141] Madeixa, mecha, bendengó.

[142] Cosmético à base do óleo da oriza (planta amazônica, semelhante ao *Patchouli* asiático), muito usado, à época, como condicionador e fixador das pontas dos avantajados bigodes da época.

[143] Coisa frágil, delicada.

[144] Triângulo de tecido leve usado pelas mulheres para cobrir os ombros ou a cabeça.

[145] Cravina ou estefanote – jóias ou bijuterias, em forma de flor e/ou folhas, providas de um alfinete longo ou de fecho que, comumente, se usavam ao peito para prender e/ou enfeitar uma peça de vestuário.

[146] Ver nota em *Sertão de espinho e de flor*.

[147] Ceias da noite de Natal.

[148] Deixando cair gota a gota; gotejando, destilando, ressudando.

[149] Que tem cheiro agradável; aromática.

[150] Colheita de qualquer fruto.

[151] Lanceiros de alguns antigos exércitos europeus.

[152] Apelido do capitão da Força Pública – hoje Polícia Militar – **João Fernandes de Almeida**. Comandou, por longos anos, o Esquadrão de Cavalaria e a Seção de Incêndio da corporação. Quando tenente, em 1913, participou do grave tiroteio com os correligionários de José da Penha, na

Ribeira. Num poema feito no exílio do Uruguai, Djalma Maranhão classificou Joca do Pará como "o primeiro Sherlock que a cidade conheceu".

[153] **Branca**. A musa de Itajubá, Emília – segundo José Bezerra Gomes –, "a moça que partiu noiva do poeta para o Pará e que lá morreria de saudade por ele, coberta de luto, colecionando-lhes as poesias num papelão que depois mandou emoldurar num quadro e que foi também a grande paixão amorosa do Poeta."

[154] **Mireille**. A modelo amada e preferida, musa do pintor francês Toulouse-Lautrec (1864-1901). Era prostituta da *Rue des Moulins,* na Paris do fim do século XIX.

[155] Mescla de algodão encorpado, rústico, com fios brancos e azuis; azulão.

[156] **Pierre Loti**. Pseudônimo do escritor e oficial da marinha francês Julien Viaud (Rochefort, 1850-Hendaye, 1923). Foi autor de textos autobiográficos impregnados de um exotismo nostálgico: *Le Mariage de Loti* (1882), *Mon frèreYves* (1883), *Pêcheur d'Islande* (1886), *Madame Chrysanthème* (1887) e *Ramuntcho* (1897).

[157] **Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre** (Le Havre/França,19.01.1737-Éragny/França, 21.01.1814). Escritor, naturalista, engenheiro, romancista, militar e viajante.

[158] Almas do outro mundo, fantasmas, espectros; aparições desagradáveis, repugnantes.

[159] Tinge-se de púrpura (da cor).

[160] "Olho de enfado imemorial" (francês).

[161] Organismo homogêneo que desempenha, conforme os espíritas, todas as funções da vida psíquica ou da vida separada do corpo, funções essas correspondentes, na vida terrena, a outros tantos sentidos.

[162] Explodir, detonar, estourar, desabrochar, irromper.

[163] Disposição ou tendência moral mórbida.

[164] **Charles-Pierre Baudelaire** (Paris/França-09.04.1821-Paris/França, 31.08.1867). Poeta simbolista e crítico de arte. Um gênio. Dependente químico, levou vida desregrada e infeliz.

[165] "A poesia é a infância reencontrada" (francês).

[166] "Graça de bardo, de trovador" (francês).

[167] Referência a **Bento** (ou Benedictus, ou Benedito, ou Baruch) **de Spinoza**

(Amsterdã/Holanda, 24.11.1632-Haia/Holanda, 21.02.1677). Filósofo, fundador do criticismo bíblico moderno.

[168] **Aristide Briand** (Nantes/França, 28.03.1862-Paris/França, 07.03.1932). Político francês, ocupou o cargo de primeiro-ministro da França seis vezes. Foi premiado com o Nobel da Paz em 1926.

[169] **Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha** (Santa Cruz/RN, 1848-Barcelona/RN, 1928). Dito Fabião das Queimadas**.** Poeta popular, improvisador admirável, rabequeiro famoso. Ex-escravo, comprou a própria alforria com os rendimentos da sua arte. Como era de costume, adotou o sobrenome (Ferreira da Rocha) do antigo dono.

[170] **Pierre Lasserre** (1867-1930). Crítico literário francês, jornalista e ensaísta.

[171] **Agripino Grieco** (Paraíba do Sul/RJ, 15.10.1888-Rio de Janeiro/RJ, 25.08.1973). Poeta e crítico literário. O mais ferino examinador das obras e nomes da literatura nacional. Dizia ele: "Medíocre algum recebeu de mim palavras de louvor à sua obra"; ou "Nenhum muar ficou impune nos meus cinqüenta anos de crítica literária, exercitada não apenas em colaborações nos jornais, mas também através de conferências que proferi em todos os Estados do Brasil".

[172] Travessa; irrequieta, buliçosa, traquina.

[173] Primaveril, jovem, de pouca idade.

[174] Emprego de vocábulo ou frase estranha à língua vernácula, ou de uso raro; estrangeirismo.

[175] **Nimrod**. Também grafado Ninrode ou Nemrod. Personagem bíblico descrito como o primeiro poderoso na terra (Gênesis 10:8; 1 Crônicas 1:10). Filho de Cush, que era filho de Cam, que era filho de Noé.

[176] **Antoine Hercule Romuald Florence** (Nice/França, 29.02.1804-Campinas/SP, 27.03.1879). Conhecido como **Hercules Florence**. Polígrafo e desenhista francês que passou a maior parte de sua vida no Brasil, na cidade de Campinas. Um dos pioneiros da fotografia na América Latina. Responsável por diversas invenções, além da zoofonia (método para a transcrição do canto dos pássaros). Foi ainda pioneiro da imprensa no Brasil, ao fundar, em 1836, *O Paulista*, primeiro jornal do interior da província de São Paulo.

[177] **José Francisco da Rocha Pombo** (Morretes/PR, 04.12.1857-Rio de Janeiro/RJ, 26.06.1933). Jornalista, professor, historiador, político e es-

critor brasileiro. Abolicionista e republicano, professor do Colégio Pedro II, membro do IHGB.

[178] Relativo a **Friedrich Heinrich Alexander**, barão de Humboldt (Berlim/Alemanha, 14.09.1769-Berlim/Alemanha, 06.05.1859), mais conhecido como Alexander von Humboldt, naturalista e explorador alemão. Foi etnógrafo, antropólogo, físico, geógrafo, geólogo, mineralogista, botânico, vulcanólogo e humanista

[179] Expedição Langsdorff. Barão **Georg Heinrich von Langsdorff** (Wollstein, Hesse/Alemanha, 18.02.1774- Friburgo em Brisgóvia/Alemanha, 29.06.1852). Médico e explorador alemão. Hercules Florence o acompanhou, como desenhista, entre 1825 e 1829.

[180] Mudam de cor, trocam de uma cor para outra.

[181] **Édouard Manet** (Paris/França 23.01.1832-Paris/França, 30.04.1883). Pintor e artista gráfico francês; uma das figuras mais importantes da arte do século XIX.

[182] "O almoço sobre a relva" (francês).

[183] Aquele que tem necessidade incontrolável de ingerir bebida alcoólica.

[184] Ver nota 171, retro.

[185] Varinha de madeira, ouro ou marfim, para fazer vibrar as cordas da lira.

[186] **José Pereira da Graça Aranha** (São Luís/MA, 21.06.1868-Rio de Janeiro/RJ, 26.01.1931). Escritor e diplomata brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922, rompendo com a Academia em 1924 – que acusou de passadista, dotada de total imobilismo literário. Sua obra *Canaã* é um marco do chamado pré-modernismo, publicada em 1902, junto com a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

[187] A todo o transe; sem tréguas; até o fim.

[188] Ver nota no livro *Esparsos* (neste volume), no soneto "Ricardo da Cruz".

[189] Poeta romântico, trovador (inglês).

[190] A queixa de OM procedia. Na década de 1920 – muito antes da edição do *Poesias Completas: Terra Natal e Harmonias do Norte* (Natal, Imprensa Diocesana, 1927) –, foi procurado por Henrique Castriciano para revisar os versos do seu ídolo Itajubá. Não se sabe, detalhadamente, porque não conseguiu fazê-lo. OM atribuía o fato à interferência de Eloy de Souza. A

partir daí – em que pese a admiração pela obra de Eloy como estudioso, dos maiores, das coisas do sertão, nesse aspecto louvando-o sempre e sempre –, passou a, acidamente, criticá-lo nos campos político e jornalístico, responsabilizando-o muito mais, e com muita ironia, pelo que deixou de fazer por Itajubá, no Rio de Janeiro, "o *anopheles gambiae* da literatura... potiguar!" (Ver neste volume, adiante, *Velhas Cartas*).

[191] Maneira, jeito, modo; costume, hábito (francês).

[192] Gíria, calão (francês).

[193] Constituição; organização.

[194] Cesto de palha de carnaúba, com alça.

[195] Cascas que envolvem a inflorescência de diversas plantas; podem ser membranosas, como ocorre nas aráceas, ou lenhosas, como nas palmeiras.

[196] Ou Guajuru (*Chrysobalanus icaco*). Arbusto ou árvore de até 10 metros, da família das crisobalanáceas. Possui folhas variadas, flores em racemos, geralmente esbranquiçadas, e frutos comestíveis, especialmente quando postas em conservas. Também é conhecida pelos nomes de: ajuru, apioba, engmo (Angola), icaco, jingimo (Angola), mafua (Angola). Muito comum no litoral nordestino, junto às lagoas.

[197] Relativa a cinzas. Que contém os restos mortais de alguém.

[198] Que caminha lentamente.

[199] Enfraquecida, entibiada; enlanguescida.

[200] Livro de **Joseph Ernest Renan**. Ver nota em *Gérmen*, primeiro livro desta *Obra reunida*.

[201] "O livro do meu amigo", de Anatole France (**Jacques Anatole François Thibault**). Escritor francês, membro da Academia Francesa e Prêmio Nobel de Literatura (1921). Um dos fundadores da Liga dos Direitos do Homem.

[202] **Théodore de Banville** (Moulins/França, 14.03.1823-Paris/França, 13.03.1891). Poeta, dramaturgo e escritor, discípulo de Vitor Hugo.

[203] Que não foram resgatados; que não se libertaram.

[204] Provoca tédio, aborrecimento; enfastia.

[205] Referência a **Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo** (Lisboa/Portugal, 28.3.1810-Vale de Lobos, Santarém/Portugal, 18.9.1877).

Poeta, romancista, historiador e ensaísta português. Escreveu muitos livros, dentre eles, *Eurico, o Presbítero*, 1844 (romance), citado por OM.

[206] Religioso ou penitente que vive na solidão, em vida contemplativa; pessoa que vive afastada do convívio social; monge.

[207] **Augusto Frederico Schmidt** (Rio de Janeiro-RJ, 18.04.1906-Rio de Janeiro/RJ, 08.02.1965). Poeta carioca, da segunda geração do modernismo. Othoniel Menezes, nas cavaqueiras diárias com Esmeraldo Siqueira, ironicamente dizia que Schmidt era o "único poeta que havia dado certo" no Brasil de então: "Tinha deixado o integralismo, como editor havia publicado Gilberto Freire e Graciliano Ramos, escrevia discursos para o presidente Juscelino, e era podre de rico (dono da rede de supermercados DISCO)". Sempre "politicamente incorreto", algumas das suas idéias vieram a ser realizadas, como a criação da Operação Pan-Americana, iniciativa que iria inspirar a Aliança para o Progresso, criada pelos Estados Unidos na administração Kennedy. Foi delegado do Brasil na ONU e Embaixador na Comunidade Econômica Européia.

[208] **Álvaro de Barros Lins** (Caruaru/PE,14.12.1912-Rio de Janeiro/RJ, 14.06.1970). Advogado, jornalista, professor e crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

[209] **Georg Philipp Friedrich von Hardenberg** (Oberwiederstedt, Harz/Prússia, 02.05.1772 - Weibenfels/Aemanha, 25.03.1801). *Freiherr* (Barão) von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo **Novalis**, foi um dos mais importantes representantes do romantismo alemão de finais do século XVIII e o criador da Flor Azul, um dos símbolos mais duráveis do movimento romântico.

[210] **Conde Lev Nikolayevich Tolstoi** (1828-1910). Genial escritor russo, autor de *Guerra e Paz*.

[211] Vida das coisas (em latim).

[212] **Carma** (do sânscrito *karmam*; em pali, *Kamma*) significa ação. O termo tem uso religioso dentro das doutrinas budista, hinduísta e jainista. Foi posteriormente adotado também pela Teosofia, pelo Espiritismo e por um subgrupo significativo do movimento New Age.

[213] **Thomas Mann** (Lubeck/Alemanha, 06.06.1875-Zurique/Alemanha, 12.08.1955). Um dos maiores romancistas do século XX, detentor do

Prêmio Nobel de Literatura (1929).

[214] **Lotófagos**. São, na mitologia grega, membros de ma tribo existente numa ilha perto do Norte da África. O seu nome advém de se alimentarem da planta de lótus (das suas flores e frutos), existentes na ilha. As plantas são narcóticas, causando um sono pacífico aos habitantes da ilha.

[215] Gênesis 25:29-34. Jacó com um prato de lentilhas comprou a primogenitura de Esaú, seu irmão.

[216] Colheita de produtos agrícolas.

[217] Expressão latina: "pelo próprio fato", como resultado da evidência do fato, como sua conseqüência natural; ela é usualmente empregada, então, com o sentido de "por isso mesmo, conseqüentemente, por via de conseqüência, naturalmente".

[218] **Nessus**. Centauro da mitologia greco-romana. Após os 12 trabalhos, Hércules, que havia esposado Déjanire, teve de se exilar com ela, após um acidente grave. Durante a viagem, o centauro Nessus quis violar a jovem. Hércules matou-o com as suas flechas. Mas, agonizante, Nessus ofereceu a Dyanis um filtro de fidelidade que, na realidade, era um veneno. Dyanis derramou-o em cima da túnica de Hércules, ela pegou fogo e matou o herói. A túnica de Nessus representa, pois, várias coisas: presente envenenado, símbolo das paixões, constrangimento.

[219] Designação comum às ervas insetívoras do gênero *Drosera*, nativa das regiões úmidas da Austrália.

[220] **Lucrécia Bórgia** (Subiaco/Itália, 18.04.1480-Ferrara/Itália, 24.06.1519). Filha natural de Rodrigo Bórgia, importante personagem espanhol do Renascimento, que viria a se tornar o papa Alexandre VI. O irmão de Lucrécia foi o conhecido déspota César Bórgia. A família Bórgia acabou por representar na história a política maquiavélica e a corrupção sexual consideradas como características dos papados no período do Renascimento.

[221] Mariposa; bicho-da-seda.

[222] **Pobre Lélian**. Paul Verlaine, em 1884, escreveu o ensaio *Les poétes maudits,* sobre seis poetas, incluindo-se na obra com esse nome imaginário.

[223] O *Flos Sanctorum* "é considerado a mais fecunda e útil antologia moral em língua espanhola, comparável à Legenda Áurea, livro do século XIII, de autoria do dominicano Jacobus de Voragine. O livro de Alonso de Villegas

é composto de relatos sobre a Vida dos Santos, conforme o Breviário do Concílio, a Vida dos Santos do Velho Testamento, A Vida de Santos diversos com o de Varões Ilustres, Discursos sobre os Evangelhos de todo o ano e a Quinta parte, que aparece como integrante do volume intitulado *Fructus Sanctorus*, que é livro de exemplos, também de santos, com parte dedicada a Santa Maria, a mãe de Jesus. O *Flos Sanctorum* integrava a estante primitiva do Brasil, livros que eram trazidos de Portugal e da Espanha, cujos títulos ficaram conhecidos com a Visitação da Bahia (que incluía Sergipe), de 1592, confiada ao licenciado, capelão, fidalgo de sua majestade, do seu desembargo e visitador apostólico Heitor Furtado de Mendonça".

[224] São Francisco de Assis (Assis/Itália, 1181-1226). Nascido **Giovanni Bernardone**. Uma das maiores admirações do espiritualista OM.

[225] Com *Bonheur* (Paris, Léon Vanier, 1891), primeira edição de 1.650 exemplares), Paul Verlaine (1844-1896) completou a sua série de quatro volumes de poesia.

[226] **Ariel**. Anjo do dito primeiro escalão da hierarquia angelical; possuidor de dons apropriados à musica, escrita, e dinamismo com os ao seu redor. Peça chave na guerra angelical pois defenderia com sua "vida" seu posto – o terceiro, antes do Senhor.

[227] **Calibã**. Personagem, de William Shakespeare, em *A Tempestade*. Um escravo selvagem e deformado, tratado com desdém e alvo de chacotas. Segundo alguns críticos, um dos personagens mais complexos de Shakespeare, embora não lhe seja reservado nenhum papel relevante. Como coadjuvante, combina o todo e o tudo da obra, do autor e do mundo em geral.

[228] Causa excludente de culpabilidade; justificativa.

[229] **Christophe Plantin** (Saint Avertin, perto de Tours/França, 1514-Antuérpia/Bélgica, 1589). Impressor e poeta, sua obra-prima foi uma bíblia poliglota, cujo texto está distribuído em colunas paralelas em latim, grego, hebraico e caldeu. A oficina Plantin-Moretus existiu até o ano de 1867, altura em que foi vendida ao município de Antuérpia, onde foi instalado o famoso Museu Plantin-Moretus, talvez o mais completo museu gráfico do mundo.

[230] "Ter apenas uma mulher fiel calmamente" – quarto verso da primeira estrofe do soneto "A felicidade deste mundo" (*Le Bonheur de ce Monde*), escrito por Christophe Plantin**.**

[231] **Emile de Girardin** (1806-1881). Publicista e político francês, redator do jornal *La Presse,* o primeiro jornal político de sucesso comercial, graças à publicidade e aos anúncios. Antes da revolução de 1848, encontrava-se na oposição ao governo de Guizot; durante a revolução foi republicano burguês; deputado à Assembleia Legislativa (1850-1851), mais tarde foi bonapartista. Desprovido de convicções políticas, Girardin foi, antes de tudo, um homem de negócios astuto e pouco escrupuloso.

[232] **Humberto de Campos Veras** (Miritiba/MA, 25.10.1886-Rio de Janeiro/RJ, 05.12.1934) Jornalista, poeta, cronista, político e escritor. Tornou-se famoso sob o pseudônimo de Conselheiro XX. Quando adoeceu, mudou completamente seu estilo: de mordaz e cômico, transformou-se num arauto em defesa dos menos favorecidos, encontrando, nessa nova fase, consolo por parte dos mais pobres. Morreu cego, abandonado por parentes e amigos.

[233] Montanha, ao Sul da Grécia.

[234] **Beócia.** Região da antiga Grécia, ao Norte e Noroeste da Ática, a cujos habitantes os atenienses atribuíam características de indiferença à cultura, inteligência limitada, grosseria.

[235] **Dionéia.** *Dionaea muscipula* é uma planta carnívora que pega e digere presa animal (normalmente insetos e aracnídeos). A estrutura de captura é formada por dois lóbulos unidos pela base e presos na ponta de cada uma das folhas. A planta também é conhecida como Vênus papa-moscas, em alusão à deusa grega do amor e da fertilidade (inclusive vegetal).

[236] Interjeição que exprime queixa, dor, saudade, etc.

[237] **Mnemosina.** A deusa da Memória, na mitologia grega, em cujo poço até os mortos podiam recuperar as imagens do passado perdido. Foi também ela quem gerou (com Zeus) todas as nove musas a quem se deve a inspiração do saber e da arte.

[238] "Algumas crianças pobres" (francês).

[239] Sherazade. A narradora das *Mil e uma noites.*

[240] OM transcreve os dois últimos versos do segundo terceto (fecho, ou chave de ouro) do soneto *A Língua Portuguesa*, de Olavo Bilac.

[241] **Tiziano Vecellio** ou **Vecelli** (Pieve di Cadore/Itália, cerca de 1490-Veneza Itália, 27.08.1576). Um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento, antecipando diversas características

do Barroco e até do Modernismo. Conhecido como Tizian Vecellio De Gregorio, Ticiano, Titian ou ainda como Titien.

[242] **James Fenimore Cooper** (Burlington, New Jersey/Estados Unidos, 15.09.1789-Cooperstown, Nova Iorque, Estados Unidos, 14.09.1851). Escritor e crítico literário norte-americano. Vigoroso novelista que escreveu diversas histórias marítimas e romances históricos. Autor do consagrado *The Last of the Mohicans* (*O último dos moicanos*), que muitos consideram sua obra-prima.

[243] Airoso, elegante.

[244] Suave, doce, branda.

[245] Designação comum a dois passarinhos, um cerebídeo (*Dacnis cayana*) e outro traupídeo (*Tangara cayana flava*).

[246] "Goma" no sentido de fanfarrice, compadrada, prosa, quixotice, farra, boêmia.

[247] Várzea.

[248] Comédia curta, de duas ou três personagens.

[249] Elegante, sóbrio (estilo)

[250] Erguia-se, alteava-se.

[251] Valente, corajoso, altivo.

[252] Pontes feitas de um só pau, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços ou pantanosos.

[253] Ave praieira, lavandeira (*Motacilla alba*).

[254] **Teócrito**. Poeta grego de maior destaque no período helenístico (cerca de 310 a.C. - 250 a.C.). Nasceu em Siracusa e deve ter conhecido vários lugares da Magna Grécia, inclusive o Egito, o que se pode inferir de seus poemas. Seus versos revelam preocupação com a forma, mas, ao contrário de seus contemporâneos, a linguagem utilizada é simples (como a de Ferreira Itajubá), influenciando fortemente a poesia bucólica posterior, como a de Virgílio e a poesia ácade. Mas a poesia de Teócrito é natural e realista, ao contrário da poesia posterior, grandemente idealizada.

[255] Coligida, compilada.

[256] De baixo acima; inteiramente.

[257] **Henri Bremond** (Aix-en-Provence/França, 31.07.1865-Paris/França, 17.08.1933). Sacerdote (jesuíta), crítico literário, jornalista, escritor e

filósofo francês. Imortal da Academia Francesa. Como crítico, escreveu *A pura poesia* (1926) e *Oração e poesia,* (1927), obras nas quais tentou demonstrar a dimensão mística da poesia e sua analogia com alguma forma de oração.

[258] **Jacques Maritain** (Paris/França, 18.11.1882-Toulouse/França, 28.04.1973). Filósofo de orientação católica (tomista). Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã.

[259] "É o coração que faz os eloqüentes".

[260] Marcado pela firmeza, pela integridade; inatacável, incorruptível.

[261] *Les Nuits* (*Nuits de mai, d'août, d'octobre, de décembre*), em torno de temáticas relacionadas com o sofrimento amoroso, o amor e a inspiração. Estas poesias, muitos sentimentais, são hoje consideradas como as obras mais representativas do romantismo francês.

[262] "*Ah! Frappe-toi le coeur, c'est là qu'est le génie*" – "Golpeado até o coração, é aí que está o gênio! " – **Alfred de Musset** (Paris/França, 1810-Paris/França, 1857). Dramaturgo, poeta e novelista.*Premières Poésies (1838), A mon ami Edouard Boucher*.

[263] "**João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes** (1860-1934). Jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor, nasceu em Laranjeiras, província de Sergipe e faleceu no Rio de janeiro, onde fez carreira depois de cursar Medicina, sem concluir o curso, na Bahia. Por concurso público, trabalhou na Biblioteca Nacional e depois no renomado Colégio Pedro II, na cadeira de Português. Estudioso de Filologia, o que o levou a ter um papel decisivo nas reformas da própria língua nacional. Chegou a fazer estudos de pintura na Europa e a expor seus quadros, mas foi no jornalismo e na literatura que recebeu o reconhecimento por sua contribuição. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Obra poética: *Tenebrosa lux* (1881), *Dias de sol* (1884), *Avena e cítara* (1885) e *Versos* (1885) (Fonte: http://www.Antôniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/joao_ribeiro.html).

[264] **Anacreonte** (Teos, 563 a.C. - id., 478 a.C.). Poeta lírico grego. Conselheiro de Polícrates, tirano de Samos. Cantava às musas, a Dionísio e ao amor. Foi muito apreciado pelos contemporâneos, e seu estilo, posteriormente conhecido como "anacreôntico", muito imitado ao longo da antiguidade e do período bizantino, tendo nos chegado diversas odes anacreônticas.

[265] Referência a **Benvenuto Cellini** (Florença/Itália, 03.11.1500-Floren-

ça/Itália, 13.02.1571). Artista da Renascença, escultor, ourives e escritor italiano. Mostrando suas paixões, deleites, sua arte, bem como auto-elogios e extravagância, com a autobiografia que escreveu, criou um dos mais singulares e fascinantes livros jamais escrito, com passagens verídicas e outras fantasiosas, crimes e anjos, demônios, na mais importante autobiografia da Renascença.

[266] Ver nota em *Gérmen* – primeiro livro deste volume.

[267] Mateus, 12, versículo 8: "Porque o Filho do homem até do sábado é o Senhor."

[268] "Assembléia reunida em sessão" – Entre os antigos judeus, tribunal, em Jerusalém, formado por sacerdotes, anciãos e escribas, o qual julgava as questões criminais ou administrativas referentes a uma tribo ou a uma cidade, os crimes políticos importantes, etc.

[269] Mofada, retrógrada, ultrapassada, reacionária (francês).

[270] "Torre de Marfim", em latim. Ver nota ao poema "Relatividade", em *Canção da Montanha*, neste volume.

[271] **Luís Cipriano Coelho de Magalhães** (Lisboa/Portugal, 1859-1935). Poeta, romancista e político português de inspiração monárquica e nacionalista. Fundou, com Antônio Feijó, a *Revista Científica e Literária* (1880-1881).

[272] Nota retro, em *Sertão de espinho e de flor*.

[273] Valente, corajoso, denodado.

[274] Referência a **Hippolyte Bayard** (Breteuil-sur-Noye/França, 20.01.1801-Nemours/França, 14.05.1887). Pioneiro francês da fotografia

[275] Interesse por discussões frívolas ou insignificantes, sem resultado prático, como as questões tratadas pelos teólogos bizantinos; bizantinice.

[276] **Felisberto de Carvalho** (Niterói/RJ, 09.08.1850-Rio de Janeiro/RJ, 18.10.1898). Foi jornalista, músico, professor e autor de livros didáticos que deixaram marcas na memória nacional.

[277] **Autodidática**. Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, é também conhecida como autodidaticismo, é o ensino pela auto-educação ou autodirecionamento. "Um autodidata geralmente é uma pessoa que aprendeu algo sozinha, tipicamente um entusiasta de alguma área do conhecimento. Tal habilidade tem levado ao sucesso pessoas famosas e de certo prestígio." OM, assim como Ferreira Itajubá, não tinha "anel no dedo", era um

juramentado autodidata. Aqui e acolá, de quando em vez, dos pináculos acadêmicos da Jerimunlândia atual, como se, de considerável altitude, de luneta em punho, mirassem o rés dos tabuleiros, algumas sumidades pós graduadas (há honrosas exceções) pespegam-lhe, ironicamente – depois de examinarem dois ou três poemas do Poeta –, o adjetivo, para eles desconsagrador, calculam. Nessa linha, um par desses cosmonautas antologistas, não faz muito tempo, classificou Othoniel como "um rapaz esforçado", mas que sofria de grave defeito: defendia, nos escritos, na prosa, nos textos jornalísticos, "o amparo do Estado à cultura." Esqueceu, a impávida dupla, que a antologia que publicou foi patrocinada com recursos oficiais, decorrentes de renúncia fiscal de impostos devidos por empresas privadas. Na contracapa do volume, denunciador, luzente, muito bem bolado, o logotipo de uma conhecida marca de café…

[278] Precipitado, alinhavado, atamancado.

[279] **Gastão Simões da Fonseca**. Ou Gaston Simoes de Fonseca (Rio de Janeiro/RJ, 18.10.1874-Paris/França, 18.06.1943). Pintor, desenhista, restaurador, ilustrador e professor brasileiro, naturalizado francês, radicado em Paris onde exerceu importante cargo no museu do Louvre. Autor de certo *Nouveau Dictionnaire Français –portugaise*, ilustrado.

[280] Superfícies amplas, extensas.

[281] Trepadeira lenhosa (*Phaseolus panduratus*) da família das leguminosas.

[282] Qualidade, condição ou estado de apedeuto; nescidade, insciência, ignorância.

[283] Que merece desprezo; desprezível, desdenhável.

[284] Fungo da família das poliporáceas (*Polyporus sanguineus*); orelha-de-pau, pironga.

[285] **Endimião**. Na mitologia grega, um pastor ou caçador. Selene, a deusa que personificava a lua, apaixonou-se por ele e o visitava todas as noites, assim que ele adormecia numa caverna. Ela lhe deu 50 filhas, mas colocou-o para dormir eternamente de modo que somente assim ele lhe pertenceria para sempre.

[286] **Galeno** (129-200 d.C). Nasceu em Pérgamo quando esta era colônia romana e lá estudou Medicina. Foi médico de gladiadores e foi viver em Roma em 161, aonde veio a atingir uma posição conceituada, sendo nomeado médico do filho do imperador Marco Aurélio, Cômodo, que foi

igualmente imperador em 180. Galeno baseou-se na Medicina hipocrática para criar um sistema de patologia e terapêutica de grande complexidade e coerência interna.

[287] **Christian Friedrich Samuel Hahnemann** (Meissen/Saxônia, 1755-Paris/França, 1843). Fundou a Homeopatia em 1789. Publicou *O Organon da Arte de Curar* (inicialmente, *O Organon da Ciência Médica Racional*). Expôs sua teoria na frase em latim *similia similibus curentur* (semelhante cura semelhante) ou melhor ainda, doenças semelhantes curam doenças semelhantes, pois ele achava que determinadas substâncias causavam, quando tomadas, uma doença artificial no doente, que fazia o corpo curar a doença verdadeira, sendo este o princípio da similitude ou a Lei da Similitude, apresentada ao mundo em 1796. **José Bonifácio de Andrada e Silva** (1763-1838), o Patriarca da Independência, em 1818, correspondia-se com Hahnemann, interessado pela Homeopatia. Mais tarde, o francês Benois Jules Mure e o brasileiro Vicente Martins, em 1840, introduziram no Brasil a nova terapia.

[288] Medicamentos excitantes da secreção biliar.

[289] Cinco vezes a centesimal hahnemaniana: diluição de uma parte do medicamento para 99 partes de água/álcool ou só água, com as sucussões (ato ou efeito de sacudir; abalos, sacudidelas feitas a mão).

[290] **Vicente Augusto de Carvalho** (Santos/SP, 05.04.1866-São Paulo/SP, 22.04.1924). Advogado, jornalista, político, magistrado, poeta e contista brasileiro. Membro do movimento parnasianista, o seu grande tema era o mar, recebendo a alcunha de "Poeta do Mar".

[291] **Francisco José de Oliveira Viana** (Saquarema/RJ, 20.06.1883-Niterói/RJ, 28.03.1951). Professor, jurista, historiador e sociólogo brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. Foi um dos ideólogos da eugenia racial no Brasil. Combateu a vinda de imigrantes japoneses. Ficou notoriamente reconhecido pela autoria de frases como "os 200 milhões de hindus não valem o pequeno punhado de ingleses que os dominam" e "o japonês é como enxofre: insolúvel".

[292] Encíclicas (cartas circulares pontifícias), ditas "sociais": A *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII, e a *Quadragesimo Anno* (1931), de Pio XI. Em 1961, considerando a realidade do Terceiro Mundo (países subdesenvolvidos), incluindo o desequilíbrio entre nações ricas e pobres e as duras condições

dos trabalhadores nas sociedades não industrializadas, o inesquecível Papa João XXIII (Angelo Giuseppe (1881-1963), com nova encíclica – a *Mater et Magistra* – revisou o ensino social da *Rerum Novarum*, da *Quadragésimo Anno* e as posições sobre a propriedade particular de Pio XII. Descreveu as novas circunstâncias econômicas, sociais e políticas que tornavam necessária a nova encíclica.

[293] Pedacinhos; fragmentos; ninharias.

[294] Refere-se, OM, a **Eloy de Souza**; deputado federal e senador da República, da fina flor da oligarquia fundada por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

[295] B**aronesa De Staël-Holstein**, nascida **Anne Louise Germaine Necke**r (Paris/França, 22.04.1766- Paris/França, 14.07.1817). Escritora francesa que incorporou como poucas mulheres francesas o espírito do Iluminismo. O seu famoso salão literário reunia alguns dos grandes nomes da vida cultural e política parisiense, na França das vésperas da Revolução.

[296] O corpo humano, especialmente o tronco.

[297] Do, ou relativo ao dilúculo: Crepúsculo matutino; alvorada.

[298] Reuniões sigilosas de grupos facciosos; conluios, conciliábulos, aglomerações; agrupamentos agitados de pessoas.

[299] Do poema *Lembrança de Morrer*, de **Manuel Antônio Álvares de Azevedo** (São Paulo/SP, 12.10.1831- 25.04.1852). Morreu aos vinte anos de idade, vítima de tuberculose, deixando uma obra relativamente extensa, para quem viveu tão pouco.

[300] "Essa é a questão; (ou) essa é a pergunta"–William Shakespeare, em *Hamlet*.

[301] **Vautrin**. Personagem importante na Comédia Humana, de Honoré de Balzac (1799-1850). Corrutor, misterioso, de passado criminoso, aparece no romance *O Pai Goriot* como o cínico aconselhador do jovem Eugène de Rastignac. Referindo-se à sociedade parisiense, a certa altura, diz ao jovem estudante que "como não há cinqüenta bons lugares, vocês terão de devorar-se uns aos outros, como aranhas num frasco...".

[302] Vaso bojudo de barro, vidro, etc., de boca larga, usado para guardar doces, conservas, etc.

[303] O segundo par de apêndices dos aracnídeos com que estes sujeitam suas presas para nelas inserir as quelíceras (extremidades curvas com um ori-

fício por onde sai o veneno de glândula situada na base do apêndice).

[304] **Chardon, Sechard e D'Arthez**. Personagens de Balzac em *Ilusões Perdidas* (1843), volume fundamental da *Comédia Humana*, considerada "a obra capital dentro da obra" do grande romancista.

[305] Poeta da escola provençal do século XIX.

[306] **Moritz August von Thummel** (1738-1817). Poeta satírico, contista e advogado alemão. Sob influência de outro poeta germânico, Christoph Martin Wieland (1733-1813), escreveu 10 volumes de uma "Viagem Sentimental às Províncias da França nos anos 1785-1786". Foi elogiado por **Schiller** (1759-1803), importante poeta, dramaturgo e filósofo alemão.

[307] Qualidade de semelhante; comparação de coisas que tenham similitude entre si.

[308] **Antipatro de Sidon** (Século II a.C). Poeta e escritor grego, autor de epigramas, contemporâneo de Catulo e de Crasso. Escreveu, também, o epitáfio de Anacreonte e a ele é atribuída a primeira relação das sete (número mágico, entre os gregos) maravilhas do mundo. Morreu muito velho. Foi mencionado por Cícero.

[309] **Ílion**. Um dos nomes de Tróia. O nome da *Ilíada*, o poema de Homero, é derivado dessa palavra, a forma portuguesa do grego "Iliás", vindo pelo latim da Ásia Menor. Divide-se a obra em 24 cantos, contendo 15.000 versos hexâmetros. Apesar de seu argumento ser extraído da famosa guerra troiana, não a narra por completo.

[310] Trocar entre si (tratando-se de mais de um indivíduo ou coisa, ou de coletividades); permutar, reciprocar.

[311] "Vendendo nosso direito de progenitura por um prato de coisas" (Ver Gênesis 25:29-34: "Jacó com um prato de lentilhas comprou a primogenitura de Esaú, seu irmão.").

[312] **Henrik Johan Ibsen** (Skien/Noruega, 20.03.1828-Kristiania/Noruega, 23.05.1906). Teatrólogo nórdico, considerado um dos criadores do teatro realista moderno.

[313] Caderneta, registro de lembranças, diário.

[314] "Nada me obriga a escrever um livro/mas a razão me obriga a viver" – **Jean de la Fontaine** (Chateau-Thierry/França 08.07.1621 - Paris, 13/04/1695). Poeta e fabulista francês.

[315] "Luta pela vida".

[316] Versos do poema "Monólogo de uma Sombra", do *Eu e outras poesias*.

[317] "Corações ao alto!", expressão latina. Ver nota ao poema "Estâncias", em *Jardim tropical*, neste volume.

[318] **Céline Emilie Seurre**, condessa de Ségur (Paris/França, 07.09.1873-Trouville-sur-Mer, Calvados/França, 03.09.1966). Com o nome artístico de Cécile Sorel foi atriz famosa e uma das mulheres mais bonitas da França, uma celebridade mundial. Legendária, apresentou-se no Rio e no Teatro Municipal de São Paulo, aos 65 anos de idade, com sua grande companhia de comédias.

[319] "A Decadência da Mentira". Ensaio de Oscar Wilde, publicado em 1891.

[320] **George Bryan Brummel** (Londres/Inglaterra, 1778-1840). Fidalgo inglês, representava o supra-sumo, a quinta-essência da elegância masculina. Foi o máximo expoente do dandismo. Gastou tanto com roupas, adereços e penduricalhos que morreu pobre.

[321] **Bernardim Ribeiro** (Torrão/Portugal, 1482? - 1552?). Poeta e escritor renascentista. Pertenceu à roda dos poetas palacianos, juntamente com Sá de Miranda, Gil Vicente e outros. Teria freqüentado a corte de Lisboa, colaborando no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende.

[322] **Péricles de Andrade Maranhão** (Recife/PE, 14.08.1924-Rio de Janeiro/RJ, 31.12.1961). Desenhista e humorista brasileiro de grande sucesso nos anos 1940 e 1950. Em outubro de 1943, a revista *O Cruzeiro* começou a publicar os cartuns do Amigo da Onça, que se transformaria, durante dezessete anos, num dos personagens mais populares do país. Alcoólatra, atormentado, solitário, Péricles suicidou-se, num final de ano, abrindo a torneira do gás, num apartamento de Copacabana. Antes do ato extremo, afixou na porta um cartaz no qual se lia: "Não risquem fósforos".

[323] **Guy du Faur** (1529-1584). Senhor de Pribac, jurista, diplomata e poeta francês.

[324] "Quadras Moralistas".

[325] "Os amigos da hora presente são como os melões: para encontrar um bom, há que se experimentar cinqüenta" (Pribac). Quadra semelhante é atribuída a outro poeta francês do mesmo século, Claude Mermet, nascido em 1550, com ligeira variação: "Amigos são como melões; devo te

dizer porque? Para encontrar um bom você precisa provar cem."

[326] **Absinto.** Sentimento de tristeza; amargura (sentido figurado).

[327] OM, ao que tudo indica, "segurou" as acusações ao "Doutor Eloy" até a morte de Henrique Castriciano (26 de julho de 1947) – irmão do político e amigo fraterno, manso, bom, superior, seu sereno "Mestre" enquanto viveu. Eloy de Souza, por sua vez, aparentemente, não deu atenção, não reagiu, pelo menos de pronto – ver-se-á, adiante –, aos ataques, publicados nos dois últimos capítulos do ensaio, quinzenalmente, em 1948. Preferiu ignorá-los para não polemizar. Ou, matreiramente, aceitou a carapuça. Por outro lado, não foi possível precisar as datas, no jornal *O Democrata*. Não encontrou este anotador a coleção do jornal, apesar dos esforços. Em 27 de outubro do ano citado (1948), uma carta de Eloy a Adauto Câmara (*Uma Viagem Pelo Arquivo Epistolar de Adauto da Câmara*, Raimundo Soares de Brito, 2ª. Edição, 2001 – Coleção Mossoroense) dá notícia sobre versos, manuscritos, de Henrique Castriciano – certamente a pedido do próprio, antes de morrer –, confiados "a Othoniel Menezes, a quem entreguei uma lente para facilitar a tarefa", revelando que "todo o trabalho já está quase feito e uma parte já está datilografada". Adiante, aludia, ainda, o festejado autor do *Calvário das Secas,* à "letra miudinha e trêmula que deu trabalho ao poeta Othoniel Menezes". Antes, ou depois, das verrinas othonielianas? As diferenças entre "Doutor Eloy" e o poeta da "Praieira" não se cingiam apenas ao "caso Itajubá". Filho de republicano, João Felismino de Melo – correligionário e amigo de Pedro Velho, representante da oligarquia no Seridó, administrador de Mesas de Rendas, delegado de Polícia, chefe político, casado com uma prima legítima de José Augusto, compadre de Juvenal Lamartine e amigo do próprio Eloy – Othoniel Menezes, à exceção de Alberto Maranhão, como jornalista e sem levar em conta todas essas ligações, sempre combateu, duramente, o clã de Pedro Velho e seus representantes. Depois da Revolução de 1930, cafeísta ("péla-bucho"), continuou a fustigar os grupos remanescentes, os "decaídos", os "perrepistas" – e Eloy de Souza era um desses, de carteirinha. A verdade é que, apesar de todos esses pesares, os dois "contendores", em tempo algum se intrigaram, definitivamente. Cumprimentavam-se educadamente, respeitosamente, quando se encontravam. Mesmo depois de Eloy ir à forra, solenemente. A história era contada como estória, e narrada sob boa dose de risadas, inclusive as do próprio Othoniel. Presidente da Caixa Econômica no Rio Grande do Norte, cargo equivalente,

hoje, a superintendente regional do banco estatal, um belo dia, por insistência de Esmeraldo Siqueira, que já havia obtido plenísimo sucesso num empréstimo, "Doutor Eloy", recebe a dupla de poetas. Depois das amenidades, do animado bate-papo sobre literatura, recordações mil sobre Henrique Castriciano, Othoniel, desconfiado, pleiteou o papagaio, para a devida e competente consignação em folha. Foi um desastre: o velho perrepista Eloy, mandando servir o cafezinho de praxe, negou, sumariamente, os poucos cruzeiros almejados e, de lambuja, sereno, sentenciou: "Nada posso fazer, poeta Othoniel. Lembre-se de que, para Vossa Mercê, sou um mosquito africano, um mero *anopheles gambiae* da literatura… potiguar!". E nada mais disse, nem nada mais lhe foi perguntado (Ver, adiante, nota em *Velhas cartas*).

[328] OM, pela idade, não logrou interagir com Itajubá. Era, este, 19 (ou 20) anos mais velho. No entanto, conhecia-lhe as agruras, o que lhe acontecera no Rio de Janeiro, pois foi amigo de dezenas de companheiros, de íntimos do poeta de *Branca*. E havia conhecido, pessoalmente, de longe, seu ídolo Manoel Virgílio Ferreira. Em textos inéditos que produziu para este ensaio – preciosidades hoje em poder do autor destas notas, que não sabe porque seu pai não os publicou –, um desses revela a juvenil admiração que tinha pelo cantor da "Barcarola". Em 1908 (ou 1909), aos 13 ou 14 anos de idade: "[…] durante uma passeata de operários da Great Western em greve [escreveu OM], vimo-lo, ovacionado freneticamente, assomar a uma das janelas do sobrado da Estação, transfigurado, a fronte escantoada [que tem os ossos muito salientes; ossuda], formosíssima, iluminada pelos divinos eflúvios do gênio, aqui e ali engasgado pelo escachoar dos vocábulos, bradando para a praça onde o povo fervilhava […]". OM sabia, por exemplo, que muitos anos depois da morte do vate, existia no Bairro Anchieta, logradouro da comunidade operária das Rocas, uma célula de estivadores do PCB, antigos companheiros, com o nome de "Ferreira Itajubá". Na sede do núcleo comunista – enquanto esteve na legalidade o partido do senador Carlos Prestes, o retrato do tribuno fundador da Liga Operária Norte-Rio-Grandense ali estivera, ao lado das grandes figuras representativas do credo marxista. Nessas anotações inéditas, OM revela, também, outro fato importante sobre Ferreira Itajubá no Rio de Janeiro: Henrique Castriciano lhe contara que o poeta, num encontro, "confessou achar-se em preparativos e entendimentos, junto a um certo prócer em oposição ao situacionismo pedrovelhista, para vir fundar um jornal de

combate, e derrubar a oligarquia.".

[329] Infâmias, opróbrios, ignomínias; torturas, tormentos, flagelos.

[330] Gargantas, goelas.

[331] Ver nota no *Sertão de espinho e de flor*, neste volume.

[332] **Alceste, Felinte e Oronte**. Personagens de Molière, na peça *O Misantropo*. Alceste é, na obra, um homem revoltado com a sociedade hipócrita e tortuosamente simples em que se insere.

[333] **Eloy Castriciano de Souza**. Deputado federal de 1895 a 1914. Ver Notas ao Canto 15, do *Sertão de espinho e de flor*.

[334] Que ou os que são da mesma província que outros.

[335] Homem bom e de palavra; forte, grande, bruto.

[336] Polpudas, vultosas, consideráveis, fartas.

Luís da Câmara Cascudo:
estilista*

* Texto publicado em *Luis da Câmara Cascudo – Depoimentos – Homenagem dos seus amigos, em abril de 1*947, pelo Centro de Imprensa Ltd, em Natal.

Apesar de toda a nossa simpatia pelos autênticos valores "modernistas", não podemos voltar as costas por completo ao passado, pois ele teima em manifestar-se em muitas das mais substanciais aquisições e exteriorizações da nossa personalidade.

E não deve ser, a literatura, como tão bem a define o moderníssimo escritor de *Jornal de Crítica*,[1] "uma atividade a que se deve consagrar toda uma existência, vendo-a como uma realização do espírito, capaz de exprimir a fisionomia dos homens e o caráter das sociedades; capaz de ser a imagem, a representação e a alma de uma nacionalidade, pela sua natureza ao mesmo tempo psicológica e sociológica"?

Como executar honestamente e satisfatoriamente essa tarefa, vestido e calçado de asbesto,[2] no bojo devorador da subversão artística, isolado da eletricidade terrestre, matando de contenção, no esforço da exegese, aos que têm o direito de esperar alimento fácil e sadio para o espírito?

Há, irrecusavelmente, paladares e sensibilidades que afinam à maravilha pela nova estética. A harmonia dos mundos – e do nosso mundo, também – se processa por miríades de desarmonias, de contrastes, de dissociações, de metamorfoses, em todas as manifestações, tanto as físicas quanto as anímicas, e isto é que faz a transcendência e a grandeza da vida, nos seus dois planos ponderáveis à nossa modesta percepção humana.

Devemos esperar alguma coisa, relativa aos nossos vivazes anseios de sabedoria e de paz, desse rumoroso canjirão[3] de alquimistas da modernidade, agora alvoroçados em busca de fórmulas novíssimas já em plena equação no invencionismo, movimento que vem da Argentina, noticiado no Brasil por Carlos Drummond de Andrade (página literária do *Jornal do Comércio*, do Recife, de 8 deste mês).

Já não convém considerar, depois de *Macunaíma* e *História da Música*,[4] e tão auspiciosamente, a contribuição de um Manuel Ban-

deira, de um Jorge de Lima[5] (com *Essa negra Fulô*), do poeta de *Rosa do Povo?*[6]

Prescindindo, preliminarmente, da consideração de "estilo", que, a rigor, não existe na obra de qualquer desses corifeus,[7] ela constitui, não há negar, persuasivo convite a esperanças otimistas, da parte de nós outros, devotos de Flaubert,[8] de France,[9] de Baudelaire[10] (tão citado pelo Sr. Álvaro Lins), de Eça de Queiroz,[11] retardatários que ainda nos preocupamos com a cor, com a música, com a alma, com a magia que é a substância sobrenatural das palavras *Le mot createur...* (*C'etait a Mégare, au mois du Nizam, dans les jardins d'Amilcar...*).

Ensina-nos, de resto, a História que, ao final das contas, antigos e modernos nos encontraremos, distribuído a cada qual, acima de métodos, fórmulas, doutrinas, escolas, partidos, de galardão intelectualmente reservado, pela posteridade – e é esta quem diz a última palavra – a quem quer que trabalhe com sinceridade e com fé, para construir aquele mundo, a que se referia D'Annunzio,[12] "perpetuamente a crescer em força e beleza, dádiva dos que receberam do destino a generosa tarefa de pensar."

Sustentar sua posição, enquanto na consciência de que somente ela corresponde ao seu conceito individual dessa tarefa, eis a única atitude digna do que razoavelmente se permite presumir de "caniço pensante"[13]. Nesta tese, cremos que esteja simpaticamente explicada e justificada a ação "modernista". E a nossa, aliás.

Confirmamos, assim, bem ou mal, dentro do plano literário em que luta, sonha e constrói a nossa geração, da qual é radioso expoente Luis da Câmara Cascudo. Este, persistiu galhardamente fiel às inspirações da sua formação artística, um largo, profundo e cordial ecletismo literário, sem vigílias sobre Antônio Albalat,[14] patacoadas[15] de Camilo,[16] casmurrices de Cândido de Figueiredo.[17] Um doce, sorridente, meio desencantado humanismo, através de

escritores e poetas franceses – o feiticeiro de *L'ile des Pingouins*,[18] todos os livros de Flaubert, o Verlaine, de *Sagesse*;[19] através de Ramalho[20] e Eça (este, sobretudo). Intermináveis tertúlias, das quais tivemos a honra de participar muitas vezes, naquele histórico e inesquecido casarão do Tirol, entre garfadas olímpicas no bacalhau à portuguesa e berros de apoio ou controvérsias a conceitos de Fradique,[21] de João da Ega,[22] de Carlos da Maia;[23] *A Relíqua* e *O Mandarim*[24] lidos de um fôlego, três, quatro horas a fio, revezando-nos, os dois, naquele amoroso, consciencioso deletrear[25] do "pobre homem da Póvoa de Varzim".

Dispersou-nos, logo depois, miseravelmente, esta vida miserável, que arrasta aqui, no Trampolim da Vitória, todos os que continuamos a fazer de Rocinante o único meio de transporte, quando anda tudo tão apressado, sem nenhum daqueles transcendentais motivos que justificavam, no Cavaleiro da Triste Figura, o sangue e o suor derramados na lide…

Deixamo-lo com aqueles adoráveis companheiros de suas vigílias desse tempo, e não sabemos de outros, que tão salutarmente lhe hajam vincado o estilo. A não ser que a leitura em inglês, idioma cujo domínio adquiriu muito depois desses anos de nossa convivência, e que lhe tem permitido familiarizar-se amplamente com a moderna literatura norte-americana, haja modificado, no seu estilo, aquelas primeiras influências, tão sensíveis, quando é o cronista, o maravilhoso cronista, que aparece, na sua famosa coluna da *Acta Diurna*.[26] Modificação, prossigamos com franqueza, que não poderia ter deixado de vulnerar, a fundo, a beleza peculiar à esplêndida *manière*[27] revelada por esse poderoso evocador, esse vitalizador sutil, colorista rembrandtesco,[28] animando quadros a pulular de luz e cambiantes gentilíssimos, Aladim na câmara de cinzas da História, da lama canalha da anedota trazendo cerâmicas de Tânagra[29] e orquídeas imaculadas; fazendo justiça aos heróis,

deixando em paz a soberba aos tolos, descobrindo bondade nos homens, a verdade perdida nos labirintos da lenda…

De resto, nessa agoniada tentativa de interpretação, em luta com o demônio da síntese, sem um livro do extraordinário prosador para compulsar, violando, brutalmente, a determinação do espaço que nos foi reservado, urge nos desinteressar do estilo do historiador, que se encontra ainda em plena beleza, *selon*[30] Eça de Queiroz, em muitas de suas páginas nessa atividade literária; mas, sobre o qual, bem se vê, não nos poderíamos demorar. Receamos, a propósito, não esteja o grande escritor a esta altura, quando se deu à faina sobre-humana de escrever um *Dicionário de Folclore,* inclinado a achar razoável, para contar História ou estórias, o estilo da nova escola do Recife. Como se fosse indispensável, para servir-se à Democracia, que é o tema da moda, descoser de tal maneira o estilo, que nada esteja valendo, para condigna defesa dos postulados, pelos quais morreram Garcia Lorca, Quintino, Euclides, o próprio Pompéia, José Américo…

Exaltemos, no autor de *Joio*, de *Alma Patrícia*, no ourives flaubertiano e humaníssimo de *Acta Diurna* – a parte de sua vigorosa obra que mais decisivamente lhe caracteriza o tônus artístico –, a glória de oferecer, passo a passo, na cunhagem da sua límpida moeda, paralelo com a do grão-senhor do cinzel,[31] desencarnado há meio século, entre um raio de sol matinal e o perfume das tílias de Paris, e cujo impávido monóculo ainda chispeia[32] de todas as páginas que filigranou, no ouro mais extreme – um guapo, irônico, eugênico triunfador, no meio da modernidade alvoroçada com a magnífica presença do indestronável *revenant*,[33] rindo dessa procura pânica do inacessível absoluto das fórmulas, no imponderável do tempo e do espaço…

E rematemos com um cotejo bem intuitivo, quase estatístico, em dois excertos colhidos ao acaso:

> A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecimento de folhagem, Do lado do mar subia uma maravilhosa cor de ouro polido, que ia no alto diluir o azul, dava-lhe um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce, e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Todos os rumores formavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contorno se movia, como na imobilidade de um êxtase. E as casas, voltadas para o poente…

Este é o velho Eça.

Com o mesmo número de palavras, escreveu Câmara Cascudo, *sur les genoux*.[34] de uma prosaica viagem ao sertão:

> […] O olhar se espraia, intérmino, naquele cenário verde-lodo, pesado e morno de fecundidade. O companheiro fazia parar o auto, empolgado com a paisagem absorvente. Até os claros horizontes distantes, denso, maciço, compacto, agitando as palmas hirtas, como leques de cerimônia oriental, surdeava[35] o mar montante dos carnaubais. A aragem fria da chapada descia, silvando, para o cadinho ardente, onde uma população álacre e viva se fixara, para existir com a vida daquelas árvores ásperas e lindas.

Isto é Arte, e assim se constroem as obras eternas.

Notas

[1] Referência a **Álvaro de Barros Lins** (Caruaru/PE, 14.12.1912-Rio de Janeiro/RJ, 04.06.1970). Advogado, jornalista, professor e crítico literário, membro da Academia Brasileira de Letras. O seu *Jornal de Crítica* foi publicado numa série de 7 volumes, de 1941 a 1963.

[2] Amianto, material resistente ao fogo, refratário.

[3] Jarro de boca larga, em geral para vinho; coisa grande e desajeitada

[4] Livros de Mário de Andrade, publicados, respectivamente, em 1928 e 1929.

[5] **Jorge Mateus de Lima** (União dos Palmares/AL, 23.04.1893-Rio de Janeiro/RJ, 15.11.1953). Poeta, médico, romancista, biógrafo, político, ensaísta, tradutor e pintor. Segundo a crítica, seu melhor livro foi *A Invenção de Orfeu* (poesia). Entre 1937 e 1945 teve sua candidatura à Academia Brasileira de Letras recusada por seis vezes. Para o imortal Ivan Junqueira, "a Academia cometeu uma imperdoável injustiça com o autor, cujo trabalho literário foi excepcionalmente bem recebido pela crítica e pelo público."

[6] O mais extenso e variado dos livros (55 poemas, alguns longos) de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Escrito nos anos sombrios da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial foi publicado em 1941. "Livro difícil"– disseram os críticos –, é, ainda, um dos mais discutidos e apreciados da poesia moderna brasileira.

[7] Mestre do coro, na tragédia e comédia antigas, o qual exercia a função de principal representante do povo e de intermediário entre os coreutas *(*na Grécia antiga, cada um dos membros do coro do teatro grego; corista)e as personagens principais; indivíduo que ocupa o primeiro lugar ou que se destaca dos demais em uma arte, profissão, categoria, etc.

[8] **Gustave Flaubert** (Ruen/França, 12.12.1821-Croisset/França. 08.05.1880). Um dos maiores escritores ocidentais. A obra mais famosa, de Flaubert é *Madame Bovary*, que provocou um processo por "obra execrável sob o ponto de vista moral". O processo terminou finalmente com a absolvição do autor em 7 de fevereiro de 1857. Em 1866, recebeu a Legião de Honra do governo francês.

[9] **Anatole France**. Ver no ensaio sobre Ferreira Itajubá.

[10] **Charles-Pierre Baudelaire**. Ver no ensaio sobre Ferreira Itajubá.

[11] **José Maria de Eça de Queiroz** [ou Queirós] (Póvoa de Varzim/Portugal, 25.11.1845-Paris/França-FR, 16/08/1900) Considerado o melhor escritor realista português do século XIX. Foi autor, entre outros romances de importância reconhecida, de *Os Maias* e *O crime do Padre Amaro*. Viveu anos na Inglaterra, como diplomata.

[12] **Gabriele d'Annunzio** (Pescara/Itália, 12.03.1863-Gardone Riviera/Itália, 01.03.1938). Grande poeta e dramaturgo italiano, símbolo do decadentismo. Herói de guerra, foi piloto de caça aliado na Primeira Guerra Mundial e ferido em combate. Teve uma excêntrica carreira política, sendo considerado um precursor dos ideais e técnicas do fascismo italiano. Benito Mussolini aprendeu e imitou de D'Annunzio: seu método de governo em Fiume, a economia do estado corporativo, grandes e emotivos rituais nacionalistas, a saudação romana, seguidores devotados com camisas negras, respostas brutais e uma forte repressão contra a dissidência. Embora tenha tido uma forte influência na ideologia de Benito Mussolini, nunca se envolveu diretamente com a política do governo fascista na Itália.

[13] "O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso. Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não podemos preencher. Trabalhemos, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral. Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais, possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco" (**Blaise Pascal**, Clermont-Ferrand/França, 19.06.1623-Paris/França, 19.07.1662 – filósofo religioso, físico e matemático francês. Criou uma das afirmações mais pronunciadas pela humanidade nos séculos posteriores: "O coração tem razões que a própria razão desconhece").

[14] **Antônio (Antoine) Albalat** (Brignales/França, 1856 - ?). Romancista, crítico literário e jornalista francês. Autor do livro *A arte de escrever em 20*

lições (1899), publicado na França, Portugal e Alemanha, depois no Brasil. Dizia o editor, na apresentação: "O livro sugere com inteligência, os princípios básicos: como usar a própria fantasia, evitar a banalidade, ser si mesmo e permitir ao leitor melhorar notavelmente sua capacidade de expressão. Não é um livro de gramática e nem prescreve regras sintáticas. Simplesmente o Autor acha que uma pessoa consegue falar, da mesma forma que consegue escrever. Afinal, escrever ou falar, o que muda verdadeiramente é somente a maneira da comunicação".

[15] Dito ou ação ilógica; disparate, tolice.

[16] **Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco** (Lisboa/Portugal, 16.03.1825-São Miguel de Seide/Portugal, 01.06.1890). Romancista português, além de cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. Teve vida atribulada que lhe serviu muitas vezes de inspiração para as suas novelas. Foi o primeiro escritor de língua portuguesa a viver exclusivamente dos seus escritos literários.

[17] **Antônio Cândido de Figueiredo** (Lobão da Beira, Tondela/Portugal, 19.09.1846-Lisboa, 16.09.1925). Filólogo, jornalista, poeta, advogado, escritor, servidor público. Autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, originalmente publicado em 1899. Destacou-se como lexicólogo e lingüista, tendo feito parte da comissão que foi encarregada em 1891 de fixar as bases da ortografia da língua portuguesa. Sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

[18] Livro de **Anatole France**, *A ilha dos pinguins*, publicado em 1908.

[19] *Sagesse* (1880) Livro de **Paul Verlaine**. A palavra pode ser traduzida como: inteligência; compreensão; conhecimento; bom senso; fala inteligente.

[20] **José Duarte Ramalho Ortigão** (Porto/Portugal, 24.10.1836-Lisboa-Portugal, 27.09.1915). Escritor, professor e jornalista português. Escreveu em parceria com Eça de Queiroz, de quem foi mestre, *O mistério da estrada de Sintra* (1870) e os folhetos *As Farpas* (1871), reunidos depois com o título de *Uma campanha alegre*. Quando ainda morava no Porto, onde nasceu, envolveu-se na Questão Coimbrã com o folheto *Literatura de Hoje*, acabando por enfrentar Antero de Quental num duelo de espadas, saindo ferido no combate.

[21] **Fradique Mendes**. Poeta fictício, exótico personagem, culto, viajado, aventureiro, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Personagem inventado pelo grupo Cenáculo (notavelmente por Eça de

Queirós e Ramalho Ortigão), um poeta satânico à maneira de Baudelaire. O grupo produziu um livro chamado *Poemas do Macadame*.

[22] Ver nota no ensaio sobre Ferreira Itajubá.

[23] **Carlos da Maia**. É um dos personagens principais do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós. Amante da ciência e das mulheres.

[24] Dois dos livros de Eça de Queiroz. *A relíquia*, publicado em 1887, é o mais irreverente do grande mestre. Trata-se de uma crítica e uma sátira hilariante do catolicismo em Portugal. *O mandarim,* de 1880, é uma novela fantástica, em cujo enredo tem participação decisiva uma figura declaradamente romântica: o diabo.

[25] Ler letra por letra; soletrar.

[26] Vide nota no Canto 8, do "Sertão de Espinho e de Flor".

[27] Maneira, jeito, modo; costume, hábito.

[28] Relativo a **Rembrandt (Harmenszoon van Rijn**), influente artista holandês do século XVII (1606-1669), ou o que é próprio do seu estilo; relativo à obra de Rembrandt ou que a evoca.

[29] Durante escavações arqueológicas em uma cidade da Grécia antiga chamada Tânagra, foram encontradas estatuetas de cerâmica policromada, datadas do século IV a.C., reproduzindo corpos femininos com extrema delicadeza, perfeição e elegância. A elas foi dado o nome da cidade onde foram descobertas e se eternizaram como símbolo da perfeição humana nelas encontradas.

[30] "De acordo com" (em francês)

[31] **Grão-senhor do cinzel**. Alusão a Eça de Queiroz

[32] Faísca, lampeja, brilha, cintila.

[33] Espectro, aparição; pessoa que retorna após longa ausência; fantasma (francês e inglês).

[34] Sobre os joelhos, em cima dos joelhos (francês).

[35] Emitia sons surdos; sussurrava, cochichava.

Velhas cartas[1]

[1929-1939]

Pesqueira[2], 10.4.1929.

Meu caro poeta Esmeraldo.

Abraços.

Cheguei em paz. Estimo que esteja você já livre. Deixei aí meu velho álbum; guarde-o, por favor, até que haja oportunidade boa para mandar buscá-lo.

Aqui, recebi uma carta de Maria, dizendo que, desde o dia da minha partida, Terezinha não dorme, não se alimenta, ultimamente adoeceu. Por uma dessas noites, insone, perguntou: "Mamãe, porque Tanel não levou a filhinha dele?". E, ouvindo lá fora a chuva, acrescentou: "Tanel, quando voltar, vem todo molhado!".

Imagine você, meu caro, em que estado de nervos me deixam essas notícias. Escrevi a Maria, proibindo-as.

Relativamente à minha situação aqui, parece que são promissores os prognósticos. O chefão da terra, proprietário da celebérrima fábrica de goiabada,[3] já amigo de Menezes, garantiu a este que me arranjaria bem na Prefeitura. Comunicar-te-ei qualquer novidade neste particular.

Terá ficado o Alfredo satisfeito com o pagamento?

Incluo no teu envelope um recado para Enock,[4] a cujas mãos, te peço, faça chegar: é um "aviso"[5] para Natal.

Lembranças a Adauto[6] e ao excelente Machado.

Abraços de

Othoniel Menezes.

Natal, 7.5.1930.

Recebi duas cartas tuas, a última pessoalmente, de Dario.[7] Conforme verás, dei cumprimento às tuas ordens. Entreguei ao próprio Aderbal[8] o teu soneto ALMA SONORA, que sairá nestes dias, sem a dedicatória, circunstância que Aderbal me explica ser praxe do responsável pela seção VIDA SOCIAL. Sistematicamente, por esse motivo, tem sido forçado a recusar outras dedicatórias. Com a mais sincera simpatia pelo teu talento (o que é verdade, segundo aquela carta que te mostrei sobre a não publicação de MESSALINA), lamentava não poder aceitar de público o teu oferecimento, que intimamente agradece. São coisas desses semideuses da nossa imprensa. *Cela va sans dire*...[9] O Cirano[10] escreveu uma rápida, mas expressiva crônica em torno do teu soneto DOR. Parece-me que ele apreendeu o sentido psicológico da tua individualidade literária, filiando-te ao mistagogo[11] imenso do EU e ao Jesus amargo e agnóstico que se chamou Antero de Quental.

***

Há dias, desde fins do mês passado, estou trabalhando em A REPÚBLICA como auxiliar de redação (é um eufemismo, que, pelo menos, me chega para consolo do que, na realidade, devo ser aqui), com a gratificação de duzentos mil reis mensais.

No último sábado, por ocasião do pagamento geral, o gerente me entregou 120$000, descontando apenas os 80$000 que "ganhara" por meio das crônicas (?). Fiquei pasmado... mas lá em casa foi um "tatu subiu no pau"! Terezinha a me exigir (textualmente): uma bolsa, um chapéu, um sapato cor de besouro, um anel, uma pulseira, uma sombrinha, um vestido... Santo Deus! Pobre filhi-

nha! No domingo, fui em pessoa fazer uma feira formidável, escandalosa, e que me entrou em casa num cesto, um autêntico cesto atopetado de carne seca, ossada, tripa, toucinho, feijão, batata, – uma tragédia!

Conseqüentemente, tenho peidado mais que de costume, com risadagem para Terezinha e Washington,[12] e consumo de chá de louro, erva-doce, casca de laranja e similares…

Estou de botas novas!

Adeus. Manda-me os sonetos e deixa o marfim correr.[13]

Velho amigo dedicado e grato,

Othoniel Menezes

Natal, 22.5.1930.

Devo-te resposta a duas cartas. Aqui me tens. Sairá por esses dias o teu artigo, comprometendo-me eu a o enviar-te sob registro. Há de ser colocado em lugar de destaque, conforme mereces. A fim de facilitar-lhe a composição, vou passá-lo a máquina: temos uma nova e boa na gerência.

Aderbal e Cirano cientes do que lhes mandaste dizer.

Contas aqui a admiração sincera e natural de todos.

Espero continues a enviar colaboração em prosa ou verso, a teu juízo.

Continuo a vir diariamente à minha banca, mais pelo café e pela prosa. Diz Dostoievski, o Dante moderno, nas suas terríveis e divinas *Recordações da Casa dos Mortos*, a páginas tantas, que o homem "é o animal que se adapta": – definição digna da experiência formidável do gênio e na qual me louvo, esperando confiantemente me seja dado rivalizar, daqui a pouco tempo, com os turiferários,[14] com os zangãos mais famosos deste bem-aventurado cortiço de... "superioridades..." E assuntando se me duplicam a migalha!

Só isso, Ah! e se não fora Terezinha!

Adeus. Coragem, meu poeta. Pode ser que ainda tenhamos dinheiro!...

Aqui fica, estimando-te e admirando-te muito afetuosamente.

Othoniel Menezes

Natal, 17.9.1930.

Meu grande poeta:

Coragem!

(Grito-te isso, porque é precisamente o que me falta).

Deves levar à conta da vida danada que levo – cada dia pior – o meu silêncio.

Há dias – há uns dois dias – estive com Cirano, que me mostrou uma carta tua, datada de 10, reclamando a publicação do artigo que deixaste aos meus cuidados. Aí o tens, publicado há mais de um mês.

Correm falaços aqui a respeito da ascenção de Eloy ao Ministério da Agricultura. Por conta disto, tenho andado a devanear... A mim mesmo, várias vezes já, quando atravessava a avenida, mais só do que se atravessasse a estepa, me tenho surpreendido numa pose de... oficial de gabinete!

Não te disse sempre que ando a esperar diariamente uma grande coisa na vida?!

Ai de nós... Como nos deixamos enganar neste mundo!

Adia o teu suicídio e crê no abraço do velho

Othoniel

Ceará-Mirim, 18.09.1939.

Depois de 28 dias a esbofar-me sobre um Everest de papéis pululantes de *gambiae, nyshorrinchus, anophelinas, albitarsis, aedes aegyptis et caterva,* sob o mais inclemente dos climas tórridos do planeta, eis-me desterrado novamente e de nariz aproado sobre um Popocatépetl[15] de boletins antilarvários, resumos semanais de capturas domiciliares, relatórios de verde-paris,[16] o diabo que os carregue! Ainda não consegui os milagres que a inteligência superior de um filho de Sérgio Freire – o homem da Casa São Vicente de Paulo – de há muito arrancou dessa rocha mosaica, decifrando[17] a contento dos eleisons cardoso toda a tremendíssima trapalhada dessa mosquitama. E ando receoso da opinião, já externada indiretamente, em minha presença, do mesmíssimo Eleison,[18] de que "certos indivíduos, famosos na terra como intelectuais, dão água,[19] em contato com um serviço tão tolo, como o de classificar mosquitos, remexer sabiamente em *vales, depressões, tanques*, *etc., etc.!*"... Ai de mim!

***

Queria que você me ajudasse a salvar o meu filhinho Laélio,[20] há tempo sob os cuidados de Calafange.[21] Este tem sido de uma dedicação e de uma generosidade comovedoras, pois mesmo as receitas tem feito despachar. Entretanto, sua opinião, de que está sendo muito artificial o tratamento do doentinho, casa-se perfeitamente com a minha, já externada a Maria.

Peço o concurso, não só da sua amizade, como do seu talento, em favor de meu pobre ratinho. Por intermédio de Antônio Emerenciano,[22] que muito nos tem ajudado, sugeri a Calafange uma junta médica, composta por você, ele e o Vilaça,[23] a quem não conheço pessoalmente, mas a respeito de cujo espírito de caridade tive as mais carinhosas notícias.

Combinados o dia e a hora, o menino será levado ao gabinete do Abelardo, ou dar-se-á o congresso mesmo lá em casa, naquelas velhas, hemiplégicas "poltronas" tão vastamente ilustradas pelas nossas cavaqueiras.

Espero sua breve resposta, pelo correio, a fim de pôr o Emerenciano nas pegadas do Vilaça. De resto, espero que você próprio fale com este; desde que lhe quero poupar o aborrecimento de pedir-lhe a iniciativa.

Vou escrever também ao Abelardo.

***

Li, há pouco, no *O Malho*,[24] uma resposta do Cabuhí a seu projeto dos versos em espanhol.

Li, achando-os lindíssimos, os seus versos líricos publicados no jornal do Eloy[25] – o *anopheles gambiae*[26] da literatura… potiguar! *E pur se muove*![27] Mesmo sobre a vasa,[28] as pérolas são pérolas!

***

Quero sua opinião sobre o destino do mundo, como o fato, para mim estarrecedor, da invasão da Polônia pela U.R.S.S.[29]

Escreva.

Do velho

Othoniel Menezes

Notas

[1] Correspondência de OM com Esmeraldo Siqueira, publicada em 1969 (*Velhas cartas*, Editora Pongetti). Esmeraldo, de OM, apenas publicou as cartas em português. Comumente, escreviam-se em francês (Esmeraldo, no volume citado, transcreve algumas das suas ao poeta, naquele idioma).

[2] Município situado na divisa com o Estado da Paraíba, entre o agreste e o sertão de Pernambuco.

[3] **Carlos de Brito**. Titular da conhecida fábrica Peixe, primeira unidade industrial de porte instalada no Nordeste. Fundada, no município de Pesqueira em 1898, por Maria da Conceição Cavalcanti de Brito (Dona Yayá) que decidiu investir na fabricação de goiabada caseira.

[4] **Enock de Amorim Garcia** (São José de Mipibu/RN, 01.09.1901-Natal/RN, 07.02.1989). Bacharel em Direito e político, secretário de Estado (Agricultura e Segurança Pública), fundador da Escola Agrícola de Macaíba. À época, estudante em Recife e telegrafista da repartição de Correios e Telégrafos, amigo de OM e de Esmeraldo.

[5] "Aviso" era uma mensagem telegráfica interna, isenta de taxação.

[6] Certamente, **Adauto Miranda Raposo da Câmara**. Ver nota no ensaio sobre Ferreira Itajubá, neste volume.

[7] **Dario Jordão de Andrade** (Macaíba/RN, 1911-Natal/RN, 2005). Magistrado macaibense, irmão do poeta Clóvis Jordão de Andrade. Estudante de Direito, no Recife, à época.

[8] **Aderbal de França**. Ver nota em *Sertão de espinho e de flor*.

[9] Escusado será dizer (francês).

[10] Pseudônimo de **Edgar Ferreira Barbosa.** Ver nota no ensaio sobre Ferreira Itajubá, neste volume

[11] Entre os antigos gregos, sacerdote que iniciava os neófitos nos mistérios de Elêusis; antigo sacerdote que ensinava as cerimônias e os ritos de uma religião; mestre dos mistérios; iniciador, mentor.

[12] Filhos de OM: Terezinha, então com quatro anos, e Washington, com nove.

[13] Expressão antiga, adágio: "Deixar correr o marfim" – deixar pra lá, deixar correr frouxo; não interferir.

[14] Aqueles que vivem incensando ou adulando alguém.

[15] Estratovulcão ativo, localizado a 60 km a sudeste da capital mexicana. O seu cume atinge 5.482 metros de altitude e é o segundo mais alto do México.

[16] Inseticida preparado com um pó verde-claro, altamente venenoso, cuja base é o arsênico. OM trabalhava, à época, nos serviços burocráticos do antigo Serviço Nacional de Malária.

[17] OM refere-se à habilidade do filho do dono (Sérgio Freire) de uma farmácia natalense, "especialista" na decifração da grafia empregada pelos médicos.

[18] **Eleison Cardoso**. Médico epidemiologista, chefe de Othoniel no Serviço de Malária, no Rio Grande do Norte (Ver nota de OM no Canto 11, do *Sertão de espinho e de flor*, neste volume).

[19] Fracassam, falham, complicam-se, enrolam-se.

[20] O autor destas notas estava, na data da carta, com dois meses e alguns dias de nascido.

[21] **Abelardo Calafange** (Canguaretama/RN, 27.06.1904-Natal/RN, 05.05.1974). Médico, político e jornalista. Concluindo o curso de Medicina no Rio de Janeiro, foi redator do *Diário da Noite, Jornal das Moças, O Malho, A Batalha, O Debate*. Antes, ainda universitário no Recife, fundou a *Revista Acadêmica* e colaborou em vários jornais. Escreveu, também, no jornal *A República*. Foi deputado estadual e federal, como suplente (1951), secretário de Estado. Compadre de OM, padrinho do autor destas notas.

[22] **Antônio Emerenciano**. Irmão de Gotardo Emerenciano, filho do professor Zuza. Poeta e jornalista, amigo e contemporâneo de Ferreira Itajubá, foi diretor (administrativo) do Departamento de Saúde Pública do Estado por muitos anos. Amigo e compadre de OM – a exemplo do Dr. Calafange –, padrinho de Laélio (autor destas notas).

[23] **Manuel Cordeiro Vilaça** (Natal/RN, 1915-Brasília/DF, 1971). Médico e político Norte-rio-grandense, senador da República e ministro da Saúde do governo parlamentarista de João Goulart. Diplomado pela Escola de Medicina da Universidade de Recife, fez cursos de administração, puericultura, alimentação, fisiologia e de dietética no Ministério da Saúde, além do curso de proteção social à infância, no Centro Integral da Infância, em Paris, na França. Trabalhou poucos anos no Estado.

[24] *O Malho* foi uma revista humorística brasileira criada por Crispim do Amaral, em 1902. A sua especialidade era satirizar fatos políticos, e entre os seus desenhistas e caricaturistas destacaram-se J. Carlos, Angelo Agostini, Max Yantok, K. Lixto e Theo. Circulou, com sucesso, até 1952.

[25] *A Razão*, dirigido pelo ex-senador Eloy Castriciano de Souza**.** A folha rezava pela cartilha dos "perrés". Ver Nota de OM, no Canto 11, do *Sertão de espinho e de flor*. OM era do partido "péla-bucho", ou seja, cafeísta.

[26] Mosquito pertencente ao gênero *Anopheles*, de origem africana. Hospedeiro e transmissor da malária, sendo principal vetor da doença na África. Tem o hábito de viver dentro das habitações humanas e ter o homem como vítima principal. Ver outras notas sobre Eloy de Souza, no ensaio sobre Ferreira Itajubá, neste volume.

[27] "E, contudo, ela se move!". Frase atribuída a **Galileu Galilei** (1564-1642), referindo-*se* à Terra. resmungada após a abjuração da sua teoria heliocêntrica, questionada pela Inquisição, em Roma.

[28] Espécie de lama, fina e inconsistente, característica de certos fundos oceânicos, constituída por carapaças microscópicas de animais ou de diatomáceas ou elementos minerais; camadas viciosas, corrompidas, degradadas (duma sociedade).

[29] A primeira manifestação de OM – o admirador do socialismo cristão – contra o totalitarismo da União Soviética. Ele, que pouco tempo antes da missiva, tinha saído dos porões do Estado Novo, onde estivera preso, taxado de "comunista," no Levante de 35, por ser correligionário de João Café Filho e admirador do "Cavaleiro da Esperança", Luís Carlos Prestes.

A poesia oculta de Othoniel Menezes[1]

Celso da Silveira[2]

Othoniel Menezes (1895-1969), cognominado "príncipe dos poetas norte-rio-grandenses", autor de meia dúzia de livros de poemas, a maioria de sonetos, imortalizou-se, entretanto, pela canção que se popularizou com o nome de "Praieira" ou "Serenata do pescador", musicada por Eduardo Medeiros, um músico autodidata que não ficou esquecido graças a essa "pérola do amor" que é o poema de Othoniel.

Othoniel viveu uma vida nômade a partir de tenra idade, sendo vítima de infortúnios mais de que de aventuras.

Menino, teve de se deslocar da terra natal para o sertão seridoense feito carga em lombo de animal, fazendo uma retirada ao inverso, num comboio de burros, quase imitando a fuga de Jesus para o Egito, para salvar-se. Sofrera, ainda no ventre materno, os efeitos da bexiga contraída por sua mãe na gravidez e foi acometido de varíola com menos de dois anos de idade. Foi servidor público mal remunerado, carregou uma velhice de pobreza até o extremo de precisar da ajuda de amigos e do Lions Clube de Natal, quando residia, quase esquecido e doente, à rua Correia Teles, Cidade Alta, em Natal, onde nos idos da década de 1950, como repórter de *A República*, fui entrevistá-lo por conta da repercussão de suas necessidades para sobreviver, denunciadas na Assembléia Legislativa pelo então deputado Túlio Fernandes.[3]

Foi a partir desse momento que conheci o Othoniel Menezes amargurado, que fora amigo do meu pai – João Celso Filho[4] – em Assu, quando ali esteve à frente da Mesa de Rendas Estaduais.

Othoniel contou, na entrevista, que o seu livro *Sertão de espinho e de flor*, premiado com a publicação por força de uma Lei Estadual[5] há cerca de doze anos, só fora editado pelos esforços e boa vontade do diretor da Imprensa Oficial, e também poeta Antônio Pinto de Medeiros, mas censurava muito a qualidade do papel em que foi impresso – papel jornal.

Esse livro não deve passar sem uma reedição, porque constituiu a obra poética mais importante do autor potiguar. É um canto ao "sertão selvagem de Euclides", como ele preconizou numa sextilha septissilábica no Canto I, um documento testemunhal de uma época no interior do estado nordestino, um trabalho de antropologia cultural, a descrição de costumes, práticas e comportamentos sertanejos, num Rio Grande do Norte primitivo e rude, palmilhado apenas por cascos de animais. *Sertão de espinho e de flor*, guardadas as devidas proporções e a geografia do espaço onde se desenrolam as cenas e situações enfocadas, eu diria que equivale à Ilíada e mesmo o situaria como nossa divina comédia.

Mas, não é o Othoniel Menezes do *Jardim tropical* (1923), da *Canção de montanha* (1955) e do *Sertão de espinho e de flor*, (1952) que trago para este registro de sua obra. Aqui desejo revelar um Othoniel ocultado, desconhecido, ignorado, insuspeitado, salvo revelar presença de espírito de João de Oliveira Fonseca (1917-1989), seu colega, como funcionário da construção da Base Americana de Parnamirim e, como poeta, um assuense que voltou à terra natal para jamais abandoná-la até à morte. Aqui me refiro ao Othoniel Menezes fescenino, pornográfico, proibido, indiscreto, impublicável.

O poeta João Fonseca é autor da trova que anda nas antologias dos trovadores nacionais: "Amor é ver mordidura / de aranha caranguejeira / se não mata a criatura / aleija pra vida inteira". A esta trova Othoniel respondeu:

> Diz Fonseca – A Terra inteira [6]
> não és Tu, Deus, quem governas!
> É a aranha caranguejeira
> que a mulher tem entre as pernas.
>
> A verdade que isto encerra
> nada tem de ímpia ou estranha

o Sol, que domina a terra
tem a forma de uma aranha!

Othoniel, cujo convívio tive o privilégio de privar, juntamente, ao de Jayme Wanderley (outro grande poeta esquecido, autor de *Espinho de jurema*, partícipe da turma de Jorge Fernandes e Cascudinho, em 1928), sempre se revelou uma pessoa sofrida, magoada, amargurada e descontente com a sua pobreza. Orgulhoso de sua obra poética, como ser humano não se dobrava a ninguém para pedir o que quer que fosse. Em sua passagem pela construção da Base, alguém observou que ele vestia uma camisa com o colarinho puído[7] e ele não demorou na condenação ao observador maledicente:

A camisa rota, oh corno
e tal qual só você viu
foi de uma foda no torno
com a puta que lhe pariu…

E segue:

Ninguém deve ser julgado
pela camisa que veste:
mesmo bem encadernado
sacana é coisa que preste?

Melhor é andar maltrapilho
viver-se do que se ganhe
do que, cafetão e não filho,
luxar com o suor da mãe…

Ouve agora a eterna lei:
todo de seda ou no enxurro,
um poeta é sempre um rei
– e um burro é sempre um burro!.

Na Base, em 1943, parece que Othoniel era apenas um burocrata encarregado de preencher as requisições de materiais solicitados pelos engenheiros ou mestres-de-obras. Nessa época era funcionário da Base, o jovem Gumercindo que, segundo informação de João Fonseca, era o próprio Gumercindo Saraiva,[8] que se tornou pesquisador, escritor, musicista, folclorista, ensaísta, autodidata que pertenceu à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e faleceu tocando seu instrumento predileto – o violino (1915- 1988), porque Gumercindo, como encarregado do depósito de material, espécie de almoxarife, às vezes fazia restrições aos pedidos preenchidos pelo poeta. Certa vez Othoniel foi cáustico com o outro:

> Cagando mais do que come,
> só tem um jeito você:
> substituir, no seu nome,
> a inicial por um "C"!

E esta outra quadrinha:

> Se merda entrasse na obra,
> Gumercindo, abrindo o tampo,
> forneceria, com sobra,
> cimento pra todo o Campo.
>
> 16.02.43

Dessa mesma fase há algumas quadrinhas em que o poeta fustiga, causticamente, as figuras que não se enquadravam na sua empatia afetiva. Não há história a contar, mas as duas quadras que seguem fazem sentido por si mesmas, mostrando que o poeta não suportava os erros matemáticos do colega:

Beata velha xibiu,
cu velho birrento e arcaico,
em que compêndio é que viu
metro ao cubo de mosaico?

Pomboca não multiplica!
Fruta velha não dá goma!
Diga se foi com tal pica
que andou brochando esta soma!

Mas, a face maldita do poeta de "Praieira" não estancou aí. Parece que ele estava com furor mórbido para condenar Deus e o Diabo na terra do Sol. No rol dos colegas, na Base de Parnamirim, só Fonseca foi poupado. Quem fizesse qualquer restrição, ou tecesse comentário desairoso ao trabalho de Othoniel, sofria as conseqüências do seu tacape arrasador. Por esse mau pedaço passou um certo "censor", sobre quem ele aconselha a assumir a mesma atitude de Apeles – não passar dos sapatos. Vejam só:

Suas funções não confunda,
dos seus tamancos não desça,
– você só pensa com a bunda,
só caga pela cabeça!

Pobre de quem o poeta não simpatizasse. Contra esses, ele usava sua verruma afiada, sem meias palavras, como um ditador absoluto usa seu poder exterminador:

A ensinar-lhe higiene, eu entro
com um conselho em que insisto:
abra o cu e escarre dentro
que ele só serve pra isto.

Aí está um outro Othoniel Menezes, "príncipe" da pornografia – uma poesia mal compreendida no RN, onde nem sempre a intelectualidade está informada de estudos muito sérios de autores responsáveis que pesquisaram poetas greco-romanos e latinos da antiguidade clássica, sem falar no poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, neles detectando palavrões da fala do povo, como "pica", "corno", "greta", "puta", "teta", ou não leu em Eça de Queiroz a descrição de uma cena de minete, ou desconhece um poeta da seriedade de Carlos Drummond de Andrade, algumas vezes indicado para Prêmio Nobel de literatura, que tem um poema intitulado "A língua lambe"[9], recentemente publicado no jornal "Folha de São Paulo", em que faz a apologia da língua como instrumento sexual.

Como nota final, acrescento: Othoniel Menezes, Jayme Wanderley, Meira Pires[10] e eu, todas as manhãs, a partir de 9 horas, em 1952, reuníamo-nos em torno de uma mesa do Tabuleiro da Baiana, à Praça Augusto Severo, servidos pelo garçom Fumaça, para cafezinhos e conversas. Eu estava com o livro de estréia no prelo da Tipografia Vilar, na atual rua Câmara Cascudo – 26 Poemas do Menino Grande[11] – e ele me estimulou muito a escrever. Visitou, com Jayme – que a gente chamava "Poetajeime" -, a tipografia para acompanhar a composição, impressão e confecção do livro.

Tanto ele quanto Jayme fumavam um cigarro atrás do outro, às vezes acendendo o novo cigarro com a ponta do que acabavam de fumar. Escondia suas privações, mas não podia esconder a amargura de não ter um lugar ao Sol e não ter sido contemplado com uma situação econômica que o livrasse das dificuldades financeiras porque passava.

Othoniel e Jayme tiveram suas musas inesquecíveis, cuja memória era sempre evocada por eles: Maria, de Othoniel, e Miriam, a primeira esposa de Jayme.

Notas

[1] Matéria publicada no jornal *O Poti* edição do dia 27 de outubro de 1991, um domingo. OM, em casa, nunca proferiu uma palavra chula, obscena, pornofônica. Era exigente com os filhos, nesse aspecto. "Fresco" e/ou "veado", na sua boca, no lar, não passava de "pederasta" – e olhe lá!

[2] **Celso Dantas da Silveira** (Assu/RN, 25.10.1929/Natal-RN, 02.01.2005). Jornalista, professor, ator teatral, poeta, escritor, editor e boêmio. Escreveu ou organizou dezenas de livros. Seu maior sucesso editorial – considerado até os dias de hoje como o maior *best-seller* potiguar, com quatro edições (uma delas, a última, não autorizada pelos herdeiros) – foi *Glosa glosarum,* uma coletânea de glosas fesceninas por ele organizada. Celso, ainda que fosse um ótimo poeta moderno, não escrevia glosas (décimas). Era, sim, um construtor de motes deliciosos, provocando os glosadores. O "gordo Celso" – como lhe chamavam os amigos – era prodigioso *causeur.* Bebia bem e comia ainda melhor, alegre, amigo, brilhante. Foi casado com a inesquecível poetisa Myriam Coely de Araújo (ver nota 79, em *A canção da montanha)*.

[3] **Túlio Fernandes de Oliveira**. Bacharel em Direito e político, filho do poeta e magistrado Sebastião Fernandes, sobrinho de Jorge Fernandes. Casado com a educadora e jornalista Chicuta Nolasco Fernandes. Foi deputado estadual em vários mandatos.

[4] **João Celso Filho** morreu na Fazenda Limoeiro, de sua propriedade, em 14 de novembro de 1943, no Assu-RN. Advogado, professor, proprietário rural, dramaturgo, contista, orador e poeta. O edifício do Fórum, em Assu, tem o seu nome. Fazia glosas fesceninas.

[5] Lei Estadual n. 145, de 1900, já citada.

[6] **João Fonseca**, durante décadas, guardou os fesceninos do amigo, ciosamente. O autor destas notas os leu a primeira vez, em Assu, em 1957.

[7] Publicada em vários jornais do Estado (RN), uma crônica do autor destas notas revela detalhes do acontecimento:

A CAMISA DO POETA

No tempo da guerra, muita gente se empregou em "Parnamirim Field". Dentre esses pioneiros burocratas – recrutados, diziam, sob o olhar atento do pastor batista doutor Mateus, tido como coronel da inteligência da USAF –, estavam Othoniel Menezes, o poeta da "Praieira"; "seu" Galvão,

pai do professor Cláudio Galvão – este, escritor e pesquisador emérito; Deoclécio Sérgio de Bulhões, homeopata, homem boníssimo e caridoso que mais tarde seria vereador em Natal, por muitas legislaturas; Agenor Ribeiro, depois empresário; Rômulo "Minha gata" que, deixando Parnamirim, foi para o Banco do Brasil; Emanuel Rivadávia, também, posteriormente, servidor do BB, no México e nos Estados Unidos. Fluente em inglês, traduziu e leu para o general Eisenhower, em 1945, um discurso escrito por Othoniel, saudando o futuro presidente dos Estados Unidos, em nome do pessoal civil da Base. Misturando-se a essa boa gente, para lá também acorreram alguns "artistas" do Grande Ponto, filhinhos de papai, arranhando inglês, charlando, dançando fox no Aero, bodando na praça Pedro Velho.

Na sopa (ônibus), guiada por "Charuto", negão forte e valente, embarcava o pessoal na Pracinha ("Pedro Velho", hoje "Cívica") e embiocava na "Parnamirim Road", a "Pista". Fazia *pit stop* no portão da Base, ia em frente e deixava os "porcos" no *Post of Engineers*.

"Porco", era o apelido dado aos funcionários subalternos, operários, que viajavam nas carrocerias dos caminhões – alcunha que depois se generalizou. De Natal à Base, no ônibus, não viajando criança ou mulher – o que era raro – a esculhambação era grossa. Vida alheia, anedotas cabeludas, acenos para as peniqueiras no trajeto, algazarra, esbórnia total.

Othoniel Menezes, arredio, desconfiado, da raça irritável dos poetas, como afirmava Virgílio, somente com os mais íntimos trocava piadas. Era sofrido, pobre – mas, altivo, culto e probo. Jornalista de renome, secretário do jornal *A República*, amigo de Café Filho, socialista, admirador de Luiz Carlos Prestes, escrevera em 1935, praticamente sozinho, o jornal *A Liberdade*. Tachado de "comunista", passou quase três anos na cadeia. Em Parnamirim, não ligava para o apelido de "Ipecacuanha" (tinha mania por chá caseiro!). Deu o troco ao autor da proeza, o colega Deoclécio Bulhões, caridoso esoterista e homeopata, que tinha uma imponente trunfa: sapecou-lhe a alcunha de "Professor Bendengó"! Prudente, o vate guardava distância dos "artistas" do Grande Ponto, alguns deles, até, filhos de amigos e parentes.

O diabo, porém, atenta! Quando não dá o ar da graça, de corpo presente, manda um secretário. Um belo dia, na rebarba de uma daquelas algazarras, do fundo do coletivo, ouviu, clara e maliciosa, a acaçapante e maldosa agressão: "Othoniel, poeta da camisa rasgada!"

Vilipendiado, trêmulo, em cima da bucha, levantou-se e partiu pra briga. Era homem de coragem comprovada. Não conseguiu chegar à patota. Os amigos não deixaram. A cotiada camisa que vestia, cerzida e passada, engomada, pelas mãos da sua Maria, era tão-só o espelho da sua pobreza respeitável e resignada. Não lhe pisassem! Não conseguiu identificar o autor da agressão gratuita. Nunca soube quem foi, nunca lhe disseram.

Minutos depois, já no *Post of Engineers*, ainda pálido, calado, à vista dos companheiros solidários, sentou-se à mesa e, a manuscrito, em letras garrafais, numa folha de cartolina *made in USA* – depois afixada no Quadro de Avisos – fulminou o gaiato:

> A camisa rota, oh corno,
> e tal qual só você viu,
> foi de uma foda no torno
> com a puta que lhe pariu!

"Ipecacuanha", então, esboçou um acanhado sorriso para o futuro vereador – o "Professor Bendengó" – e encerrou, para sempre, "o assunto".

[8] João Fonseca e Celso da Silveira enganaram-se. O "alvo" de OM não era, à época, o futuro escritor e musicólogo. O Gumercindo era outro, sujeito muito gordo e avermelhado, chefe dos bombeiros (encanadores) do Posto de Engenharia da Base Aérea. Sobre Saraiva, ver nota, em *Sertão de espinho e de flor.*

[9] O poema de Drummond: "A língua lambe as pétalas vermelhas/ da rosa pluriaberta; a língua lavra/ certo oculto botão, e vai tecendo/ lépidas variações de leves ritmos./E lambe, lambilonga, lambilenta,/E lambe, lambilonga, lambilenta,/a licorina gruta cabeluda,/ e quando mais lambente, mais ativa,/ atinge o céu do céu, entre gemidos,/ entre gemidos, balidos e rugidos/ de leões na floresta, enfurecidos".

[10] **Inácio Meira Pires** (Ceará-Mirim/RN, 15.03.1928-Natal/RN, 18.11.1982). Ator e teatrólogo. Diretor, por longos anos, do então Teatro Carlos Gomes, em Natal. Mudou o nome da casa de espetáculos para Teatro Alberto Maranhão. Participou do Conselho de Cultura do Estado e da Academia de Letras. Por breve tempo, chegou a ser diretor do Serviço Nacional de Teatro.

[11] Publicado em 1952, com impressão da Tipografia Vilar, Natal.

Othoniel Menezes – Obra reunida © Laélio Ferreira 2010

Editora: Marize Castro
Edição, projeto gráfico, capa: Una
Foto da capa: Acervo de Laélio Ferreira
Fotos do miolo: Acervo de Laélio Ferreira
Editoração eletrônica: Alessandro Amaral

Catalogação na fonte
Biblioteca Pública Câmara Cascudo

Este livro foi editorado nas fontes perpétua, venetian e castle,
no escritório da Una, sediado na praia de Ponta Negra, em Natal,
Rio Grande do Norte, Brasil.